UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

EVERTON ALTMAYER LEOPOLDINO

**O dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba:
aspectos fonéticos e lexicais.**

SÃO PAULO
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ITALIANA

**O dialeto trentino da Colônia Tiroleza de Piracicaba:
aspectos fonéticos e lexicais.**

Everton Altmayer Leopoldino

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador:

Profa. Dra. Giliola Maggio

São Paulo

2014

LEOPOLDINO, Everton Altmayer. **O dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Giliola Maggio (orientadora). Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Luiz Antônio Lindo. Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin. Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Mário Bonatti. Universidade Salesiana de Lorena (Unisal)

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

*Dedico este trabalho à minha esposa, Maria Carolina,
pela compreensão nas horas em que precisei ficar ausente,
e também à nossa filha, Luisa, que tanto me alegrava
quando, sem pedir, ‘interrompia’ meus estudos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à Profa. Dra. Giliola Maggio, por sua amizade, incentivo e conselhos. Aos professores doutores do meu período de Pós-graduação, Paola Baccin e Luiz Antônio Lindo (pelas boas conversas e pelo material filológico), assim como ao professor Mário Eduardo Viaro pelas informações sempre preciosas. Aos professores doutores Mário Bonatti, (amigo, mestre e *parceiro* nos estudos dialetológicos), Osvaldo Humberto Leonardi Ceschin e Felício Wessling Margotti por terem aceitado participar da banca examinadora.

Agradeço imensamente e também dedico este trabalho ao *Circolo Trentino di São Paulo*, pela amizade que ali sempre encontrei e pelo incentivo que nunca faltou.

Aos meus pais e aos meus sogros e, em seu nome, a toda minha família. Aos meus ascendentes das famílias Altmayer, Leopoldino, Trettel e Dell'Antonia, saídos, como tantos outros, de seu amado Tirol.

Aos colaboradores no Tirol de *Kufstein* a *Borghetto* (Agnese Piolini, Alberto Vettori, Alex Boss Sartori, Anna Maria Santi, Andrea Dalprà, Bruno Bonfanti, Carla Brugnara, Carlo Romani, Carlo Scanagatta, Carmen Mosna, Cecilia Bonelli, Cinzia Chiogna, Daiana Boller, Damiano Mattivi, Daniele Vedovelli, “el Potachin da Nomi”, Enrico Menis, Fabrizio Ciresa, Federico Paolazzi, Flavio Brighenti, Giuseppe Borgonovi, Giusy Zanvettor, Livia Battisti, Loredana Gasperi, Luisa Lunelli, Marco De Cecco, Marco Grillo, Marco Omenigrandi *Grossmann*, Maria Erbisti, Maria Gadotti, Maria Grazia Sala, Maria Purin, Markus Astner, Martina Bottamedi, Massimo Fiorini, Matteo Conci, Mauro Patton, Nicola Franceschi, Otti Klein, Paola Finotti, Pierluigi Speranza, Raffaella Lunelli, Riccardo Mosna, Roberto Bazzanella, Rosa-Maria Purin, Ruben Bellotti, Sara Brusco, Stefano Battocletti, Stefano Moltrer, Venanzia Mosca e Zeno Buffa), em Treze Tílias (Werner Thaler), Rio dos Cedros (Neusa Maria Gadotti Domin), Nova Trento (Misael Dalbosco e Jonas Cadorin), Pinto Bandeira (Darcy Loss Luzzatto) e Guaíra (Fernando Groff), pelas traduções do texto da raposa e do corvo, assim como pela ajuda durante as pesquisas. Agradecimento especial a Nicola Fioretti, de *Aldeno*, aos amigos *Schützen* Enzo Cestari, de *Rovereto*, e Osvaldo Tonina, de *Vezzano*, bem como ao senador Franco Panizza pelo material bibliográfico.

Aos tirolese de Piracicaba, a seus filhos e netos. Que este estudo lhes seja útil.

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
ABREVIATURAS	IX
INTRODUÇÃO	01
PARTE I – DO TIROL AO BRASIL: IMIGRAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE	13
1. História mínima do Tirol	14
1.1. Dos primórdios à dominação romana nos Alpes	14
1.2. A presença germânica e o Ducado de Trento	19
1.3. Os principados episcopais e o Condado do Tirol	21
1.4. O período renascentista e o Concílio de Trento	31
1.5. O século XVIII e as reformas políticas da Áustria	37
1.6. As invasões napoleônicas e a revolta tiroleza	38
1.7. A Unificação Italiana, o Império Austro-Húngaro e a Primeira Guerra Mundial	46
1.8. Fascismo no Tirol e a Segunda Guerra Mundial	65
1.9. A autonomia regional sul-tiroleza	71
1.9.1. A Região Autônoma Trentino-Tirol do Sul e a <i>Euregio</i> tiroleza	74
2. Imigração Tiroleza no Brasil e no Estado de São Paulo	78
2.1. Fatores causadores da imigração	78
2.2. A imigração como “fuga”	82
2.3. A influência da Igreja no processo imigratório tirolês	84
2.4. A Colônia Tirol e a expedição Tabacchi	89
2.5. Tirolezes nas colônias imperiais e nas fazendas	91
2.6. A propaganda da imigração no Tirol Italiano	96
2.7. Tirolezes no estado de São Paulo	100
2.8. Os capuchinhos de Trento no Brasil	107
3. A Colônia Tiroleza de Piracicaba	110
3.0. Introdução	110
3.1. Dados históricos	111
3.2. Dados atuais	120
3.3. Aspectos culturais	121

3.4. Austríacos de língua italiana. Italianos da Áustria	127
3.5. A questão da identidade	137
3.6. Projetos para a preservação do dialeto trentino	141
PARTE II – METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO	1443
1. Percurso metodológico	144
1.0. Introdução	144
1.1. Fundamentação teórica	145
1.2. Coleta de dados e metodologia	149
1.2.1. O projeto de resgate do dialeto trentino em Piracicaba	150
1.2.1.1. Resultados do projeto de resgate dialetal	157
1.2.2. Dados levantados para este estudo	158
2. Contato linguístico e perfil dos falantes	162
2.1. Os primeiros falantes do dialeto trentino em Piracicaba	162
2.2. Perfil dos falantes do trentino piracicabano	173
PARTE III – ANÁLISES LINGUÍSTICAS	186
1. Contexto linguístico da região tiroleza	187
1.0. Introdução	187
1.1. O grupo retorromânico	200
1.1.1. O romanche	200
1.1.2. O grupo ladino dolomítico	208
1.1.3. O friulano	233
1.2. Grupos dialetais do setentrional italiano	238
1.2.1. O grupo galo-italico	238
1.2.2. O vêneto	251
1.2.3. O dialeto trentino	262
1.2.3.1. Falares trentinos ocidentais	278
1.2.3.2. Falares trentinos centrais	282
1.2.3.3. Falares trentinos orientais	293
1.2.3.4. A influência germânica no dialeto trentino	298
1.2.3.4.1. Bilinguismo e conservação do alemão na área trentina	311
1.2.3.4.2. Germanismos no dialeto trentino	317

2. O trentino piracicabano	324
2.0. Introdução	324
2.1. Origens do trentino piracicabano	325
2.2. As variantes dialetais do trentino piracicabano	329
2.3. Sobre a grafia do dialeto	336
2.4. Fonemas do trentino piracicabano	340
2.4.1. Aspectos vocálicos	343
2.4.1.1. Apócope das vogais finais	362
2.4.1.2. Nasalização de [a] e [o]	376
2.4.2. Aspectos consonantais	379
2.4.2.1. Segmentos consonantais	379
2.4.3. Padrões silábicos e vocabulares	409
2.5. Aspectos conservadores e variações advindas do contato	416
2.5.1. Características tipicamente <i>trentinas</i>	416
2.5.1.1. Formas verbais e participios	427
2.5.1.2. Empréstimos do alemão	436
2.5.1.2.1. Variações fonêmicas em empréstimos do alemão	444
2.5.1.3. Arcaísmos no trentino piracicabano	445
2.5.2. Diferenças entre as variantes do trentino piracicabano	448
2.5.3. Fenômenos advindos do contato com o português brasileiro	459
2.5.3.1. Empréstimos do português brasileiro	460
2.5.3.1.1. Empréstimos fonéticos	460
2.5.3.1.2. Empréstimos gramaticais	463
2.5.3.1.3. Empréstimos lexicais	464
2.5.3.2. Variações morfofonêmicas advindas do contato	469
2.5.3.2.1. Variação CVC para CVCV	470
2.5.3.2.2. Diferença na forma lexical	472
2.5.3.2.3. Diferença de significado por substituição de objeto	473
2.5.3.2.4. Derivação	474
2.5.3.2.5. Demais casos	475
CONSIDERAÇÕES FINAIS	477
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	488
ANEXOS	498
1. Exemplos de demais dialetos trentinos no Brasil	499
2. Pequeno glossário do trentino piracicabano	501

RESUMO

Leopoldino, Everton Altmayer. **O dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais**. 2014. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

A Colônia Tirolesa de Piracicaba, no estado de São Paulo, é formada por dois bairros rurais, Santana e Santa Olímpia, e preserva o dialeto trentino (ali chamado *tirolês*) desde os anos de sua fundação, entre 1892 e 1893. O dialeto trentino ainda falado pelos descendentes mais velhos da comunidade foi trazido pelos fundadores da colônia, imigrantes saídos de *Romagnano*, *Sardagna*, *Cortesano*, *Vigo Meano* e *Albiano*, localidades próximas à cidade de Trento (em alemão, *Trient*), capital do antigo Principado Episcopal de Trento no interno do domínio austríaco e no Sacro Império Romano-Germânico até 1810, centro cultural e administrativo do Tirol Italiano (em alemão *Welschtirol*) no governo austro-húngaro de 1864 a 1918, e atual capital administrativa da Província Autônoma de Trento e da Região Autônoma Trentino-Tirol do Sul, pertencente à Itália desde 1919. O presente trabalho propõe analisar os aspectos fonéticos e lexicais do trentino piracicabano em suas duas variantes dialetais, próprias a cada um dos bairros que compõem, juntos, a Colônia Tirolesa de Piracicaba, confrontando algumas de suas principais características com o atual dialeto trentino europeu do Vale do Ádige, na Itália, e apresentando os resultados fonéticos e lexicais do contato linguístico entre o dialeto trentino e o português brasileiro da região de Piracicaba. Acreditamos que as análises servirão para um melhor conhecimento sobre a realidade linguística da colonização tirolesa, bem como para uma compreensão mais abrangente acerca da imigração trentina no interno da comumente chamada “imigração italiana” no Brasil, demonstrando que aspectos como a identidade, a memória e, sobretudo, a diversidade linguística, são importantes na composição social dos brasileiros.

Palavras-chave: Dialeto trentino, Tirol, Imigração trentina, Imigração austríaca, Piracicaba.

ABSTRACT

Leopoldino, Everton Altmayer. **O dialeto trentino da Colônia Tiroleza de Piracicaba: aspectos fonéticos e lexicais**. 2014. PhD Thesis – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

The two districts of Santana and Santa Olímpia in the city of Piracicaba, state of São Paulo, together constitute the Tyrolean Colony of Piracicaba, which preserves the Trentinian dialect (called *tirolés* in these areas) since the times of its foundation, between 1892 and 1893. This Trentinian dialect, still spoken by the oldest members of the community, was brought there by the founders of the Colony, immigrants from *Romagnano, Sardagna, Cortesano, Vigo Meano and Albiano*, small villages near the city of Trent (*Trento* in Italian or *Trient* in German) - which served as capital of the former Prince-Bishopric of Trent, in the Austrian circle of the Holy Roman Empire until 1810, then as cultural and administrative center of the Italian Tyrol (*Welschtirol* in German) during the Austro-Hungarian Empire, from 1864 to 1918, and finally as the capital of the Autonomous Province of Trent and of the Autonomous Region Trentino-South Tyrol, which belongs to Italy since 1919. The present work aims to analyze the phonetic and lexical aspects of the Trentinian dialect of Piracicaba in its two variants, each one inherent to one of the two neighborhoods which together form the Tyrolean Colony of Piracicaba, comparing some of its main characteristics with the present Trentinian European dialect from the Adige Valley, in Italy, and presenting the phonetic and lexical results of the language contact between the Trentinian dialect and the Brazilian Portuguese in the region of Piracicaba. We believe that these analyses will lead to a better understanding of the linguistic situation of the Tyrolean colonization, as well as a broader comprehension of the Trentinian immigration inside the so called “Italian immigration” in Brazil, thus demonstrating that aspects such as identity, memory and especially the linguistic diversity are of utmost importance in the social composition of Brazilians.

Keywords: Trentinian dialect, Tyrol, Trentinian immigration, Austrian immigration, Piracicaba.

ABREVIATURAS

a.a.a. = antigo alto alemão

m.a. = médio alemão

al. = alemão moderno

bav. = alemão bávaro

cimb. = alemão cimbro

fem. = feminino

fas. = ladino fassano

fod. = ladino fodom

fr. = francês

friu. = friulano

gar. = ladino gardenês

it. = italiano

lad. = ladino

lat. = latim

lat.v. = latim vulgar

lat.m. = latim medieval

lomb. = lombardo

moq. = alemão móqueno

non. = ladino nonês

pl. = plural

port. = português

ret. = romanche

S = Bairro Santana (Piracicaba)

SO = Bairro Santa Olímpia (Piracicaba)

trent.p. = trentino piracicabano

tir. = alemão tirolês

trent. = trentino

ven. = vêneto

venez. = veneziano

INTRODUÇÃO

A arqueologia dispõe de limitadas informações sobre alguns povos que habitaram a região dos Alpes antes do período de dominação romana, de modo que somente com os vestígios históricos desses povos é possível tecer qualquer tipo de comentário sobre sua história e culturas. Muitos deles não possuíam a escrita, o que dificulta ainda mais qualquer estudo sobre seus usos, crenças e cotidiano. Por vezes, a arqueologia se vê obrigada a supor sobre determinados aspectos históricos, pois o que se sabe acerca dessas populações se resume a poucos fragmentos de objetos. Pela precariedade de vestígios, arqueólogos e historiadores também procuram complementar as informações recolhidas sobre tais civilizações baseando-se em relatos de outros povos (como os gregos e romanos), o que nem sempre é confiável, pois em meio aos relatos mesclam-se argumentos fantasiosos.

A comparação de vestígios mortuários e arquitetônicos de antigas civilizações permite saber mais e melhor sobre o parentesco existente entre culturas que habitaram os Alpes, embora vestígios parecidos nem sempre são garantia de uma mesma etnia ou de falantes de uma mesma língua. Na Antiguidade, era muito comum a adoção dos costumes e do idioma de outros povos, causados pelos mais diversos motivos: dominação estrangeira, mescla étnica ou adoção voluntária de uma cultura, por conta do prestígio social. Um exemplo é a romanização de povos no interior do Império Romano que adotaram costumes e idioma dos latinos.

De modo semelhante ao da arqueologia, a filologia busca, a partir de fragmentos, *compreender* o funcionamento de idiomas antigos, como o latim vulgar, o gótico ou o venético (CONWAY, 1933), com base nos *fragmentos* que chegaram até nós (pergaminhos, inscrições em pedra, relatos de outros povos) ou a partir de métodos comparativos, como no caso dos estudos acerca do indo-europeu. O método histórico-comparativo de Friederich Diez (1794 – 1876) para o estudo das línguas românicas – baseando-se nos dados obtidos a partir de idiomas de origem latina – permite identificar fenômenos linguísticos comuns a diferentes línguas surgidas a partir do latim vulgar e do latim clássico, segundo regras e contextos fonéticos e morfológicos que ocasionaram as mudanças e o distanciamento das línguas latinas a partir do latim.

Sabendo que a descoberta de um novo fragmento escrito em uma língua extinta e pouco conhecida pode influenciar todas as informações até então levantadas sobre essa

língua, muito do que se se tem por *princípio* parte da *suposição*, ainda que supor não signifique *engano* ou *descompromisso*. Naturalmente, a filologia não se faz somente a partir de suposições ou se sustenta em informações infundadas. Georg Curtius (1820 – 1885) comparou investigou a história das línguas clássicas comparando o grego com outras línguas europeias e, através desse método, obteve muitas informações para seus estudos. De modo semelhante, a mais segura codificação da romanística, a *Grammatik der romanischen Sprachen*, de Wilhelm Mayer-Lübke (1861 – 1936), também apresenta estudos comparativos.

Mayer-Lübke utilizou-se da Geografia Linguística, levando em conta não apenas os aspectos puramente linguísticos, mas o contexto no qual a língua está inserida. Isaia Graziadio Ascoli (1829 – 1907) e Walter von Wartburg (1888 – 1971) apresentam atlas linguísticos e novos os conceitos de *substrato* e *superstrato* linguísticos, seguidos do conceito de *adstrato* proposto por Marius Valkhoff. Essas teorias relativas à linguagem, que antecederam a publicação das aulas de Ferdinand de Saussure (1857 – 1913) e o conceito de linguística moderna, levam em conta fatores externos que influenciam na formação da língua e estudam como um conceito é expresso dentro de um domínio linguístico determinado. Ora, não se pode excluir o contexto histórico do falante, pois a língua é mutável e dinâmica. O latim vulgar (que não podemos considerar como um único idioma, homogêneo) não foi extinto da noite para o dia, mas foi no decorrer dos séculos que sofreu mudanças em diferentes lugares, resultando em diferentes línguas e falares. O uso de uma língua depende exclusivamente de seus falantes e a língua, por sua vez, expressará a visão e a experiência de mundo daqueles que a falam. Nesse sentido, a História auxiliará os estudos da língua ao trazer informações sobre o cotidiano de falantes de idiomas no decorrer do tempo, se estes mantinham maior ou menor contato com falantes de outros idiomas, se eram bilíngues ou falantes de línguas mistas, se possuíam ou não possuíam a escrita, se haviam abandonado antigos costumes por causa de dominação estrangeira ou status social.

Esses encontros étnicos e linguísticos moldaram características muito peculiares naquela região alpina, próprias em seu contexto geográfico e político. Essas características são relevantes para uma compreensão mais abrangente acerca da realidade da imigração tiroleza para o Brasil e dos motivos que a ocasionaram.

Do Tirol e dos tirolezes, portanto. Engana-se quem pense que o Tirol seja apenas o atual estado austríaco. Trata-se, na realidade, de uma região histórica atualmente dividida entre Áustria e Itália, que de 1363 até 1856, formava uma unidade territorial

semi-autônoma dentro do Império Austríaco, e de 1856 até 1918, foi uma província do Império Austro-Húngaro. Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a porção meridional do Tirol foi anexada ao território italiano como conquista de guerra e rebatizada duas vezes: primeiramente como *Venezia Tridentina* e, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) como *Trentino-Alto Ádige/Südtirol*.

Trata-se, portanto, de uma região europeia localizada entre dois países, no coração dos Alpes centrais e que se divide em três *províncias* politicamente distintas, cujas denominações oficiais demonstram a complexidade histórica e linguística da região, que divide os falares latinos dos germânicos; trata-se de um “ponto de encontro” das culturas *italiana* (mediterrânea) e *alemã* (centro-europeia). Desde suas origens, fincadas na Antiguidade latina, a região denominada *Tirol* é, por excelência, terra de encontros de diferentes etnias e falares. O termo *Tirol histórico* (al. *Historisches Tirol*; it. *Tirol storico*) é utilizado atualmente para identificar toda a extensão territorial do antigo Condado do Tirol (it. *Contea Tirolese*), unido até 1920 ao território austríaco. O termo designa portanto uma região *histórica* e, assim, o topônimo não se limita ao atual estado (al. *Bundesland*) austríaco do Tirol, mas abrange a porção anexada ao território italiano após 1918. Guerras fizeram parte da história tirolesa, pois a região se encontra na *fronteira natural* entre os mundos germânico (ou centro-europeu) e italiano (mediterrâneo), mas foi ao longo dos últimos três séculos que disputas territoriais abalaram as estruturas de sua política, ainda que tenham contribuído, de certo modo, para moldar e fortalecer a identidade cultural tirolesa.

À Áustria pertence o estado do Tirol (al. *Bundesland Tirol*), porção setentrional do antigo condado, subdividido em Tirol do Norte (al. *Nordtirol*) e Tirol do Leste (al. *Osttirol*). Essa subdivisão territorial ocorreu somente após a Primeira Guerra Mundial, por conta do acesso entre as montanhas e da mudança na fronteira austro-italiana. À Itália pertencem as porções central e meridional do antigo condado, que, juntas, formam a Região Autônoma Trentino-Tirol do Sul, administrativamente autônomas dentro da república italiana e com três denominações oficiais: em italiano, *Regione Autonoma Trentino-Alto Adige* em alemão, *Autonome Region Trentino-Südtirol* e, em ladino, *Region Autonoma Trentin-Südtirol*. A região, por sua vez, divide-se em duas províncias: Província Autônoma de Trento (Trentino¹) e Província Autônoma de Bolzano (al. *Südtirol*; it. *Alto Adige* ou *Sudtirolo*).

¹ Mesmo se não mais oficial, o topônimo *Welschtirol* (“Tirol Italiano”) para se referir à Província de Trento é ainda bastante usado.

A própria existência de três denominações oficiais para a região autônoma demonstra a complexidade histórica, étnica e linguística desse território. Cumpre informar que, embora em uso atualmente, as denominações das duas províncias não são totalmente “históricas”, uma vez que até 1918 havia apenas a denominação “Tirol” e os atuais topônimos não eram utilizados para designar esse território. Adiante, apresentaremos o desenrolar de fatos que contribuíram para que *Trentino*, *Alto Adige* e *Südtirol* se tornassem denominações oficiais. No Tirol histórico existem três idiomas oficiais. São eles o alemão (falado no Tirol austríaco, na Província Autônoma de Bolzano e em comunidades da Província Autônoma de Trento), o italiano e o ladino (falados nas províncias autônomas de Trento e Bolzano). As minorias germanófonas da Província Autônoma de Trento são tuteladas pelo governo e é garantido o *status* de línguas aos dois falares germânicos arcaicos ali existentes.

A geografia tirolesa é predominantemente alpina, com montanhas acima de dois mil metros, e com quase dois terços da área total é coberta por vegetação nativa. Pelo Tirol setentrional seguem as cadeias montanhosas dos Alpes Centrais e no Tirol do Leste encontra-se o *Großglockner*, a maior montanha tirolesa, com seus 3.797 metros de altura. No Tirol meridional, predominam as montanhas Dolomitas, com destaque para o Maciço do *Sella* (al. *Sella Gruppe*). Os maiores rios que cortam o Tirol são: o *Inn*, que nasce na região suíça de Engadina², atravessa toda a região setentrional tirolesa, entra na Alemanha (Baviera) e desemboca no Danúbio; o Isarco (al. *Eisack*), que nasce no Tirol Meridional (*Reschenpass*) e desemboca no rio Ádige (al. *Etsch*, lad. *Adesc*, tren. *Àdes*) que, por sua vez, atravessa todo o território trentino e segue em direção a Verona para, depois, desembocar no Mar Adriático. As cidades, distritos e lugarejos se espalham pelos diversos vales da região, mas há também aldeias e pequenos núcelos localizados acima dos mil e quinhentos metros, cuja fonte de renda é exclusivamente agrária.

A grande variedade de línguas, dialetos e falares existentes no Tirol histórico é resultado do grau de acesso e de locomoção das populações com seus respectivos “centros” populacionais, geralmente localizados em vales mais extensos e onde, durante muito tempo, concentrava-se o comércio regional. A geografia montanhosa contribuiu não apenas para a divisão étnica nos Alpes, mas, sobretudo, para a fragmentação linguística, com populações que viveram praticamente isoladas durante séculos.

² O radical *En* é uma referência ao Rio Inn (lat. *Oenus*).

Haja vista que a maioria dos imigrantes tirolese era oriunda da região conhecida por Tirol Meridional ou Tirol Italiano (it. *Tirol Italiano*, al. *Welschtirol* ou *Welsch-Südtirol*), o idioma predominante da imigração tirolese no Brasil é o “italiano”, ou melhor, o *dialeto trentino* em suas variações regionais, já que o próprio trentino é fragmentado na região de origem.

Partimos do princípio que as línguas da imigração faladas no Brasil são também expressões *brasileiras* porque pertencentes à diversidade linguística nacional. Nesse sentido, as línguas de imigração são parte de um complexo linguístico diversificado, que é o brasileiro, seja em sua pluralidade étnica como em sua rica variedade cultural. A complexidade linguística brasileira não se restringe apenas às variantes do português e às línguas indígenas, pois milhares, senão milhões de brasileiros, usam diariamente línguas de imigração em sua comunicação social (italiano, alemão, polonês, ucraniano, russo, árabe, japonês, chinês, coreano etc). Uma vez que a língua é a principal expressão humana num contexto social e temporal, esses estudos nos ajudam a compreender a realidade do Português Brasileiro em seu rico e diferenciado aspecto histórico. Os falares das comunidades de imigração são de grande importância para a sociolinguística brasileira, pois fazem parte da realidade de milhões de brasileiros.

Os falares *italianos* das áreas coloniais do Sul e Sudeste do Brasil foram objeto de estudo de brasileiros como Bonatti (1974), Frosi e Mioranza (1983), Luzzatto (2000), Boso (2002) entre outros, que registraram a realidade linguística da população brasileira descendente de italianófonos. Mas também despertou o interesse de estudiosos italianos como Franceschi e Cammelli (1977), que buscaram nas colônias brasileiras resquícios de falares extintos ou “modernizados” em suas regiões de origem na atual Itália.

As *koinai* surgidas a partir de diferentes dialetos colocados em contato nas áreas coloniais brasileiras – haja vista que na Itália do século XIX esses dialetos não tinham praticamente nenhum contato entre si – são ainda a língua corrente em muitas localidades rurais do Sul do Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul e no oeste de Santa Catarina, onde colônias fundadas principalmente por imigrantes vênets, mas também por lombardos, trentinos, friulanos, piemonteses e toscanos de diversas províncias, utilizaram uma língua comum que permitiu outrora o contato entre italianos de diversas regiões: o *talian* (STAWINSKI, 1996; LUZZATO, 2000).

O que se conhece por *talian* também apresenta fragmentação, mas não deixa de ser uma *koiné* de base vêneta, língua corrente entre milhares de descendentes de vênets, trentinos, lombardos, piemonteses, friulanos, toscanos e até do meridional

italiano, recebendo contribuições lexicais, morfossintáticas e fonológicas de outros grupos linguísticos do Brasil, como o português brasileiro (com sua influência indígena) e o alemão.

A falta de contato com a terra de origem ocasionada pela imigração é responsável, entre outros, pela perda do idioma original dos imigrantes. No decorrer do tempo, a “língua antiga” perde espaço para a “língua nova”, e os costumes da antiga pátria dão lugar aos da nova. Assim, a preservação de um idioma de imigração em uma comunidade depende de vários fatores, nem sempre relacionados ao desejo de não esquecer as origens. Há que se considerar também da língua da imigração no cotidiano da comunidade de falantes e seu prestígio aqueles que a utilizam. Deve-se levar em conta o isolamento e o grau de contato dos falantes com o idioma da nova pátria. Variantes regionais surgidas do contato do português brasileiro com línguas de imigração ainda não foram suficientemente estudadas pela sociolinguística brasileira.

Os imigrantes de língua italiana que desembarcaram no Brasil entre o final do século XIX e início do século XX eram oriundos, sobretudo, das províncias setentrionais da Lombardia, do Piemonte e do Vêneto. A imigração de meridionais seguiu principalmente para o estado de São Paulo, que também recebeu um grande número de setentrionais. Mas os imigrantes italianos não eram somente do então Reino da Itália; também havia os austríacos de língua italiana, oriundos do Tirol Meridional, do Friul, de Gorízia e de Trieste. Os vários dialetos trazidos pelos imigrantes foram colocados em contato pela primeira vez em colônias brasileiras. No Rio Grande do Sul, o que se viu foi o surgimento de koinés de base vêneta (por ser o grupo mais expressivo da imigração), acrescidas de vocábulos advindos de outros dialetos e grupos linguísticos da Itália Setentrional (principalmente galoitálicos), cujo resultado é comumente chamado *taliàn* (FRANCESCHI & CAMMELLI, 1977; FROSI & MIORANZAI, 1983; LUZZATO, 2000). Há ainda hoje casos de conservação de formas arcaicas de determinados dialetos, por conta do isolamento de algumas comunidades de origem comum. Enquanto *taliàn* não se deve considerar somente um dialeto; assim é chamado o conjunto de falares de base vêneta da imigração italiana, mantido em várias localidades nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia e demais estados do Norte (por conta da migração de agricultores e pecuaristas gaúchos e catarinenses). Por preservar arcaísmos nos campos semântico, fonológico e morfossintático, apresenta diferenças quando comparado ao vêneta europeu.

A imigração de tirolese *de língua italiana* (hoje chamados trentinos), pode ser considerada “imigração italiana” até certo ponto, pois eram austríacos de língua italiana. Do antigo *Tirol Italiano* (em alemão *Welschtirol*), que hoje compõe a atual Província Autônoma de Trento, partiu a maioria absoluta dos emigrantes austríacos que desembarcou no Brasil entre 1875 e 1919 e seguiu para os estados do Sul e Sudeste.

Várias são as características que aproximam a imigração trentina da italiana, assim como várias são as características que as diferenciam profundamente entre si. Pouco se falou sobre o assunto. Como melhor abordar a imigração de austríacos que viveram no Brasil enquanto austríacos e, após a Primeira Guerra Mundial, tornaram-se “italianos”? Estudar o que significou a imigração de trentinos, o idioma dos imigrantes e seu uso em comunidades do Brasil, não pode deixar de levar em conta os aspectos históricos dessa região alpina.

Se “Trentino” passou a designar o que antes era conhecido por “Tirol Meridional” ou, a partir do século XIX, por “Tirol Italiano” – pois o topônimo tornou-se oficial somente após a Grande Guerra –, como deveria ser classificada a língua vernácula, não oficial, daquele território? Ainda que nas escolas e nos locais públicos fosse utilizado o italiano desde a dominação austríaca, a língua do cotidiano era bastante diversa e sua classificação dentro da dialetologia italiana, foi também objeto de instrumentalização política naquele período.

Os mapas dialetológicos italianos e os manuais de filologia não costumam documentar na área correspondente à atual Província Autônoma de Trento a existência de um dialeto *trentino* e os falares correspondentes ao território são classificados ora como *lombardo oriental*, ora como *vêneto*. Certo é que ali existem falares que poderiam ser chamados *mistos*, porque trazem em si características desses dois grandes grupos linguísticos da Itália setentrional; mas, além disso, devem ser levadas em conta suas peculiaridades advindas do antigo substrato ladino e do adstrato alemão. Dicionários dos falares regionais da região trentina utilizam “dialeto trentino” para classificá-los e, ao ter contato com esses trabalhos, nota-se a existência de uma grande fragmentação dialetal naqueles vales. Esses dicionários seriam suficientes para justificar a existência de um *dialeto trentino*?

Entender se existe, de fato, um conjunto de falares que possa ser realmente classificado *dialeto trentino* não é tarefa fácil e, na verdade - ainda que seja necessário discutir o tema -, não é o escopo deste trabalho. Porém, depreender que as características comuns a esses falares justificariam uma “unidade” facilita qualquer

tentativa de buscar estabelecer uma relação entre o que se entende por dialeto trentino na Itália e entre os falares mantidos há mais de cem anos nas colônias brasileiras.

A partir desses primeiros questionamentos, pode-se naturalmente indagar sobre quais são as características que definem o que é dialeto e o que é língua. Muito mais do que as semelhanças entre si e as relações de dependência, são os aspectos históricos e políticos que definem essa tênue fronteira. E, no caso de uma região de antigas fronteiras nacionais e linguísticas, essas diferenças são ainda mais tênues.

Diante da carência de material em português sobre a temática do *dialeto trentino* (haja vista que a maioria da bibliografia sobre o assunto foi escrita em italiano e alemão), tornou-se necessário apresentar uma introdução histórica que justificasse a formação e a existência de um dialeto trentino no Tirol Meridional. Com estudos que tratam das características do dialeto trentino europeu que servirão como “apoio”, passa-se para o dialeto trentino mantido há mais de cem anos na Colônia Tirolesa de Piracicaba e seu grau de relação com o trentino europeu dos distritos de origem dos imigrantes. As variações semântica, morfossintática e fonológica surgidas nas colônias brasileiras seriam suficientes para a impossibilidade de comunicação entre um descendente de imigrantes e um trentino europeu?

Se no Brasil preservam-se dialetos *italianos* que podemos considerar conservadores, já que não sofreram a influência do italiano padrão, deve-se levar em conta que influências externas existem e são advindas do português brasileiro (além da influência indígena presente neste) e de demais idiomas de imigração, como o alemão e o polonês.

Algumas questões são primordiais quando se pensa na relação de parentesco entre os falares trazidos pelos imigrantes *italianos* entre o final do século XIX e o início do século XX e seus correspondentes europeus. Por conta de conservações de diversos tipos, tanto no campo semântico como nos aspectos morfossintáticos e na fonologia, os falares *italianos* das áreas coloniais do Brasil podem ser considerados dialetos *brasileiros*? Se sim, o que os difere quando comparados aos dialetos atualmente falados nas regiões originais dos imigrantes? Até que ponto a conservação de formas arcaicas, a variação e os neologismos poderiam distanciar o dialeto trentino de um descendente de seu respectivo dialeto correspondente falado na atual Província Autônoma de Trento?

O presente trabalho investiga o dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba, no estado de São Paulo, que forma uma *comunidade linguística* composta dois bairros rurais afastados mais de vinte e cinco quilômetros do perímetro urbano

piracicabano e que formam a colônia: Santana e Santa Olímpia. Interessa-nos, aqui, o sentido linguístico do termo (LEME, 2001, p. 25); embora utilizaremos constantemente o termo *colônia* para nos referirmos ao espaço físico, o uso de *comunidade*, por sua vez, identifica os moradores da colônia enquanto pertencentes a um mesmo grupo de descendentes de imigrantes tirolese de língua italiana.

A formação da Colônia Tirolese de Piracicaba remonta ao final do século XIX, exatamente no período da grande imigração de europeus para o Brasil (GROSSELLI, 1991, 1995). Além de costumes e de aspectos ligados à cultura alpina tirolese, a colônia preserva há cento e vinte anos o dialeto trentino, ali chamado *tirolês*, demonstrando, imediatamente, a ligação da comunidade com o passado linguístico e identitário do Tirol Meridional. Esse dialeto que ainda é mantido pelos falantes mais velhos da comunidade em duas variantes distintas, próprias a cada bairro.

Ainda que o conceito de Filologia não seja “unívoco” (BASETTO, 2001, p. 17), interessa-nos compreendê-lo enquanto ponto de partida e utilizarmos da linguística histórica para os estudos diacrônicos acerca da formação das línguas e falares da região alpina do Tirol. Acreditamos que somente a partir deles, poderemos tratar com segurança do dialeto trentino e de sua *variante* piracicabana, trazida para o Brasil no final do século XIX e mantida pelos descendentes de imigrantes.

A metodologia empregada para a obtenção de dados sobre o dialeto trentino em Piracicaba baseou-se em anotações e conversas espontâneas com praticamente todos os moradores mais velhos da comunidade, de ambos os bairros, pertencentes a diferentes gerações de descendentes. Isso só foi possível porque falamos o dialeto trentino e há sete anos mantemos estudos sobre a fala da comunidade, cujos resultados atualmente se veem em projetos de resgate e ensino do dialeto aos jovens da colônia; também nos utilizamos de um glossário (não publicado) feito por meio de entrevistas não gravadas, sempre realizadas num ambiente de naturalidade e de descontração. Nossa “intimidade” com os falantes mais velhos e o conhecimento do dialeto trentino se converteram em vantagem para as análises linguísticas, já que boa parte dos registros não-gravados (que consideramos os mais importantes porque apresentaram maior resultado) só foram possíveis de se registrar por causa do convívio e amizade com os membros da comunidade.

Entre 2007 e 2009 recolhemos dados para nossa dissertação de mestrado sobre a variante falada do português da comunidade. Também em 2007, iniciamos na colônia

um projeto de estudo e resgate do dialeto trentino e tivemos a oportunidade de recolher farto material.

Utilizamos-nos, inicialmente, de entrevistas, e procuramos dividir os informantes segundo as gerações de descendência, o que não correspondeu à realidade linguística, pois muitas famílias são grandes e a faixa etária de filhos é bem diversa dentro de um mesmo núcleo familiar, com considerável diferença de idade entre os filhos mais velhos e os mais novos.

Percebemos que houve cruzamento de gerações e, portanto, não é a geração de descendência, mas a *faixa etária* o principal fator para uma análise fidedigna da realidade linguística da comunidade. Encontramos ali vários casos de casamentos entre indivíduos que possuem a mesma idade, mas pertencem a diferentes gerações de descendentes ou, ainda, de tios que são mais jovens que seus sobrinhos. Contudo, esse cruzamento de gerações foi fruto de um modelo familiar comum até meados da década de 1970, quando as famílias eram numerosas. Atualmente, já não mais existe mais o antigo modelo familiar e as famílias não possuem muitos filhos.

À época da produção da dissertação, dividimos os informantes em três faixas etárias, pois procurávamos identificar melhor o perfil dos falantes do dialeto. Os descendentes foram divididos em três grupos: **A**, **B** e **C**, sendo que ao grupo **A** pertenciam os informantes entre nove e vinte anos (quinta e sexta gerações de descendentes), ao grupo **B** aqueles entre trinta a sessenta anos (terceira e quarta gerações de descendentes) e ao grupo **C** os informantes com mais de sessenta anos (pertencentes às primeira, segunda e terceira gerações de descendentes). Essa divisão se diferenciou daquela feita anteriormente por Leme (2001) em seus estudos sobre a fala da comunidade. As gravações realizadas e o levantamento de informações no trabalho de campo foram analisados e comparados, resultando na conclusão sobre ser a faixa etária o principal fator para a análise linguística da comunidade. Essa divisão de grupos por faixas etárias foi o ponto de partida para o recolhimento de dados referentes ao dialeto trentino entre os falantes mais jovens da colônia.

Apresentamos neste estudo os resultados das conversas e entrevistas não-gravadas com os indivíduos dos grupos **B** e **C**, que acreditamos ser formado pelos indivíduos que preservam os traços linguísticos mais antigos e característicos daquele que chamaremos *trentino piracicabano*. Uma vez que já não há mais imigrantes vivos e muito poucos são os pertencentes à primeira geração de descendentes, ou seja, filhos de imigrantes, tivemos que buscar o maior número de informações entre os netos e

bisnetos de tirolese. Os indivíduos pertencentes à primeira geração de descendentes, ou seja, filhos de imigrantes, são atualmente três: dois irmãos pertencentes à família Degasperi, do Bairro Santa Olímpia, e uma senhora da família Forti, do Bairro Santana (cujo pai, filho de tirolese, nasceu no Brasil e a mãe nasceu no Tirol). Muitas informações foram recolhidas graças ao considerável número de pessoas idosas, pertencentes à segunda e terceira gerações de descendentes (netos e bisnetos de imigrantes), que ainda utilizam o dialeto trentino no cotidiano, seja no ambiente doméstico como no convívio social.

O tempo aparente apresentado pelas faixas etárias foi capaz de retratar a fala dos descendentes de maneira sincrônica, mas também diacrônica, tornando possível apresentar quais os traços linguísticos que se perderam ou se fortaleceram, e como a fala da comunidade se transformou no decorrer do tempo, sobretudo após aquilo que consideramos ter sido uma *ruptura* linguística quando, entre as décadas de 1960 e 1970, o dialeto trentino deixava de ser a principal de língua da comunidade e foi substituído gradativamente pelo português, que passou a ser mais utilizado pelos descendentes mais jovens que procuravam emprego na área urbana de Piracicaba.

Pudemos observar que o dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba não é homogêneo, mas existem diferenças próprias a cada bairro, que identificamos como sendo duas variantes de um mesmo dialeto existente no Vale do Rio Ádige, que sofre influências da variante da cidade de Trento e de dialetos confinantes. Haja vista que os imigrantes que fundaram a colônia eram oriundos de diferentes localidades do Tirol Italiano e que, desde o início, houve uma “separação” da colônia em dois núcleos, atualmente cada bairro mantém sua própria variante dialetal trentina. Como se verá, não se trata de dois dialetos distintos, mas de duas variantes, cujas principais diferenças estão no plano fonético e lexical.

Sabe-se que os falares das comunidades de imigração no Brasil carecem, de modo geral, de estudos e registros, pois estudar uma língua anágrafe torna-se um grande desafio. No caso trentino, onde os conceitos de língua e nacionalidade muitas vezes se confundem, corre-se o risco de se perder um patrimônio linguístico que em sua formação já demonstra a complexidade étnica e cultural da região tirolesa, trilingue e localizada desde tempos remotos entre confins nacionais.

Os trabalhos que descrevem o dialeto trentino no Brasil são escassos. Existem algumas teses de mestrado e doutoramento, além de alguns poucos artigos. As principais informações encontram-se em estudos de dialetologia e sociolinguística

(BONATTI, 1968, 1974; FROSI & MIORANZA, 1983; BOSO, 2002). Sobre a fala dos tirolese de Piracicaba, consultamos o trabalho de Leme (2001), que não se aprofundou no dialeto trentino ao tratar da variante falada do português dos descendentes.

Este estudo pretende apresentar por meio de dados colhidos em trabalho de campo uma sistematização dos mais relevantes aspectos do dialeto trentino da Colônia Tirolese de Piracicaba, ali chamado *tirolês*, partindo do princípio que se trata de um bem cultural e imaterial da comunidade. Nosso principal objetivo é apresentar os traços linguísticos que compõem o trentino piracicabano e contribuir para os estudos do dialeto trentino no Brasil. Identificamos quais fenômenos coincidem ou não com o atual trentino europeu e se a existência de diferenças lexicais, fonéticas e morfossintáticas seriam suficientes para considerarmos o trentino piracicabano diferente do trentino europeu ou, ainda, se se trata de um dialeto arcaico. Apresentamos um perfil atual dos falantes na colônia e tratamos da sobrevivência do dialeto, se ainda é utilizado enquanto idioma da comunicação cotidiana e se sobreviverá entre as gerações mais novas.

- PARTE I -

**DO TIROL AO BRASIL:
IMIGRAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE**

1. HISTÓRIA MÍNIMA DO TIROL

Como não levar em consideração os fatores históricos e culturais, uma vez que eles interferem diretamente nos falantes e nas línguas? E como tratar da língua de um povo se não conhecermos um mínimo de sua história, essa que foi e é responsável pela formação, uso ou desaparecimento das línguas? Em uma região como a dos Alpes, que serviu de passagem para vários povos desde a Antiguidade e cujos primeiros povoamentos de que se tem notícia são da Idade do Bronze, a grande fragmentação linguística está intrinsecamente ligada à história local por causa dessa movimentação humana que caracterizou a região. Tratar da história significa, também, compreender os fatores responsáveis pelo surgimento de vários idiomas e dialetos na região tiroleza.

Portanto, para se ter uma compreensão mais abrangente acerca da complexa realidade linguística na qual está inserido o dialeto trentino, objeto de estudo deste trabalho enquanto *língua de imigração*, torna-se necessário conhecer um mínimo sobre os principais aspectos da geografia, história e cultura da região do Tirol, por se tratar da terra de origem dos imigrantes que vieram para o Brasil a partir do final do século XIX e do ambiente original do dialeto trentino.

1.1. DOS PRIMÓRDIOS À DOMINAÇÃO ROMANA NOS ALPES

Os resquícios da presença humana nos Alpes são antiquíssimos. Os Alpes Centrais foram povoados inicialmente pelos ilírios, cujas origens remontam à Idade do Bronze, há aproximadamente 2000 a.C. Os gregos identificavam os ilírios como um povo de piratas originário da Ilíria (Υλλύρια), a chamada “terra dos livres”, região que hoje compreende os países surgidos da ex-Iugoslávia: Sérvia, Montenegro, norte da Albânia, Bósnia-Herzegovina e Croácia. BASSETTO (2005: 170) afirma que os ilírios eram falantes de uma língua indo-europeia do grupo *Centum*, e pouquíssimo se sabe sobre seu idioma. Acredita-se que partir de 1500 a.C., os ilírios iniciaram uma migração em direção aos Alpes Orientais, ampliando sua área de domínio nas montanhas e se estabelecendo nas atuais regiões da Eslovênia, Ístria e sul da Áustria, mais precisamente no atual estado de *Kärnten* (antiga *Carintia* romana).

Illyricum designava a região, ou seja, a “terra dos ilírios”. Também a área costeira da Dalmácia (lat. *Dalmatia*) fora habitada pelos povos ilírios (dálmatas, libúrnios, iápiges e dárdanos) e alguns povos de origem proto-ilírica já se haviam estabelecido em boa parte dos Alpes Orientais em aproximadamente 1000 a.C., nas atuais regiões italianas do Vêneto, Friúlia e sul do Tirol. Essas tribos (arusnatos, histros, iápodos e liburnos) substituíram a antiga cultura dos euganeus, resultando no povo venético ou paleovêneta (VIARO, 2001), que desenvolveu naquela área alpina seus núcleos coloniais. Além da própria designação *Veneto* (terra dos vênets), alguns topônimos tirolezes, segundo BATTISTI (1931), remetem à dominação paleovêneta naquela área alpina, como a denominação de *Val Venosta* (al. *Vintschgau*, *Vinschgau*), cuja origem estaria no mesmo étimo de *veneto*. O paleovêneta é um idioma pouco conhecido, cujos vestígios de escrita são escassos. O que se sabe sobre suas origens não é sequer seguro, uma vez que oriundas da cultura Este, que se desenvolveu na Idade do Ferro. Sabe-se que a cultura paleovêneta tem relação com os povos centro-danubianos dos Campos das Urnas e com os grupos ilírios dos Bálcãs. Para DEVOTO (1991), o idioma dos venéticos é de origem indo-europeia e formado a partir de uma cristalização de uma série de elementos linguísticos indo-europeus. Pelo contato com a população céltica a oeste, o paleovêneta adotou muitos termos da língua celta, e a população paleovêneta também adotou os caracteres da escrita etrusca (CONWAY, 1933).

A partir de 229 a.C., Roma passou a ter controle da região do Mar Adriático e declarou guerra à Ilíria como resposta à prática de pirataria de seus habitantes, que atrapalhava o comércio marítimo romano. A região costeira foi toda conquistada por César, estendendo-se com Otávio Augusto e Tibério até às planícies da Panónia (*Pannonia*), através do Rio Danúbio. Acima da Panónia, viviam os gauleses (celtas), cujas origens na região remetem à Idade do Bronze e que, entre 1200 e 1000 a.C., iniciaram um processo de individualização cultural que se desenvolveu, durante a Idade do Ferro, na chamada *cultura de Hallstatt* (século VI até 450 a.C.), nome da homônima cidade austríaca, na região de Salzburgo, onde foram encontrados vestígios celtas.

O termo *celta* é originário da língua grega (Κελτοί), referência feita pelo historiador Hecateu de Mileto, no século VI a.C., tempo em que os gregos mantinham relações comerciais nos Alpes, adquirindo o sal dos celtas em troca de artefatos. A expansão do povo celta teve início a partir do século VI a.C. período da cultura de Hallstatt espalhando-se por quase toda a área alpina no século III a.C., chegando aos Alpes ocidentais e, dali, seguindo para várias direções da Europa ocidental e Oriental.

Chegando à Península Ibérica, os celtas mesclaram-se com os iberos³ (BASSETTO, 2005). Entre 800 e 450 a.C., durante a Idade do Ferro, trabalharam na confecção de armas de bronze e grande armas de ferro, além de artefatos bastante complexos. A segunda fase da Idade de Ferro marcou o desenvolvimento da *cultura de La Tène*, em alusão à cidade onde foram encontrados tais vestígios arqueológicos, localizada no norte da Suíça, marcando o desenvolvimento cultural dos celtas e sua expansão territorial, ocasionada pelo crescimento demográfico e pela pressão de povos vizinhos, que adentravam seu antigo território.

Os celtas se estabeleceram na Gália Cisalpina (lat. *Gallia Cisalpina*), que compreendia boa parte da planície padana até o rio Reno (al. *Rhein*), ao norte, e seguiram para o oeste, ocupando a região que posteriormente seria identificada como Grande Gália (lat. *Gallia*), na atual França; dali, os celtas expandiram seus domínios até a Península Ibérica. Foi neste período que, após diversas excursões, seguindo do norte da França (Bretanha), os celtas concluíram a ocupação das Ilhas Britânicas e ali encontraram outros povos, como os pictos. Os ataques ao mundo greco romano eram frequentes durante o final do período que marcou a expansão dos celtas: em 390 a.C., Roma foi saqueada pelos gauleses e, em 272 a.C., o santuário de Apolo na cidade de Delfos foi também atacado. Através do rio Danúbio (al. *Donau*), os celtas atingiram em 276 a.C. a Ásia Menor, estabelecendo-se na região que posteriormente seria batizada Galácia (lat. *Galatia*), na atual Turquia.

Os Alpes centrais eram habitados pelos réticos (lat. *Rætii*), cujas origens são incertas sobre serem falantes de uma língua indo-europeia. Não existe comprovação da teoria que afirma serem os réticos parentes dos etruscos, com base em relatos antigos de Juniano Justino e Plínio e de historiadores modernos como Mommsen. Escassas são as referências sobre o idioma dos réticos, que segundo Conway (1933) seria aparentado ao idioma etrusco. Sabe-se, contudo, que os récios, habitaram entre 800 e 500 a.C. o

³ Civilização cujas origens são ainda incertas, com duas teorias principais: a primeira, baseada em evidências arqueológicas e genéticas, afirma tratar-se de um povo de origem europeia, embora falantes de uma língua não indo-europeia, criadores da grande cultura megalítica presente na Escócia e que teria sido iniciada em Portugal; a segunda afirma tratar-se de um povo cujas originário do Norte da África, de onde teriam migrado provavelmente no século VI a.C. em direção à Península Ibérica (àquele deram o nome) e Sul da França. Da mescla étnica dos iberos com os celtas surgiu os celtiberos (ou celtibéricos). O historiador clássico Flávio Josefo afirmava os chamava tubalinos, descendentes de um certo Tubal; os gregos os classificavam em dois povos, os tartessos e os bastetanos. A escrita ibérica assemelhava-se em forma às runas e consistia em um sistema de vinte e oito sílabas e caracteres alfabéticos, alguns derivados do fenício e do grego (povos que mantinham colônias na península) e o idioma se conservou na região até a conquista romana. Cfr. COUTINHAS (2006).

território denominado Récia⁴ (lat. *Rhaetia* ou *Raetia*), nas atuais regiões oeste e central da Suíça, sul da Alemanha (sul da Baviera e parte da Suábia), Áustria (*Vorarlberg* e boa parte do Tirol) e norte da Itália (Lombardia); a principal cidade dos réticos foi posteriormente chamada pelos romanos *Augusta* (atual *Augsburg*, na Alemanha). Na atual área tiroleza, a Récia compreendia as regiões de *Val Venosta* (al. *Vinschgau*) e parte de *Val d'Isarco* (al. *Eisacktal*). Região vizinha à Récia era a Nórica (lat. *Noricum*), originalmente habitada pelos panônios (ilíricos), seguidos dos celtas para, finalmente ser conquistada pelos rúgios, oriundos da atual Noruega, fundadores do reino nórico. A antiga região corresponde atualmente a boa parte do território austríaco e no atual Tirol, *Val Pusteria* (al. *Pustertal*) e parte de *Val d'Isarco* (al. *Eisacktal*).

A partir de 225 a.C., Roma procurou dominar toda a planície do Rio Pó, sempre em direção ao Norte, adentrando as terras réticas e gaulesas. Por conta dos saques dos gauleses, passou a conquistar aquele território, embora totalmente somente em 15 d.C. À época de Augusto, os celtas, ilíricos e réticos estavam quase totalmente romanizados: haviam adotado o latim e, em meados de 89 a.C. a cidadania romana chegou à Gália Cisalpina. O *Noricum* era uma província aliada de Roma e, assim, o território que atualmente corresponde ao Tirol Meridional fazia parte da *Regio Decima*, denominada em latim *Venetia et Histria*; da região de *Venosta* em direção ao norte iniciava a Récia; a região de *Pusteria* foi incorporada ao *Noricum*. No século IV, os romanos fundaram o posto militar de *Veldidena* (atual *Wilten*) em *Oenipons* (“ponte sobre o Oenus”), posteriormente *Innsbruck*⁵.

A conquista da Gália Cisalpina marcou o domínio romano sobre o antigo povoamento de *Trent*, rebatizado pelos romanos *Tridentum* após a conquista em 81 a.C. Existem dúvidas sobre a origem do nome, com teorias que indicam uma adaptação romana para o antigo topônimo local. Há dúvidas se o nome arcaico teria origem céltica, dado em homenagem ao deus das águas⁶, ou de origem rética, derivando da palavra *trent*, indicando uma trifurcação do Rio Ádige.

Por sua vez, o nome latino *Tridentum* foi dado pelos romanos após a conquista e fazia referência ao tridente do deus romano das águas, Netuno. Uma teoria mais moderna afirma que a origem do nome romano se deu por causa de três colinas ao redor

⁴ Os historiadores romanos Juniano Justino e Plínio, o Velho, afirmaram que a região da Récia fora ocupada pelo povo récio após a pressão dos gauleses, que os obrigaram a habitar as montanhas; durante a ocasião, teriam adotado para si o nome de seu líder, o rei Récio. Uma teoria mais aceita basei-se na raiz da palavra celta *rait*, significando “terra acidentada, montanhosa”. Cfr. CONWAY, 1933.

⁵ Já *Innsbrücke* e *Innsbrück*, do alemão *Brücke* (“ponte”).

⁶ Na Inglaterra, existe o Rio Trent, que corta uma antiga área habitada pelos celtas.

da cidade (atualmente chamadas *Doss Trent*, *Doss Sant’Afata* e *Doss di San Rocco*) que lembrariam um tridente. Talvez todas as teorias sobre o antiquíssimo nome da cidade de Trento apontem para um fator comum: uma referência às águas do Rio Ádige. O nome latino poderia muito bem fazer parte da famosa política romana de inculturação, que adaptava aspectos religiosos e culturais dos povos dominados, dando-lhes uma nova significação segundo a cultura e religião latinas. O edito de *Cles*, também chamado *Tabula Clesiana*, concedeu a cidadania romana aos habitantes de *Val di Non* (al. *Nonsberg*), no atual Trentino, demonstrando a preocupação em latinizar a área rética.

*A posição da Récia, da Gália Cisalpina e do Noricum no Império Romano*⁷.

Certo é que Trento, mesmo após o enfraquecimento do Império Romano, manteve-se ligada ao mundo romano, tornando-se uma das últimas *ciudades latinas* da região montanhosa. O Cristianismo floresce já no século IV, com a construção da igreja chefiada pelo bispo Iovinus, mas teve maior expansão com São Vergílio (335 – 405). Nos vales vizinhos a Trento, gradativamente o latim perdia espaço para os falares germânicos trazidos pelas tribos nórdicas que se estabeleciam nos Alpes Centrais.

⁷ MAPA: www.territorioscuola.com

Como se sabe, o declínio do Império Romano foi ocasionado muito mais por questões internas que por ameaças externas (MONTANELLI, 1957). As lutas pelo poder no interno de Roma enfraqueciam sua política externa e, além dos altos custos com a manutenção do exército, pequenas rebeliões e revoltas chefiadas por generais romanos aceleravam o processo de desfragmentação do império. Os territórios periféricos ficavam cada vez mais desprotegidos e Roma não conseguiu diminuir a entrada de germânicos que desciam em direção dos Alpes, adentrando as terras imperiais a partir do século III d.C. Essas tribos começaram a migrar de suas regiões originais, no Norte da Europa (atual Escandinávia). Às vezes violentas, outras vezes pacíficas (porque baseadas em negociações), as relações entre romanos e germânicos se intensificavam de modo que, no final do século IV d.C., com o crescimento das migrações germânicas, a região alpina foi sucessivamente ocupada e colonizada por diversas tribos.

1.2. A PRESENÇA GERMÂNICA E O DUCADO DE TRENTO

Os Alpes constituíam uma rota de passagem para os germânicos que atravessaram as montanhas em direção à planície padana. As tribos atravessavam as montanhas principalmente através da Via Claudia Augusta e eram constituídas por populações inteiras ou grupos étnicos aparentados que se uniam em busca de novas terras. Eram eles longobardos (al. *Langbarden*, *Winniler*), godos (al. *Goten*), alamanos (al. *Alamannen*, *Alemannen*), francos (al. *Franken*), vândalos (al. *Vandalen*), hérulos (al. *Herulen*) e principalmente baiuwares (al. *Bajuwaren*, *Baiuwaren*). Todos eram comumente chamados *bárbaros* pelos romanos, por terem costumes e idioma muito diferentes. Essas tribos povoaram toda a faixa de terra desde o centro da atual Alemanha até o Rio Ádige (al. *Etsch*), nos arredores do Lago de Garda (lat. *Benaco*; al. *Gardasee*, *Gartensee*) e Verona. O termo *baiuvar* teria sua origem no antigo germânico **baio-warioz* <povo da Boêmia>, indicando a origem da tribo que ocupou toda a região meridional da atual Alemanha, quase toda a Áustria e Tirol Meridional. De *baiwaren*, *baioaren*, *bajoras* surgiram os termos latinizados *baioarii* e *bavarii*. Por *baiuwares* (bávaros) entende-se a tribo germânica que se estabeleceu nas regiões acima mencionadas. O termo *bávaro*, derivado de forma latina, começou a ser utilizado já durante a Idade Média (MENGHIN, 1990; STÖRMER, 2002).

Os baiuwares se instalaram principalmente na região onde, posteriormente, se desenvolveria o condado do Tirol, e ali se fixou uma *fronteira linguística natural* que dividiu os falares germânicos daqueles de origem latina. Desde a Baviera (al. *Bayern*) até a parte sul da cidade de Bolzano (lat. *Balsanum*; al. *Bozen*), predominaram os falares germânicos, mas na parte baixa do Rio Ádige muitos vales preservaram o idioma latino, sem, contudo, deixar de sofrer as influências do idioma e cultura germânicos. Trento (al. *Trient*) passou a ter uma parte da população de origem germânica e na Idade Média era uma cidade “italiana” com uma minoria “alemã”.

*O domínio germânico dos séculos VII e VIII nos limites da região tirolense*⁸.

Os longobardos foram os últimos a chegar ao Norte da Itália, em 568, e ocuparam boa parte da planície padana e pode-se dizer que foram muito mais

⁸ MAPA: nosso.

influenciados pelo mundo romano do que influenciaram as terras que conquistaram e dividiram em trinta e seis ducados e governos. Seu antigo idioma se perdeu gradativamente, embora palavras presentes nos dialetos setentrionais italianos tenham origem em termos lombardos. Em 569, por decreto de Alboino (526 – 572) rei dos Longobardos, o antigo município romano *Tridentum* teve sua área estendida, ocupando partes dos municípios de Feltre, Verona e Bréscia e tornando-se um ducado.

O ducado de Trento manteve uma aliança com os baiuwares na tentativa de defender a região dos assaltos francos e, através de uma política de casamentos com nobres baiuwares, *Tridentum* continuou sob o controle longobardo. Em meados do ano 600 d.C., a rainha Teodolinda (535? - 591), por influência do monge e historiador longobardo Secundus de Trento (? – 612)⁹, converteu-se a si e todos os seus súditos ao Cristianismo. Contudo, os francos substituíram os longobardos.

Em 773, Carlos Magno (747 – 814) transformou o ducado tridentino em uma *marca*, ou seja, um condado de fronteira, ao qual havia vários condados dependentes, como o de Balsanum, que pertencera aos baiuwares e foi “reconquistado” para os francos por Pepino (580 – 640), filho de Carlos Magno. No ano de 800, Carlos Magno foi coroado imperador pelo Papa Leão III e dá início ao Sacro Império Romano-Germânico (lat. *Sacrum Romanum Imperium*, al. *Heiliges Römisches Reich der deutschen Nation*) que, por mais de um século, teria a coroa disputada pelas divisões internas causadas por seus sucessores.

No ano de 962, com Otto o Grande, teve início uma linha contínua de imperadores¹⁰. O ano de 996 marca a fundação de um pequeno reino germânico, originalmente denominado *Ostarrichi* (“reino oriental”) e posteriormente *Österreich* (em latim *Austria*), berço de futuros imperadores do sacro império e condes do Tirol.

1.3. OS PRINCIPADOS EPISCOPAIS E O CONDADO DO TIROL

Em 1027, o imperador do Sacro Império, Conrado II (990 – 1039) separou o território da diocese de Trento do Reino da Itália (lat. *Regum Italicum*), antiga entidade política no interno do Império Carolíngio, e anexou-o ao Ducado da Baviera, que se encontrava sob a regência de seu filho Henrique III. Conrado II aproximou Trento da

⁹ Sobre o domínio longobardo na península itálica, conferir JARNUT (2002).

¹⁰ Que se seguiu durante os séculos seguintes até 1806, quando Napoleão deu fim ao sacro império.

esfera bávara e, a partir desse momento, deu início aos Principados Episcopais de Trento (al. *Fürstbistum Trient*; it. *Principato vescovile di Trento*) e Bressanone (al. *Fürstbistum Brixen*; it. *Principato vescovile di Bressanone*).

A Itália no ano 1000, com os limites meridionais do Sacro Império¹¹.

¹¹ Mapa: nosso, com base em it.wikipedia.org/italia

Após separar o território de Trento do domínio franco, o imperador instituiu poder temporal aos bispos das dioceses de Trento e *Bressanone* (ambos germânicos, sendo o célebre Uldarich bispo de Trento), no intuito de findar disputas territoriais entre nobres locais e garantir a segurança da importante rota de passagem através dos Alpes, pela qual deveriam passar os exércitos imperiais e os futuros imperadores germânicos que iam até Roma para ali serem coroados pelo papa.

O dúplice caráter do Sacro Império Romano-Germânico, político e religioso, garantia aos nobres e à Igreja o domínio de feudos, condados e reinados. Vale lembrar que todo bispo era um nobre, mesmo se de origem plebeia, uma vez que sua ordenação garantia-lhe um título e um brasão. Desse modo, além de nobres senhores feudais, existiam também senhores clérigos, em sua maioria bispos ou abades de mosteiros.

Os feudos pertencentes ao príncipe-bispo (al. *Fürstbischof*, it. *Principe vescovo*), assim como os vales controlados pela diocese, podiam ser administrados pelas paróquias e mosteiros. Além do controle eclesiástico, que tutelava os ofícios religiosos, cabia aos bispos o governo secular das terras. Tratava-se de um domínio baseado na relação bastante curiosa de poder temporal: ao mesmo tempo em que o bispo era um príncipe legítimo, senhor de suas terras (*principe terrae*), deveria demonstrar desprendimento por conta de sua função religiosa de *pastor* e, assim, agia também em nome da Igreja.

O bispo de Trento (al. *Fürstbischof von Trient*), o bispo de *Bressanone* (al. *Fürstbischof von Brixen*), o arcebispo de Salzburgo (al. *Erzbischof von Salzburg*) e o patriarca de Aquiléia (al. *Patriarch von Agley*) eram feudatários diretos do imperador, de direta nomeação imperial. Não reconheciam nenhuma autoridade temporal senão o imperador do Sacro Império e nenhuma autoridade eclesial senão o papa e eram autênticos príncipes eleitores do Sacro Império, membros da dieta imperial¹². O mesmo não era garantido aos demais prelados do império. Os bispos de Praga, de Gurk (Klagenfurt) e de Bratislava eram príncipes indiretos, nomeados pelo arcebispo de Salzburgo e pelo duque da Boêmia. Os bispos de Viena, de Gorízia e de Lavant (Maribor) possuíam a condecoração principesca somente como título honorífico.

As dioceses de Trento e *Bressanone* administravam boa parte do território alpino entre os rios Inn e Ádige, dividindo a administração da atual região tiroleza com demais

¹² Outros principados episcopais tiveram importância relevante no interior do Sacro Império, existindo até o século XIX, quando foram laicizados nos governos estaduais e provinciais após o período napoleônico. Destacavam-se os principados episcopais de Salzburgo, Basileia, Coira, Constança, Ausburgo, Ratisbona, Strasburgo, Worms, Speyer, Freising, Münster, Lüttich e Lübeck.

dioceses: de Salzburgo, que administrava o vale do Ziller; de Coira, que administrava parte a região de Val Venosta (al. *Vinschgau*) e os Grisões; de Feltre, que administrava as regiões de *Primiero* (al. *Primör*) e *Valsugana* (al. *Suganertal*), e de Verona, que administrava a região de *Vallagarina* (al. *Lagertal*). A diocese de *Innsbruck*, criada posteriormente, passou a administrar a maioria das igrejas da área setentrional e central da atual região tirolesa, enquanto as dioceses de Trento (que incluía a cidade de Bolzano) e *Bressanone* continuaram responsáveis pelas terras meridionais.

*Limites do território da diocese de Trento*¹³.

Do ponto de vista político, era extremamente estratégica para o império a instituição de principados episcopais, com religiosos eleitos pelo próprio imperador para a função de príncipes, não havendo sucessão sanguínea. Uma vez que os príncipes-bispos deviam obediência ao imperador e ao papa, garantia-se a unidade territorial e

¹³ MAPA: nosso.

evitavam-se disputas familiares¹⁴ em terras importantes do império. Ainda que fosse constante a germanização daquela região, os territórios das dioceses mantinham uma maior ligação com o mundo latino, fato que garantiu a sobrevivência de falares de origem latina em vários vales do território tirolês.

O vale do Rio Ádige (al. *Etschtal*) constituía-se na principal rota de passagem pelos Alpes Centrais, unindo Roma às terras alemãs. A maior parte desse território alpino estava sob controle da diocese de Trento e, daí, entende-se sua maior importância e prestígio quando comparada à diocese de *Bressanone*. Das oitenta vezes que os imperadores atravessaram os Alpes, quarenta e cinco o foram através dos vales dos rios Ádige e Isarco (al. *Eisack*), dominados pela diocese tridentina.

Estava, assim, garantida a passagem livre através do vale e dos Alpes; por ali deveria passar o nobre germânico eleito pela Dieta Imperial em seu trajeto até Pávia, para receber a coroa da Itália e, então, seguir viagem até Roma e ser coroado imperador do sacro império pelas mãos do papa.

Dentro do regime imperial, aos príncipes-bispos não era permitido possuir organização militar¹⁵ nem aplicar penas capitais¹⁶ em casos de crime ou guerra. Para tanto, os príncipes-bispos deviam recorrer a outros feudos e chamar (*advocare*) feudatários de sua confiança, que garantissem a proteção territorial das dioceses. O termo *advogado* era usado para designar o nobre responsável pela proteção militar das terras das dioceses de Trento e *Bressanone*, que contavam com o auxílio de nobres senhores locais, de antiga estirpe germânica, como os Andechs e os de Greifenstein. Até então, aquela região montanhosa era simplesmente denominada *terra in montibus* (al. *Land in Gebirge*), ou seja, “terra entre as montanhas”.

Os Andechs, senhores do condado de Apiano (al. *Eppan*), foram advogados de Trento até aproximadamente 1130. Formavam uma família poderosa, com terras na Baviera, Francônia, Carníola, Dalmácia e Croácia. Foram os Andechs que, em 1180, fundaram a cidade de *Innsbruck*, futura capital tirolesa (MATTEI, 1990: 124). Mas foram os membros de um ramo familiar aparentado aos Andechs que passaram a exercer a função de advogados poderosos: os Tirol, família de origem bávara cujo poder se emancipou por volta do ano 1100, a partir de seu condado situado em *Val Venosta* (al. *Vintschgau*), nas imediações da cidade de *Merano* (al. *Meran*).

¹⁴ Contudo, algumas famílias da região tiveram vários de seus membros eleitos para o capítulo de Trento.

¹⁵ *Der Pfaffe ist nicht werhaft* (“o pastor não é munido de arma”).

¹⁶ *Ecclesia non sitit sanguinem* (“A Igreja não tem sede de sangue”).

Aparentados aos Andechs, os Tirol se estabeleceram no alto da montanha na qual atualmente ainda existe o antigo Castelo Tirol (al. *Schloß Tirol*; it. *Castello Tirolo*), sua antiga morada medieval. Resquícios de antigas igrejas românicas foram encontrados naquele local, indicando tratar-se de uma área que sofreu modificações arquitetônicas no decorrer da Alta Idade Média. O castelo, tal como se encontra atualmente, findado em meados do século XIV, sucedeu uma antiga e mais modesta construção, formada por uma torre ao lado de uma pequena área coberta.

A origem do nome *Tyrol* remonta ao período anterior à dominação romana. O radical indo-europeu *tir-* significa “terra” ou “território” e provavelmente tem a mesma origem que *Teriola*, topônimo de provável origem ilírica referente à uma fortificação rética conquistada pelos romanos entre os séculos V e IV a.C. e posteriormente rebatizada como *Teriolis*. Em 799, é registrada como *Cyreolum* e atualmente é chamada *Zirl*. Na região de *Merano*, o topônimo conservou a forma original, evoluindo para *Tiralis*. No canto XX da Divina Comédia, Dante cita a região de *Tiralli* ao tratar do Lago Benaco (it. *Lago di Garda*), território no qual se encerra o domínio alemão:

"*Suso in Italia bella giace un Laco, “Na bela Itália há um lago,
a piè dell'Alpe che serra Lamagna ao pé da montanha que finda a Alemanha,
sopra Tiralli, ch'ha nome Benaco.” sobre o Tirol, que tem por nome Benaco”*¹⁷.

Foi o conde Alberto III (Albrecht III) que utilizou pela primeira vez o título de “conde de Tirol”, dando início à dinastia que dominaria toda aquela região alpina, cuja *sede* se tornou o castelo de Tirol. Bisneto do conde Alberto I de *Vintschgau* (? – 1078), filho de Adelaide de Andechs e aparentado ao príncipe-bispo de Trento, Alberto III foi entre 1140 e 1165 (ano de sua morte) um poderoso advogado do principado episcopal tridentino, exercendo também a função de *podestà* de Trento, o mais alto cargo civil das cidades da Itália setentrional durante o período medieval.

Os Tirol passaram a ter maior controle militar e administrativo sobre as terras das dioceses, expandindo as terras de seu condado. Em 1236, o Imperador Frederico II, procurando diminuir o poder temporal dos bispos, instituiu maiores direitos ao conde Alberto IV de Tirol (bisneto de Alberto III), que reforçou o poder de sua linhagem ao casar a filha Adelaide com o poderoso conde Meinardo III de Gorizia (Meinhard von Görz) e sua outra filha, Elisabete, com Oto de Andechs, advogado do Principado

¹⁷ Tradução nossa. Benaco é o antigo nome latino para o *Lago di Garda* (do germânico *Garda* = jardim).

Episcopal de *Bressanone*. Pactuando com ambos um direito legítimo de sucessão, Alberto IV garantiu aos futuros netos o direito hereditário sobre as terras dos genros. A região “germânica” do Tirol passava a ter sempre maior contato com as terras “latinas”, cuja influência sobre aquela ao longo dos séculos seria constante.

Após o assassinato de Oto de Andechs, em 1248, Alberto IV tornou-se definitivamente detentor dos feudos da família do genro e do direito único à advocacia sobre as terras do Principado Episcopal de *Bressanone*, que compreendia boa parte das terras da atual porção setentrional do Tirol (incluindo a cidade de *Innsbruck*). Desde 1190, Alberto IV exercia a função de advogado de *Bressanone* e a manteve até 1253, ano de sua morte. O ano de 1248 é considerado o “ano de nascimento” do Tirol, pois aparece pela primeira vez a denominação *dominium comitis Tyrolis* (MATTEI, 1990, p. 124-125), indicando todo o domínio do condado que se estendia sobre boa parte das terras ao norte dos principados episcopais, incluindo a cidade de Bolzano e a região de Engadina (hoje suíça); além destes, havia também o direito sobre o condado de Gorízia, que dominava quase que todo o território do atual Tirol do Leste (al. *Osttirol*).

Após a morte de Alberto IV, o condado dos Tirol foi “dividido” entre dois ramos familiares: Mainardo III de Gorízia, que havia se casado com Adelaide, recebeu as terras meridionais e assumiu o título de Mainardo I de Tirol-Gorízia (Meinhard I von Tirol-Görz), e o conde bávaro Gebhard de Hirschberg, segundo marido de Elisabeth (viúva de Oto de Andechs), assumiu a parte setentrional do condado.

Com a morte de Mainardo I de Tirol-Gorízia, ocorrida em 1258, assumiu seu posto o filho Mainardo II, considerado o grande “artífice” do Tirol, porque ampliou consideravelmente os domínios de seu condado, unindo-o novamente sob um único regente. Como advogado do bispo de Trento, Mainardo II assumiu o governo de quase todo o território do principado episcopal tridentino, além daquele de *Bressanone*. Através de manobras políticas, aproveitou-se do momento delicado de falta de poder no sacro império, conhecido como “entre reino” (1250 – 1273), e ampliou seu poderio na região. Era amigo do futuro imperador, Rodolfo I de Habsburg, e não encontrou problemas para centralizar no governo do condado todos os territórios administrados com diferentes títulos (vassalo, protetor e governador).

Em 1271, sob o governo de Mainardo II, aparece pela primeira vez a denominação *Herrschaft Tirol* (“senhoria do Tirol”) e uma sutil – mas importante – mudança determina os rumos da história do condado, que não era mais o condado *dos* Tirol, mas o condado *do* Tirol, unificado em um pacto de “eterna união” com os

principados episcopais de Trento e *Bressanone* (*Confoederatio Tyrolensis*). Mainardo II refutou todas as reações políticas e militares que chegaram da Baviera e de Verona e transformou todo o território do condado e dos principados episcopais em um pequeno estado semi-autônomo, forte e garantido em um conjunto de leis internas. O condado do Tirol passou a ter um representante direto em Roma, junto ao papa, e conquistou grande respeito junto aos demais príncipes eleitores do sacro império.

Formação do estado do Tirol, de 1150 até 1803¹⁸.

¹⁸ MAPA: www.grupotiro.com

Os filhos de Mainardo observaram fielmente o juramento feito ao pai de não dividir o condado após sua morte, mas de governá-lo unidos. Restando herdeiros somente ao filho Henrique de Tirol, a dinastia de Mainardo pareceu sucumbir quando seu único neto, Leopoldo de Tirol, faleceu ainda jovem. Henrique ainda veria adoecer a primogênita Adelaide, restando-lhe apenas a filha Margarete, última condessa da casta tirolesa, cortejada por muitos pretendentes do sacro império¹⁹.

Em 1330, Margarete de Tirol foi dada como esposa ao príncipe da Boêmia, João Henrique de Luxemburg; eram ambos duas crianças (ela com 12 e ele com 10 anos de idade). Contudo, em 1341, Margarete renegou seu marido, acusando-o de não poder dar-lhe descendência e casou-se novamente com seu parente Ludovico de Brandenburg, filho do Imperador Ludovico, o bávaro. A reação dos Luxemburg foi imediata, assim como a do Papa Clemente VI, que excomungou o casal e considerou válido apenas o primeiro casamento. Nasce, deste episódio, o apelido *Maultasch* (boca de cera) que identificava a condessa em várias crônicas da época, criticando sua atitude.

Unido à história pessoal de Margarete, o destino do Condado do Tirol tomaria um rumo político do qual jamais se desvincularia. Dentre a ampliação das concessões cedidas pela diocese tridentina ao condado tirolês estavam o direito hereditário (inclusive com sucessão por via feminina), a nomeação de um capitão para a cidade de Trento e direitos governativos que permitiram aos condes ter seus próprios feudatários. Do segundo casamento de Margarete *Maultasch*, nasceu Mainardo III, que se casou com Margarete de Habsburg, filha dos duques da Áustria. Contudo, Mainardo III faleceu em 1363, ainda jovem e sem herdeiros.

Viúva do segundo marido e sem nenhum sucessor legítimo para assumir o condado tirolês, a condessa Margarete se transferiu para Viena e assinou um decreto passando o direito do condado tirolês para Rodolfo IV de Habsburg. Os bispos de Trento e *Bressanone* investiram Rodolfo IV conde do Tirol, que confirmou as terras da diocese tridentina em troca de um acordo de “fidelidade eterna” aos condes tirolese. Rodolfo IV permitiu a residência do bispo de Trento no Castelo de Buonconsiglio e, com uma política de boas relações com os duques da Áustria, os condes do Tirol ampliaram poderes contratuais e benfeitorias que culminaram, sempre através de casamentos, com o domínio completo dos Habsburg naquela região.

¹⁹ Não por sua beleza, pois, segundo consta, não era em nada atraente, mas pelo prestígio que o condado do Tirol havia conquistado.

Os duques da Áustria já exerciam influência no Tirol com um ramo secundário da família. Originalmente condes de *Habichtsburg* (posteriormente *Habsburg*), descendiam de antiga família outrora residente no homônimo castelo, localizado na Suíça. Assim como os Tirol, os Habsburg ampliaram gradativamente seus domínios no território austríaco a partir do século XII. Em 1273, foi coroado imperador do Sacro Império Romano-germânico Rodolfo I (1218 – 1240?), fundador da dinastia imperial austríaca, pondo fim ao intervalo de mais de duas décadas tão proveitosas de trono vacante ao conde Mainardo II do Tirol. Em 1278, com a derrota e morte do Rei Otocar II da Boêmia (1230 – 1278) durante a batalha de *Dürnkrut*, Rodolfo I recebeu os ducados da Áustria e da *Estiria* (al. *Steiermark*; lat. *Styria*), que cedeu em feudo a seus filhos. Sucedido por seu filho Alberto I (1255 – 1308), em 1298, houve grande instabilidade no império. Alberto I foi assassinado e os Habsburg foram afastados da sucessão imperial pela Casa de Luxemburg.

Quando da Bula de Ouro (constituição selada a ouro, dada pelo soberano do Sacro Império e que fixava os sete príncipes que elegiam o imperador) em 1356, os Habsburg sequer participavam do grupo de eleitores e, no mesmo período, a Confederação Helvética (iniciada em 1291) ameaçava suas antigas terras originais na Suíça. Através de acordos, os Habsburg adquiriram a Carníola (al. *Krein*) em 1335, o Tirol em 1363, parte da Ístria, em 1374, e Trieste, em 1382, consolidando o ducado da Áustria, base territorial de seu futuro poder imperial.

Com o fim da dinastia dos Luxemburg, os Habsburg recuperaram a coroa imperial com Alberto II (1397 – 1439) e, a partir desta época, praticamente todos os imperadores do Sacro Império Romano Germânico eram membros da Casa da Áustria (GIRARDI, 2008). Disso, resulta que as dioceses de Trento e *Bressanone* formavam com as terras tirolesas o Condado Principesco do Tirol (it. *contea principesca del Tirolo*; al. *Gefürstete Grafschaft Tirol*), cuja proteção era responsabilidade direta do conde do Tirol, ou seja, do próprio imperador do sacro império. A capital do condado era a cidade de *Merano* (lat. *Mairanium*; al. *Meran*), sede familiar dos condes, fundada em 857. A partir de 1490, com a ascensão dos Habsburg, todo imperador do Sacro Império Romano Germânico era duque da Áustria e conde do Tirol.

Com a expansão política e comercial da República de Veneza, os vales meridionais do principado de Trento passaram a despertar maior interesse. Na década de 1410, o conde de *Avio*, antigo feudatário do bispo de Trento, já estava sem herdeiros e não queria deixar seus domínios para o bispo de Trento ou para os condes do Tirol; o

conde decidiu, então, que doaria parte de suas terras ao doge de Veneza, com quem mantinha boas relações comerciais e era aparentado. Sua opção foi legitimada em um documento e desestabilizou a política austríaca na região tiroleza, dando início a um domínio vênето na região que durou praticamente um século, de 1416 a 1509.

Documentos da época não relatam grande agitação por parte da população local à época da “troca de governo” e tudo leva a crer que a administração vênета trouxe alguns benefícios para a parte meridional do Vale do Ádige (incluindo *Rovereto*), *Vallagarina* e *Vallarsa*. Certo é que o domínio de Veneza contribuiu indiretamente para a difusão do dialeto vênето na região e para a diminuição no uso do alemão, sobretudo entre *Vallagarina* (al. *Lagertal*) e *Vallarsa* (al. *Brandtal*). Todavia, com o Tirol “dividido” entre Áustria e Veneza, a diocese de Trento procurou obter ajuda do Ducado da Áustria e retomar a posse das terras. Vários bispos, tais como Georg Hack, Johann Hinderbach e Uldarich Frundsberg procuraram auxílio junto aos condes tirolezes e aos imperadores do Sacro-Império.

Com a nova “ascensão” dos Habsburg no trono imperial, o condado tirolês pôde finalmente concentrar suas forças para reocupar a região dominada. Em 1487, o exército tirolês partiu em direção a *Volano* contando com mercenários suíços e alemães, além de alguns soldados enviados pelo imperador Sigismundo. No “confim” do domínio vênето no Tirol, o exército avançou até se encontrar com as tropas vênетas (em maior número), lideradas por Roberto di Sanseverino. Uma sangrenta batalha ocorreu em *Calliano*, com perdas para ambos os exércitos, mas resultando na vitória austríaca. Sanseverino foi respeitado por tirolezes e vênетos por sua bravura durante as batalhas e decidiu-se que seria sepultado na catedral de Trento, onde até os dias de hoje é possível ver uma coluna funerária com uma escultura do comandante veneziano. Poemas de cavalaria da época narram a luta do filho de Roberto de Sanseverino com um cavaleiro tirolês, ocorrida em frente ao Castelo *Pietra*, próxima a *Calliano*; no instante em que fora mortalmente ferido pelo cavaleiro, o jovem s pela irmã de seu oponente que assistia a batalha.

1.4. O PERÍODO RENASCENTISTA E O CONCÍLIO DE TRENTO

O acontecimento histórico que tornou célebre a cidade de Trento foi, sem dúvida, o concílio da Igreja Católica que ali ocorreu entre 1545 e 1563. Tratava-se da resposta católica à Reforma iniciada por Martinho Lutero e se propunha a uma

conciliação com os protestantes, promovendo uma profunda reforma no interno da Igreja de Roma. Entretanto, teria sido a Reforma protestante apenas o resultado do descontentamento de setores do clero germânico frente ao abuso dos bispos e do alto clero de Roma? Em suas primeiras publicações, Lutero levantou voz em defesa do papa que, segundo o reformador, não conseguia fazer chegar sua autoridade às dioceses que se deleitavam no abuso de poder e indulgências.

Os motivos que ocasionaram a reforma de Lutero não foram de caráter puramente teológico, nem tal revolução promovida no interno da Igreja “alemã” e do império se deveu por discussões teológicas ou problemas clericais. Até o começo do século XV, a constituição e as leis do império estavam ainda desorganizadas e muitas regras referentes à atuação da nobreza mudavam a cada nova eleição, já que cada imperador as aplicava segundo seus próprios interesses.

Os imperadores Sigismundo de Luxemburg e Frederico III de Habsburg passaram a ignorar a regra que estabelecia seu transferimento para as velhas terras imperiais e habitaram suas terras natais, deixando “vago” o lugar do imperador na assembleia dos nobres (al. *Hoftag*). Duques e condes guerreavam entre si, de modo que a antiga assembleia real (al. *Reichstag*) estava enfraquecida, praticamente inexistente.

Também a Igreja enfrentava uma grande crise, com conflitos de papas e antipapas que só se resolveu entre 1414 e 1418, após o Concílio de Constança. No campo teológico, Roma teve de combater o movimento iniciado pelo boêmio Jan Hus (1369 – 1415), inspirados nas reformas de John Wycliffe (1328 – 1384) e Pierre Vaudès (1140 – 1218) e que, posteriormente, influenciariam Martinho Lutero em sua reforma. O conceito medieval do *Corpus christianum* unificado sob a égide do papa e do imperador era colocado constantemente em dúvida, gerando discussões que visavam “refazer” os costumes segundo modelos “originais” (lat. *re-formare*).

Nesse sentido, a reforma protestante também foi uma *reação* – a reação germânica ao mundo latino e aos costumes ditados por Roma. Era uma resposta que se contrapunha ao mundo para o qual a estrutura do governo germânico se via *moralmente* dependente (COTTRET, 1995), mas não só ele se pensarmos, por exemplo, no que promoveu Calvino no mundo francófono.

Certo é que, no interno do sacro império, o prestígio romano do passado clássico impunha aos governantes germânicos uma obrigação mais do que política; tratava-se, na verdade, de uma verdadeira questão moral um tanto quanto inconsciente que os “obrigava” a estar à altura da antiga Roma. A figura do papa, também herdeiro desse

prestígio de outrora, contrapunha-se, de certo modo, ao do “dominador” germânico, obrigando-se a não permitir que toda a glória do passado se diluísse no governo de “bárbaros”. Tratava-se, portanto, de um paradigma, um verdadeiro choque de mundos do qual não se desvinculavam a moral judaico-cristã, a tradição clássica e as leis e governo germânicos. Desse contexto que se moldou na Idade Média e adentrou os séculos que se seguiram, formaram-se as bases do que se conhece por Europa.

Não fosse a reforma também uma reação germânica, a quase imediata adesão de príncipes, nobres e clérigos germânicos ao pensamento protestante sequer ocorreria. Havia algo de mais profundo, de mais intrínseco, que motivou o mundo germânico a se rebelar contra a voz de Roma. Mas a resposta católica da contrarreforma chegaria tarde demais e muitos nobres, clérigos e judeus já haviam tirado grandes proveitos com a reforma. Terras da Igreja já haviam sido confiscadas e muitos entenderam que a reação de Roma só poderia ocorrer, primeiramente, com argumentos baseados na fé, excomunhões, ou, em caso de guerras, com o auxílio de nobres católicos que agissem em defesa do papa. Como promover guerras no interno de reinos governados por uma nobreza germânica aparentada e que tinha muito maior interesse em ampliar domínios por meio de casamentos e heranças?

E não poderia ter a Igreja Católica escolhido melhor lugar que a cidade de Trento, no interno da região do Tirol, para promover aquele que deveria ser o *concílio da reconciliação*. Ali, no “encontro das águas”, onde os mundos germânico e latino se fundem, deveria ressoar a voz da ortodoxia católica. Poucos anos antes, o príncipe-bispo de Trento, Bernardo Clesio (Bernhard von Glöss), considerado um dos mais importantes humanistas do Renascimento, havia promovido uma modernização da cidade, influenciada pela arquitetura das cidades-estado italianas e que trouxe “novos ares” à velha e germanizada *Trient*.

Mas as ideias protestantes também chegaram ao Tirol. A autoridade episcopal de Bernardo Clesio foi colocada em dúvida durante uma revolta camponesa conhecida por “guerra rústica” (al. *Bauernkrieg*), liderada por Michael Gaismayr (1490 - 1532), oriundo de Vipiteno (al. *Sterzing*) e filho do ex-secretário do príncipe-bispo de *Bressanone*. Gaismayr havia entrado em contato com as ideias radicais anabatistas de Feliz Mantz e Blaurock Jorg, mas foi a guerra camponesa nas terras alemãs liderada por Thomas Müntzer (findada com a batalha de Frankenhausen, que contou com auxílio de tirolese) que o influenciaram profundamente. Além dele, também Peter Passler

instigou camponeses e mineradores a saquear *Bressanone* e Neustift, tendo sido auxiliado por Gaismayr.

Contudo, Gaismayr não lutava somente contra a Igreja, mas contra a figura do próprio imperador Ferdinando I de Habsburg (1503 – 1564), que tentou apaziguar a situação convidando-o para fazer parte da dieta regional de *Innsbruck*, em 1525 (SPRINGENSCHMIED, 1980; BALDI, 2005). Preso por alta traição, Gaismayr fugiu para a Suíça, iniciando ali uma nova revolta que continuou em terras tirolezas, mas que gradativamente perdeu forças, uma vez que se propunha à abolição total do catolicismo. Posteriormente, refugiou-se com alguns seguidores na República de Veneza, então em guerra contra os Habsburg e tentou, em vão, convencer o doge Andrea Gritti (1523 – 1538) a iniciar uma guerra no Tirol através da cidade de Rovereto (al. *Rovereit*, *Rofreit*). Em Pádua, o líder da revolta camponesa foi morto por dois soldados venezianos que queriam receber a recompensa prometida pelo Imperador Ferdinando I.

É importante compreender que a difusão das ideias protestantes e a circulação de textos protestantes escritos em alemão entre a população germanófono do Tirol, sobretudo nas terras dos principados episcopais, influenciou sobremaneira a difusão da língua italiana na região trentina, pois se tratou de uma “resposta” da diocese tridentina que procurou diminuir o uso do idioma teuto em favor daquele latino (italiano). É desse período o início da “italianização” total de vários vales da região trentina e da italianização de antigos sobrenomes germânicos presentes nesses vales²⁰.

A bula papal *Laetare Jerusalem*, de 19 de novembro de 1544, confiava ao concílio a condenação dos erros no campo da fé, a reintegração da unidade da Igreja romana com retorno dos dissidentes, a reforma do rito latino da missa, a condenação e reforma dos abusos do clero e a cruzada defensiva contra a invasão dos turcos. O concílio não contou com a presença do papa, mas de seus representantes, entre eles o cardeal Del Monte, nuncio que deu início aos trabalhos. Ao todo foram vinte e cinco sessões, as primeiras realizadas em Trento, duas em Bolonha por causa de uma epidemia de tifo para, então, ser suspenso o concílio. Em 1551, o concílio foi retomado em Trento por Del Monte, já Papa Júlio III e seguiu até 1552, quando foi novamente interrompido por causa das complicações políticas na Europa; em 1560, o concílio foi retomado em Trento após a convocação do Papa Pio IV. As nove sessões

²⁰ Diferentemente do que ocorreria nos séculos XIX e XX, a italianização de sobrenomes se deu muito mais por razões religiosas que nacionais, até porque os conceitos nacionalistas que motivaram essa ação por parte do Reino da Itália sequer existiam como tal na época renascentista.

deste terceiro período resultaram no maior e mais importante número de decretos sobre a fé e funcionamento das instituições religiosas. As atas do concílio foram assinadas por 225 presentes e, após a recitação das aclamações ao papa e ao imperador, se finda o concílio em 26 de janeiro de 1564 com a aprovação papal sem propor alterações.

Após o Concílio de Trento, o Sacro Império passou a assumir cada vez mais o encargo de “defensor da fé católica”. Seus dirigentes, membros da Casa de Habsburg, eram considerados “defensores da Igreja”, cuja imagem era também propagada pelo clero. Durante os séculos que se seguiram, a Casa da Áustria manteve uma política de culto da família, estreitamente ligada à *missão histórica* dos Habsburg, que garantiria a indivisibilidade do império baseada no governo hereditário e na defesa da fé católica.

Em diversas localidades do Norte da Itália, a introdução da Contrarreforma determinou uma inversão da tendência anterior que optava por difundir o idioma germânico. Após o concílio, as igrejas passaram a utilizar somente a língua “italiana” e limitando gradativamente o uso do alemão em locais públicos. Essa estratégia pretendia garantir maior controle da Igreja sobre a população daquelas regiões, uma vez que as publicações protestantes se espalhavam por várias regiões do império. No Principado Episcopal de Trento não foi diferente e, após o concílio, houve significativa diminuição do uso do idioma alemão nos sermões e cultos, além da substituição daquele pelo italiano nos documentos da diocese. Em diversos vales, o clero não promovia mais o uso do alemão, passando a utilizar-se quase que exclusivamente do latim e do italiano.

Outro acontecimento importante foi a coroação do Imperador Maximiliano I de Habsburg, ocorrida em 1508 na cidade de Trento. Filho de Frederico III, nascido no Tirol, e da nobre portuguesa Eleonora de Aviz, Maximiliano teve uma vida curta, mas bastante intensa, que lhe garantiu o título de “o último cavaleiro” (GIRARDI, 2008), porque também representou em si a transição do mundo medieval para o renascentista.

O Arquiduque Sigismundo de Habsburg, último membro do *ramo tirolês* da família, acabou por ceder o controle do Tirol ao Imperador Maximiliano, que herdou também as ricas minas de prata existentes na cidade de *Schwaz* e as excelentes relações financeiras com os banqueiros da família Fugger, oriunda de Augsburgo, sem as quais Maximiliano não poderia promover suas guerras e a expansão do sacro império. Maximiliano assumiu o controle de regiões inteiras pelo simples fato de ter sido coroado no período em que muitos ramos cadetes da nobreza austríaca se extinguíram por falta de herdeiros. Com os casamentos entre parentes, o número de problemas genéticos nas famílias da nobreza austríaca era também considerável.

Aquila Tirolensis (1609), com os brasões das cidades do Tirol²¹.

É do século XVII o célebre mapa do Tirol encomendado pelo Imperador Maximiliano I ao pintor e cartógrafo Mathias Burgklehner, intitulado *Aquila Tirolensis* (“águia tiroleza”). O mapa representa o território tirolês e dos principados no formato da águia de Trento, indicando sua união com a Casa d’Áustria.

Esse período marca também a transferência da capital tiroleza de *Merano* para *Innsbruck* e a construção da residência imperial nesta cidade, com seu pitoresco telhadinho de ouro (al. *goldenes Dachl*). Dos dois casamentos de Maximiliano – o

²¹ Entre os brasões das cidades do Tirol, estão aqueles das cidades trentinas de Trento (*Trient*), Rovereto (*Rofreit*), Riva (*Reif*) e Arco (*Arch*). Imagem: www.schuetzen.com

primeiro com a bela princesa francesa Maria de Borgonha, seu único e verdadeiro amor, e o segundo com Claudia de Medici, filha do poderoso duque de Milão –, foram gerados filhos que lhe serviram praticamente como instrumentos políticos, cujos resultados podem ser considerados desastrosos. No entanto, o “último cavaleiro” estabeleceu novos padrões na administração imperial e das cidades, enfrentando forte oposição de príncipes eleitores e promovendo guerras para manter a unidade do sacro império.

1.5. O SÉCULO XVIII E AS REFORMAS POLÍTICAS DA ÁUSTRIA

A política de “unificação” tiroleza, cujas *raízes* encontram-se em Mainardo I, foi bastante propagada pelos Habsburg, apesar da resistência de membros do clero, sobretudo tridentino, ao qual pertencia a maior parte do território *italiano* do Tirol.

Os Habsburg também encontraram oposição dos meios influenciados pelo pensamento iluminista, com destaque para Clementino Vanetti (1754 – 1795), nascido em Rovereto²², autor de sonetos e prosas em latim e italiano.

Apaixonado pela língua latina, Vanetti desprezava a língua alemã e, em um de seus sonetos, descreve os habitantes o Tirol e seus habitantes com estereótipos, no mínimo, contestáveis:

*Dal Tirolo al governo, o Morocchesi
fur queste valli sol per accidente
fatte suddite un dì, del rimanente
Italiani noi siam non tirolesi:
e perchè nel giudizio dei paesi
tu non sbagli sulla losca gente,
una regola certa io qui ti stesi.
Quando in parte verrai dove il sermone
trovi in urli cangiato, orrido il suolo,
il sole in capricorno ogni stagione,
di manzi e carrettieri immenso stuolo,*

Ao governo do Tirol, ó *Morocchesi*
passaram estes vales, só por acidente
feitos súditos um dia, mas de resto
italianos somos, não tiroleses:
e para que no juízo dos países
tu não erres pela falsa gente,
uma regra certa eu te coloco.
Quando em terra estiveres onde o sermão
surge em gritos, duro o solo,
o sol em capricórnio a cada estação,
de novinhos e carreteiros, imenso paiol,

²² Seus pais, Giuseppe Valeriano Vanetti e Bianca Laura Saibante, foram também fundadores da renomada *Accademia Roveretana degli Agiati*, de notório caráter iluminista, fundada na cidade de Rovereto e oficializada pela Imperatriz Maria Teresa d’Áustria. Cfr. <http://www.agiati.org>

*i tetti aguzzi e tonde le persone,
allor di francamente ecco il Tirolo.*

os tetos agudos e redondas as pessoas,
então, sem dúvida, eis o Tirol²³.

Essa rinha *étnica*, ora justificada com argumentos políticos, ora com argumentos sobre a diferença de língua e costumes, foi a semente das futuras disputas nacionalistas que surgiriam nos séculos seguintes, ocasionando guerras e divisões.

Vanetti encontrou resistência a seu radicalismo até entre estudiosos e geógrafos italianos, que continuaram a considerar como legítima terra tirolesa os domínios do principado episcopal tridentino. Enquanto isso, a política de casamentos austríaca garantia a unidade imperial, com presença de membros da Casa d'Áustria, ou seja, dos Habsburg em quase todas as casas reais da Europa: *bella gerant alii, tu felix Austria nube* (“guerra fazem os outros; tu, feliz Áustria, casa-te). Tal política permitiu a chamada *pragmática sanção*, lei que estabelecia, na falta de sucessores homens, a herança monárquica às mulheres – uma lei que ia muito além dos padrões medievais.

Dessa estratégia política austríaca resultou o reinado de Maria Teresa de Habsburg (1717 – 1780), que se destacou na Europa pela modernidade das suas reformas institucionais, bem como pela influência de seus costumes palacianos. Tratava-se de um regime monárquico absolutista, mas que implantou medidas governamentais importantes como a instituição do ensino básico aos seus súditos²⁴, ocorrida em 1774 e que assegurava um acordo com a Igreja, encarregada de proporcionar o ensino básico em troca do ensino religioso.

1.6. AS INVASÕES NAPOLEÔNICAS E A REVOLTA TIROLESA

Quando das invasões francesas sob o comando de Napoleão Bonaparte (1769 – 1821) no território austríaco, iniciadas em 1796 na região do principado tridentino, o Sacro Império Romano-Germânico formou uma coligação com as potências da Prússia, Inglaterra e Rússia para proteger seu território do avanço francês. Os ecos da revolução ocorrida na França ressoavam por toda a Europa e era natural a preocupação dos monarcas absolutistas, já que os ocorridos da França poderiam ser o estopim de novas

²³ Tradução nossa.

²⁴ Essa política se refletiu, inclusive, durante a imigração, pois os imigrantes tiroleses de língua italiana (então austríacos) eram alfabetizados, diferentemente da maioria dos imigrantes italianos.

revoluções. Apesar do poderio naval britânico e do contingente austríaco, prussiano e russo, a coligação não conseguiu impedir o avanço francês que contava com o auxílio de nações dominadas por Napoleão ou aliadas, como o Reino da Baviera. A Áustria sucumbiu em 1805 durante a batalha de *Austerlitz*; a vez da Prússia foi em 1806 e da Rússia em 1807.

Embora no interno do já enfraquecido Sacro Império, o Reino da Baviera era totalmente autônomo. A paz de Vestfália, firmada em 1648, acabou com a guerra dos 30 anos, dando a vários territórios uma autonomia quase completa perante o imperador em Viena. Com o acordo, a Confederação Helvética, cuja independência remete ao ano de 1499, e a Holanda Setentrional abandonaram definitivamente o sacro império. A Casa de Habsburg mantinha o prestígio do título imperial, mas sua política estava voltada para as terras de seu domínio direto e hereditário, de modo que aos estados constituintes havia apenas a restrição de não formarem alianças contra o imperador.

Dominada pela França e sem o apoio dos vizinhos reinos da Baviera e da Itália, a Áustria não teve como resistir. O imperador Francisco II do Sacro Império Romano-Germânico – a partir de 1804, Francisco I da Áustria – abdicou da coroa do sacro império, dissolvendo-o em 1806. Após ter dado fim ao império e aos principados episcopais, Napoleão procurou unir-se em matrimônio à princesa austríaca Maria Luisa, no intuito de estabelecer uma “paz definitiva” entre França e Áustria, ampliando seus domínios na esfera da Casa de Habsburgo. Ainda que correspondido pela nobre austríaca, Bonaparte era já casado com Josefina e encontrou forte resistência papal. O cardeal Fesch, tio de Napoleão e com uma política dupla que consistia em subserviência ao império e obediência ao papa, concedeu uma bênção pessoal ao segundo casamento, mas não anulou o antigo matrimônio. Em 1809, Napoleão ordenou a prisão do Papa Pio VII, que o excomungou imediatamente.

Com a Paz de Pressburgo (1805), houve grande descontentamento na região tirolesa por causa da ameaça bávara. Napoleão soube manipular a situação, conhecendo o antigo interesse bávaro pelo Tirol e estabelecendo um acordo que cedia o condado tirolês ao reino bávaro em troca de apoio militar contra a Áustria. Era sabido que a Baviera sempre procurou obter o controle do Tirol, cuja nobreza aparentava-se à sua, mas isso não ocorreu no período medieval por causa do controle político dos Habsburg que uniu as terras tirolezas ao ducado austríaco.

Com as tropas bávaras ao Tirol, a nova administração tratou imediatamente de introduzir ideias francesas de inspiração iluminista (MATTEI, 1990; EGG, 2000),

encontrando apoio de algumas camadas da burguesia e nobreza locais. O príncipe-bispo de Trento, Peter Vigil Thun (1724 - 1800), fugiu para o exílio antes mesmo da chegada das tropas franco-bávaras, e *Innsbruck* foi rapidamente dominada.

No entanto, a notícia da excomunhão de Napoleão havia se espalhado pela Europa e, no Tirol, gerou um ferrenho ódio popular contra a ocupação francesa. A decisão papal chegara como um *chamado* à resistência que, na verdade, já dava indícios de estar prestes a se iniciar. O clero local reforçou na população o antigo sentimento de que a nação austríaca, na qualidade de herdeira do legado histórico do Sacro Império, era também defensora legítima da fé católica, mas foi no conservador Tirol que uma rebelião tomaria proporções maiores.

A população tirolesa, fortemente apegada ao clero e à coroa austríaca, reagiu ao domínio bávaro com uma rebelião que marcou a queda do domínio napoleônico na Europa. Durante o século XVIII, missionários jesuítas influenciaram profundamente os hábitos e costumes da população tirolesa, difundindo a devoção ao Sagrado Coração de Jesus (al. *Jesu-Herz*, it. *Sacro Cuore di Gesù*) e consagrando toda a região tirolesa e dos principados episcopais em “terra santa do Tirol” (al. *heiliges Land Tirol*); esses dois acontecimentos são extremamente relevantes para se compreender os ânimos da época, a aversão popular tirolesa às ideias iluministas trazidas com a invasão franco-bávara e a forte oposição do clero local contra as novas administrações eclesiásticas que se seguiram nos séculos XVIII e XIX (HORMAYR, 1817; BERTOLUZZA, 2010).

A luta armada tirolesa surgiu de uma iniciativa popular contrária ao domínio bávaro e só foi possível graças à existência de grupos armados de proteção (al. *Schützen*; it. *Sizzeri*; lad. *Scizer*), formados por atiradores voluntários de diversas origens (nobres, artesãos, comerciantes e camponeses) organizados em companhias existentes por todo o território tirolês. A origem da instituição paramilitar remonta ao século XIV, quando o conde do Tirol recrutava homens para a defesa das dioceses; Mainardo II havia concedido terras a título de feudos hereditários a cavaleiros que compunham a guarda tirolesa. No século XVI, o Imperador Maximiliano de Habsburg, a pedido do príncipe-bispo de Trento, decreta o *Landlibell*, um conjunto de regras militares que, em caso de guerra, obrigava os tiroleses a lutar somente dentro dos limites do condado, dispensando o serviço militar fora do Tirol. Embora considerados atiradores voluntários, existiam leis provinciais que estabeleciam regras para a prática do tiro (it. *bersaglio*), como a frequência junto às casernas e quantidade de tiros por ano.

Durante as primeiras tentativas de ocupação francesa no Tirol, atiradores tirolezes combateram tropas invasoras nos vales e montanhas da região trentina. Com a chegada das tropas bávaras, a nova administração procurou alistar os tirolezes no exército bávaro, sem grande sucesso. Em diversos vales formaram-se grupos de resistência, considerados criminosos pela administração franco-bávara e perseguidos. Animados pelo sentimento que podemos chamar de patriótico, as milícias tirolezas passaram a se organizar e, inicialmente, contaram com o auxílio financeiro e militar da administração austríaca.

Entretanto, faltava aos rebeldes tirolezes a figura de um líder que pudesse representar em si os anseios da população. Contrariando as conveniências da época, esse líder não saiu de nenhuma família da nobreza local, mas de uma taberna localizada na pequena cidade sul-tiroleza de São Leonardo (al. *Sankt Leonhardt in Passeiertal*; it. *San Leonardo nella Val Passiria*), próxima à cidade de *Merano*. Tratava-se de um taberneiro e comerciante de cavalos, figura carismática e singular pela grande estatura e pela longa barba negra: Andreas Nikolaus Hofer (1767 – 1810), pai de família e fervoroso católico que em pouco tempo se tornou o carismático líder da resistência popular no Tirol.

O mais jovem dos quatro filhos e único varão, Hofer viu morrer muito cedo a mãe Maria Aigentler, quando tinha apenas três anos. O pai, Josef Hofer, morreu três anos após ter contraído o segundo matrimônio com Anna Frick, ocorrido em 1772. Com apenas sete anos, o órfão *André*, como era chamado, foi criado praticamente pela irmã mais velha, Anna Hofer, e pelo cunhado Josef Grinner, que por dez anos tratou de cuidar da hospedaria da família, o *Sandhof*. Após concluir parte dos estudos primários e religiosos, foi enviado pela madrasta ao Tirol Italiano, ou seja, para a região trentina, para aprender o idioma italiano²⁵ e ganhar experiência no ofício de taberneiro.

Hofer seguiu para a cidade de Cles (al. *Glöss*), em *Val di Non* (al. *Nonsberg*); frequentou a escola e trabalhou na hospedaria da família De Miller. Ali, aprendeu o italiano e o *dialeto tirolês*²⁶ (HORMAYR, 1817; ZIEGER, 1960; PIZZININI, 1984), ou seja,

²⁵ Também chamado *welsche Sprache*. Era costume da época que jovens camponeses provenientes das áreas de língua alemã do Tirol trabalhassem durante algum período na região trentina da província, para ali aprenderem o idioma italiano; do mesmo modo, tirolezes de língua italiana eram enviados para os vales setentrionais do Tirol para ali aprenderem o alemão (costume que se manteve até o século XIX e XX entre famílias abastadas). Vale lembrar que a escola elementar alemã de Trento existiu até 1918.

²⁶ À época de Andreas Hofer e durante o século XIX, entendia-se também por “dialeto tirolês” os falares trentinos e ladinos e não somente o dialeto tirolês alemão (*Tirolerisch*), que muitas vezes era chamado simplesmente “alemão” ou “bávaro” (*Bairisch*). O termo *Welschtiroler* (“tirolês italiano”, “tirolês

o dialeto trentino. O aprendizado da língua italiana era importante para seu futuro ofício de comerciante e lhe permitia manter contato com pessoas de toda a província.

De Cles, Hofer seguiu para *Ballino*, pequeno vilarejo próximo à cidade de *Stenico* (al. *Steineg*), na região dominada pelas montanhas Judicárias (al. *Judikarien*; it. *Giudicarie*), e trabalhou por três anos na Hospedaria Armani, propriedade da família Zanini, que ficou conhecida como “hospedaria do barbudo”, referência à aparência característica de Andreas Hofer. Durante esse período, manteve contato com a companhia de atiradores de *Val di Ledro* (al. *Ledertal*).

*Andreas Hofer (monastério de São Romédio – Trento)*²⁷.

Findados os anos de experiência no Tirol Italiano (pagos com trabalho e sem remuneração), Andreas Hofer retornou para casa, encontrando a hospedaria à beira da falência. Ali, ocupou o mesmo ofício do avô e do pai, ou seja, taberneiro, retirando o

gaulês”) se referia não somente aos trentinos, mas também aos falantes do ladino dolomítico. Cfr. Hormayr (1817), Sulzer (1855), Weber (1852), Rohmeder (1908), Riccadonna (2009).

²⁷ Imagem: www.ilmondodeglischuetzen.it

comando das mãos do cunhado e da madrasta e salvando o secular negócio da família. Casou-se com Anna Ladurner em 1789, com quem teve cinco filhos. Além de cuidar da hospedaria, ocupava-se também da venda de cavalos, antigo ofício do pai. Era membro da companhia de atiradores de *Merano* e logo alcançou o cargo de comandante. Seu período à frente do grupo lhe garantiu algumas idas e vindas pelos vales tirolezes e coincidiu com o período das invasões francesas, iniciados em 1796 nas investidas francesas contra Trento (RICCADONNA, 2009).

Por ser conhecido em várias regiões tirolezas e por falar tanto o alemão como o italiano, Hofer conquistou a confiança dos rebeldes e conseguiu regementar combatentes em todas as regiões do Tirol. O levante tirolês durou um período de quatorze anos e seu significado maior não está no descontentamento popular frente à invasão estrangeira. Tratava-se de uma espécie de *contrarrevolução*, uma vez que os motivos reais se baseavam na reação conservadora, enraizada no tradicionalismo católico dos tirolezes e no espírito de autonomia regional.

A revolta contra Napoleão simbolizava uma “guerra santa”, na qual o inimigo não era somente uma ameaça estrangeira, mas assumia uma representação diabólica, contrária às leis da ordem natural e da moral cristã. Não é por menos que o levante liderado por Hofer teve seu início “oficial” com um ato religioso ocorrido em abril de 1809, ministrado pelo padre capuchinho Joachim Haspiger, considerado um dos líderes da insurreição tiroleza.

Após o ato simbólico marcado por uma missa com bênção da bandeira tiroleza – cujas cores, verde e branca, indicavam também o culto ao Sagrado Coração de Jesus, as companhias de atiradores voluntários que haviam se organizado em praticamente todos os vales tirolezes, tinham em Hofer seu “chefe supremo”. As milícias eram apoiadas pelo clero e auxiliadas por setores da nobreza austríaca, com destaque para o príncipe e arquiduque João de Habsburg (1782 – 1859), irmão do imperador Francisco I.

Entre abril e maio de 1809, os rebeldes tirolezes venceram várias batalhas locais, intimidando o exército bávaro. A cidade de Trento estava liberta e com a vitória alcançada na batalha de *Bergisel*, ocorrida em 29 de maio de 1809 nos arredores da capital *Innsbruck*, os atiradores tirolezes retomaram o controle regional das mãos dos bávaros, expulsando as tropas napoleônicas e instaurando um governo provisório que durou quase dois anos. À frente do novo governo estava o próprio líder da revolta, Andreas Hofer, intitulado “chefe supremo” da insurreição tiroleza. Esse período reforçou profundamente o sentimento de unificação política e administrativa do Tirol.

A historiografia nacionalista do século XIX, fosse ela de estampa filo-italiana ou pangermânica, procurou renegar a participação do Tirol Italiano na revolta. Os tirolezes italianos eram, em sua realidade social e linguística, um verdadeiro paradigma a qualquer reivindicação de caráter nacional. Entretanto, sabe-se que a resistência tiroleza não se fez por motivos nacionais, mas patrióticos e religiosos. Alguns cantos populares demonstram a atuação da comunidade trentina durante o levante popular tirolês:

*Venga Napoleone
venga, e noi gli daremo
a proprie spese
un lauto pranzo tirolese.*

*O infedele corsicano
tu ripeti la canzone
che le usanze del paese
che la nostra religione
resteram ferme e ilese,
son promesse alla francese!*

*Avanti, avanti, o Galli,
o bugher di Francesi,
che i fidi Tirolezi
stan pronti a guerregiar!*

*Dell'empietado o mostri
l'Italia è già ripiena,
ma cambiassi or la scena
fra i monti del Tirol!*

*Quando scacciati avremo
i Franchi e i Giacobini
non sol fuori dei confini,
ma dell'Italia ancor,*

*Ritornarem festosi
al nostro patriosuolo*

Venha Napoleão
venha, e nós lhe daremos
por conta própria
um farto almoço tirolês.

Ó infiel corso
tu repetes a canção,
que os hábitos do país
que a nossa religião
restarão firmes e ilesos,
são promessas à francesa!

Avante, avante, oh Franceses,
ó imundícia de franceses,
que os fieis Tirolezes,
estão prontos para guerrear!

Do impiedoso, oh monstros
a Itália já está cheia,
mas se altera agora a cena
entre os montes do Tirol!

Quando tivermos caçado
os francos e jacobinos
não só fora dos confins,
mas também da Itália,

Retornaremos festivos
ao nosso solo pátrio

*e tornerà in Tirol
la gioia e lo splendor!*

e tornará ao Tirol
a alegria e o esplendor!

O vitorioso líder tirolês espalhou sua fama pela Europa ao desafiar Napoleão e demonstrar que este não era, de fato, um *general invencível*. Quem o demonstrava era um homem simples, taberneiro conhecido como *capitàn barbón* (“capitão barbudo”) entre os tirolese de língua italiana (RICCADONNA, 2009). Sua rápida popularidade lhe garantiu o reconhecimento da nobreza austríaca e da Igreja, que condecorou Andreas Hofer com um colar de honra (al. *Ehrenkette*) de três mil ducados.

Napoleão mantinha forte influência no governo de Viena e obrigou o imperador austríaco a ceder definitivamente o governo do Tirol ao Reino da Baviera. O receio e o conformismo da nobreza austríaca, com sua política ambígua que não apoiava oficialmente os tirolese nem afrontava diretamente Napoleão, não interveio no Tirol com medo de represálias e foi responsável pelo enfraquecimento da insurreição. Após algumas batalhas contra as tropas bávaras (que procuravam continuamente recuperar o poder em *Innsbruck*), o governo provisório de Hofer estava enfraquecido e politicamente isolado. O líder tirolês estava debilitado. Com sucessivas derrotas e o avanço das tropas napoleônicas vindas da França, Baviera e Itália, Andreas Hofer se refugiou em sua terra natal. Várias cidades tirolese sofriam com a fome e com represálias. A derrota final culminou com a traição de um dos ex-combatentes tirolese, Josef Raffl, que entregou Hofer em troca de uma quantia em dinheiro. O líder da revolta foi capturado no refúgio de montanha da família, localizado na terra natal. Preso, seguiu para Arco, no Tirol Italiano e, dali, foi levado até Mântua para ouvir sua sentença ao fuzilamento (com ordem direta de Napoleão), ocorrido em 22 de fevereiro de 1810.

Com o fim da resistência tirolese e a morte do líder máximo da revolta, o Tirol foi dividido. A porção setentrional passou para o domínio bávaro, que a rebatizou como *Südbayern* (“Baviera meridional”), e a porção meridional passou para o Reino da Itália, rebatizada como *Dipartimento dell’Alto Adige* (“departamento do alto vale do Ádige”). A administração italiana tratou de substituir rapidamente os cargos públicos e adequá-los ao modo administrativo das cidades italianas, reforçando o já existente (ainda que modesto) clima de disputa étnica existente na região italiana do Tirol.

Em 1812, com as baixas do exército napoleônico na Rússia e as duas abdições de Napoleão após a derrota de *Waterloo*, as potências europeias retomaram o controle de suas terras. O Império Austríaco reorganizou seu governo e retomou todo o território

tirolês, sem reestabelecer o principado episcopal tridentino, pois Viena tratou de laicizar as administrações episcopais em 1813.

O último chanceler do principado episcopal tridentino, o *iluminado* Francesco Vigilio Barbacovi (1738 – 1825), que havia encontrado resistência do clero após a edição de seu código jurídico para o principado, foi um ferrenho opositor da total absorção do principado tridentino dentro da esfera política do governo tirolês em *Innsbruck*, argumentando em suas *memórias históricas* que o território trentino efetivamente jamais fez parte do Tirol, embora estivesse confederado com aquele durante séculos (MATTEI, 1992).

Embora omissos durante a revolta tirolesa, o governo vienense difundiu na figura de Andreas Hofer o protótipo do *herói nacional* que saiu em defesa da pátria mais profunda (*Heimat*), iniciando, assim, o conceito austríaco de patriotismo que seria propagado pela monarquia dos Habsburg (MATTEI, 1994; RICCADONNA, 2009).

1.7. A UNIFICAÇÃO ITALIANA, O IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Em 1848, aos dezoito anos, Francisco José de Habsburg (*Franz Joseph von Habsburg, Francesco Giuseppe d'Asburgo*) subiu ao trono imperial da Áustria, durante um período político delicado na Europa, com movimentos patrióticos na Hungria e guerras de unificação na Itália. Inicialmente, adotou um governo de caráter absolutista, que contava com o apoio do exército, mas que sofreu um duro golpe com a perda do Reino Lombardo, cedido ao Reino da Sardenha (futuro Reino da Itália).

Após a perda da guerra travada contra a França e a “jovem” Itália, a política austríaca tomou um rumo mais liberal, sem deixar de influenciar politicamente quase toda a Europa por conta de seu antigo prestígio. No Tirol, houve considerável aumento da influência militar no cotidiano da sociedade, sobretudo por conta dos regimentos internos que estabeleciam os períodos de serviço militar.

Em 1854, ocorreu o casamento de Francisco José I com a duquesa bávara Elisabeth de Wittelsbach (mundialmente conhecida pelo apelido familiar Sissi), cuja admiração e popularidade no Tirol, sobretudo na região trentina, era considerável. Em 1867, ocorreu a união do Império Austríaco com o Reino da Hungria, com a subida do

casal imperial austríaco ao trono húngaro, uma política estratégica que visava dar fim às disputas territoriais de caráter nacionalista existentes na Áustria-Hungria.

No entanto, o século XIX na Europa foi marcado por lutas separatistas de caráter nacionalista que culminaram em importantes movimentos nacionais como as unificações alemã e italiana. Em 1866, ocorreu a guerra austro-prussiana, conhecida na Áustria e Alemanha como *guerra de irmãos* (al. *Brüderkrieg*) e na Itália como terceira guerra de unificação, porque resultou na anexação do Vêneto ao reino italiano (anexação essa acordada dias antes do referendo de 22 de outubro de 1866). Tratou-se de uma guerra, cujas consequências políticas e econômicas afetaram diretamente a região do Tirol, pois as anexações feitas pelo Reino da Sardenha – primeiramente da Lombardia e, após 1866, do Vêneto – fizeram do Tirol uma região de fronteira. Com isso, a economia tiroleza também teve que arcar com os prejuízos advindos da guerra, da perda do intensivo comércio com os territórios perdidos e com o boicote comercial italiano aos produtos austríacos (GROSSELLI, 1991). Sob o comando de Giuseppe Garibaldi (1807 - 1882), os “camisas vermelhas” (it. *camicie rosse*), como eram conhecidos seus soldados, procuraram anexar a porção italianófona do Tirol após a ainda discutível vitória de 1866 contra as tropas austríacas.

Sabe-se hoje que o “interrompimento” da batalha de *Bezzeca*, ocorrida na área ocidental trentina de *Val di Ledro* (al. *Ledertal*), não foi de um gesto de obediência de Garibaldi que, com seu fatídico *obbedisco* (“obedeço”), teria correspondido ao pedido do general La Marmora para não invadir o Tirol. Tratou-se, na realidade, de um recuo necessário após duas batalhas nas quais o exército austríaco saiu vitorioso, enquanto o italiano sofreu grandes perdas²⁸.

A campanha falida de Garibaldi em *Bezzeca* também influenciou o recuo das tropas italianas comandadas pelo general Medici, que se encontravam na área oriental trentina de *Valsugana* (al. *Suganertal*) e que, em *Valsorda*, sob o comando do coronel Pier Eleonoro Negri, foram derrotadas por quatro companhias de soldados austríacos, auxiliadas por atiradores voluntários tirolezes (*Schützen*) sob o comando do capitão trentino Cramolini (BALDI, 2005: 27-29).

²⁸ No museu dedicado aos soldados imperiais austríacos (*Kaiserjäger*), construído sobre o monte Isel, em Innsbruck, Áustria, encontra-se o andador no qual Giuseppe Garibaldi era geralmente transportado e que foi recolhido como trofeu de guerra pelos soldados tirolezes durante a fuga italiana na batalha de *Bezzeca*.

O Império Austro-húngaro em 1908 ²⁹

É importante lembrar que alguns tirolese italianos se alistaram voluntariamente nas fileiras de Garibaldi (estima-se que entre 150 e 200 homens), indicando, assim, que havia no Tirol Italiano um sentimento de caráter nacionalista, influenciado pelas ideias da unificação italiana e favorável à anexação da região italianófona ao Reino da Itália.

Sociedades *secretas* de caráter iluminista, como a dos carbonários (it. *carbonari*) atuavam, sobretudo a partir de 1848, nos meios intelectuais italianos como artífices do processo da unificação italiana. Ao proporem a anexação de Trento dentro do reino italiano, encontraram simpatizantes entre intelectuais da cidade, que viram na mudança política uma oportunidade para a criação de uma *nova elite*, burguesa e, portanto, descompromissada com a nobreza austríaca local; seria essa nova elite colaboradora que receberia os louros no caso de uma campanha vitoriosa italiana (CAZZANIGA, 2011). No entanto, a grande maioria da população local – camponesa e fortemente apegada ao clero – era avessa à ideia de dividir o Tirol e de promover qualquer levante contra o governo imperial austríaco (BALDI, 2002; BARATTER, 2009). A denominação “Trentino” foi utilizada pela primeira vez com finalidades políticas por Giovanni Battista a Prato,

²⁹ MAPA: <http://images.encarta.msn.com/xrefmedia/iencmed/targets/maps/mhi/T028717A.gif>

sacerdote ligado a sociedades de caráter iluminista, e que fundou em 1850 o *Giornale del Trentino* (“Jornal do Trentino”). Antes dele, o poeta Vanetti e o estudioso Giovanni Frapporti haviam utilizado o termo, indicando a área de língua italiana do Tirol.

Os simpatizantes pela unificação do Tirol Italiano ao Reino da Itália encontravam dificuldades entre a população mais simples ao proporem ideias que se demonstravam contrárias ao mito de Andreas Hofer, cuja imagem mantinha o consenso de que a união tiroleza estava intrinsicamente ligada à Casa d’Áustria. Não é por menos que durante esse período houve grande insistência de setores da elite burguesa tridentina pela substituição do topônimo *Tirol Italiano* por *Trentino*³⁰, reforçando sua diferenciação perante o Tirol alemão, já que tal os motivos dessa diferença não seriam apenas linguísticos, mas também históricos, culturais e políticos.

Em meados de 1870, os resultados das guerras e da perda dos territórios confinantes atingiram principalmente os camponeses do Tirol Italiano, cuja economia se baseava no frágil comércio local e nas relações comerciais com o Vêneto e com a Lombardia. Sem ter para onde escoar a produção de vinho e seda, principais produtos regionais, seguiram-se anos difíceis de desemprego, fome e doenças. Mas isso não acontecia somente no Tirol; também no vizinho Vêneto, anexado há pouco mais de dez anos pelo Reino da Itália, a carga de impostos assolava a população, que sofreu com os mesmos resultados. Não havia alternativa senão emigrar.

E foi a partir de 1870 que teve início a grande “diáspora” emigratória do final do século XIX que esvaziou povoados inteiros do Vêneto, do Tirol Italiano, da Lombardia e de demais regiões do setentrional italiano. Também no Reino Alemão e nas regiões confinantes da monarquia austríaca como a Boêmia, o fluxo migratório era intenso – a esperança estava na desconhecida América, para a qual muitos partiam tendo parca noção do que encontrariam. Estima-se que entre 1870 e 1887, quase 24 mil tirolezes italianos seguiram para a América, chegando perto dos 30 mil no início do século XX³¹.

Em meio às crises econômicas, as disputas étnicas e políticas no Tirol aumentavam a cada dia, abalando ainda mais a estrutura governativa. Deputados do Tirol Italiano em *Innsbruck* e em Viena passavam a utilizar o termo *Trentino* para denominar a região do antigo Principado Episcopal de Trento, criando um *novo*

³⁰ O nome Trentino é histórico, ainda que fosse utilizado somente para designar a região administrada pelo príncipe-bispo, com referência à cidade de Trento (= área trentina). A administração eclesial tridentina já nomeava no século XVI as terras do principado-episcopal como *Trentino*, na porção meridional do Tirol Meridional (*Südtirol*).

³¹ A emigração tiroleza, sobretudo no que toca ao Brasil, merece capítulo a parte. Trataremos adiante sobre o assunto.

conceito que, inicialmente, não reivindicou abertamente a separação de Trento do Império Austro-húngaro e sua anexação ao Reino Italiano, mas deixava claro seu interesse em separá-lo administrativamente do Tirol - que passava a ser considerado “terra alemã” - com a qual o *Trentino* não possuía nenhuma ligação válida. O uso do termo não é oficialmente histórico, embora fosse costumeiro desde o século XV designar os arredores da cidade de Trento ou o território da diocese como *territorio trentino*. Contudo, ao proporem o novo nome para toda a região do antigo principado, com base no nome de sua capital administrativa, os deputados trentinos deixavam claro que não havia uma única estrada na política regional tiroleza, que se tornara fragilizada.

*O Imperador Franz Joseph von Habsburg (it. Francesco Giuseppe d'Asburgo)*³².

Da outra parte, isto é, no território alemão da província, frutificava o sentimento pangermanista (que se tornou pantirolês), inspirado no nacionalismo prussiano. Este reivindicava para o Tirol o *status* de terra germânica indivisível, considerando os tirolezes italianos (seu verdadeiro paradigma) “alemães italianizados no decorrer dos séculos” e, que, portanto, para manter a unidade territorial local, deveriam retomar a consciência de sua *esquecida* etnia germânica. Tudo não era nada além de ecos dos

³² Imagen: www.ilmondodeglischuetzen.it

movimentos nacionalistas que floresciam no interno do Império Austro-Húngaro e que, anos mais tarde, causariam disputas e guerras avassaladoras para a Europa.

E como poderia ser diferente no Tirol, região trilingue e localizada no encontro de “dois mundos”? Esse território tinha todas as prerrogativas para o surgimento de disputas étnicas, por mais unificadora que fosse a figura do imperador austríaco ou do herói nacional Andreas Hofer, cuja imagem era cada vez mais manipulada pelos movimentos pangermanistas como símbolo alemão contra a ameaça italiana (BERTOLUZZA, 1999; BALDI, 2005; RICCADONNA, 2009).

O sentimento separatista em Trento era propagado nos meios elitizados por membros de sociedades secretas – como os carbonários – que denunciavam o “abusivo” centralismo político de *Innsbruck* que, segundo eles, agraciava as áreas alemãs do Tirol e marginalizava o Tirol Italiano. Fato é que muitas foram as reações políticas do círculo político tridentino na Dieta de *Innsbruck*, e gradativamente Trento se distanciava politicamente de Bolzano e de *Innsbruck*, pois seus representantes mais radicais identificavam, em seus discursos, a região como *Trentino* e não como *Welschtirol* (MATTEI, 1992). Contudo, a grande maioria da população trentina (mas também muitos representantes da política local) continuava apegada ao Império, com manifestação de sentimento patriótico austríaco.

A Casa de Savóia, reinante na Itália, passou a influenciar os meios intelectuais da sociedade tridentina, na tentativa de desvincular a região da órbita tiroleza (alemã) e aproximá-la do ideal irredentista, que trabalhava pela unificação através de um levante popular. Os irredentistas trentinos acusavam o governo tirolês em *Innsbruck* de dar maiores vantagens às áreas germanófonas, em prejuízo daquelas trentinas, que não conseguia votar em sua defesa por conta do baixo número de representantes na dieta tiroleza. O “clandestino” grupo socialista passou a defender a anexação do Trentino ao Reino da Itália, visando ter maior liberdade para propagar seus ideais.

Em Viena, o imperador austríaco era o grande “inimigo” da unificação italiana, seja porque sob seu domínio se encontravam várias regiões reivindicadas pelo Reino da Itália, seja por sua posição em defesa do papado e dos estados pontifícios atacados por Garibaldi durante as guerras de unificação. A Áustria controlou a administração de várias cidades importantes como Milão, Verona e Veneza, e a marinha austríaca, situada na cidade de Trieste, aparentava uma constante “ameaça” à política expansionista italiana. Francisco José, apesar de sua política liberal, era tido nos meios irredentistas como o grande inimigo da Itália unida.

Na região trentina, irredentistas fundavam casas de caridade, escolas e orfanatos, propagando ideais filoitalianos e ganhando adeptos entre a população camponesa (ANTONELLI, 2008). Enquanto isso, a *Liga Popular Tirolese* (al. *Tiroler Volksbund*, it. *Lega Popolare Tirolese*), de caráter abertamente pantirólês e germanista, fundava escolas alemãs em comunidades germanófonas da região trentina e difundia o ensino do alemão em vales nos quais, séculos antes, o idioma teuto era corrente. Acusações eram mutuamente feitas entre adeptos deste e daquele grupo, de modo que o Tirol Italiano do final do século XIX assistiu a muitas discussões (muitas das quais bastante fantasiosas) públicas acerca da *verdadeira* etnia de sua população, de sua ligação ou não com os mundos germânico e italiano e que, naturalmente, no calor das discussões, ambos os lados ignoravam o fato de o território se caracterizar exatamente na mescla das culturas germânica e latina, sem poder ser totalmente desvinculado de uma ou de outra.

Um dos maiores defensores da anexação do Tirol Italiano ao Reino da Itália foi o poeta Giovanni Prati (1814 – 1884), natural de Lomaso, região das montanhas Judicárias (it. *Giudicarie*, al. *Judikarien*). Por sua obra poética de caráter filo-italiano, foi acusado pelas autoridades austríacas em Trento e preso para, logo após, transferir sua residência para Milão, onde publicou várias obras. De vida e temperamento instáveis, viveu em Pádua, Veneza e Florença. Em Veneza, foi acusado de ser filo-italiano e perseguido pela elite local, transferindo-se para o Piemonte, terra da Casa de Savóia, e ali ingressou na política *italiana*, sendo eleito deputado do Reino da Itália em 1862. Feleceu em Roma muitos anos antes de o movimento irredentista começar a dar qualquer sinal de organização e existência em Trento. Prati não se referia ao território pátrio como *Trentino*, mas escrevia sobre seu *bel verde Tirolo* (“belo e verde Tirol”), diferentemente do que ocorreria anos mais tarde, quando o movimento irredentista passou a negar o topônimo histórico *Tirol*.

Em 1889, inaugurou-se em Bolzano o monumento ao trovador medieval Walther von der Vogelweide³³ (1170? – 1228?), importante personagem da cultura alemã na Europa. Na praça que passou a ser chamada *Walterplatz* (“praça de Walther”), em frente à catedral, a cidade demonstrava sua identidade linguística e cultural. A estátua simbolizava a defesa da fronteira linguística alemã no Tirol.

³³ Provavelmente nascido Lajen (Südtirol), embora seu local exato de nascimento seja ainda motivo de discussão, com teorias sobre ser na Alta Áustria (Oberösterreich) e Frankfurt an Main. A única referência escrita sobre o bardo data de 1203, nos relatos do bispo Wolfer de Erla: *Walthero cantori de Vogelweide pro pellicio v solidos longos* (“A Walther cantor de Vogelweide, 5 xelins por um casaco de peles”).

Em maio do mesmo ano, a Liga Popular Tirolesa (al. *Tiroler Volksbund*) e a União escolar alemã (al. *Deutscher Schulverein*) iniciaram a abertura de escolas alemãs na localidade de Sopramonte, próxima à cidade de Trento. A Sociedade de Alpinistas Tridentinos (it. *Società Alpinisti Tridentini*), de inspiração filo-italiana, tratou de se instalar no local, para promover ali suas atividades de alpinismo, mas foi acolhida pela população local com bastante hostilidade que, gritando em dialeto trentino *noi sem todeschi* (“nós somos alemães”), iniciaram uma pancadaria. Estava presente também o irredentista trentino Cesare Battisti, que acompanhou a comitiva da SAT. Certo Gigioti publicou dias depois na revista *Alto Adige* (abertamente irredentista) aquela que se tornaria uma das mais famosas poesias de caráter irredentista em Trento que, segundo alguns irredentistas, durante os anos da Primeira Guerra, teria sido utilizada como prova de acusação pelas autoridades austríacas em um processo militar contra o autor:

*Vegniva ‘n de pian, pian zo per la Mostra
en bargio de quei su da Sorapont
col gilè vert e coi ginoci nudi
e ‘n bel pumòt de drio su ‘l capel ont.*

Devagar descia pela Mostra
um camponês daqueles de Sopramonte,
com colete verde e joelhos à mostra
e bela pluminha por detrás do chapéu suado.

*Ghe va vezin en bon todesch per dirghe:
“Ich bitt’, wo geht man hin zur Eisenbahn?”
E l’altro empetolà, nol sa risponder
che: “Sior... mi taitsch, mi taitsch,
gnente verstand”*

Chega-lhe um bom alemão para dizer:
“Por favor, como se vai ao trem alpino?”
E o outro, acanhado, não sabe responder
que: “Senhor, meu alemôn, meu alemôn,
nada entendido”

*El bon todesch, tut stralunà, ‘l lo varda
El varda quel capèl con quel piumot
po’ ‘l salta for con na risada mata,
tuta ale spale de quel pòr bargiot.*

O bom alemão, todo surpreso, o observa
Ele olha aquele chapéu com a pluminha
e explode em riso com gargalhada louca
sobre aquele pobre camponês.

*Po’, per talian, - così come ‘l podeva –
el ghe domanda: “Ti star todesch, no?”
e l’altro ancora pù enpetolà de prima:
“Todesch son ben, ma mi todesch no ‘n so”.*

Depois, em italiano – ao seu modo –
pergunta-lhe: “O Sr. ser alemão, não?”
e o outro, ainda mais acanhado:
“Alemão bem sou, mas eu alemão não sei”.

Vê-se, seja na interpretação feita à época da composição como aquela durante a Primeira Guerra que serviu como acusação militar, que tirolês *de língua italiana* de

Trento, “misto” em si porque de caráter cultural germânico (vestimenta e aparência étnica) e linguístico italiano (um camponês “alemão” que não sabia falar o alemão) não era considerado positivo nem pelo nacionalismo italiano, nem por aquele pangermanista. Dessa dicotomia e, principalmente, dos julgamentos apaixonados deste ou daquele grupo, nascem todas as formas de distorção ou de cancelamento da identidade trentina.

Em outubro de 1896, inaugurou-se na cidade de Trento o monumento a Dante Alighieri³⁴, que rebatizou a praça próxima à torre Vanga (*Piazza Dante*) para demonstrar a “italianidade” da cidade. O governo austríaco em Viena não demonstrou nenhuma hostilidade contra o feito, pois era perfeitamente consciente que qualquer reação contra a figura do grande poeta seria desaprovada não apenas pela população local, mas também no Tirol alemão. A epígrafe de inspiração positivista, fixada aos pés do monumento, afirmava a italianidade tridentina sem, contudo, desrespeitar demais grupos linguísticos chamados “estrangeiros”: *Inchiniamoci italiani, Inchinatevi stranieri, deh rialziamoci affratellati nella giustizia* (“inclinemos-nos italianos, inclinaivos estrangeiros, enfim levantemo-nos fraternizados na justiça”). Tratava-se, inclusive, de uma epígrafe de notório cunho irredentista, porque de autoria de Giuseppe Mazzini (1805 – 1872), cabeça pensante do *Risorgimento*, ou seja, do movimento pela unificação italiana.

Em 1898, a imperatriz austríaca Elisabeth (Sissi) foi assassinada em Genebra, na Suíça, pelo anarquista *italiano* (nascido em Paris) Luigi Luccheni. O fato só agravaria as relações diplomáticas austro-italianas (sempre mais delicadas por conta das ações de irredentistas) e a tensão política na Europa, por causa da difusão das ideias socialistas.

É de Trento o mais conhecido e comentado expoente do irredentismo trentino e do socialismo italiano: Cesare Battisti (1875 – 1916), natural de Trento, de pai comerciante e mãe descendente de nobres locais. Após ter frequentado o Ginásio Imperial em Trento, transferiu-se para *Graz*, segundo o hábito trentino em voga na época, no qual as famílias mais abastadas enviavam seus filhos para cidades *alemãs* do império para aprender o idioma teuto. Naquela cidade, manteve contato com um grupo de marxistas austríacos, fato que influenciou profundamente sua futura carreira política, participando da fundação de um jornal socialista posteriormente proibido pelo governo

³⁴ Em Trento, como pudemos observar, diz-se que a posição da imagem de Dante, com o braço erguido e palma estendida, como que fazendo um gesto de impedimento, significaria uma demonstração da italianidade trentina frente o avanço da língua alemão em direção ao sul.

imperial. De Graz, Battisti seguiu para Florença e ali frequentou a faculdade, graduando-se em Geografia em 1898. Ali, conheceu sua futura esposa, Ernesta Bitanti, militante socialista natural de Cremona.

Retornando à Áustria e assumindo a atividade de geógrafo, Battisti visitou e estudou vales isolados do Tirol Italiano e conheceu a dura realidade dos camponeses de sua terra. Suas observações renderam publicações em guias sobre Trento e artigos no cotidiano *Il Trentino*, outrora chamado *La Voce Cattolica*, para o qual escreviam também intelectuais da região como o bispo Celestino Endrici (1866 – 1940), “último bispo austríaco” em Trento e o jovem Alcide De Gasperi. Em 1899, assumiu a direção do partido comunista e, em 1900, fundou o jornal *Il Popolo*, de inspiração socialista. Fundou também a revista de estudos históricos e geográficos *Tridentum*, que constituiu-se em um importante instrumento de divulgação das tradições e topônimos históricos da região trentina. Já em seus estudos, indicava a necessidade de uma maior autonomia para a região italiana do Tirol, acreditando que havia nos agricultores qualquer potencial revolucionário, pois considerava sua vida e economia exploradas pela ganância *capitalista* dos habitantes da cidade, que haviam abraçado a causa irredentista (BALDI, 2005). Envolvido em questões políticas, Battisti elegeu-se conselheiro do município de Trento em 1902. Reivindicava o ensino da língua italiana nas áreas germanófonas do Tirol setentrional e a criação de uma universidade italiana na capital tiroleza *Innsbruck*, tendo apoio do estudioso católico Alcide De Gasperi. É notória, nessa união de forças socialistas e católicas, a complexidade social da época e a “desvantagem” social do Tirol Italiano perante o Tirol alemão. Em *Innsbruck*, Battisti organizou um curso livre de língua italiana, contou com o apoio de vários professores, mas foi interrompido por causa da hostilidade encontrada nas autoridades municipais instigadas pelos estudantes da universidade, muitos dos quais ligados ao *Deutsche Burschenschaft* (“união juvenil alemã”), entidade nacionalista então presente na Alemanha e Áustria.

Battisti defendeu o sufrágio universal no momento em que somente os socialistas defendiam maior autonomia para o Tirol Italiano na Dieta Tirolesa. Contudo, seguindo com os ideais socialistas, aproximava-se paralelamente da causa irredentista, influenciada pelo pensamento teórico da unificação italiana, que reivindicava todos os territórios italianófonos no interno do Reino da Itália. Inicialmente, defendeu apenas a autonomia de seu território, pois era consciente que se pregasse abertamente a secessão trentina não encontraria apoio popular, ainda que a burguesia aparentemente

concordasse com tais ideias³⁵. Em 1911, Battisti foi eleito deputado no parlamento de Viena com apoio do Partido Liberal em Trento, reivindicando maior autonomia política para o Trentino.

Com o início da guerra austríaca na Sérvia, Cesare Battisti e sua esposa se transferiram para a Itália, atuando ativamente nos meios políticos e proferindo discursos de incentivo à intervenção militar italiana no Tirol (MATTEI, 1992; BALDI, 2005). Com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, o Reino Italiano permaneceu aliado ao Reino Alemão e ao Império Austro-Húngaro na chamada Tríplice Aliança.

Tanto no meio militar quanto no meio civil, o movimento nacionalista reivindicava a ocupação e a anexação imediata das terras “irredentas” sob o domínio austríaco, ou seja, o Friúl, a Gorízia, a Ístria e o Tirol Meridional. Os jornais italianos publicavam artigos apaixonados sobre a necessidade de se anexar Trento e Trieste, *cidades italianas sob o domínio estrangeiro*.

Um dos maiores difusores das ideias irredentistas na área de língua alemã do Tirol Meridional foi o professor Ettore Tolomei³⁶ (1865 – 1952), que após a guerra seria o maior responsável pela italianização do então renomeado Alto Ádige. Nascido em Rovereto, era filho de uma família de imigrantes italianos oriundos da Toscana que se estabeleceram no Tirol Italiano. Na cidade natal, frequentou o ginásio imperial e, aos dezoito anos, já era convicto dos ideais irredentistas. Transferiu-se para a Itália, completando seus estudos em Florença e em Roma, formando-se em Letras. Chamado à terra natal para prestar o serviço militar obrigatório, aproveitou para cursar geografia na Universidade de Viena e, em 1890, após ter concluído os estudos, retornou para Roma e fundou a revista nacionalista *La Nazione Italiana*, na qual defendia a necessidade da anexação do Trentino pelo Reino da Itália. A revista durou quatro anos e Tolomei seguiu para Tessalônica, na Grécia, atuando ali como professor de italiano.

Em 1906, Tolomei retornou à Áustria e se estabeleceu em *Montan*, na região germanófona do Tirol Meridional, e adquiriu uma casa tipicamente camponesa conhecida por *Thalerhof*, que tratou de modificar inteiramente, dando-lhe um estilo neoclássico italiano. Ali, fundou a revista *Archivio per l'Alto Adige* (“Arquivo para o Alto Ádige”), editada em Florença no *Istituto di Studi per l'Alto Adige*, de caráter

³⁵ As administrações imperiais em Viena e Innsbruck trataram de “reconquistar” a nobreza e burguesia tridentinas com subsídios e financiamentos. Estes, embora simpatizante com a causa italiana, não renunciavam à participação de benefícios internos da Áustria. Cfr. GATTERER (1988).

³⁶ Nascido no Tirol Italiano, Tolomei era filho de uma família de imigrantes italianos oriundos da Toscana que se estabeleceram na região de Rovereto. Na época, era muito comum que italianos se transferissem para o Tirol Italiano, onde trabalhavam e viviam como imigrantes.

irredentista. A revista tratava de aspectos culturais, linguísticos e étnicos da região alpina, inclusive com artigos em língua alemã e contava, inclusive, com a colaboração de renomados historiadores, geógrafos e filólogos como Carlo Battisti, Graziadio Isaia Ascoli e Pasquale Viralli. A revista cumpria com seu caráter irredentista, difundindo no Tirol um novo nome para a região e pretendia demonstrar com inúmeros argumentos a “italianidade esquecida” da região, além da necessidade de estabelecer a fronteira nacional italiana na região do Passe do Brenner, mas encontrava resistência de certos setores do irredentismo italiano que consideravam necessária somente a anexação do Tirol Italiano, estabelecendo a fronteira nacional de acordo com a fronteira linguística natural nos confins da cidade de *Salurn* (it. Salorno). Não demorou muito para que a revista fosse censurada pelo governo imperial austríaco, mas Tolomei continuou seus estudos, sobretudo na confecção de seu *Prontuario dei nomi locali dell’Alto Adige* (“Prontuário dos nomes locais do Alto Ádige”), um elenco com 16.735 topônimos da região de língua alemã do Tirol Meridional e seus respectivos nomes italianizados, com muitos de autoria do próprio Tolomei. A obra foi publicada em 1909 e, sucessivamente, em 1916 pela Sociedade Geográfica Real Italiana. Na realidade, não se tratava apenas de uma iniciativa irredentista, mas era uma prática comum e muitas cidades do Vêneto e da Lombardia tinham seus correspondentes nomes alemães durante o domínio austríaco.

No final do século XIX, os ânimos políticos no Tirol Italiano não demonstravam nenhuma homogeneidade. Merece atenção um contemporâneo de Battisti, nascido em Trento e membro da minoria alemã presente no Tirol Italiano desde a Idade Média: Eduard Reut-Nicolussi (1888 – 1958). Seus pais eram originários de Luserna (al. *Lusern*), comunidade pertencente à minoria linguística cimbra, localizada próxima à fronteira austro-italiana e com comunidades “parentes” em Verona, Vicenza e Belluno. Nicolussi viveu a infância na terra natal dos pais e, durante a juventude, frequentou o Ginásio Alemão de Trento, pois seu pai era professor do ensino fundamental, e estudou jurisprudência na Faculdade de *Innsbruck*. Optou por seguir um rumo político diverso de seu concidadão Battisti, defendendo a identidade germânica do território, a indissolubilidade do Tirol sob o Império Austro-húngaro e uma política defensiva em relação à “ameaça italiana”.

Outro personagem de grande relevância é Alcide De Gasperi (1881 – 1954), natural de Sardagna, pequena cidade vizinha à Trento. De forma *menos radical* que Battisti e *menos patriótica* que Nicolussi, trabalhou pela autonomia administrativa da região trentina no interno do Império Austro-húngaro, sem jamais colocar em questão a

administração austríaca. Ao contrário, jamais negou sua identidade tiroleza de língua italiana, embora fosse favorável ao uso da designação *Trentino* para a região como *política de defesa* e de valorização local no interno do governo do Tirol³⁷.

De Gasperi frequentou a universidade em Viena e em *Innsbruck*, e nesta cidade defendeu a criação da Faculdade Italiana de Direito juntamente com Battisti³⁸. Após 1905, assumiu a redação do jornal *La Voce Cattolica* e foi o autor do texto que justificava a mudança do nome do cotidiano para *Il Trentino* (“o Trentino”), pois acreditava na atuação leiga em todos os níveis da sociedade. O jornal defendia a italianidade regional trentina sem, contudo, apoiar o irredentismo. Em 1911, foi eleito deputado em Viena com grande apoio do clero trentino. Contudo, seu trabalho interrompido com o início da guerra, quando a redação do jornal foi fechada sob a acusação de filo-italiana.

O assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando de Habsburg (1863 – 1914), sucessor ao trono austríaco, e de sua esposa Sofia von Hohenberg (1868 – 1914), foi o estopim para a Primeira Guerra Mundial. Após o atentado cometido pelo sérvio Gravilo Princip (? – 1918), em Sarajevo, a declaração de guerra austríaca foi imediatamente respondida pelos países aliados. Com a entrada da Itália na guerra em 1915, o governo austríaco decidiu por “evacuar” o Tirol Italiano, por se tratar de uma região fronteiriça que se tornaria campo de batalha.

Em 1910, a população local era de aproximadamente 393.111 pessoas. Cerca de 60 mil trentinos serviram o exército imperial austríaco, principalmente no fronte oriental; outros 700 homens³⁹ atravessaram as fronteiras ítalo-austríacas e preferiram alistar-se no exército italiano como voluntários. Cerca de 173 mil *abandonaram* de algum modo a região, ocasionando um verdadeiro êxodo: cerca de 75 mil prófugos foram enviados para regiões no interior do império, sobretudo para a Alta Áustria (al. *Oberösterreich*), Baixa Áustria (al. *Niederösterreich*), Estíria (al. *Steiermark*), Boêmia (al. *Böhmen*) e Morávia (al. *Mähren*), e aqueles de melhor condição social seguiram para *Innsbruck* e Salzburgo.

³⁷ Vale lembrar que, entre as décadas de 1870, o *Tiroler Volksbund* (“Federação popular tiroleza”) trabalhou por uma maior *germanização* do Trentino que, sob o pretexto de lutar contra o irredentismo, fundava escolas alemãs em diversos vales.

³⁸ A manifestação trentina em prol da Faculdade Italiana, ocorrida em 04 de outubro de 1904, gerou uma reação imediata de estudantes e populares que a consideraram uma provocação; os alvoroços tomaram conta das ruas e Battisti e De Gasperi foram presos durante alguns dias, sendo, posteriormente, libertos.

³⁹ Muitos nascidos no Tirol, mas descendentes de imigrantes oriundos das vizinhas províncias italianas.

Após a entrada do exército italiano no Tirol, cerca de 35.500 trentinos foram transferidos para o interno do Reino da Itália e enviados para todas as regiões da península; destes, muitos optaram pela nova pátria com receio de repressões políticas⁴⁰, mas eram constantemente colocados sob suspeita pelas autoridades italianas.

A grande maioria dos soldados tirolese não se encontrava no Tirol, mas no fronte oriental, no intuito de defender a Galícia (Polônia) austríaca do exército russo. Em 1915, após o tratado secreto de Londres – que previa a divisão de colônias na África e apoio militar nas campanhas contra o Império Austro-húngaro –, o Reino da Itália declarou guerra contra seus ex-aliados. Oficialmente neutros, os Estados Unidos financiavam as campanhas inglesas e italianas, que seguiram através da Gorizia em direção a Trieste e através de Verona em direção a Trento.

A questão nacional do *Tirol Meridional* perpassava os âmbitos políticos, gerando discussão também nos meios culturais. Ideais nacionalistas e opiniões dividiam famílias e concidadãos, demonstrando a complexidade social naquela região fronteiriça do império. A guerra nas montanhas foi travada em batalhas brutais, mas as tropas da Itália não conseguiam adentrar o Tirol para chegar à fortificada Trento.

Durante guerra, Eduard Reut-Nicolussi serviu o exército imperial austríaco no corpo dos *Tiroler Kaiserjäger* (“caçadores imperiais do Tirol”), combatendo contra tropas italianas e tendo sido gravemente ferido; por sua dedicação, recebeu uma condecoração militar. Sua maior atuação, contudo, ocorreria após a anexação de todo o Tirol Meridional ao Reino da Itália.

O ainda deputado austríaco Cesare Battisti, já na Itália, alistou-se voluntariamente no corpo dos *Alpini*, seguido do irmão mais novo, mas os demais irmãos, residentes em Trento, combateram no exército austríaco. De Gasperi não combateu, mas dedicou-se aos feridos, tendo sido nomeado delegado na Alta Áustria e na Boêmia Ocidental (al. *Westböhmen*), auxiliando os prófugos trentinos.

Em 1915, muitos membros de companhias de atiradores (al. *Schützen*) haviam se organizado em batalhões voluntários, oficializados pelo imperador e rebatizados como *Standschützen* ou *Bersaglieri Stanziali* (“defensores locais”), que atuaram na linha de frente contra as tropas italianas e, apesar das batalhas ocorridas nas montanhas, o Tirol

⁴⁰ Os trentinos que serviram o exército austríaco ou possuíam alguma ligação com as forças armadas imperiais e aqueles que possuíam sobrenomes de notória origem germânica foram transferidos para as regiões meridionais, muitos dos quais para Isernia, na região de Molise. Os últimos soldados trentinos sobreviventes do fronte russo, libertos ou fugitivos, retornaram somente em 1920. Muitos preferiram não optar pela repatriação italiana, encontrando a morte em campos de concentração na Rússia.

mantinha-se firme em sua defesa territorial, contando com a ajuda de soldados alemães, eslovenos e húngaros, além de populares que acorreram em auxílio dos militares.

Atuações diversas: Cesare Battisti, Eduard Reut-Nicolussi e Alcide De Gasperi⁴¹.

Em 1916, ocorreu uma campanha militar italiana mal sucedida sobre o *Monte Corno*, comandada por Cesare Battisti e com participação do istriota e irredentista Fabiano Filzi (1884 – 1916), que trabalhara durante a juventude em Rovereto. Após uma rápida ofensiva austríaca, os irredentistas foram reconhecidos pelo soldado trentino Bruno Franceschini⁴² e presos (BALDI, 2005; BARATTER, 2009). Relatos da época contam que ambos foram levados a Trento com certa dificuldade, pois populares tentaram agredir os prisioneiros, considerados traidores. Ambos foram apresentados como “troféus de guerra” em Trento, e sofreram humilhação pública por parte da população local. Julgados sob acusação de alta traição, foram condenados à morte e sofreram o enforcamento.

No mesmo ano, faleceu o imperador Francisco José, substituído por seu sobrinho Carlos I de Habsburg (1887 – 1922). Ettore Tolomei também se transferiu para a Itália, em 1914, alistando-se no Regimento *Alpini*, mas após as notícias sobre o trágico fim de Cesare Battisti, optou por trocar sua identidade para Eugenio Treponti, apresentando-se como soldado de Verona (BARATTER, 2005).

⁴¹ Imagens: respectivamente: www.vitatrentina.it, www.welschtirol.eu e www.centrostudimalfatti.org

⁴² Natural de *Val di Non* (al. *Nonstal*, *Nonsberg*). Sua ação militar traria duras consequências para a família Franceschini. Após a guerra, Bruno refugiou-se em Viena, enquanto a família sofreu diversas ameaças durante o período fascista.

Em 1917, o Império Austro-húngaro estava enfraquecido. As campanhas contra a Rússia no Leste terminaram em verdadeiros massacres de soldados, com baixas consideráveis para ambos os lados. Além disso, grupos nacionalistas que trabalhavam pela separação de suas nações atuavam no interno do Império, enfraquecendo as campanhas militares austríacas e atuando em ações de espionagem. Nos primeiros meses de 1918, as tropas italianas já contavam com o auxílio de militares ingleses e americanos, que intensificaram as campanhas em direção a Trento e Trieste, ocupando vários quilômetros do território austro-húngaro. Em maio, as tropas italianas e inglesas haviam adentrado o Vale di Ádige, chegando às portas de Trento, que resistia em seus fortes incrustados nas montanhas.

A entrada das tropas italianas em Trento é até hoje apresentada em duas versões: a historiografia italiana a apresenta como “liberação” (*liberazione*) e aquela austríaca costuma apresentar o termo “ocupação”. Em 2012, contudo, a publicação dos diários de guerra da infantaria inglesa demonstrou que os primeiros a entrar na cidade não foram os soldados italianos, mas os ingleses, cujos comando entrou em contato com o comando austríaco para a assinatura do rendimento. Um dia após, entraram em Trento as tropas italianas. Algumas tropas tirolezas nos arredores já haviam recebido a ordem de não atirar contra soldados italianos e ingleses, pois o alto comando aguardava o armistício.

Em 11 de novembro de 1918, o Imperador Carlos I de Habsburg assinava o documento que dissolvia o Império Austro-húngaro, renunciando ao cargo de chefe de estado, porém sem abdicar de seus direitos como chefe da dinastia e aos tronos austríaco e húngaro, o que gerou bastante desconforto por partes das potências vencedoras. O imperador partiu com a família para o exílio na Suíça⁴³.

Com o armistício de 1918, o Tirol Italiano encontrava-se desolado, abandonado e destruído. Boa parte da população civil encontrava-se ainda no interior do extinto império ou em refúgios localizados nas províncias italianas vizinhas, e a maioria dos

⁴³ Em 1921, Carlos I participaria ainda de um movimento para restaurar a monarquia na Hungria, encabeçado por Miklós Horthy, ex-comandante das tropas húngaras durante a Primeira Guerra. Em 1919, Horthy participou do golpe de estado que retirou do poder Bela Kun (Kohn), revolucionário socialista que instaurou por poucos meses uma república soviética na Hungria. Carlos I chegou a assumir o trono da Hungria, mas foi traído por Horthy, que lhe expulsou do país, assumindo a regência do país e instaurando um regime ditatorial, que posteriormente colaborou com Hitler e Mussolini. Carlos I faleceu em 1922, na Ilha da Madeira; em 2004, foi proclamado beato da Igreja pelo Papa João Paulo II, cujo nome de batismo Karol Józef Wojtyła teria sido uma homenagem do pai Karol (militar austro-húngaro) ao imperador. Vale lembrar que o sul da Polônia constituía-se a província austro-húngara de Galícia, onde milhares de soldados tirolezes combateram contra as tropas russas.

militares tirolezes ainda estava dispersa no Leste Europeu. O retorno dos militares do Tirol ocorreu das mais diversas maneiras: alguns em trens até pela Alemanha e pelo Leste, mas muitos enfrentaram o retorno para casa a pé, atravessando milhares de quilômetros desde a Rússia até os Alpes. Todavia, centenas não puderam sair dos campos de concentração russos e ali encontraram a morte. O exército italiano tratou de repatriar os tirolezes que se encontravam na Rússia, mas encontrou resistência dos próprios soldados que não aceitavam a nova cidadania. Posteriormente, aproveitaram-se do fato de a Itália ser aliada da Rússia para saírem dos campos de concentração e seguiram em direção ao extremo Oriente, passando pela China, de onde seguiram até a Índia, passando pela África e retornando à Europa (BALDI, 2008).

Quando foi assinado o armistício, Alcide De Gasperi encontrava-se em Roma trabalhando dentro da biblioteca vaticana; não fosse o auxílio do episcopado tridentino e sua estadia junto ao estado pontifício, talvez sofresse com a grande perseguição que se seguiu após a ocupação do Tirol pelo Reino da Itália, com centenas de mandados de exílio político a ex-soldados, ex-funcionários da administração local, professores e civis acusados de filo-austríacos (it. *austriacanti*).

Já em 1919, a Legião Trentina – entidade fundada por irredentistas que retornaram a Trento ou que manifestaram abertamente suas ideias após 1918 – atuava juntamente com as novas administrações municipais em Trento e Bolzano, encarregando-se de levantar informações sobre possíveis “separatistas tirolezes” e de substituir pessoas em todos os cargos públicos, escolas e entidades culturais locais, além de promulgar decretos (como o de abril de 1919) que previa a destruição ou modificação de monumentos, lápides, placas ou qualquer referência pública ao Tirol e ao antigo regime austríaco. Dizer a palavra *Tirol* em público, fazendo referência à própria terra, custava uma multa de duzentas liras – o nome *Trentino* era finalmente oficializado no novo regime. Assim como a Áustria, durante o conflito, procurou enviar filo-italianos para o campo de prófugos de Katzenau, a Itália passou a exilar filo-austríacos em Isernia, na Sicília e em províncias meridionais.

Na qualidade de deputado eleito no antigo congresso imperial de Viena, De Gasperi participou da assinatura do documento que oficializou o a dissolução do Império Austro-húngaro e deliberou a autodeterminação⁴⁴ de suas etnias e nações. Conhecido no meio católico por sua atuação, não demonstrava hostilidade de caráter

⁴⁴ Bastante questionável no caso tirolês, que reivindicou por várias vezes a anexação da porção meridional à então constituída República Austríaca.

nacionalista que pudesse colocar em dúvida sua seriedade, embora seja de sua autoria um senso feito no Trentino antes da Guerra que demonstrou que mais de 98% da população, se lhe fosse permitida a escolha entre a Áustria e a Itália, optaria por permanecer no interno do estado austríaco. Nesse sentido, De Gasperi não tinha apenas a confiança do papa e do clero italiano, mas também o apreço de políticos e autoridades italianos e, naturalmente, de seus compatriotas trentinos. Em 1919, De Gasperi ingressou no Partido Popular Italiano, mas não conseguiu ser eleito em sua terra natal, tendo sido deputado em Roma pois, como afirmado acima, a região trentina era administrada pelo regime do pós-guerra em conformidade com as ações da Legião Trentina, que impunha restrições a quem atuou politicamente durante o antigo regime.

Ettore Tolomei também participou (ainda que de forma não oficial) da conferência de Paz entre Roma e Viena. Tendo sido nomeado diretor da Comissão para língua e cultura no Alto Ádige, transferiu-se para Bolzano e assumiu travou longas discussões com Julius Perathoner, ainda prefeito de Bolzano (e último de língua alemã a assumir tal função).

A *questão tiroleza* era constante tema de discussões nos meios políticos austríacos, que reivindicavam a anexação do Tirol meridional (principalmente da região germanófona de Bolzano) e um referendo popular, sempre negado pelas autoridades italianas que, de certo modo, aproveitaram-se dos ânimos para aumentar a disputa étnica e linguística entre Trento e Bolzano.

A Ernesta Bittanti, esposa do irredentista Cesare Battisti, atribui-se a composição do *Inno al Trentino*⁴⁵ (“hino ao Trentino”), de cunho nacionalista filo-italiano e que se constitui atualmente no hino da Província Autônoma de Trento. A história oficial do hino apresenta uma composição inspirada, feita a partir de um desejo profundo de Trento pela liberdade. O *Inno al Trentino* se encontra em um documento presente no arquivo da *Biblioteca Comunale di Trento*, constando como autor da melodia o nome de Guglielmo Bussoli, porém com um ponto de interrogação ao lado. Recentemente, a autoria e a versão oficial do hino foram contestadas e colocadas em dúvida, sobretudo após a publicação de manuscritos do padre trentino Livio Rosa (1884

⁴⁵ Autoria atualmente contestada, sobretudo com a publicação dos manuscritos do padre trentino Livio Rosa (1884 – 1928), natural de *Val di Ledro* (al. *Ledertal*) escritos em 1915, onde consta o *Inno al Tirolo*, cujas primeiras estrofes são exatamente aquelas do hino apresentado por Ernesta Bittanti. O hino consta no Arquivo histórico da biblioteca municipal de Trento como sendo de autoria (embora com um ponto de interrogação) de Guglielmo Bussoli. Nos manuscritos de dom Livio Rosa aparecem riscadas as menções ao Tirol e à Áustria, tendo sido substituídas pelas palavras e versos que atualmente se encontram no *Inno al Trentino*. O hino dos manuscritos contém mais estrofes e um *ritornello*, inexistentes na versão de Ernesta Bittanti. Sobre o tema, conferir Tonina (2006).

– 1928), natural de *Val di Ledro* (al. *Ledertal*) e autor de um florilégio escrito durante a Grande Guerra, em 1915, quando o religioso encontrava-se na Boêmia junto a demais prófugos trentinos. Entre hinos, orações e canções folclóricas, consta no florilégio do padre um *Inno al Tirolo* que se assemelha em tudo a uma canção de caráter popular e cujas estrofes são praticamente idênticas às do hino atribuído a Ernesta Bittanti. Neste, porém, as palavras diferentes dão outro tom à canção, que se torna menos entusiasmada que a da versão oficial, mas o curioso está no fato de as palavras “Tirol” e “Áustria” aparecerem riscadas, com substituições feitas a lápis ao lado, respectivamente “Trentino” e “Itália”. Não se sabe se foram alterações posteriores feitas pelo próprio autor (sabe-se que foi um religioso perseguido durante o período fascista) ou se foram feitas por terceiros. Além de apresentar estrofes idênticas às do atual *Inno al Trentino*, constam no *Inno al Tirolo* mais duas fazendo menção a Andreas Hofer e um *ritornello* (versos que se repetem ao fim de cada estrofe)⁴⁶, inexistentes na versão atribuída a Ernesta Bittanti (TONINA, 2006). O *ritornello* presente no *Inno al Tirolo* é praticamente idêntico ao do hino dos soldados *Tiroler Kaiserjäger* ou *Cacciatori Imperiali Tirolesi* (“caçadores imperiais do Tirol”), composto em 1914 por Max Depolo, com versões em alemão e italiano (TONINA, 2007). Restam, portanto, dúvidas sobre sua origem.

Após a anexação da porção meridional do Tirol, o Reino da Itália deu início ao processo de cancelamento da identidade local e de sua história, mas não conseguiu obter grandes resultados entre a população autóctone. Com o advento do fascismo e sua ascensão ao poder na Itália, o cancelamento cultural que se seguiu nas constituídas províncias de Trento e Bolzano atingiu grau tão elevado de sucesso, que até hoje existem “cicatrices” ainda abertas na população, cuja identidade “autêntica” é ainda motivo de discussões nos jornais locais. Em 2010, o *Quotidiano L’Adige*, maior jornal trentino, publicou uma pesquisa *on-line* para saber qual personagem representava melhor a população trentina; foram colocados para votação os nomes do patriota tirolês Andreas Hofer e do irredentista tridentino Cesare Battisti. Longe de ser uma sondagem séria (haja vista que ambos viveram em momentos históricos muito distintos), a pesquisa despertou discussões calorosas, seguidas de artigos sobre o tema publicados no jornal. O resultado final deu a “vitória” a Andreas Hofer com 58% dos quase três mil votantes, mas não contribuiu para qualquer discussão frutífera acerca da história local⁴⁷.

⁴⁶ Cfr. <http://ingeb.org/Lieder/wirjager.html>

⁴⁷ Cfr. <http://www.ladige.it/sondaggi/cesare-battisti-andreas-hofer-chi-preferite>

Até 1918, Viena era, para os tirolese, sua referência institucional e *Innsbruck* era sua referência política. No Tirol Italiano, além das acima descritas, a cidade de Trento era para os trentinos sua referência cultural, administrativa e religiosa, assim como Bolzano para os sul-tirolese de língua alemã. Esses “tripés” garantiam a identidade no Tirol Meridional. Mesmo quando os irredentistas se esforçavam para desestabilizar esse tripé, com métodos ora mais, ora menos legítimos, os resultados acabaram sendo péssimos ou muito aquém de suas expectativas. Fato era que a maior parte da população manifestava indiferença ou aversão para com aqueles que reivindicassem a anexação de Trento no Reino da Itália: os camponeses continuavam a incluir em suas orações diárias os nomes da família real austríaca, os professores continuavam a comemorar com seus alunos as datas comemorativas do império (inclusive o aniversário do imperador), assim como os empregados de repartições públicas cumpriam com zelo seus deveres de súditos do império, os operários continuavam relutantes sobre as ideias nacionalistas e o clero propagava o papel “divino” da Casa da Áustria na missão da Igreja (BALDI, 2002; BARATTER, 2009).

1.8. FASCISMO NO TIROL MERIDIONAL E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Foi necessária uma desumana e devastante guerra para que as identidades europeias fossem colocadas em dúvida e para que os nacionalismos atuassem de modo a demarcar novas fronteiras. A Primeira Guerra Mundial resultou no estabelecimento de uma nova ordem mundial, na qual as potências não dependeriam mais do antigo prestígio de nobres ou das alianças políticas e militares de 1900.

As teses básicas do nacionalismo, surgidas após a Revolução Francesa, desenvolveram-se durante os séculos XIX e XX inicialmente com caráter popular, revolucionário e contrário ao domínio absolutista dos monarcas apoiado pela Igreja. Os movimentos nacionalistas que pululavam por toda a Europa não se baseavam nos mesmos princípios do patriotismo de um Andreas Hofer, inspirados em deveres morais e religiosos – o nacionalismo estava ligado ao conceito de nação, de raça, de língua e de demais aspectos naturais e físicos. Os movimentos nacionais surgidos no interior das potências europeias no final do século XIX *apropriaram-se* do nacionalismo, aplicando-o ora como elemento programático, ora como forma de propaganda nacional e, nesse

sentido, tudo o que pudesse ameaçar a “pureza” ou a “integridade” de um grupo era considerado incômodo e até mesmo perigoso.

O etnocentrismo propagado pelo radicalismo político fascista impunha ao regime o dever de manter a homogeneidade da nação em praticamente todos os níveis. O que dizer, portanto, de uma região historicamente composta por três grupos étnicos e linguísticos como o Tirol? Tratava-se de um verdadeiro entrave. Nesse contexto, os trentinos, isto é, *tirolese de língua italiana* (complexos na própria definição étnica e linguística) foram instrumento da propaganda nacionalista italiana, assim como os tirolese alemães e ladinos da vizinha província de Bolzano, obrigados a se submeter a um enérgico programa de nacionalização. O termo *italianização* (it. *italianizzazione*, al. *Italienisierung*) designa a política italiana de cancelamento e substituição de valores nacionais, identitários e culturais colocada em prática pelo governo fascista em diversas províncias da península nas quais vivessem populações que “ameaçassem” a difusão da “verdadeira identidade italiana”.

A *italianização* foi colocada em prática no Tirol Meridional, no Vale d’Aosta (de população francófona e franco-provençal), no Friúli Veneza-Júlia (de maioria da população friulana), na Sardenha, na Sicília, entre os albaneses e gregos das províncias meridionais, assim como entre os eslavos de Trieste e populações de origem germânica do Piemonte, Vale d’Aosta, Vêneto e Gorizia. O desprestígio dos dialetos e sua proibição em certos locais públicos (como nas escolas) também fez parte da política de então que, de certo modo, dava continuidade ao projeto nacional da unificação italiana.

No Tirol, duas medidas foram decisivas no processo de italianização: a primeira foi a substituição do topônimo regional que identificou a região por séculos; dizer *Tirol*, *Tirol*, *Welschtirol* ou *Südtirol* em público era passível de punição com multa e, em certos casos, com prisão. Havia duas novas províncias no lugar do Tirol Meridional: Trento (ou Trentino) e Bolzano (ou Alto Ádige), e o uso do idioma alemão, inicialmente, não foi proibido, mas totalmente desprezado e estigmatizado. O uso do termo Alto Ádige era bastante controverso; chegou a designar no período napoleônico⁴⁸ a região trentina e, antes, uma parte da província de Verona. O “nome” para a nova província de Bolzano foi motivo de inúmeras discussões nos meios nacionalistas

⁴⁸ Em 1810, nem mesmo a administração napoleônica tentou impor o topônimo Alto Ádige para região italiana do Tirol, adotado com base em um preciso critério hidrográfico, fazendo referência ao rio que corta a região. A denominação se revelou de tal modo sem fundamento histórico, que nos decretos napoleônicos referentes ao território do extinto Principado Episcopal de Trento era comumente utilizado *Tirol Meridionale* (BALDI, 2005).

italianos. A região, por sua vez, foi batizada como *Venezia Tridentina*⁴⁹, anulando qualquer relação do território com o passado germânico.

Contudo, o maior impacto da italianização foi talvez o da proibição do idioma alemão entre os habitantes da Província de Bolzano e em regiões germanófonas da província tridentina (*Fersental* e *Lusern*). Se, por um lado, os antigos *austro-alemães* do Alto Ádige reagiram à italianização, defendendo com veemência suas prerrogativas históricas, identitárias e linguísticas, os antigos *austro-italianos* do Trentino “aceitaram” apegarem-se à ilusão que a nova administração composta por falantes de sua língua lhe trouxesse benefícios ou maior liberdade. Contudo, os resultados são bastante conhecidos. Os espoliados trentinos, privados de sua identidade alpina, acabaram inseridos em uma realidade periférica, considerada *província dos confins*.

Nesse ínterim, os resultados da guerra se faziam sentir por toda a parte, ocasionando fome, violência e crises por toda a Itália e permitindo aos movimentos de caráter nacionalista e imediatista, como o movimento fascista, de juntar em suas fileiras milhares de descontentes com a realidade italiana, que se encantavam ao ouvir os calorosos discursos que pregavam a “salvação” para o povo italiano. O regime fascista procurou *anular* o passado da região tiroleza por meio de proibições e punições ainda mais severas que as existentes até então. O fascismo italiano originou-se em 1919, inspirado nas ideias nacionalistas que circulavam pelos meios trabalhistas da Europa, sobretudo na França. Um de seus maiores expoentes e líder máximo na Itália foi Benito Mussolini (1883 – 1945), que inicialmente atuou em sua vida política nos meios socialistas.

O partido fascista conseguia chamar a atenção popular com grandes demonstrações públicas que visavam intimidar o governo, como a *marcha sobre Roma* ocorrida em 1922, da qual participaram milhares de fascistas e culminou, dois dias depois, com o chamado do Rei Vittorio Emanuele III (1869 - 1947), que encarregou Mussolini de formar um novo governo. Um mês depois, sob forte pressão do movimento, o parlamento italiano concedeu plenos poderes a Benito Mussolini.

Mussolini chegou a trabalhar em Trento, juntamente com Cesare Battisti na edição do jornal socialista *Avanti*, no intuito de criar ali um movimento de caráter popular que culminasse com a anexação do Tirol Italiano ao Reino da Itália. Seu descontentamento em Trento foi tamanho que acabou entrando em uma polêmica com

⁴⁹ Atribuiu-se a autoria do nome regional ao filólogo Graziadio Isaia Ascoli.

Battisti, por acreditar ser inútil incitar uma guerra “para libertar aqueles que não têm nenhum desejo de se separar da Áustria” (BALDI, 2002). Por conta de suas ações consideradas subversivas, teve de abandonar o Tirol e mais tarde escreveria o livro *Il Trentino veduto da un socialista* (“O Trentino visto por um socialista”), com detalhes sobre a história, cultura e política da região. Em um intervento proferido ainda na “juventude” socialista (publicado no jornal trentino *L’Adige* de 28 de fevereiro de 1992), Mussolini afirmou sem receio que o Trentino era austríaco nos “montanhese que louvam Francisco José aos ignotos que, há poucos anos, lançaram nas águas do Rio Ádige as coroas votivas colocadas aos pés do monumento a Dante. Austríaco desde o bispo, que vende terras e castelos a pangermanistas, aos liberais que se envergonham de falar italiano. Também os operários optam pela Áustria”⁵⁰.

Na região trentina, o movimento fascista conseguiu regimentar alguns milhares de seguidores, muito mais pelo seu discurso de ascensão social que pelos seus ideais políticos⁵¹. Entre grande parte da população não havia contentamento ou adesão, sobretudo nas áreas rurais. O governo incentivava a propagação do fascismo, premiando aqueles que se destacassem com somas em dinheiro ou benfeitorias. A italianização na se aplicou de forma mais sutil entre os trentinos, mas nem por isso foi menos taxativa. Movimentos que pudessem despertar a desconfiança do governo fascista eram perseguidos e seus líderes eram presos, exilados ou assassinados. Alcide De Gasperi foi preso em 1927 por ser ligado ao movimento católico e recebeu a permissão de soltura dezesseis meses depois porque seu caso chegou aos ouvidos do Papa, que fez uma solicitação ao governo. Em Bolzano, havia mais adeptos do fascismo entre a população italianófona local, mas não se pode dizer que não houve participação de tirolese de língua alemã. Sabe-se, contudo, que se negar a participar era altamente comprometedor e até perigoso.

Após a anexação (al. *Anschluss*) da Áustria pela Alemanha nazista, Mussolini se mostrou inicialmente contrário à ação alemã e logo tratou de enviar militares até a fronteira austro-italiana, principalmente ao Vale do Brenner (al. *Brennerpaß*; it. *Passo Brennero*), receando uma possível ofensiva alemã com auxílio da população local. A notícia da anexação encheu de ânimos os habitantes da província de Bolzano, que

⁵⁰ Trecho publicado também em BALDI (2005: 36).

⁵¹ Contudo, não se deve negar que o início do século XX fora marcado por movimentos de caráter autoritário, e autoritário eram também os discursos socialistas russos e aqueles liberais dos Estados Unidos e da França.

esperaram realmente uma ação da Alemanha na região. Mas a diplomacia italiana tratou rapidamente de firmar acordos com o *Reich* alemão.

A confirmação das fronteiras setentrionais do Reino da Itália e o reconhecimento destas pelo governo alemão garantiram a perseguição étnica que se seguiu no Tirol Meridional, tomando proporções exageradas. O uso do idioma alemão foi totalmente proibido em locais públicos, as poucas escolas alemãs ainda existentes foram fechadas e seus professores foram presos ou obrigados a seguir para o exílio, sendo imediatamente substituídos por professores italianos vindos de outras regiões. Todos os topônimos alemães, ladinos e dialetais trentinos foram substituídos por correspondentes italianos (muitos deles sem qualquer tradição), era comum a alteração ou italianização dos sobrenomes de origem germânica e ladina, que eram *italianizados* ou simplesmente traduzidos para o italiano⁵². Durante o regime fascista, Ettore Tolomei foi o “idealizador” da italianidade do Alto Ádige. Em 1923, publicou em Bolzano seu programa de italianização da população local e da substituição de todas as referências alemãs, ladinas e dialetais trentinas por nomes *ex novo* italianos. Por influência do filólogo Ascoli, o antigo Tirol Meridional foi rebatizado como *Venezia Tridentina*. As cidades tiveram seus nomes trocados por correspondentes italianos ou *latinos*.

Muitos topônimos italianos e ladinos para cidades *alemãs* do Tirol eram utilizados há séculos (principalmente pelos trentinos) juntamente com seus correspondentes alemães e sem qualquer distinção de caráter nacionalista, como *Altrei* (it. *Anterivo*, trent. *Nanterù*; tir. *Faltrui*), *Bozen* (it. *Bolzano*, *Bolgiano*; lad. *Balsan*, *Bulsan*), *Branzoll* (it. *Bronzolo*), *Brixen* (it. *Bressanone*, lad. *Persenon*), *Bruneck* (lad. *Bornech*), *Meran* (it. *Merano*), *Toblach* (it. *Dobbiaco*; lat. *Duplago*) etc. Muitos têm origem latina, dos quais vários são latinizações a partir de nomes originais réticos, e caíram em desuso já na Idade Média, sendo retomados por Tolomei e adequados à língua italiana, como *Aldein* (it. *Aldino*; latino *Aldinus* da forma longobarda *Aldinum*), *Latsch* (it. *Laces*; lat. *Lacis*), *Schlanders* (it. *Silandro*; lat. *Silanderes*) etc. Há casos de nomes adotados diretamente toponomástica ladina dolomítica⁵³, como *Vintl* (lad. *Vandoies*), *Ritten* (lad. *Renon*), *Pfalzen* (lad. *Falzes*) e, finalmente, há topônimos,

⁵² Até mesmo nos cemitérios as lápides com nomes alemães foram trocadas por novas onde se liam os nomes traduzidos ou italianizados. A italianização tratou de “resolver” o problema com os dialetos italianos que, segundo o ideal fascista, “ameaçavam” a unidade linguística nacional.

⁵³ O fascismo não considerava o ladino enquanto língua, mas como um dialeto italiano.

chamados *ex novus*, criados por meio de adaptações, sem qualquer tradição histórica, como *Rodeneck* (it. *Rodengo*), *Taisten* (it. *Tesido*), *Vöran* (it. *Verano*) etc⁵⁴.

A italianização seguia a todo vapor, com incentivo governamental para que colonos oriundos do Sul da Itália se estabelecessem na região, colocando em prática a ideia de Mussolini, que acreditava que somente com a mescla étnica o problema nacional estaria resolvido. O governo tratou de desagregar a população de língua ladina habitante do Maciço do *Sella*, separando as cidades de Cortina d'Ampezzo, Colle e Livinalongo do Alto Ádige e anexando-as ao Vêneto.

O governo também controlava todas as manifestações culturais, que deveriam ser adaptadas segundo o “modelo italiano” e até os trajes típicos foram substituídos por novos modelos, elaborados segundo moldes romanos e que deveriam substituir a tradicional vestimenta dos grupos folclóricos tirolezes (GRI & GIUSEPPE, 1994). Entre 1928 e 1930 formou-se no *Südtirol* um grupo de resistência que clandestinamente mantinha o ensino do alemão em escolas clandestinas, chamadas “escolas das catacumbas” (al. *Katakombenschule*) e que contavam com auxílio de tirolezes austríacos que enviavam livros escolares em língua alemã e com o apoio não oficial do clero local. O governo italiano aplicou duras penas aos professores pegos em flagrante, com destaque para Angela Nikoletti (1905 – 1930) e Josef Noldin (188 – 1929), condenados respectivamente à prisão e ao exílio.

Gaetano Salvemini (1873 – 1957), famoso socialista e anti-fascista italiano que durante a Primeira Guerra chegou a apoiar a campanha italiana pela anexação de Trento, fez duras críticas contra Tolomei antes de partir para o exílio em 1925, definindo-o como “o carrasco do Tirol que utilizou os instrumentos mais refinados para atormentar as minorias nacionais na Itália”, cujos admiradores nacionalistas “lhe atribuíram o mérito de ter criado o Alto Ádige e ele aceitou sem reservas aquela homenagem” (SALVEMINI, 1952).

Em 1939, passou a funcionar um pacto estabelecido entre Roma e Berlin e que ficou conhecido por “opção” (it. *opzione*; al. *Option*), estabelecendo que os cidadãos italianos de língua alemã ou ladina que assim o desejassem, poderiam optar pelo transferência nos territórios do Terceiro *Reich*, abandonando qualquer possibilidade de retornarem para a Itália como cidadãos italianos. Aqueles que ficassem eram obrigados a aceitar o regime italiano, integrando-se na cultura italiana, abandonando seu idioma

⁵⁴ Vale lembrar que na atual Província de Bolzano o uso da toponomástica italiana levada a cabo por Ettore Tolomei é ainda oficial.

pátrio e renunciando ao reconhecimento na qualidade de minoria linguística. O pacto funcionou de 1939 a 1943, permitindo o repatriamento na Alemanha dos sul-tirolese que abandonassem sua terra natal, no momento em que o governo fascista promovia forte propaganda no intuito de esvaziar as áreas germanófonas e substituir a população original por colonos italianos vindos de outras províncias. Famílias inteiras abandonaram suas terras e seguiram para o *Reich* na esperança de poder manter seu idioma e costumes, mas isso não ocorreu, pois Hitler se utilizou dessas famílias para povoar os assentamentos alemães em regiões tchecas e ucranianas. Com o final da II Guerra, algumas famílias conseguiram retornar para sua terra natal ou se estabeleceram na Áustria; outras foram obrigadas a seguir para campos de concentração soviéticos (BARATTER, 2005).

Nos anos finais da guerra, a região alpina tirolese foi ocupada pelas tropas alemãs que anexaram as províncias de Trento, Bolzano e Belluno ao *Reich* alemão sob a designação *Alpenvorland* (“área pré-alpina”), juntamente com a província de Belluno. Tempo depois, a região seria ocupada pelas tropas norte-americanas, francesas e inglesas, auxiliadas pelos *partigiani* locais, grupos armados de resistência anti-fascista.

1.9. A AUTONOMIA REGIONAL SUL-TIROLESA

Após a derrota dos países do Eixo e o fim da Segunda Guerra Mundial, as potências aliadas confirmaram o Tirol Meridional como sendo território italiano. A reconstrução do pós-guerra foi também marcada pela busca da identidade local. Com a entrada das tropas aliadas no Sul da Itália, Alcide De Gasperi foi liberto do exílio e, retornando à esfera política de Roma, funda o partido da Democracia Cristã (it. *Democrazia Cristiana*). Tendo sido eleito presidente do Conselho dos Ministros, foi o primeiro chefe de estado da República Italiana, ocupando de 1945 a 1953 o cargo de primeiro-ministro, assumindo a grande responsabilidade de reconstrução da Itália com iniciativas de reforma agrária e aproximação com os países vizinhos.

As manifestações populares se tornavam cada vez mais frequentes, sobretudo na província de Bolzano. Logo após o fim do conflito, muitas famílias de tirolese de língua alemã e ladina saídas durante a “Opção” (al *Option*; it. *Opzione*) conseguiram retornar para sua terra natal, mas encontravam dificuldades com a posse de terras e documentação italiana. De certo modo, as instituições italianas mantinham sutilmente o

processo de italianização do Tirol, ocasionando conflitos locais. Em cinco de setembro de 1946, os então ministro Alcide De Gasperi (Itália) e Karl Gruber (Áustria) assinaram em Paris um acordo que estabelecia a igualdade de direitos aos habitantes de língua alemã das províncias de Bolzano e Trento, garantindo o direito de restituir os sobrenomes modificados, o ensino de sua língua materna nas escolas e o uso indistinto do italiano e do alemão nos departamentos públicos locais. O destino da região foi estabelecido por ministros de países distintos, embora ambos fossem nascidos no Império Austro-húngaro e fossem tirolese: De Gasperi era natural de Sardenha, no então Tirol Italiano e Gruber era de *Innsbruck*, no Tirol austríaco.

Apesar do acordo, grupos separatistas começaram a se formar na região, como o *Movimento Separatista Trentino*, liderado por Guido Pompermayer e por Alfonso Manica, que contava com milhares de simpatizantes e reivindicava o retorno da região de Trento e Bolzano no interior da república austríaca. Em 1946, o grupo enviou um memorando a Paris, pedindo que fosse feita uma visita oficial das potências aliadas ao Tirol Meridional, para que pudessem compreender a situação *in loco* e permitir a autodeterminação da população pelo seu futuro, se com a Itália ou com a Áustria. O texto havia sido entregue pela professora trentina Clara Marchetto (1911 – 1982), que durante o governo fascista havia sofrido a prisão por colaborar com a espionagem francesa.

Em 1948, ano de eleições em Trento, Clara Marchetto havia obtido votos suficientes para assumir o cargo de conselheira (deputada), mas não lhe foi permitido assumir por conta de manobras políticas do governo romano. A população sul-tirolese havia obtido maioria de votos em referendo para um retorno à Áustria, mas não houve nenhum reconhecimento oficial e o partido único *Südtiroler Volkspartei* (“partido popular sul-tirolês”) adotava a política de defesa da autonomia administrativa da região com grandes manifestações organizadas em Bolzano e demais cidades. Na região trentina, a *Associazione Studi Autonomisti Regionali* (“associação de estudos autonomistas regionais”), que só no Trentino contava com mais de 100 mil inscritos, reivindicava a “autonomia regional integral” (BARATTER & GIOPPI, 2011) com manifestações grandiosas.

A ASAR deu origem posteriormente ao *Partito del Popolo Trentino Tirolese* (“partido popular do povo trentino-tirolês”), cuja identidade em muito se aproximava do *Südtiroler Volkspartei*, e que chegou a discutir uma fusão com este após uma moção feita por Clara Marchetto, que propunha a criação do *Partito Popolare Tirolese*.

Trentino (al. *Tiroler-Trentiner Volkspartei*). Os dois movimentos autonomistas da região encontravam forte resistência das representações políticas da Democracia Cristã de Alcide De Gasperi, cujo prestígio e auxílio de diversos setores da política italiana garantiam o apoio do clero trentino e dos meios de comunicação locais e nacionais.

A década de 1950 transcorreu com manifestações pela autonomia regional de Bolzano, província que permanecia “sufocada” pelo centralismo político italiano em Trento. O então governador da província de Bolzano, Silvius Magnago (1914 – 2010), foi um dos idealizadores do movimento que ficou conhecido como *Los von Trient* (“abandonar Trento”), que pedia a descentralização do governo regional e maior autonomia para a população germânica de Bolzano. Isso se deu porque o governo italiano continuava sua política de assimilação e a prometida autonomia não era colocada verdadeiramente em prática. Viena denunciava junto às demais nações europeias o processo de “apagamento” da identidade regional, mas não demonstrou inicialmente nenhuma política de enfrentamento com a diplomacia italiana. Magnago nasceu em *Merano* e durante a Segunda Guerra, Magnago havia servido o exército alemão, tendo sido gravemente ferido em combate; seu pai, trentino da Valsugana, foi professor de língua italiana na antiga capital tiroleza e sua mãe era do Vorarlberg. Compreendia a situação política do Tirol Meridional e o clima de revanchismo criado pelo governo para desestabilizar um possível trabalho conjunto de Trento com Bolzano..

A partir de 1960, a situação se agravou na província de Bolzano com o surgimento do grupo separatista *Befreiungsausschuss Südtirol* (“comitê pela liberação do Tirol do Sul”), fundado em 1956 por Joseph (Sepp) Kerschbaumer⁵⁵ (1913 – 1964). Inicialmente formado por alguns simpatizantes da política autonomista e por separatistas pró-Áustria, o grupo foi responsável pela destruição de torres de alta tensão, no intuito de chamar a atenção internacional para a questão sul-tiroleza. Sabe-se hoje que a inteligência secreta italiana aproveitou-se da situação, promovendo atentados em *Innsbruck*, Trento e Verona, com a intenção de criminalizar o grupo separatista e impedir a simpatia popular e austríaca pelo movimento (GODOWITSCH, 2009). Preso e condenado por atentado contra o estado italiano, Kerschbaumer foi morto na prisão, assim como demais separatistas sul-tirolezes como Franz Köfler, embora não fosse aberto nenhum processo que investigasse as reais causas das mortes. Outros separatistas fugiram e se exilaram na Áustria e Alemanha. Com a divulgação do conteúdo de cartas

⁵⁵ Seu irmão emigrou para o Brasil, estabelecendo-se na cidade de Treze Tílias, em Santa Catarina.

dos prisioneiros e apoio clandestino de grupos austríacos e alemães (muitos dos quais de inspiração neo-nazista), o problema sul-tirolês foi encaminhado até as Nações Unidas, ocasionando discussões entre as diplomacias italiana e austríaca sobre o direito da população germânica para um referendo e o controle do território.

Em 1965, o governador do Tirol austríaco Eduard Wallnöfer (1913 – 1969), nascido no Tirol Meridional e filho de sul-tirolezes que optaram pelo *Reich* alemão durante o período fascista, passou a manifestar sua opinião sobre a questão sul-tiroleza, gerando um desconforto político entre Viena e Roma. Em um famoso discurso de 1965, Wallnöfer afirmava que “"mesmo que as potências do mundo, contra o direito e contra a sólida vontade do povo tirolês, tenham alterado as fronteiras nacionais, mesmo que tenham tornado virtualmente inútil a heróica luta dos *Schützen* tirolezes e seus camaradas nas montanhas do Tirol, os Estados em que eles lutaram e onde tombaram, ainda são as inalteráveis e verdadeiras fronteiras do Tirol. Nós sabemos que não podemos mudar as injustas fronteiras nacionais com violência. Mas ninguém pode esperar de nós que chamemos o que é injusto de justo e que deixemos de empregar ardorosamente todas as nossas forças pelo Direito no Tirol do Norte e do Sul." As manifestações públicas de Wallnöfer, que por inúmeras vezes visitou Bolzano e Trento nos anos seguintes (e nesta última afirmou que “não existe história do Tirol sem o Trento e nem história do Trento sem o Tirol”), comprometiam a atuação de Roma na região e deixava o clima político ainda mais instável.

Para garantir seu domínio na região e evitar um possível movimento separatista, o governo italiano reconheceu a aplicação do chamado pacote da autonomia para Trento e Bolzano, sendo garantidos nesta última província o ensino do idioma alemão, o uso bilíngue em documentos oficiais, assim como o uso indistinto do italiano e do alemão em locais públicos; a designação *Südtirol* foi oficializada para a província, mas o topônimo *Alto Adige* foi mantido como designação oficial italiana.

1.9.1. A REGIÃO AUTÔNOMA TRENTINO-TIROL DO SUL E A EUREGIO TIROLESA

O estatuto de autonomia atualmente em vigor, embora elaborado na década de 1960, foi “totalmente” aplicado na década de 1990. Este, além da autonomia governativa, garante também uma particular forma de autonomia fiscal, na qual 90%

das contribuições de impostos são retidas pelas províncias e 10% segue para a união, ou seja, para Roma.

Atualmente, à Região Autônoma Trentino-Tirol do Sul (it. *Regione Autonoma Trentino-Alto Adige*, al. *Autonome Region Trentino-Südtirol*, lad. *Region Autònoma Trentin-Südtirol*) é garantido um *estatuto especial de autonomia*, o qual prevê que o poder executivo depende da Junta Provincial e o poder legislativo depende do Conselho Regional, composto por 35 membros trentinos e 35 sul-tiroleses. Ambas as províncias possuem seus respectivos presidentes, eleitos pelo voto popular e que revezam na presidência regional (PETERLINI, 2000).

Discute-se atualmente a implantação do “terceiro pacote da autonomia”, uma autonomia integral e menos vinculada ao governo central em Roma. No entanto, com a crise que abalou as estruturas governativas da Itália entre 2012 e 2013, a câmara e o senado italianos aprovaram a diminuição da autonomia fiscal das províncias de Trento e Bolzano, que passaram a contribuir com valor maior para a união.

O Tirol austríaco e as Províncias Autônomas de Trento e Bolzano possuem um escritório comum nas Nações Unidas, intitulado Região Europeia do Tirol (it. *Euregio Tirolo*; al. *Europaregion Tirol*). Trata-se de um projeto de colaboração mútua, que estabelece ações conjuntas entre as regiões do Tirol histórico.

Desde o ano de 2007, as cidades tirolesas de *Cortina d’Ampezzo*, *Livinallongo* e *Colle Santa Lucia*, na Província de Belluno (Vêneto), participam oficialmente da *Euregio*. As cidades de *Magasa* e *Valvestino*, desmembradas da Província de Trento em 1934 e anexadas à Província de Brescia (Lombardia), realizaram referendos para seu retorno ao território autônomo.

Simbolo da Região Européia do Tirol.

Nos últimos dez anos, a província de Trento tem dado maior atenção aos aspectos históricos e culturais do período austro-húngaro, como o processo de imigração de trentinos a partir de 1875.

A década de 1980 marcou a refundação de várias companhias de *Bersaglieri* (al. *Schützen*) nas províncias de Trento e Bolzano, e somente nas décadas de 1990 e 2000, foram refundadas mais de 10 companhias. Museus locais e entidades culturais promoveram diversas palestras e mostras fotográficas nas décadas de 1990 e 2000, com temas ligados à imigração e aos aspectos culturais do período anterior a 1920.

No que se refere propriamente à imigração de seus habitantes, a Província Autônoma de Trento mantém um escritório responsável pela manutenção de projetos em prol dos “trentinos no exterior”, muitos dos quais questionados nos últimos anos por vários setores da política italiana e trentina pelo alto grau de investimento⁵⁶.

Há também duas entidades não governamentais (it. *Onlus*), com finalidades semelhantes, mas filosofias bastante diversas: a *Associazione Trentini nel Mondo*, de caráter democrático-cristão, mais ligada à política italiana, e a *Associazione Famiglia Trentina*, de caráter autonomista e mais ligada à política regional. Ambas possuem “filiados” nos países em que imigrantes trentinos se instalaram no período entre 1875 e 1950; trata-se dos *círculos trentinos* e *famílias trentinas* que, somente no Brasil, mantêm sedes em várias cidades das regiões Sul e Sudeste.

Entre 1991 e 1992, o governo italiano organizou normas e uma lei que garante o direito da cidadania italiana aos descendentes de imigrantes saídos do antigo Reino Italiano. No entanto, até o ano 2000, os imigrantes trentinos não eram reconhecidos nem pelo governo austríaco, nem pelo governo italiano e seus descendentes não tinham nenhum direito à dupla cidadania. Os imigrantes eram considerados “apátridas”, pois o antigo império fora extinto e, após 1920, a República Austríaca reconheceu *austríacos* apenas os habitantes e imigrantes da região conhecida como *Deutsch-Österreich* (“Áustria alemã”), composta atualmente por seus nove estados. Além disso, com o fim da monarquia, a nova república austríaca decretou uma lei (reconfirmada após a Segunda Guerra Mundial) que não reconhecia a cidadania austríaca aos habitantes das regiões outrora pertencentes ao Império e perdidas após a Primeira Guerra Mundial.

⁵⁶ Cfr. as publicações dos jornais trentinos *L'Adige* e *Quotidiano Trentino* entre os anos 2012 e 2014.

Em 2000, o governo italiano reconheceu na Lei 379/00 o direito à cidadania italiana para os descendentes de imigrantes saídos das antigas províncias *italianas* do extinto Império Austro-Húngaro, a saber: Trentino, Tirol do Sul, Friúl, Údine, Gorízia e Trieste (incluindo algumas cidades atualmente pertencentes à Eslovênia).

No Brasil, muitos círculos trentinos trabalharam voluntariamente junto aos consulados italianos na organização de documentos para que os descendentes de imigrantes pudessem apresentar seus *processos da cidadania*. Inicialmente, o prazo dado pelo governo de Roma teve seu término em 2005, mas foi renovado até 2010.

Somente no Brasil, o número descendentes de italianos que aguardam um parecer positivo do governo italiano para a obtenção da cidadania (leis 91/92 e 379/00) ultrapassa os setenta e sete mil. Cerca de trinta mil descendentes de trentinos, gorizianos e friulanos aguardam um parecer positivo desde 2000, mas além da burocracia consular italiana, existe grande resistência de partidos conservadores em Roma que “dificultam” qualquer iniciativa governamental italiana nesse sentido. Tais partidos acusam o governo de Roma de incentivar a imigração ilegal e não resolver os problemas sociais dos *nativos*, alegando que muitos problemas da Itália moderna têm sua principal causa no descontrole das autoridades competentes no que diz respeito à entrada de estrangeiros que “usurpam” empregos dos cidadãos italianos. Trata-se de uma discussão delicada e comum a outros países europeus.

Após quatorze anos da Lei 379/2000, os resultados positivos são mínimos. De acordo com vários círculos trentinos⁵⁷, os descendentes que procuram obter a cidadania para trabalhar na Europa não representam a maioria dos requerentes, sendo a dupla cidadania apenas um *instrumento facilitador* daqueles que não querem ter problemas de visto ou passaporte em viagens ou pretendem estudar temporariamente na Europa.

A imigração tiroleza no Brasil, ocorrida há praticamente 140 anos, representa não apenas as dificuldades encontradas pelos imigrantes no passado, mas também as dificuldades atuais dos descendentes na construção de sua *identidade*, uma vez que a complexidade história do Tirol, sobretudo da porção meridional de língua italiana, impõe ainda hoje restrições governamentais e discussões ideológicas.

⁵⁷ Em 2012, o *Circolo Trentino di São Paulo*, entidade fundada em 1975 e que atualmente conta com cerca de 1.500 associados, realizou uma pesquisa com base nos interesses dos descendentes que procuram obter a cidadania italiana e os resultados demonstraram que a maior parte procura obter a cidadania para manter maiores vínculos com a terra de origem de seus antepassados. Aqueles que pretendem trabalhar na Europa representam menos do que 30% dos requerentes. Desde 2006, fazemos parte do *Circolo Trentino di São Paulo*, onde trabalhamos voluntariamente junto à Diretoria de Cultura da entidade.

2. A IMIGRAÇÃO TIROLESA NO BRASIL E NO ESTADO DE SÃO PAULO

Ne tóca nar via dal Tirol (“precisamos partir do Tirol”). Essa era a preocupação de milhares de camponeses do Tirol Italiano a partir de 1860. Por conta da crise no campo e nas cidades, já não havia mais condições para os tirolese italianos permanecer em sua terra natal; era preciso encontrar outro local, outro país para viver.

2.1. FATORES CAUSADORES DA IMIGRAÇÃO

A maior particularidade do Império Austro-Húngaro, que justificava sua existência, era a pluralidade. Nenhuma outra nação da Europa conseguiu unir sob uma única regência diferentes etnias, culturas e religiões. Não havia unidade étnica na Áustria até 1920, nem mesmo qualquer unidade linguística, confessional e nacional. Daí o fato de a Áustria jamais ter aceitado uma união com o nascente estado alemão, pois a monarquia dos Habsburgo não governava “para um povo” como queriam fazer os nacionalistas prussianos com os povos germânicos. No último censo austríaco realizado em 1910, na parte ocidental do Império, conhecida como *Cislethania*, de um total de 27.936.872 habitantes, 35,58% eram alemães, 23,02% tchecos, 17,77% poloneses, 12,58% rutenos, 4,48% eslovenos, 2,80% servo-croatas, 2,75% italianos, 0,98% romenos e 0,04% húngaro-armênios. Na *Transleithania*, parte oriental do império referente ao Reino da Hungria, os húngaros representavam 48,1% da população e somavam mais de dez milhões de pessoas, mas também eram consideráveis os grupos ruteno, ucraniano e alemão.

Benvenuti (1994) apresenta uma ocasião solene ocorrida em Viena antes da I Guerra Mundial, quando de um juramento militar proferido em dez línguas diferentes e com a participação de capelães de sete comunidades religiosas do Império Austro-Húngaro, a saber: católica romana, greco-católica, greco-ortodoxa, ortodoxa armênia, luterana, hebraica e islâmica. O desafio da atual União Europeia parece ser o enfrentamento dos nacionalismos que conseguiram desagregar e desfazer uma verdadeira “união de europeus” que foi durante séculos a Áustria.

Os imperadores Francisco José e Carlos I conseguiram manter uma só regência para tantos povos distintos, sobretudo sustentados em sua própria vocação política,

baseada no antigo prestígio da Casa de Habsburgo, e tal sistema se sustentou de forma consensual até a queda definitiva do Império (1918). Como registrado, os ideais nacionalistas floresciam no continente europeu e, com estes, os movimentos que reivindicaram o direito dessas “novas nações” europeias. A situação política no Tirol estava instável desde 1859 com as disputas territoriais entre o Império Austríaco e o Reino Italiano. O camponês do Tirol, fosse ele de língua alemã, ladina ou italiana, não participava da realidade política da Itália e a unificação da Itália e da Alemanha foram inicialmente ignoradas pelos camponeses. Mas seus resultados não tardariam a chegar para afetar definitivamente a economia tirolesa.

O período de dominação napoleônica resultou em governos enfraquecidos politicamente e financeiramente. No século XIX, a grande maioria da população europeia ainda era camponesa e, por isso, menos favorecida economicamente. Os camponeses não recebiam auxílios significativos por parte dos governos e, sem muitas alternativas para superar as crises – fossem elas econômicas ou ocasionadas por motivos bélicos –, eram sempre os primeiros a padecer com seus resultados.

O historiador trentino Renzo Maria Grosselli dedicou vários estudos à imigração de tiroleses e italianos para o Brasil, publicando livros repletos de detalhes e estatísticas sobre a imigração de tiroleses italianos, então súditos do Império Austro-Húngaro. Não há dúvidas que o império constituía-se em uma das mais influentes potências europeias. As capitais urbanas sob a monarquia dos Habsburgo eram consideravelmente modernas, com construções elegantes, bibliotecas e jardins públicos; várias regiões passavam por um veloz processo de industrialização, ocasionando uma rápida expansão da rede ferroviária (GROSSELLI, 2008). No entanto, boa parte do território austro-húngaro era dominada pela paisagem agrícola, cuja economia dependia exclusivamente do comércio interno ou daquele existente com regiões fronteiriças.

Os territórios periféricos do Império Austro-Húngaro sentiram de forma mais significativa as crises econômicas e políticas no final do século XIX, exatamente porque muitos deles eram reivindicados pelas potências e nações vizinhas. As crises iniciadas logo após o período napoleônico se agravaram em meados de 1850, gerando uma situação extremamente difícil para os camponeses. Por conta disso, um grande número deles procurou melhores condições de vida em outras terras da Europa e na longínqua América, de onde chegavam notícias de oportunidades de trabalho e prosperidade.

A Áustria apresentou um considerável crescimento econômico a partir de 1860, mas a união das coroas austríaca e húngara acabaria por enfraquecer a economia ocidental do império. Grosselli (2010, p. 59) apresenta dados de 1870 que atingiram a economia austríaca, gerando pobreza no campo e imigração. Por conta do “sucesso” econômico, entre 1868 e 1873, foram fundados 141 bancos no interno da monarquia austro-húngara, mas seu objetivo principal não era o de acompanhar a crescente industrialização; ao contrário, tratou-se exclusivamente interesse especulativo da burguesia local e internacional. As consequências foram catastróficas, sobretudo após o *Krach* da bolsa de Viena, ocorrido no fatídico 9 de maio de 1873, que ficou conhecido como “sexta-feira negra”. Nas semanas que se sucederam, ocorreram muitos falimentos e liquidações de bancos, companhias de seguros, indústrias e sociedades ferroviárias. Uma “verdadeira e própria tragédia” que gerou uma “reviravolta na vida econômica, social e política da monarquia e de todos os povos que eram agregados em seu interno” (GROSSELLI, 2010, p. 61).

Enquanto isso, países americanos em pleno desenvolvimento como o Brasil, a Argentina e os Estados Unidos buscavam mão de obra europeia. Inicialmente, o governo imperial austríaco não prestou muita atenção ao fenômeno emigratório de seus súditos, sendo muitas vezes contrário (GROSSELLI, 2005, 2008), mas a situação não poderia ser mais favorável para o aumento do número de emigrantes.

Na província do Tirol, com maioria da população camponesa, o enfraquecimento político do império e a perda da Lombardia (1859) e do Vêneto (1866) para a Itália foram decisivos no processo de emigração de seus habitantes. Os produtores do Tirol Italiano não enxergavam nenhum horizonte comercial. O mercado nas províncias vêneta e lombarda estava comprometido devido ao embargo comercial italiano e a crise econômica abalava até as bases da monarquia austro-húngara e não permitia o funcionamento do mercado interno.

No início do século XIX, os camponeses representavam 90% da população no Tirol Italiano, de modo que apesar de seu prestígio histórico, administrativo e regional, a cidade de Trento não poderia ser considerada em hipótese alguma uma “cidade grande”, pois a maioria da população estava realmente no campo e vivia da economia agrícola. Grandi (1978, p. 41) demonstra que em 1890, os agricultores eram 71% da população do Tirol Italiano e os artesãos representavam 10%. No início do século XX, os camponeses passaram a representar 66% da população. Para se ter uma ideia do que

foi o processo imigratório no Tirol Italiano, ele significou no decorrer de apenas 50 anos um verdadeiro êxodo que modificou totalmente a paisagem humana.

As novas barreiras alfandegárias impostas pelo Reino da Itália prejudicaram sobremaneira a indústria têxtil trentina e a produção de uvas e vinhos no vale do Rio Ádige. Trento não pôde mais contar com os tradicionais mercados das províncias lombarda e vêneta, nem com o mercado italiano que, após as guerras de 1859 e 1866, boicotava os produtos austríacos. Isso afetou diretamente a agricultura do Tirol Meridional, baseada no sistema familiar e, de certa forma, dependente do vizinho mercado italiano. Os resultados foram os piores; a crise no campo assolou os vales dos rios Ádige, Avio e Brenta, que encontravam dificuldades para vender o vinho e a seda. O mercado interno tirolês era frágil e os produtores mais ao norte, na região de Bolzano, não permitiram que os produtos do Tirol Italiano ocupassem o lugar de suas vendas locais ou de suas exportações para outras regiões do império (GROSSELLI; 2008).

Com a diminuição das vendas, aumentava a pobreza no campo, possibilitando a disseminação de pragas nas plantações, que não se combatiam facilmente por causa da falta de tecnologia adequada. Vale lembrar que a economia de montanha, além de dificultosa, é bastante sujeita a intempéries; os meses do inverno são praticamente improdutivos e desastres naturais como avalanches, desmoronamentos e inundações não eram raros. Além disso, havia no Tirol uma complexa divisão de terras baseada em sistemas arcaicos, como o sistema de herança das terras somente para o filho primogênito (GROSSELLI, 1990; 2001), ocasionando nas grandes famílias uma complicada relação na agricultura familiar, com irmãos mais novos sem terras dependentes de irmãos mais velhos donos de propriedades familiares.

Em 1865, ocorreu o deslocamento do Rio Ádige por causa da ferrovia, prejudicando a agricultura nos arredores de Trento e provocando enchentes em demais distritos ao longo do vale, o que dificultou ainda mais a situação da economia local, já debilitada por conta das pragas da época. No mesmo período, a cultura do bicho-da-seda – introduzida na região trentina pelos padres missionários que trouxeram os primeiros casulos da China – sofreu enormes baixas por causa da pebrina, causada pelo parasita que ataca a larva produtora da seda. A carne, cada vez mais rara na mesa do camponês, sofreu uma brusca mudança de preço ocasionada pela queda no número de rebanhos, vítimas de doenças causadas pela falta de alimentação adequada do gado.

Nos vales trentinos, assim como nas vizinhas províncias do Vêneto e da Lombardia, a alimentação pobre a base de polenta e sem quase nenhuma presença

proteica desencadeou a disseminação da pelagra (it. *pellagra*), doença causada pelo baixo número de nutrientes na alimentação cotidiana. A doença não foi apenas uma epidemia de época, mas se tornou um verdadeiro problema social da Itália Setentrional que ceifou milhares de vidas camponesas e cujos resultados, guardadas as devidas proporções, podem ser comparados aos das antigas pestes do período medieval.

A disseminação da pelagra estava relacionada à redução da produção de trigo no início do século XVIII, quando o consumo da farinha de milho substituiu o da farinha de trigo em várias regiões da Europa. O milho não possui a vitamina PP (cujo nome se origina do termo “preventivo à pelagra”) e a alimentação baseada no consumo quase exclusivo de polenta e vinho fez com que a doença se alastrasse rapidamente entre os camponeses famintos⁵⁸. A pelagra causava dermatite, seguida de diarreias e alterações mentais (demência) e sua afecção era também ligada ao alcoolismo.

2.2. A IMIGRAÇÃO COMO “FUGA”

No final do século XIX, milhares de camponeses miseráveis do Tirol Italiano já não contavam diariamente com o consumo de leite, carne, ovos, massas e pães; as refeições diárias eram praticamente a base de farinha de milho cozida ou torrada (polenta, *brö brusà*), chucrute (repolho curtido), alguns legumes e, porventura, alguma carne de caça (geralmente pequenas aves). Era comum no Tirol Italiano a existência do trabalhador que aceitasse como pagamento apenas uma garrafa de destilado (al. *Schnaps*, trent. *sgnàpa*), conhecido como *lingéra* [lin'džera], termo dialetal que atualmente designa um maltrapilho ou mendigo.

Um canto popular outrora bastante difuso na região trentina e vêneta – e ainda conhecido em algumas colônias brasileiras – retratava a situação da época:

Vótu venir Julieta?

Vótu venir con me?

Vótu venir en Mèrica

a travaliar con me?

Queres vir Julieta?

Queres vir comigo?

Queres vir para a América

para trabalhar comigo?

⁵⁸ O vinho era oferecido, inclusive, às crianças, na tentativa equivocada de substituir o consumo de leite. A farinha de milho era pobre em nutrientes (sobretudo de vitamina B, PP e aminoácidos como o triptofano).

*Mi si che vegniria
se fus da chi a Milan,
ma per 'ndar en Mèrica
l'è massa via lontan!*

Eu sim que viria
se fosse daqui a Milão,
mas para partir para a América
é muito longe!

*Mi parto col vapore
se no se mòre de fam!
Vago lontan en Mèrica
endo gh'è pan e salam!*

Eu parto com o navio,
senão se morre de fome!
Parto para longe, para a América
onde há pão e salame.

Se as guerras da unificação italiana ocasionaram a modificação dos confins meridionais do Império Austro-Húngaro e fizeram do Tirol novamente – e bruscamente – um território de fronteira, a frágil economia imperial não conseguiu frear o processo de empobrecimento que antecedeu a imigração de tirolese, friulano e triestino (BARATTER, 2009).

Na década de 1860, ocorrera uma considerável emigração de tirolese italiano no interior da Europa, que seguiam principalmente para a França, Bélgica, Suíça, Hungria e ao Vorarlberg austríaco. A partir de 1875, seguiu-se um grande número de trentinos que emigrou principalmente para a América, mas também em menor número para a Austrália (MATTEI, 1986).

Em 1880, Vittorio de Riccabona em seu *Delle condizioni economiche del Trentino* (“Das condições econômicas do Trentino”) afirma que, no Tirol Italiano, os “ativos e intrépidos montanhese emigram caçados do solo ingrato”. Um canto de emigração provavelmente originário de Vallagarina (al. Lagertal), nos arredores da cidade de Rovereto é ainda popular entre descendentes de imigrantes das cidades catarinenses de Rio dos Cedros, Rodeio e Nova Trento, assim como no Rio Grande do Sul (LEDRA, 1945; GROSSELLI, 1991):

*Quàndo sarémo en Mèrica,
la tèra ritrovàta,
nòi ghe darén la zàpa,
ai sióri del Tirol!*

Quando estivermos na América,
a terra encontrada (prometida),
nós lhes daremos a enxada,
aos senhores do Tirol!

<i>E con i bafi de sti sióri</i>	E com os bigodes destes senhores
<i>noi ghe faremo tanti spazeti</i>	nós nos faremos tantas vassourinhas ⁵⁹
<i>sol per mostrare a quei valenti</i>	só para mostrar àqueles valentes
<i>quando en Tirol (Italia) ritornaren!</i>	quando ao Tirol (à Itália) retornarmos!

A emigração como *fuga da pobreza* foi um fenômeno que se iniciou em 1875. Não somente da pobreza, mas era a fuga de um modo de vida que não permitia ao trabalhador braçal vislumbrar futuro digno para seus descendentes. Nesse sentido, tratou-se de fuga do arcaico sistema agrário, no qual pequenos proprietários eram totalmente dependentes de um sistema tradicional de divisão de terras que privilegiava o irmão mais velho, além de fuga do poderio dos “Senhores do Tirol”, isto é, das famílias de antigo prestígio regional e *donos* da economia nos vales. Bonatti (1974, p. 28) identifica vários *siori* na região entre Trento e *Matarello*: os condes Martini, Salazin e Schizzo de Noris (deputado em Viena), os barões Trentini e Merzi, a família dos condes Thun Hoestein e os latifundiários Pedrotti e Prandi. Além deles, a *mensa vescovile*, ou seja, os latifúndios da Igreja pertencentes ao antigo principado episcopal.

2.3. A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO PROCESSO IMIGRATÓRIO TIROLÊS

Na tentativa de conter a crise do sistema agrário, a Igreja Católica passou a atuar diretamente entre os camponeses com o apoio do "Conselho Provincial de Agricultura do Tirol (al. *Tiroler Provinzrat für Agrikultur*; it. *Consiglio Provinciale dell'Agricoltura del Tirolo*), iniciando uma campanha para fundar as primeiras cooperativas populares. Isso era o resultado da difusão da encíclica lançada pelo Papa Leão XIII em 1891, a *Rerum Novarum*, que se tornou inspiradora para o crescimento de cooperativas e de movimentos sociais de caráter trabalhista. Apesar das dificuldades iniciais enfrentadas pelos mais diversos motivos, as cooperativas assumiram um papel importante no ressurgimento econômico do Tirol e contribuíram de maneira fundamental para o desenvolvimento social tirolês no século XX.

Sem dúvida, o maior expoente da cooperação no Tirol Italiano foi o padre Lorenzo Guetti (1847 – 1898), chamado “apóstolo da cooperação” por sua ativa

⁵⁹ Trata-se de um adorno típico do chapéu tirolês, sobretudo dos caçadores, chamado em alemão *Gamsbart* (“barba de gamo”), porque feito com os pelos de animais de caça.

participação na fundação de cooperativas entre os camponeses. Natural de *Vigo Lomaso*, na região das *Giudicarie* (al. *Judikarien*), era filho de camponeses e técnico agrário. Ordenado sacerdote em 1870, assumiu a paróquia trentina de *Terragnolo* (al. *Leimtal*) e se deparou com a pobreza da população camponesa local, fato que o influenciou profundamente em sua atuação sacerdotal.

Em 1888, Padre Guetti já conhecido por seus sábios conselhos e importantes ações no campo, sendo então nomeado presidente do *Consorzio Agrario di Santa Croce*, localizado em *Bleggio*, com a missão de contribuir para melhorar a agricultura e a pecuária no Tirol Italiano. Em 1890, funda-se a primeira cooperativa do Trentino, posteriormente denominada *Famiglia Cooperativa* (“Cooperativa Família”), entidade sem fins especulativos porque obra nascida a partir de uma iniciativa da Igreja. Guetti já era membro na sessão de Trento do Conselho Regional de Agricultura e colaborador do Jornal *La Voce Cattolica* (“A Voz Católica”), registrando sempre em seus artigos o fenômeno da emigração trentina. E com base nesses registros Guetti pode ser considerado um escritor *pioneiro* do fenômeno emigratório porque registrou dados sobre o perfil das famílias que abandonavam o Tirol em busca de melhores condições na América e publicou suas anotações nos meios de comunicação católicos, chamando a atenção pública para o êxodo dos camponeses:

A emigração de famílias inteiras se torna coisa muito séria se, antes de dar o primeiro passo, não se analisa a situação. Quando a família emigra, porque tocar a vida em sua pátria se torna feita muito difícil, e emigra permanentemente para as colônias agrícolas já estabelecidas por outros compatriotas na América do Sul, com toda a probabilidade a família vai mudar sua vida para melhor, e então para estes será vantajosa a emigração. Uma família que possua alguns bens estáveis, cuja renda conjunta com os rendimentos da mão de obra de seus membros lhes dá apenas o suficiente para viverem frugalmente, nunca fará bem ao emigrar para a América; a simples razão de partir para buscar algo melhor não pode justificar a difícil e perigosa iniciativa de atravessar o Oceano (...). Portanto, aquelas famílias que, em nosso Trentino, podem viver um pouco no ‘aperto’ não emigram; mas animando seus membros para o trabalho e fazendo uma maior economia, esforçam-se para encontrar aqui sua própria América. (DON MENTORE⁶⁰, 1893)

⁶⁰ Pseudônimo utilizado pelo padre Lorenzo Guetti em seus artigos. Guetti se utilizava de vários para escrever seus artigos sobre os mais variados temas, como emigração, vida nas montanhas e sobre a

Em 1892, fundou-se no Tirol Italiano a primeira caixa de crédito rural que, sem grande burocracia, surgiu como verdadeira solução para os camponeses que precisassem de um investimento inicial para permanecerem em suas terras. Seu desenvolvimento proporcionou a fundação de mais caixas de crédito de modo que em 1895, só na região trentina, as cooperativas somavam mais de cinquenta.

A cooperação não era somente uma resposta às condições de fome e pobreza que assolavam aqueles vales tirolezes, mas fez parte de um contexto mais amplo, de mudanças mercadológicas que surgiam como solução para um velho sistema econômico em um velho sistema governativo, ou seja, a monarquia austro-húngara.

Além disso, a causa principal da emigração não estava apenas na pobreza, mas na delicada estabilidade da economia de montanha com sua disputadíssima divisão territorial, que não permitia um número tão grande de habitantes. O problema da pobreza era também o da densidade demográfica e muitos camponeses viram com bons olhos a visita do Imperador do Brasil, que oferecia terras a baixos custos⁶¹ e colônias maiores que propriedades de famílias inteiras.

O cooperativismo não conseguiu impedir a emigração de milhares pessoas que não encontravam mais condições para continuar a viver em sua pátria. Abundavam as propagandas das companhias de imigração com promessas de fortuna e promessa no continente americano, criando nas famílias um sentimento de expectativa (GROSSELLI, 1990).

A emigração de trentinos foi um verdadeiro êxodo de camponeses, tornando alguns vilarejos praticamente desertos. A cooperação deveria ser, portanto, a alternativa para aqueles que não pretendessem partir para a América ou para a Austrália, evitando que mais famílias camponesas se lançassem à mercê da sorte e abandonassem sua terra.

Em uma publicação datada de 25 de junho de 1888, Lorenzo Guetti apresentava uma estatística com o número de famílias que haviam emigrado para a América⁶²:

história regional. Trecho do texto original publicado em *Don Mentore ai lettori: L'emigrazione americana dal Trentino*, Almanacco Agrario”, 1893. Tradução nossa.

⁶¹ O decreto imperial N. 5663 de 17 de junho de 1874 deixava claro que o governo brasileiro oferecera aos colonos propriedades com 151.250 metros quadrados de terreno em localidades a serem escolhidas e com condições muito favoráveis de pagamento (GROSSELLI, 2001).

⁶² De autoria de *Correspondente da margem direita do Silla*, pseudônimo de Guetti. Estatística publicada em GROSSELLI (1986: 160).

<i>Famílias trentinas emigradas entre 1870 e 1888</i>	
Região de origem	Número de famílias inteiras
<i>Levico</i>	344
<i>Trento e arredores</i> <i>(Romagnano e Sardagna)</i>	317
<i>Rovereto</i>	223
<i>Vallagarina</i>	216
<i>Primiero</i>	185
<i>Borgo</i>	181
<i>Cles</i>	165
<i>Cembra</i>	119
<i>Pèrgine</i>	116
<i>Civezzano</i>	114
<i>Cavalino</i>	102
<i>Mezzolombardo</i>	96
<i>Ala</i>	93
<i>Tajo</i>	78
<i>Strigno</i>	77
<i>Lomaso</i>	61
<i>Mori</i>	51
<i>Cavalese</i>	46
<i>Fondo</i>	41
<i>Condino</i>	28
<i>Arco</i>	26
<i>Malè</i>	22
<i>Riva</i>	19
<i>Tione</i>	18
<i>Fassa</i>	1

Não são dados exatos, uma vez que não consta nos registros o número exato de indivíduos que emigraram. Contudo, se levarmos em conta que as famílias eram bastante numerosas (geralmente com mais de cinco filhos), teremos uma ideia de que a totalidade de emigrantes nesse período é considerável.

De 1886 a 1870, quase vinte e quatro mil trentinos imigraram para o continente americano. Representavam cerca de 7% da população total, mas a porcentagem aumenta se levarmos em conta os imigrantes da Oceania e aqueles que peregrinavam por toda a Europa, em busca de uma nova residência definitiva. Em poucos anos, 20% a 30% da população emigrou em busca de emprego e alimento⁶³.

(GROSSELLI, 1987, p. 63)

A imigração de trentinos também se deu por conta da insegurança e da instabilidade política que pairavam sobre o Tirol Italiano. Era sabido que o Reino da Itália reivindicava a região italianófono tirolês e, ainda que os tirolezes tivessem pouca simpatia pela Itália, sabiam que em caso de guerra, seu território se transformaria em um campo de batalha. Soube-se posteriormente que essa preocupação tinha fundamento e foi exatamente isso que se tornou a região trentina durante a Grande Guerra de 1914.

Nesse sentido, um aspecto relevante era a influência clerical no cotidiano da população tirolês, sobretudo entre os camponeses. Vale lembrar que a influência da Igreja sempre foi decisiva, sobretudo por causa dos episcopados de Trento e Bressanone (al. *Brixen*), mas vários acontecimentos nos séculos XVIII e XIX também contribuíram para que o pensamento popular estivesse de acordo com as opiniões do clero, como a consagração do Tirol pelos jesuítas como “terra santa”, ocorrida no século XVIII, cujo simbolismo foi bastante explorado durante a resistência antinapoleônica chefiada por Andreas Hofer.

O Império Austro-Húngaro, “inimigo” da Itália positivista, era considerado pelo clero conservador do Tirol como grande defensor da fé católica, porque chefiado pela augusta Casa de Habsburgo, fiel à fé de Roma. A figura do imperador austríaco inspirava no clero e na população rural respeito e admiração profundos, sobretudo por sua posição de prestígio junto ao papado, que anos antes perdera muitas de suas terras para os exércitos que promoveram a unificação italiana. A figura do herói italiano Garibaldi não encontrava entre os trentinos grande admiração, pois em seu intento de atacar o papa em 1848, este se tornara automaticamente inimigo da Casa da Áustria e da Igreja. Seu culto no Tirol representava um ataque ao papado, o anticlericalismo típico dos italianos e a invasão de Trento. E nesse contexto nasceu o sentimento anti-italiano entre os camponeses do Tirol, sempre incentivado pelo clero. Azzi (1990, p. 65), sobre a opinião política dos imigrantes trentinos nas colônias do Brasil, afirma que “havia

⁶³ Tradução nossa.

simpatia natural pelo Império Austríaco, cuja orientação política se afinava melhor com as diretrizes marcadamente conservadoras da Santa Sé”.

A Casa de Savóia era considerada pelos conservadores católicos uma ameaça à fé cristã, e sua política expansionista que unificou a Itália foi constantemente e duramente criticada pelo clero austríaco. De acordo com essa mentalidade, o clero tirolês não poderia deixar de criticar o movimento irredentista que propunha abertamente a anexação da região trentina ao Reino da Itália, embora comungasse com certas reivindicações feitas pelos irredentistas ou simpatizantes do irredentismo no que concerne ao descaso governamental e às péssimas condições em que a população mais pobre se encontrava (MATTEI, 1996; GROSSELLI, 1991; BALDI, 2002; BARATTER, 2009)

Cientes do número crescente de imigrantes do Tirol Italiano, o governo imperial austríaco passou a temer o rápido esvaziamento territorial, o que poderia significar futuramente uma anexação mais fácil do território pelo Reino da Itália. Para “frear” a onda migratória, muitos imigrantes eram obrigados, no momento em que organizavam sua partida, a abdicar da nacionalidade austríaca. Essa foi uma política que procurou intimidar as famílias trentinas que perderiam sua nacionalidade caso optassem por abandonar a terra natal. No entanto, tal iniciativa não surtiu qualquer efeito e milhares de pessoas continuavam a partir para a América.

2.4. A COLÔNIA TIROL E A EXPEDIÇÃO TABACCHI

Em 1859, tirolese de língua alemã fundam na região colonial de Santa Leopoldina, no Espírito Santo, um núcleo que será posteriormente chamado Tyrol. Wagemann (1949, p. 24) afirma que, em 1860, 82 tirolese de língua alemã haviam se estabelecido na Colônia Santa Leopoldina juntamente com colonos alemães, suíços e holandeses. Supõe-se que fossem do Tirol Setentrional (*Nordtirol*) e do atual *Südtirol*. Entre 1861 e 1868, 29 tirolese se estabeleceram na colônia catarinense fundada por Dr. Herrmann Bruno Otto Blumenau (1819 - 1899), mas não há dados que confirmem serem eles de língua alemã ou italiana (GROSSELLI, 2001); sete anos mais tarde a colônia receberia um grande número de tirolese de língua italiana.

O primeiro grande grupo de tirolese no Brasil desembarcou no Espírito Santo em 1874, participando de um projeto de imigração que ficou conhecido como *Spedizione Tabacchi*, porque chefiada pelo comerciante tridentino Pietro Tabacchi (? -

1874). No início da década de 1850, Tabacchi havia visitado o Brasil “fugindo” de credores após o falimento de suas empresas em Trento, estabelecendo-se em 1851 na fazenda Monte das Palmeiras, em Santa Cruz. Tendo vivido um tempo naquela região, teve a ideia de trazer trabalhadores do Tirol Italiano para as fazendas de café existentes na região, pensando que os tirolezes poderiam fugir das dívidas e da pobreza de sua terra natal e substituir a mão de obra escrava.

A *Expedição Tabacchi* trouxe para a região 388 lavradores, um religioso e um médico, além de um auxiliar, Pietro Casagrande. A maioria dos imigrantes era oriunda do Tirol Italiano, principalmente da *Valsugana*, além de três ou quatro famílias vênetas (GROSSELLI, 2010, p. 34). O grupo deixou o porto de Gênova a bordo do veleiro *La Sofia* em janeiro de 1874, chegando em 45 dias a Vitória. Dali, o grupo seguiu para uma localidade entre Nova Almeida e Santa Cruz e fundou a colônia Nova Trento.

No final da década de 1850, Tabacchi já era conhecido pelo seu interesse no comércio do jacarandá, árvore cuja madeira nobre era altamente lucrativa. Em sua primeira proposta feita ao governo imperial brasileiro, na qual apresentou seu projeto para criar uma colônia agrícola para 50 famílias de imigrantes, Tabacchi solicitou o direito de derrubar 3.500 árvores de jacarandá em troca de seus serviços. Aí se encontra outra ação pioneira do comerciante tridentino pois, até então, os projetos de colonização eram patrocinados diretamente pelo Império Brasileiro, sem qualquer intermediação da iniciativa privada; apesar de *interessante*, o pedido foi rejeitado pelas autoridades imperiais.

Em 1872, Tabacchi conseguiu a assinatura de um contrato com o governo, no qual ficava acordado que ele receberia a importância de 200 mil réis para cada imigrante em duas prestações iguais, recebendo a primeira logo após a posse da terra pelo imigrante e a segunda, um ano depois do estabelecimento do imigrante. Tratou-se de um contrato vantajoso para Tabacchi, haja vista que aos imigrantes era imposto um contrato com cláusulas severas, que os deixava totalmente dependentes de seu *líder*. Logo surgiram conflitos e fugas da colônia e, menos de um mês após o desembarque, já havia queixas de Tabacchi ao juiz de Santa Cruz, por conta das ameaças feitas pelos colonos descontentes que não aceitavam viver em um galpão comum. Notícias sobre ofertas mais vantajosas chegavam à região, como as de Rio Novo do Sul, onde lavradores tomavam posse de suas terras sem nenhuma obrigação contratual de trabalho para terceiros, pagavam menos pela aquisição dos terrenos (entre 15 e 60 hectares) e lhes era

garantido maior prazo para o pagamento da compra do que aquele estabelecido no contrato elaborado por Pietro Tabacchi.

Os conflitos e desacordos aumentaram a ponto de Tabacchi ter publicado um anúncio em maio de 1874, ameaçando os fazendeiros que contratassem colonos que ele havia trazido do Tirol e da Itália. No entanto, o governo entendeu que deveria auxiliar esses colonos e incentivava sua partida para outras localidades. Dessa movimentação, um grupo de tirolezes seguiu para a Colônia Santa Leopoldina, outro fundou a localidade de Santa Teresa e um terceiro grupo optou pela transferência até o sul do Brasil, de onde chegavam notícias de fartura e clima semelhante ao europeu.

Cerca de 20 famílias permaneceram na Colônia Nova Trento, e novamente endividado, Pietro Tabacchi teve seu estado de saúde agravado, falecendo provavelmente por causa de complicações cardíacas em 1874. Seu projeto de imigração, contudo, não deixa de ter seu valor por causa do pioneirismo e da percepção de seu líder, que entendeu que a mão de obra escrava seria substituída pelo trabalho de imigrantes europeus. Sua ideia, pioneira no Espírito Santo e no Brasil, seria colocada em prática pelos latifundiários paulistas anos mais tarde.

2.5. TIROLESES NAS COLÔNIAS IMPERIAIS E NAS FAZENDAS

A crise política que antecedeu a unificação do Reino Alemão, ocorrida no final do século XIX, dificultou a vinda de imigrantes alemães. Roche (1969) afirma que algumas famílias esperavam até dois meses no porto de Hamburgo para poderem emigrar, vivendo ali em situações precárias de extrema pobreza. Além das questões políticas, outros fatores ocasionaram a proibição da emigração por parte do governo alemão, sobretudo as notícias que chegavam à Europa sobre o alto número de mortalidade entre os colonos no Brasil, ocorridas por conta de doenças tropicais e das dificuldades iniciais encontradas; além da precária viagem até a América, quase sempre em navios superlotados, a propaganda das companhias de emigração sobre as vantagens dadas pelo governo brasileiro caíam por terra logo após a chegada dos imigrantes, que enfrentavam duras adaptações em terras tropicais.

E após as proibições do governo alemão, não podendo mais contar com sua mão de obra, os agentes brasileiros procuravam incentivar a imigração em outras nações,

como no Império Austro-Húngaro e no Reino da Itália. Uma vez que o governo austríaco “dificultava” a emigração (por conta da rápida repercussão das péssimas condições enfrentadas pelos colonos alemães), os imigrantes austríacos partiam para a América em navios de outros países (italianos, alemães, ingleses e norte-americanos).

A partir da década de 1870, a imigração de austríacos para o Brasil passou a ter maior relevância, alcançando seus mais altos índices.

Entre 1872 e 1914, entraram no Brasil 78.358 austríacos e, destes, 27.463 seguiram para São Paulo. Segundo os dados de Sobral, estes últimos foram 1.562 a mais. Baseando-nos sempre sobre estas estatísticas e considerando a falta de dados para os anos de 1876 e 1881, podemos tranquilamente supor que cerca de 30.000 cidadãos pertencentes ao Império Austro-húngaro tenham emigrado para São Paulo durante o período considerado. Mas (...) os erros existentes nessas fontes estatísticas nos sugerem pensar em um número maior de austríacos emigrados, seja em São Paulo como em todo o Brasil. Podemos, pois, verossimilmente colocar entre 35.000 e 40.000 os austríacos que entraram em São Paulo no período por nós considerado⁶⁴.

(GROSSELLI, 1991, p. 154)

Os emigrantes austríacos não eram todos tirolezes, mas de todas as etnias pertencentes ao Império Austro-húngaro: alemães das terras historicamente austríacas, alemães da Romênia e da Hungria, poloneses, húngaros, romenos, eslovenos, croatas, italianos (friulanos e trentinos), tchecos, eslovacos, entre outros; católicos romanos, católicos ortodoxos, protestantes e judeus. Indubitavelmente, os tirolezes de língua italiana representam o maior grupo de imigrantes austríacos no Brasil (GROSSELLI, 1991). Uma metade destes se transferiu para colônias imperiais e a outra metade foi contratada por fazendeiros para trabalharem nas lavouras paulistas.

Os dados sobre a imigração austríaca no Brasil são até hoje bastante prejudicados, pois os imigrantes eram “classificados” pelas autoridades brasileiras segundo o idioma que falavam. Apesar da pluralidade étnica e linguística que compunha o Império Austro-Húngaro, havia por parte dos imigrantes um sentimento nacional austríaco que, no decorrer do tempo, enfraqueceu-se entre as gerações de descendentes. Isso se deu porque os descendentes perdiam gradativamente o vínculo com a pátria de

⁶⁴ Tradução nossa.

seus pais e avós, pois ela não existia mais a partir de 1918, dando origem após essa data a várias províncias e novos países.

Gradativamente, os descendentes de imigrantes *austro-húngaros* assumiam como sua “pátria de origem” os novos estados nacionais que haviam conquistado os antigos territórios de seus antepassados. Contudo, se considerarmos *austriacos* todos os imigrantes saídos de territórios pertencentes ao antigo Império Austro-Húngaro (fossem eles de língua alemã, italiana, polonesa, húngara, rutena, tcheca, eslovaca, romena, ladina, friulana, eslovena e croata), estes ultrapassam facilmente a soma de 80 mil pessoas (GROSSELLI, 1991: 154).

Entre 1870 e 1889, cerca de 23.850 tirolese italianos emigraram para a América. Como afirmado acima, a densidade populacional da região trentina era muito maior da atual, mas esse número representaria hoje quase 7% da população Província Autônoma de Trento.

Se pensarmos que, naquela época, outros 8% de trentinos migravam sazonalmente para outras regiões do Império Austro-Húngaro, do setentrional italiano e da Alemanha, temos uma ideia da grande movimentação humana naquela região montanhosa cuja geografia é, por si só, de difícil acesso.

Tirolese nas colônias imperiais brasileiras entre 1874 e 1884 (GROSSELLI, 1991).	
Santa Catarina	4.500 – 5.00 indivíduos
Espírito Santo	2.400 – 2.600 indivíduos
Paraná	cerca de 500 indivíduos
São Paulo	200 - 250 indivíduos
Rio Grande do Sul	cerca de 4.500 indivíduos
TOTAL:	Entre 12.000 – 13.000 indivíduos

Em um período de dez anos, entre 1874 e 1884, estima-se que aproximadamente 13.000 tirolese de língua italiana passaram a viver em colônias imperiais brasileiras (GROSSELLI, 1987; 1990; 2001). Esse número representou um contingente considerável de nova mão de obra que, juntamente com aquelas vindas da Itália, Alemanha e demais regiões europeias, modificou totalmente a paisagem dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Espírito Santo, mas também áreas do Paraná, do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e até mesmo da Bahia (GROSSELLI, 1986, 2010). Destes, o estado no qual se concentra o maior número de descendentes de tirolese é Santa

Catarina, sobretudo a região do Vale do Itajaí, cujo número de “trentinos” ultrapassa a população da atual Província Autônoma de Trento (BONATTI, 2006).

Nas colônias imperiais do Sul, os tirolese se concentraram principalmente em colônias rurais, sendo muito menor o número de indivíduos que residiam nas pequenas cidades existentes àquela época. Já nas províncias de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, eles seguiram principalmente para as grandes fazendas de café, onde para substituir a antiga mão de obra escrava juntamente com outros imigrantes (italianos, alemães entre outros). No Rio de Janeiro e no Espírito Santo, os trentinos fundaram pequenos núcleos rurais; na Bahia, os poucos emigrantes que ali se estabeleceram, optaram por viver em Salvador, trabalhando em pequenos ofícios.

No sudeste, o maior número de imigrantes tirolese se estabeleceu no estado de São Paulo. Destes, a grande maioria foi trabalhar nas fazendas de café espalhadas pelo interior, concentrando-se principalmente na região central do estado, que abrange os atuais municípios de Campinas, Piracicaba, Rio das Pedras, Sorocaba, Bragança, Amparo, Serra Negra, Rio Claro, Araras, Pirassununga, Descalvado, Araraquara, São Carlos, Jaú, Brotas, Pederneiras, Lençóis Paulista e Botucatu (GROSSELLI, 2005, p. 183-184). Aqueles que na Áustria haviam trabalhado na abertura de estradas de ferro ou em pequenos ofícios, seguiram para os centros urbanos do interior (Jaú, Campinas), para a capital (muitos deles para o atual Bairro da Lapa) e cidades do Grande ABC, principalmente para São Bernardo do Campo e Santo André. Feitas as devidas ressalvas para a cidade de São Paulo, os centros urbanos paulistas do início do século XIX não contavam com número tão elevado de habitantes.

A imigração de trentinos como fenômeno da “imigração italiana” precisa ser analisada com ressalvas. Trata-se, na verdade, de imigração de austríacos *de língua italiana*, vindos de uma realidade alpina muito distinta daquela da planície padana. Os não compartilham todas as características dos *imigrantes italianos*; sua condição social e cultural é bastante peculiar, apesar das semelhanças com as realidades do Vêneto e da Lombardia. E os motivos que justificam essa afirmativa estão na secular convivência dos trentinos com seus “primos” do Tirol alemão, com os quais compartilham inúmeras características culturais, étnicas e identitárias. Por estarem há séculos ligados culturalmente a Viena e a Innsbruck, por serem fiéis ao clero e ao governo imperial austríaco, e, sobretudo, por seu caráter naturalmente conservador, os trentinos foram alheios ao processo de unificação italiana, preservando seu estilo de vida montanhês (BALDI, 2005; GROSSELLI, 2010).

Mesmo no Brasil imperial do final do século XIX, as questões nacionais europeias eram constante tema de discussão entre os imigrantes e religiosos europeus que atuavam nas colônias.

Não havia consenso político sobre o sentimento nacional italiano entre as várias congregações religiosas que atuavam no Brasil, fato que ocasionava algumas disputas entre essas congregações, sobretudo no que se refere à educação das crianças e à fundação de escolas nas áreas coloniais do Brasil. Os franciscanos divergiam dos escalabrinianos e jesuítas, atuando de maneira mais conservadora e de acordo com as orientações políticas do Império Austro-Húngaro:

Os líderes da comissão das escolas Dante Alighieri, por meio de missivas enviadas ao bispo, denunciavam a pressão que os franciscanos exerciam sobre os colonos que enviavam seus filhos às escolas italianas Dante Alighieri. Em uma dessas cartas consta que frei Modestino alcunhou a escola italiana instituída em Caminho dos Tiroleses⁶⁵ de maçônica e encetou esforços para suprimi-la. (OTTO, 2008, p. 147)

Já as congregações *italianas* participavam, ainda que indiretamente, do processo que unificava os italianos sob uma única nação, incentivando esse sentimento nas colônias vênetas e trentinas do Brasil e apoiando a iniciativa de entidades italianas que fundavam escolas nas áreas coloniais, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial.

O interesse recôndito dos jesuítas não era a alfabetização, mas em primeiro lugar a educação religiosa das fileiras de colonos e, em segundo plano, a fortificação do espírito ‘italiano’ daquela gente (coisa inicialmente nada simples com os trentinos, que em sua maioria se sentiam fortemente tiroleses e em todo caso súditos fieis do imperador austro-húngaro⁶⁶). (BOSO, 2002, p. 52)

Vale lembrar que maioria dos tiroleses emigrou no final do século XIX e, portanto, antes da Primeira Guerra Mundial e da anexação do Tirol Meridional ao Reino da Itália. Na qualidade de imigrantes austríacos, os trentinos participavam da realidade

⁶⁵ Área colonial entre as atuais cidades de Rio dos Cedros e Timbó, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, fundada em 1875 por trentinos oriundos em sua maioria do Vale do Ádige.

⁶⁶ Tradução nossa.

cultural e administrativa da monarquia austro-húngara; eram praticamente alheios à realidade social italiana, por mais influentes que fossem em seu ambiente.

Apesar de sua fidelidade linguística italiana, os trentinos eram como nas palavras do irredentista Cesare Battisti, “italianos apenas na língua e no coração, pois o espírito e o modo de pensar são outra coisa que italianos⁶⁷”. De mentalidade e nacionalidade austríacas, não haveria de ser diferente e essa identidade foi trazida, inclusive, para as áreas coloniais do Brasil.

Os trentinos mantiveram sempre a máxima união entre eles e um grande apego e saudade de sua cara Áustria, demonstrando sempre uma certa aversão à Itália e aos italianos. E não podia ser diferente se pensarmos no ambiente do qual haviam chegado e a educação que haviam recebido em sua pátria”.

(LORENZONI, 1975, p. 170)

2.6. A PROPAGANDA DA IMIGRAÇÃO NO TIROL ITALIANO

O processo migratório de europeus do final do século XIX era de proporções nunca antes vistas, haja vista o grande número de pessoas que abandonaram a Europa em um período de tempo consideravelmente curto. As transformações sociais que se seguiram possibilitaram o desenvolvimento de profissões e funções que se adequavam à realidade desse processo migratório. Assim, os jornais de circulação na Alemanha, Áustria e Itália publicavam artigos encomendados por companhias de imigração, isto é, organizações de caráter comercial que lucravam com a “manipulação” de documentação e acordos de contrato de imigrantes.

Inicialmente, o governo imperial brasileiro tratou de resolver a questão dos imigrantes de modo direto, mas não demorou muito para que companhias de imigração “especializadas” cuidassem de toda a burocracia necessária para tanto. Com anúncios sobre vida fácil e comida abundante na América, as companhias circulavam pelas regiões “pioneiras” no processo emigratório, contribuindo, assim, para seu rápido “esvaziamento”. No entanto, a imigração era uma *solução* para o grande problema territorial de regiões europeias empobrecidas e densamente povoadas.

⁶⁷ Trecho da correspondência de Cesare Battisti de 3 de setembro de 1915 (in BALDI, 2005: 36).

No Tirol, as companhias de imigração brasileiras atuavam diretamente nas áreas rurais, por meio de agentes que difundiam folhetos, promoviam encontros ou simplesmente se utilizavam de jornais locais para publicar anúncios sobre emprego, terras férteis e fartura no Brasil.

A Igreja via na imigração uma solução para o problema da desagregação do modelo tradicional de família, abalado pelos complexos sistemas militares tirolês e austríaco. Os homens tirolezes prestavam o serviço militar durante vários períodos de sua vida, de acordo com sua idade, e tal costume tirava muitos rapazes de suas casas quando estes estavam aptos para o trabalho no campo; enviados para outras terras para que ali prestassem o serviço militar, não participavam do trabalho nas colheitas e isso abalava a economia doméstica (POSSAMAI, 2004). Para compensar a renda das famílias, muitas jovens se viam obrigadas a procurar emprego nas cidades, passando a morar sozinhas em pensões ou em casas de família, trabalhando como governantas ou faxineiras. O número de mães solteiras crescia e, com ele, a preocupação do clero em resguardar a integridade da família patriarcal camponesa, pois o trabalho de mulheres nas cidades era considerado uma prática imoral (GROSSELLI, 1991, 2001).

O jornal *La Voce Cattolica* publicava constantemente artigos e poemas com a temática da emigração. O clima de incertezas e divergências de opinião sobre o “êxodo camponês” fazia parte das pautas sociais dos cleros austríaco e italiano. Se, por um lado, os padres incentivavam a imigração nos meios de comunicação escritos pelos motivos acima citados, havia também a difusão dos ideais de Lorenzo Guetti, com o incentivo para a criação de cooperativas e a permanência das famílias no Tirol. Santos (1995) apresenta um poema publicado na edição de 23 de *La Voce Cattolica*, datado de janeiro de 1877, de autor anônimo, apesar de se dizer ser de Primiero⁶⁸:

*Al Brasile, al Brasile, o buone genti,
Al Brasile, al Brasile presti correti;
Orsù che fato? in questi steppe nigenti
D'inedia e povertà tutti morrete!
Celà di latte e miel scorren torrenti,
Fruttar salami i larici vedrete,
E sei stagioni all'anno in quei tepenti
Climi! A bigonci el vin raccoglierete.*

Ao Brasil, ao Brasil, ó boa gente,
Ao Brasil, ao Brasil rápido correis;
Vamos, que fizestes? nestas gélidas estepes
De inanição e pobreza todos morrereis!
Cobertas de leite e mel correm torrentes,
Produzir salames os pinheiros vereis,
E seis estações no ano naqueles tépidos
Climas! Em cântaros o vinho recolhereis.

⁶⁸ Região oriental do Trentino (al. *Primör*).

E questo è ancor un nulla: ogni campagna E isto é ainda nada: cada campo
(Son galantuomo, amici, e dico il vero) (Sou homem sério, amigos, digo a verdade)
Di gemme è piena e d'oro ogni montagna. É cheio de gemas e de ouro cada montanha.
Chi assevera il contrario, no sa un zero; Quem afirma o contrário, de nada sabe;
È il paese il Brasil della cuccagna: É o país, o Brasil, da cocanha⁶⁹
Lo vidi io stesso... stando qui in Primiero. Eu mesmo o vi... estando aqui em Primiero.

Em 15 de março do mesmo ano de 1877, o jornal *La Valsugana* publicou o poema⁷⁰ de autoria de Carlo Gruft, “trentino de Besenello”, que tece elogios ao soberano brasileiro. Vale lembrar que o apreço dos trentinos pelo monarca austro-húngaro Francisco José transferiu-se para seu “primo” D. Pedro II, e isso era considerado muito salutar pelo governo imperial brasileiro (GROSSELLI, 2010).

<i>O Brasile di vastità grandissima,</i>	Oh Brasil de vastidão grandíssima,
<i>Tu sei dei poverelli il gran conforto,</i>	Tu és dos pobres o grande conforto
<i>Come il fanciulo de fedeli sposi,</i>	Como filhinho de fiéis esposos,
<i>Che lo carezzan, e sostegon in ogni porto,</i>	que o acariciam e o amparam em cada canto
<i>La terra tua eccelente e fruttuosa,</i>	A tua terra excelente e frutuosa,
<i>Di frutti e di granaglia in abbondanza,</i>	De frutos e grãos em abundância,
<i>Più volte all'anno si munge e si tosa...</i>	Mais vezes ao ano se ordenha e se tosa...
<i>E ben si può mangiare a crepa panza.</i>	E bem se pode comer de estourar a pança.
<i>L'acqua che gira dolce e cristallina,</i>	A água que corre doce e cristalina,
<i>Che in ogni parte si fa ben trovare,</i>	Que em toda parte se pode encontrar,
<i>Che bere si può sera e mattina,</i>	Que beber se pode de noite e de manhã,
<i>Che non fa male e si può rinfrescare.</i>	Que não faz mal e só nos faz refrescar.

⁶⁹ A “terra da cocanha” (*Terre de la cocagne*) é um país mitológico e fantástico, cuja lenda surgiu entre os camponeses da França medieval. Neste fantástico lugar onde o alimento é abundante, correm rios de leite e vinho, há montes de queijo e todos os tipos de delícias, como leitões assados que circulam com facas cravadas no lombo para serem melhor servidos e frangos assados que voam livremente e se oferecem para serem devorados. Na terra da cocanha não há a necessidade do trabalho, considerado uma prática abominável; todos são gratificados sem esforço. Trata-se de uma verdadeira antítese do sistema servil feudal e a lenda da cocanha se popularizou no período medieval, havendo diferentes versões em vários países europeus. No Brasil, persiste no imaginário folclórico do Nordeste, de acentuada influência medieval. Sobre o assunto, cfr. FRANCO JR (1998, 2007). Na Colônia Tiroleza de Piracicaba, ocorre anualmente a *festa de la cucàgna*, sempre na terça-feira de carnaval, durante a qual é preparado um prato com o mesmo nome que é servido após um percurso pelas ruas e terrenos da colônia, ao longo da comemoração carnavalesca. Sobre os detalhes desta tradição, conferir capítulo seguinte.

⁷⁰ Poema publicado em Santos (1995, p. 75).

*Ai monti, al piano, spira l'aria sana,
Da rinfrescare il corpo calorito,
Come che la natura assai lo brama,
Credete in verità quanto vi dico.
Il caldo è moderato a perfezione,
Che la natura il può sopportare,
Assai propizio alla maturazione;
La spiaggia mai non manca di bagnare.*

*A voi cacciatori, parlerò di caccia,
Selvatici vi sono d'ogni sorte,
Basta solo seguire la lor traccia,
Poi si prendono e si mettono in basiccia.
Se il colpo ben diretto fu per sorte;
Chi brama di passare il proprio effetto,
Venga al Brasile e prenda il suo schioppetto.*

*I Brasiliani poi son buona gente,
Forniti di umiltà e di prudenza,
E si può ben girare liberamente,
Che non vi usan pubblica violenza;
Anzi vi porge la mano e vi saluda
Adoperando moltissima prudenza,
E quindi vi dirò liberamente,
Che nel Brasile esiste buona gente.*

*Ho ben intenso che certi fuggitivi turubetti
Han detto e dicon male del Brasile.
E questi, esser da Nomi e Delaiti,
Che in ogni modo male voglion dire;
Non date ascolto a tali persone
Poichè il vizio loro vogliono seguire;
Se andassero in Paradiso questa sera,
Ancor domani moverian la guerra.*

Ed ora per dar fine alla poesia

Nos montes, nas planícies, sopra o ar puro,
Para refrescar o corpo calorento,
Como que a natureza muito o cobiça,
Creiais que é verdade o que vos digo.
O calor é moderado à perfeição,
Que a natureza o pode suportar,
Muito propício à maturação;
A chuva nunca falta para molhar.

A vós caçadores, falarei de caça,
Animais existem de toda a sorte,
Basta somente seguir seus rastros,
Depois se pegam e se metem no saco.
Se o golpe por sorte foi bem direto;
Quem deseja passar por tal experiência,
Venha ao Brasil e apanhe sua arma.

Os brasileiros são boa gente,
Cheios de humildade e prudência
E se pode andar ali livremente
Que não vos mostram pública violência;
Antes vos levantam a mão e vos saúdam
Usando muitíssima prudência,
Portanto vos direi livremente,
Que no Brasil existe boa gente.

Entendo que certos fugitivos turbulentos
Falaram e falam mal do Brasil.
E estes, de Nomi e de Delaiti,
Que de qualquer modo querem mal falar;
Não deis ouvidos a tais pessoas
Porque seus defeitos querem seguir;
Se chegassem ao Paraíso esta noite,
Já amanhã iniciariam uma guerra.

E agora para terminar a poesia,

<i>Io sto meglio quà che non là via.</i>	Eu estou melhor aqui que lá longe.
<i>Evviva il Brasile, evviva il suo Governo</i>	E viva o Brasil, e viva seu Governo
<i>E col Sovrano suo viva in eterno.</i>	E com seu Soberano viva eternamente.

<i>Il segno di riconoscenza,</i>	Em sinal de reconhecimento,
<i>Carlo Gruft, trentino di Besenello.</i>	Carlo Gruft, trentino de <i>Besenello</i> .

As levas de tirolese de língua italiana que desembarcaram em solo brasileiro seriam cada vez mais numerosas, mas entre os imigrantes austríacos de língua italiana havia também friulanos, gorizianos e triestinos, ou seja, populações saídas de territórios então pertencentes ao Império Austro-Húngaro.

2.7. TIROLESES NO ESTADO DE SÃO PAULO

São imprecisos os dados sobre os colonos tirolese que trabalharam nas fazendas de café do estado de São Paulo. GROSSELLI (1991: 162) trata da carência de fontes austríacas sobre o número de seus habitantes nas fazendas e se baseia nas anotações feitas pelo padre Lorenzo Guetti. Sabe-se, entretanto, que a maioria dos tirolese que se estabeleceu em São Paulo era originária do Vale do Rio Ádige (Trento, *Matarello*, *Romagnano*, *Sardagna*, *Cortesano*, *Aldeno* e adjacências), de *Vallagarina* (*Rovereto* e distritos vizinhos), da *Valsugana* e do *Primiero*.

As companhias de imigração e as representações do governo brasileiro informavam a população do Tirol Italiano, do Vêneto e da Lombardia que, assim que os imigrantes chegassem ao Brasil, poderiam escolher onde viver e trabalhar, ou seja, nas fazendas de café em São Paulo ou as áreas coloniais do Sul. Entretanto, logo que esses europeus desembarcavam no Rio de Janeiro, eram encaminhados para Santos e, dali, eram quase que obrigados a seguir para as fazendas paulistas sem qualquer opção de escolha (GROSSELLI, 1990: 319)⁷¹.

⁷¹ Moradores mais idosos da Colônia Tirolese de Piracicaba confirmam essa informação. Membros da família Vitti, residentes em Santana, afirmam que seus avós teriam preferido ir para o Sul, onde alguns parentes já haviam se estabelecido. Em uma das várias conversas que tivemos, fomos informados que os imigrantes afirmavam terem sido *obrigados* a permanecer em São Paulo e seguir para a fazenda do Visconde de Indaiatuba, mas caso lhes fosse permitido escolher, teriam se estabelecido no Sul, onde “criariam ovelhas e cultivariam vinhedos”.

Entre 1875 e 1914, a leva de imigrantes trentinos no Brasil que seguiu para o interior paulista era considerável, mas não há dados sobre o número exato de indivíduos por conta da precariedade de registros da época. As notícias sobre a obrigatoriedade da permanência nas fazendas e a impossibilidade de optar pelas áreas coloniais do Sul já haviam chegado ao Tirol e à Itália e apenas “uma minoria dos austríacos que imigrou para o Brasil na década de 1840 escolheu (ou foi obrigada a escolher) o Estado de São Paulo” (GROSSELLI, 1991, p. 154-155). Desse modo, fica difícil saber exatamente o número de imigrantes tirolezes no estado de São Paulo. Muitas pesquisas baseavam-se na busca de sobrenomes, sendo relativamente fácil deduzir a origem trentina entre famílias “italianas” cujos sobrenomes indicam a origem germânica, pois é sabido que os nomes de origem alemã na região trentina são muitos; tornou-se difícil determinar por dedução a origem trentina entre famílias cujos sobrenomes também ocorrem no Vêneto e a Lombardia. Com base em dados do atual Memorial do Imigrante, edifício histórico da metrópole paulistana no qual funcionava a antiga hospedaria dos imigrantes, GROSSELLI (1991, p. 168) apresentou uma estimativa que contempla de 5.500 a 8 mil imigrantes trentinos que se estabeleceram no estado de São Paulo entre 1875 e 1914.

Imigração trentina no estado de São Paulo entre 1875 e 1914⁷²

Período	Número de imigrantes	
	Mínimo	Máximo
1875 – 1882	600	1.200
1883 – 1890	3.000	4.000
1891 – 1897	1.200	1.600
1898 – 1910	350	700
1911 – 1914	400	500
Total:	5.500	8.000

A partir de 1852, Joaquim Bonifácio do Amaral (1815 - 1884), Visconde de Indaiatuba, iniciou em sua Fazenda Sete Quedas um projeto de colonização organizada, introduzindo ali colonos alemães do Holstein que trabalharam em suas lavouras de café juntamente com escravos negros, com um contrato de quatro anos. Entretanto, com a propaganda anti-imigratória que se propagava nas terras alemãs, o visconde não

⁷² Tabela apresentada em Grosselli (1991, p. 168).

conseguiu trazer novos colonos para sua fazenda e procurou a mão de obra necessária para seu projeto de colonização no Império Austro-Húngaro. Amaral trouxe então várias famílias do Tirol Italiano, que trabalharam em suas fazendas com um contrato inicial de dez anos.

Entre o ano de 1872 e 1914, entraram no Brasil setenta e oito mil, trezentos e cinquenta e oito austríacos. Destes, vinte e sete mil e quatrocentos foram para São Paulo. Conforme os dados de Sobral estes últimos foram um mil e quinhentos e sessenta e dois a mais. Baseando-nos sempre nestas estatísticas e considerando a falta de dados para o ano de 1876 e 1881, poderíamos tranquilamente supor que cerca de trinta mil cidadãos pertencentes ao Império Austro-húngaro tenham emigrado para São Paulo durante o período considerado⁷³. (GROSSELLI, 1991, p. 154)

Em 1883, aproximadamente 400 tirolese de língua italiana seguiram para as propriedades do Visconde de Indaiatuba e outros 250 se estabeleceram em uma fazenda pertencente ao aristocrata Luís Augusto de Queiroz Aranha (1867 - 1930), na cidade de Pirassununga,. No ano seguinte, pelo menos 150 tirolese seguiram para as fazendas da família Aranha (GROSSELLI, 1991, p. 158).

Municípios de máxima presença trentina entre 1881 e 1914⁷⁴

Cidade	Região	Número de famílias
Campinas	Central	114
Pirassununga	Paulista	86
Amparo	Mogiana	81
Ribeirão Preto	Mogiana	46
Itu	Central	43
Descalvado	Paulista	25
Brotas	Araraquarense	24
Piracicaba	Central	23
Araras	Paulista	22
São Carlos	Paulista	22
Jaú	Araraquarense	21

⁷³ Tradução nossa. Além de trentinos, havia também algumas famílias de tirolese de língua alemã.

⁷⁴ Estatística publicada em Grosselli (1991, p. 182).

Rio das Pedras	Central	20
Rio Claro	Paulista	19
Botucatu	Sorocabana	14
Casa Branca	Mogiana	12

Se levarmos em conta o fato de as famílias serem muito mais numerosas no século XIX, supõe-se que o número de imigrantes era bastante significativo. O número de tirolezes nas fazendas paulistas cresce se pensamos que a primeira geração de descendentes nascida em solo brasileiro era, em sua grande maioria, composta por filhos de imigrantes, haja vista que os casamentos mistos eram raros.

Os registros oficiais da época não classificavam os trentinos como austríacos, mas como italianos, por causa de seu idioma. Não é por menos que as estatísticas sobre a imigração austríaca nesse período são escassas e obscuras. O número exato de trentinos nas fazendas de café do interior paulista é incerto por conta da carência de registros do serviço imigratório austríaco e do controle de entradas feito pelas autoridades brasileiras.

Com base em alguns registros existentes, é possível identificar os vales de origem dos imigrantes tirolezes que se estabeleceram em São Paulo; a maioria era de Trento e arredores (*Ravina, Romagnano, Meano, Cortesano, Sardagna, Matarello, Gardolo, Cagnola, Villazzano e Valsorda*) e da *Valsugana*, aos quais se juntaram imigrantes do *Primiero* (de *Fiera, Mezzano e Transacqua*), *Val di Cembra, Cavedine, Garniga, San Lorenzo in Banale, de Prato e Dolaso*⁷⁵, de *Val di Sole* e *Val di Non*, de *Riva del Garda*, das *Giudicarie*, do planalto de *Lavarone*, de *Rovereto* e arredores (GROSSELLI, 1991, p. 172-177)

A imigração de tirolezes no estado de São Paulo está ligada à transformação do sistema econômico imperial brasileiro do final do século XIX, assim como ao processo que culminou com a abolição da escravatura e com a mudança de mão de obra adotada pela aristocracia rural do sudeste brasileiro, sobretudo de São Paulo.

Um personagem que se destaca na história do movimento abolicionista brasileiro e na contratação de mão de obra europeia no estado de São Paulo é Joaquim Bonifácio do Amaral (1815 – 1884), Visconde de Indaiatuba. A partir de 1852, foi pioneiro na contratação de europeus para sua fazenda Sete Quedas, uma grande propriedade rural na

⁷⁵ GROSSELLI (1991, p. 172) cita, inclusive, a existência de uma Nova Dolaso na localidade de Matão, em Araraquara, fundada por imigrantes trentinos.

região de Campinas herdada de seu pai José Rodrigo Ferraz do Amaral, então importante fazendeiro do oeste paulista. Amaral era abolicionista, de caráter severo e propagador do ideal liberal, tendo sido membro do Partido Liberal, com o qual se elegeu vereador e vice-governador da Província de São Paulo. Foi um dos fundadores da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1875, que contratou imigrantes austríacos (trentinos, inclusive) para trabalhar na abertura de estradas de ferro. Em 1869, fundou a Loja Maçônica Independência, a qual presidiu durante anos; em 1876, foi condecorado barão e, em 1879, recebeu o título nobiliário de Visconde de Indaiatuba. Apesar de seu posicionamento positivista, não demonstrava hostilidade ao Império, tendo hospedado o Imperador Pedro II por duas vezes em sua residência, na cidade de Campinas.

Diferentemente de muitos cafeicultores e fazendeiros paulistas, Amaral acreditava que era possível desvincular a economia rural sem a mão de obra escrava e substituí-la com a contratação de colonos europeus. Inicialmente, trouxe para suas propriedades colonos alemães, oriundos principalmente de Holstein que, inicialmente, trabalharam nas lavouras de cana de açúcar e café juntamente com escravos negros (GROSSELLI, 1991, p. 304). No entanto, por conta dos conflitos que unificavam as terras alemãs sob o comando do Reino da Prússia e por causa das notícias que lá chegavam sobre as dificuldades enfrentadas pelos colonos alemães nas florestas brasileiras, as autoridades alemãs proibiram a emigração de seus habitantes para o Brasil, obrigando o governo brasileiro e os contratantes de mão de obra europeia a buscar trabalhadores em outros países.

Giraldelli (1992, p. 22-24) comenta sobre o desejo recôndito do governo brasileiro ao incentivar a imigração de europeus, que não era apenas o desejo de “retemperar” a *etnia brasileira*, mas também de aproveitar da bagagem cultural desses imigrantes que chegavam com o objetivo de prosperar na América e, assim, contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Império Brasileiro. O Visconde de Indaiatuba, preocupado com a situação na Alemanha, escreveu em 1879:

“Verificada a guerra violenta da Alemanha contra a emigração de seus habitantes para o Brasil, esta fonte não poderia ter sido melhor substituída senão pelos habitantes das terras do Tirol. As famílias são autenticamente patriarcais, seja pela dimensão, seja pela moralidade, união e amor ao trabalho. Sendo certo que a colonização não deve ser afrontada unicamente como elemento de

evolução material, isto é, braços, mas decididamente valorizada como elemento de evolução social, que retempera o sangue e a virilidade brasileira, e coopera proficuamente para a nossa civilidade, parece que a esse desejo, melhor correspondem os emigrantes tirolese”. (GIRALDELLI, 1992, p. 22)

No entanto, tanto na Alemanha como na Áustria, as notícias sobre as dificuldades desencorajavam as famílias que pensavam em emigrar. No interno do Império Austro-Húngaro, a propaganda anti-imigração, do mesmo modo que no Reino Alemão, espalhava notícias de famílias brancas que eram escravizadas em solo americano do mesmo modo que os negros. Amaral encontrou verdadeiras dificuldades para trazer colonos austríacos e teve de convencer muitas famílias através de cartas, garantindo que no Brasil os imigrantes não seriam escravizados ou submetidos a situações mais precárias que na terra de origem. Em 1876, Amaral esteve no Tirol, auxiliado pelos agenciadores da emigração da Empresa Caetano Pinto, a fim de estabelecer contratos na Áustria e, assim, garantir a vinda de mais colonos.

Em 1873, Amaral comprou ainda alguns escravos para a fazenda Salto Grande, localizada em Amparo, pois não conseguiu trazer novos colonos alemães. No ano seguinte, procurou a Empresa Joaquim Caetano Pinto Junior & C. para a contratação de colonos vindos do Império Austro-Húngaro, principalmente das regiões confinantes com o Reino da Itália, ou seja, Tirol Italiano, Friúl e Gorízia. O visconde procurou também trazer colonos italianos do Vêneto e da Lombardia, cuja situação financeira era semelhante à do Tirol.

Os tirolese eram considerados bons trabalhadores, de temperamento teimoso, decidido e alegre. Súditos fieis do Império Austríaco⁷⁶, envolviam-se frequentemente em conflitos com os imigrantes italianos (LORENZONI, 1975; POSSAMAI, 2004), cuja mentalidade liberal e anticlerical era muito criticada pelos tirolese. Naturalmente, o sentimento nacional e monarquista da resistência tirolese de 1809 foi trazido pelos imigrantes trentinos ao Novo Mundo, e o respeito pela figura do imperador austríaco foi transferido para a pessoa do imperador brasileiro (LORENZONI, 1975; GROSSELLI, 1990; 1999; 2008).

⁷⁶ Segundo VITTI (1991), os filhos mais velhos de Bortolo Vitti, fundador do Bairro Santana, tinham a parte inferior das orelhas mutilada por terem se negado a bradar “abaixo à Áustria!” quando, ao retornar da escola, foram abordados por um grupo de carbonários trentinos. Já no Brasil, Maximiliano Correr, de Santa Olímpia, teria sido assassinado por colonos italianos já quando residia em Piracicaba, por causa de seu patriotismo austríaco e posicionamento abertamente anti-italiano (GROSSELLI, 1991: 393).

Em 1876, a Empresa Caetano Pinto atuava no Tirol Italiano incentivando famílias que desejassem emigrar para o Brasil, para que fossem contratadas pelos fazendeiros e seguissem para as lavouras de café da então Província de São Paulo. O governo brasileiro propagava notícias sobre as vantagens de se adquirir terras nas áreas coloniais do Sul do império, com notícias de vantagens nem sempre verdadeiras. A grande movimentação que se seguiu no Tirol fez com que centenas de famílias seguissem para o Brasil com alguns pertences e com o dinheiro adquirido com a venda de seus poucos bens; outros, pertencentes ao enorme grupo de miseráveis que abundavam os campos do Tirol, seguiam para o Brasil praticamente com a roupa do corpo e o contrato de trabalho nas mãos. Fato é que a maioria dos tirolezes almejava seguir para as colônias públicas do Sul do império e no Espírito Santo, mas muitas famílias foram obrigadas, logo após o desembarque em Santos, a seguir para as fazendas do interior paulista.

As notícias sobre a falta de opção dos colonos rapidamente chegaram ao Império Austro-Húngaro e algumas cidades tirolezas trataram de informar seus habitantes sobre os riscos da emigração desinformada. Assim procederam os distritos (it. *comuni*), de *Romagnano* e de *Meano*, nos arredores de Trento, de onde partiram os trentinos que fundaram a Colônia Tiroleza de Piracicaba. A administração de Meano requisitou um auxílio financeiro à Junta Provincial Tiroleza, sediada em *Innsbruck*, para auxiliar as famílias que emigrassem. Contudo, após a aprovação, o governo não liberou a verba requisitada e a administração local de Meano solicitou auxílio junto à administração de Trento, que o concedeu (GROSSELLI, 1991, p. 321).

A promessa de Caetano Pinto era de que também a leva de 1877 pudesse escolher seu destino, mas não foi o que ocorreu. Entre as dezenas de famílias tirolezas que seguiram para as fazendas do visconde, estavam aquelas que nas décadas seguintes se transferiram para Piracicaba.

As famílias tirolezas eram consideradas pelo Visconde de Indaiatuba pessoas de grande moralidade, união e apego ao trabalho (GIRALDELLI, 1992, p. 26), qualidades que Amaral considerou vantajosas também para si, pois tinha a certeza de que haveria o pagamento integral do débito adquirido no ato da contratação, o que proporcionaria maior garantia para o bom trabalho nas lavouras.

2.8. OS CAPUCHINHOS DE TRENTO NO BRASIL

Alguns missionários capuchinhos trabalharam no Brasil colonial no século XVII e eram todos franceses os que primeiramente seguiram para o Maranhão e, posteriormente, para a Bahia. Após a assinatura de contrato com o rei de Portugal, foi a vez de os capuchinhos italianos (e tirolese) fundarem novas províncias, formando no Brasil um *Comissariato* que mantinha conventos em Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Sob as ordens do governo, percorriam todo o país em suas missões, mas ainda não podiam abrir noviciados.

Em 1884, a Sagrada Congregação da Propagação da Fé confiou missões no Brasil à ordem franciscana dos frades capuchinhos, pois o vasto império dos trópicos “carecia” de assistência religiosa e contava com um número bastante modesto de seminários e paróquias. Inicialmente no Rio de Janeiro, os capuchinhos da Província de Siracusa trataram de dar especial atenção às populações indígenas, fundando reduções nas vizinhanças de Campos Novos. Capuchinhos atuaram, inclusive, como capelães militares durante a Guerra do Paraguai e Frei Fidélis de Ávola chegou a ser condecorado coronel do exército brasileiro por sua atuação na batalha de 11 de dezembro de 1868.

Em 1884, o frade Bernardo de Andermatt, Ministro Geral dos Capuchinhos, pediu, por meio de seu secretário, Frei Antonino de Reschio, à província capuchinha de Trento para que atuassem na então Província de São Paulo, com a permissão imperial para que fosse aberto um noviciado que acolheria brasileiros. A ordem representava no Tirol uma importante congregação, de caráter popular, que teve participação direta no levante tirolês de 1809, com destaque para a figura do frade Joachim Haspinger (1776 – 1858), que atuou diretamente com Andreas Hofer.

Após a obtenção da licença do governo imperial para a aceitação de noviços brasileiros, em 1889, partiram de Trento os primeiros missionários capuchinhos, a saber: os padres Frei Félix de Lavallo, Frei Luís de São Tiago e os dois irmãos leigos Frei Caetano de Pietramurata e Frei Vigílio de Trento. Antes de embarcarem para o Brasil, estiveram em Roma para tomar a bênção do Papa Leão XIII e, de Gênova, partiram em um navio italiano que transportava imigrantes, mas as dificuldades da viagem fizeram com que Frei Vigílio falecesse durante o percurso. Inicialmente, presença dos capuchinhos no Brasil não tinha qualquer ligação com a imigração de tirolese, mas se dava por causa de um pedido feito do próprio Imperador Dom Pedro II,

que em sua última viagem política à Europa, ocorrida entre 1887 e 1888, pediu a presença de missionários capuchinhos para evangelizar os índios e promover uma profunda catequização no povo cuja fé era considerada pelo monarca “oscilante” porque sincretista. Dom Pedro considerava a ordem bastante severa e, assim, acreditava que haveria de ser rápida a moralização da população cabocla e indígena. A Santa Sé romana considerou a presença de missionários bastante positiva, pois reforçaria seu controle hierárquico sobre a Igreja brasileira (GROSSELLI, 1991, p. 213). Vale lembrar que esses clérigos representavam uma imigração de indivíduos letrados, intelectuais que influenciaram a sociedade da época e isso era considerado bastante positivo pelo governo imperial.

Os capuchinhos fundaram sua sede missionária na cidade de Piracicaba, dedicando-se ao trabalho junto aos pobres e doentes e às missões entre os índios. A partir de então, passaram a aceitar noviços e abriram conventos. Em 1892, abriram seu primeiro noviciado e se destacaram pela aceitação de jovens índios, negros e caboclos para a ordem; em 1896 seria fundado seu primeiro seminário no Brasil.

Foram 71 os missionários capuchinhos que trabalharam no Brasil (GROSSELLI, 1991, p. 386). Conscientes da presença de compatriotas tirolezes, os capuchinhos passaram a assistir religiosamente os colonos que trabalhavam nas fazendas de café. Entre os trentinos, os religiosos eram conhecidos como *fràti de la barba* (“frades barbados”), pois costumavam ter barbas longas. Com a entrada de alguns filhos de imigrantes para a ordem, esta ampliava sua influência no campo, auxiliando a expansão agrícola do oeste paulista. Os frades atuavam junto aos colonos, incentivando-os a promover melhorias nas técnicas agrícolas.

Os capuchinhos de Trento não perderam o elo com a terra de origem, muito menos com a mentalidade política da época e saiam em defesa da imagem do imperador austríaco e da unidade territorial tiroleza, tecendo duras críticas contra a unificação italiana e os ideais maçônicos presentes na atuação dos carbonários. A Igreja era bastante crítica ao modo pelo qual a Itália se unificava, inspirada em ideias positivistas. A mentalidade conservadora austríaca era contrária ao processo de unificação do Reino Italiano por causa da perda do Reino Lombardo-Vêneto e por causa da imagem de “defensor” da fé assumida pelo monarca austro-húngaro. Naturalmente, a posição dos capuchinhos estaria de acordo com esta última e os colonos tirolezes, fortemente apegados ao clero, mantinham obediência.

Em Piracicaba, a missão capuchinha desempenhou um papel relevante junto aos colonos tirolezes de Santana e Santa Olímpia e a própria fundação da Colônia Tiroleza de Piracicaba está, de certo modo, ligada ao trabalho missionário dos frades.

Em 1893, era lançada a primeira pedra de fundação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, dirigida pelo Frei Felix Dallavale, e cuja inauguração foi considerada uma festa tiroleza, com presença de autoridades locais, religiosas, benfeitores e do cônsul da Áustria.

Os colonos da Fazenda Monte Alegre, futuros fundadores de Santa Olímpia e Santana alegraram o evento com canções do Tirol com o hino imperial austríaco (NETTO, 2013⁷⁷). No mesmo ano, realizou-se a compra da Fazenda Sant'Ana, vizinha à Fazenda Santa Olímpia, pelas famílias Vitti e Forti. A escolha do local, segundo os moradores, foi por influência dos frades capuchinhos, que pretendiam manter os colonos unidos.

⁷⁷ Texto publicado em <http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/igreja-dos-frades-arte-e-historia-de-um-dos-mais-belos-templos-paulistas/>

3. A COLÔNIA TIROLESA DE PIRACICABA

3.0. INTRODUÇÃO

Piracicaba se localiza praticamente no centro do estado de São Paulo, em uma região densamente povoada que concentra mais de um milhão de habitantes.

Próxima à cidade de Campinas, outra “metrópole” do interior paulista, Piracicaba conta atualmente com cerca de 350 mil habitantes. A região em que as cidades se localizam forma uma das áreas mais industrializadas e economicamente produtivas do estado e do Brasil.

*O município de Piracicaba no estado de São Paulo*⁷⁸.

Durante os séculos XVIII e XIX, a região central do interior paulista era muito diferente, formada por pequenas vilas e povoados, muitos dos quais fundados durante o período das Monções, ou seja, do povoamento bandeirante.

⁷⁸ Mapa: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SaoPaulo_Municip_Piracicaba.svg

À época da imigração tiroleza, no final do século XIX, Piracicaba era uma modesta cidade do interior paulista, tendo sido elevada a vila em 1821 e, posteriormente, a cidade, em 1877. O antigo nome *Piracicaba* havia sido restituído e substituiu o antigo *Vila Nova Constituição*. A mudança do nome da cidade se deve principalmente ao rio que a tornou conhecida.

O rápido e desordenado crescimento urbano ocorreu durante a segunda metade do século XX e continua atualmente, sobretudo após a instalação de usinas de produção de álcool e de indústrias mecânicas e automotivas.

Em Piracicaba, os bairros rurais Santana e Santa Olímpia, doravante assinalados respectivamente como **S** e **SO**, são conhecidos pelos habitantes da cidade como *bairros dos tirolezes* e formam juntos a Colônia Tiroleza de Piracicaba, distante cerca de vinte e cinco quilômetros da área urbana do município.

Os bairros são assim conhecidos porque a maioria de seus habitantes descende de imigrantes tirolezes da região de Trento, que se instalaram em Piracicaba entre 1892 e 1893, após terem trabalhado em Campinas.

3.1. DADOS HISTÓRICOS

A história da fundação da Colônia Tiroleza de Piracicaba está relacionada à contratação de colonos tirolezes e italianos pelo Visconde de Indaiatuba, que trabalharam na antiga Fazenda Sete Quedas, localizada na região de Campinas.

Em 31 de julho de 1877, as famílias Stenico e Pompermayer, de *Romagnano*, Vitti, de *Cortetano*, e Christofolletti, de *Vigo Meano*, partiram do porto italiano de Gênova a bordo do Navio Nord America em direção ao Brasil. Vitti (1993, p. 401) afirma que a viagem foi dificultosa e que as condições eram precárias, pois se tratava de um navio velho que necessitou fazer paradas para reparos antes de aportar na cidade do Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1877. Giraldeoli (1992) trata de 350 tirolezes que chegaram a bordo do navio e Grosselli (1991, p. 156) apresenta o número de 162 imigrantes, embora afirme que em outras fontes conste o número de 266 pessoas, divididas em trinta e duas famílias.

Em 1881, chegam outras famílias de tirolezes italianos para trabalhar na Fazenda Sete Quedas, inclusive aquelas incentivadas pela família Stenico que se encontrava no Brasil desde 1877.

Os distritos originários dos imigrantes fundadores de Santana e Santa Olímpia⁷⁹.

As famílias Brunelli, Correr, Forti e Pompermayer, de *Romagnano*, Degasperi, de *Sardagna*, e Christofolletti, di *Vigo Meano* e *Cortesano*, partiram de Gênova a bordo do navio Frankfurt (de bandeira alemã)⁸⁰ juntamente com dezenas de outras famílias tirolezas e italianas, chegando ao Brasil no dia 24 de dezembro do mesmo ano e seguindo para a propriedade de Amaral, em Campinas.

O contrato para trabalharem na fazenda Sete Quedas foi feito nas seguintes bases: prazo de nove anos; trato de cafezais sem ganho, recebendo 500\$000 (quinhentos réis) por alqueire de café colhido; não havendo serviço de capinação, o fazendeiro era obrigado a dar-lhes outras obrigações ou ocupações, pagas por diárias, ou conseguir-lhes trabalhos avulsos em fazendas vizinhas. Os imigrantes tinham, além disso, direito ao uso das terras para o plantio de cereais,

⁷⁹ MAPA: nosso.

⁸⁰ Conferir nos anexos o “testamento de Zia Maria”, que narra a partida dos imigrantes tirolezes fundadores do Bairro Santa Olímpia.

sem limites e condições, obrigando-se o contratante a fornecer os víveres (gêneros alimentícios) para o sustento das famílias, para posterior desconto depois das colheitas de café.

(VITTI, 1988, p. 4)

Findados os nove anos de trabalho na fazenda do Visconde de Indaiatuba, em Campinas, as famílias Brunelli, Correr, Christofolletti, Degasperi, Pompermayer e Stenico foram contratadas para trabalhar na Fazenda Monte Alegre, na região de Piracicaba, de propriedade de Joaquim Rodrigues do Amaral.

Membros das famílias Vitti e Forti renovaram o contrato de trabalho com o Visconde de Indaiatuba por mais um ano, permanecendo na propriedade até 1887. Dali, seguiram para Rio Claro, trabalhando no pequeno Sítio do Rio Cabeça.

Naquele tempo, a paisagem rural predominava em toda a região. O cultivo da cana de açúcar se iniciava em Piracicaba e ainda era possível encontrar as mais diversas culturas, principalmente a do café, ainda baseada no trabalho de escravos negros.

Os tirolezes permaneceram na Fazenda Monte Alegre por cinco anos, trabalhando no cultivo da cana de açúcar. Em 1892, transferiram-se para Piracicaba, onde, adquiriram em conjunto a Fazenda Santa Olímpia, antiga propriedade rural de 580 hectares, com algumas benfeitorias e plantações de café. São considerados os “fundadores” de Santa Olímpia os pioneiros Giacomo (Jacob) Correr e sua esposa Rosa Pompermayer⁸¹, ambos de *Romagnano*.

A compra da fazenda foi marcada por dificuldades burocráticas e financeiras para os tirolezes, que não haviam estabelecido um contrato de compra que lhes garantisse a posse definitiva das terras vendidas pelo antigo proprietário João Baptista Pinto de Almeida. No ato da compra, por não terem a soma suficiente para efetuar o pagamento, os tirolezes foram obrigados a hipotecar a fazenda e pagar a dívida com a colheita do café. Contudo, após o falecimento do antigo proprietário, seus herdeiros reivindicaram um segundo pagamento junto aos compradores, que foi efetuado em novembro de 1895. Para quitar a dívida e a hipoteca, os colonos fizeram um empréstimo em dinheiro de Cícero Bastos, cuja quantia (mais juros semestrais) seria paga após um ano. O empréstimo hipotecava novamente a propriedade e a colheita de café de 1896. Anos se passaram e o contrato abusivo não permitia a quitação da dívida, obrigando os

⁸¹ Seus nomes constam em um monumento que se encontra na Praça Pe. Jacob Stenico, em Santa Olímpia e são ali citados como “patriarcas”.

colonos a vender provisoriamente a propriedade, em 1909, para Luigi Negri, imigrante tirolês de *Albiano (Val di Cembra)* que, em meados de 1900, comprou a propriedade rural vizinha à fazenda Santa Olímpia, que passou a ser chamada Fazenda Negri.

No dia da compra da fazenda Santa Olímpia, Negri emprestou outros 90 mil réis de Cícero Bastos, que usou para pagar as despesas da nova fazenda, de sua Fazenda Negri e para adquirir parte da vizinha Fazenda Glória, já de propriedade de seu irmão Carlo Negri. Para garantir o pagamento do empréstimo, os irmãos Negri hipotecaram as fazendas Glória e Santa Olímpia que, juntas, somavam 1.154 hectares.

Em 1912, Luigi Negri assinou um novo contrato no qual ficava acordado que o pagamento da Fazenda Santa Olímpia seria feito em alguns anos - como realmente ocorreu -, de modo a auxiliar os colonos a quitarem a dívida, mas os acontecimentos renderam à propriedade a alcunha de *Banco*⁸², utilizada até hoje (GROSSELLI, 1991: 376-379). Com o fim das dívidas e hipotecas, Santa Olímpia já não contava com seus 580 hectares iniciais, mas com 310 que foram divididos entre as famílias, e os 270 hectares restantes foram anexados à Fazenda Negri e demais propriedades confinantes. Para trabalhar nas fazendas Negri e Glória, Luigi Negri contratou colonos tirolezes, que ali se estabeleceram. Entre eles, estavam as famílias Stolf, Rover, Venere e Zotelli.

As famílias Vitti e Forti foram incentivadas pelos frades capuchinhos de Trento, que assistiam aos colonos e comentaram sobre a compra da Fazenda Santa Olímpia por um grupo tirolezes que trabalhara na Fazenda Sete Quedas. Em 1893, Bortolo Andrea Vitti, juntamente com sua esposa Maria Maddalena Saltori Vitti e seus filhos, compraram a Fazenda Sant'Ana em conjunto com Francesco Forti. À época da compra, a propriedade contava com 726 hectares. A família Vitti comprou sua parte da fazenda com o dinheiro poupado e com empréstimos de parentes das famílias Fontana e Vitti que se estabeleceram em Rio Claro. A família Forti teve menor porcentagem de pagamento que os Vitti, adquirindo menos terras que estes. A alta no preço do café garantiu o pagamento de boa parte da dívida em um ano, mas a fazenda foi totalmente paga em 1909 após um empréstimo feito por Cícero Bastos, que foi quitado em 1913 com altos juros que praticamente dobraram o valor da fazenda (GROSSELLI, 1991, p.

⁸² É bastante comum ouvir entre os moradores de Santa Olímpia e Santana o uso de *Banco* quando se referem ao Bairro Santa Olímpia, em frases do tipo “*vou lá no Banco*” ou “*ele é do Banco*”. Contudo, quando em conversas com pessoas de fora da comunidade, os moradores utilizam principalmente a designação *Santa Olímpia*. Os moradores do bairro são chamados *banquistas* ou *banchestèi* (em dialeto trentino) pelos moradores de Santana que, por sua vez, são chamados pelos moradores de Santa Olímpia *santanèri* (em dialeto trentino) ou *santaneiros*.

375). Até meados de 1907, viveram e trabalharam na Fazenda Santana demais colonos, sobretudo de origem italiana, que se retiraram gradativamente da fazenda.

Em 1893, um grupo de 45 imigrantes trentinos e vênéticos que havia trabalhado na Fazenda Sete Quedas adquiriu nas imediações da cidade de Jundiá a Fazenda Traviú. Antiga propriedade de Francisco Augusto de Moraes Campos, a fazenda com 190 hectares foi comprada em conjunto pelo valor de 25 mil réis, dos quais 10 mil foram pagos no ato da compra e o restante em cinco parcelas anuais com juros de 6%. A garantia do negócio, conforme o costume em voga na época, foi a hipoteca sobre a propriedade. Entre os imigrantes tirolezes que adquiriram a propriedade, estavam as famílias Brunelli, Carbonari e Steck, Condini e Pompermayer, de *Romagnano*, que desembarcaram no Brasil entre 1881 e 1883.

Nos primeiros anos que se seguiram após a compra das fazendas em Piracicaba e Jundiá, foram contraídos alguns casamentos entre moradores da Fazenda Traviú e da Fazenda Santa Olímpia, por conta do parentesco existente entre membros da família Pompermayer, oriunda de *Romagnano*.

O decorrer do século XX marca a organização dos núcleos familiares nas fazendas e a adaptação dos colonos. Desde a chegada desses tirolezes ao Brasil, em 1877, até a compra definitiva das fazendas, entre 1909 e 1913, passaram-se quase três décadas. Isso significa que, desde a fundação da colônia tiroleza em Piracicaba, as famílias já contavam filhos nascidos no Brasil e, portanto, inseridos na realidade social da nova pátria de seus pais. No entanto, o contato com *brasileiros* era limitado e ligado principalmente às relações comerciais. As uniões matrimoniais entre *tirolezes* (descendentes) e *brasileiros* (não-tirolezes), ou entre tirolezes e italianos, eram raras e muitas vezes desaprovadas pelos mais velhos. Em Santana, o número de casamentos entre descendentes de tirolezes e de italianos foi inicialmente maior que em Santa Olímpia, garantindo ao bairro a existência de núcleos familiares não-tirolezes como os das famílias Goia, Vasca, Vendemiatti e Bomback, estes últimos descendentes de um imigrante alemão que ali se instalou e se casou com uma jovem da família Vitti. A fervorosa religiosidade dos colonos influenciava sobremaneira o comportamento social da comunidade, que mensalmente era visitada pelos frades capuchinhos de Trento.

No início, o cultivo do café foi a principal fonte de renda das famílias. No âmbito doméstico, haviam plantações de subsistência e criação de alguns animais, que proporcionavam carnes para o consumo interno da comunidade e uma modesta produção de linguiças e defumados. A uva foi introduzida desde o início pelos tirolezes,

mas não constituiu nenhuma atividade econômica relevante, limitando-se somente à fabricação artesanal de vinho, para consumo próprio das famílias. Entre as décadas de 1940 e 1950, tentou-se promover na colônia a criação do bicho-da-seda, incentivada pelos frades capuchinhos⁸³, mas que não prosperou após alguns anos.

A partir da década de 1950, com a instalação de usinas na região, a paisagem foi modificada profundamente, dando espaço aos vastos canaviais que ainda hoje dominam a paisagem piracicabana. Nos primeiros anos da década de 1950 chegou a luz elétrica aos bairros e o cultivo da cana-de-açúcar para o Engenho Central em Piracicaba tornou-se a principal fonte de renda dos moradores. Mas a monocultura também contribuiu para que, entre as décadas de 1960 e 1970, muitos jovens abandonassem os bairros em busca de emprego. Esse período ocasionou um tipo de *abertura* da comunidade tirolesa, ocasionando maior contato com moradores de outras áreas de Piracicaba, o que resultou em casamentos com pessoas nascidas fora da comunidade.

A comunidade demonstra até os dias de hoje um forte apego à religiosidade católica, frequentando o culto litúrgico semanal e contribuindo com ações de solidariedade organizadas pelas pastorais leigas ali atuantes. Desde a fundação dos bairros, a colônia recebeu a visita de religiosos e, atualmente, conta com um pároco próprio, nascido em Santa Olímpia, filho da numerosa família Stenico.

Inicialmente, os capuchinhos tiroleses, primeiros religiosos a trabalhar na comunidade, influenciaram várias esferas da vida cotidiana das primeiras gerações de descendentes; com base em sua espiritualidade e conduta rígidas, baseadas na moral e na obediência, os capuchinhos propagavam entre os tiroleses diversos hábitos que sobrevivem até os dias de hoje, como horários fixos para orações, recitações do terço e do rosário. Leme (2001, p. 60) comenta sobre a rigidez moral dos frades, que propagavam entre os colonos um sentimento constante de culpa e pecado. Entre os moradores de S, casamentos “arranjados” eram relativamente comuns. Também no que se refere à gravidez das mulheres, havia por parte dos frades um controle rígido sobre a natalidade e não ter um filho por ano era considerado um pecado grave para o casal, com pequenas punições como cobranças públicas ou proibição da comunhão durante os cultos litúrgicos. Giraldeoli (1992, p. 47) e Leme (2001, p. 63-64) atestam a “política de procriação” dos capuchinhos, ou seja, de aumento populacional, que visava o aumento das famílias e a sobrevivência da colônia.

⁸³ Na região trentina, os frades foram os pioneiros na produção da seda, pois haviam trazido da China os primeiros casulos do bicho-da-seda.

Contudo, além da rigidez religiosa, os frades foram também responsáveis pela formação de um senso de solidariedade comunitária e assistencialismo aos mais necessitados, que até hoje é característico entre os moradores. Naturalmente, o sentimento de união se deve ao seu isolamento em relação ao centro urbano de Piracicaba, haja vista que o temor da perda dos costumes favorecia a obediência e confiança nos frades, considerados verdadeiros líderes espirituais e comunitários. Giraldelli (1992, p. 44) afirma que o povo brasileiro era considerado imoral pelos tirolezes, que preferiam viver “isolados” temendo a perda de sua identidade. Esse temor faz parte do contexto da imigração é um dos principais motivos pelos quais grupos de imigrantes oriundos de uma mesma pátria procuram, inicialmente, permanecer unidos.

A importância dos capuchinhos está no fato de eles terem sido responsáveis pela estruturação social da comunidade, pois se relacionavam com os tirolezes somente em dialeto trentino, informavam as famílias sobre assuntos políticos relativos ao Tirol e ao Império Austro-Húngaro, perpetuavam religiosidade segundo o modelo cultural tirolês e auxiliavam as famílias nos momentos de desânimo. Não é por menos que o contato com os brasileiros representava uma ameaça aos olhos do colono tirolês, como um *rompimento* do elo com a terra natal.

A marcada religiosidade da colônia se observa no elevado número de religiosos ali nascidos, cerca de setenta entre padres, frades, freiras e bispos. Boa parte dos homens com mais de quarenta anos, principalmente os de **SO**, estudou em seminários. A influência da religião na colônia tem seu expoente máximo em Maria Correr Stenico, imigrante e filha dos pioneiros Giacomo Correr e Rosa Pompermayer. Conhecida como *zia* Maria (“tia Maria”), foi casada com Simone (Simão) Stenico, e atuou na comunidade como catequista e líder comunitária. Teve participação direta na fundação da escola local, e organizava todas as manifestações culturais e religiosas de seu tempo. Seu temperamento lhe garantiu a alcunha de *comandaréssa* (“mandona”), utilizada por aqueles que não se contentavam com sua postura severa, embora não haja relatos de contestações. Em Santana, a *comandaressa* era Elisabetta Correr Vitti, ou *zia* Beta (“tia Beta”), irmã de Maria Correr Stenico.

Já na primeira década de 1900, os tirolezes haviam contratado o professor Antonio Michelin para ensinar aos mais jovens a escrita da língua italiana. Segundo os informantes mais velhos, e como atesta Leme (2001, p. 65), o salário do professor, de quarenta mil réis naquela época, exigia um esforço de toda a comunidade, pois o salário mensal dos colonos era de aproximadamente quinze mil réis. Até 1923, uma escola

informal funcionou em **S** em uma das casas da família Vitti, com professores da própria comunidade que ensinavam o português e noções de italiano.

A preocupação de *zia* Maria com a alfabetização das crianças fez com que os tirolezes estabelecessem contato com o médico Samuel de Castro Neves, então deputado pelo Partido Republicano, que auxiliava gratuitamente os necessitados da colônia conseguiu uma autorização para dar início a uma escola em **S**, contando com o auxílio de *zia* Maria e José Vitti, líderes locais.

Assim, a escola local foi fundada em 18 de março de 1924, recebendo o nome de Escolas Reunidas de Santana. Após a fundação da escola, os tirolezes obtiveram o direito ao voto e tiveram Samuel de Castro Neves como seu representante político.

A primeira capela de Santa Olímpia foi inaugurada em 1913, e a capela de Santana o foi em 1927, durante os festejos do cinquentenário da chegada de Bortolo Vitti ao Brasil, tendo sido substituída por uma igreja em 1929. O sentimento de união comunitária incentivado pela Igreja é bastante acolhido pelos habitantes dos bairros, que se dedicam em diversas ações voluntárias em prol dos mais necessitados. Atualmente, cada bairro possui sua própria igreja, sempre localizada na praça central do bairro, local de encontros e de vida social.

A vida social da colônia modificou-se a partir da década de 1950, quando os primeiros tratores e caminhões foram adquiridos, facilitando o trabalho nas lavouras. Leme (2001, p. 71) afirma que essa modernização foi relevante para ampliar o contato entre descendentes tirolezes e habitantes de outras localidades de Piracicaba. Os descendentes mais velhos afirmam que, durante muito tempo, a maior parte do trabalho no campo era feito sem máquinas, mas apenas com uso de tração animal ou força humana.

Os trabalhos mais pesados empregavam o uso do cavalo (*cavàl*) ou do boi (*bö*), principalmente para o arado (*plainé* em **SO**; *aregàgn* em **S**). Nas plantações (*piantazón*), usavam-se a enxada (*zapìn*; *zàpa*), o rastelo (*restèl*), a foice (*falz* em **SO**; *falc* em **S**) e foices manuais (*zèrla* em **SO**; *cèrla* em **S**). O corte da lenha (*legn*) era feito manualmente, com uso do machado (*manaròt*) ou de serra (*séga*).

Com a modernização do trabalho no campo, as famílias começaram a construir novas casas. O crescimento demográfico fez com que, aos poucos, as fazendas se tornassem bairros, lembrando pequenos vilarejos.

A rede elétrica chegou inicialmente a **S**, em meados de 1950, por iniciativa do professor Guilherme Vitti, então eleito vereador e primeiro-secretário da Câmara Municipal de Piracicaba. Em **SO**, a eletricidade chegou posteriormente, em 1962.

Durante décadas, as estradas que cortam a colônia e unem os bairros foram precárias estradas de terra. Somente em 1996, após diversas reivindicações dos moradores junto ao poder público de Piracicaba, foi asfaltada a estrada que une a Rodovia Ermínio Petri (entre Piracicaba e Charqueada) ao bairro **S** e, dali, segue até **SO**. Existe uma bifurcação, com dois caminhos possíveis. A estrada asfaltada une a rodovia a **S**, mas existe uma outra estrada - ainda de terra - que une a mesma rodovia a **SO**, atravessando a antiga Fazenda Negri.

A partir da década de 1970, um grande número de jovens da comunidade se transferia para o centro de Piracicaba e demais bairros urbanos, buscando empregos e melhores condições de vida.

O fim da comunidade parecia estar próximo até que, em 1972, alguns membros da família Stenico de **SO** compraram dois ônibus, que foram os primeiros usados para o transporte público que transportava os moradores até o centro de Piracicaba, passando por bairros periféricos próximos à colônia. A iniciativa fez com que alguns jovens da comunidade retornassem para os bairros, e outros começaram a trabalhar em empresas localizadas nos bairros urbanizados de Piracicaba.

O mesmo aconteceu com aqueles jovens que demonstravam interesse pelos estudos, pois tornou-se possível frequentar cursos técnicos e escolas do ensino médio no centro de Piracicaba, assim como a universidade. Concomitantemente, houve uma considerável redução no número de jovens que ingressavam nos seminários, pois já não era essa a única alternativa para os estudos.

Naturalmente, a movimentação de pessoas ocasionada pelo transporte público fez com que o convívio de moradores da colônia com pessoas de fora da comunidade fosse mais intenso, aumentando também o número de casamentos mistos entre descendentes de tirolese e não-descendentes.

Durante a década de 1970, casamentos entre *tirolese*s e pessoas “de fora” se tornara realidade na comunidade. O declínio do uso do dialeto trentino no cotidiano dos descendentes, assim como a perda de algumas tradições tirolese outrora comuns entre os moradores, estão intrinsecamente ligados às transformações sociais que se desenvolveram a partir desse período (GIRALDELLI, 1992; LEME, 2001).

3.2. DADOS ATUAIS

Ainda hoje, a maioria dos habitantes dos bairros **S** e **SO** descende de imigrantes tirolese. Os sobrenomes Christofolletti, Correr, Degasperi, Forti, Mosna, Negri, Stenico e Vitti são encontrados em ambos os bairros, embora alguns deles predominem em determinado bairro. Outros são encontrados apenas em um dos bairros, como Pompermayer, existente apenas em **SO** e há, ainda, sobrenomes que tendem a desaparecer na colônia, como Brunelli (existente, porém, na área urbana de Piracicaba).

Predominância de sobrenomes de origem tirolese entre homens e mulheres (de acordo com o número de famílias)		
Bairro Santana	Bairro Santa Olímpia	Fazenda Negri
Vitti Forti Mosna	Stenico Degasperi Correr Pompermayer Christofolletti	Negri Zotele (Zotelli) Venere

A Fazenda Glória, outrora de propriedade de Carlo Negri e habitada por algumas famílias de imigrantes, encontra-se atualmente desligada do contexto social da colônia, ainda que possua alguns núcleos familiares de origem tirolese (Stolf e Zotelli).

Vale lembrar que nem todos os moradores são descendentes de imigrantes tirolese, haja vista que, a partir de 1970, ocorreram muitos casamentos de descendentes com pessoas nascidas em outras localidades de Piracicaba, de outras cidades paulistas e de outros estados. Há, contudo, outras origens que remetem à imigração europeia.

Em **S**, residem membros da família Bomback (originalmente Bombach), oriundos da região alemã do Rio Reno (al. *Rheinland*), os Goya (ou Goia), de provável origem espanhola, mas que muitas vezes afirmam ser de origem italiana. Também de origem italiana são os Geraldini, os Vendemiatti, os Vasca e os Gobetti (ou Gobeth). Não encontramos nenhum traço sequer da língua alemã, de outro dialeto italiano ou do espanhol em **S**. Por meio de casamentos, as famílias foram *assimiladas*, adotando o dialeto trentino.

Como pudemos observar, até hoje as pessoas oriundas de outras localidades são identificadas como sendo *os de fora*; mesmo se inseridos e aceitos na comunidade, são assim identificados porque, de certo modo, ocorreu uma adaptação dessas pessoas segundo os costumes e estrutura social da colônia, com todas suas peculiaridades que remetem à ascendência tiroleza.

Juntos, os bairros “tirolezes” formam a maior comunidade de origem trentina do estado de São Paulo, cuja população soma pouco mais de mil e quinhentos habitantes, com aproximadamente 834 moradores em **SO**, 744 em **S** e cerca de seis famílias residentes na Fazenda Negri, atualmente pertencente ao bairro **SO**.

Numero de habitantes por bairros em 2013:	
Santana	Santa Olimpia
Homens 298	Homens 307
Mulheres 318	Mulheres 339
Crianças 128	Crianças 188
TOTAL: 744	TOTAL: 834
TOTAL NA COLÔNIA: 1.578	

3.3. ASPECTOS CULTURAIS

Nos primeiros anos, a vida dos colonos era bastante limitada ao ambiente rural e ao trabalho no campo. O vestuário dos imigrantes era aquele do cotidiano camponês europeu e modificou-se muito pouco entre as primeiras gerações, embora assumia gradativamente aspectos do vestuário rural paulista. Atualmente, o antigo modo de se vestir caiu totalmente em desuso entre os descendentes pertencentes às gerações mais novas, embora seja ainda lembrado pelos moradores mais velhos da comunidade.

Outrora, as mulheres casadas eram identificadas segundo seu modo de se vestir, conforme o costume então em voga no Tirol Italiano: no dia seguinte ao casamento, passavam a usar um vestido longo (*abit*), cuja saia (*vèsta* em **SO**, *sotana* em **S**) ficava na altura do tornozelo e sobre a qual se sobrepunha um avental (*gorgnal*, *gormial*) amarrado na cintura, considerado um sinal de boa cozinheira; usavam longas meias (*calze*) e sapatos (*scarpe*) simples. os cabelos eram presos em um coque no alto da cabeça (*crich*, *crìcol*). No inverno, usavam um casaco feminino (*gonèla*, *giuba*) e, para

o trabalho, uma saia velha (*sgalda, sgaida, gaida*) por cima do vestido, um pequeno lenço (*fassolet*) em torno do pescoço ou sobre a cabeça, que podia ser substituído por um chapéu de palha (*capèl de paia*).

Fotos antigas dos primeiros imigrantes mostram mulheres em trajes tradicionais, com blusas de mangas (*màneghe*) bufantes na altura dos ombros, compridas e fechadas no punho (*manesìn*). Usavam também um longo lenço que lhes passava por detrás do pescoço e era cruzado na frente, sendo preso ao avental, cujo tecido trazia temas florais.

Os homens usavam uma camisa (*camiza*), um colete (*gilé*), uma calça comprida (*braghe*), que poderia ser presa por suspensórios (*spalazi*), cingida com um cinto (*zentüra* em **SO**, *centüra* em **S**) ou mesmo com uma corda (*corda*). Sobre a cabeça, usavam um lenço (*fazöl*), um chapéu de palha (*capèl de paia*) ou um chapéu simples, feito à mão (*celeta*), que durante o trabalho na lavoura lhes protegia a cabeça e o rosto de queimaduras do sol. Aos domingos e dias festivos, utilizavam paletós (*giaca, giacheta, giagheta*).

O uso de sapatos (*scarpe*) ou botas (*stivài*) era quase que exclusivo dos adultos. As crianças costumavam andar descalças ou com sandálias simples (*zavàta* em **SO**, *sopèla* em **S**), usando camisas simples, feitas de linho ou algodão, e calças feitas com sacos de açúcar (de tecido simples). No inverno, usavam meias (*calzòti*). Não havia luxo e poucas crianças possuíam uma boina (*bareta*), utilizando também chapéus de palha. No casamento, os noivos costumavam usar ornamentos de ouro (*ori*), como aliança (*vera*), brincos (*recini*) e colar (*colana*).

A religiosidade sempre foi muito presente no cotidiano dos descendentes de tirolese. Entre aqueles mais velhos, ela se apresenta, inclusive, em uma regrada rotina de orações diárias, que se iniciam logo pela manhã. Outrora, a rotina era mais complexa, com vários momentos de oração durante o dia, geralmente durante encontros da família. A musicalidade de caráter religioso esteve sempre presente, mantida entre os tirolese nos corais que interpretavam cantos religiosos (*canti de la ciésa*) polifônicos, em língua latina e portuguesa. Não se registram entre os descendentes cantos religiosos em italiano ou trentino; muitos afirmam que os mais velhos conheciam alguns, mas o que se cantava nos ofícios religiosos eram cantos em latim, até porque era essa a língua utilizada pela Igreja Católica em seus cultos até o Concílio Ecumênico Vaticano II. Os cantos em latim não faziam parte do repertório dos imigrantes, mas eram do repertório religioso brasileiro. Acreditamos que, como era comum até 1960, alguns desses cantos faziam parte do repertório musical brasileiro e europeu.

De certo modo, o canto coral sempre fez parte do cotidiano dos tirolezes, pois muitos descendentes se recordam de reuniões familiares e de encontros festivos que se iniciavam e terminavam com cantos alegres em dialeto trentino e italiano. Até os dias de hoje, muitas festividades da comunidade terminam *oficialmente* somente após um encontro informal dos moradores, que cantam juntos as canções de outrora ou, como costumam dizer, as canções *dos nonos*.

Atualmente, existem quatro coros na colônia, sendo dois adultos e dois infantis: em **SO** existem os coros Stella Alpina (vozes mistas) e Câneva (vozes masculinas), com integrantes do bairro e membros de fora da comunidade, além do coral infantil Va Pensiero, composto por crianças do bairro; em **S** existe o coral infantil Bambini Felici, formado por crianças do bairro, cujas atividades e ensaios - como pudemos observar - são menos frequentes que em **SO** (pois o número de crianças no bairro **S** é menor).

Além do canto coral, a colônia teve até a década de 1960 períodos musicais que podem ser considerados *prósperos* dadas as dificuldades financeiras da época. Músicos amadores que animavam as festividades locais tocando violino (*violin*), violão (*violon*), harmônica⁸⁴ (*sonadora*), acordeão (*sonadora*, sanfona) e harpa (*arpa*).

Em 1925, fundou-se em **S** uma banda de metais, composta quase que exclusivamente por membros da família Vitti. Vale ressaltar que, apesar de se apresentar com certa frequência em festividades fora da colônia, a banda proporcionou um contato limitado dos descendentes com o mundo externo. Sem um nome próprio que a identificasse, a *Banda de Santana*, como ficou conhecida em Piracicaba, teve como seu primeiro maestro Domingos de Moraes e animou festividades religiosas e populares, assim como bailes da colônia. Na década de 1930, seu maestro era o imigrante italiano Genaro Donadio, que posteriormente foi substituído por um maestro alemão de sobrenome Petermann, lembrado apenas por alguns dos descendentes mais velhos que não se recordam de seu primeiro nome. A banda existiu até meados da década de 1950, quando vários integrantes deixavam o bairro em busca de empregos na zona urbana de Piracicaba.

Existe hoje a Banda Nostalgia, composta por integrantes de ambos os bairros (maioria de **S**). Diferentemente da antiga banda de metais, apresenta-se nos moldes de bandas de palco atuais, com uso de instrumentos eletrônicos como guitarra e teclado, além de acordeão, bateria e baixo. Conta, ainda, com alguns integrantes da cidade de

⁸⁴ Pudemos tocar com uma harmônica diatônica (também conhecida como gaita ponto) com mais de cem anos, outrora pertencente à família Degasperi de **SO**.

Charqueada, que tocam instrumentos de sopro (metais) e frequentemente se apresentam com a banda em festas típicas alemãs e italianas. A banda anima as festividades da colônia e demais festas típicas do interior paulista. Sua vestimenta se inspira naquela usada por famosas bandas do Tirol, com estilo conhecido como *Modetracht* (“traje de moda”), inspirado nos trajes folclóricos dos Alpes.

Outra atividade cultural que sempre existiu na colônia é o teatro. Outrora, apresentavam-se peças de cunho religioso, encenadas em palcos improvisados nas praças dos bairros ou nos antigos salões paroquiais, cujos cenários e figurino eram confeccionados e preparados voluntariamente pelos moradores. Não registramos peças em dialeto trentino, pois os descendentes afirmam que outrora se compravam peças prontas em pequenos livretos, cujo conteúdo era ensaiado durante o ano. Alguns padres costumavam presentear a comunidade com algumas peças e os ensaios costumavam ficar sob a responsabilidade de Francisco Caetano Degasperì (tio Chico), filho do imigrante Dionisio Degasperì, natural de Sardagna.

Atualmente, as peças já não costumam ser encenadas em palcos, mas transformam-se em vídeos produzidos pelas crianças de **SO**, ensaiadas pelo pároco da comunidade, que cria histórias em *tirolês*, ou seja, em dialeto trentino. As filmagens narram de forma espontânea, e por vezes cômica, as histórias de antigamente ou casos engraçados que marcaram a vida social da colônia. O intuito principal dessa atividade é promover o uso do dialeto entre os descendentes mais jovens.

Também existem os grupos folclóricos em ambos os bairros, que frequentemente se apresentam em outras cidades e divulgam a colônia, que se lança no turismo cultural e gastronômico. Em **SO**, existe o Grupo de Danças Folclóricas Santa Olímpia, fundado no final da década de 1980, que se subdivide em grupos mirim, infantil, juvenil e adulto e apresenta um repertório de danças típicas da Áustria, Tirol e Alemanha; em **S**, os grupos Nostalgia, composto apenas por mulheres e com repertório exclusivamente italiano (tarantelas), e Cortesano⁸⁵, fundado originalmente como grupo juvenil, com repertório trentino e germânico, e que atualmente conta com um grupo adulto.

Como afirmado, a única dança trazida pelos imigrantes foi a *quatropassi* (“quatro passos”), ainda praticada por ambos os grupos⁸⁶. No mais, os grupos apresentam ora danças do repertório meridional italiano, ora do repertório austríaco e

⁸⁵ Ajudamos a fundar o grupo em 2008 e, inicialmente, contava com um repertório exclusivo de danças folclóricas tirolesas, sobretudo da região trentina.

⁸⁶ **SO** apresenta duas versões: aquela original, dos imigrantes, e uma que traz as diferentes coreografias regionais da dança. É também conhecida no Tirol, Áustria e Alemanha como *settepassi* ou *Siebenschritt*.

alemão. As danças tirolesas começaram a ser praticadas com maior frequência após um trabalho que ajudamos a realizar, com pesquisa de repertório daquela região alpina. Por sua vez, os trajes típicos dos grupos de **SO** foram confeccionados com base no modelo tradicional de Trento, e os trajes de **S** apresentam variações: o do grupo Nostalgia foi confeccionado com base em um traje *italiano* (na verdade, sem padrões folclóricos); no grupo Cortesano, os jovens vestem o traje da região de Trento e os adultos apresentam um traje adaptado, inspirado em modelos trentinos e italianos.

Como se observa, a *confusão* sobre a identidade étnica da comunidade (se tirolesa ou trentina, austríaca ou italiana) também se reflete em suas manifestações culturais, no repertório musical e nos trajes folclóricos.

As festas fazem parte da vida social da comunidade e por muito tempo estiveram ligadas ao calendário religioso. Das manifestações festivas dos imigrantes, sobrevive apenas a chamada *festa da cucanha* (*festa de la cucàgna*), cuja origem remonta às tradições carnavalescas da região tirolesa. Ocorre sempre durante a terça-feira de carnaval mas, segundo os descendentes mais velhos, não é mais feita como outrora, tendo se modificado com o passar dos anos.

Antigamente, os homens pintavam seus rostos e suas mãos de preto, utilizando carvão, cinzas ou rolhas queimadas; saíam pelas casas brincando com os moradores, contando anedotas e fazendo chacotas e perseguiam as mulheres que procurassem fugir ou se esconder nas lavouras, sujando seus rostos com carvão. Ao final da brincadeira, era servida a *cucagna*, o prato típico do carnaval, preparada de diferentes modos em cada bairro: em **SO**, a *cucàgna* é preparada com os seguintes ingredientes: ovo (*öf*), cebola (*zìgola*), toucinho (*làrt; làrdo*), tomate (*pomidóro*), queijo (*formai*) e linguiça (*lugànega*) misturados e servidos juntamente com polenta mole (*polénta*). Em **S**, os ingredientes são: ovo, cebola (*cìgola*), toucinho, tomate, queijo e bacalhau (*bacalà*), misturados à polenta (*polenta*) recém-cozida e ainda mole, que é colocada em grandes bandejas e servida em fatias depois que toda a massa fique rígida.

Do mesmo modo, cada bairro festeja a *cucagna* com particularidades próprias: em **SO**, as pessoas se reúnem em frente à igreja pela manhã e partem em caminhada pelas ruas do bairro, sempre ao som de marchinhas de carnaval (brasileiras) e algumas canções trentinas e italianas, cantadas pelos participantes e acompanhadas por uma *banda* improvisada de “tocadores de lata”. Alguns rapazes usam roupas femininas e todos os participantes são molhados com água e sujos com barro, pois não se pode festejar em trajes limpos. Os participantes atravessam terrenos e um riacho, onde ocorre

um grande banho de lama; fazem paradas em algumas casas para comerem bolos, biscoitos e beberem vinho, refrescos e água. A caminha dura horas e termina quase ao cair da tarde, quando novamente se reúnem em torno da igreja, onde entoam a música *Và Pensiero*, de Giuseppe Verdi, em homenagem ao falecido Padre Jacob Stenico, ali chamado *Pacó* (que, segundo vários descendentes, foi um grande incentivador desse festejo). Com todos reunidos, são então eleitos o “rei” e a “rainha” da *cucagna*, ou seja, os indivíduos que não pararam de pular e cantar durante todo o cortejo. Após a eleição, todos seguem para o salão paroquial em frente à praça central, onde é servida a *cucàgna*, preparada durante o dia por moradores do bairro com os ingredientes recolhidos pelos foliões. A festa segue noite adentro com um baile realizado na praça, interrompido exatamente à meia-noite, quando se inicia a Quaresma. Em **S**, a festa se inicia no sábado de carnaval, com jovens que visitam as casas do bairro brincando, cantando e pedindo os ingredientes que serão utilizados no preparo da *cucagna*, que será feita e servida apenas na terça-feira de carnaval. Assim como em **SO**, a festa se inicia na praça logo pela manhã da terça-feira, mas as senhoras do bairro preparam o prato típico e o “escondem” pronto, em grandes bandejas, no interior da igreja. A festa ocorre apenas na praça, com alguns homens usando roupas femininas e dançando com demais moradores presentes; as crianças participam também e algumas fantasiadas festejam ao som de marchinhas de carnaval brasileiras. No meio da tarde, são eleitos os participantes mais bem fantasiados e, após a eleição, no cair da tarde, retira-se a *cucàgna* do interior da igreja e são servidos todos os participantes.

Os festejos de carnaval são ainda mantidos em alguns vales tirolezes. Há localidades onde pessoas vestidas em trajes exóticos e com máscaras, representam seres mitológicos (*matòci*; *marascons*; *Klousn*)⁸⁷. Em *Sardagna*, acontece um grande cortejo, no qual alguns homens costumam atirar frutas, legumes e peixes nas pessoas que assistem a passagem do cortejo. Em *Cimone*, próxima à *Romagnano*, é realizada a cada 25 anos a encenação da *Barcarola*, que recorda a partida dos imigrantes em um navio.

A festa da cucanha foi a única manifestação tradicional que sobreviveu entre os descendentes, embora tenha sofrido algumas modificações. Outrora, existia em **S** os “cantos dos reis magos”⁸⁸, relativos à Epifania. Segundo moradores mais antigos, o antigo costume já havia caído em desuso na década de 1970. Trata-se de uma tradição difundida por toda a região alpina, com cantos fazendo alusão à estrela vista pelos reis

⁸⁷ Cfr. Barbieri (2005). Em Piracicaba não foram registrados esses termos.

⁸⁸ Em uma gravação de áudio datada de 1977, moradores idosos de **S** entoam o antigo a três vozes.

do Oriente durante o nascimento de Jesus Cristo (it. *Canti della Stella*, al. *Sternsänger*, *Sternsinger*). O hábito de se escrever a letra inicial dos nomes dos reis (G M B = Gaspar, Melchior e Baltazar) é mantido por poucos moradores.

No período pascal, ambos os bairros realizam concursos de tingimento de ovos, com uma técnica trazida pelos imigrantes e que consiste em envolver ovos de galinha com flores, casca de cebola e folhas e “embrulhá-los” em panos antes de colocar os ovos para cozinhar em uma grande panela. Os ovos com desenhos mais belos participam de uma votação e os “ganhadores” recebem prêmios (geralmente ovos de chocolate). A forma como os ovos são tingidos pelos *tirolese*s de Piracicaba recorda a tradição pascal da comunidade cimbra de Vicenza (a. *Sieben Gemeinde*; it. *Sette Comuni*).

Anualmente, os bairros organizam festas que são apreciadas tanto pelos moradores como por demais habitantes de Piracicaba e região. Em **SO**, há mais de dez anos é realizada a Festa da Polenta de **SO** geralmente no último final de semana de julho. Nos últimos anos, a festa tem sido visitada por muitos turistas e faz parte oficialmente do calendário de eventos de Piracicaba. A festa comemora a chegada dos imigrantes tirolese e conta apenas com o trabalho voluntário dos moradores, que se responsabilizam pela decoração do evento, sempre com temática típica tirolesa e que dura todo o final de semana, contando com apresentações musicais e culturais, além de venda de pratos típicos e produtos artesanais. Em **S**, ocorre desde 2008 a Festa do Vinho, sempre realizada no mês de junho, onde se promove a degustação do vinho *Trentino-Tirolês*, produzido na colônia por meio de uma cooperativa que conta com a participação de produtores de ambos os bairros.

Nos últimos anos, a Colônia Tirolesa de Piracicaba tem chamado a atenção por conta de investimentos no turismo cultural. Suas iniciativas têm atraído visitantes de diversas localidades paulistas, que procuram conhecer o modo de vida de seus habitantes e sua cultura (artesanato, danças e culinária tradicional). Desde 2014, os bairros contam sinalização turística escrita em português, trentino⁸⁹ e inglês.

3.4. AUSTRIACOS DE LÍNGUA ITALIANA. ITALIANOS DA ÁUSTRIA

No contexto da imigração trentina, a questão da identidade é relevante e influencia, inclusive, determinados aspectos linguísticos. Por conta disso, acreditamos

⁸⁹ Nós auxiliamos os moradores no projeto, fazendo a tradução da sinalização em dialeto trentino.

ser importante tratarmos da identidade dos imigrantes trentinos que fundaram a Colônia Tirolesa de Piracicaba.

Nos anos em que trabalharam na fazenda do Visconde de Indaiatuba, os colonos tirolezes foram considerados ordeiros e bons trabalhadores. De visão política marcadamente monarquista e conservadora, não poucas vezes tiveram conflitos com colonos italianos, pois os resultados da guerra de 1866 haviam deixado rancores mútuos (LORENZONI, 1975). Católicos fervorosos e fiéis ao imperador austríaco, o sentimento antiliberal dos trentinos refletia ainda os ânimos da resistência de 1809. Esse clima de disputa entre tirolezes e italianos se manteve durante todo o século XIX e início do século XX em praticamente todos os lugares onde as comunidades de imigrantes foram colocadas em contato, inclusive com manifestações de violência (LUZZATTO, 1993; GROSSELLI, 1999; COSTA, 2001; BOSO, 2002; POSSAMAI, 2004; OTTO, 2006).

Ao que parece, no Novo Mundo os tirolezes transferiram o respeito que nutriam pelo imperador austríaco Francisco José de Habsburgo para a pessoa de Dom Pedro II, imperador do Brasil (LORENZONI, 1975; GROSSELLI, 1990; 1999; 2008). Grosselli (1999, p. 184) afirma que, com o fim da monarquia brasileira em 1889, vários jornais do Tirol, sobretudo os de estampa católica da região trentina, manifestaram sinais de indignação e luto. Possamai (2004, p. 21) comenta sobre o ocorrido na cidade de Muçum, no Rio Grande do Sul, quando a notícia da morte do Imperador Francisco José da Áustria chegou aos colonos tirolezes, mandaram rezar uma missa fúnebre, mas que não contou com o badalar de sinos, pois os colonos italianos haviam roubado o badalo para impedir os dobres.

Entre as canções ainda mantidas na Colônia Tirolesa de Piracicaba, *Colp de Canón* (“golpe de canhão”) é admirável por seu conteúdo e por demonstrar *em italiano* um sentimento anti-italiano. A canção documenta a realidade cultural dos trentinos, friulanos e triestinos, cidadãos austríacos à época da imigração do século XIX:

Föra, föra talianòti

paura non abiamo

co la forza del cortelo

la pace noi faciamo.

Fora, fora “italianinhos”

medo nós não temos

com a força da faca

A paz nós fazemos

Bim, bom, bom

el colp de canon!

Bim, bom bom

O golpe do canhão! (Refrão)

*Garibaldi*⁹⁰ *‘l ga na rogn*
*Vittorio*⁹¹ *‘l ga la grata*
*Francesco*⁹² *co la zapa*
ghe le rua da gratar.

Vittorio Emanuele
viagiava d’aeroplano
mancava de benzina
pizava ntel motore!

Garibaldi l’èi n’inferno
Vittorio ancor pu fondo
Francesco per el mondo
el faremo encoronar!

A le undeze de ore
passava l’aeroplano
ghe soto gh’era scritto:
Trieste l’è italiano!

A le undeze e tre quarti
passava en girigibile
ghe soto gh’era scritto:
Trieste impossibile!

*La nostra è giala e nera*⁹³
Austriaca bandiera
Austriaca bandiera
faremo ventolare!

Garibaldi tem coceira
Vitório tem a sarna
Francisco com a enxada
Os termina de coçar

Vitório Emanuel
viajava de aeroplano
faltava-lhe gasolina
Mijava no motor!

Garibaldi está no inferno
Vitório ainda mais fundo
Francisco pelo mundo
faremo-lo coroadado!

Às onze horas
passava o aeroplano
abaixo vinha escrito:
Trieste é italiano!

Às onze e um quarto
passava um dirigível
abaixo vinha escrito:
Trieste impossível!

A nossa é amarela e preta
austriaca bandeira
austriaca bandeira
faremos tremular!

⁹⁰ Giuseppe Maria Garibaldi ou Joseph Marie Garibaldi (1807 - 1882), guerrilheiro franco-italiano, general e comandante de tropas revolucionárias durante as guerras de unificação italiana.

⁹¹ Vitor Emanuel de Savóia (1820 - 1878), monarca do Reino da Sardenha e primeiro rei da Itália após a unificação (Vittorio Emanuele di Savoia).

⁹² Francisco José de Habsburgo (1830 - 1916), imperador da Áustria e rei da Hungria.

⁹³ Amarelo e negro são as cores imperiais da Casa de Habsburg e da monarquia austriaca, utilizadas nos vossilos e uniformes austriacos e austro-húngaros. O amarelo é a cor heráldica da Casa de Habsburgo, utilizado, inclusive, na confecção da bandeira imperial brasileira, idealizada pela imperatriz brasileira Dona Leopoldina, esposa de Dom Pedro I, e executada pelo pintor francês Jean Baptiste Debret. A bandeira brasileira, em suas cores verde e amarelo, remete portanto às casas monárquicas portuguesa (Bragança) e austriaca (Habsburgo). Cfr. Silveira (1972).

<i>El general Cadorna</i> ⁹⁴ <i>ga scritto a la marina</i> <i>se vol' veder Trieste</i> <i>guardatelo en cartolina!</i>	O general Cadorna escreveu à marinha: se quereis ver Trieste olhai-a no cartão postal!
<i>Vittorio Emanuele</i> <i>sul ponte de Orizona</i> <i>co ei binochili ntei òci</i> <i>guardava li taliani.</i>	Vitório Emanuel Sobre a ponte de Orizona com binóculo nos olhos Olhava os italianos.
<i>La se sessa</i> ⁹⁵ <i>dei massoni</i> <i>al colpo dei canoni</i> <i>al colpo dei canoni</i> <i>le porte fonderemo!</i>	A seita (?) dos maçons ao golpe dos canhões ao golpe dos canhões as portas afundaremos!
<i>El general Cadorna</i> <i>ga fato na de grosse</i> <i>a quele signorine</i> <i>dela croce rossa.</i>	O general Cadorna fez uma de grosseiro àquelas senhoritas da cruz vermelha.
<i>La nóstra è giala e nera,</i> <i>austriaca bandiera!</i> <i>Austriaca bandiera</i> <i>faremo ventolare!</i>	A nossa é amarela e preta, austriaca bandeira! Austriaca bandeira faremos tremular ⁹⁶ !

Em visita à cidade catarinense de Rodeio, também fundada por trentinos, pudemos escutar estrofes que não constam na versão da Colônia Tirolesa de Piracicaba, assim como durante a visita de uma comitiva de descendentes trentinos vinda da cidade mineira de Belo Horizonte, na qual se fazia presente uma descendente que cantou a canção com outras estrofes. Conclui-se que seja uma canção conhecida dos imigrantes trentinos em geral, apesar de não ser em dialeto trentino, mas em vêneto triestino. No entanto, em se tratando da guerra austro-italiana em Trieste e por citar o general italiano Cadorna e o Rei Vitor Emanuel de Savóia, a canção parece ser do período da Primeira

⁹⁴ Luigi Cadorna (1850 - 1928), marechal-de-campo e comandante-em-chefe do exército italiano. Comandou as incursões italianas nos Alpes contra as tropas imperiais austríacas.

⁹⁵ *Setta dei massoni* (“seita dos maçons”)?

⁹⁶ Tradução nossa.

Guerra Mundial (1914 - 1918), quase trinta anos após a chegada dos imigrantes tirolezes de Piracicaba. Todos os descendentes mais velhos a conhecem e afirmam que era cantada por seus ascendentes.

A canção teria sido incorporada ao repertório da comunidade durante os anos da guerra? A melodia é a mesma da canção folclórica triestina *Le mule de San Giacomo* (“As garotas de São Jacó”), cuja letra satiriza o cotidiano das esposas de pescadores e mercantes do mar. Costa (2001: 474), em sua coleção de textos escritos em dialeto vêneto (italian) pelos descendentes de italianos do Rio Grande do Sul, traz um texto de autoria de O. Fronza intitulado *La Guera* (“A guerra”), no qual são narradas as brigas dos partidários da Itália (vênets e lombardos) contra os partidários da Áustria (trentinos). No texto, aparece uma estrofe da versão *italiana* da canção, cantada pelos italianos aos trentinos após as notícias da vitória italiana:

*El Cecco Bepe⁹⁷ l'è a l'inferno,
el rè Guglielmo⁹⁸ nel profondo
e Vitòrio⁹⁹ en tuto el mondo
lo voliamo incoronar!*

O Chico Bépi está no inferno
o rei Guilherme no profundo
e Vitória em todo o mundo
o queremos coroar!

Registramos em Venda Nova do Imigrante, no estado de Espírito Santo, uma versão da canção intitulada *Il general Cadorna* (“O general Cadorna”), cujas estrofes satirizam tanto a figura do general italiano como do imperador austríaco:

*A mezza note in punto
passava l'aeroplano
E soto l'era scritto:
Trieste l'è italiano.*

*Bin ben bom
Ribombo del canon!*

*Il general Cadorna
ghe ha scritto a la regina:*

A meia-noite em ponto
passava o aeroplano
e, em baixo, estava escrito:
Trieste é italiana.

Bim bem bom
Ribombo do canhão! (Refrão)

O general Cadorna
escreveu à rainha

⁹⁷ Apelido popular e depreciativo com o qual os italianos se referiam ao imperador austríaco.

⁹⁸ Friedrich Wilhelm von Preußen ou Rei Guilherme II da Prússia (1859 - 1941), monarca aliado do Império Áustro-Húngaro durante a Primeira Guerra Mundial.

⁹⁹ Vittorio Emanuele di Savóia, rei da Itália.

*Chi vol veder Trieste
ch'el monte in caretina!*

*Il general Cadorna
el magnea le taiadele
e i poveri soldati
lecava le scudele.*

*Il general Cadorna
mangiava le bisteche
e i poveri soldati
castagne e fighi sechi.*

*Il general Cadorna
ha fato una avanzata,
ha fato prigionero
un campo di salata.*

*E anca Cecco Beppi
faceva el viatore,
mancava la benzina
Pizava nel motore!*

*Il General Tobia
ghe ha fato un gran dispeto
aveva dicioto anni
e ancor pizava in leto.*

quem quer ver Trieste
que monte no carrinho!

O general Cadorna
comia o macarrão
os pobres soldados
lambiam as panelas.

O general Cadorna
comia as bistecas
os pobres soldados
castanhas e figos secos.

O general Cadorna
fez um avanço,
fez prisioneiro
uma plantação de salada.

E também Chico Bépi
fazia o aviador,
faltava-lhe gasolina
mijava no motor!

O general Tobias
cometeu um grande desrespeito
tinha dezoito anos
e ainda mijava na cama¹⁰⁰.

Em 1966, o espetáculo italiano *La opposizione*¹⁰¹ (“A oposição”), promovido pelos cantores do Nuovo Canzonero Italiano (“Novo cançoneiro italiano”), apresentaram uma versão da música, considerada como símbolo da não-violência e canção popular contra a guerra. Entre as antigas canções populares da Lombardia gravadas pelo renomado cantor milanês Nanni Svampa, destaca-se *La moglie di Cecco Beppe* (“A mulher de Chico Bépi”), cuja melodia é a mesma da canção *Colpo de canon* e as estrofes, de tom satírico, menosprezam a Imperatriz Elisabete (Sissi) de

¹⁰⁰ Tradução nossa.

¹⁰¹ Grafado desta forma.

Wittelsbach, esposa do imperador austríaco Francisco José de Habsburgo, e remetem ao período da dominação austríaca na Lombardia, anterior à Primeira Guerra Mundial.

Em 1986, o Coral do Imigrante Italiano da cidade catarinense de Brusque lançou um disco de cantos populares da imigração com a canção *Ribomba de Cagnon*. O disco foi feito com base no livro de Victorio Ledra (1982), intitulado Cancioneiro do Imigrante Italiano, no qual consta a canção recolhida entre os descendentes de imigrantes na cidade catarinense de Siderópolis, com versos que satirizam tanto o rei italiano como o imperador austríaco.

Na década de 1990, a dupla Araldo e Araldinho, conhecidos por “Os italianos”, gravou a canção *Ribomba de cagnon* no disco intitulado *Marieta tu sei bella* (título de uma canção tradicional vêneta). A canção, semelhante à versão de Venda Nova do Imigrante, satirizava o imperador austríaco e a guerra austro-italiana de 1866, bem como demonstrava um caráter anti-clerical (provavelmente porque o clero era simpático à política austríaca):

Vittorio Emmanuele
gh’a scritto a la regina:
Se vói veder a Trieste
te mando la carozina!

Bin bom ban
Ribomba de cagnon!

Le tose de Ceco Bèco
le monta sul reoplano
sol per mostrar le gambe
al popolo italiano.

Pietro e Paolo
cantina i s’ha serà en cantina
ei voleva ciavar le móneghe
rubarghe la farina.

Vitório Emanuel
escreveu à rainha
se queres ver Trieste
te mando uma carruagem!

Bim bem bom
Ribombo do canhão! (Refrão)

As moças de Chico Béco
sobem no aeroplano
só para mostrarem as pernas
ao povo italiano.

Pedro e Paulo
fecharam-se no porão
eles queriam pegar as freiras,
robar-lhes a farinha.

*Pietro e Paolo
i diceva 'Pòrco zio!'
tuti i quanti i ciàva
e i core a ciamar el zio.*

Pedro e Paulo
diziam 'Porco tio!' ¹⁰²
todos se juntam
e correm chamar o tio.

Alguns dos moradores mais velhos de **SO** recordam-se de imigrantes tirolese e italianos que com certa frequência visitavam a colônia, sobretudo durante as festas de carnaval (*cucàgna*). Um dos descendentes mais velhos da família Stenico de **SO** se recorda, inclusive, de ter presenciado discussões entre tirolese e italianos durante esses festejos, por causa do patriotismo exacerbado de ambas as partes.

Como se nota, o contato com a terra de origem, apesar de modesto, existia nos primeiros anos da colonização. Grosselli (1991, p. 393) comenta sobre a visita de um cônsul austríaco à colônia de Piracicaba, ocorrida por volta de 1910.

Fomos informados que entre 1900 e 1920, algumas famílias recebiam exemplares de jornais europeus para terem notícias da terra de origem. Atualmente, ninguém possui qualquer vestígio desses jornais. Um dos informantes mais velhos da família Forti de **SO** relatou-nos em conversa informal que à época da Primeira Guerra Mundial, assim que os imigrantes tiveram notícia da declaração de guerra italiana contra a Áustria-Hungria, ocorrida em maio de 1915, manifestaram o desejo de viajar para a Europa e servir o exército austríaco, no que foram imediatamente repreendidos por *zia* Maria, que teria afirmado que os “quem lá guerreavam, que resolvessem sua situação”.

Outra canção, recolhida em uma gravação datada de 1977 e feita em **S** durante as comemorações alusivas à imigração, retrata o sentimento *anti-italiano* dos imigrantes trentinoos. Após ter sido solicitada para dizer *qualcòs en tirolés* (“alguma coisa em tirolês”), a senhora Angelina (*Gigia*) Vitti, então com 90 anos, imediatamente cantou o trecho de uma canção que recorda o período da guerra austro-italiana de 1866:

*Noialtri austriachi
portiamo la bareta,
fucil e baionetta
del nostro imperator!*

Il giorno di giubilo,

¹⁰² Mudança da forma blasfema *Porco dio* (“deus porco”), muito comum no setentrional italiano.

*il giorno di festa.
Con l'arciduca in testa
per Roma marcerem!*

Nem mesmo os descendentes mais velhos dos bairros se recordam muito bem da canção. Em 1911, o jornal *La città di Brindisi* (“A cidade de Brindisi”) publicou um apaixonado artigo sobre a assim intitulada *Canzone dei coscritti* (“canção dos recrutas¹⁰³”) que, segundo o jornal italiano, teria sido publicada pelo jornal austríaco *La difesa del Tirolo*, editado em Bolzano e sob a responsabilidade de um editor de nome Bettara. O artigo afirmava que o governo austríaco havia se encarregado de difundir-la pelos vales trentinos, no intuito de promover uma “campanha anti-nacional”.

A informação não parece correta, pois a canção era conhecida dos imigrantes de Piracicaba, que chegaram ao Brasil em 1888. Além disso, a referência ao “papa prisioneiro” recorda os acontecimentos do ataque das tropas de Garibaldi ao Vaticano, ocorrido em 1867. O texto da canção publicado no jornal italiano apresenta a versão completa da canção, com mais estrofes:

<i>Noialtri austriachi</i>	Nós austríacos
<i>portiamo la bareta,</i>	portamos a boina,
<i>fucil e baionetta</i>	fuzil e baioneta
<i>del nostro imperator!</i>	de nosso imperador!
 <i>Se un di scopiasse</i>	 Se um dia estourasse
<i>la guerra coll'Italia,</i>	a guerra com a Itália,
<i>a quella gran canaglia</i>	naquela grande canalha
<i>noi le daremo ben!</i>	nós lhe daremos bem!
 <i>Il nostro condottiere</i>	 O nosso condutor
<i>è l'arciduca Eugenio</i>	é o arquiduque Eugênio
<i>che col maggior ingenio</i>	que com o maior engenho
<i>l'armata condurrà.</i>	a armada conduzirá.
 <i>Conquisteremo Roma</i>	 Conquistaremos Roma

¹⁰³ *Coscritto* indica o jovem com idade suficiente para prestar o serviço militar. Na região trentina e em demais regiões alpinas, os festejos dos *coscritti* são como ritos de passagem a partir dos quais os jovens ingressam oficialmente na sociedade. Essas festividades existem até hoje em várias cidades trentinas.

<i>la tana dei massoni</i>	o covil dos maçons
<i>col tiro dei cannoni</i>	com o tiro dos canhões
<i>le porte sfonderem!</i>	as portas romperemos!
<i>Sul regio Quirinale</i>	sob o régio quirinal
<i>la nostra gialla e nera</i>	a nossa amarela e preta
<i>austriaca bandiera</i>	austriaca bandeira
<i>faremmo sventolar!</i>	faremos tremular!
<i>E poi al Vaticano</i>	E depois no Vaticano
<i>andran le nostre schiere</i>	andarão as nossas tropas
<i>Il Papa prigionere</i>	o papa prisioneiro
<i>vogliamo liberar.</i>	queremos libertar.
<i>Che giorno de giubilo,</i>	Que dia de júbilo,
<i>che giorno de festa,</i>	que dia de festa,
<i>coll'arciduca in testa</i>	com o arquiduque à frente
<i>per Roma marcerem!</i>	por Roma marcharemos!

No mesmo dia o que foi recolhida a gravação, *zia Gigia*, como era conhecida, dançou na praça de S, em meio a todos que ali estavam, aquela que talvez tenha sido a única dança folclórica trazida pelos imigrantes, chamada *quatropassi* (“quatro passos”). Futuramente, a dança seria resgatada pelos descendentes e demais grupos folclóricos que se fundariam nos anos seguintes.

Diferentemente das colônias trentinas da região Sul do Brasil, a sobrevivência do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba está intrinsecamente relacionada à identidade dos descendentes, uma vez que o idioma dos mais velhos é chamado *tirolês* e, portanto, apresenta-se como um elo que liga os descendentes com o passado. Jamais foram usados os termos *talian* ou *trentino* para se referir ao dialeto, de modo que a língua ancestral ainda os identifica *tirolese*s.

Nas colônias do Sul, onde os trentinos convivem desde o início da colonização com demais imigrantes italianos (sobretudo vênets e lombardos), é comum o uso do termo *talian* para se referir às *koinai* formadas a partir do contato desses dialetos. Pudemos constatar que o uso de *tirolês* para se referir ao dialeto trentino é pouco usado nas colônias do Sul, pois, em muitos lugares, a maioria de descendentes vênets

integrou os descendentes trentinos de tal maneira, que parece não haver mais aquele antigo sentimento de desunião e disputa. Nas colônias trentinas do Vale do Itajaí, próximas às comunidades fundadas por imigrantes alemães, o termo *talian* é usado em outro sentido para se referir ao dialeto, identificando imediatamente o falante como pertencente ao grupo linguístico italiano.

3.5. A QUESTÃO DA IDENTIDADE

Em Piracicaba, a antiga realidade cultural dos imigrantes sobrevive na própria identificação do dialeto trentino ali falado, pois faz referência a um tempo em que até o dialeto dos tirolese de língua italiana era reconhecido *tirolês*. Ainda que a antiga identidade *tirolese* - com toda sua significação *austríaca* - foi suprimida e modificada, dando lugar à identidade *trentina*, de caráter italiano, a língua dos imigrantes é identificada como sendo *tirolese*. O dialeto remete ao passado dos imigrantes e une os descendentes à história daqueles.

Leme (2001) preferiu utilizar o termo tirol-trentino para tratar da identidade:

Quanto ao termo ‘tirol-trentino’, fica justificado pelo fato de seus membros se identificarem às vezes como tirolese (austríacos), às vezes como trentinos (italianos). Isso ocorre porque a região de origem dos primeiros imigrantes era denominada Tirol, sendo parte do então Império Austro-Húngaro. Depois da Primeira Guerra Mundial, em 1919, passou a ser parte da Itália, com o nome de Trento [sic], por meio do Tratado de Saint-Germain. Por causa da dificuldade de identificação da nacionalidade do grupo, não sabíamos como deveríamos nos referir a eles: tirolese ou trentinos? Resolvemos nomear o lugarejo como comunidade tirol-trentino. Dessa forma estaríamos contemplando aqueles que se julgam tirolese, que são os mais velhos (de Santana e Santa Olímpia) e alguns moradores jovens do bairro de Santa Olímpia, e os que se julgam trentinos, os demais membros da comunidade. Assim como o uso do adjetivo composto ‘tirol-trentino’ contemplaria aqueles que se julgam tirolese ou trentinos, o não-uso de um ou de outro termo implicaria a negação da história que cada adjetivo pátrio nos revela, e daí decorre toda a dificuldade em identificá-los apenas por um destes vocábulos.

LEME (2001, p. 25-26)

Na verdade, o uso do adjetivo *trentino*, do ponto de vista linguístico (e até mesmo histórico), pode ser perfeitamente compreendido como *tirolês de língua italiana* ou *tirolês italiano*, do mesmo modo que o tirolês *ladino* é aquele cuja língua materna é o ladino dolomítico. Como já mencionado, o uso e o não-uso desses termos foram bastante politizados durante o final do século XIX e por todo o século XX, influenciando, inclusive, as comunidades trentinas do Brasil.

Em 1977, realizou-se em S uma grandiosa festa em comemoração à chegada da família Vitti ao Brasil e à fundação do bairro. Foi feito o convite ao cônsul da Áustria em São Paulo para que se fizesse presente durante as festividades, o que ocorreu e foi considerado pelos moradores como um acontecimento memorável. Trata-se de um aspecto interessante que dá uma noção sobre a realidade social e cultural da Colônia Tirolesa de Piracicaba até meados da década de 1970, pois muitos descendentes não tinham certeza se a região de origem de seus antepassados ainda se encontrava ligada à Áustria ou se havia sido anexada pela Itália. A festividade foi tema de reportagens, tendo sido exibida em um programa de televisão.

Tempo depois, um grupo de associados do *Circolo Trentino di São Paulo*, entidade cultural fundada por imigrantes e descendentes de trentinos, visitou a colônia, informando os menos esclarecidos que a região de origem de seus antepassados já não era mais território austríaco, mas fazia parte da Província Autônoma de Trento.

Em 1978 é fundado o *Circolo Trentino di Piracicaba*, incentivado pelo círculo existente em São Paulo. A partir desse período, a comunidade passou a ter contato com a associação trentina “Trentinos no Mundo” (it. *Associazione Trentini nel Mondo*, entidade italiana nos moldes de uma organização não governamental, fundada na década de 1950 e com sede em Trento, cujo principal objetivo seria manter vínculos permanentes com os descendentes de emigrados trentinos que vivem na Europa, América e Oceania.

Visitas de representantes da entidade italiana começaram a ser frequentes na comunidade, principalmente em S, o que incentivou um grupo de descendentes a coordenar um projeto de *resgate* cultural, que teve início em 1985. Com o apoio do professor Guilherme Vitti, considerado um dos maiores historiadores piracicabanos, os descendentes tirolese preocuparam-se em manter contatos com a terra de origem, o que, de certo modo, ocasionou uma mudança na referência pátria dos descendentes; não havia mais vínculos com o antigo Tirol austríaco, do qual Trento era parte integrante,

mas com a província autônoma de Trento, ou seja, com o Trentino italiano. O “contato” com a realidade atual da terra de origem causou algumas decepções entre membros da comunidade, cuja identidade se baseava no patriotismo austríaco de seus antepassados; a terra original já não era austríaca, mas italiana, e não se chamava oficialmente Tirol, mas Trentino.

Como pudemos observar em conversas com descendentes de ambos os bairros, havia um forte incentivo da entidade italiana para que os descendentes se considerassem *trentinos* e *italianos* e não mais *tirolese*s e *austríaco*s, com argumentos sobre a parte do Tirol que permaneceu com a Áustria não ser de língua italiana e ser a única que preservou o antigo topônimo¹⁰⁴. Havia, naturalmente, uma politização da identidade, que, guardadas as devidas proporções, assemelhou-se à política italiana da década de 1920 no Tirol Meridional, com cancelamento de tudo aquilo que fizesse referência ao passado tirolês e austríaco (BALDI, 2005). A nova *italianização* dos descendentes encontrou mais adeptos em S, onde o número de descendentes de italianos era maior (famílias Gobetti, Vasca, Vendemiatti, Goia).

Durante as décadas de 1980 e 1990, foram criados, em ambos os bairros, grupos folclóricos de dança e canto. As vestimentas foram inspiradas de forma diferente nos bairros: SO procurou inspiração nos trajes típicos do Tirol e S se inspirou no estereótipo do *italiano*. O grupo de danças folclóricas de SO, fundado em 1986, procurou apresentar danças do repertório alpino e contou com o auxílio de um casal de austríacos que residia em Piracicaba para a confecção dos trajes, feitos com base nos modelos do Tirol Meridional. Por sua vez, o grupo de danças folclóricas de S adotou em seu repertório as tarantelas do Sul da Itália e a confecção dos trajes se baseou em moldes *italianos*, ou melhor, os trajes apresentavam características do imaginário brasileiro com base em estereótipos da italianidade (cores verde, branco e vermelho) e sem qualquer referência histórica para sua confecção. Vale lembrar que, para muitos descendentes, afirmar-se *tirolês* era o mesmo que afirmar-se austríaco e, uma vez que Trento não era mais parte da Áustria, houve quem entendesse que não seria correto fazer referência ao folclore alpino¹⁰⁵. Essa nova postura encontrou adeptos entre as gerações mais novas e críticas dos descendentes mais velhos.

¹⁰⁴ Alguns membros da família Vitti chegaram a afirmar em conversas que alguns desses visitantes diziam ser “proibido” afirmar serem do Tirol quando se referiam à própria terra de origem. Tratou-se, sem dúvida, de uma *politização* da identidade dos imigrantes.

¹⁰⁵ Como pudemos observar em várias conversas com moradores mais velhos da comunidade.

Em 1992, comemorou-se o centenário de **SO** com a inauguração de um monumento na praça do bairro, homenageando os pioneiros. Como símbolo do bairro, foi adotada uma borboleta, com base em uma campanha turística que a Província Autônoma de Trento promovia à época da inauguração do monumento, pois o mapa de seu território recorda uma borboleta de asas abertas.

O símbolo de **SO** identificava nas cores as nações que fazem parte da história do bairro: vermelho e branco, recordando a Áustria (passado da terra de origem); vermelho, verde e branco, recordando a Itália (presente da terra de origem); verde, amarelo e azul (cores da nova pátria brasileira).

Em 1993, **S** comemorou o centenário da compra da fazenda Sant’Ana de modo semelhante, com festas e a adoção de um símbolo do bairro. Por causa da popular canção *Quel mazolìn de fiori* (“aquele ramalhetinho de flores”), foi escolhido o ramalhete de flores como símbolo um ramalhete amarrado com uma fita que traz as cores vermelha e branca, lembrando a bandeira austríaca, simbolizando uma das canções mais populares da comunidade.

Apesar da “confusão” criada no uso dos adjetivos, os descendentes preferem utilizar o termo *tirolês* para se referir ao dialeto, considerado mais natural que *trentino*.

Nos últimos anos, ocorre um *retorno* do uso da palavra *tirolês* para se referir à descendência, sobretudo em **SO**, por conta do maior contato com a terra de origem através da Internet, o que possibilitou aos descendentes confrontar sua realidade local com aquela da Província Autônoma de Trento.

Muitos moradores da colônia mantêm contato nas redes sociais com trentinos europeus interessados nas manifestações culturais dos descendentes. Estes, geralmente valorizam os aspectos da cultura dos imigrantes, sobretudo no que se refere à manutenção da *antiga identidade* da região de Trento, ou seja, da identidade tirolesa.

Pudemos constatar em conversas informais com moradores de ambos os bairros que o uso do adjetivo *tirolês* (ou *tirolêi*, conforme a variante falada piracicabana) é bastante usado, seja por descendentes mais velhos, seja pelos mais jovens, e *trentino* o é em situações onde se exige maior formalidade, quando, por exemplo, em entrevistas dadas ao Jornal de Piracicaba que, com frequência, noticia as festividades locais.

3.6. PROJETOS PARA A PRESERVAÇÃO DO DIALETO TRENTINO

Desde janeiro 2007, mantemos na comunidade um projeto que contou com o auxílio de moradores de ambos os bairros para recolher dados referentes ao dialeto trentino falado na comunidade e aos costumes ligados ao uso do dialeto. Foram feitos vários registros gravados em áudio e vídeo (conversas em dialeto trentino).

No mesmo ano, a comunidade de **SO** deu início a um curso de dialeto trentino na sede de sua associação de moradores, ministradas por um morador local e cujo material didático organizamos com base nos dados obtidos de conversas informais e entrevistas com moradores mais antigos da colônia. As aulas contavam com alunos de todas as idades, de ambos os bairros, mas por conta de desistências e do despreparo metodológico para o ensino de língua estrangeira, o curso não prosseguiu.

Em 2012, auxiliamos os grupos folclóricos de **SO** e **S** com pesquisas para a confecção de trajes típicos segundo o modelo da região dos imigrantes, além de repertório musical da região trentina. No mesmo ano, auxiliamos os projetos de reurbanização e promoção do turismo cultural, com reestruturação das praças de **SO** e **S**, que seguem padrões europeus, e reestruturação de fachadas segundo modelos alpinos.

Em 2013, participamos de um projeto que visava a produção de material didático para que fossem ministradas aulas de *tirolês* (dialeto trentino) por um morador voluntário de **SO**. Vale lembrar que a comunidade tem interesse muito maior em aprender o idioma dos antepassados, ou seja, o dialeto trentino, e poucos descendentes demonstram interesse no aprendizado da língua italiana. O curso iniciou com crianças, jovens e adultos, mas foi interrompido neste ano, pois o professor local fará um intercâmbio universitário junto à Faculdade de Trento.

Desde 2012 contribuimos mensalmente com o Jornal *O Tirolês Trentino* com textos escritos em dialeto trentino e artigos sobre a história da região trentina do Tirol. O jornal comunitário é produzido por moradores de Santa Olímpia e editado em Piracicaba; seu conteúdo trata principalmente dos acontecimentos locais, embora frequentemente sejam publicadas matérias referentes ao vizinho bairro Santana ou a demais áreas culturalmente ligadas à realidade da colônia. O nome do jornal traz em si a realidade identitária da comunidade.

Fundado como *O Tirolês*, o jornal local permaneceu com o mesmo nome até meados de 2013, quando a palavra “trentino” foi incorporada devido a críticas de alguns moradores ligados ao *Circolo Trentino*, que temiam desvantagens nas relações da

comunidade com a Província Autônoma de Trento. Fato é que não se tem notícia de nenhuma reclamação ou crítica por parte de trentinos italianos quanto ao nome do jornal, mas tratou-se de uma reclamação localizada, feita por aqueles cuja identidade já não está ligada ao passado tirolês dos imigrantes, mas à realidade “italiana” do Trentino atual. Para que não houvesse mais críticas e divisões, os fundadores do jornal optaram por incluir a palavra “trentino”, informando que, assim, seria indicada a “procedência” dos imigrantes, ou seja, a região de Trento no Tirol histórico.

Como afirmado, cada bairro possui sua própria igreja, seu próprio salão paroquial, sua praça (ambas com banheiros públicos), campos de futebol e sua associação de moradores. A colônia possui, ainda, um posto de saúde, um posto de correio e uma escola municipal. As associações de moradores foram fundadas em meados de 1995 para garantir melhorias de infraestrutura urbana junto à prefeitura de Piracicaba. Raros são os casos de pessoas cujo bairrismo se manifeste de modo negativo para a convivência; na maior parte do tempo, trata-se de uma disputa de caráter saudável, por vezes bem humorado e que, segundo os moradores, ocasiona o desenvolvimento de ambas as comunidades.

A “divisão” entre os bairros foi muitas vezes incentivada por disputas familiares ou de alguns moradores. De certo modo, essa relação com o “outro”, que enfatiza a *diferença*, reflete o bairrismo trazido da Europa. Nos Alpes, onde cada localidade representa uma “pequena pátria” (al. *Heimat*), o sentimento de apego à terra de origem faz com que cada localidade possua suas próprias peculiaridades e as defenda como seu maior patrimônio. Em Piracicaba não é diferente, pois o trabalho social nos bairros tirolezes apresenta semelhanças com o sistema administrativo dos *paesi di montagna* (al. *Bergdörfer*) existentes nas Províncias de Trento e Bolzano e no Tirol austríaco.

Como se verá adiante, a divisão também garantiu a sobrevivência e o desenvolvimento das duas variantes do dialeto trentino na colônia, próprias a cada bairro, apesar da proximidade dos bairros e dos casamentos entre moradores de bairros diferentes. Enfatizar a “diferença” dialetal só foi possível enquanto o dialeto trentino foi a língua principal das relações sociais da colônia, pois quando o português começou a assumir o lugar do trentino na fala dos descendentes mais jovens, a diferença entre os dialetos deixou de ser a principal diferença entre os bairros.

- PARTE II -

METODOLOGIA E TRABALHO DE CAMPO

1. PERCURSO METODOLÓGICO

1.0. INTRODUÇÃO

A proposta deste estudo é praticamente “consequência” de um trabalho anterior sobre a variante falada do português da Colônia Tirolesa de Piracicaba, que culminou com nossa dissertação de mestrado, apresentada em 2009¹⁰⁶.

As análises que se apresentam aqui não são, naturalmente, as mesmas recolhidas durante o levantamento de dados para a dissertação. Mas são, de certo modo, resultados de um *projeto paralelo* desenvolvido desde 2007 na colônia e seu início se deu praticamente no mesmo período em que foram feitas as gravações para a análise sobre a variante falada do português da comunidade¹⁰⁷.

Trata-se de um projeto que mantemos com o auxílio de moradores de ambos os bairros, relacionado à documentação, análise e resgate do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba, chamado pelos moradores “dialeto tirolês”. Dele, resultam atualmente vários estudos ainda não publicados sobre o dialeto.

Portanto, parte do *corpus* recolhido para este estudo não é apenas do período em que se desenvolveu esta pesquisa. Isso não significa que não tenha havido levantamento de dados específicos, uma vez que a necessidade da delimitação do objeto de estudo motivou a escolha daquilo que seria analisado. Contudo, boa parte do que se apresenta são dados recolhidos no projeto de resgate do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba desde 2007.

Neste trabalho, apresentamos os aspectos fonéticos e lexicais do dialeto trentino na comunidade piracicabana, levando em conta que se trata de uma língua falada há 120 anos no Brasil. Analisamos quais fenômenos são semelhantes no trentino europeu e quais são únicos da variante brasileira, advindos do contato com o português falado na região de Piracicaba.

Optamos por não separar totalmente os estudos linguísticos daqueles históricos, evitando, assim, a perda de possíveis informações relevantes para as análises. Nesse sentido, este trabalho se apresenta também dentro de um modelo tradicional da filologia,

¹⁰⁶ Leopoldino, Everton Altmayer. *A fala dos tirolese de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia* (dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo / FAPESP, 2009. Sob orientação do Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (USP).

¹⁰⁷ Entenda-se como *comunidade linguística*.

embora não compartilhe totalmente certos métodos desse modelo, pois se baseia também nos métodos mais atuais da sociolinguística e da linguística de contato, levando em conta aspectos diacrônicos e sincrônicos.

É razoável compreender a formação das línguas e falares a partir de aspectos sociais e históricos, pois é impossível não vincular a língua à história dos falantes. Fenômenos geopolíticos são relevantes e contribuíram para a fragmentação dialetal da área alpina onde se insere o dialeto trentino. Em se tratando de uma região que foi disputada por potências durante guerras e que teve o uso de seus falares locais vinculado a políticas de nacionalização, torna-se necessário compreender um mínimo sobre a história do Tirol e sobre o processo emigratório de seus habitantes para o Brasil.

1.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de tratarmos da metodologia utilizada na coleta de dados e nas análises, convém tratar, ainda que brevemente, dos modelos teóricos nos quais este estudo se baseia. Na verdade, não seria possível afirmar que nos baseamos apenas em um modelo teórico e procuramos evitar ao máximo qualquer tipo de abordagem que pudesse confrontar diferentes escolas teóricas.

No entanto, para este estudo foram consultadas obras de vários filólogos tradicionais, como Diez e Mayer-Lübke, além de estudos dialetológicos de autores renomados como Ascoli, Battisti, Salvioni, Schmeller, Schneller, Rohlf, Tagliavini, entre outros. Não faltaram consultas a textos de geolinguística e de dialetologia tradicional, bem como a estudos filológicos que utilizam o método histórico-comparativo.

Os estudos dialetológicos tradicionais, sobretudo aqueles da geolinguística tradicional, tratam da variação dialetal no espaço geográfico e apresentam as diferenças entre os falares em mapas linguísticos. No entanto, muitos deles analisam a difusão das línguas no espaço com base em fronteiras nacionais (artificiais), que raramente coincidem com a realidade linguística. Os modelos geolinguísticos foram muito criticados com o advento da sociolinguística, que considerou ultrapassados seus modelos de análise. No que se refere à antiga metodologia, as críticas se baseiam, entre outras coisas, na coleta de dados que pressupunha falantes *ideais* (geralmente homens do interior e que tivessem estudado pouco), desconsiderando aqueles indivíduos com

falar “comprometido” por causa das influências do contato com outras variantes, geralmente urbanas. Por vezes, baseava-se no conhecimento passivo que o informante tinha do léxico e não levava totalmente em conta a realidade das regiões urbanizadas. Esse modelo encontrava menos dificuldade de aplicação no século XIX, tendo em vista que muitas comunidades da zona rural mantinham pouco ou escasso contato com os centros urbanos. Atualmente, seria muito difícil pressupor esse tipo de realidade, sobretudo porque os meios de comunicação de massa estão bastante difundidos no meio rural e quase já não existem comunidades “isoladas”.

Mesmo hoje, a maioria dos estudos dialetológicos nos atlas linguísticos da Itália apresenta a variação diatópica, ou seja, aquela que se dá no espaço físico, geográfico e, portanto, no plano horizontal. Não consideram as variações do plano vertical, ou seja, aquelas advindas das diferenças sociais dos falantes.

As relações no interno da língua e a variação não são de tipo genealógico, com falares “mais puros” e “primários”, dos quais surgem falares “impuros” e “contaminados”. A relação entre diferentes variedades linguísticas regionais pressupõe influências mútuas entre diferentes grupos sociais, com diferentes realidades sociais. Coseriu (1982) critica os modelos que “dividem” os falantes com base apenas em pressupostos sobre sua condição social e não consideram as variações diatópicas. E sua razão está no fato de não ser possível considerar apenas as variações sociais, pois todos somos capazes de perceber as diferenças regionais.

Seriam mais relevantes os critérios geolinguísticos ou os sociais? Razoável seria admitir que todas as variantes são importantes na fala e não considerar determinado aspecto durante uma análise pode impedir (ou omitir) registros de variações relacionadas, por exemplo, ao prestígio de uma língua ou ao modo como indivíduos de determinada faixa etária se comunicam. São importantes para o estudo dialetológico tanto as variações geográficas como a condição social do falante, de modo que considerar uma sem considerar a outra limita a compreensão de certos aspectos da fala (LABOV, 1972; TARALLO, 1985). Assim, fatores sociais, tais como idade, sexo, escolaridade, nível de contato com meios de comunicação, profissão, religião e hábitos culturais podem influenciar na variação linguística. Como não levar em consideração a idade e o grupo social quando se analisa, por exemplo, as gírias de falantes jovens?

Já no final do século XIX e início do século XX, alguns estudos sobre dialetos e falares da Itália Setentrional, da Suíça, da Áustria e da Alemanha traziam registros de gírias próprias de certos grupos de ofício, bem como expressões utilizadas por jovens.

No entanto, os estudos que consideram as variações relacionadas à idade, como mapas linguísticos, são mais recentes. Mas não se diz o mesmo no que se refere ao sexo dos falantes; o renomado atlas linguístico da Itália e sul da Suíça, de Jaberg e Jud (1928), levou em consideração a fala conservadora das mulheres, pois perceberam que muitos homens migravam sazonalmente para outras áreas por conta do trabalho. Novamente, os modelos tradicionais, apesar de sua “limitação”, parecem considerar aspectos que muito posteriormente foram anunciados como “inovação”.

No entanto, o método tradicional consiste, muitas vezes, em comparar diferentes dialetos entre si ou simplesmente confrontá-los com a língua padrão (vide, por exemplo, os vários glossários que comparam os falares rurais com as variantes urbanas de prestígio), sem analisar profundamente as semelhanças e as diferenças.

E como não levar em conta a enorme quantidade de dados obtidos no século XIX, com base nos modelos tradicionais da filologia e da dialetologia? O método histórico-comparativo aplicado nos estudos sobre as línguas indo-europeias (Bopp, 1816; Diez, 1853) serviu de base, por exemplo, para aqueles referentes aos diferentes dialetos da Itália e dos Alpes. Apesar da comprovação de certos equívocos no que se refere à fonética, os pressupostos de Mayer-Lübke para o latim vulgar são válidos e consultados até os dias de hoje.

Vale lembrar que estudos sobre os falares alpinos, tais como os de Ascoli (1873) e Battisti (1906, 1908), foram todos feitos sem o auxílio de gravações, mas com base apenas em *fichamentos*. E também o foram todos os estudos dialetológicos do final do século XIX e início do século XX.

Um aspecto importante que difere este estudo de um modelo *tradicional* é a análise dos fatos e fenômenos linguísticos em seu ambiente real e não em casos isolados. As análises fonéticas visam apresentar a estrutura interna do dialeto trentino, com base no método descritivo da linguística atual.

Atualmente, a metodologia empregada no levantamento de dados para os atlas linguísticos leva em conta tanto os aspectos sociais como aqueles geopolíticos e parece “equilibrar” as diferentes abordagens. São utilizados os questionários, mas consideradas também a leitura e a conversação livres e, mesmo com o auxílio de gravações durante os questionários e entrevistas, não se descartam os fichamentos não-gravados das conversas livres.

As obras consultadas para as análises foram aquelas publicadas na Europa sobre o dialeto trentino, sobre o ladino dolomítico e sobre os dialetos setentrionais italianos.

Também foram consultados estudos brasileiros sobre a realidade linguística da imigração italiana e trentina e estes serviram de base para análises sobre os resultados do contato linguístico entre o dialeto trentino e o português brasileiro.

Os trabalhos que tratam do contato linguístico nas áreas de colonização italiana do Brasil são principalmente da década de 1970, embora nem todos abordem especificamente os fenômenos linguísticos advindos do contato com o português brasileiro ou com outras línguas de imigração. A maioria desses estudos tratou da realidade da imigração no Sul do Brasil e naturalmente não poderia ser diferente, haja vista que a presença *européia* é mais intensa nos estados de Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Aliás, foram os estados do Sul que, a partir da década de 1980, desenvolveram estudos conjuntos que culminaram no projeto do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS). Mesmo tratando das diferenças diatópicas nas variantes faladas do português dos estados meridionais, o atlas ajuda a descrever a realidade linguística das comunidades de imigração, pois seu modo de se comunicar em português também apresenta resultados do contato com as línguas de imigração.

Nesse contexto, os estudos dialetológicos de Bunse (1969, 1975, 1978) sobre os italianos no Rio Grande do Sul são importantes e comprovam que o idioma falado pelos descendentes é uma *koiné* de base vêneta, formada a partir de diferentes falares regionais vênéticos colocados em contato, aos quais se juntam aqueles de tipo trentino e lombardo. Em Santa Catarina, Bonatti (1968) e Curi (1972) tratam especificamente do dialeto trentino e são pioneiros nesse sentido, enquanto os de Frozi & Mioranza (1983) identificam os falares italianos do nordeste do Rio Grande do Sul.

Após as comemorações do centenário da imigração italiana no Brasil (1875 - 1975), às quais se juntaram iniciativas trentinas, surgiram publicações interessantes sobre a cultura e o linguajar dos *colonos*, com destaque para as obras de Luzzatto (1985, 1987, 1989), escritas em *talian*, e que chamam a atenção porque apresentam *outra* realidade linguística, que é aquela do uso da língua de imigração nas relações sociais.

Talvez o maior mérito de Luzzatto ao ter publicado livros em *talian* tenha sido a valorização de uma parte do complexo linguístico da expressão nacional desconhecida por milhares de brasileiros.

E da valorização da identidade imigrante, surgem iniciativas para o resgate da memória, nas quais a língua dos antepassados é considerada um bem cultural que precisa ser preservado. Foram consultados estudos sobre o dialeto trentino no Brasil

(BONATTI, 1975; CURI, 1972, 1984; BOSO, 2002), bem como dicionários (STAWINSKI, 1995; LUZZATTO, 2000) e novos livros escritos em *talian* (LUZZATTO, 1991; COSTA & BATTISTEL, 2001).

O trabalho de Bonatti (edição de 1975) é de natureza linguística antropológica e trata do dialeto trentino na comunidade de Pomeranos, pertencente à cidade catarinense de Rio dos Cedros. A obra foi extremamente importante para este estudo, uma vez que identificamos vários fenômenos comuns nos casos de empréstimos fonéticos e lexicais, bem como semelhanças quanto às variações morfofonêmicas ocorridas por conta do contato entre o dialeto trentino e o português.

Também nos estados de São Paulo e Espírito Santo existe um considerável número de áreas outrora coloniais cuja presença “italiana” é notória, e dialetos de tipo vêneto ou trentino são ainda falados em algumas dessas localidades, além do italiano (MAGGIO, 2002).

No entanto, no que diz respeito a publicações que tratem exclusivamente do contato linguístico nessas áreas, pode-se dizer que são poucas se comparadas àquelas dos estados do Sul. O mesmo não se pode dizer sobre a história da imigração e dos aspectos da memória e da identidade (FERNANDES, 2006), bem como aqueles sobre a imigração (GROSSELLI, 2009), mas neste estudo interessaram-nos as publicações sobre os aspectos linguísticos.

O trabalho de Leme (2002) sobre a variante falada do português da Colônia Tirolense de Piracicaba foi de grande ajuda para o desenvolvimento de algumas análises acerca dos empréstimos da variante caipira do português.

1.2. COLETA DE DADOS E METODOLOGIA

Inicialmente, cumpre esclarecer que os dados sobre o dialeto trentino que constam neste estudo foram recolhidos por meio de registros fichados não-gravados, nos moldes de um atlas linguístico.

Trata-se do *corpus* recolhido para o projeto de resgate dialetal na Colônia Tirolense de Piracicaba. Por conta disso, acreditamos ser importante tratarmos do modo como se deu esse levantamento e recolhimento de dados.

1.2.1. O PROJETO DE RESGATE DO DIALETO TRENTINO EM PIRACICABA

Como afirmado anteriormente, desenvolvemos desde 2007 um projeto de resgate dialetal. Não se trata de um projeto financiado pelos bairros, embora tenha contado desde o início com o auxílio de alguns moradores que colaboraram de diferentes maneiras para que fossem realizadas entrevistas e filmagens.

Inicialmente, o objetivo do projeto foi o de organizar o maior número possível de vocábulos, expressões e demais informações relacionadas ao dialeto trentino falado pelos descendentes. Para tanto, foi necessário identificar o perfil dos informantes e, primeiramente, procuramos catalogar as palavras do dialeto trentino entre os falantes mais velhos de ambos os bairros, pois eles aprenderam o dialeto trentino como primeira língua e o utilizam diariamente nas relações sociais. Partimos do pressuposto de que tais falantes (homens e mulheres) apresentam uma fala mais conservadora e semelhante a de um falante do trentino europeu.

Assim, entre os anos de 2007 e 2010 foram feitos diversos fichamentos e entrevistas. Como modelo para os tópicos propostos, utilizamos os assuntos apresentados no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), embora não tenhamos feito uso de questionário linguístico. A metodologia utilizada para a coleta nos dois bairros foi a mesma, com certa equivalência entre o número de informantes gravados.

Algumas perguntas iniciais ajudaram a estabelecer os primeiros objetivos:

1. Como ocorre o dialeto trentino nos bairros? Quando é usado?
2. Quais são suas características principais?
3. Quais são as diferenças entre as variantes dialetais de cada bairro?
4. Existe alguma *koiné* das variantes?
5. Existe alguma variação diastrática ou diafásica?
6. Como e em que níveis se dá a situação de bilinguismo?
7. Qual é o nível de influência do português? Há casos de empréstimos?

É possível afirmar que este trabalho conseguiu esclarecer detalhes concernentes a todas as sete perguntas, com levantamento de dados. Todas as informações levantadas no recolhimento de dados garantiram análises de contextos sociolinguísticos peculiares. Os conhecimentos que possuímos do dialeto trentino e do alemão tirolês foram de grande auxílio para determinadas análises; o caráter indutivo a partir desse

conhecimento também pôde auxiliar o direcionamento de certas hipóteses, ainda que este trabalho não tenha excluído em momento algum os modelos típicos *a priori*. Todavia, essa posição se mostrou mais proveitosa durante as análises históricas do que propriamente nas análises linguísticas.

Para os resultados que esperávamos obter a partir das perguntas iniciais, preparamos alguns cadernos nos quais seriam anotadas as palavras e expressões.

Muito do que foi registrado não seria possível se não tivéssemos participado ativamente do cotidiano da comunidade. O número significativo de informações era registrado não apenas nas entrevistas, pois sempre estávamos com nossos cadernos durante os dias que passávamos na comunidade. Alguns falantes, sabendo que anotávamos praticamente tudo que pudesse ser útil para uma possível análise futura, muitas vezes nos chamavam para perguntar se já havíamos registrado determinada palavra ou expressão. Chegávamos até a receber telefonemas de pessoas que, ao utilizar determinada expressão, achavam importante “avisar o tirolês de São Paulo” para saber se já havíamos feito o registro. Desse exemplo de atenção e gratidão demonstrado por alguns moradores de ambos os bairros, resultam muitos registros, sobretudo de expressões e canções.

Para que pudéssemos participar ativamente do cotidiano local, era necessário que fizéssemos frequentes viagens, o que não se mostrou dificultoso, haja vista que havíamos conquistado um grau de intimidade com os falantes que não se importavam que um indivíduo “de fora” entendesse seu dialeto. Desse modo, essa proximidade com certos falantes proporcionou uma interação bastante positiva durante as entrevistas e fichamentos.

Para as entrevistas, dividimos inicialmente os temas a serem abordados em campos semânticos mais simples e abrangentes para, posteriormente, serem subdivididos em tópicos com assuntos específicos. Optamos por tratar inicialmente dos assuntos que faziam parte do cotidiano dos falantes, de modo a não tornar as entrevistas enfadonhas ou difíceis.

Os primeiros assuntos relacionados ao léxico foram:

- a) Família;
- b) Partes do corpo;
- c) Alimentos e bebidas;
- d) Casa (divisões, mobília, utensílios);

- e) Trabalho (ferramentas);
- f) Religiosidade (orações);
- g) Animais domésticos;
- h) Plantas.

Os segundos assuntos foram:

- a) Brincadeiras infantis;
- b) Trovas, expressões e ditados
- c) Festividades e datas comemorativas;
- d) Estações do ano e aspectos relacionados à colheita;
- e) Animais e plantas selvagens;
- f) Noções geográficas;
- g) Demais utensílios;

Fazíamos visitas mensais à comunidade (de até duas vezes ao mês) e, durante os meses de julho e janeiro, permanecíamos por mais tempo na colônia, visitando diariamente de dois a três informantes. Desse modo, foi possível visitar todos os falantes mais velhos, filhos e netos de imigrantes.

A organização identificatória das informações recolhidas em cada bairro foi a seguinte: **S** para o bairro Santana e **SO** para o bairro Santa Olímpia. Todas as vezes que uma palavra era identificada como sendo específica de uma determinada variante, era identificada com a sigla do bairro. Aquelas que ocorrem em ambos não eram identificadas.

O fato de falarmos o dialeto trentino foi primordial para que pudéssemos estabelecer uma boa relação com os informantes. Não tivemos nenhum problema para a realização das entrevistas e vários falantes se dispuseram a auxiliar sempre que necessário. Muitas vezes, a invasão do mundo privado e a situação de desconforto causada durante uma entrevista podem prejudicar todo o recolhimento de dados.

Assim, por meio de uma correspondência (por vezes parcial) de objetivos comuns entre entrevistador e entrevistado, as conversas fluíam espontaneamente e o tópico construía-se de forma interativa, segundo os critérios de Preti (1999) no que tange às formas possíveis de entrosamento dos interlocutores na conversação. O sentido

de “tópico discursivo”, com sentido de “sobre o que se fala”, define possíveis modos com os quais os interlocutores se entrosam e mantêm uma conversação harmoniosa.

Alguns tópicos se mostraram mais produtivos do ponto de vista narrativo, sobretudo aqueles em que o informante contava suas experiências pessoais. Nesses momentos, precisávamos interromper somente quando não entendíamos determinada palavra ou expressão e perguntávamos sobre ela somente em dialeto trentino. Algumas vezes, o informante procurava explicar seu sentido em português; outras vezes, em dialeto trentino.

Em situações de fala livre e espontânea, não existe a necessidade de o pesquisador intervir com frequência na conversa, pois quanto mais envolvente for a narrativa para o entrevistado, mais produtiva será a entrevista.

Ao serem indagados sobre temas que mais lhe interessam, os entrevistados discorriam com facilidade, fazendo com que a entrevista fluísse livremente e em harmonia com o entrevistador. Labov (1972) define a língua vernácula como a língua do cotidiano, ou seja, das relações familiares e comunitárias, isenta de formalismos. Quando indagávamos sobre temas da vida quotidiana, sentíamos maior naturalidade dos entrevistados e bastante bom humor. Sobre a mudança dos padrões do alemão suíço da Basileia, Hofer (1997) atenta para a necessidade de se conhecer um pouco acerca da realidade social e local do entrevistado, pois sem esse “mínimo” a comunicação fica limitada e os resultados comprometidos.

As possibilidades são inúmeras e percebemos a interação entre entrevistador e entrevistado no momento da conversação era primordial. Assim como afirma Tarallo (1985), o informante que se expressa com naturalidade não se preocupa sobre como enunciar suas ideias. Nesses momentos de fala espontânea, registramos vários fenômenos referentes à fonética.

Vale lembrar que, no decorrer do tempo, havíamos sido aceitos de tal maneira pelos falantes do dialeto que, toda vez que chegávamos à colônia, já não precisávamos iniciar a conversa em “tirolês” com os mais velhos; eles conversavam conosco utilizando o dialeto da mesma forma que com os demais falantes mais velhos da comunidade. Essa interação só foi possível porque, durante as conversas, procurávamos demonstrar interação com a realidade cultural do informante, de modo que trabalhando com o *tempo aparente* foi possível interagir mais apropriadamente com sua faixa etária (KAHMANN, 1987), levando em conta os diferentes níveis culturais e sociais dos

informantes e demonstrando um mínimo de conhecimentos comuns (TARALLO, 1985; MARCUSCHI, 1986) sobre o que se discutia no momento das entrevistas.

Muito provavelmente, se tivéssemos gravado as conversas, os falantes procurariam se expressar de outra maneira. Ainda que a conversa seja agradável e o tópico conversacional discorra a partir de assuntos de interesse do informante, ao saber que está sendo gravado, o entrevistado procura automaticamente estabelecer uma pronúncia de acordo com o que acredita ser a mais correta.

Estando à vontade para tratar dos mais diversos assuntos, procurávamos deixar que os informantes fossem aqueles que dominassem a conversa, de modo que preferíamos mais ouvir a falar. Trata-se do *paradoxo do observador* identificado por Labov (1972), que limita ao máximo a fala daquele que entrevista em prol do entrevistado.

Em conversas com vários indivíduos, geralmente nas praças dos bairros ou em encontros familiares, muitos descendentes costumavam nos chamar *magna paròle* (“come palavras”), porque ouvíamos a conversa e anotávamos as palavras de sua fala. Em vários momentos, esses mesmos indivíduos nos perguntávamos se já havíamos anotado determinado termo, demonstrando, assim, interesse pelo nosso trabalho. Embora também participássemos das conversas, preferíamos ouvi-las, procurando fichar e identificar fenômenos linguísticos relevantes

O método de trabalho sem qualquer divisão classificatória para os falantes funcionou muito bem no início, mas à medida que recolhíamos mais dados sobre o dialeto, surgiam dúvidas sobre possíveis variações linguísticas existentes entre os falantes. Muitos falantes do trentino, sobretudo os mais jovens, utilizavam a expressão *ghèto* (“bagunça”) para se referir ao dialeto, pois acreditam falar um idioma deturpado. Realmente, como pudemos observar, os empréstimos fonéticos e lexicais são mais frequentes na fala desses indivíduos.

Apesar de termos inicialmente optado por entrevistar os falantes mais velhos, não pretendemos, em nenhum momento, dividir os falantes segundo critérios do tipo “idioletos ideais” ou “falares puros”. Dentro dos modelos tradicionais da dialetologia, os indivíduos considerados “ideais” para responder aos questionários são aqueles com nenhuma ou baixa escolaridade, geralmente homens com idade avançada e residentes desde a infância na zona rural. Acredita-se que tais indivíduos sejam aqueles cuja fala apresenta características mais *autênticas*.

Esse modelo corre constantemente o risco de limitar as análises dos casos de contato porque pressupõe um indivíduo “isolado”, com um falar “menos contaminado”. Não há dúvidas sobre serem os falantes das áreas rurais aqueles que preservam os aspectos mais conservadores de determinada variante dialetal, assim como os falantes mais velhos e menos escolarizados tendem a possuir uma fala mais conservadora. No entanto, há que se considerar também outros aspectos relevantes, tais como as influências do meio em que o indivíduo se encontra e se relaciona socialmente, além de suas opções pessoais na própria fala.

No caso específico do uso do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba, essa divisão independe da classe social e - contrariando certos pressupostos - até mesmo da escolaridade, e se relaciona à idade do falante.

Não se procurou enfatizar nenhum aspecto *mais trentino* da fala da comunidade, nem demonstrar apenas alguns fenômenos, excluindo outros que pudessem comprometer o falar característico. Para que fosse feita uma análise fidedigna da realidade linguística da colônia, sobretudo no que se refere aos empréstimos, seria necessário considerar todas as variantes encontradas.

Vale lembrar que a escola local atuou consideravelmente no processo de perda do dialeto trentino nas relações sociais da comunidade. Leme (2001, p. 130), que lecionou na colônia no final da década de 1980, confirma a atitude de caráter antididático da década anterior, que contribuiu para a difusão de um preconceito linguístico nas gerações mais novas que vivenciaram a perda do dialeto.

Como se verá detalhadamente adiante, a divisão que se mostrou mais adequada foi aquela segundo a faixa etária dos falantes e não segundo seu grau de ascendência. Isso porque, antigamente, as famílias tinham muitos filhos e era muito comum que irmãos mais velhos e mais novos tivessem entre si uma grande diferença de idade. Consequentemente, ocorreram vários casamentos entre indivíduos pertencentes a diferentes graus de descendência, mas com a mesma faixa etária.

Com base nisso, dividimos os descendentes de tiroleses da seguinte maneira:

Grupo A: 1 a 29 anos de idade (não falam o dialeto)

Grupo B: 30 a 59 anos de idade (nem todos falam o dialeto)

Grupo C: acima de 60 anos (todos falam o dialeto)

A maioria dos moradores descende de imigrantes tirolese por linha paterna e materna ou somente por uma linha; há descendentes de italianos, alemães e mestiços de tipo nacional.

Os falantes do dialeto trentino são apenas os indivíduos dos grupos **C** (quase todos descendentes somente de tirolese) e **B** (maioria descendente apenas de tirolese, mas há indivíduos que descendem de italianos e alemães). No grupo **B**, os falantes são aqueles com idade acima de 35 anos.

Registramos apenas um caso de um indivíduo do grupo **A**, natural de **SO** e descendente de tirolese por linha materna e paterna, que é falante do dialeto¹⁰⁸.

Para termos uma noção acerca de quem eram os falantes mais velhos, fizemos um levantamento com base na descendência e vimos que existem descendentes do grupo **C** na primeira e segunda gerações, descendentes do grupo **B** de terceira e quarta gerações, assim como descendentes do grupo **A** na quinta e na sexta gerações.

Há indivíduos do grupo **A** casados com indivíduos do grupo **B** e do grupo **B** casados com indivíduos do grupo **C**. Temos o seguinte quadro:

1ª Geração. Filhos de tirolese: atualmente são três indivíduos, todos falantes do trentino como primeira língua; pertencentes ao grupo **C**.

2ª Geração. Netos de tirolese: maioria dos falantes mais velhos da comunidade, todos falantes do dialeto trentino como primeira língua; pertencentes ao grupo **C**.

3ª Geração. Bisnetos de tirolese: nem todos falantes bilíngues; a maioria utiliza a norma culta do português; maioria pertencente ao grupo **B** e alguns ao grupo **A**.

4ª Geração. Tetranetos de tirolese: raros casos de indivíduos que são capazes de compreender o dialeto; registrou-se apenas um falante; maioria utiliza a norma culta do português de Piracicaba; pertencentes ao grupo **A**.

5ª Geração. Pentanetos de tirolese: maioria crianças; utilizam o vocabulário típico da comunidade; pertencentes ao grupo **A**.

Essa divisão permitiu identificar com mais precisão alguns fenômenos que, inicialmente, não acreditávamos serem característicos da fala da comunidade, tais como a ocorrência das africadas [tʃ] e [dʒ] como realização de /t/ e /d/ (somente em português ou em empréstimos do trentino na variante falada do português da comunidade), a

¹⁰⁸ Fala muito bem, inclusive. Mas trata-se de um caso de esforço pessoal para aprender e falar o dialeto.

ocorrência das fricativas [ʃ] e [ʒ] entre falantes do grupo **C** e a ocorrência da retroflexa [ɻ] e da vogal [y] entre falantes do dialeto (mais jovens) do grupo **B**.

Após a divisão dos grupos, a rotina de entrevistas nos anos de 2009 e 2010 ocorreu de maneira diferente. Passamos a entrevistar indivíduos mais jovens do grupo **B** na busca de empréstimos do português que pudessem ser específicos de sua faixa etária. No entanto, percebemos que aquelas adaptações fonéticas nas palavras advindas do português era mais característica na fala do grupo **C** e dos indivíduos mais velhos do grupo **B**. Os mais jovens deste grupo utilizavam a palavra ou expressão em português, embora reconhecessem várias daquelas “adaptações” típicas do falar local.

Concluimos que determinados fenômenos independiam da idade do indivíduo, mas estavam relacionados a outro importante fator histórico, que é a “abertura” dos bairros a partir da década de 1970, que resultou no êxodo rural e em casamentos “mistos” com pessoas nascidas em outras localidades.

As análises do contato linguístico com o português contemplaram duas situações distintas: primeiramente, com a variante caipira, ocorrida nas primeiras sete décadas desde a fundação da colônia e que se mantém no contato com moradores e habitantes de outras áreas piracicabanas; o segundo tipo é com a variante culta do português em Piracicaba, principalmente entre os indivíduos mais jovens que diariamente saem da comunidade por conta de estudos e trabalho.

Os dados referentes aos empréstimos do dialeto caipira complementam aqueles apresentados em 2009 na dissertação de mestrado. Muitos fenômenos fonéticos e variações nos empréstimos que acreditávamos serem “inovações” da fala dos indivíduos mais jovens do grupo **B** na fala do grupo **C** não o eram, mas identificamos esses empréstimos como sendo, de certo modo, *resquícios* do tempo em que o dialeto trentino era a principal língua das relações sociais da comunidade¹⁰⁹ e adaptava as palavras do português brasileiro que eram incorporadas gradativamente pelas gerações mais novas.

1.2.1.1. RESULTADOS DO PROJETO DE RESGATE DIALETAL

Do material recolhido desde 2007 como parte do projeto de resgate do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba, destacam-se alguns resultados:

¹⁰⁹ Como demonstramos em nossa dissertação de mestrado, enquanto o trentino deixava de ser o idioma principal da comunidade, várias palavras do dialeto eram incorporadas à variante falada do português.

- Um glossário do dialeto (ainda não publicado) com três mil, novecentos e setenta vocábulos, além de expressões, ditados, canções e textos escritos em trentino (alguns exemplos constam junto aos anexos deste estudo).
- Material fotográfico e visual de depoimentos (entrevistas) em dialeto trentino;
- Desenvolvimento de uma apostila básica com metodologia de ensino do dialeto trentino para os jovens, com exercícios e textos. A apostila, intitulada *Nente a parlar tiroles?* (“Vamos falar o tirolês?”) é utilizada desde 2013 por alunos de diversas idades durante as aulas de dialeto trentino ministradas por um morador de **SO**.
- Participação nossa no jornal *O Tirolês*, editado em **SO**, com publicação mensal da coluna *La nossa parlada* (“A nossa língua”), com textos escritos em dialeto.
- Auxílio na escrita utilizada nas placas turísticas utilizadas nos bairros (instaladas por iniciativa da prefeitura municipal de Piracicaba).

1.2.2. DADOS LEVANTADOS PARA ESTE ESTUDO

Alguns dados referentes ao dialeto trentino falado em Piracicaba foram organizados exclusivamente para as propostas deste estudo.

Assim, as análises fonéticas do dialeto trentino, principalmente o levantamento dos pares mínimos e distribuição consonantal foram feitas exclusivamente para as análises dos padrões vocabulares que são apresentadas em capítulo posterior.

A quantidade expressiva de exemplos nas análises linguísticas foi possível graças ao primeiro levantamento dos vocábulos e expressões do dialeto trentino. Também o texto traduzido para exemplificar as diferenças entre as duas variantes dialetais de cada bairro foi elaborado para as análises que seguem.

A proposta deste estudo também previa uma análise fonética de algumas diferenças entre o trentino falado na Colônia Tiroleza de Piracicaba e o atual trentino europeu das áreas de origem dos imigrantes.

Em 2007, já havíamos participado do 27. *Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (“Congresso internacional de linguística e filologia românicas”) realizado em na Universidade de *Innsbruck*, no Tirol austríaco, e apresentamos algumas análises sobre o contato do dialeto trentino com o português brasileiro em Piracicaba.

Naquele ano, pudemos registrar algumas informações sobre o trentino europeu do Vale do Ádige, bem como adquirir dicionários do dialeto trentino que poderiam ser de grande auxílio (e realmente foram) na organização dos estudos relativos ao projeto de resgate do dialeto, bem como às análises de nossa dissertação de mestrado.

No entanto, para as análises propostas para este estudo, os registros fichados não foram suficientes. Por conta disso, no ano de 2012 estivemos novamente no Trentino, nas localidades de Trento, *Romagnano*, *Sardagna*, *Cortesano* e *Val di Cembra*, onde pudemos entrevistar falantes do trentino europeu (menos em *Val di Cembra*) e fichar algumas informações que foram incluídas nas análises.

Além das localidades acima, também recolhemos informações em diversas localidades nos vales de praticamente toda a província e que constam nas análises sobre o trentino europeu (tradução do texto da raposa e do corvo). Acreditamos que a possibilidade de uma comparação do trentino falado em Piracicaba com os diferentes falares do trentino europeu possibilite a identificação de possíveis arcaísmos ou diferenças fonéticas relevantes.

Nas localidades de onde saíram os imigrantes, procuramos utilizar nas conversas o dialeto da mesma forma que é falado em Piracicaba e percebemos que muitos falantes se surpreendiam, afirmando que “falávamos como seus avós”. Essa informação foi, logo de início, muito importante, pois confirmaria a hipótese sobre o trentino falado em Piracicaba apresentar traços mais conservadores. Com base nessa hipótese, elaboramos uma lista com palavras faladas em Piracicaba e pedimos aos falantes dessas localidades para que as pronunciassem segundo o seu dialeto local.

Os casos envolvendo [ɣ] ~ [u] são os seguintes: [o] ~ [ɔ], [ø] ~ [o] e

Diferenças na articulação [ɣ] ~ [u] ~ [i]	
Trentino Piracicabano	Português
<i>capütèl</i> [kapy'tɛɫ]	capelinha
<i>ciina</i> ['kyna]	berço
<i>dapertüt</i> [daper'tyt]	por toda parte
<i>liim</i> ['lym]	lamparina; luz
<i>madiir</i> [ma'dyr]	maduro
<i>piüma</i> ['pjuma]	pluma; pena

<i>straniüdo</i> [stra'nydo]	espirro
<i>tüt</i> ['tyt]	tudo
<i>tüta</i> ['tyt]	toda
<i>tüti</i> ['tyti]	todos
<i>tüte</i> ['tyt]	todas
<i>züch</i> ['syk]	abóbora

Diferenças na articulação [ø] ~ [o] ~ [ɔ]	
Trentino Piracicabano	Português
<i>cör</i> ['kør]	coração
<i>fazöl</i> [fa'zøʔ]	feijão
<i>fiöl</i> ['fjøʔ], <i>fiöla</i> ['fjøla]	filho, filha
<i>föch</i> ['føk]	fogo
<i>föia</i> ['føja]	folha
<i>för</i> ['før], <i>föra</i> ['føra]	fora
<i>giöch</i> ['dʒøk], <i>zöch</i> ['zøk]	jogo
<i>löch</i> ['løk]	lugar
<i>nöra</i> ['nøra]	nora
<i>növe</i> ['nøve]	nove
<i>öf</i> ['øf]	ovo
<i>vöia</i> ['vøja]	vontade

Como veremos detalhadamente adiante, em Piracicaba são preservadas as vogais anterior meio-arredondada [y] e posterior meio-arredondada [ø], enquanto o trentino europeu oscila quanto à sua ocorrência, que praticamente desapareceu do lugar de origem dos imigrantes, sendo identificadas como pertencentes ao falar de “outrora”.

Com base nos dados presentes nos dicionários do dialeto trentino, sobretudo o de Groff (1955) e Aneggi (1984), a ocorrência das vogais esteve sempre relacionada à fala do campo, de modo que a variante de prestígio da cidade de Trento e o italiano (que não reconhecem as vogais), influenciaram seu desaparecimento no trentino europeu.

Contudo, também o português não reconhece as vogais e notamos que ela também se perde na fala da comunidade entre os falantes mais jovens do grupo **B**, que apresentam os mesmos casos de substituição do trentino europeu.

Outros casos foram comparados à realidade do trentino europeu, tais como a variação [o] ~ [ɔ] e a variação [e] ~ [ɛ]. São eles:

Diferenças na articulação [e] ~ [ɛ]	
Trentino Piracicabano	Português
<i>cavéi</i> [ka'veɛj]	cabelos
<i>cioma</i> ['tʃoma]	tufo
<i>gnent</i> ['ɲent]	nada
<i>mez</i> ['mez]	meio
<i>pavela</i> [pa'vela]	borboleta
<i>sei</i> ['sej]	seis
<i>trei</i> ['trej]	três
<i>stort</i> ['stort]	torto; torcido

Os casos envolvendo a nasalização [ã] e [õ] não são exclusivos do dialeto trentino em piracicaba, e aparecem em outras variantes (BOSO, 2001; MARGOTTI, 2004).

No que se refere ao léxico, as diferenças são menos relevantes do que aquelas fonéticas, mas há casos de palavras que ocorrem em Piracicaba e não foram encontradas no trentino europeu, nem em dicionários do dialeto trentino, e acreditamos tratem-se de arcaísmos. Além deles, casos de empréstimos da variante caipira e da variante falada do português de Piracicaba, mudança de significado por ampliação, restrição e substituição de objeto, bem como casos de derivação e composição.

Adiante, veremos que muitas das variações fonéticas do trentino piracicabano também aparecem no trentino europeu, por conta da grande fragmentação dialetal da região, comum a praticamente todos os falares da área alpina. Assim, os diferentes falares trentinos são, de certo modo, resultado de diversas influências linguísticas e étnicas da região tirolense.

2. CONTATO LINGUÍSTICO E PERFIL DOS FALANTES

É importante frisar que o dialeto trentino é falado na Colônia Tirolesa de Piracicaba desde os anos que marcam o estabelecimento das famílias nas antigas fazendas Santa Olímpia (1892), Santana (1893), ou seja, há 122 anos. O trentino é uma *língua de imigração*, trazida pelos tirolesees que fundaram a comunidade¹¹⁰ entre 1892 e 1893. Este, que doravante chamaremos de *trentino piracicabano*, preserva características dialetais do trentino do final século XIX e apresenta empréstimos lexicais e influências fonéticas advindas da variante falada do português de Piracicaba.

2.1. OS PRIMEIROS FALANTES DO DIALETO TRENTINO EM PIRACICABA

Os imigrantes que fundaram **SO** eram de *Romagnano* (Brunelli, Correr, Forti, Pompermayer e Stenico), de *Sardagna* (Degasperi), de *Cortesano* (Christofolletti), enquanto os fundadores de **S** eram da região de *Cortesano* (Vitti), incluindo *Meano* e *Vigo Meano*, e de *Romagnano* (Forti). Além destes, havia os membros da família Negri, de *Albiano* que residiam na Fazenda Negri, vizinha à Fazenda Santa Olímpia, onde trabalharam também demais colonos tirolesees (Veneri, Rover, Stolf entre outros), dos quais apenas os Veneri (também Venere), de *Albiano*, ainda residem na localidade.

Em **SO**, viviam mais imigrantes oriundos de *Romagnano*, enquanto em **S** a maioria dos imigrantes era de *Cortesano*. Todavia, havia imigrantes de ambas as localidades residindo tanto em **SO** como em **S**, enquanto os membros da família Negri, de *Albiano*, residiram na fazenda vizinha.

Naturalmente, os primeiros imigrantes utilizavam suas próprias variantes dialetais no convívio social, mas logo nos primeiros que se sucederam à fundação da colônia, ocorreram casamentos entre membros de famílias oriundas de diferentes localidades, de modo que muitos indivíduos da primeira geração conviveram com variantes do dialeto trentino em seu convívio familiar.

Um monumento existente na Praça Jacob Stenico de **SO**, fundado em 1992 durante as comemorações do centenário da chegada dos imigrantes à antiga Fazenda

¹¹⁰ Entenda-se sempre o uso do termo como *comunidade linguística*, formada por indivíduos de um mesmo grupo, unidos por uma história comum e por uma origem (no caso, tirolesa) comum.

Santa Olímpia (comprada em 20 de novembro de 1892), recorda os pioneiros que fundaram a comunidade (com nomes aportuguesados):

OS PATRIARCAS JACOB CORRER E ROSA POMPERMAYER	
1892 - 1992	
FAMÍLIAS FUNDADORAS DE SANTA OLÍMPIA	
CYRIACO BRUNELLI	ROSA CORRER
DIONÍSIO DEGASPERI	MAGDALENA CORRER
ISIDORO CORRER	ERNESTA DEGASPARI
JOÃO CORRER	CATHARINA MOSNA
JOSÉ CHRISTOFOLETTI	ANNA CORRER
JOSÉ FORTI	MARIA STENICO
LUIZ CORRER	AMÁLIA CHRISTOFOLETTI
SIMÃO STENICO	MARIA CORRER
VICTORIO CORRER	ROSA CHRISTOFOLETTI
VIRGÍLIO STENICO	LUIZA CORRER
A ELAS QUE, COM FÉ, CORAGEM E DETERMINAÇÃO, INICIARAM A CONSTRUÇÃO DESTE RINCÃO, NOSSAS SAUDADES E GRATIDÃO, E A CERTEZA DE QUE ESTAMOS CONTINUANDO SUA OBRA.	
DOS DESCENDENTES	
PIRACICABA - SP	
20.11.1992	

Pelos sobrenomes, é possível notar que já nos primeiros anos da fundação da colônia houve casamentos entre imigrantes de *Romagnano* (Correr) e *Sardagna* (Degasperi) e entre aqueles de *Romagnano* (Correr) e *Cortesano* (Christofolletti). Alguns descendentes mais velhos recordam-se também de casamentos

Como afirmam os moradores mais velhos, que se recordam do tempo em que os bairros dispunham de pouca infraestrutura, a comunidade procurou se *isolar-se* desde os primeiros anos, primeiramente evitando casamentos com indivíduos que não fossem tirolezes¹¹¹, o que se mostrou praticamente impossível nos anos que se seguiram porque outras pessoas se transferiram para os bairros, sobretudo para S. No entanto, apesar de casamentos *mistos*, o dialeto trentino manteve-se como língua principal do uso cotidiano e, por isso, descendentes de famílias não-tirolezas também sabem se comunicar em dialeto, pois seus antepassados o adotaram como forma de se inserir na comunidade.

Em S, uma placa recorda os nomes dos membros da família Vitti, fundadores da localidade juntamente com os membros da família Forti.

<p>PATRIARCA DE SANTANA BORTOLO VITTI - 30/11/1829 - CORTESANO/MEANO (TRENTO) E SUA ESPOSA MARIA MADALENA SARTORI - 22/07/1834</p>
<p>FAMÍLIAS FUNDADORAS DE SANTANA (FILHOS DE BORTOLO E MARIA SARTORI):</p> <p>ANGELO PIETRO VITTI - 31/10/1857 ANNA MARIA DOMENICA VITTI - 29/01/1859 GEORGIO MASSIMILIANO VITTI - 12/10/1861 BENEAMINO GIACOMO VITTI - 24/11/1863 NARCISA TERESA VITTI - 23/10/1865 PAOLO VITTI - 28/05/1868 GIACOMO DAMASO VITTI - 24/02/1870 JACINTO FRANCESCO VITTI - 30/07/1873 DOMENICO QUIRINO VITTI - 22/06/1875 OTTAVIO FELICE VITTI - 10/06/1877</p>

Houve casamentos entre membros da família Vitti e *Christofoletti*, saídos da região de Cortesano, mas alguns membros das primeira e segunda gerações também contraíram matrimônio com descendente de italianos que se transferiram para o bairro.

¹¹¹ Vários falantes mais velhos de SO comentam sobre como seus antepassados iam “buscar” noivas no bairro S ou até mesmo entre os *primos* da família Pompermayer residente na Fazenda Traviú, em Jundiá.

As moradoras mais idosas da Colônia Tirolesa de Piracicaba não são nascidas na comunidade. Em **S**, reside a moradora mais idosa dos bairros, nascida em 1901. Sua família, de sobrenome Zambon, é oriunda do Vêneto e seus pais trabalharam na antiga Fazenda Tamandubá (hoje um bairro de Piracicaba). Após se casar com um membro da família Geraldini¹¹², transferiu-se para **S** ainda jovem. A moradora vive ainda em sua velha casa e comunica-se com seus filhos em português, apesar de compreender razoavelmente o dialeto trentino. Já a moradora mais idosa de **SO** nasceu em 1913 e também não é de origem tirolesa, mas italiana¹¹³ (família Boschero), e nos relatou sobre as dificuldades que enfrentou ao se transferir para **SO** após ter contraído casamento com um membro da família Christofolletti. Falante do português, apesar de compreender o dialeto de seus pais¹¹⁴, não falava o dialeto trentino e enfatiza que não era capaz sequer de compreender as crianças do bairro, que “só conversavam em tirolês”¹¹⁵.

Isso significa que os níveis de contato entre o dialeto trentino e o português (variante falada de Piracicaba) já demonstravam diferentes níveis entre os membros das primeira e segunda gerações, haja vista que situações de uso do português já se davam no interno da comunidade, mas não do mesmo modo entre os moradores e nem com todos os moradores.

Todos os moradores mais velhos de ambos os bairros afirmam que no tempo de sua infância e juventude, a língua do convívio doméstico era o *tirolês*, ou seja, o dialeto trentino. Era falado entre os adultos e crianças, no ambiente doméstico e nas relações sociais da comunidade. Vale lembrar que o próprio modo de vida de outrora, do qual os moradores mais velhos se recordam, denota uma vida voltada para o seio da família, em um ambiente com limitados recursos financeiros, cuja rotina se baseava no trabalho, nas orações e em alguns momentos de descontração. Sem dúvida, esse *estilo de vida* camponês, fortemente apegado à religiosidade, contribuiu para que o uso do dialeto trentino fosse mantido no convívio familiar.

¹¹² Vale lembrar que muitos casamentos entre *tirolese*s e *não-tirolese*s eram, de certa forma, evitados através de casamentos “arranjados”. Não são poucos os casos de não-descendentes que se casaram com pessoas de fora da comunidade simplesmente porque não podiam se casar com descendentes de tirolese

¹¹³ A moradora não sabe informar sobre a origem de seus antepassados. Certa vez, chegou a comentar que acreditava ser de origem napolitana, mas não tinha certeza. O sobrenome Boschero ocorre na região da Campânia (o que talvez comprovaria a origem napolitana), mas também no Piemonte. Cfr. <http://www.gens.info/italia/it/>

¹¹⁴ Não se sabe se eram imigrantes ou filho de imigrantes.

¹¹⁵ Essa dificuldade nos foi relatada com bom humor, com casos que lhe faziam rir à medida que eram recordados, como quando sua cunhada (ainda uma criança à época de sua chegada) lhe pedia uma *tìgia* (panela), no que era sempre atendida com uma tigela (no dialeto trentino *cópa*, *cómpa*, *copàta*, *scudèla*) e, por não ser compreendida, teve de ir buscá-la sem a ajuda da cunhada “de fora”.

Ainda que seja difícil estabelecer parâmetros, percebemos diferentes níveis de contato com o português entre os descendentes da primeira geração. Mesmo nos primeiros após a fundação da colônia, o contato dos imigrantes com o português não foi homogêneo, pois alguns deles mantiveram maior contato com demais habitantes de Piracicaba. Contudo, com base nos relatos dos moradores mais velhos, soubemos que entre os imigrantes adultos, o contato com o português foi geralmente restrito, relacionado à compra das fazendas e às necessidades comerciais¹¹⁶.

Se o contato com falantes do português foi modesto no início, aumentava gradativamente de acordo com necessidades dos moradores da colônia, que dependiam de ferramentas, alimentos e produtos que não eram fabricados ou cultivados na colônia. Além dos casamentos mistos e do convívio com moradores que não descendiam de tirolese, as crianças - filhos e netos de imigrantes - passaram a utilizar o português no convívio escolar, tendo em vista que a presença da escola se deu muito cedo na comunidade. Apesar de utilizarem o dialeto trentino entre si e no convívio com seus familiares, as crianças foram *obrigadas* a utilizar o português na escola.

Somente nesse estágio, temos aquela que podemos chamar de primeira situação real de bilinguismo, quando falantes do dialeto trentino utilizam o português em relações sociais com membros oriundos de outras localidades e que passaram a viver nos bairros ou, ainda, em situações de conversa com pessoas de fora da comunidade.

Atualmente, há descendentes pertencentes ao 6^a. grau de consanguinidade em relação ao imigrante ascendente, ou seja, formam a 5^a. geração de netos (também chamados pentanetos).

1 - Imigrante tirolês	Nascido no Império Austro-húngaro.
2 - Filho de imigrante = 1 ^a . geração	Nascido no Brasil.
3 - Neto de imigrante = 2 ^a . geração	idem
4 - Bisneto de imigrante = 3 ^a . geração	idem
5 - Tetraneto de imigrante = 4 ^a . geração	idem
6 - Pentaneto de imigrante = 5 ^a . geração	idem

¹¹⁶ Não foi por menos que a compra das propriedades rurais, sobretudo a de **SO**, foi feita com base em empréstimos e teve problemas relacionados a hipotecas e juros, dada a limitação de compreensão dos colonos tirolese no ato da compra.

Em seu estudo sobre a variante falada do português da comunidade tirolesa de Piracicaba, Maria Luísa LEME (2002: 121-122), que trabalhou na escola local como professora, relacionou diretamente as “diferentes variedades linguísticas” com a geração de descendência. A autora afirma que a situação de bilinguismo (dialeto trentino e português caipira) ocorre somente para as duas primeiras gerações de descendentes, ou seja, filhos e netos de imigrantes, enquanto nas terceira e quarta gerações (bisnetos e tataranetos), prevalece o uso da variante caipira sobre o dialeto trentino, apesar da forte influência lexical trentina na variante do português. Já entre os membros da quinta geração, que convivem com falantes do trentino e do português, teria surgido uma terceira variante, típica de sua geração, a qual LEME chamou *variedade misturada*.

Contudo, constata-se que o uso do dialeto trentino, assim como da variante caipira do português, não depende exclusivamente da geração de descendência do indivíduo, mas está relacionado à sua idade. Existem indivíduos da primeira geração (filhos de imigrantes) casados com indivíduos da segunda geração (netos), assim como há indivíduos da segunda geração casados com indivíduos da terceira geração (bisnetos).

Isso se deve pelo grande número de filhos nas famílias de outrora. Como afirmado em capítulo anterior sobre a ação missionária dos capuchinhos na colônia, as famílias eram praticamente obrigadas a terem muitos filhos, resultando em um considerável aumento demográfico na comunidade. O grande número de filhos em uma mesma família ocasionava casos de irmãos com grande diferença de idade. Eram muito comuns as famílias com mais de cinco filhos; muitas delas tiveram mais de dez e registram-se casos de famílias com mais de vinte filhos. Nesses casos, a diferença etária entre o filho mais velho e o filho mais novo poder ultrapassar os 20 anos e, como pudemos observar, existem famílias cujo irmão mais velho tem idade acima de cinquenta anos enquanto o irmão menor tem trinta e poucos anos.

Muitos filhos mais velhos já haviam se casado e se tornado pais quando seus irmãos mais novos haviam nascido há pouco ou eram ainda crianças. Nesse contexto, não são poucos os casos de pessoas que pertencem a diferentes gerações de descendência, mas que possuem a mesma idade. Há sobrinhos cuja diferença de idade é superior a dez anos em relação a seus tios. Vários bebês já nasceram tios dos filhos de seus irmãos mais velhos, assim como são vários os casos de irmãs mais velhas que assumiram a responsabilidade pela criação de seus irmãos mais novos, auxiliando suas

mães nas atividades domésticas. Essa realidade só foi possível por causa do grande número de filhos nas famílias.

Na grande maioria desses casos, os irmãos mais velhos são falantes bilíngues, enquanto seus irmãos mais novos não o são. Ainda que muitos filhos mais jovens tenham convivido com o uso do dialeto trentino nas relações familiares, nem todos são capazes de manter uma conversa razoável em trentino. Já seus irmãos mais velhos utilizam muitas vezes o dialeto nas conversas com os pais.

Portanto, não é a geração que estabelece o uso ou o não uso do dialeto, mas é a idade do indivíduo, embora possa ser admitido que a maioria dos falantes mais velhos pertença às primeira, segunda e terceira gerações. Os casamentos entre pessoas com idade aproximada e pertencentes a diferentes gerações de descendência justifica a relação entre o uso do dialeto trentino e a faixa etária do falante¹¹⁷.

Por isso, preferimos utilizar o termo *falante mais velho* do que *filho de imigrante* ou, ainda *neto de imigrante*, evitando uma identificação errônea dos falantes do trentino piracicabano. Embora os filhos e netos realmente possuam o dialeto trentino como primeira língua e apresentem a variante do português falado com maiores traços fonéticos, lexicais e morfossintáticos do trentino, há também bisnetos (e até mesmo um caso de tataraneto) que se comunicam perfeitamente em dialeto trentino.

Os primeiros anos no Brasil estabeleceram o contato entre imigrantes de diversas localidades com seus diferentes falares regionais. Alguns desses falares, apesar de próximos entre si, apresentam ainda hoje diferenças na Itália.

Vale lembrar que os imigrantes tirolezes que fundaram os bairros trabalharam durante dez anos na fazenda do visconde de Indaiatuba, juntamente com demais colonos vindos de outras localidades do Tirol Italiano, do Vêneto e da Lombardia. Somente após esse período (onde um primeiro contato entre diferentes falares *italianos* já havia se estabelecido), algumas famílias resolveram comprar em conjunto e adquiriram em conjunto as fazendas Santa Olímpia, em 1892, e Santana, em 1893.

Imigrantes de diferentes localidades trentinas conviveram nos dois bairros. Em **SO**, uma maioria oriunda de *Romagnano*, uma família de *Sardagna* e uma de *Cortesano* e *Vigo Meano*; em **S**, uma maioria pertencente a uma mesma família saída de *Cortesano* (Vitti) e uma família de *Romagnano* (Forti). Além destes, os Negri de *Albiano* (*Val di*

¹¹⁷ Em nossa dissertação de mestrado, tratamos também da relação entre a faixa etária do falante e o uso da variante falada do português. Cfr. LEOPOLDINO, Everton Altmayer. *A fala dos tirolezes de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia*. São Paulo: USP, 2009.

Cembra), cuja variante dialetal apresenta características presentes no dialeto da região de *Cortesano*. Em **S** vivem também alguns descendentes da família Mosna, de *Romagnano*, que se transferiram para o bairro anos depois de sua fundação, assim como os Venere, de *Albiano*, que residem na Fazenda Negri.

Uma primeira situação de contato entre falares trentinos se deu no Brasil, quando indivíduos de diferentes localidades tirolezas passaram a conviver na fazenda do visconde de Indaiatuba e, anos mais tarde, nas fazendas Santa Olímpia, Santana e Negri.

Atualmente, o trentino piracicabano apresenta duas variantes dialetais, uma própria a **SO** (que hoje inclui a antiga Fazenda Negri), que apresenta características do trentino de *Romagnano*, e outra em **S**, com características do trentino da região de *Cortesano*. Como se verá adiante, a sobrevivência da variante de *Romagnano* em **SO** e daquela de *Cortesano* em **S** está relacionada ao número de imigrantes (indivíduos) oriundos dessas localidades que se estabeleceram na colônia.

Em **SO**, deu-se a seguinte situação de contato:

Dialeto de <i>Romagnano</i> (famílias Brunelli, Correr, Forti, Pompermayer e Stenico)	Dialeto de <i>Sardagna</i> (família Degasperri)	Dialeto de <i>Meano</i> (família Christofolletti)	Dialeto de <i>Albiano</i> (família Negri)
--	---	---	---

Em **S**, houve a seguinte:

Dialeto de <i>Cortesano</i> (família Vitti)	Dialeto de <i>Romagnano</i> (família Forti)
--	--

Nos primeiros anos da colônia, falantes das variantes dialetais de *Romagnano* e *Cortesano* (incluindo *Meano* e *Vigo Meano*) residiram em ambos bairros, enquanto os membros da família Negri, de *Albiano*, residiram na fazenda vizinha. Naturalmente, os primeiros imigrantes utilizavam suas próprias variantes dialetais no convívio social.

Os casamentos entre membros de famílias oriundas de localidades diferentes se deu já entre os imigrantes, de modo que seus filhos e netos falavam o dialeto trentino no

convívio familiar e social. A sobrevivência das variantes de *Romagnano* e *Cortesano* está relacionada ao número de imigrantes oriundos dessas localidades.

A fundação da escola em 1923 fez com que as crianças utilizassem o português, pelo menos, no ambiente escolar. A proibição das professoras quanto ao uso do *tirolês* não suprimiu o uso do dialeto trentino entre as crianças, mas proporcionou maior contato dos falantes do trentino com o português.

Levando em conta que em cada bairro predominou uma variante trentina, poderíamos pensar que surgiram duas situações distintas de contato com o português, que se desdobra em *contato com a variante falada do português de Piracicaba* e *contato com a norma culta* utilizada na escrita.

Em **SO**, poderíamos supor a seguinte situação de contato:

Variante trentina de SO	Variante falada do português de Piracicaba
Norma culta do português	

Enquanto em **S**, a seguinte:

Variante trentina de S	Variante falada do português de Piracicaba
Norma culta do português	

Algumas palavras advindas do português são realizadas de forma diferente nas variantes trentinas de cada bairro como, por exemplo, a palavra *cerveja*, que em **S** ocorre como [ser'vedʒa] e em **SO** como [ser'veza]; temos, ainda, *larangeira*, que ocorre em **S** como [laraŋ'dʒara] ou [laraŋ'dʒera] e em **SO** como [laraŋ'zara] ou [laraŋ'zera].

Como afirmado, existe entre os bairros um certo clima de “disputa”, que vai além do sentimento de pertença dos moradores com relação ao local de nascimento. Quando indagados sobre serem da comunidade tiroleza, imediatamente se identificam como sendo deste ou daquele bairro, de modo que primeiro se consideram moradores do *bairro*, depois da comunidade tiroleza para, finalmente, serem piracicabanos.

No entanto, pressupor duas situações distintas de contato com o português não levaria em conta o contato entre indivíduos de **SO** e **S**. Ora, sabe-se que o contato sempre existiu e remete, no mínimo, aos anos de trabalho conjunto na fazenda do visconde de Indaiatuba. Sabe-se também que a sobrevivência de duas variantes dialetais trentinas está, de certo modo, relacionada ao bairrismo. No entanto, seria incorreto

considerar dois casos distintos de contato com o português, pois as comunidades nunca viveram isoladas uma da outra. Sempre houve apenas uma escola e as crianças de ambos os bairros conviviam, pelo menos, no ambiente escolar. Mas as relações vão muito além do convívio da infância e isso se comprova nos casos de casamentos contraídos entre pessoas de diferentes bairros.

O contato do trentino piracicabano se deu principalmente com o português falado (variante caipira), mas não se exclui o contato com a norma culta nos anos da escola ou, ainda, nos seminários. Como afirmado em capítulo sobre a história dos bairros, a religiosidade dos imigrantes e a presença do clero na comunidade contribuíram para que vários indivíduos (principalmente de **SO**) ingressassem na vida religiosa. Morando em seminários e conventos, essas crianças tinham aulas em português e conviviam com demais noviços falantes do português.

Muitos homens da comunidade (falantes mais velhos) viveram e estudaram em seminários da cidade de Piracicaba e do interior paulista, mas regressaram aos bairros após não terem sido admitidos para a vida religiosa. No entanto, os anos (ou meses) de seminário não fizeram com que esses falantes abandonassem o uso do trentino após seu retorno à colônia e eles continuaram a utilizá-lo com seus familiares e amigos. Além disso, passaram a utilizar a norma padrão do português com mais desenvoltura¹¹⁸. E não apenas os que regressaram dos seminários continuaram a utilizar o trentino no convívio social; muitos religiosos nascidos nos bairros também utilizavam o dialeto trentino quando visitavam seus pais e parentes na comunidade. Isso se explica pelo fato de sua primeira língua ter sido o trentino e não o português.

Com base nessas informações, acreditamos que o seguinte esquema ilustra melhor a situação de contato linguístico dos falantes que têm o trentino como primeira língua e o português como segunda língua, levando em conta que eles frequentaram a escola local durante a infância (ou seminários durante a juventude), mas ainda utilizam o trentino nas relações domésticas e sociais:

Trentino piracicabano		Variante falada do português de Piracicaba (caipira)
Variante trentina de SO	Variante trentina de S	

¹¹⁸ Muitos falantes mais velhos (homens) que frequentaram o seminário afirmam com orgulho que os anos de estudo despertaram-lhes o gosto pela leitura. Há casos de pessoas da família Degasperi que possuem noções de latim e francês, *recordações* da vida regrada de estudos que tiveram nos seminários.

Portanto, temos duas situações de contato que se cruzam mutuamente. Os falantes do trentino de **SO**, com sua variante dialetal de **SO**, mantinham contato com os falantes do trentino de **S** que, por sua vez, falavam a variante dialetal de **S**. Além do contato entre falantes de duas variantes dialetais, todos tinham contato com a variante falada do português de Piracicaba, e com a norma culta nos ambientes em que essa fosse prestigiada ou exigida, isto é, na escola e nos seminários e conventos.

Essa relação de contato se deu entre os falantes mais velhos, que afirmam terem aprendido o português na escola. Muitos se recordam de professoras pacientes que lhes ensinavam o português, mas há também relatos de professoras que procuraram proibir o uso do tirolês durante as pausas recreativas da escola.

Atualmente residem na comunidade apenas três indivíduos pertencentes à primeira geração (filhos): dois irmãos da família Degasperi de **SO** e uma senhora da família Vitti (casada com um membro da família Forti) de **S**. Ainda em **SO**, temos um caso de neto de imigrantes que é mais velho do que seus tios, filhos de imigrantes.

Para se ter ideia da diferença etária entre indivíduos pertencentes a uma mesma geração de descendência, vejamos o exemplo da família Stenico de **SO**: os netos mais velhos da imigrante Maria Correr Stenico (*zia* Maria) são indivíduos com mais de oitenta anos, enquanto os indivíduos mais novos são da faixa dos sessenta anos. Mas há netos de imigrantes da família Degasperi ou Pompermayer com quase noventa anos. Essa diferença de quase 30 anos entre indivíduos da segunda geração explica o fato de netos de imigrantes serem casados com bisnetos de imigrantes.

Como pudemos constatar, o número de falantes mais velhos é maior em **SO** do que em **S**, assim como também residem mais netos de imigrantes naquele bairro.

Todos os filhos e netos de imigrantes aprenderam o trentino como primeira língua, mas não foram os únicos, pois há vários casos de indivíduos pertencentes à terceira geração de descendentes (bisnetos) que aprenderam o dialeto trentino como primeira língua, embora a maioria deles utilize o português tanto no uso doméstico como nas relações sociais com descendentes e com pessoas de fora dos bairros. Seu português apresenta, inclusive, mais traços fonéticos da variante caipira, típica do falar piracicabano.

Atualmente, nas relações sociais e domésticas, o trentino piracicabano é utilizado apenas por falantes mais velhos. Indivíduos entre 40 e 50 anos também se

comunicam em dialeto, mas em situações específicas e seu vocabulário é restrito a determinados ambientes e assuntos.

2.2. PERFIL DOS FALANTES DO TRENTINO PIRACICABANO

Se o uso do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba está relacionado à faixa etária, o mesmo se diz da perda do dialeto. Para termos uma noção melhor acerca dos falantes do trentino piracicabano e das situações de bilinguismo e uso do trentino nas relações sociais da comunidade, alguns esclarecimentos são necessários.

Como afirmado anteriormente, os registros não foram feitos apenas no período em que nos propusemos a realizar este trabalho. Desde 2006 recolhemos dados sobre o trentino piracicabano em situações de conversa livre, entrevistas direcionadas feitas em dialeto trentino, com registros gravados (filmagens) e não-gravados, nos moldes de um atlas linguístico.

Além daquele contato estabelecido com os informantes durante as conversas, temos contato direto com muitos falantes do dialeto na comunidade, pelo fato de ali termos participado durante alguns anos das atividades ligadas ao folclore tirolês, à promoção de iniciativas que desenvolvam o turismo e ao ensino do dialeto trentino para os mais jovens. A participação de jovens nessas atividades culturais é significativa, sobretudo na comunidade de **SO**, que conta com um número maior de crianças. Esse convívio amigável nos permitiu conhecer os membros das suas famílias, conversar com eles e participar de confraternizações, festas e eventos da colônia. Como afirmado, fazíamos anotações escritas buscando registrar palavras, expressões e informações sobre a história local.

Entretanto, para podermos direcionar a pesquisa e estabelecermos limites para a apresentação dos dados recolhidos, optamos por utilizar as anotações feitas durante as situações de conversa espontânea e as anotações das entrevistas direcionadas não-gravadas, nas quais conversávamos em dialeto e fazíamos registros ligados aos mais diversos campos semânticos.

No intuito de facilitar as análises, optamos por fazer uma divisão de informantes nos mesmos moldes daquela que utilizamos para a análise do corpus sobre a variante falada do português da comunidade, tema de nossa dissertação de mestrado. Dividimos

os informantes em três grupos de descendentes, segundo sua faixa etária: o grupo **A** abrange os informantes mais jovens, de zero a vinte e nove anos, pertencentes, principalmente, às quinta e sexta gerações de descendentes; o grupo **B** abrange aqueles entre trinta e cinquenta e nove anos, com maioria pertencendo às terceira e quarta gerações de descendentes, enquanto o grupo **C** abrange os informantes com mais de sessenta anos, pertencentes às primeira, segunda e terceira gerações de descendentes.

No entanto, tem-se dessa divisão uma importante diferença. Em nossa dissertação de mestrado, recolhemos as informações por meio de entrevistas realizadas com indivíduos dos três grupos, porque todos eram *falantes da variante falada do português da comunidade*. Neste estudo, interessam-nos somente os *falantes do trentino piracicabano*, sobretudo aqueles que têm o trentino como primeira língua e a utilizam em seu cotidiano. Estes informantes encontram-se somente nos grupos **B** e **C**.

Os informantes do grupo **A** não são falantes do trentino. Registramos apenas um caso de um jovem residente em **SO**, com idade inferior a 30 anos e falante do trentino, mas como segunda língua. Nas gerações de descendentes do grupo **A**, o trentino faz parte apenas da realidade dos falantes mais velhos, ou seja, dos avós e bisavós.

Os indivíduos do grupo **A** são falantes do português e o utilizam, inclusive, nas conversas com os mais velhos (avós). Um número considerável deles já não descende exclusivamente de tirolese e seus pais comunicam-se em português. Mesmo considerando sua variante falada, própria da comunidade e bastante influenciada pelo dialeto trentino, os indivíduos do grupo **A** não se enquadram entre os falantes do trentino piracicabano.

Todos os indivíduos do grupo **C** e a grande maioria dos indivíduos do grupo **B** são falantes do trentino como primeira língua. Nem todos do grupo **B** são falantes do dialeto, porque há pessoas que descendem não apenas de tirolese, mas também de outras “etnias” presentes no bairro e, desde a infância, convivem com o trentino e com o português. Embora sejam capazes de conversar em trentino (e realmente o utilizam durante conversas com falantes de sua idade), afirmam que utilizam o português desde a infância. No entanto, essas pessoas não podem ser consideradas como não-falantes apenas porque utilizam o português desde a infância ou porque apresentam mais traços da influência do português brasileiro no dialeto trentino. Vale lembrar que o trentino foi a língua principal das relações sociais da colônia durante décadas, inclusive dos filhos de casamentos “mistos” (entre *tirolese* e *não-tirolese*).

Portanto, o bilinguismo é uma realidade dos falantes dos grupos **B** e **C**, e sobretudo do grupo **B** porque, de certo modo, *participou* mais ativamente do processo de mudanças sociais que se deu na colônia a partir da década de 1970, com o êxodo rural e a substituição gradativa no uso do dialeto trentino pelo português (na variante local com substrato português e influências lexicais do trentino).

A maioria dos indivíduos pertencentes à terceira geração de descendentes inclui-se no grupo **C**. Os falantes mais velhos desta geração são todos bilíngues e utilizam o trentino piracicabano em conversas com pessoas da mesma faixa etária, enquanto alguns falam o trentino em determinadas situações até mesmo com seus filhos. Percebe-se disso que o processo de substituição do dialeto trentino pelo português, como língua principal das relações sociais na comunidade, está mais relacionado à faixa etária e à questão cronológica do que à geração de descendência.

Segundo os critérios de bilinguismo estabelecidos por WEINREICH (1953), vemos que a maioria dos falantes mais velhos do trentino piracicabano, pertencentes ao grupo **C**, não é formada por *bilíngues ideais*, ou seja, falantes capazes de mudar apropriadamente o idioma durante uma situação linguística variante, que oscila entre o uso de dois idiomas. Apesar de utilizarem o trentino no cotidiano, não são capazes de manter o uso perfeito de apenas um idioma em uma situação linguística não oscilante e utilizam espontaneamente expressões ou palavras do português, principalmente quando se trata de um campo semântico relacionado à modernidade ou à realidade brasileira. O mesmo ocorre quando falam o português: encontrando dificuldades para se expressar, introduzem na frase termos e expressões do trentino, que aparecem ora como “citações”, ora como interjeições. Quando se comunicam entre si, utilizam somente o dialeto trentino, mas nas situações de fala com seus filhos - que não são todos falantes do trentino, pois disso depende a idade do indivíduo -, netos e demais familiares mais jovens, utilizam ora o dialeto trentino, ora uma variante *misturada* (LEME, 2002), cujo substrato morfossintático e lexical é português, acrescido com várias palavras e expressões do trentino.

A grande maioria dos indivíduos do grupo **C** frequentou o curso primário oferecido pela escola local. Aqueles que continuaram os estudos foram somente os que seguiram a vida religiosa.

Não trataremos da fala daqueles que seguiram a vida religiosa, pois estes indivíduos não vivem mais na colônia. Presenciamos momentos de uso do trentino pelos

religiosos, quando de suas visitas à comunidade, mas não fizemos nenhum tipo de análise nesse sentido¹¹⁹.

Entre os homens falantes do grupo **C** que, durante a juventude, estudaram em seminários, mas retornaram para a comunidade e ali se casaram, não encontramos nenhum traço fonético que diferenciase sua fala, embora sejam capazes de utilizar a norma culta do português com maior desenvoltura.

Numa definição descritiva, o bilíngue é aquele indivíduo “capaz de produzir empregos completos e com significado em outra língua” (HAUGEN, 1953, p. 6). Entretanto, dada a situação de contato na comunidade, notamos que mesmo os falantes mais velhos do grupo **C** apresentam interferências lexicais e morfossintáticas do outro idioma nas seguintes situações:

- ✓ Quando se comunicam em trentino, apresentam interferências lexicais do português.
- ✓ Quando se comunicam em português, apresentam interferências lexicais e morfossintáticas do trentino.

Vemos diferentes níveis de interferência do português na fala de um indivíduo para outro. Não nos propomos, neste estudo, a identificar detalhadamente quando e em que níveis ocorrem essas interferências, mas pode-se dizer que elas se dão de acordo com o histórico do indivíduo, com a necessidade e, ainda, segundo uma *opção pessoal* pelo uso do dialeto trentino.

Conversando com alguns membros da família Degasperi de **SO**, vários falantes mais velhos afirmam que procuram - e preferem - “falar um tirolês mais genuíno” (*parlar en tirolés s-cet*), evitando, sempre que possível, utilizar palavras do português. No entanto, em situações de conversa livre, vemos que várias são as influências lexicais do português em sua fala e, como afirmado anteriormente, relacionadas a campos semânticos ligados à modernidade ou à realidade brasileira¹²⁰.

Seria praticamente impossível não fazer citações ou não repetir palavras ligadas a assuntos atuais sem utilizar palavras advindas do português. Todavia, notamos que sempre que lhes é possível, adaptam ou substituem palavras do português por palavras

¹¹⁹ Boa parte dos religiosos possui algum grau de contato com a língua italiana e considerar sua fala nas análises significaria, entre outras coisas, analisar as interferências do italiano no dialeto trentino na fala desses indivíduos.

¹²⁰ Cfr. capítulo sobre o trentino piracicabano, no que se refere aos empréstimos e diferença de significado por substituição de objeto.

do trentino. Em **S**, registramos *strùca col pimpignolét* (“aperte aquele pino”) quando uma falante do grupo **C** pediu à sua filha para apertar um botão do fogão elétrico.

Já outros falantes mais velhos alternam o uso do trentino e do português com menos “zelo” pelo uso exclusivo do trentino, mas também fazem adaptações fonéticas e substituições. Isso está relacionado, inclusive, com a capacidade do falante bilíngue.

Aquilo que importa é somente saber, por qualquer exemplo de interferência, qual língua é a origem ou o modelo e qual é a receptora ou a réplica e também, se em uma dada situação de contato, uma língua possa ser tanto a origem como a receptora da interferência.

(WEINREICH, 1953, p. 108-109¹²¹).

As situações de alternância aparecem principalmente entre os indivíduos do grupo **B** que apresentam, inclusive, distinção fonológica para os usos do português e do dialeto trentino. Pudemos constatar que alguns falantes deste grupo utilizam a retroflexa [ɭ], típica do falar piracicabano, em situações de fala do português e a substituem pela vibrante simples [r] quando falam o trentino. Mas essa substituição não se dá *perfeitamente* e há momentos em que a retroflexa também aparece em momentos de fala do trentino, apresentando variação como em *canéderli* <prato típico tirolês¹²²>, que ocorre como [ka'nederli] (na maioria das vezes), mas também como [ka'nedeɭli].

Para um retrato exato e detalhado sobre o uso do trentino piracicabano entre as diferentes faixas etárias, seria necessária uma pesquisa quantitativa em larga escala, o que não se tornou possível para o presente estudo. Todavia, os anos de contato que temos com os moradores dos bairros, acrescidos de conversas espontâneas e dados recolhidos durante nossas pesquisas em projetos de resgate dialetal e histórico da comunidade, permitem-nos admitir que, no que se refere ao trentino piracicabano, somente os indivíduos do grupo **C** e aqueles mais velhos do grupo **B** podem ser considerados bilíngues.

E, nesse contexto, os falantes do grupo **B** são aqueles que mais vivenciaram a substituição gradativa do dialeto trentino pelo português no uso doméstico e sua fala apresenta as influências desse processo. A maioria desses indivíduos, pertencente principalmente à terceira geração de descendentes, costuma se comunicar em trentino

¹²¹ Tradução nossa.

¹²² Do alemão *Knödel*.

com os falantes do grupo **C**, mas nem sempre utiliza o trentino entre si e só se comunica em português com os indivíduos do grupo **A**.

A utilização do dialeto trentino pelos falantes do grupo **B** é mais contextualizada, limitando-se a determinados locais públicos dos bairros, como nos bares, nas praças e nas igrejas. Esses falantes alternam com maior frequência o uso do português e do trentino durante os jogos de bocha e baralho, assim como nas conversas.

Percebemos que o uso do trentino ou do léxico trentino entre os falantes do grupo **B** também depende da situação de fala e da necessidade do uso do dialeto no momento da comunicação:

- ✓ Quando em companhia de falantes do grupo **C**, utilizam o dialeto trentino, apesar de inserirem palavras e expressões do português durante a fala.
- ✓ Quando acompanhados por demais falantes do grupo **B**, alternam com frequência o uso do trentino e do português.
- ✓ Quando acompanhados por indivíduos do grupo **A**, utilizam somente o português, mas inserem várias palavras e expressões em trentino durante a fala, assim como os indivíduos do grupo **A**.

Muitos indivíduos do grupo **B** frequentaram somente o curso primário oferecido pela escola local. Encontram-se mais indivíduos que cursaram o ensino médio e a faculdade em **SO** do que em **S**.

Os primeiros anos da escola foram aqueles de dificuldades e precariedade no ensino; os primeiros professores eram voluntários dos próprios bairros e não é possível afirmar com exatidão quais foram os parâmetros didáticos para o ensino da língua portuguesa. Antes da fundação escola, havia aulas de italiano em **S**. Segundo os falantes mais velhos, os primeiros anos escolares foram aqueles que proporcionaram maior contato com a língua portuguesa, mas as dificuldades eram resultado do isolamento geográfico dos bairros, distantes cerca de vinte e cinco quilômetros do perímetro urbano de Piracicaba. A dificuldade de compreensão dos alunos falantes do trentino fazia com que próprio ritmo do aprendizado do português fosse diferente se comparado ao de uma escola rural de uma localidade vizinha, com alunos falantes nativos do português. Anos depois, a escola privilegiou o uso do português, e muitos indivíduos do grupo **B** afirmam que deixaram de utilizar o trentino por causa da insistência das professoras,

que frequentemente chamavam seus pais (maioria indivíduos do grupo **C**) para reuniões na escola, nas quais eram instruídos a falar somente o português com seus filhos.

Ora, a escola estigmatizava o modo de falar dos alunos e pedia-se a falantes do trentino para que utilizassem somente o português com seus filhos. Registramos um caso extremo em um ramo da família Correr, com pais que, por causa das instruções da escola, “aboliram” o uso do *tirolês* na vida privada da família. Mas como essa *mudança* realmente se deu? Perguntando aos falantes mais velhos, muito afirmam que usavam o português quando era possível, mas continuavam a usar o *tirolês* porque era a língua mais fácil da comunicação. Não é por menos que a variante falada do português entre os falantes do grupo **B** é carregada de empréstimos e interferências do trentino.

Se a escola não foi a única responsável pela mudança linguística da comunidade, pode-se dizer que sua postura incentivou a “abertura” que culminou com a substituição do trentino pelo português a partir da década de 1970, quando falantes mais jovens saíam da colônia em busca de melhores condições de vida e trabalho em bairros vizinhos ou na zona urbana de Piracicaba.

O êxodo foi incentivado, inclusive, por religiosos que viam na *saída* dos jovens uma solução contra a escassez de trabalho provocada pela monocultura da cana de açúcar, que em poucos anos limitou o crescimento econômico dos moradores dos bairros e fez desaparecer a cultura de subsistência. Até os dias de hoje, a paisagem ao redor da colônia é dominada pelas plantações de cana e boa parte dos hectares que outrora pertenciam às antigas fazendas Santa Olímpia, Santana e Negri pertence atualmente a grandes engenhos de Piracicaba. Muitos falantes mais velhos dizem que seus pais acreditavam que essa situação significava o fim da comunidade. Como mencionado em capítulo anterior, após a abertura de uma pequena empresa de transportes em **SO**, iniciada por membros da família Stenico, os trabalhadores puderam continuar a viver nos bairros.

A maioria dos jovens passou a trabalhar na cidade ou em outros bairros, retornando ao final do dia para suas casas na comunidade¹²³. Todavia, um número considerável deles fixou residência fora da colônia, em outros bairros de Piracicaba ou em outras cidades. Dessa “abertura”, seguiram-se casamentos entre descendentes de tirolese e pessoas de outras localidades e gradativamente o dialeto perdia seu espaço como língua principal da comunidade.

¹²³ Situação ainda comum entre muitos trabalhadores de ambos os bairros.

As mudanças sociais e econômicas iniciadas na década de 1970 fizeram com que muitas famílias deixassem de utilizar o trentino em determinadas situações, mas registram-se também casos de famílias que não abandonaram seus hábitos e, de certo modo, insistiram para que o idioma dos antepassados não fosse esquecido. O perfil linguístico dos indivíduos do grupo **B** caracteriza-se tanto por verdadeiros falantes do trentino como por indivíduos que, apesar de compreender o idioma de seus pais, não são capazes de se comunicar perfeitamente em dialeto trentino.

Nesse contexto, o *status* linguístico do dialeto trentino assumiu certa relevância entre aqueles que “insistiam” na manutenção de seu uso. E não é por menos que nas décadas de 1970 e 1980 surgiram projetos de resgate, de estudo sobre a história dos *nonos* (“avós”) imigrantes e primeiras tentativas de registros escritos em *tirolês*. Desse período são os escritos do Prof. Guilherme Vitti sobre a história local, inclusive um texto sobre a história da chegada de seu bisavô, Bortolo Vitti, ao Brasil. Pertencente à segunda geração de descendentes, estudou inicialmente na comunidade, mas trabalhou a maior parte de sua vida no centro de Piracicaba. No entanto, jamais se esqueceu do idioma da infância e seu texto escrito em trentino piracicabano (segundo a variante de **S**) e intitulado *En contadin de Mean che s’ha fat bon brasilian* (“Um camponês de Meano que se fez bom brasileiro”) foi publicado como apêndice no livro *Da Schiavi bianchi a coloni* (“De escravos brancos a colonos”), do historiador trentino Renzo Maria Grosselli (1991). O texto, escrito em forma de romance, registra a história da família Vitti desde sua partida do Tirol, com os primeiros anos de trabalho junto aos demais tirolezes que fundaram os bairros e termina com a morte do patriarca de **S**, após a compra da fazenda Santana e o estabelecimento das famílias tirolezas na colônia.

Um dos aspectos fonológicos mais relevantes da variante do português entre os moradores da colônia refere-se à ocorrência da consoante retroflexa [ɭ], típica do falar piracicabano. Segundo os próprios moradores, seu modo de falar não é o mesmo do “caipira”. A retroflexa praticamente inexistente entre os falantes das gerações mais velhas, e ocorre relativamente pouco entre os falantes do grupo **B**. Todavia, aparece cada vez mais na fala dos mais jovens.

Muitos falantes do dialeto se recordam dos anos de trabalho na área urbana ou em outros bairros, quando seu modo de falar era considerado “estranho” pelos demais piracicabanos. Muitos afirmam que eram comumente indagados sobre serem catarinenses ou gaúchos, por conta de seu falar “italianizado” que não apresentava a consoante retroflexa tão característica na região de Piracicaba. Até hoje, os moradores

que apresentam os traços linguísticos mais característicos da colônia em sua fala são imediatamente identificados pela população piracicabana como *tirolese*s. Por conta disso, pudemos perceber que muitos indivíduos falantes do trentino piracicabano do grupo **B**, consideram “errado” seu modo de falar o dialeto e quando são indagados se são capazes de falar o tirolês, afirmam muitas vezes que entendem bem a língua de seus pais e avós, mas falam *un ghèto* (“uma bagunça, uma confusão”). Na verdade, vários se comunicam muito bem, mas sua consideração reflete ainda hoje o modo de falar estigmatizado desde as décadas de 1960-70¹²⁴.

Como afirmou Leme (2002, p. 127), que lecionou na comunidade, “a escola privilegia o português”. Os indivíduos do grupo **B** não criaram seus filhos como falantes do trentino. Acreditamos que essa realidade seja também resultado da imposição escolar das décadas de 1960-70, que procurou mudar a fala da comunidade, dos anos de contato com trabalhadores falantes outras variantes linguísticas de Piracicaba e da influência dos meios de comunicação. Os jovens de outrora, das décadas de 1960-70, são atualmente a maioria dos indivíduos do grupo **B**, ou seja, vivenciaram em suas vidas pessoais a “abertura” dos bairros e as influências exercidas pelo contato com pessoas de outras localidades de Piracicaba, que consideravam seu modo de falar como “estranho” ou, ainda, ridicularizavam sua variante¹²⁵. Muitos afirmam que, outrora, ser identificado como *tirolês* era o equivalente a ser chamado de *caipira*, com sentido pejorativo.

Esse preconceito não aparece entre os falantes do grupo **C** e acreditamos que isso se deve ao pouco contato que a maioria desses indivíduos teve com falantes da variante culta do português em Piracicaba. Tendo permanecido na comunidade, desconhecendo variantes de prestígio do português e não tendo abandonado o uso do trentino em suas relações sociais, os falantes deste grupo consideram seu modo de falar uma realidade positiva em si, já que para eles não há parâmetros comparativos entre o seu modo de falar e os outros existentes em Piracicaba. Vários são os fatores que reforçam essa informação, tais como o isolamento social dos bairros, a “proibição” de casamentos com *não-tirolese*s até meados de 1970, a carência de meios de comunicação de massa como rádio e televisão (a luz elétrica chegou em meados da década de 1950) e

¹²⁴ Os anos de contato com um número cada vez maior de moradores de outras localidades fez com que a variante falada do português dos descendentes assumisse gradativamente mais aspectos da variante falada do português de Piracicaba.

¹²⁵ Vários descendentes contaram-nos casos onde eram ridicularizados por causa de sua origem e de seu modo de falar o português. Muitos eram como que “enganados” por não compreenderem perfeitamente o sentido de certas gírias, sofrendo situações de humilhação e chacota por parte de seus colegas de trabalho.

a presença do clero (inclusive religiosos tirolese) que influenciaram profundamente a vida social da comunidade.

Entre os indivíduos do grupo **B**, não existe um perfil homogêneo de falantes, havendo falantes bilíngues e não-falantes do trentino. Como afirmado anteriormente, a grande maioria compreende bem o dialeto, mas nem todos são capazes de se comunicar em dialeto. Além disso, mesmo os falantes do trentino trazem um razoável número de interferências (sobretudo lexicais e morfossintáticas) do português, principalmente da variante caipira de Piracicaba. Novamente, é a idade do indivíduo o principal fator para caracterizá-lo como bilíngue e para determinar o maior ou menor número de interferências do português em situações de fala do trentino. O mesmo se dirá do uso do dialeto trentino nas relações sociais da comunidade, que também está relacionado à idade dos falantes. Apesar de os falantes utilizarem o trentino principalmente em determinados contextos, não existem regras sociais na comunidade que determinem o uso do português e do trentino. As alternâncias no uso deste ou daquele idioma se dão de acordo com as situações de fala. Não é raro vermos a mudança de código dos interlocutores, que oscila entre o trentino e o português. Em uma situação onde a maioria dos interlocutores é composta por falantes do trentino, opta-se pelo uso do trentino; quando a maioria é composta por falantes de português, opta-se pelo português, mesmo entre os falantes mais velhos. O uso do dialeto trentino está intimamente relacionado ao ambiente doméstico (entre casais e parentes), às atividades religiosas na igreja e nas relações sociais com demais membros da comunidade.

Entre os falantes do grupo **C**, a retroflexa [ɟ] praticamente inexistente, mas o mesmo não se pode dizer do léxico caipira, que aparece principalmente no que se refere à natureza e ao trabalho no campo. O trentino piracicabano apresenta casos de empréstimos lexicais da variante caipira do português, ocasionados pelo contato linguístico dos dois idiomas. No que se refere à entonação e à prosódia, podemos afirmar que entre os indivíduos mais velhos quase não há diferença quando comparada ao trentino europeu. O mesmo se diz no modo como certas expressões, típicas dos falares trentinos, aparecem na fala dos descendentes mais velhos. Entretanto, não está entre os objetivos deste estudo fazer qualquer tipo de análise sobre a prosódia¹²⁶ do trentino piracicabano, nem do trentino europeu.

¹²⁶ Os estudos relacionados à prosódia são ainda um desafio para a Linguística. Sua análise se mostra extremamente dificultosa, mas é indiscutível seu papel dentro de um sistema linguístico, exatamente porque garante caracterização à língua, participa de seu processo evolutivo e atua continuamente nele.

Uma tentativa frustrada do *Circolo Trentino di Piracicaba* foi aquela de ensinar o italiano padrão na escola local. O projeto não frutificou simplesmente porque o italiano padrão não era compreendido totalmente pelos falantes do trentino e porque representa uma realidade totalmente diversa daquela dos imigrantes. Vale lembrar que os falantes mais velhos não se consideram italianos, mas austríacos, e muitos não se consideram nem mesmo trentinos, mas apenas tirolese. O sentimento anti-italiano de vários moradores, principalmente entre aqueles de **SO**, identificou no ensino do italiano padrão uma espécie de “imposição” que procurou apagar a memória tirolese e austríaca de seus antepassados¹²⁷.

Mesmo se os descendentes do grupo **A** não sejam falantes do dialeto, muitos deles demonstram um interesse pelo resgate do idioma na comunidade, bem como pela manutenção das tradições locais. Essas peculiaridades são consideradas positivas pelos descendentes porque reforçam sua identidade como *moradores dos bairros tirolese* e os diferenciam dos demais moradores de Piracicaba. Os mais jovens demonstram interesse pela realidade dos mais velhos, sem, contudo, abdicar dos valores atuais de suas gerações. Não demonstram nenhum preconceito pelo trentino, embora o associem principalmente à realidade de seus avós e das pessoas mais velhas. A maioria dos moradores de ambos os bairros trabalha ou estuda fora da comunidade. Após os estudos na escola local, os jovens passam a estudar em Piracicaba e mantêm diariamente contato com falantes da variante caipira ou da variante *culta* piracicabana, com todas suas peculiares características como o uso da consoante retroflexa e o léxico local. Indivíduos do grupo **A** utilizam o léxico trentino presente na variante falada do português principalmente em situações de fala com pessoas da comunidade. Fora dela, alguns preferem evitar o modo característico de falar dos bairros, mas a maioria dos descendentes mais jovens afirma que utiliza normalmente o seu modo de falar, sendo identificados entre seus colegas como *tirolese*. Observa-se nisso a valorização cada vez maior da identidade cultural da comunidade, que supera os preconceitos do passado.

Um aspecto muito interessante da prosódia do trentino piracicabano é que, em determinadas situações de fala como no uso de expressões de espanto, admiração, nervosismo ou raiva, ela se assemelha à prosódia dialetal do trentino europeu e de outras áreas de imigração tirolese, como Nova Trento (SC), fundada por trentinos ou até mesmo Treze Tílias (SC), fundada por tirolese de língua alemã. Uma vez que falamos o alemão tirolês (*Tirolerisch*) e dialeto trentino, notamos que, em certos casos, há semelhanças na entonação das duas línguas, mas não analisamos essas possíveis semelhanças porque não poderíamos comprová-las fidedignamente. Analisar a prosódia do trentino não fez parte da proposta deste estudo.

¹²⁷ Se for levado em conta o contexto no qual o projeto de ensino do italiano padrão foi proposto pelo *Circolo Trentino*, com base na promoção de uma nova identidade trentina que negava a matriz tirolese, a “acusação” dos falantes mais velhos era bastante fundamentada.

No entanto, notamos que vários moradores se servem do fato de dominar os dois idiomas ou de possuir sua variedade própria do português influenciada pelo trentino como estratégia comunicativa, isolando as pessoas de fora da comunidade da interação linguística. Isso ocorre frequentemente dentro e fora da comunidade. Durante as grandes festas dos bairros, quando ambos são visitados por muitas pessoas de outras localidades, é comum vermos falantes do dialeto utilizarem o idioma para comentar sobre os visitantes e também os mais jovens usam várias expressões em trentino, próprias de sua variante falada do português, para tecer comentários sobre os “de fora”¹²⁸, isto é, as pessoas que não são dos bairros.

Essa estratégia já era utilizada pelos falantes mais velhos que buscavam no uso restrito do trentino um isolamento cultural “protegido” das ameaças do mundo externo. Hoje, ela ocorre de maneira diversa, não mais servindo para o isolamento da comunidade, mas para isolar uma pessoa da interação linguística¹²⁹ ou impressioná-la.

Várias vezes, principalmente durante nossas primeiras visitas à comunidade, pudemos presenciar momentos nos quais falantes do dialeto que não nos conheciam faziam comentários em trentino a nosso respeito. Até mesmo mais jovens usavam palavras do dialeto para comentar sobre nossa presença¹³⁰ e quando demonstrávamos falar o dialeto trentino, assim como entender o modo de falar dos moradores, percebíamos imediatamente espanto ou admiração. Por várias vezes fomos indagados sobre “como sabíamos falar o tirolês” e frequentemente escutávamos perguntas sobre como e onde havíamos aprendido o idioma. Para muitos, o *tirolês* é considerado um idioma único e exclusivo da comunidade.

Algumas vezes, mesmo após termos dito sobre nossa ascendência, sentimos desconfiança de alguns moradores porque não compreendiam como alguém pode ser

¹²⁸ Em trentino, a expressão *de föra* também pode significar o indivíduo que não pertence à comunidade. Em alemão, *Ausländer* (“fora da terra”, “estrangeiro”) ou *Fremd* (“estranho”, “estrangeiro”).

¹²⁹ Várias vezes, principalmente durante nossas primeiras visitas à comunidade, pudemos presenciar momentos nos quais falantes do dialeto que não nos conheciam faziam comentários em trentino a nosso respeito. Até mesmo mais jovens usavam palavras do dialeto para comentar sobre nossa presença e quando demonstrávamos que entendíamos o dialeto e o modo de falar dos moradores, percebíamos imediatamente espanto ou admiração. Por várias vezes fomos indagados sobre “como sabíamos falar o tirolês” e não poucas, mesmo após termos dito que somos de descendência tiroleza, escutávamos perguntas sobre como e onde havíamos aprendido o idioma. Para muitos, o *tirolês* é ainda considerado como idioma único e exclusivo da comunidade.

¹³⁰ Nenhum negativo, diga-se de passagem, mas sempre curiosos sobre nossa origem e, principalmente, sobre o que buscávamos na comunidade.

descendente de tirolese sem ter nascido nos bairros¹³¹. Nota-se nessa ideia a relação existente entre *ser descendente de tirolese* e *ser dos bairros tirolese*.

Nesse contexto, o uso do trentino piracicabano insere-se como uma particularidade cultural da comunidade. Mesmo entre os descendentes que não são capazes de conversar em trentino (grupo A), o fato de possuírem sua própria variante falada do português é considerada positiva, porque os identifica, seja como descendentes, seja como moradores da Colônia Tirolese de Piracicaba.

Pode-se dizer que esse sentimento traduz na realidade brasileira o mesmo “espírito” dos habitantes das pequenas localidades de montanha, no qual a relação com o “outro” é sempre baseada na relação com a comunidade, ou seja, com o grupo. A grande fragmentação dialetal no Tirol (e da área alpina) também se deve à predisposição dos falantes de um determinado grupo em manter seu falar característico e regional. As diferenças são enfatizadas em prol da identificação instantânea do grupo.

Como veremos adiante, a sobrevivência de duas variantes dialetais trentinas, próprias a cada bairro da Colônia Tirolese de Piracicaba, só foi possível graças a esse sentimento bairrista, caracterizado pela relação de *resistência* à influência externa.

¹³¹ Certa vez em **SO**, uma moradora (falante do dialeto do grupo B) não acreditou que podíamos ser descendente de tirolese e insistia que “não era possível” ser tirolês quem não fosse nascido nos bairros.

- PARTE III -

ANÁLISES LINGÜÍSTICAS

1. CONTEXTO LINGUÍSTICO DA REGIÃO TIROLESA

1.0. INTRODUÇÃO

Para tratarmos do dialeto trentino e de sua variante piracicabana, será necessário compreender o fragmentado contexto linguístico de onde o trentino se desenvolveu como falar característico de uma região, ainda hoje utilizado por milhares de falantes.

Convém, portanto, advertir sobre como utilizaremos os termos *língua* e *dialeto*. Trata-se de classificações tradicionais, consagradas e ainda em uso. Seja para identificar o trentino no fragmentado contexto linguístico alpino ou para descrever a variante falada há 120 anos na Colônia Tirolense de Piracicaba, não há dúvida que, em se tratando de falares não-oficiais, existe a preocupação constante sobre como utilizar as classificações *língua* e *dialeto*. Quais são os critérios que definem *língua* e *dialeto*?

Embora não haja um consenso único sobre o uso desses termos, do ponto de vista linguístico trata-se de uma classificação limitada porque pressupõe a dependência de um (dialeto) perante outro (língua), num modelo de árvore genealógica no qual a “língua mãe” gera a “língua filha” ou, ainda, segundo o senso comum, que a “língua filha” é uma deturpação da “língua mãe”, um “falar errado” ou “grosseiro”.

Tal classificação desconsidera as possíveis interferências entre a “língua mãe” e “língua filha” ou entre duas “línguas filhas”, geradoras de falares “híbridos”. Um exemplo de interferência entre “língua mãe” e “língua filha” é o português do século XVI, por causa das influências lexicais do latim nas gramáticas e na norma culta da época. Exemplos de interferência entre duas “línguas filhas” são aquelas do italiano padrão nos demais falares da península ou do espanhol no galego.

Contudo, ao tratarmos de falares “híbridos”, corremos o risco de admitir a existência, no passado, de falares “puros”, gerando outro equívoco. Nesse sentido, o próprio latim participou de uma evolução enquanto língua que tem suas origens em falares mais antigos e que, ao longo dos séculos, desenvolveu-se como *língua dos romanos*, sofrendo interferências de outros idiomas como o etrusco e o grego. As línguas neolatinas são, por sua vez, o resultado desse desenvolvimento do latim tardio, mas não só dele, uma vez que também houve influências do latim clássico presente nos textos e de demais idiomas de contato. Tal desenvolvimento das línguas neolatinas se

deu a partir de variantes regionais do latim tardio existentes nas províncias do antigo Império Romano. Há, ainda, as influências do latim clássico, presente em textos e utilizado nos ofícios religiosos, e dos superstratos germânico, céltico, eslavo etc.

Portanto, a ideia de uma relação de *dependência* entre língua e dialeto é fruto de uma classificação limitada, que não leva em consideração o desenvolvimento natural das línguas. Como se sabe, os fenômenos linguísticos são muito mais complexos e isso é visível nas línguas românicas atuais que, continuamente, em maior ou menor grau, sofrem interferências de outros idiomas (confinantes ou de prestígio). Exemplo disso são os anglicismos presentes no português brasileiro, sobretudo na variante falada.

Evitando uma classificação estreita, preferimos sempre que possível o termo *falares*, também utilizado por VIARO (2001) em seu trabalho sobre o romanche suíço. Essa definição evita a tentativa taxativa de distinção entre língua e dialeto, mas – como afirma o autor – não resolve o problema, apenas evita discussões.

Dialetos podem ser considerados línguas por questões políticas e vice-versa. Isso parte da relação social e política que um determinado idioma assume em um determinado grupo de falantes. Por isso, a classificação de uma *língua* é problemática porque vem contextualizada numa relação político-social dos falantes com o idioma, na qual a língua representa o grupo ou uma nação (BATTISTI, 1960).

Em sua classificação das línguas românicas, PELLEGRINI (1972: 238-243), afirma que elas podem ser:

- a. Uma língua nacional unitária, com tradição literária, fundada sobre uma *koiné* (italiano, francês, português, espanhol, romeno).
- b. Uma língua literária não-nacional, reconhecida e oficial apenas na região em que é falada, com tradição literária (friulano, provençal, catalão, galego).
- c. Uma língua nacional, com certa produção literária, com muita variação dialetal e sem uma *koiné* (romanche).
- d. Uma língua extinta, sem tradição escrita (dalmático).
- e. Grupos com características comuns e com bastante variação dialetal, sem literatura e sem *koiné* (ladino dolomítico, franco-provençal, sardo).

- f. Grupos isolados, destacados do tronco, sem produção literária¹³² (istrorromeno, meglenorromeno, macedorromeno).
- g. Línguas oficializadas por questões políticas, praticamente idênticas a outras a não ser por peculiaridades, como a escrita (moldavo, istriota).

Os linguistas costumam utilizar os termos para facilitar a compreensão, mas não distinguem dialeto de língua, sobretudo por conta do conceito de *nação* que esta última carrega, e que não se baseia em critérios filológicos e sociológicos de classificação.

Não importa o que se entenda por “língua”: ela sempre se formará negativamente, ou seja, é um falar que se *distinguiu* ou que se quer distinguir do falar vizinho. Dito doutra maneira, essa distinção se efetua de maneira natural (quando há isolamento por motivos físicos: um rio que divide dois falares, o fato de estar numa ilha, separação de dois falares por causa de montanhas) ou intencional (isolamento ideológico promovido por diferenças religiosas, políticas ou de rivalidade/ preconceito tradicional), que pode atingir desde o nível do indivíduo até o da nação. (...) Assim, é muito fácil distinguir quando se está falando romanche ou alemão, pois são *falares linguisticamente distintos* (...). Mas seria o mesmo caso para a diferença entre o português e o galego? Ou entre o catalão e o valenciano? (...). Nesse caso, só se justifica dizer que são dois falares porque outros fatores, extralinguísticos, estão envolvidos: conviria classificá-los de *falares ideologicamente distintos*. Quando barreiras entre dois falares linguisticamente distintos caem, uma vez que a comunicação, por algum motivo, se tornou mais importante, surgem os *pidgins*, as *línguas francas*, as *línguas crioulas* e todo tipo de ‘língua mista’. Igualmente, quando barreiras extralinguísticas caem, surge a *koiné*.

(VIARO, 2001, p. 63)

O conceito *língua* se torna uma entidade abstrata e pancrônica, formada a partir de discursos contínuos, falados ou escritos, distinguindo-se dos falares vizinhos por

¹³² PELLEGRINI inclui nesse grupo o ladino sefardita dos judeus ibéricos. Contudo, houve uma considerável produção literária sefardita na Península Ibérica, sobretudo durante o período da dominação muçulmana (de 711 a 1492). O desenvolvimento do Califado de Córdoba coincidiu com o período áureo dos judeus sefarditas, refletindo-se na literatura, com destaque para os gramáticos, lexicógrafos e poetas Menachen Ben Saruc, Dunas Ben Labrat e Semuel Ibn Nagrella, este último que chegou a condição de vizir no mundo islâmico ibérico. Destaca-se, ainda, a figura de Maimônides (rabino Moshe ben Maimon), cujo pensamento filosófico gerou divergências entre os religiosos judaicos da época. A população sefardita representou mais de 90% dos judeus no século XI (SCLAR-CABRAL, 1990).

influência de interesses sociais e políticos¹³³. Mesmo que num contexto regional diferente, podemos pensar na relação existente entre o português e o galego: ambos possuem características suficientes para indicar sua origem comum, mas não se considera o galego um dialeto do português. É inegável que existe, além da questão puramente linguística, uma considerável influência política e social no *status* do galego enquanto língua.

De modo semelhante, seria incorreto afirmar que o lombardo e o vêneto são *dialetos do italiano*, porque a língua italiana se formou a partir de uma *koiné* de base toscana, não galo-italica ou vêneta. Podemos afirmar que são *dialetos italianos*, compreendendo “italianos” no sentido de “pertencentes à península itálica”, mas há motivos suficientes para serem considerados línguas.

Por mais falhas que apresente a nomenclatura tradicional, se concebida numa relação de dependência entre dialeto e língua, seu uso é ainda válido porque facilita a compreensão na hora de classificarmos os grupos linguísticos que compartilham características comuns ou próprias dentro de um contexto regional delimitado.

Uma vez que não é nossa intenção propor uma nova nomenclatura, neste estudo utilizaremos *falares* juntamente com os tradicionais *língua* e *dialeto*, unicamente para facilitar a descrição e compreensão do corpus estudado.

Para podermos tratar especificamente do dialeto trentino, é necessário, primeiramente, compreender o contexto linguístico no qual ele está inserido, pois foi a partir desse contexto que os falares da região de Trento se formaram.

Sem essa contextualização, corre-se o risco de uma descrição limitada, incompleta, geradora de equívocos. É preciso entender o dialeto trentino como parte de uma realidade linguística que não se limita à atual província de Trento, mas que é maior, embora fragmentada. Nem todos os fenômenos linguísticos presentes no dialeto trentino são exclusivamente *trentinos*, porque também ocorrem nos dialetos galo-italicos, vênets, romanches e ladinos; nem todas as características presentes no galo-italico, no vêneto e nas línguas retorromânicas ocorrem nos falares da região de Trento.

Se o que nos interessa, mais especificamente, é a variante do dialeto trentino falada em Piracicaba, é importante compreender o contexto linguístico da região tirolésa, pois por meio dessas informações será possível identificar os fenômenos do trentino europeu que não ocorrem no trentino piracicabano e vice-versa. Só assim se

¹³³ Esse conceito esteve sempre presente durante a unificação do estado italiano e as consequências foram os vários conflitos, inclusive armados, no Tirol e em várias regiões italianas. Cfr. HOLZNER (1991).

pode afirmar, com certeza, que o trentino piracicabano preserva, por exemplo, características atualmente extintas nos falares da região de origem dos imigrantes, mas encontradas em dialetos da Lombardia ou no ladino dolomítico. O trentino piracicabano é, ao mesmo tempo, conservador (porque preserva um modo de falar do final do século XIX) e inovador (por causa das influências recebidas da variante falada do português de Piracicaba). Portanto, uma introdução à realidade linguística dos Alpes Centrais é mais do que relevante neste trabalho; torna-se imprescindível.

Vale lembrar que, neste estudo, não trataremos dos falares dos Alpes Ocidentais (francoprovençal e occitano) e da França, para evitar uma descrição extensa que não tem uma relação considerável com os falares da região tirolense e com o dialeto trentino.

Como é sabido em se tratando de estudo das línguas, fronteiras linguísticas não correspondem necessariamente a fronteiras políticas. No caso de territórios montanhosos como o Tirol, a acidentada geografia dos Alpes foi também responsável pela grande fragmentação linguística existente. Não são poucas as comunidades localizadas em áreas de difícil acesso, que, por conta do isolamento, preservaram em seus falares traços de línguas antigas ou criaram *gírias* locais.

Desde a França até a Croácia (antiga Dalmácia), o legado romano deixou marcas profundas nas culturas locais e possibilitou a existência de falares de origem latina em todo esse território montanhoso. Em 15 a.C., com Druso e Tibério, os romanos trataram de dominar os territórios alpinos da Récia, da Nórica e da Gália Cisalpina, dando início a um processo constante de latinização dos povos nativos. A adoção do latim pelos réticos e gauleses pressupõe um substrato linguístico anterior à latinização e que influenciou os falares ali surgidos (EICHENHOFER, 1989). Entretanto, o que nos interessa são os falares surgidos a partir do latim vulgar, durante a Alta Idade Média.

Apesar da grande presença germânica no Norte da Itália, não ocorreu – como se poderia pensar – uma substituição do latim pelas línguas germânicas. O que se viu foi algo que podemos chamar de “fracasso linguístico” dos germânicos, ocasionado na adoção do latim pelos conquistadores longobardos e francos. Seria essa iniciativa germânica uma tentativa de recuperar o legado romano de outrora? Impossível responder, mas era inegável que até para os germânicos a língua latina detinha grande prestígio e sua difusão esteve ligada à consolidação política da Europa ocidental. Foram os *dominadores* que adotaram o latim do decaído império e não o contrário, agindo de modo semelhante aos romanos de outrora quando, ao dominarem a Grécia, deixaram-se helenizar por ela.

Os francos chegaram à Itália através da Gália (atual França), onde estavam há dois séculos, tendo sido ali romanizados. Chegaram provavelmente bilíngues, mas não é fácil atribuir a origem de uma palavra ao franco pela falta de dados (CASTELLANI, 2000). Já os Lombardos (de *Langbarten*, “que têm barbas longas”) se estabeleceram na atual região italiana da Lombardia (“terra dos Longobardos”) e sua romanização foi relativamente rápida, sendo considerável o número de empréstimos (sobretudo lexicais) do lombardo nos falares setentrionais italianos e na própria *koiné* toscana (*bando*, *elmo*, *guardia*). Já as tribos germânicas que se estabeleceram no território das atuais Suíça e Áustria (sobretudo os Alamanos e Baiuvaros) não adotaram o latim, mas conviveram com seu uso durante séculos. Entre os séculos X e XI, colonos de origem germânica adentraram pelo vale do rio Ádige e estabeleceram-se efetivamente na região tiroleza até a atual *Salorno* (al. *Salurn*), suprimindo os falares neolatinos até então existentes por aqueles germânicos. Os que seguiram mais para o sul e se estabeleceram nos vales do antigo ducado de Trento, não conseguiram germanizá-lo a ponto de suprimir os falares de origem latina ali enraizados, embora o alemão fosse outrora muito mais presente nessas áreas e o bilinguismo uma realidade. Não é por menos que o superstrato alemão influenciou em diferentes níveis vários falares neolatinos dos Alpes Centrais, existentes entre a Itália, a Áustria e a Suíça.

Mas foi a geografia montanhosa que contribuiu com a grande fragmentação de falares e determinou a existência de *confins linguísticos*, muitos dos quais antiquíssimos. No norte da Itália, onde, como vimos, dominaram as línguas românicas, é ainda considerável a presença de minorias alemãs, que além do alemão padrão, preservam dialetos bastante conservadores como o valser, o cimbro e o móqueno.

Essa fragmentação linguística se atenuou na Idade Média e se manteve ao longo dos séculos, chamando a atenção de muitos estudiosos a partir do século XIX. No entanto, quase tão grande quanto a fragmentação da Romênia ocidental foram as teorias sobre como distinguir e classificar esses falares em grupos linguísticos.

Lausberg (1969) classificou as línguas neolatinas em um esquema que dividia a Romênia oriental da ocidental. A oriental foi dividida em dois grupos principais, um formado pelo romeno e outro pelos falares centrais e setentrionais da Península itálica, desde o toscano ao siciliano. A ocidental foi dividida em oito grupos principais, a saber: o português, o espanhol, catalão, o francês, o franco-provençal, o occitano, o retorromânico e o “italiano setentrional”, assim chamado por falta de um termo mais específico. Monteverdi (1952) propõe o termo “alto italiano” para o grupo italiano

setentrional, constituído pelos falares do norte da Itália que não correspondem ao sistema linguístico da *koiné* toscana, formadora do italiano padrão. São eles: o emiliano, o istriota, o lígure, o lombardo e o piemontês (galo-italico), o romanholo e o vêneto, havendo uma grande fragmentação dialetal para cada um.

Os grupos linguísticos do norte da Itália¹³⁴.

¹³⁴ Mapa: nosso, com base em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Languages_spoken_in_Italy.svg

Bec (1971) procurou dividir o grupo galorromânico em três grupos menores: *galorromânico francês* (francoprovençal, pictevino, franciano, borguinhão, baixo normando, alto normando, galoto, angevino, loreno, valão e picardo), *galorromânico occitano* (provençal, catalão, gascão, languedociano, auvergnat e limusino) e *galorromânico cisalpino* que se subdivide, por sua vez, em *retofriulano* (romanche, ladino dolomítico e friulano) e *galo-italiano* (piemontês, lombardo, emiliano-romanhol, ligúrio, vêneto e istriota).

Ainda que semelhanças fonéticas, lexicais e morfosintáticas entre os falares do Norte da Itália sejam consideráveis, também consideráveis são as diferenças existentes entre elas, impossibilitando a afirmação categórica de que no passado houvesse uma unidade linguística, pois essas semelhanças não são suficientes para provar que houvesse na Alta Idade Média uma unidade abrangendo toda a região alpina.

Na verdade, não é possível sequer afirmar que no passado houvesse um único grupo que compusesse uma unidade linguística. Atualmente, parece não haver dúvidas quanto à distinção existente entre os grupos retorromânico, galorromânico e itadorromânico, mas nem sempre foi assim e a discussão nem sempre se limitou ao nível acadêmico.

Um dos primeiros pesquisadores a publicar textos comparando os falares retorromânicos (antes mesmo do surgimento dessa nomenclatura) com aqueles da região trentina foi o padre Giorgio Sulzer, sacerdote da Diocese de Trento. Sulzer (1855) observou que os falares do Maciço do *Sella*, no Tirol, e os falares românicos do Cantão Grisões, na Suíça, apresentavam semelhanças, e considerou tratar-se de variantes de uma mesma língua “de origem rética”. Estes falares, por sua vez, eram de algum modo aparentados aos falares *romances* existentes no território da diocese tridentina, ou seja, os falares trentinos.

Posteriormente, em 1873, Graziadio Isaia Ascoli estudou essas semelhanças em seus *Saggi Ladini* (“ensaios ladinos”), considerando-as resquícios de uma antiga unidade linguística existente no território montanhoso desde a Suíça até a Ístria, passando pelo Tirol e pela região trentina. O renomado linguista goriziano procurou identificar os “fenômenos ladinos” presentes nos diversos falares da área alpina, inclusive entre os trentinos, e classificou aqueles do Cantão Grisões, do Maciço do *Sella* e do Friúl (it. *Friuli*, al. *Friaul*) numa unidade que chamou de *ladino*, dividindo-os respectivamente em *ladino ocidental*, *central* e *oriental*. A nomenclatura baseava-se,

entre outros motivos, no fato de os falantes do romanche puter e do ladino dolomítico identificarem o próprio idioma enquanto *ladin* (“latim”), ou seja, oriundo do latim.

Em 1883, Theodor Gartner utilizou pela primeira vez o termo *Rätoromanisch* (“retorromânico”) para classificar as línguas do mesmo grupo, gerando uma confusão de nomenclatura na identificação do romanche. A partir daí, o termo *retorromânico* passou a indicar um grupo linguístico de origem comum, do qual faziam parte o ladino, o romanche e o friulano.

Quando comparadas entre si, as línguas do grupo retorromânico (romanche, ladino e friulano) apresentam algumas características comuns:

- os grupos fonéticos *cl-*, *pl-*, *bl-*, *fl-* (como no occitano e no francês);
- a palatalização de *c-* [tʃ] e *g-* [dʒ] antes de *-a*, com transformação consequente de *a > e*;
- a palatalização de *u > ü* [y] e *o > ö* [ø] (como no francês e no lombardo);
- a vocalização de *-l > -u* (como no francês e no português)
- a manutenção do *plural sigmático*, ou seja, desinência plural em *-s*, convivendo com as desinências em *-i* e *-e*, comuns ao italiano.

Vale lembrar que o final do século XIX é marcado pela unificação italiana e pelas disputas territoriais entre o Império Austro-húngaro e o Reino Italiano. Nesse contexto, estudiosos como Carlo Salvioni (1917) e Carlo Battisti (1929), argumentavam contra sobre a pretensa unidade do romanche, do ladino e do friulano, afirmando que não se tratava de um grupo linguístico porque apresentam, entre outras, características comuns ao galo-italico e ao vêneto. A discussão foi influenciada pelos nacionalismos do final do século XIX e início do século XX e ficou conhecida como *questione ladina* (“questão ladina”).

Redfern (1971) procurou comprovar a pretensa unidade retorromânica baseando-se no léxico, o que se tornou extremamente dificultoso por causa do considerável número de variantes existentes no romanche, no ladino e no friulano. Uma reconstrução do *antigo retorromânico* levando em conta apenas os casos de concidências vocabulares e fonéticas apresenta muitos problemas, pois muitas dessas coincidências também aparecem em outros falares, como no galo-italico. Fica difícil, desse modo, afiliar o léxico retorromânico a um pretenso grupo outrora homogêneo. O italiano tem muitas palavras comuns ao francês e que não ocorrem nos falares retorromânicos. Quando

comparados com os dialetos setentrionais italianos, os falares retorromânicos apresentam várias semelhanças fonéticas, lexicais e morfossintáticas. Isso demonstra que muitas características não são exclusivas dos falares retorromânicos, pois ocorrem também entre os dialetos italianos.

Segundo Battisti (1929) e Rizzolatti (1984), considerar a desinência plural em -s como diferenciadora do grupo retorromânico no contexto alpino não é viável, pois não se trata de característica exclusiva dos falares rettoromânicos, uma vez que era difusa por boa parte da região alpina e estava presente no antigo lombardo¹³⁵.

É possível afirmar que a área do retorromânico era outrora muito maior do que a atual, sem, com isso, admitir a existência de uma unidade linguística do romanche, do ladino e do friulano. A fragmentação é muito antiga e, sobre suas origens, Viaro (2001, p. 60) apresenta algumas hipóteses:

O “proto-retorromânico” existia em uma área contínua entre a Suíça e a Friulia, convivendo com o “proto-galo-italico”, sem se confundir com este. Trata-se da *hipótese monogenética de oposição binária*, muito simplista, porque opõe dois blocos homogêneos.

O “proto-retorromânico” existia em uma área contínua e convivia sem se confundir com os dialetos setentrionais que, por sua vez, não formaram um grupo uniforme. Assim, existiriam também um “proto-lombardo” e um “proto-vêneto”. Trata-se da *hipótese monogenética de oposição múltipla* defendida por Ascoli (1873) e principalmente por Gartner (1883).

a) Não havia um “proto-retorromânico”, mas três grupos distintos de falares retorromânicos: o “proto-romanche”, o “proto-ladino” e o “proto-friulano”, que se opunham a um único “proto-galo-italiano”. Trata-se da *hipótese poligenética de oposição negativa* defendida por Wartburg (1928).

b) Não havia o “proto-retorromânico” nem o “proto-galo-italico”. O que existem são derivações ou do italo-românico (Salvioni, 1917) ou do galorromânico (Bec, 1971). Trata-se da *hipótese monogenética incorporadora*.

¹³⁵ E consequentemente, no trentino antigo, como se verá adiante.

- c) Não havia o “proto-retorromânico” nem o “proto-galo-italico”, pois os grupos romanche, ladino e friulano nunca formaram uma unidade, tendo sempre existido. Cada grupo está ligado a um grupo maior, que inclui alguns dialetos italianos. Trata-se da *hipótese poligenética incorporadora* defendida por Battisti (1931) e Pellegrini (1972).
- d) Ainda que não formem uma unidade, os grupos retorromânicos distinguem-se dos dialetos italianos por conta de suas características próprias. Trata-se da *hipótese poligenética de oposição múltipla e negativa*, defendida por Tagliavini (1972).

Torna-se difícil, pela falta de provas científicas, afirmar categoricamente a existência de um único idioma antigo do qual se originaram o romanche, o ladino e o friulano, ou, ainda, admitir a existência da unidade defendida por Ascoli e Gartner. Do mesmo modo, classificar esses falares como sendo pertencentes ao grupo galo-italico ou vêneto, como fizeram Battisti e Salvioni, não resolveria o problema, pois é sabido que ambos o fizeram por conta de uma visão politizada e nacionalista da época. Classificações contaminadas pelo nacionalismo também não admitiam “línguas mistas”, como os falares vêneto-ladinos, o bregalhoto da Suíça (cujo léxico possui afinidade com o romanche enquanto a gramática com o lombardo oriental), ou dialetos de transição como aqueles existentes entre o emiliano e o lombardo oriental.

Em seus estudos sobre o romanche, Viaro (2001) se baseia na *hipótese poligenética de oposição múltipla e negativa*, defendida por Tagliavini (1972), admitindo que o romanche (grupo retorromânico) não deve ser confundido com o lombardo (grupo galo-italico) e não possui uma relação *monogenética* com o ladino dolomítico e com o friulano. A unidade do grupo retorromânico é também questionada por estudiosos atuais como Kreefed (1994).

Seria razoável afirmar que se trata de grupos linguísticos independentes, representantes de três sobrevivências isoladas do latim medieval. Caso houvesse no passado uma unidade retorromânica desde a Suíça, passando pelo Tirol até a Friulia, como defendeu Ascoli, é diacronicamente inegável que os superstratos alemão, galo-italico e vêneto interferiram significativamente nesse “proto-retorromânico”, a ponto de diferenciarem os falares retorromânicos entre si. E, pelo contato, também diferenciaram entre si os dialetos setentrionais italianos, gerando a grande fragmentação alpina.

Segundo Wolfgang Eichenhofer (1989), a ocorrência dos fonemas /c/ e /tʃ/ é uma regra no território galorromânico, existindo nos dialetos setentrionais italianos, incluindo o *protorretorromânico* por causa do “substrato celta”. A ocorrência de /k/ e /g/ é, portanto, posterior e, por isso, existem semelhanças vocálicas entre o ladino, o romanche e o friulano e destes com dialetos setentrionais italianos (como o lombardo e o vêneto) e com línguas latinas fora da área geográfica dos Alpes.

Sobre a palatalização de *ca-* e *ga-* latinas, *característica* dos falares do grupo retorromânico, Viaro (2001, p. 79-80) afirma que o “mais prudente seria admitir que ondas de influência sobre falantes de latim vulgar foram alterando aos poucos os hábitos articulatórios, além de introduzir peculiaridades morfossintáticas e lexicais”. Ora, sabe-se que ainda que o substrato influencie, não ocasiona necessariamente os mesmos fenômenos em todos os falantes. Questionando as hipóteses sobre as influências do substrato celta na palatalização, parte do princípio de que o substrato celta não era homogêneo e que nem todas as áreas do grupo retorromânico foram habitadas pelos originalmente celtas, mas também pelos réticos. Enquanto a ocorrência de /tʃ/ e /dʒ/ diante de /e/ e /i/ é comum em toda a România, com exceção da Sardenha, a palatalização de *ca-* e *ga-* pode ser um fenômeno regional dos falantes de latim sem necessariamente depender do substrato celta, pois “os traços não distintivos ‘palatalizantes’ dos fonemas /k/ e /g/ permaneceram latentes em muitas regiões, seja por substrato celta, seja pelo próprio latim”.

Redfern (1971) pretendeu comprovar a unidade retorromânica por meio de estudos do léxico, o que se tornou inviável exatamente porque o que existe são concidências vocabulares, mas não um vocabulário comum que permitisse remontar o substrato de outrora. Há casos próprios como a palavra romanche *crap* <rocha, montanha> (ladino *crep*, friulano *clap*), de obscura etimologia, mas que não permitem afiliar o léxico a um grupo outrora homogêneo. O mesmo se dirá das coincidências fonéticas.

Pellegrini (1972) contestou a unidade do ladino dolomítico, afirmando existirem três grupos distintos: o atesino, o cadorino e o agordino (venetizado). Tratando dos dialetos setentrionais, prefere utilizar “dialetos da Itália” a “dialetos italianos”, uma vez que as diferenças e semelhanças entre o que é “ladino” e o que é “italiano” são baseadas no italiano padrão, uma *koiné* toscano-florentina, e não nos dialetos limítrofes. Essa concepção leva em conta as semelhanças fonéticas e vocabulares existentes entre os

dialetos ladinos e os “dialetos da Itália” das áreas de contato que, conseqüentemente, dão ênfase à grande fragmentação existente.

Sem dúvida, o contato interferiu consideravelmente na continuidade desses falares alpinos, fazendo com que as línguas de substrato se aproximassem em vários aspectos das línguas de superstrato e possibilitou interferências múltiplas. A estrutura sintática do romanche se assemelha à do alemão, o que não significa que a estrutura do romanche se “contaminou” com a do alemão; em determinado momento, falantes de alemão passaram a falar romanche também e utilizaram a estrutura que lhe era familiar.

O contato também possibilitou a formação de “línguas mistas”, que ASCOLI definiu como sendo das regiões das *anfizone* ao classificar os falares “ladino-vênetos” e “vêneto-ladinos”. Essas línguas mistas revelariam a existência de um *antigo ladino* que atuou na condição de substrato, garantindo características na estrutura morfológica dos falares ladino-vênetos e, ao mesmo tempo, atuou na difusão de formas sobretudo lexicais no substrato vêneto, ocasionando os falares vêneto-ladinos.

Além da geografia, os contextos histórico, político e social são relevantes. Os falantes do romanche e do ladino jamais afirmariam serem falantes de um dialeto italiano por vários motivos: rechaçaram as ideias irredentistas, não participaram do processo da unificação italiana (durante a Primeira Guerra, os ladinos lutaram pela Áustria contra a Itália) e, durante séculos, estiveram culturalmente ligados ao mundo germânico. De modo semelhante os falantes do friulano, que, durante o governo fascista, não admitiram que sua língua fosse considerada um dialeto italiano por conta da identidade local e da antiga tradição literária em friulano.

Mesmo que a *unidade* seja ainda motivo de discussão, é usual classificar os falares romanches, ladinos e friulanos enquanto pertencentes ao *grupo retorromânico* e, por isso (evitando confusões classificatórias), também os identificaremos como tal.

Cumpra lembrar que este trabalho tem como objetivo principal apresentar o dialeto trentino em sua variante falada na cidade brasileira de Piracicaba, comparando-a com o trentino europeu para buscar diferenças que justifiquem se tratar de *trentino brasileiro* porque conta com acréscimos fonéticos, lexicais e sintáticos do português brasileiro da região de Piracicaba, ao mesmo tempo em que preservou no Brasil aspectos do trentino europeu do final do século XIX. No entanto, tornou-se necessário tratar – ainda que de modo superficial – dos dialetos do norte da Itália (galo-italico e vêneto), do ladino dolomítico, do romanche e do friulano, de maneira a apresentar dados que possam corroborar com as informações apresentadas.

Para ilustrar com exemplos, utilizaremos um trecho da história da raposa e do corvo de Esopo, que será traduzido para os dialetos do romanche, do ladino, do friulano, do galo-italico, do vêneto, do dialeto trentino europeu, do trentino piracicabano e, inclusive, para os dialetos alemães existentes no Tirol (superstrato).

O mesmo trecho foi utilizado por Gross (1996), por Viaro (2001) e por Videssot (2002), assim como nos apêndices de nossa dissertação de mestrado (2009). A versão latina é aquela de Kofler (*Universität Innsbruck*), apresentada por Videssot (2002):

VULPES EX MORE SUO FAME VEXATA CORVUM FRUSTRUM CASEI IN ROSTRO TENENTEM VIDET. “ID MIHI BENE SAPERET!” SECUM COGITAVIT ET CORVUM VOCAVIT: “QUAM PULCHER ES! SI CANTUS TUUS TAM PULCHER EST QUAM ADSPECTUS TUUS, NON DUBIUM EST TE PULCHERRIMUM OMNIUM ESSE”.

PORTUGUÊS: A raposa estava novamente com fome e ela viu num pinheiro um corvo que tinha um pedaço de queijo em seu bico. “*Isso me saberia bom*”, pensou ela, e clamou ao corvo: “*Que belo pássaro que és! Se teu canto fosse tão belo quanto tua aparência, sem dúvida és tu o mais belo de todos*”.

1.1. O GRUPO RETORROMÂNICO

Tratando dos falares do grupo retorromânico, daremos maior enfoque ao ladino que ao romanche ou ao friulano por se tratar de um idioma do Tirol histórico, que outrora se expandia por boa parte do atual Trentino. Uma vez que o ladino e o trentino são línguas de contato (que compartilham diversas características comuns da área alpina), será possível compará-los e identificar fenômenos comuns e diferenças.

1.1.1. O ROMANCHE

Os Grisões (it. *Grigioni*; al. *Graubünden*) formam o maior cantão da Suíça e somente ali é falado originalmente o romanche (rom. *rumantsch*; it. *romancio*; al. *Romanisch*, *Rätoromanisch*). Na Antiguidade, o território dos Grisões era habitado pelos celtas e réticos (estes apenas na parte oriental) e, apesar de o romanche ser

considerado uma língua *retorromânica* (aparecendo em alguns manuais como *rético*), são escassas as informações sobre o substrato anterior ao latim. Não se sabe ainda se a língua rética pertenceria à família das línguas europeias e há teorias acerca de seu parentesco com o etrusco (CONWAY, 1933).

Os confins linguísticos no cantão suíço dos Grisões¹³⁶.

Vários autores (ASCOLI, BARTOLI, ROHLFS) concordam ter havido um substrato pré-romano anterior à conquista desse território por Roma, a partir de 15 a. C. A

¹³⁶ Mapa: nosso, com base em: http://en.wikipedia.org/wiki/File:Mundarten_Graub%C3%BCnden.png

romanização dessas populações nativas pode ter durado séculos e o primeiro contato com o latim se deu certamente com os soldados e colonos romanos ali instalados.

Vale recordar que o romanche nunca foi a única língua do Cantão dos Grisões; em 1880, era a língua materna de 39,8% da população local. O alemão foi o que mais ganhou espaço nos Grisões nos últimos dois séculos, mas há cidades e vilas onde o idioma principal sempre fora o alemão (oficial e dialetos alamânicos) ou o italiano (oficial e dialetos lombardos). O galo-italico expandiu sua área para o Norte através de alguns vales e influenciou os falares romanches, mas não chegou a adentrar a região com a mesma intensidade do alemão. Com a chegada da tribo germânica dos Alamanos durante a Alta Idade Média, teve início o processo de povoamento dos vales de boa parte da atual Suíça e os falares germânicos substituíram os neolatinos em muitos lugares, além de atuarem continuamente como superstrato no romanche.

Assim como os demais falares alpinos, o romanche também apresenta grande fragmentação, dividindo-se em:

- a) **Valáder** (rom. *ladin*, *rumantsch*, *vallader*, al. *Unterengadinisch*), falado na Baixa Engadina (*Val Sura* e *Val Suot*) e *Val Müstair* (al. *Münstertal*). Em *Livigno*, na Lombardia (Itália), existe uma variante “mista” do valáder e do lombardo.
- b) **Jauer** (rom. *ladin*, *rumantsch*, *jauer*) variante muito próxima ao valáder, falada em *Val Müstair*. Até o século XIX era difuso em *Val Venosta* (al. *Vintschgau*), no Tirol do Sul, sendo gradativamente suprimido pelo governo imperial austríaco por causa da difusão do protestantismo entre os romanches.
- c) **Puter** (rom. *ladin*, *rumantsch*, *putèr*, al. *Oberengadinisch*), falado na Alta Engadina, no Vale Bregalha (it. *Val Bregaglia*) juntamente com o dialeto lombardo e, em *Val Albula*, juntamente com o romanche sobremirano.
- d) **Sobresselvano** (rom. *romotsch*, *sursilvan*, al. *Oberländisch*, *Obwaldisch*, *Surselvisch*), falado na região de *Surselva* (al. *Bündner Oberland*), desde o rio Reno, antes de *Flims*, até *Tschamut*.
- e) **Tuatchin** (rom. *romotsch*, *tuatschin*), falado em *Tujetsch* e *Val Medel*, a oeste da área do sobresselvano, sendo considerado uma variante deste.

f) **Subselvano** (rom. *rumantsch, sutsilvan*, al. *Niedwaldisch, Unterländisch*), falado na região de *Subselva* (al. *Mittelbüenden*), em *Schams, Domigliasca* e *Heizenberg*, na porção oriental da área do sobresselvano, separado deste pela floresta de *Flem* (al. *Flemwald*).

g) **Sobremirano** (rom. *rumantsch, surmiran*, al. *Mittelbüendnerisch, Surmeirisch*), falado na região denominada *Mittelbüenden*, em *Oberhalbstein*.

Até o século XIX falava-se o romanche bregalhoto (*bargaiot*; it. *bregagliotto*), falado em *Val Bregaglia*, que foi sendo influenciado gradativamente pelo lombardo e atualmente é um dialeto de transição, com gramática próxima do lombardo e léxico do romanche (a variante *Sopraporta* é mais próxima do romanche, enquanto a de *Sottoporta* é mais próxima do lombardo).

Os verbos no infinitivo são terminados em *-ar, -air, -er* ou *-ir* (*puttar* <levar>, *tegnair* <ter>, *vender* <vender>, *sufrir* <sofrer>), existindo seis tempos no romanche (presente, imperfeito, perfeito, mais-que-perfeito, futuro e futuro II) e quatro modos (indicativo, conjuntivo, condicional e imperativo).

Uma das características distintivas dos dialetos *engadinos* (*valáder, jauer* e *puter*) é a conservação de *ü* [y] e *ö* [ø], que passaram a *i* [i] e *e* [e]: *cumün* > *cumin*; *chöd* > *tgiet*. Outra característica destes dialetos é a grande manutenção de ditongos (*-ai, -au, -ei, -eu, -ia, -ie, -io, -iu, -oe, -ou, -ue* e *-uo*), que não ocorrem em todos os falares do romanche.

A palatalização de *c* e *g* latinas [tʃ] e [dʒ] antes de *-a* (grafadas como *tg-*, *ch-* e *tsch-*) ocorrem largamente no romanche: *puter appaarentscha* [apʌrentʃa] <aparência>, *rumantscha* [ru'mantʃa] <romanche>, *valáder giat* ['dʒat] <gato>, *puter giallina* [dʒa'lina] <galinha>. A grafia *sch-* indica [ʃ] (*uschè* [u'ʃɛ] <assim>) em todas as posições; nos casos de *s+t* e *s+p*, [s] torna-se [ʃ] (*gustess* [guʃ'tes] <gostaria>, *est* [eʃt] <és>, *puspe* [puʃ'pe] <de novo>).

No que se refere à ortografia, cada variedade possui sua própria norma ortográfica, com consideráveis diferenças entre si. Essa diversidade existente é, inclusive, histórica. A escrita do *puter*, por exemplo, é mais conservadora e não condiz exatamente com a língua falada atualmente, o que dificulta a pronúncia se comparada às demais grafias existentes. O sobresselvano possui duas ortografias tradicionais, uma católica e outra protestante, que trazem, inclusive, as diferenças regionais (VIARO,

2001). É notória a influência da grafia alemã em *sch-* [ʃ] e *tsch-* [tʃ], embora haja casos nos quais a grafia romanche não condiz com a alemã: *tg-* [c], [tʃ]. No sobresselvano é usado *-ieu* para a grafia de [ø], assim como no francês.

Em 1982, o linguista Heinrich SCHMIED tratou de unificar a grafia do romanche a partir dos dialetos sobresselvano, valáder e sobremirano, pensando em uma única escrita que ajudasse na preservação do idioma na Suíça e pudesse ser usada em meios de comunicação. Tratou-se de um trabalho exaustivo e bastante denso, que resultou na norma que foi chamada *Rumantsch Grischun* (“romanche grisão”). Além das diferenças lexicais, fonéticas e morfossintáticas, as diferenças ortográficas tornaram-se um desafio na hora de unificar a escrita. Vejamos, por exemplo, como as oclusivas [ka], [ke], [ki], [ko], [ku] são grafadas de três maneiras diferentes:

- *ca, che, chi, co, cu* para o sobremirano e sobresselvano.
- *ca, ce, ci, co, cu* para o subselvano.
- *ca, ke (ce), ki (ci), co, cu* para o valáder e puter.

Enquanto isso, as africadas [ca], [ce], [ci], [co], [cu] são grafadas de duas maneiras diferentes:

- *tga, tge, tgi, tgo, tgu* para o sobresselvano, o subselvano e o sobremirano
- *cha, che, chi, cho, chu* para o valáder e puter

A proposta de SCHMIED fez uso da história interna dessas variantes a partir do latim vulgar e a escrita baseou-se no cálculo do princípio da maioria, de modo a estabelecer uma escrita que fosse razoável para os falantes. Inicialmente, não foi totalmente aceito pelos falantes, que o consideraram artificial, mas parece ser cada vez mais difundido graças aos esforços da *Lia Rumantscha* (“liga romanche”), entidade que promove o uso do romanche na Suíça. Eis alguns exemplos do esquema ortográfico para a escrita do romanche grisão (GROSS, 2004: 42), a partir do princípio da maioria, ainda que fossem utilizados apenas os dialetos sobresselvano, valáder e sobremirano:

Latim	Sobresselvano	Subselvano	Sobremirano	Puter	Valáder	Grischun
<i>aurum</i>	<i>aur</i>	<i>or</i>	<i>or</i>	<i>or</i>	<i>or, aur, ar</i>	<i>aur</i>
<i>canem</i>	<i>tgaun</i>	<i>tgàn</i>	<i>tgang</i>	<i>chaun</i>	<i>chan</i>	<i>chaun</i>
<i>casa</i>	<i>tgeasa</i>	<i>tgesa</i>	<i>chesa</i>	<i>chasa</i>	<i>chasa</i>	<i>chasa</i>

<i>caseolus</i>	<i>caschiel</i>	<i>caschiel</i>	<i>caschiel</i>	<i>chaschöl</i>	<i>chaschöl</i>	<i>chaschiel</i>
<i>cattus</i>	<i>gat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>
<i>durus</i>	<i>dir</i>	<i>dir</i>	<i>deir</i>	<i>dür</i>	<i>dür</i>	<i>dir</i>
<i>ego</i>	<i>jeu</i>	<i>jou</i>	<i>ia</i>	<i>eau</i>	<i>eu</i>	<i>jau</i>
<i>forma</i>	<i>fuorma</i>	<i>furma</i>	<i>furma</i>	<i>fuorma</i>	<i>fuorma</i>	<i>furma</i>
<i>fructus</i>	<i>fretg</i>	<i>fretg</i>	<i>fretg</i>	<i>früt</i>	<i>früt</i>	<i>fritg</i>
<i>gallina</i>	<i>gaglina</i>	<i>gagliegna</i>	<i>gagligna</i>	<i>gillina</i>	<i>giallina</i>	<i>giaglina</i>
<i>hora</i>	<i>ura</i>	<i>ura</i>	<i>oura</i>	<i>ura</i>	<i>ura</i>	<i>ura</i>
<i>levis</i>	<i>lev</i>	<i>leav</i>	<i>lev</i>	<i>liger</i>	<i>leiv</i>	<i>lev</i>
<i>oculus</i>	<i>egl</i>	<i>il</i>	<i>îgl</i>	<i>ögl</i>	<i>ögl</i>	<i>egl</i>
<i>rota</i>	<i>roda</i>	<i>roda</i>	<i>roda</i>	<i>rouda</i>	<i>rouda</i>	<i>roda</i>
<i>totus</i>	<i>tut</i>	<i>tut</i>	<i>tot</i>	<i>tuot</i>	<i>tuot</i>	<i>tut</i>

Para uma melhor compreensão acerca da fragmentação do romanche, seguimos com traduções da história da raposa e do corvo nas variantes existentes, presentes em GROSS (2004) e VIARO (2001)¹³⁷:

Valáder:

(VIARO, 2001) – variante de *Val Suot* e *Tasna*:

La guolp d'eira darchè üna jada fomantada. Qua ha'la vis sün ün pin ün corv chi tгнаiva ün toc chischöl in siou pical. “Quai am gustess” ha'la pensà, ed ha clumà al corv: “Cha bel cha tü est! Scha tiou chant es uschi bel sco tia apparentscha, lura est il pü bel utsche da tuots!”.

[la 'gwɔlp 'dɛjɾɐ dɐr'cɛ ynɐ 'ja:dɐ fomɐn'ta:dɐ kwa a'lɐ vis syn ym 'pin yn 'kɔrf ci t'naj:vɐ yn 'tok ci'zɔ:t in sɛjs 'pikɐt kwaj ɐm gu'f'tes alɐ pen'sa: ed a klu'ma: ɐt 'kɔrf cɐ bɛt cɐ ty ɛft ʃɐ tɛjs 'cant ɛs u'ʃi bɛt ʃko tiɐ ɐpɐ'rentʃɐ 'lu:ra ɛft it py bɛt u'tʃɛ da 'twɔts]

(GROSS, 2004) – variante de *Val Sura*:

La vuolp d'eira darcheu üna jada fomantada. Qua ha'la vis sün ün pin ün corv chi tгнаiva ün toc chaschöl in seis pical. “Quai am gustess” ha'la pensà, ed ha clamà al corv: “Che bel cha tü est! Scha teis chant es uschè bel sco tia apparentscha, lura est il plü bel utschè da tuots!”.

¹³⁷ Ahamos interessante contrastar duas versões (quando existentes) de um mesmo dialeto para dar uma ideia da fragmentação característica desses falares alpinos e para uma melhor comparação destes com os dialetos ladinos e com o dialeto trentino. A versão do romanche de Val Venosta foi retirada de: http://www.liarumantscha.ch/data/media/pdf/facts_figures/facts_figures_rumantsch.pdf#page=28

[la 'vwɔlp 'deɪrɫ dɫɾ'cew ɣnɫ 'ja:dɫ fɔmɫn'ta:dɫ kwa a'lɫ vis syn ym 'pɪn ɣn 'kɔrf ci t'naj:vɫ ɣn 'tok ca'zø:t in seɪs 'pɪkɫt kwaj ɫm guf'tes alɫ pen'sa: ed a klɫ'ma: ɫt 'kɔrf ce bɛt cə ty ɛft ʃə tɛjs 'cant ɛs u'ʃi bɛt ʃko tɪɫ apɫ'rentʃɫ 'lu:ra ɛft ɪt ply bɛt u'tʃɛ da 'twɔts]

Jauer, outrora também difuso em *Vintschgau*, no Tirol do Sul (al. *Südtirol*):

La uolp d'era darchiau üna jada fomantada. Qua ha'la vis süin ün pin ün corv chi tгнаiva ün toc chascöl in seis pical. “Quai am gustess”, ha'la s'impissà, ed ha clomà al corv: “Cha bel cha tü esch! Scha tes chaunt es iscè bel sco tia apparentscha, lura esch tü il pü bel utschè da tots!”

[la 'wuɔlp 'dɛɪɫ dɫɾ'cəw ɣnɫ 'ja:dɫ fɔmɫn'ta:dɫ kwa a'lɫ vis syn ym 'pɪn ɣn 'kɔrf ci t'naj:vɫ ɣn 'tok ca'zø:t in seɪs 'pɪkɫt kwaj ɫm guf'tes alɫ sinpi'sa: ed a klo'ma: ɫt 'kɔrf ce bɛt cə ty ɛf ʃə tɛs 'cawnt ɛs i'ʃɛ bɛt ʃko tɪɫ apɫ'rentʃɫ 'lu:ra ɛf ty ɪt py bɛt u'tʃɛ da 'tɔts]

Puter:

La vuolp d'eira darcho üna vouta famanteda. Co ho'la vis süin ün pign ün corv chi tгнаiva ün töch chascöl in sieu pical. “Que ma gustess”, ho'la penso, ed ho clamo al corv: “Che bel cha tü est! Scha tieu chaunt es uschè bel scu tia apparentscha, alura est il pü bel utschè da tuots!”

[la 'vuəlp 'dɛɪrɫ dɫɾ'cɔ ɣna 'vɔktɫ fɫmɫn'te:dɫ ko ɔ'lɫ vɪks syn ym 'pɪn ɣn 'kɔrv ci t'naj:vɫ ɣn 'tɔc ca'zø:t in sjɫ 'pɪkɫt ke m guf'tes 'ɔla pen'so: ed ɔ klɫ'mo: ɫt 'kɔrf ce bɛt cə ty ɛft ʃə tjɫ 'cɛnt ɛs u'ʃɛ bɛt ʃku tjɫ apɫ'rentʃɫ a'lugrɫ ɛft ɪt py bɛt u'tʃɛ da 'tuəts]

Sobresselvano (pronúncia padrão):

L'uolp era puspei inaga fomentada. Cheu ha ella viu in pégn in tgaper che teneva in toc caschiel en siu bec. “Quei gustass a mi”, ha ella tertgau, ed há clamau al tgaper: “Tgei bi che ti eis! Sche tiu cant ei aschi bials sco tia cumparsa, lu eis il pli bi utschì da tuts!”

[l'uəlp 'ɛ:rɫ puʃ'paj inɫ'ga fɔmɫn'ta:dɫ kɛɔ ɫ 'ɛ:lɫ 'viw sin im 'peɲ in 'capər ka tə'nə:vɫ in 'tɔk ka'ziət ən siw 'bɛk kwaj guf'tas ɫ'mi ɫ ɛ:lɫ tər'caw ədɫklɫ'maw ɫt 'capər caj bi: kə ti əjs ʃə tiw 'kant əjɫ'ʃi bjɫs ʃko tɪɫ kum'pa:rsɫ 'lu əjs ti ɪt pli bi: u'tʃi dɫ 'tuts]

Subselvano:

(VIARO, 2001) – variante de *Tumleatstga* e *Domleschg*

La vualp eare puspe egn'è fumantada. Qua â ella veu sen egn pegn egn corv ca taneva egn toc caschiel enten sieus pecal. “Quegl gustass a mei”, â ella tartgeu, ed â clamo agli corv: “Tge beal ca tei es! Scha tieus cânt e aschi beal sco tia pareta, alura es tei igl ple beal utschi da tots!”

[lə 'vuəlp 'eərə puʃ'pe əŋ'jɛ fumən'ta:də kwa'a: ɛlə'vɛw 'sɛŋ ɛŋ'peŋ əŋ'kɔərf kə tə'ni:və ŋ'tok kə'ziɛt ɛn'tɛŋ sjɛw 'pikət 'kwɪɪ guʃ'tas ə'maj a: 'ɛlə tər'cew əd a:klə'mɔ əli 'kɔərf cə'bɛət kə taj'is ʃə 'tjeu 'kawnt i ə'ʃi bɛət ʃkɔ tʃə pə'rɛtə ə'lurə is'taj iɪ pli'bɛət u'tʃɛ də'tots]

(GROSS, 2004) – variante de *Mantogna* e *Heinzenberg*:

La vualp eare puspe egn'eada fumantada. Qua â ella vieu sen egn pegn egn corv ca taneva egn toc caschiel ainten sieus pecel. “Quegl gustass a mei”, â ella tartgieu, ed â clamo agli corv: “Tge beal ca tei es! Scha tieus tgânt e aschi beal sco tia pareta, alura es tei igl ple beal utschi da tuts!”

[lə 'vuəlp 'eərə puʃ'pe əŋ'jɛdə fumən'ta:də kwa a: ɛlə vø sɛŋ ɛŋ 'peŋ əŋ 'kɔərf kə tə'ni:və ŋ 'tɔk kə'ziɛt an'tɛŋ sø 'pikət kwɪɪ guʃ'tas ə 'mɛj a: 'ɛlə tər'cø əd a:klə'mɔ əli 'kɔərf cə'bɛət kə tɛj is ʃə tø'cɔnt i ə'ʃi bɛət ʃkɔ tʃə pa'ritə ə'lurə is 'tɛj iɪ plej 'bɛət u'tʃi də'tuts]

Sobremirano:

La golp era puspe eneda famantada. Co ò ella via sen en pegn en corv tgi tigniva en toccaschiel na sies pecal. “Chegl ma gustess”, ò ella panso, ed ò clamo agl corv: “Tge bel tgi te ist! Schi ties cantè schi bel scu tia parentscha, alloura ist te igl pi bel utschel da tots!”

[lə 'gɔlp 'eərə puʃ'pe ə'neədə fəmən'ta:də kwa ɔ ɛlə vi se'nem 'peŋ əŋ 'kɔərf ci ti'ni:və n'tɔk cə'ziɛt əŋ seəs 'pekət kweɪɪm guʃ'tɛs ɔ 'ɛlə a: 'ɛlə pən'zɔ əd ɔ klə'mɔ eɪ 'kɔərf cə bɛət kə tɛ ift ʃi teəs 'cant ɛ u'ʃi bɛət ʃkɔ tiə pa'riənʃə ə'lowrə ift tɛ iɪ pi bɛət u'tʃi də 'tots]

Rumantsch Grischun (variante proposta por SCHMID):

La vulp era puspè ina giada fomentada. Qua ha ella vis sin in pign in corv che tegneva in toc chaschiel en ses pichel. “Quai ma gustass, ha ella pensà” ed ha clamà al

corv: “Tge bel che ti es! Sche tes chant è uschè bel sco tia parita, lura es ti il pli bel utschè da tuts!”

[la 'vulp 'erɐ puʃ'pe ina 'ʒja:dɐ fomen'tɐ:dɐ kwɐ a ɛɐ vis sin in 'piŋ in 'kɔrv ce te'ne:vɐ in 'toc ca'zie:t en ses 'pikɐt kwaj mɐ guʃtas a ɛɐ pen'sa: ed a klɐ'ma: ɐt 'kɔrv tʃe bɛt ce ti es fe tes 'tʃɐnt ɛ u'ʃɛ bɛt ʃko tja pa'rita 'lura es ti it pli bɛt u'tʃɛ da 'tuts]

Basta uma leitura atenta dessas variantes, comparando-as com o romanche grisão (último exemplo), para percebermos o uso do cálculo do princípio da maioria utilizado pelo Prof. Heinrich Schmid na escrita e fonética da variante unificada.

Atualmente, o sobresselvano é o dialeto mais falado (18.000 falantes, incluindo os do *tuatschin*), seguido do valáder (6.000 falantes, incluindo os do *jauer*), do subsselvano (5.000), do sobremirano (4.500) e do puter (3.000). O romanche encontra-se entre as línguas europeias em risco de extinção. Até 1880, cerca de 1,4% dos suíços dos Grisões tinha como língua madre algum dialeto romanche, número que caiu para 0,8% em 1980. O censo linguístico de 1990 informava que 39.632 dos suíços tinham o romanche como língua madre num total de 66.356 pessoas que afirmaram saber falar o romanche. Esse número representava 0,6% da população da Suíça, menor até que o de 1,4% representado pelos falantes do português, pertencentes à comunidade de imigrantes lusitanos (VIARO, 2001: 16). No ano 2000, o número de pessoas que afirmaram ser o romanche sua língua madre caiu para 35.095. A língua vem perdendo espaço, sobretudo, para o alemão suíço (sui. *Schwyzertüütsch*; al. *Schweizerisch*).

1.1.2. O GRUPO LADINO DOLOMÍTICO

O ladino (it. *ladino*; lad. *ladin*; al. *Ladinisch*), também chamado *ladino dolomítico*, é um grupo de falares neolatinos existentes na região montanhosa do Maciço do *Sella* (al. *Sellagruppe*), entre as províncias italianas de Trento, Bolzano e Beluno, e nos trentinos *Val di Non* (al. *Nonsberg*, *Nonstal*) e *Val di Sole* (al. *Sulzberg*).

Trata-se de um idioma do Tirol histórico, que outrora se expandia por uma área maior que a atual. Alguns dos mais antigos topônimos tirolezes têm origem ladina, enquanto outros são ainda mais antigos, como *Vintschgau* (it. *Val Venosta*), cuja origem remonta ao paleovêneto (DEVOTO, 1991).

Não há dúvidas de que, antes da chegada dos baiuvaros à região, populações de língua neolatina habitavam os vales e montanhas do atual Tirol do Leste (al. *Osttirol*), na Áustria, por conta dos topônimos de origem ladina ainda existentes, como *Liëza* para *Linz*, principal cidade do Tirol do Leste, na Áustria.

Apresentamos uma divisão classificatória dos dialetos ladinos, segundo sua distribuição geográfica:

a) **Grupo sul-tirolês do Sella**, onde o ladino é falado juntamente com o italiano, com o dialeto trentino nas áreas próximas de *Branzoll* (it. *Bronzollo*), *Pfatten* (it. *Vadena*) e *Salurn* (it. *Salorno*), com o alemão padrão e com o alemão tirolês (al. *Südtirolersich*).

- Badioto (lad. *badiot*; it. *badiotto*; al. *Gadertalisch* ou *Abteitalisch*), falado em *Val Badia* (al. *Gadertal*, *Abteital*), nas localidades de *La Val*, *Calfosch*, *La Ila*, *Corvara*, *San Ciascian*, *San Linert* e *San Martin de Tor*.
- Marebano (lad. *maréo*; it. *marebano*; al. *Ennebergisch*), variante próxima do badioto falado em *Rina* (al. *Welschellen*).
- Gardenês (lad. *gherdëina*; it. *gardenese*; al. *Grödnerisch*), falado em *Val Gherdëina* (it. *Val Gardena*, al. *Grödnertal*).

b) **Grupo trentino do Sella**, de antigo substrato ladino, mas desde o século XII bastante marcado pelas influências dos falares trentinos do sul do Rio Avisio e *Val di Fiemme* (al. *Fleimstal*, *Flammtal*):

- Fassano (lad. *fascian*; it. *fassano*; al. *fassanisch*), falado em *Val de Fascia* (it. *Val di Fassa*; al. *Fassatal*, *Fassertal*, *Faßtal*) nas variantes *moenat*, *branch* e *cazet*. O ladino fassano convive apenas com o italiano e com o trentino, embora atualmente seja considerável o número de falantes do alemão padrão.

c) **Grupo agordino do Sella**, na província de Beluno. Com marcada influência do dialeto vênето (belunês) desde o século XI, fala-se ladino ao longo do Rio *Cordevole*, havendo muita fragmentação dialetal.

- Fodom (lad. *fodom*; it. *livinallese*; al. *Buchensteinisch*), falado em *Fodom* (it. *Livinallongo*; al. *Buchenstein*).

d) **Grupo ampezzano**, falado na região de Ampezo (it. *Ampezzo*; al. *Haydn*), na província de Beluno. De substrato cadorino e superstrato belunês e vêneto:

- Ampezano (lad. *ampezan*; it. *ampezzano*; al. *Ampezzanisch*), falado em *Val Ampëz* (it. *Val Ampezo*; al. *Petsch-Hayden*). O dialeto de *Val di Zoldo* também apresenta características ladinas.

e) **Grupo cadorino**, da região do Alto Piave, na província de Beluno, considerado intermediário entre o ladino e o friulano cárnico, com superstrato vêneto que data desde o século XV:

- Comelicano (lad. *comelego*; it. *comeliano*), falado em Comélico e *Oltrechiusa*. Trata-se da variante que apresenta características mais conservadoras.
- Cadorino (it. *cadorino*), falado em toda a região de Cadore, com exceção de Comélico e Sapada (onde também se fala o alemão bávaro). Apresenta influências do vêneto belunês.
- Vaiotino (lad. *vajotino*), falado no vale de *Vaiónt*. Trata-se de uma variante isolada, já intermediária entre o ladino e o friulano, que também recebeu influências do vêneto belunês.

f) **Grupo trentino nonês e solandro**, no noroeste da província de Trento, distantes da região do Maciço do *Sella*. Apresentam influências do trentino e do lombardo oriental.

- Nonês (lad. *nones* ou *anaune*; it. *nonese*; al. *Anaunisch*), falado em *Val di Non* (al. *Nonsberg*; *Nonstal*).
- Solandro (lad. *solànder*; it. *solandro*; al. *Sulzbergisch*), falado em *Val di Sole* (al. *Sulzberg*; *Sulztal*) e *Val di Rabbi* (al. *Rabbistal*). Apresenta influências do lombardo oriental, sobretudo a variante de *Rabbi* (lad. *rabies*; it. *rabbieso*), além de semelhanças lexicais e fonéticas com o romanche suíço (*jauer*).

Os falares ladinos nas províncias italianas de Trento, Bolzano e Belluno¹³⁸.

Até o século XVII existiu o ladino novês (lad. *noves*; it. *novese*; al. *Eggentalerisch*), variante próxima ao gardenês difusa desde a montanha de *Seis* (al. *Seiseralp*; it. *Alpe di Siusi*) até *Welschnofen* (lad. *Neva*, it. *Nova Levante*).

Em Val di Fiemme (al. *Fleimstal*), próximo de Val di Fassa, a variante chamada fiamazo (lad. *fiamaz*; it. *fiammazzo*; al. *Fleimstalerisch*) apresenta várias características ladinas, consideradas como resquícios de um ladino que recebeu, desde a Idade Média, um superstrato trentino (RIZZOLATTI, 1984). Também no dialeto cembrano, do vizinho

¹³⁸ Mapa: nosso.

Val di Cembra (al. *Zimmertal*), ocorrem algumas das características *ladinas* presentes no fiamazo (PELLEGRINI, 1982).

O ladino se subdivide em dialetos distintos, referentes aos vales onde são falados. Quase todos os dialetos se encontram nos confins do Tirol histórico, entre a Região Autônoma Trentino-Südtirol (Tirol Meridional) e a Província de Beluno, região do Vêneto (grupos *A*, *B*, *C*, *D* e *F* da divisão classificatória acima). Historicamente vêneta é apenas a região do grupo *E*, pois a região dos grupos *C* e *D* pertencia até 1926 à província de Bolzano¹³⁹.

Os falantes do ladino encontram-se numa área “circundada” por falantes do alemão tirolês, do trentino, do vêneta (belunês) e do lombardo, de modo que o ladino era o idioma de populações bilíngues ou até mesmo trilíngues. Atualmente, contam cerca de 32.000 falantes na Itália e o idioma possui *status* de língua oficial nas províncias autônomas de Trento e Bolzano desde 1946 e na província de Beluno desde 1999. Os dialetos dos grupos *A* e *B*, *C*, *D* e *E* são reconhecidos oficialmente como *ladinos*. Aqueles dos grupos *A* e *B* o são desde o final da Segunda Guerra, e aqueles dos grupos *D* e *E* foram reconhecidos recentemente (2008) pelo governo vêneta. Os falares do grupo *F* não foram ainda oficialmente reconhecidos pela Província de Trento, embora existam projetos para seu reconhecimento oficial como língua minoritária e seja tutelada com *status* de patrimônio linguístico local.

Vários autores (Ascoli, Bartoli, Rohlf) afirmam tratar-se de um idioma cujo substrato linguístico remonta à romanização das populações gaulesas (célticas) e réticas, ocorrida nos Alpes Centrais (*Gallia Cisalpina* e *Raetia*) da parte de Augusto em 25 a.C. Daí a hipótese defendida por Ascoli (1873) de que no passado houvesse uma unidade linguística dessas populações romanizadas.

Até o final do século XIX, o termo “ladino” não era usado pelos estudiosos para designar o grupo linguístico, embora os falantes sempre afirmassem serem falantes de *ladin* (latim), contrapondo seu idioma neolatino ao alemão presente na região. Antes, era chamado em italiano era chamado *romanzo* ou *tirolese* (SULZER, 1855), este último também utilizado para o dialeto trentino. Em alemão, era chamado *Welsch*, *Wälsch* ou

¹³⁹ A região foi desmembrada do Tirol histórico durante o governo fascista, para dividir a população ladina que reivindicava, além do reconhecimento linguístico, o retorno do Tirol Meridional para a Áustria. Desde 2007 já foram realizados dois referendos populares onde a grande maioria da população (mais de 95%) pede o retorno da região de Ampezzo e Livinalongo ao Tirol (província autônoma de Bolzano).

Walsch, termo antigo germânico outrora usado para designar os celtas e italianos porque falantes de uma língua incompreensível aos teutos¹⁴⁰.

Em seus *Saggi ladini*, Ascoli procurou identificar a área linguística original do antigo ladino por ele defendido. Suas buscas baseavam-se nos resquícios linguísticos de origem ladina existentes nos dialetos da região alpina e no estudo dos topônimos ladinos em áreas onde o idioma não mais existe. O mesmo foi feito por Gartner, que também procurou identificar a antiga região ladina estudando os topônimos históricos.

Com o avanço do galo-italico pelo Leste, do vêneto, pelo Oeste, e do alemão, pelo Norte, o ladino ficou “confinado” em alguns vales alpinos. Assim, os falares de *Val di Non* e *Val di Sole* poderiam ser considerados como variantes ladinas *trentinizadas* (FOX, 1997) ou, ainda, enquanto resquícios de um trentino arcaico, que manteve traços fonéticos presentes no ladino e comuns a toda aquela área alpina durante a Alta Idade Média (BATTISTI, 1970).

Apesar de se tratar de um idioma que remonta à romanização dos Alpes, a literatura em língua ladina é muito escassa. Seus falantes sempre utilizaram ou o alemão, ou o italiano, inclusive nos cultos religiosos. No século XIX, o nacionalismo alemão presente no Tirol procurou “germanizar” os vales ladinos, incentivando o uso da língua alemã em todos os ambientes da vida pública. A Igreja e a população de Val Badia se opuseram à “imposição”, tendo havido, inclusive, uma manifestação em 1873 que ficou conhecida como *Enneberger Schulstreit*.

O texto mais antigo existente é de 1631, seguido de um proclama datado de 1703. Em 1763 foi publicado o dicionário de Bartolomei. Há, ainda, um texto escrito em latim escrito no início do século XIX. A primeira gramática ladina é aquela de Ujep Insam, intitulada *Versuch zu einer Grammatik der Grödner Mundart – Per na Gramatica döl Lading de Gerdöna* (“tentativa para uma gramática do dialeto/ladino de Gardena”). Trata-se de um manuscrito inédito, datado de 1807, encontrado em 2009 na cidade de Cracóvia, na Polônia (VIDESOTT, 2009).

Contudo, a língua ladina teve maior relevância com a publicação da gramática de Micurá de Rü, pseudônimo do padre Nikolaus Bacher, intitulada *Versuch einer deütsch-ladinischen Sprachlehre* (“tentativa de uma gramática teuto-ladina”). Também são importantes os textos da oração do *Pai nosso* escritos nas diversas variantes ladinas

¹⁴⁰ *Welschtiroler* é utilizado para designar o trentino, ou seja, o tirolese *de língua italiana*. Após a Primeira Guerra Mundial, o termo assumiu um caráter pejorativo entre os falantes de alemão, por conta dos conflitos étnicos causados após o domínio italiano.

e publicados na obra do padre trentino Giuseppe Giorgio Sulzer (1855), intitulada *Dell'origine della natura dei dialetti comunemente chiamati romanci messi a confronto coi dialetti consimili esistenti nel Tirolo* (“Sobre a origem da natureza dos dialetos comumente chamados romances confrontados com os dialetos aparentados existentes no Tirol”), que serve como estudo comparativo dos idiomas e falares regionais.

Os falares ladinos compartilham vários traços fonéticos com as línguas da Romênia ocidental (como o galo-italico e as línguas ibéricas), como a sonorização das oclusivas surdas intervocálicas, como em *căpillum* > *ciavel* <cabelo>, e a simplificação das geminadas: *siccum* > *sech* <seco>, *flammam* > *flama* <chama>. Todavia, diferencia-se dos falares limítrofes (galo-italico e vêneto) por causa de aspectos próprios:

- palatalização das velares latinas *c-* [tʃ] e *g-* [dʒ] antes de *-a*: *ciavàl* [tʃa'vaɫ] <cavalo>, *giat* [dʒat] <gato>.
- conservação de *-l* nos grupos fonéticos *bl-*, *cl-*, *fl-*, *gl-* e *pl-*: a.a.a. *blanch* > lat.med. *blancu* > nênes *blanc* ['blantʃ]; *clāvis* > badioto *clav* ['klav], nênes *clau* ['klaw], *flōrem* > gardenês *flëur* ['fləwɾ], badioto *flu* ['flu], fodom *flou* ['flow]; *ekklesia* > fassano, nênes *glesia* ['glezja], *plūere* > **pluvere* > gardenês *pluëi* ['plwəj], badioto *plovëi* ['plovəj], fassano *plever* ['plever] <chuva>.
- vocalização de *l* > *u*: *āltus* > fassano, nênes *aut* ['awt], ampezano *outo* ['owto] <alto>; *alter* > fassano, nênes *auter* ['awter] <outro>; *dūlcis* > gardenês *dëuc* ['dəwtʃ], fassano, fodom *douc* ['dəwtʃ] <doce>.
- presença dos ditongos *ue*, *uo*, *ou* e *èu* e palatalização de *o* > *ö* e *u* > *ü*: *fōcum* > gardenês, nênes *fuech* ['fwek], fodom, nênes *fuòch* ['fuɔk], mas fassano ['fek], badioto ['fyk], solandro ['føk]; *sūrdum* > gardenês *sëurt* ['səurt], fodom *sourt* ['sowrt] <surdo>.
- conservação do plural sigmático nos substantivos e adjetivos: *ladins* [la'dins] <ladinos>, *idioms* [idi'oms] <idiomas>, *bels* ['bels] <belos>.
- uso da desinência em *-s* para os verbos na segunda pessoa do singular: badioto *es* ['es], fodom *ès* ['es], gardenês *ies* ['jes], ampezano *sôs* ['sos] <és>; fassano, nênes *ciames* [tʃames] <te chamas>.

Algumas características existentes no ladino também ocorrem no galo-italico e em alguns dialetos do Vêneto como, por exemplo:

- a tendência à queda da vogal final que não *-a*: *dut* ['dut] <tudo>, *douc* ['doutʃ] <doce>, *cler/tler* ['cler] <claro>, *puech* ['pwək] <pouco>, inclusive em palavras femininas (*mont* ['mont] <monte>, *bolp* ['bɔlp] <raposa>), e ocorre com menor frequência no ladino ampezano por causa da marcada influência vêneta: *dute* ['dute], *dolze* ['dulʒe], *ciaro* ['tʃaro], *poco* ['poco], *monte* ['monte], *bolp* ['bɔlp].
- a ocorrência do pronome sujeito átono, que redobra o sujeito na oração: fassano *ela la disc* ['ela la'diʃ] <ela diz>, ampezano *ra r'èa* [ra 'rɛa], vêneta *ela la dice* ['ela la'ditʃe], trentino *ela la dis* ['ela la'dis] <ela diz>, onde *la* e *r'* (*ra*) são redobro átono do sujeito. Há também casos de pronome sujeito átono posposto: badioto *àra pensé* ['ara pen'se]; gardenês *se àla mpensà* [se 'ala mpen'sa] ou *pensòvela* [pen'sɔvela], trentino *se l'ha pensà* <ela pensou>; badioto *éste tö* ['este 'tø], trentino *ti te sei* [ti te'sej] <tu és>.

Essas características comuns ao ladino, ao galo-italico e ao vêneta foram bastante discutidas na “questão ladina”, que se entende como a questão linguística (com grandes motivações nacionalistas) levada a cabo por mais de cem anos na Suíça, Itália e Áustria, tendo como preocupação primordial a posição dos idiomas retorromânicos no âmbito das línguas neolatinas, passando posteriormente à classificação dos falares alpinos como pertencentes ao *grupo ladino* proposto por Ascoli (1873), tendo no próprio linguista seu maior expoente e investigador incassável dos “fenômenos ladinos”. Uma vez que muitas características *ladinas* também ocorrem nos falares limítrofes, como seria possível defender uma homogeneidade se, em muitas características, não se trata exclusivamente de fenômenos ladinos?

Não há dúvidas que houve um esvaziamento no que se refere à argumentação e uma calma nos ânimos sobre o que é ou não ladino. No entanto, parece que a “questão” ainda não chegou ao fim, uma vez que vários falares existentes no Trentino e em Beluno ainda não foram oficialmente reconhecidos como sendo *ladinos*.

Estes são muito pouco conhecidos, pois nunca fizeram tanto barulho, não tiveram bons professores para sua ‘ladinidade’ e carecem de um adequado apoio

político, essencial na Itália para qualquer decisão (até agora isso foi pedido, mas em silêncio). Bem, tal observação é válida se enquanto ‘ladino’ continuarmos a entender, como no passado, um conceito linguístico. Em tal caso (...) deveriam ser reconhecidos enquanto ‘ladinos’ (...) boa parte dos beluneses, cadorinos, agordinos e zoldanos, aos quais poderiam ser agregados outros ‘ladinos’ ascolianos da província de Trento: fiamazos, cembranos, noneses e solandros¹⁴¹. (PELLEGRINI, 1982, p.183)

Ascoli (1873) classificou o nênes e o solandro *ladino anaune*, embora seja possível considerá-los como dois falares diversos, sobretudo pelo vocabulário e pela fonética. O nonês recentemente foi considerado oficialmente *ladino*, pois é notório que compartilha várias características comuns ao grupo ladino do Maciço do *Sella*:

- palatalização de *c-* [tʃ] e *g-* [dʒ] antes de *-a*: *ciaval* [tʃa'vaɫ] <cavalo>, *giat* ['dʒat] <gato>, que no solandro é parcial, assim como no friulano: *cjaval*, *gjat*.
- a manutenção dos grupos fonéticos *cl-*, *gl-*, *pl-*, *bl-*, *fl-*: *clamar* [kla'mar] <chamar>, *glêsia* ['glezja] <igreja>, *plàser* ['plazer] <prazer>, *blanc* ['blantʃ] <branco>, *flama* ['fla] <chama>. Contudo *clarum* > *gardenês*, *marebano*, *badioto tler* ['tler], *fodom cler* ['kler], *fassano* ['kjer] e *ampezano* ['tʃjaro] <claro>.
- o nênes apresenta os ditongos *ue* (no alto vale e *Vervò*) e *uò* (em *Coredò*, *Tavon*, *Smarano* e *Sfruz*): *fuêr* ['fwer] / *fuòr* ['fwɔr] <fora>, *cuêr* ['kwer] / *cuòr* ['kwɔr] <coração>, *ancuêi* [an'kwej] / *ancuòi* [an'kwɔj] <hoje>, *scuêla* ['skwela] / *scuòla* ['skwɔla] <escola>. No resto do vale aparecem ora como /o/ ou /ɔ/: *for* ['for] / *fòr* ['fɔr], *cor* ['kor] / *còr* ['kɔr], *ancoi* [an'koj] / *ancòi* [an'kɔj], *scola* ['skola] / *scòla* ['skɔla] e no solandro ocorrem todas como /ø/: *för* ['før], *cör* ['kør], *ancöi* [an'køj], *scöla* ['skøla].
- vocalização de *al* latina em *au* (apenas no nênes): *altus* > *aut* ['awt] <alto>, *calidus* > *ciaut* ['tʃawt] <quente>, *alter* > *auter* ['awter] <outro>.
- palatalização de *o* > *ö* [ø] e *u* > *ü* [y] (apenas no solandro): *pöch* ['pøk] <pouco>, *tüit* [tyt] <tudo>.

¹⁴¹ “Tradução nossa.

- perda das vogais finais que não -a: *man* ['man] <mão>, *pont* ['pɔnt] <ponte>, *braz* ['bras] <braço> (que também ocorre nos falares trentinos).
- manutenção de -s na segunda pessoa do singular dos verbos: *ses* ['ses] <és>; *ciantes* ['tʃantes] <cantas>.
- Particularidades morfossintáticas que não estão presentes nos dialetos limítrofes (lombardo e trentino), como a colocação pronominal e a ocorrência da desinência em -s na segunda pessoa do singular (nônes *te ciames* <te chamas>).

A conservação de -s nas desinências de plural dos falares ladinos parece ter sido outrora mais difundida na região alpina, mas desapareceu nos falares lombardos e trentinos (ŠEBESTA, 1984). Sua substituição por outras desinências é relativamente recente e, desse modo, -s não é morfologicamente a única desinência de plural existente no ladino. Nos lugares onde se conservou, a desinência em -s é usada sobretudo para o feminino, enquanto para o masculino existem várias outras, derivadas do acusativo latino (também em -s) ou do nominativo (em -i para a segunda declinação). As variantes de *Val di Fassa* (al. *Fasstal*; *Evas*), no Trentino, e de *Ampezzo* (al. *Haydn*), em Beluno, sofreram influência dos do trentino (de influência galo-italica) e do vêneto, que a substituíram por -e no feminino.

O plural em -s ocorre no ladino nas palavras femininas: *bolp* > *bolpes* ['boɫps] <raposas>, *urtie* > *urties* [ur'ties] <urtigas> (fassano *urtie*), *roda* > *rodes* ['rɔdes] <rodas> (fassano *rode*); nos substantivos e adjetivos masculinos com vogal tônica na primeira sílaba: *plajei* > *plajeis* ['plajejs] <prazeres>; nos substantivos terminados em -f, -p, -r, -n (em sílaba tônica) e -gn: *cerf* > *cerfs* ['tʃerfs] <cervos>, *ciamp* > *ciamps* ['tʃaɲps] <campos>, *mur* > *murs* ['murs] <muros>, *cian* > *cians* ['tʃaɲs] <cães>; *ladin* > *ladins* [la'dins] <ladinos>; e é uma desinência ainda produtiva em cultismos e neologismos: *ministere* > *ministeres* [minis'teres] <ministérios>, *archeologh* > *archeologs* [arkeo'lɔgs] <arqueólogos>.

O plural em -i ocorre, como no italiano, nos substantivos masculinos: *piet* > *pieti* ['pjeti] <peitos>; nos terminados em -r ou -ch: *tisler* > *tisleri* ['tisleri] <carpinteiros>, *maester* > *maestri* [ma'estri] <professores> (em *Val di Fassa* ocorrem respectivamente como *tisleres* e *maestres*) e naqueles terminados em consoante + -l: *uedl* > *uedli* ['wedli] <olhos>.

O plural com mudança e palatalização da consoante final ocorre nos casos de *-l*, *-t*, *-ch*, *-s*, *-z* ou *-n* em sílaba átona, assim como no romanche e nos dialetos setentrionais italianos: *local* > *locai* [lo'kaj] <locais>, *fuech* > *fuesc* ['fueʃ] <fogos>, *nes* > *nesc* ['nɛʃ] <narizes>, *fonz* > *fonc* ['fonʃ] <solos>, *joen* > *joegn* ['ʒoɛŋ] <jovens>.

Os artigos *n* <um> e *l* <o> são pronunciados como soantes e ocorrem no feminino como *na* e *la*. A preposição latina *intra* (que no romanche sobresselvano ocorre como *enta*) evoluiu de diferentes maneiras nos dialetos ladinos (fodom *n̄te*, fassano *te*, marebano *ta*, ampezzano *inze*) e ocorre junto com os artigos *l* e *la* (como no friulano *intal*) com sentido de “no” e “na”: fodom *ntel* [n'tɛɫ] / *ntela* [n'tɛla], fassano *tel* [tɛɫ] / *tla* [tla], marebano *tal* [taɫ] / *tla* [tla], ampezzano *inze'l* [in'dʒɛɫ] / *inze'la* [in'dʒɛla], gardenês *tl* [tɫ] / *tla* [tla]). Na expressão *n tòch de ciajuel* <um pedaço de queijo>, a palavra *tòch* <pedaço> vem seguida da preposição **de** (regra no ladino), diferentemente do romanche (*en toc caschiel*). O badioto apresenta ainda a forma *te chëra* [te 'kəra] <nesta> (vêneto *en/n̄te questa*, trentino *en/n̄te chesta/questa*).

Nos falares ladinos, o pronome “lhe” (< latim *illi*) é obrigatório na formação dos verbos com objeto direto, ocorrendo no gardenês, no marebano e no badioto como *ti* [ti] (com *t-* gerado por fonética sintática, semelhante ao romanche valáder *til*, *tilla*), no nênes como *gi* [dʒi], no fassano como *ge* [dʒe], no fodom como *iè* [jɛ] e no ampezano como *i*. Em nênes, a frase *e la gi dis al òm* significa, literalmente, “e ela lhe diz ao homem” (em trentino *e la ghe dis al òm*).

A palatalização de *c-* e *g-* latinas antes de *-a* parece ser uma característica mais recente no ladino que no francês, se levarmos em conta a toponímia tiroleza de substrato ladino: *Kastelruth* ou *Castelrotto* (“castelo arruinado”), em contraposição à forma ladina *ciastel* <castelo>. Assim como nos Grisões, a palatalização ocorre nos falares do Maciço do *Sella*, do Comélico e dos vales de *Non* e *Sole*: *caballum* > *ciaval* [tʃa'vaɫ] <cavalo> (francês *cheval*), *vaccam* > *vacia* [va'tʃa] <vaca> (fr. *vache*), *cantare* > *cianté* [tʃaŋ'te] <cantar> (fr. *chanter*), *cattus* > *giat* ['dʒat] <gato> (fr. *chat*), *gallum* > *gial* ['dʒaɫ] <galo>.

A conservação da forma *c+a* se confunde com aquela de *c+e* [tʃe] e *c+i* [tʃi], aproximando-o do italiano e do romeno e diferenciando-o dos dialetos vênetos limítrofes: *cĕlum* > gard. *ciël* [tʃɛɫ] <céu> (italiano *cielo* [tʃɛlo], vêneto *zielo* [sʲɛlo]), *cĭlia* > bad. *ciëia* [tʃɛja] <cílios> (it. *ciglia* [tʃilja]). A grafia utiliza tanto *c* como *ć*

(gardenês *ciësa* ['tʃəza] <casa>; badioto *düc* ['dytʃ] <tudo>). Os casos *g+e* [dʒe] e *g+i* [dʒi] (ocorrem assim como no italiano, sobretudo nas variantes com maior influência dos falares setentrionais italianos, como o ampezano e o fassano. Em todos os falares ladinos ocorre [ʒ] (*rejonér* [reʒo'ner] <falar>).

Ainda sobre os casos de conservação, o ladino fodom é provavelmente o único que conservou a forma velar (sonora) e lateral da evolução de *-cl-* latino em posição intervocálica: *ōculum* > *uogle* ['wɔgle] <olho>, *vētulum* > **veclum* > *vegle* ['vegle] <velho>. Tanto o badioto como o gardenês sofreram mudança na articulação, como em *uëdl* ['wədɫ] e *vedl* ['vedɫ], enquanto os demais dialetos ladinos sofreram palatalização: fassano *eie* ['eje], *veie* ['veje], embora na localidade de *Moena* ocorra como *ölgie* ['øɫdʒe], *velge* ['veɫdʒe] ou *vege* ['vedʒe].

No léxico ladino aparecem casos de conservação de palavras existentes exclusivamente da área retorromânica, como *crep* <rocha, montanha rochosa>, de etimologia obscura, que ocorre no romanche como *crap* e no fiulano como *clap* – no dialeto trentino existem *cròz*, *cròzon* ou *croda*, indicando uma nascente de água saída das rochas ou o cume rochoso de uma montanha. Há palavras comuns aos falares do grupo retorromânico: *bestiam* > *bis-cia* ['bistʃa] <cabra>; *tabulārium* > *tablé* [ta'ble] <casa alpina, paiol>; *cāsëum* > **caseolum* > *ciajuel* ['tʃazueɫ] <queijo>.

Existem formas que ocorrem apenas no ladino: *tonsum* > *tous* ['tows] <garoto, rapaz>; *quadrigām* > *cadria* [ka'drja] <arado>, *amitam* > *ameda* [a'meda] <tia>, **messalem* > *messel* [me'set] <julho>, *barbam* > *berba* ['berba] <tio>, *montem* > *mont* ['mont] <pasto alpino>, que no ladino é feminino como no alemão (*Alpe*; tir. *Alm*).

O superstrato vênето é antigo e se faz presente sobretudo nos dialetos ampezano e comélico, região onde existem também falares ladino-vênéticos. Exemplos da influência vêneta no ampezano são *vecio* ['vetʃo] <velho> (gardenês *vedl*), *ciaro* ['tʃaro] <claro> (gardenês *tler*), que ocorrem de forma idêntica no vênето e no trentino, e *cariëga* [ka'rjega] <cadeira> que no vênето e no trentino ocorre como *carega* [ka'rega] e no ladino nênes como *ciadriëgia* [tʃa'drjɛdʒa] (em grego arcaico καθέδρα, latim *cathedra* ou *sella*; grego moderno καρέκλα; it. *sedia*). A forma *claro* ['klaro] ocorre no trentino.

Sons característicos da *anfizona* são *dh* [ð] e *th* [θ], que em Beluno aparecem sobretudo na zona feltrina e influenciam o ladino de *Cibiana di Cadore* (DE COL, 1991)

e o trentino da região de *Primiero* (TISSOT, 1996): *dhó* ['ðo] <embaixo, para baixo> , que no ladino badioto ocorre como *ju* ['ʒu] e no vêneto em geral como *zó* ['zo]; *thinch* ['θink] <cinco> que ocorre no vêneto geralmente como *sinque* ['sinkwe] e no trentino como *zinqué*¹⁴² ['sinkwe] ou *zinch* ['sink].

Em alguns casos, o ladino apresenta um *v-* não etimológico (*ovum* > fodom *vuof* ['vwɔf], ampezano *vovo* ['vovo] <ovo>; *ucellum* > badioto e marebano *vicí* [vi'tʃi] <pássaro>; **omni* > marebano, badioto e fodom *vigni* ['viɲi] <cada>), que também ocorre no friulano (*oculus* > *voli* ['vo:li] <olho>).

No ladino ampezano, a forma *da reciòu* [dare'tʃɔw] <outra vez> (< lat. *de caput*) lembra as do engadino (valáder *darcheu* [dar'cø], puter *darcho* [dar'co]) e do friulano *da dačhàv* [da'cav].

A expressão “aparentar” do ladino utiliza o verbo *cialé* > **chalare* + *fora*, lembrando o verbo alemão *aussehen* (onde *aus* também tem o sentido de “fora” ou “por fora”): badioto *ciaçãoes fora*; marebano *ciaçãoes fòra*; gardenês *cèles ora*; ampezano *vardes fora*; nênes *vardes fuera*; solandro *vardes fôr*.

Existem vários germanismos no ladino, muitos dos quais originários do antigo alto alemão (*Alt-Hochdeutsch*), que remetem ao superstrato germânico medieval. É considerável o número de palavras oriundas do alemão tirolês (*Südtirolersich*) e do alemão padrão (al. *Hochdeutsch*), que continuam a exercer influências sobre os falares ladinos, sobretudo entre aqueles da Província Autônoma de Bolzano.

alemão oficial	alemão tirolês	ladino	português
<i>Werkstatt</i>	<i>berstòt</i> (móqueno do Trentino)	<i>berstot</i>	oficina
<i>Wasserleitung</i>	<i>bòsser</i> = água (móqueno do Trentino)	<i>bossierlait</i>	aqueduto, encanamento
<i>Pfanne</i>	<i>Pfânne</i>	<i>fana</i>	frigideira
<i>Fink</i>	<i>Fink, Finkl</i>	<i>finch, flinch</i>	tentilhão (ave)
<i>fahren</i>	<i>fâhrn</i>	<i>forené</i>	dirigir
<i>ledig</i>	<i>ledig, ledi'</i>	<i>lede</i>	solteiro

¹⁴² Atentar para a diferenciação gráfica existente entre o vêneto (que utiliza *s*) e o trentino (que utiliza *z*).

<i>Bäcker</i>	<i>Bäcker (Pecker)</i>	<i>pech</i>	padeiro
<i>Schmalz</i>	<i>Schmälz</i>	<i>smauz</i>	manteiga
<i>Strom</i>	<i>Strom</i>	<i>strom</i>	eletricidade
<i>Tier</i>	<i>Vich, Tier</i>	<i>tier</i>	animal
<i>Tischler</i>	<i>Tischler</i>	<i>tisler</i>	carpinteiro

No que se refere aos neologismos, enquanto os dialetos ladinos do Tirol do Sul são bastante influenciados pelo alemão (oficial e tirolês), no Trentino o são pelo alemão, pelo trentino e pelo italiano e em Beluno o pelo italiano e pelo vêneto. Exemplos de empréstimo do alemão são *strom* ['strom] < *Strom* <eletricidade> e *tier* ['tier] < *Tier* <animal>, enquanto de decalque são *jì con roda* [ʒi kon 'rɔda] < *radfahren* <andar com roda> e *schì da paslonch* ['ski da pas'lonk] < *Langlaufski* <esqui de passo longo>. Há neologismos próprios como *juissa* [ʒu'isa] <descida, descida com o esqui>, formada do advérbio *ju* ['ʒu] <abaixo, para baixo> + sufixo feminino *-issa*; *roda da mont* ['rɔda da 'mont] <*mountain bike*> e *soricia* [so'ritʃa] <rato¹⁴³> referindo-se ao *mouse* do computador.

Basicamente, a ortografia ladina segue a italiana para os casos de *c*, *ch* e *sc*. As oclusivas [ka], [ke], [ki], [ko], [ku] são grafadas como *ca*, *che*, *chi*, *co*, *cu* e as africadas [tʃa], [tʃe], [tʃi], [tʃo], [tʃu] são grafadas como *cia*, *ce*, *ci*, *cio*, *ciu*, mas o ladino amplia o mesmo uso antes de *-e* e *-i* para o caso de final absoluto: *duc* ['dʊtʃ] <tudo>, *chesc* ['keʃ] <estes>, *fuech* ['fwek] <fogo>. Para a representação de [tʃ] final, o marebano e o badioto utilizam *-ć* (*düć* ['dʏtʃ] <tudo>). Todos os dialetos utilizam *j* para representar [ʒ] (badioto *plajej* [pla'ʒej] <prazer>). Enquanto para os dialetos do romanche existem diversas grafias – muitas das quais históricas –, entre os dialetos ladinos não existem grandes diferenças ortográficas.

Do mesmo modo que para o romanche, surgiu para os ladinos a necessidade de uma variante *unificada* que fosse utilizada nos meios de comunicação. A proposta de padronização também ficou a encargo do Prof. Heinrich Schmid (1998), que se fundamentou apenas sobre os dialetos *oficiais* ladinos do Maciço do *Sella* (gardenês, marebano, badioto, fassano, fodom e ampezano), resultando no *ladin dolomitan*

¹⁴³ No trentino, existem as palavras *sorg* ['sordʒ] ou *sorgiat* [sor'dʒat] <rato, camundongo>, que variam em alguns falares como ['sors] e ['sorʒat].

(“ladino dolomita”). O linguista suíço encontrou dificuldades na padronização da variante, uma vez que a população ladina encontra-se dividida em três províncias com legislações diferentes sobre o uso e ensino do idioma, além da existência de falares que não são reconhecidos como ladinos.

Eis alguns exemplos do esquema ortográfico presentes em Viaro (2001, p. 53) para a escrita do ladino dolomita, a partir do princípio da maioria:

Latim vulgar	marebano badioto	gardenês	fassano	fodom	ampezano	Dolomitan
<i>altum</i>	<i>alt</i>	<i>aut</i>	<i>aut</i>	<i>aut</i>	<i>outo</i>	<i>aut</i>
<i>buccam</i>	<i>bocia</i>	<i>bocia</i>	<i>bocia</i>	<i>bocia</i>	<i>bocia</i>	<i>bocia</i>
<i>canem</i>	<i>cian</i>	<i>cian</i>	<i>cian</i>	<i>ciân</i>	<i>cian</i>	<i>cão</i>
<i>casa</i>	<i>ciasa</i>	<i>cësa</i>	<i>cesa/ciasa</i>	<i>cesa</i>	<i>ciasa</i>	<i>ciasa</i>
<i>cattus</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>	<i>giat</i>
<i>clarum</i>	<i>tlér</i>	<i>tlér</i>	<i>chier, chiar</i>	<i>clér</i>	<i>ciaro</i>	<i>clér</i>
<i>dulcem</i>	<i>duc</i>	<i>dëuc</i>	<i>douc</i>	<i>douc</i>	<i>dolze</i>	<i>douc</i>
<i>florem</i>	<i>flu</i>	<i>flëur</i>	<i>fior</i>	<i>flou</i>	<i>fior</i>	<i>flour</i>
<i>focum</i>	<i>fü / fuch</i>	<i>fuech</i>	<i>fech</i>	<i>fuoch</i>	<i>fo</i>	<i>fuech</i>
<i>hora</i>	<i>ora</i>	<i>ëura</i>	<i>ora</i>	<i>ora</i>	<i>ora</i>	<i>ora</i>
<i>lupum</i>	<i>lu</i>	<i>lëuf</i>	<i>louf</i>	<i>louf</i>	<i>loo</i>	<i>louf</i>
<i>nasum</i>	<i>nës</i>	<i>nes</i>	<i>nes, nas</i>	<i>nes</i>	<i>nas</i>	<i>nes</i>
<i>causam</i>	<i>gauja</i>	<i>gauja</i>	<i>cauja</i>	<i>gauja</i>	<i>gauja</i>	<i>gauja</i>
<i>paucum</i>	<i>püch</i>	<i>puech</i>	<i>pech</i>	<i>puoch</i>	<i>poco</i>	<i>puech</i>
<i>placere</i>	<i>plajei/plajëi</i>	<i>pjajëi</i>	<i>pièjer, piàjer</i>	<i>plajei</i>	<i>piàje</i>	<i>plajei</i>
<i>totus</i>	<i>düic</i>	<i>duc</i>	<i>duc</i>	<i>duc</i>	<i>dute, dut</i>	<i>duc</i>

Para uma comparação entre os dialetos do ladino dolomítico, e para uma posterior comparação com o dialeto trentino, seguimos com a história da raposa e do corvo publicada em Viaro (2001) e Videssot (2002), assim como as traduções para as variantes regionais trentinas do nênes, do solandro e do fiamazo, e dos falares ladinos e ladino-vênetos da província vêneta de Beluno¹⁴⁴:

¹⁴⁴ Os exemplos apresentados em VIARO (2001) foram enviados por VIDESSOT. Aachamos interessante contrastar as duas versões de um mesmo dialeto (quando existentes), para termos uma ideia da fragmentação característica desses falares. As versões do nênes e do solandro, com suas respectivas variantes regionais, foram retiradas de <http://www.istitutoladino.it>, do ladino ampezano de PALLABAZZER (1989), enquanto a versão escrita em fiamazo nos foi enviada pelo Sr. Fabrizio Ciresa, do Trentino. A grafia utilizada é aquela das obras citadas ou como nos foram enviadas.

Badioto:

(VIARO, 2001)

La olp â indô n iade fan. Te chëra ara odü n corf son n aidin, che se tignî n tòch de ciájó tl bech. “Chël me savess bun”, se ponsâra, y ti scraia al corf: “Tan bel che t’es! Sce to ciântè é tan bel coche te ciâres fora, spo éste le plü bel de düc vici!”

[la 'ɔlp 'e in'do n 'jadə 'fan te 'kəra ara o'dy n 'kɔrf son n aj'din kə se ti'ni n 'tɔk de tʃa'ʒø tɪ 'bɛk kəʔ me sa'ves 'bun se pon'sa:ɾɐ i ti 'skraja aɫ 'kɔrf tan bɛʔ kə 'tes ʃe to tʃan'te e tan 'bɛʔ ko 'ke te 'tʃarəs 'fora 'spo eʃ'te le ply bɛʔ də 'dytʃ vi'tʃi]

(VIDESOTT, 2002)

La olp ê indô n iade afamada. Te chël vëighera n corf son n aidin, che tignî n tòch de ciájó te so bech. “Chël me savess bun”, s’àra ponsè, y à cherdè le corf: “Tan bel che t’es! Sce to ciântè é tan bel co to ciarè fora, spo este dessigü tö le plü bel vicel de düc!”

[la 'ɔlp 'e in'do n 'jadə afa'madɐ te 'kəʔ vəj'gerɐ n 'kɔrf son n aj'din kə se ti'ni n 'tɔk de tʃa'ʒø te so bɛk kəʔ me sa'ves 'bun 'sarɐ pon'sɛ ja ker'dɛ le 'kɔrf tan bɛʔ kə 'tes ʃə to tʃan'te e tan 'bɛʔ ko to tʃa'rɛ 'fora 'spo eʃ'te desi'gy tɔ le ply bɛʔ vi'tʃɛʔ də 'dytʃ]

Marebano:

La olp â endô n iade fam. Te chëra ára odü en corf sön en aidin, co se tegnìa en toch de ciájó tal bech. “Chël mo sess bun”, se ponsâl, y ti scraia al corf: “Tan bel che t’es! Sce to ciânté é tan bel co che te ciâres fôra, spo éste le plü bel de düci vici!”

[la 'ɔlp 'a en'do n 'jadə 'fam te 'kəra 'ara o'dy en 'kɔrf sɔn en aj'din ko se te'nia en 'tɔk de tʃa'ʒo taɫ bɛk kəʔ mo 'ses 'bun se pon'saɫ pon'se i ti 'skraja aɫ 'kɔrf tan 'bɛʔ ke 'tes ʃə to 'tʃante e 'tan bɛʔ ko 'ke te 'tʃarəs 'fɔra 'spo 'eʃte le ply 'bɛʔ de 'dytʃi vi'tʃi]

Gardenês:

(VIARO, 2001)

La bolp ova inò n iède fam. Te chëla ala udü n corf su n pinch che se teniva n toch de ciajuel tl bech. “Chël me savëssa bon” se pensòvela y ti sveia al corf: “Tan bel che t’ies! Sce ie ciânté ie tan bel sciche tu cëles ora, pona ies dessegur tu l plu bel de duc i uciel”.

[la 'bɔlp 'ova i'no n 'jɛdɐ 'fam te 'kəla 'ala u'du n 'kɔxf su n 'pink ke se te'niva n 'tɔk de tʃa'ʒwɛʔ tɪ 'bɛk kəʔ me sa'vəsə 'bon se pen'sɔvela i ti 'sveja aɫ 'kɔrf tan 'bɛʔ ke 'tʃes ʃe je tʃan'te ie tan 'bɛʔ ʃi'ke tu 'tʃəles 'oxa 'pona jes dese'gux tu ɫ plu bɛʔ de 'dutʃ ju'tʃɛʔ]

(VIDESSOT, 2002)

La bolp fova inò n iede arfameda. Te chëla vëijela n corf su n pinch che se teniva n toch de ciauvel te si bech. “Chël me savëssa bon”, se ala mpensà y à cherdà l corf: “Ce bel che te ies! Sce te ciantes tan bel coche te cëles ora, pona ies dessegur tu l plu bel ucel de duc”.

[la 'bɔlp 'fova i'nɔ n 'jedʌ axfa'meda te'kəla 'vəjzela n 'kɔxf su n 'pink ke tən n'tɔk de tʃa'ʒweɪ te si'bək kə't me sa'vəsə 'bon se'ala mpen'sa ja kex'da t'kɔrf tʃe'bɛt ke te 'ies ʃe te tʃan'tes 'tan bɛt ko'ke te 'tʃəles 'oxa 'spo eʃ'te dese'gux tu t plu bɛt u'tʃɛt de 'dʊtʃ]

Fodom:

(VIARO, 2002)

La volp l'ava ncora nviade fam. Nte chëla non n ala vedù n còrf su nen avëz che se tegniva n tòch de formai ntel bech. “Chël me savëssa chëro bon”, la se pensava, e la ié scraia al còrf: “Cotánt bel che ti t'es! Se tuo cianté l é coscita bel coche l é tua parbuda, nlouta t'es l plu bel de duc i uciei”.

[la 'volp 'lava n'kora n'vjade 'fam nte 'kəla non n 'ala ve'du n 'kɔrf su em a'vəs ke se te'ɲiva n 'tɔk de for'maj ntɛt bək kə't me sa'vəsə 'kɛro 'bon la 'se pen'sava e la 'jɛ 'skraja aɪ 'kɔrf co'tant 'bɛt kə ti 'tɛs se tuo tʃan'te le co'ʃita 'bɛt koke 'le tua par'buda 'nlouta 'tɛs t plu 'bɛt de 'dʊtʃ ju'tʃɛj]

(VIDESSOT, 2002)

La volp leva ndavò afamada. Nte chëla la veiga n còrf su en avez che l se tegniva n tòch de formai ntel bech. “Chël l me savëssa ben bon”, la s' à pensé ntra de dëla, e l' à clamé l còrf: “Cotánt bel che t'es! Se tuo cianté l é bel coche ti te ciale fòra, nlouta t'es segur ti l plu bel de duc cánc i uciei”.

[la 'volp 'leva ndə'vɔ afa'mada nte 'kəla la vej'ga n 'kɔrf su en a'vəs ke t se te'ɲiva n 'tɔk de for'maj ntɛt bək kə't me sa'vəsə ben 'bon la'sa pen'se ntra de 'dɛla e 'la kla'me t 'kɔrf co'tan 'bɛt kə 'tɛs se tuo tʃan'te lɛ 'bɛt ko'ke ti te 'tʃalɛ 'fɔra 'nlouta 'tɛs se'gur ti t plu 'bɛt de 'dʊtʃ 'tʃantʃ ju'tʃɛj]

Ampezano:

(VIARO, 2001)

Ra olpe r'aea danóo fàme. In chera r'à vedù un cròo su un avedin, che 'l se tenìa un tòco de forméi inze 'l bèco. “Chešto ca el me piajaràe pròpio”, ra se pensàa e ra i craià al cròo: “Ce un bel che tu te sos! Se el to ciantà l'è cosita un bel ce modo che te vardés fora, allora ši che te sôs el pi bel intra dute i uziéi”.

[ra 'ɔlpe ra'ea da'no: 'fame in 'kera 'ra ve'du un 'krɔo su un ave'din keʃ se te'nia un 'tɔko de for'mej in'se ʔ 'bɛko 'keʃto ka 'eʃ me pjaza'rae 'prɔpjo ra 'sa pen'as: ra i kra'ja aʃ 'krɔo tʃɛ un bɛʃ kə tu te 'sos seʃ to tʃan'ta lɛ ko'sita po'lito um 'beʃ tʃe'modo ke te var'des 'fora a'lora ʃi ke te 'sos eʃ pi 'bɛʃ in'tra 'dute i u'zjej]

(VIDESSOT, 2002)

Ra olpe (volpe) r'èa danoo infamentada. Cenoné ra vede un cròo su un avedin che 'l aèa un tòco de forméi inze 'l bèco. “Chel sì che 'l me piajaràe”, ra s'à pensà ra olpe (volpe), e r'à ciamà el croo: “Cé un bel che te sos! Se te ciantes polito ce modo che te se vede, de seguro te sos el pi bel de dute i uziéi”.

[ra 'ɔlpe ('vɔlpe) 'rɛa da'no: infamen'tadaʎ tʃeno'ne ra ve'de un 'krɔo su un ave'din kela'ea un 'tɔko de for'mej in'seʃ 'bɛko kɛl'si 'keʃ me pjaza'rae ra 'sa pen'sa ra 'ɔlpe e'ra tʃa'ma eʃ 'krɔo tʃɛ un bɛʃ ke te 'sos se te 'tʃantes po'lito tʃe'modo ke te se 'vede dese'guro te sos eʃ pi bɛʃ de 'dute i u'zjej]

Fassano:

(VIARO, 2001)

La bolp aea amò n'outa fam e te chela l'à vedù n crot su n avez che se tegniva n toch de formai tel bech. “Chest, vé, me saessa dassen bon”, la se a pissà e la ge à cridà su al crot: “Che bel che t'es! Se to ciantèr l'é sci bel che tia parbuda embendapò tu te es l più bel de duc i ucìe”.

[la 'bɔlp a'ea a'mɔ n'owta 'fam e te 'kela la ve'du n'krɔt su n a'ves ke se te'niva n'tɔk de for'maj teʃ bɛk kɛst vɛ me sa'esa da'sen 'bon la se 'a pi'sa e la dʒe a cri'da su aʃ 'krɔt ke 'bɛʃ kə 'tes se 'to tʃan'tɛr lɛ ʃi 'bɛʃ ke tʃa par'buda embenda'pɔ tu te'es ʔ pju 'bɛʃ de 'dutʃ ju'tʃie]

(VIDESSOT, 2002)

La bolp era endò famèda. Te chela la veit su n avez n corf con n toch de formai tel bech. “Chel, vé, me saessa bon”, la se peissa e la ge disc al corf: “Che bel che t’es! Se tie ciantèr l’é scì bel che tia parbuda dapò t’es de segur tu l più bel anter duc i ucìe”.

[la 'bɔlp 'ɛra en'dɔ n fa'mɛda te 'kɛla la 'vɛjt su n a'ves n'kɔrf kon n'tɔk de for'maj tɛt bɛk kɛt vɛ me sa'ɛsa 'bon la se 'pɛjsa e la dʒɛ 'dɪf aɫ 'kɔrf kɛ 'bɛɫ kə 'tɛs se 'tʃɛ tʃan'tɛr lɛ ʃi 'bɛɫ kɛ tʃa par'buda da'pɔ 'tɛs dɛsɛ'gʊr 'tu ɫ pʃu 'bɛɫ 'anɛr 'dʊtʃ ju'tʃɛj]

Ladin Dolomitan (variante proposta por SCHMID):

La volp ova endò n iade fam. Te chela ála vedú n corf sun n aidin, che se tegniva n toch de cialjuel tl bech. “Chel me savess bun”, se pensòvela, y ti scraia al corf: “Tant bel che t’ies! Sce ti canté é tant bel co che te ciales fora, spo ieste l plu bel de duc i uciei”.

[la 'vɔlp 'ova en'dɔ n'jade 'fam te 'kɛla 'ala vɛ'du n 'kɔrf sun n aj'din kɛ sɛ tɛ'niva n 'tɔk dɛ tʃa'ʒwɛɫ tl bɛk kɛt mɛ sa'vɛs bun sɛ pɛn'sɔvɛla i ti 'kraja aɫ 'kɔrf tant 'bɛɫ kɛ 'tʃɛs ʃɛ ti kan'tɛ e tant 'bɛɫ kɔ'kɛ ti tɛ 'tʃalɛs 'fora spo 'jɛstɛ ɫ plu 'bɛɫ dɛ 'dʊtʃ ju'tʃɛj]

Os falares de *Val di Fiemme* (al. *Fleimstal, Flemmtal*), *Val di Non* (al. *Nonsberg, Nonstal*) e *Val di Sole* (al. *Sulzberg, Sulztal*) ainda não reconhecidos oficialmente enquanto pertencentes ao grupo ladino. Nos últimos anos, os falantes do nênes tem se identificado com maior frequência enquanto ladinos.

Como se nota existe grande fragmentação na região, com variações entre falares de um mesmo vale ou, até mesmo, dentro de uma mesma cidade.

Além da semelhança com os dialetos ladinos do Maciço do *Sella*, esses falares compartilham diversas características com falares trentinos, evidenciando, assim, que ao antigo substrato ladino que se estendia por todo o território trentino, seguiram-se adstratos de tipo galo-italico, vêneto e germânico, gerando tamanha fragmentação.

Ascoli (1873) procurou identificar os limites da antiga área linguística ladina, com base em resquícios ladinos nesses falares e identificou os falares de *Val di Non* e *Val di Sole* como pertencentes ao grupo ladino. Já Battisti (1970) e Fox (1997) consideram esses falares como variantes *trentinizadas*, porque apresentam resquícios de um *trentino arcaico*, que preservou traços fonéticos do *antigo ladino* que se estendia por toda aquela área alpina até a Alta Idade Média.

Fiamazo (fiamaz):

La bolp l'era endò famèda. Te chela la ved en corf sora en aidin con n tòch de formai ntel bech. “Chel, vé, me saessa bon”, la se pensa e la ghe dis al corf: “Che bèl che t'es! Se 'l to ciantar l'é così bèl com la to parensa dapò t'es de segur l pü bèl de düc i ucìei”.

[la 'bolp l'era en'do fa'mèda te 'kela la 'ved n'korf 'sora n aj'din kon n'tøk de for'maj nteþ bek keþ ve me sa'esa 'bon la se 'pensa e la ge 'dis aþ 'korf ke 'beþ kə'tes seþ'to kan'tar le kosi'beþ kom la'to pa'rensa da'pɔ 'tes dese'gur þ py 'beþ de'dytʃ ju'tʃiej]

Fiamazo de Cavalese (Ciavaleis, al. Gablöss), Caran, Daian e Castel:

La volpe l'era amò famada. Nte quèla la ved en còrvo sora en aidin con 'n tòco de formae ntel bèch. “Quèl la, vè, el me saveria bon”, la s'ha 'npensà la volpe, e la ghe ha dito al còrvo: “Che bèl che ses! Se cantes sì bèl com che vardes föra, de segur ses 'l pu bèl de tuti i oziéi”.

[la 'volpe l'era a'mɔ fa'mada nte 'kwela la 'ved en'korvo 'sora n aj'din kon n'tɔko de for'mae nteþ'bek kwet'la vɛ et'me save'ria 'bon la sa npen'sa e la 'volpe e la ge'a 'dito aþ'korvo ke'beþ ke'ses se 'kantes si'beþ kom'ke var'des 'føra dese'gur 'ses þ pu 'beþ de'tuti jo'zej]

Fiamazo occidental (fiamaz):

La volp l'aveva amò fam. La ve en corf posà su en pin con en tòch de formai tel bech.”Sto qua el me piaseria”, la pensa la volp, e la ghe dis al corf: “Che bèl che t'es! Se el to cantar l'é bèl come ti, allora t'es el pu bèl de tuti i aucei”.

[la 'volp la'veva a'mɔ 'fam la 've n'korf po'za su n en'pin kon en'tok de for'maj teþ'bek sto'kwa et me pjaze'ria la 'pensa la 'volp e la ge'dis aþ'korf ke'beþ ke'tes seþ'to kan'tar lɛ 'beþ 'kome 'ti a'lora 'tes et pu'beþ de'tuti jaw'tʃej]

Piscine di Sover:

La bolp la èra endrè famada. La ha vedù en corf pogià su te 'n pìn con 'n tòch de formai tel bech. “Sto chi el me piaseria” l'ha pensà la bolp e la ghe ha disù al corf: “Che bèl che es! Se 'l tò cantà l'è sì che la tò comparisènta, alor es 'l pu bèl de tuti i aosèi”.

[la 'bolp la'era en'drɛ fa'mada la ave'du en'korf po'dʒa su ten'pin kon n'tøk de for'maj teþ'bek sto'ki et 'me pjaze'ria la pen'sa la 'bolp e la ge'a di'su aþ'korf ke'beþ ke'es seþ'to kan'tar lɛ si ke la'tɔ kompari'senza a'lor 'es þ pu 'beþ de'tuti jao'zej]

Predazzo (fiamac de Pardac):

La bolp l'era amò famada. Nte chela la vet en còrf sora en aidin con 'n toch de formai ntel bèch. “Chel, vè, el me saverie bòn”, l’ha pensà ntra de ela e la gh’à dit al còrf: “Che bèl che t’es! Se l to cantar l’é si bèl de come te vardes fòr, de segur t’es l pu bèl de tuti i ausièi”.

[la 'bolp 'l'era a'mɔ fa'mada nte 'kela la 'vet n'kɔrf 'sora en aj'din kon n'tok de for'maj nte't'bək ke't 'vɛ et 'me save'rie 'bɔn la pen'sa ntra de 'ela e laga'dit a't'kɔrf ke'bɛt kə'tes se'tto kan'tar lɛ ji 'bɛt de'kome te var'des 'fɔr dese'gur 'tes t pu 'bɛt de'tuti jaw'zjeɪ]

Predazzo 2:

La bolp l'era danof famada. Nte chela la veit en còrf sora en aidin con 'n toch de formae ‘ntél bèch. “Chel la, vè, el me saverie bon”, la se gh’à ‘npensà, e la gh’à dit al còrf: “Che bèl che t’es! Se l to cantar l’é sì bèl come che te vardes fòra,, de segur t’es l pu bèl de tuti i ausièi”.

[la 'bolp 'l'era da'nof fa'mada nte 'kela la 'vejt n'kɔrf 'sora en aj'din kon n'tok de for'mae nte't'bək ke't 'la 'vɛ et 'me save'rie 'bɔn la se 'ga npen'sa e la ga'dit a't'kɔrf ke'bɛt ke'tes se'tto kan'tar lɛ si 'bɛt 'kome ke'te var'des 'fɔra dese'gur 'tes t pu 'bɛt de'tuti jaw'zjeɪ]

Nonês setentrional, de Brez (Brec), Cloz (Clòuz) e Tregiovo (Trazou):

La bolp l'era amò famada. La ve en gròl su un aves con en toc (en tocet) de formai en tal bèc. “Chel iu, vè, el me sarues (saria) bòn”, la se a empensàda, e la ge dis al gròl: “Che bèl che es! Se el to ciantàr l’è enzi bèl come che vardes fuera (come che empàres), de segur es el pu bèl de tut i auzièi!”.

[la 'bolp 'l'era a'mɔ fa'mada la 've n'grɔt su en a'ves kon n'tɔtʃ (n'tɔtʃet) de for'maj enta't 'bɛtʃ kɛt 'ju 'vɛ et me sa'rues (sa'ria) 'bɔn la se'a mpen'sada e la ge 'dis a't 'grɔt ke 'bɛt ke 'es se't 'to tʃan'tar 'lɛ nsi'bɛt 'kome ke var'des 'fwera ('kome ke m'pares) dese'gur 'es et pu 'bɛt de 'tuti jaw'zjeɪ]

Nonês de Tregiovo (Nónes de Trazou) 2:

La bolp l'era de nuèu famada. Nte chela la vee en grol su en avez co en tocé de formai tal becé. “Chel iu, vè, l me sarues bon”, l’a s’inpensa ntra de ela, e la ie dis al grol: “Che bèl che es! Si l to ciantar l’è nzi bèl come che vardes fuera, de seiur es el pu bèl di tut i auzièi”.

[la 'bolp 'era nu'ew n fa'mada nte 'kela la 'vee n'grɔt su en a'ves kon n'totʃ de for'maj taʃ 'betʃ kɛʃ ju 'vɛ ɛʃ me sa'rues 'bɔn la sin'pensa ntra de'ela e la je 'dis aʃ'grɔt ke'bɛʃ ke 'ɛs siʃ 'to tʃan'tar 'lɛ nsi'bɛʃ 'kome ke var'des 'fwera dese'jur 'ɛs ɛʃ pu'bɛʃ di'tut jaw'tʃɛj]

Nonês de Tuenno (Tuèn):

La bolp la era amò famada. Ntel la vet en gròl su un aves con en tòc en formai ntel bèc. “Chel io, vè, el me savros bòn”, la se m'pensa entra de ela, e la ge dis al gròl: “Che bèl che ses! Se ‘l to ciantar l’è nzi bèl come che vardes fora, de segur ses el pu bèl de tuti i aucèi!”

[la 'bolp l'era a'mɔ fa'mada nteʃ la'vet n'grɔt 'sun a'ves 'kon en'totʃ de for'maj nteʃ'betʃ kɛʃ 'jo 'vɛ ɛʃ me sa'vros 'bɔn la se m'pensa entra de 'ela e la ge 'dis aʃ'grɔt ke 'bɛʃ ke 'ses seʃ'to tʃan'tar 'lɛ nsi'bɛʃ 'kome ke var'des 'fora dese'gur 'ses ɛʃ pu'bɛʃ de'tuti jaw'tʃɛj]

Nonês de Cles (Cles; al. Glöss):

La bolp l'era de nòo famada. Nte che la la vet 'n grol su 'n avés con en toc et formai ntel bec. “Chel io, vè, el me savors bon”, la se 'mpensa entra de ela, e la gie dis al grol: “Che bèl che ses! Se l to ciantar l’è nzi bèl come che vardes fuera, de segur ses el pu bèl de tut i aucèi”.

[la 'bolp 'lɛra de'nɔo fa'mada nte 'kela la 'vet n'grɔt su n a'ves kon en'tɔʃ et for'maj nteʃ betʃ kɛʃ jo 'vɛ ɛʃ me sa'vors 'bon la se m'pensa en'tra de 'ela e la dʒje 'dis aʃ'grɔt ke 'bɛʃ ke 'ses seʃ to tʃan'tar lɛ 'nsi 'bɛʃ 'kome ke var'des 'fwera dese'gur ses ɛʃ pu 'bɛʃ de 'tut jaw'tʃɛj]

Cles 2:

La volp l'era amò famada. La vet en grol su 'n ten pec con en tòc de formai ntela bocia. “Sto cì el me plaseros” l’a pensà la volp entra de ela e la dis al grol “Come ses bèl! Se ‘l to ciant l’è bèl come che vardes for ti, allora ses el pu bèl de tuti i osei”.

[la 'volp 'lɛra a'mɔ fa'mada la 'vet n'grɔt su n ten'petʃ kon en'tɔʃ de for'maj nteʃa 'botʃa sto 'tʃi ɛʃ me plaze'ros la pen'sa la 'volp en'tra de 'ela e la dis aʃ'grɔt 'kome ses 'bɛʃ seʃ 'to 'tʃant lɛ 'bɛʃ 'kome ke var'des 'for ti a'lora 'ses ɛʃ pu 'bɛʃ de 'tuti o'zɛj]

Nonês do Alto Vale (Nónes de Soratòu):

La bolp era nuèu famada. ‘N te chela la vet n grol su en avez con en tóc en formai ntel bech. “Chel iu, vè, el me saverues bon”, la se ‘mpensa ‘ntra de ela, e la gi dis al grol: “Che bèl che es! Se ‘l to ciantar el fus bèl come che vardes fuera, de sigur es el pu bèl de tut i auzièi”.

[la 'bolp 'era nu'ew n fa'mada nte 'kela la 'vet n'grɔʔ su en a'ves kon n'totʃ en for'maj nteʔ 'bɛk kɛʔ ju 'vɛ eʔ me save'rues 'bɔn la se m'pensa ntra de 'ela e la dʒi 'dis aʔ 'grɔʔ ke 'bɛʔ ke 'ɛs seʔ to tʃən'tar ɛʔ fus 'bɛʔ 'kome ke var'des 'fweɾa desi'gur ɛs eʔ pu 'bɛʔ de 'tut jaw'zɛj]

Nonês de Cavareno (Ciavaren):

La bolp l'era famada de nòvo. L'a vist en gròl postà su nt'un pin con en toc de formai ntel bèc. “Chesto él me plaseruès (chesto él me saruès bòn)”, l'à pensà la bólp e l'a già dit al gròl: “Che bèl che ès! Se ‘l to ciantar l'è 'nzì bèl come che ès, allora saruèstus el pu bèl de tut i auzièi”.

[la 'bolp 'lɛɾa fa'mada de'nɔvo la'vist n'grɔʔ pos'ta su ntun 'pin kon en'tɔʔ de for'maj nteʔ bɛʔʃ 'kɛsto eʔ me plaze'ruɛs 'bɔn ('kɛsto eʔ me saru'ɛs 'bɔn) la pen'sa la 'bolp e la dʒa 'dit aʔ 'grɔʔ ke 'bɛʔ ke 'ɛs seʔ to tʃan'tar lɛ 'nsi 'bɛʔ 'kome ke 'ɛs a'lora saru'ɛstus eʔ pu 'bɛʔ de 'tut jaw'zɛj]

Nonês de Cressino (Nónes de Cressin), com influência do trentino:

La bolp la era ancora famada. L'a vist an gròl poza sun ten pin con an tòch de formai an tel bèc. “Chesto al me plaserös bon” l'a pensà la bolp, e la ge dis al gròl: “Che bèl che ses! Se al tò ciantar l'é bèl come ses ti, allora ses ‘l pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'bolp la 'ɛɾa an'kɔɾa fa'mada la'vist an'grɔʔ po'za sunten'pin kon an'tɔʔ de for'maj anteʔ bɛʔʃ 'kɛsto aʔ me plaze'rɔs 'bon la pen'sa la 'bolp e la dʒe 'dis aʔ 'grɔʔ ke 'bɛʔ ke 'ses se aʔ'tɔ tʃan'tar lɛ 'bɛʔ 'kome ses 'ti a'lora 'ses eʔ pu 'bɛʔ de 'tuti jo'zɛj]

Solandro de Malè - Val di Sole (Àut solànder de Malé):

La bolp l'èra amò famada. Nte quèla la vet en còrf su en avéz (péc) con ‘n toch de fromai (stavél) ‘ntél bèch. “Quèl if, vè, el me savrós bòn”, la pensà trà de ela, e la gh'à dit al còrf: “Che bèl che ses! Se ‘l tò cantar l'é aossì bèl come che vardes fòr, de segur t'es ‘l pù bèl de tuti i auciei”.

[la 'bɔlp 'lɛra a'mɔ fa'mada nte 'kɛla la 'vet n'kɔrf su en a'ves (petʃ) kon n'tɔk de fro'maj (sta'vet) ntɛt 'bɛk kɛt if 'vɛ ɛt me sa'vros 'bɔn la pen'sa 'tra de 'ɛla e la ga 'dit aʃ 'kɔrf ke 'bɛt ke 'ses sɛt to kan'tar lɛ aɔ'si 'bɛt 'kome ke var'des 'fɔr dese'gur 'tes t pu 'bɛt de 'tuti jaw'tʃɛj]

Mezzana (Solànder de Mezanà):

La bolp la erà amò sberzadà. La vist en grol quatà su 'n zirno con en toc de casolet en tel bec. "Quel if el me savrò pròpri bon", la preambolà la bolp e la ghe dis al grol: "Che bèl che es! Se demò cantes come vardes fòrà, alorà es l'aucel pu bèl che ghe".

[la 'bɔlp 'lɛro a'mɔ sber'zado la 'vist n'grɔt su n'sirno kon n'tɔk de kazo'let entɛt 'bɛk kɛt if 'vɛ ɛt me sa'vrɔ 'prɔpi 'bɔn la pre'ambolo la 'bɔlp e la ge 'dis al'grɔt ke 'bɛt ke 'es se de'mɔ 'kantes 'kome var'des 'fɔro a'loro 'es law'tʃɛt pu 'bɛt ke'gɛ]

Terzollas (Solànder de Tergiolàs):

La bolp la ero famadà nautra boto. Vedent an corf postà su 'n pin con an toch de formai an tal bech. "Questo al sarò bon" pensò la bolp, e la ghja dit al corf: "Che bèl chje es! Se al to chjant l'è bèl come la to fisionomia, aloro es el pu bèl aucl tra tuti".

[la 'bɔlp la 'ɛro fa'mado 'nawtra 'boto ve'dent an'kɔrf pos'ta sun'pin kon an'tɔk de for'maj antaʃ 'bɛk kwɛsto aʃ sa'rɔ 'bɔn pen'so la 'bɔlp e la dʒia'dit aʃ 'kɔrf ke 'bɛt kje 'es se aʃ to kjan't lɛ 'bɛt 'kome la'to fisjono'mia a'loro 'es ɛt py 'bɛt aw'tʃɛt tra 'tuti]

Val di Rabbi (Rabiés; al. Rabbistal):

La bolp la erà amò tornà famadà. Nte quelà la vet en corf su en avez con en toch et formai ntel bech. "Quel if vè el m' saverò bòn", la se 'mpensà 'ntrà de elà, e la ji dis al corf: "Chje bèl chje es! Se 'l to chjantar 'l füs aussi bèl come chie vardes fòrà del seghjür sàrosti 'l pü bèl et tüet i aucjei".

[la 'bɔtp la 'ɛro a'mɔ tor'no fa'mado nte 'kelo la 'vet su en a'ves n'kɔrf kon n'tɔk ɛt for'maj ntɛt 'bɛk kwɛt if 'vɛ ɛt m save'rɔ 'bɔn la se mpen'so 'ntra de 'elo e la gi 'dis aʃ 'kɔrf kje 'bɛt kje 'es sɛt to kjan'tar t 'fys awsi 'bɛt 'kome kje var'des 'fɔro delse'gjyr so'rosti t py 'bɛt ɛt 'tyt jaw'tʃɛj]

Exemplos de falares *ladino-vênetos* da Província de Beluno:

Falcade (*falciadin de Falciade*):

La bolp l'èra danof famada. N'dant la veth en còrf, che 'l avéa inte 'l bèc en tòc de formai. “Chel sì che el me piasarie”, la s'à pensà la bolp, e l'à ciamà el corf: “ché bèl che tes! Se te cante polito come che te se veth, de segur tes el pì bèl de duti i auziéi”.

[la 'bɔlp 'lɛra da'nof fa'mada n'dant la 'vet n'kɔrf ke la'vea inteɫ 'bɛk n'tɔk de for'maj kɛɫ 'si kɛɫ me pjas'arie la 'sa pen'sa la 'bɔlp e'la tʃa'ma eɫ 'kɔrf ke 'bɛɫ ke 'tes se te 'kante po'lito 'kome ke te se 'veθ dese'gur tes eɫ pi 'bɛɫ de 'duti jaw'zjeɫ]

Alleghe (*lengaz de Alie*):

La bòlp 'l era 'ndanuof famada. Chel che no lè la vez 'n korf co 'n toch de formai inanter 'l bèch. “Chel vè me save se bom”, la pensa la bòlp y 'ndant la dis al corf: “che bèl che t'ès! Se te ciente valif che te varde fora bèl, de segur tè s 'l pì bèl de uziei”.

[la 'bɔlp 'lɛra nda'nwɔf fa'ma:da 'kɛɫ ke no'lɛ la'ves n'kɔrf ko n'tɔk de for'maj i'nanter ɫ'bɛk kwɛɫ 'vɛ eɫ me save'se 'bɔm la 'pensa la 'bɔlp i n'dant la 'dis aɫ 'kɔrf ke 'bɛɫ ke 'tɛs se te 'tʃante va'lifi ke'te 'varde 'fora 'bɛɫ dese'gur tɛs ɫ pi 'bɛɫ de u'zjeɫ]

Baixo Agordino (*Taibón*):

La bolp l'era danof famàda. Šun pež la vet 'n còrf co 'n toch de formai 'nte 'l bèch. E la se diš ànter de ela: “Quan che 'l me šavarie bon” e la diš al còrf: “Quan bèl che tè sé! Še tè šubiése drìo la tò beléža, de šegùr te šarie el pì fèter ànter i ošèi”.

[la 'bɔlp 'lɛra da'nof fa'mada ɟun 'peʒ la 'vet n'kɔrf ko n 'tɔk de for'maj n'teɫ 'bɛk e la se'diʃ 'anter ela kwan keɫ'me ɟave'rie 'bɔn ela' diʃ aɫ 'kɔrf kwan 'bɛɫ ke tɛ'ɟe ɟe te ɟu'bjeɟe 'drìo la'tɔ be'leʒa deɟe'gur te ɟa'rie eɫpi fe'ter 'anter i'oʃɛɫ]

Por conta dos conflitos ocorridos no Tirol Meridional após a Primeira Guerra Mundial, o patriotismo local incentivou o uso do termo “ladino” para se contrapor a “italiano”, separando, assim, a identidade da população de língua neolatina do Maciço do *Sella*. Enquanto isso, a Itália promovia exatamente o contrário, incentivando o uso do idioma ladino em outro contexto, ou seja, em contraposição ao uso do alemão por se tratar de um idioma latino.

Pellegrini (1971) demonstrou como houve o incentivo de se propagar o ladino nas regiões de *Val Gherdëina* (al. *Gröden*) e *Val Badia* (al. *Gadertal*), no Tirol do Sul, para promover o idioma neolatino enquanto se buscava diminuir o uso do alemão na região; enquanto isso, em *Val di Fassa* (al. *Fassatal*, *Evas*), no Trentino, não houve grande incentivo para a promoção do ladino, pois entre o ladino e o italiano, preferiu-se este em prol da unidade linguística regional. O mesmo aconteceu na região de Ampezo, onde o número de falantes do ladino diminuiu consideravelmente desde 1923, quando a região foi desmembrada do Tirol do Sul e anexada à província de Beluno.

Nos últimos anos, algumas associações culturais dos vales trentinos de Non e Sole promoveram convênios e palestras sobre a *ladinità nonesa e solandra*, visando obter um reconhecimento oficial enquanto áreas ladinas. Os dados dos dois últimos censos linguísticos realizados no Trentino demonstram que mais de 7.500 pessoas declararam-se pertencentes à população ladina.

1.1.3. O FRIULANO

O friulano (fur. *furlan*; it. *friulano*; al. *Friaulisch*) é o idioma de mais de 640.000 pessoas na região histórica de Friul (fur. *Friûl*; it. *Friuli*; al. *Friaul*; esl. *Furlanija*), com a maior parte de seu território pertencente à Região Autônoma Friul-Veneza Júlia (*Friuli-Venezia-Giulia*).

Fala-se friulano nas províncias friulanas de Údine, Gorizia e Pordenone, na província vêneta de Veneza (*Comprensorio di Portogruaro*) e na cidade belunesa de *Sappada* (al. *Ploddn*), onde convive originalmente com o alemão.

A área friulana está localizada entre o Vêneto, o estado austríaco de *Kärnten* e a Eslovênia. Após a guerra italiana de unificação de 1866, o território do Friúli ficou dividido entre o Império Austro-húngaro e o Reindo da Itália, passando para o controle total deste somente após a Primeira Guerra Mundial (1918), sendo incorporado à nova região batizada em italiano como *Friuli-Venezia-Giulia*, com capital administrativa em Trieste. No entanto, a capital histórica do Friul sempre fora a cidade de Údine (fur. *Udin*, esl. *Videm*).

Ascoli classificou o friulano *ladino orientale*, por encontrar-se separado do ladino dolomítico pelo dialeto vêneta e pelos falares ladino-vênetos. Apesar da

existência de variantes, o friulano arroga para si o *status* de língua, possuindo antiga produção literária e formando um conjunto bastante compacto de falares, de modo que é possível afirmar que todas as variantes friulanas são reciprocamente inteligíveis.

Região do friulano entre as províncias de Údine, Pordenone e Veneza¹⁴⁵.

Entre as principais diferenças existentes nos falares friulanos, destacam-se:

- a diferenciação da vogal final derivada de *-a* latina, frequente nas formas femininas do singular, que ocorre como *-a*, *-e* e *-o*: *ungŭla* > *ongula* ['oŋgula], *ongule* ['oŋgule], *ongulo* ['oŋgulo] <unha>
- a realização das vogais fonologicamente longas do latim, que ocorrem como longas, breves ou, como ditongos: *colōrem* > *colôr* [ko'lo:r], *color* [ko'lor], *colour* [ko'lowr], *colùar* [ko'luar], *colùer* [ko'luər], *colùor* [ko'luor] <cor>.

¹⁴⁵ Mapa: nosso.

A subdivisão do friulano em quatro grupos dialetais (FRAU, 1984) se apresenta da seguinte forma:

a) *Friulano ocidental* ou *concordiese* (por causa da cidade de *Concordia Saggittaria*), falado na província de *Pordenone* (fur. *Pordenon*) e no território vêneto de *Mandamento di Portogruaro*, formado por onze cidades na província de Veneza. De marcada influência vêneta, caracteriza-se pela terminação em *-a* das palavras femininas e pelo desenvolvimento das vogais fonologicamente longas [i:] e [u:] em ditongos que variam entre os dialetos.

b) *Friulano central* (fur. *furlan comun*): representa o maior e mais consistente grupo de falantes, cuja variante, historicamente de maior prestígio, constituiu a base da *koiné* literária. É falado na província de Údine, exceto no território de Cárnia, e se caracteriza pela terminação em *-e* das palavras femininas e pela manutenção da realização das vogais latinas fonologicamente longas.

c) *Friulano cárnico*: forma um conjunto diversificado de falares da região da Cárnia (fur. *Cjargne*, *Cjargna* ou *Cjargno*) que, apesar das diferenças internas, é considerado o grupo com maior número de conservações fonéticas e com o maior número de ditongos desenvolvidos a partir das vogais média longas. Os falares de *Rigolato* e *Forni Avoltri* preservam a terminação em *-o* das palavras femininas, atestada em documentos medievais escritos em friulano.

d) *Friulano oriental* (fur. *furlan de Goriza*, *furlan da Bassa*), falado nos territórios do antigo condado de Gorizia. É caracterizado pela terminação em *-a* das palavras femininas e pela manutenção da realização das vogais latinas fonologicamente longas.

No friulano, as palavras masculinas terminam em consoante surda (*corvat* [kor'vat] <corvo>; *biel* ['bjɛɫ] <belo>; *stuart* ['stwart] <torto>) ou em *-i* (*voli* ['vo:li] <olho>; *fradi* ['fradi] <irmão>), enquanto as palavras femininas terminam geralmente em *-e* (*biele* ['bjɛle] <bela>; *stuarde* ['stwarte] <torta>), mas também em *-a* ou *-o* de acordo com os dialetos (*biela*, *bielo*; *stuarta*, *stuorto*); ou terminadas em consoante surda (*sûr* ['su:r] <irmã>; *man* ['maŋ] <mão>; *val* ['vaɫ] <vale>).

O plural sigmático ocorre tanto para palavras masculinas (*fradis* ['fradis] <irmãos>; *biels* ['bjɛls] <belos>) como femininas (*mans* ['mans] <mãos>; *vals* ['vals] <vales>). Somente nas palavras masculinas ocorre palatalização nos seguintes casos: palavras terminadas em *vogal + l* (*cjaval* ['cavaɫ] - *ciavai* ['cavaj] <cavalos>), *vogal + st* (*trist* ['trist] - *triscj* ['trisc] <malvados>), boa parte das terminadas em *vogal + li* (*voli* ['vo:li] - *voi* ['vo:j] <olhos>) e algumas terminadas em *-t* (*dut* ['vo:li] - *ducj* ['duc] <todos>). O friulano central perdeu as fricativas /ʃ/ e /ʒ/ e as palavras terminadas em *-s* não apresentam modificação no plural (*nâs* ['na:s] <nariz, narizes>; *lûs* ['lu:s] <luz, luzes>); entre os dialetos que conservam os fonemas, as palavras terminadas em [ʃ] formam o plural em [s] (['lu:ʃ] <luz> - ['lu:s] <luzes>) enquanto aquelas terminadas em [s] o fazem em [ʃ] (['na:s] <nariz> - ['na:ʃ] <narizes>). Existem, ainda, algumas palavras com plural irregular, como *an* ['aŋ] - *agns* ['aɲs] <anos> e *bon* ['boŋ] - *bogns* ['boɲs] <bons>.

Para uma comparação entre o friulano, o romanche e o ladino dolomítico, e para uma posterior comparação com o dialeto trentino, seguimos com a história da raposa e do corvo traduzidas nos dialetos central e cárnico, apresentadas por VIARO (2001) e BELINE (2003):

Friulano central:

La bolp e veve, ančhemò une volte fan e vè ca ch'e à viodût un corvat parsore di un pin ch'al veve un toc di formadi intal bec. "Chest culì lu ġholdarès une vore", e à pensât e i à berlât al corvat: "Ce biel che tû tu sês! Se il to chant al è tant biel come la tô infîche, alore tu sês il plui biel di dučh ju ucei!"

[la 'bɔlp e'veve an'cemɔ une 'vɔlte 'fan e'vɛ ka ke'a vjo'du:t un kɔr'vat par'sore un 'pin kaɫ 'veve un 'tɔk di for'madi in'tal 'bɛk 'kɛst ku'li lu ʒoldarɛs une 'vore e'a pen'sa:t e'ja ber'la:t aɫ kor'vat tʃɛ 'bjɛɫ ke 'tu tu 'se:s se il to 'cant a'lɛ tant 'bjɛɫ 'kome la 'to: infi'ce a'lore tu 'se:s iɫ pluɟ 'bjɛɫ de 'dutʃ ju u'tʃɛj]

Friulano cárnico (Paularo):

La bolp l'èrä di nûf famadä. In chê la jou un corvat par sore di un pin, cal vevä tal bec un toc di ciuç. "Chel si ca mi plašares", alà pensâ la bolp, e ia dîš al corvat: "Ce biel ca tu sês! Sa tu cjantes ben comä cjalâti di fûr, di sigûr tu sês il plui biel di ducj i ucèi!"

[la 'bɔlp 'lɛrɛ di 'nu:f fa'made in 'ke: la ʒow un kɔr'vat par'sore un 'pin kaɫ 'veve un 'tɔk di 'tʃuf tal 'bɛk kɛɫ 'si ka mi pla'fɛrɛs a'la pen'sa: la 'bɔlp e'ja 'di:f aɫ kor'vat tʃe 'bjɛɫ ka 'tu 'se:s sɐ tu 'cantes 'ben 'kome cja'la:ti di 'fu:r di si'gu:r tu 'se:s it pluʒ 'bjɛɫ de 'duɫʃ ju'tʃɛj]

Existem, ainda, os dialetos da *Alta Valcellina*, falados em *Cimolais*, *Erto* e *Claut*, na província de Pordenone, considerados falares de transição entre o friulano e o ladino dolomítico. Esses falares ameaçados de extinção reforçam a tese sobre a continuidade linguística existente pelo menos desde a Friúlia até o Maciço do *Sella*, pois fazem supor que a área nativa do ladino outrora se difundia pelo Vale do Rio Piave, de *Cadore* até *Longarone-Erto* e, dali, como que formando uma faixa, até a área friulana.

Até o final do século XIX falava-se em *Muggia* (esl. *Milje*), na província de Trieste, juntamente com o italiano, o vêneto e o esloveno, um dialeto muito semelhante ao friulano, chamado em italiano *muglisano*. Seu último falante, Giuseppe de Jurco, faleceu em 1889. Essa língua não deve ser confundida com o atual dialeto local, de tipo triestino (vêneto), chamado *mujisan* ou *muggisano*.

Em *Dialoghi piacevoli in dialetto vernacolo triestino*, publicados em 1828, Giuseppe Mainati apresentou aquela que chamou “antiga língua de Trieste”, muito próxima ao friulano e que teria sido falada pela maior parte da população local até 1700, quando então começou a perder espaço para o dialeto triestino (vêneto) por causa da expansão demográfica a partir de 1719, ocasionada com a modernização do porto. Segundo Mainati, o antigo idioma teria sobrevivido até meados de 1800 entre as tradicionais famílias aristocráticas da cidade (*lis tredis fameis*). Sua existência foi posta em dúvida pelo historiador triestino Pietro Kandler, em 1868, pela ausência de qualquer texto ou relato além dos diálogos de Mainati. Em 1890, Ascoli publicou *Il dialetto tergestino* em *Archeografo Triestino*¹⁴⁶, baseando-se também nos diálogos. No século XX, Ivan Cirico escreveu poemas no dialeto tergestino, numa tentativa de revitalização do antigo idioma.

¹⁴⁶ *Archeografo Triestino - Serie II*, vol. XV, 1890, pp. 245-263.

1.2. GRUPOS DIALETAIS DO SETENTRIONAL ITALIANO

1.2.1. O GRUPO GALO-ITÁLICO

O grupo galo-itálico compreende vários dialetos localizados nas regiões italianas de Piemonte, Lombardia, Ligúria, Emília-Romagna, norte da Toscana, norte de Marche, oeste do Vêneto e Trentino centro-ocidental. O substrato céltico seria o fator unificador dos falares galo-itálicos, ligando-os aos falares galorromânicos transalpinos da França. Contudo, não existe um consenso sobre as características comuns dependerem unicamente do substrato (ROHLFS, 1954; DELAMARE, 2003). Sobre essa questão, Viaro (2001, p. 79) afirma que “cumpre não esquecer que o substrato celta não era homogêneo, pois devia haver vários falares celtas”.

A difusão do galo-itálico se deu principalmente através da planície do Rio Pó e pela área alpina ocidental, tendo chegado até os confins com o Vêneto e recuando gradativamente até permanecer na margem esquerda do Rio Ádige (al. *Etsch*), que corta o território trentino. Na província vêneta de Verona, os falares mantêm algumas características do lombardo do leste da província de Brescia.

O mais antigo texto em lombardo é o *Sermon divin*, de 1264, de Pietro da Bascapá, escrito aproximadamente 30 anos antes da *Divina Comédia* de Dante Alighieri. O vêneto impediu o avanço do galo-itálico até a região friulana, mas o contato do lombardo com o vêneto – ocorrido desde época medieval – resultou na formação de uma *koiné lombardo-vêneta*, também conhecida como *koiné alto-italiana*, que foi variante de prestígio literário anterior ao toscano, difundida pelo Norte da Itália entre os séculos XIII e XIV. Foi o filólogo e medievalista Adolf Mussafia (1864) quem tratou de evidenciar a existência dessa *koiné* quando publicou *Monumenti antichi di dialetti italiani*. Ascoli e Contini rejeitaram a existência dessa variante medieval, enquanto Tagliavini (1972) constatou sua existência como *koiné* literária, utilizada por vários autores medievais como Bonvesin de la Riva, Giacomo da Verona e Girardo Pattechio. A partir do século XV, o florentino substituiu o lombardo-vêneto à medida que se difundiam as obras de Dante, Petrarca e Boccaccio, evidenciando, assim, o prestígio que a região de Florença alcançava na península. Em seu *De Vulgari Eloquentia*, Dante tece comentários sobre o modo de falar dos lombardos e trentinos.

Apresentamos algumas características linguísticas dos falares galo-italícos (muitas das quais também ocorrem nos falares trentinos):

- enfraquecimento das sílabas átonas, principalmente nos falares emiliano-romanholos: *septimāna* > bolonhês *stména* [st'mɛna] <semana>, *cārus* > romanholo *chêr* ['ker] <caro>; *hospes* > fr. *hôpital* > lombardo *ospedàl* [ospe'daʔ], emiliano-romanholo *sb'dèl* ['zpeɖɛʔ].
- sonorização (lenição) das oclusivas surdas [p], [t] e [k] em posição intervocálica numa evolução *p* > *bb* > *v* ; *t* > *d* > *r* ; *c* + *a, o, u* > *g* > $\emptyset$: *cāpillus* > lombardo, trentino *cavéi* [ka'vej] <cabelos>; a.a.a. *wartôn* > lombardo, trentino *vardàr* [var'dar] <olhar>; *amīca* > lombardo *amiga* [a'miga] <amiga>; *formīca* > lombardo *formiga* [for'miga], bolonhês *furmīga* [fur'miga] <formiga>.
- redução das consoantes geminadas em posição intervocálica, característica comum a demais falares setentrionais da Itália: *bēllum* > *bèl* ['bɛʔ] <belo>; *caballum* > *caval* [ca'vaʔ] <cavalo>. Alguns dialetos do piemontês e do lombardo apresentam na escrita consoantes geminadas, mas não as realizam.
- queda das consoantes finais e ausência de epíteses (paragoges) típicas do italiano: *amant* > italiano *amano*, lombardo *aman* ['aman] <amam>; *amīcus* > italiano *amico*, bolonhês *amīg* [a'mig] <amigo>. Em alguns dialetos, também ocorre queda da última sílaba nas formas verbais de primeira, segunda e terceira pessoas do singular no pretérito perfeito do indicativo: *lui è malato*, lombardo *lū è malà* <ele adoentou-se> (feminino *malada*); italiano *io ho parlato*, lombardo *mi ho parlà* <eu falei>; italiano *mi ha detto*, lombardo oriental *mi ha dit*, piemontês *am ha dime* <disse-me>.
- queda de [r] final de verbos no infinitivo: lombardo *cantà* [kan'ta], piemontês *canté* [kan'te] <cantar>.
- presença dos fonemas vocálicos anteriores arredondados *ü* [y] e *ö* [ø]: *plūs* > lígure *ciù* ['tʃy:], lombardo *pü* ['py] ou *pu* ['pu]; piemontês *pì* ['pi] <mais>; *lūna* > milanês *lūna* ['lyna], lígure de Novi *lōina* ['løjɲna], piacentino *lōina* ['løjna] <lua>; *filius* > bresciano *fiöl* ['fjøʔ] <filho>; *illum* > bergamasco *lū* ['ly] <ele>; *nōvum* > piemontês *neuv* ['nøʋ]; lombardo oriental *nöf* ['nøf], porém romanholo *nôv* ['nov] <novo>. A grafia varia entre os dialetos; enquanto o lombardo

oriental utiliza *ü* e *ö*, o piemontês e dialetos do lombardo ocidental, como o milanês, utilizam a grafia *francesa*: *eu* [y], *ou*, *eau* [ø].

- passagem de /L/ a [r] em alguns dialetos (lígure *vórpe* ['vorpe] <raposa>, *frècia* ['frɛtʃa] <flecha>)¹⁴⁷ e enfraquecimento de [r] em [ɹ], que, no caso lígure (sobretudo no bolonhês), evoluiu também como [r] > [ɹ] > Ø (*caru* > ['kau] > ['ka:u] <caro>; *farina* > [fa'ɹiɲna] > [fa'ina] com sucessiva mudança da tônica resultando em ['faiɲa] <farinha>).
- ocorrência em alguns dialetos do pronome sujeito átono, que redobra o sujeito na oração (lombardo oriental *lū 'l dīc* ['ly + 'dɪtʃ] <ele diz>; piemontês *cost liber l'è pì bèl* ['kost 'liber lɛ pi'bɛɫ] <este livro é mais bonito>; carrarês *'l corv i avev robat* [ɫ'kɔrv ja'vev ro'bat] <o corvo roubou>, lígure *a donna a parla* [a'dɔna a'parla] <a mulher fala>, *u sciò l'è bel* [u'ʃu: lɛ'bɛɫ] <a flor é bela>), com casos de pronome sujeito átono posposto (piemontês *anté ch'it ses?* [an'te kit'ses] <aonde vais?>).

Característica arcaica do galo-italico era a palatalização de *c-* e *g-* antes de *a* (como nos falares retorromânicos), que retrocedeu gradativamente durante a Alta Idade Média (ROHLFS, 1954). Também ocorreu a palatalização de *cl-* e *gl-* latinas, mas alguns falares regionais preservam as formas arcaicas (lombardo oriental *clav*, *claf* <chave>).

Alguns falares galo-italicos preservam ainda resquícios da antiga desinência plural com morfema *-s* e na segunda pessoa do singular (piemontês *ti it ses* ['ti:t 'ses]; lombardo oriental *ti te ses* ['ti te'ses] <tu és>), indicando que a forma plural originada do caso acusativo do latim outrora se estendia por boa parte da região alpina ocidental e central. Com o passar dos séculos, perdeu espaço para as formas em *-i* e *-e* originadas do caso nominativo do latim, limitando-se às áreas que atualmente correspondem às daquelas dos falares retorromânicos. O galo-italico se desenvolveu exatamente na área da Linha Spezia-Rimini (ou *Massa-Senigallia*), que distingue as línguas românicas a leste e a sul da linha daquelas a norte e oeste, e mantinha tanto características das línguas do grupo oriental, como do grupo ocidental (como o plural sigmático).

O plural com mudança e palatalização da consoante final ocorre nos casos de *-l* como nos demais falares setentrionais italianos e no romanche (*local* > *locai* [lo'kaj]

¹⁴⁷ Fenômeno comum a vários falares da România ocidental.

<lugares>; *cavàl* > *cavài* [ka'vaj] <cavalos>) e há palavras que não apresentam desinência de plural: lombardo ocidental *man* ['man] <mão, mãos>; *sòci* ['sɔtʃi] <sócio, sócios>, piemontês *can* ['kan] <cão, cães>, *scolé* [sko'le] <estudante, estudantes>.

Os falares galo-italícos são divididos e classificados da seguinte forma¹⁴⁸:

a) **Piemontês** (piem. *piemontèis*, it. *piemontese*) falado no Piemonte e numa pequena parte de Val d'Aosta. Convive, ao norte, com o alemão alamanico (*Walser*), com o franco-provençal falado em Val d'Aosta e com o occitano nas áreas fronteiriças com a França. É subdividido em:

- Piemontês ocidental, subdividido em variantes regionais (*koiné torinese, cuneese, delle laghe e del roero, saluzzese, alte terre langasche, pinerolese*)
- Piemontês oriental ou baixo piemontês, subdividido em variantes regionais (*alessandrino, astigiano, biellese, alto monferrino ou acquese, basso monferrino ou casalese, valesiano, vercellese, novarese occidentale*)
- Canavesano (*canausan*), falado na região de *Canavese* (entre Turim e Val d'Aosta) com variantes locais.

b) **Lombardo** (lomb. *lumbard, lombard*; it. *lombardo*), falado na Lombardia, parte do Piemonte, parte da Suíça e parte ocidental do Vêneto. É subdividido em:

- Lombardo ocidental ou *Insubre* (outrora também chamado *cisabduano*), falado nas províncias lombardas de Milão, Monza e Brianza, Lodi, Como, Varese, Leco e Sondrio, em algumas áreas da província lombarda de Cremona (onde predomina o lombardo oriental), parte norte da Emilia-Romanha (província de Parma), parte leste do Piemonte (região de *Tortonese*, boa parte da província de Novara e na província de Verbano-Cussio-Ossola) e parte da Suíça (cantão Ticino e alguns vales dos Grisões). O lombardo ocidental é subdividido em variantes regionais (*milanese, pavese, lomellino, bustocco, legnanese, sangiorgese, brianzolo, monzese, trezzese, laghée, lecchese, comasco*,

¹⁴⁸ Optamos por manter o nome das variantes dialetais (regionais) em italiano, por não haver para todas nomenclatura correspondente em português.

vallassinese, canzese, ticinese, ossolano, valtellinese, chiavennasco, bregagliotto, poschiavino, varesotto, lodogiano, novarese, tortonese, gallo-italico di Sicilia). Há, ainda, comunidades falantes de dialetos galo-italicos no Sul da Itália, na Basilicata (praticamente extinto) e na Sicília (províncias de Enna e Messina), fundadas entre os séculos XI e XIII.

- Lombardo oriental ou *Orobico*, falado nas províncias lombardas de Bérgamo, Bréscia, Mântova e Cremona (norte), no oeste do Vêneto (província de Verona) e oeste da província de Trento. Por sua vez, o lombardo oriental é subdividido em dois grupos de variantes: oriental (*bergamasco, cremasco, soresinese, alto mantovano, bresciano*) e alpino-oriental (*bormino, livignasco, alto camuno*).
- Lombardo meridional (de Cremona), classificado por Biondelli (1853) como pertencente ao grupo oriental, mas com notórias diferenças se comparado com os demais falares do grupo. Rossini (1975) preferiu classificá-lo como um dialeto distinto por se tratar de um caso de transição entre o lombardo e o emiliano.

c) **Lígure** (it. *ligure*), geralmente denominado *zenéize* (“genovês”) por causa do prestígio da variante de Gênova. Falado na Ligúria, em algumas regiões ao sul do Piemonte (província de Cuneo) e da Emília-Romanha (províncias de Piacenza e Parma), norte da Toscana (província de Massa-Carrara), Mônaco, em uma pequena área da França (*Mentone, Roquebrune-Cap-Martin* e *Boniface*) e na Sardenha (em *Carloforte*, na Ilha de São Pedro, e em *Calasetta*, na Ilha de São Antíoco). É subdividido em:

- Lígure oriental, falado da extremidade oriental da Ligúria, pela costa, até *Bonassola*.
- Genovês (lig. *zeneise*; it. *genovese*), com variantes de *Framura* até *Noli*, tendo a variante de maior prestígio aquela de *Valle Scrivia*.
- Savonês (it. *savonese*), falado na província de Savone (lig. *província de Sann-a*).
- Lígure ocidental, falado de *Taggia* até o Principado de Mônaco (lig. *u Principatu de Múnegu*).
- Roiasco (lig. *ruiascu*), de tipo alpino, falado em *Valle della Roia*, entre França e Itália.

- Lígure de *Oltregiogo*, que é um grupo de falares que possui, dependendo, da localidade, características piemontesas, lombardas ou emilianas.

d) **Emiliano-romanholo** (em. *emiliàn-rumagnòl*; it. *emiliano-romagnolo*), falado na Região Emília-Romanha e em algumas regiões limítrofes. Subdivide-se em dois grupos principais:

- Emiliano, falado na Emília, em algumas áreas ao sul da Lombardia (províncias de Pávia, Cremona e Mântua) e norte da Toscana (região de *Lunigiana*). Por sua vez, o emiliano é subdividido em voguerês, emiliano ocidental, lunigiano, mantovano, emiliano central e emiliano oriental, com variantes correspondentes à região onde são faladas (*carrarese*, *massese* e *lunigianese*; *pavese* ou *oltrepadano*; *piacentino* ou *bobbiese*; *modenese*, *carpigiano* e *mirandolese*; *reggiano*; *parmigiano*; *calasco-viadanese*; *bolognese*; *ferrarese*; *mantovano*).
- Romanholo, falado na Romanha, na República de San Marino, no norte da Região Marche (na província de *Pesare* e em *Urbino*) e leste da Toscana (região histórica conhecida como *Romagna toscana*). O romanholo é subdividido em dois principais grupos, o romanholo setentrional e o *marchigiano*.

No mapa, vemos o encontro do lombardo oriental (galo-italico) com o vêneto ocorre na região trentina, onde os falares possuem características de ambos. Contudo, muitos mapas dialetais italianos, como a *Carta dei dialetti d'Italia* (1977) não classificam a existência de um dialeto trentino, ignorando as características regionais trentinas que só ocorrem na região correspondente à província de Trento.

Geralmente, o que se vê nos mapas dialetais da Itália são indicações sobre o encontro do galo-italico e do vêneto na área correspondente à província de Trento, que aparece somente como região de encontro (*mezzogiorno*) dos grupos linguísticos.

Como se verá adiante, essa classificação que não considera um dialeto trentino exclui particularidades linguísticas próprias daquele território, além de não considerar o léxico regional, presente somente nos falares trentinos e inexistente no lombardo e no vêneto confinantes.

Os falares galo-italicos¹⁴⁹

Do grupo galo-italico, interessa-nos principalmente o dialeto lombardo, por ser aquele mais próximo ao trentino. A área dialetal lombarda é um pouco mais extensa do que o território político da região italiana da Lombardia, mas evidencia a relação do dialeto com a história do território, cujos confins administrativos e políticos têm origem em época romana. Antes da latinização, o Rio *Adda* delimitava os territórios das tribos gaulesas dos insubres e cenomanos. Com a organização romana do tempo de Augusto, o Rio *Oglio* separava a X Região (*Transpadana*) da XI Região (*Venetia et Histria*), mas com a reforma de Diocleciano, novamente o *Adda* serviu para estabelecer as fronteiras e

¹⁴⁹ Mapa: nosso, com base em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Languages_spoken_in_Italy.svg e na *Carta dei dialetti d'Italia* (1977).

mesmo após a Idade Média, estabelecia os confins entre os territórios de Milão e Veneza até a invasão napoleônica (BONFADINI, 2010).

Como observamos no mapa, o lombardo é subdividido em dois grupos principais: ocidental e oriental. Dentre os fenômenos que aparecem em ambos os grupos, temos a presença dos fonemas vocálicos anteriores arredondados *ü* [y] e *ö* [ø] (*liina* ['lyna] <lua>; *cör* ['kør] <coração>); a lenição das consoantes intervocálicas (*rota* > *röda* ['røda] <roda>); a ausência de consoantes geminadas (*bella* > *bèla* ['bɛla] <bela>); a queda das vogais finais que não -a (*dent* ['dent] <dente>, *tüc* ['tytʃ] <tudo>) e de [r] final dos verbos no infinitivo (*finì* [fi'ni] <terminar>; *cantà* [kan'ta] <cantar>); preservação da desinência -i/-e na primeira pessoa do singular do presente do indicativo (milanês *mi pödi* [mi 'pødi], bergamasco *mé pöde* [me 'pøde] <eu posso> e alguns dialetos que ainda conservam a forma arcaica *pös* ['pøs] <posso>); ocorrência do pronome sujeito átono na segunda e terceira pessoas do singular e na terceira pessoa do plural, redobrando o sujeito na oração (*ti te càntet* [ti te'kantet] <tu cantas>; *lù 'l g'ha* [ly ʔ'ga] <ele tem>; *lürì i dis* [lyri i'dis] <eles dizem>) e negação posposta ao verbo (*lii al canta minga* [ly al'kanta 'minga] <ele não canta>).

No que se refere ao léxico, algumas palavras são exclusivas da área dialetal lombarda e não ocorrem em outros dialetos galo-italícos: lombardo ocidental *sat* ['sat], lombardo oriental *sciat* ['ʃjat], *sciatru* ['ʃjatrù] <sapo>¹⁵⁰.

Os falares pertencentes ao lombardo ocidental apresentam fenômenos próprios, que são (ou eram) presentes no dialeto milanês, considerado por BIONDELLI (1854) como a variante de maior prestígio. Dentre alguns desses fenômenos, temos a oposição entre vogais longas e breves (*car* ['ka:r] <caro> ~ ['kar] <carroça>), que também distingue as formas verbais no infinitivo e no pretérito ([kan'ta] <cantar> ~ [kan'ta:] <cantou>; [fi'ni] <terminar> ~ [fi'ni:] <terminou>; [ri'dy] <reduzir> [ri'dy:] <reduziu>); conservação, assim como no italiano, da distinção entre [s], [ʃ], [tʃ] e [tj] do latim vulgar (*septem* > *sèt* [sɛt] <sette>; *cepulla* > *scigula* [ʃi'gula] <cebola>; *capitia* > *cavèzza* [ka'vetsa] <cabeça>), e conservação de [tʃ] e [dʒ] para os casos -ct- e -cl- latinos

¹⁵⁰ O trentino piracicabano apresenta as palavras *ciavàt* [tʃa'vat] (S) e *zavàt* [sa'vat] (SO) significando principalmente “chinelo” ou “sandália”, mas também “sapo morto”, “sapo estirado ao chão”. Por não termos encontrado uma etimologia que comprovasse qualquer ligação com as palavras do dialeto lombardo, limitamo-nos a registrá-las.

(*nòc* ['nɔtʃ] <noite>, *orègia* [o'rɛdʒa] <orelha>); presença de vogais nasais longas, sobretudo em posição final, em casos *vogal + n* (*can* [kã:] <cão>; *ben* [bē:] <bem>; *carbon* [kar'bõ:] <carvão>; *vü* [vy:] <um>¹⁵¹); rotacismo de /l/ em /r/ em áreas periféricas como no cantão suíço do Ticino e em Brianza, mas outrora difuso e documentado também no milanês ([kan'dira] <vela>; ['pyres] <pulga>; *scöra* ['skøra] <escola>) e casos de plural não desinencial de substantivos femininos terminados em -a (*züca* ['tsyka] <abóbora> - *züch* ['tsyk] <abóboras>; *dòna* ['dɔna] <mulher> - *dòn* ['dɔn] <mulheres>).

Por sua vez, os falares lombardos orientais são mais fragmentados, com uma série de fenômenos que os diferenciam daqueles ocidentais, e não possuem uma variante de prestígio como o milanês (pensemos no bergamasco e no bresciano, que apresentam consideráveis diferenças entre si). Dentre os fenômenos mais comuns, temos: ausência de vogais longas, não havendo função distintiva de significado (['kar] <caro> ou <carroça>); conservação de [s] e [ʃ] para os casos de [s], [ʃ], [tʃ] e [tj] do latim vulgar (*septem* > *sèt* ['sɛt] <sete>; *cepulla* > *scigula* [ʃi'gula] <cebola>; *capitia* > *caèza* [ka'ɛsa] <cabeça>); casos de metástase (bergamasco *prèda* ['prɛda] <pedra>); mudança, em determinados contextos, de *ü* [y] > *ö* [ø] (*brüt* ['bryt] > *bröt* ['brøt] <feio>) e de *i* [i] > *e* [e] (*inscì* [in'ʃi] > *isé* [i'se] <assim>; *ti* ['ti] > *te* ['te] <você, ti>); queda de [v] intervocálica ([ka'ɛi] <cabelos>; [la 'aka] <a vaca>; *öna öлта* ['øna 'øлта] <uma vez>; *öna pöta ègia* ['øna 'pøta 'øлта] <uma pobre velha>); queda de [n] em final de sílaba tônica, sem nasalização da vogal (*ca* ['ka] <cão>; *cap* ['kap] <campo>; *ach* ['ak] <também>; *véter* ['veter] <barriga, ventre>); palatalização no plural dos substantivos masculinos em -t e -n (*gat* ['gat] <gato> - *gac'* ['gatʃ] <gatos>; *àsen* ['azen] <asno> - *àsegn* ['azeɲ] <asnos>); conservação de -t final nos participípios passados do singular masculino (*cantàt* [kan'tat] <cantado>; *finìt* [fi'nit] <terminado>; *abùt* [a'but] <tido>) e plural desinencial feminino em -e (*dòna* ['dɔna] <mulher> - *dòne* ['dɔne] <mulheres>; *vaca* ['vaka] <vaca> - *vache* ['vake] <vacas>).

Os falares lombardos alpinos são mais conservadores e evidenciam características galorromânicas outrora difusas por boa parte do setentrional italiano. Alguns fenômenos regrediram ou desapareceram, mas eram presentes na planície

¹⁵¹ Conferir a ocorrência de “v” não-etimológico entre alguns falares do ladino dolomítico.

padana e registrados no milanês, onde até meados do século XII se dizia *las k'avras* <as cabras>, com ataque palatal de *ca-* e conservação do plural sigmático (PELLEGRINI, 1975; BONFADINI, 2010). Entre alguns fenômenos, comuns ao grupo retorromânico e ao francês, temos a palatalização de *ca-* e *ga-* (*cjan* ['can] <cão>, *gjat* ['jat] <gato>) e a conservação de *-l-* nos grupos fonéticos *bl-*, *cl-*, *fl-*, *gl-* e *pl-* (*blanch* ['blank] <branco>, *claf* ['klaf] <chave>, *flama* ['flama] <flama, chama>, *glac'* ['glatʃ] <gelo>, *plöf* ['pløf] <chove>).

Francês	Romanche grisão	Ladino dolomítico	Lombardo alpino	Trentino	Português
<i>blanc</i>	<i>alv</i>	<i>blanc'</i> (nônes)	<i>blanch</i>	<i>bianch</i>	branco
<i>clef</i>	<i>clav</i>	<i>clav</i> (nônes)	<i>claf</i>	<i>ciave</i>	chave
<i>flamme</i>	<i>flama</i>	<i>flama</i>	<i>flama</i>	<i>fiamma</i>	chama/flama
<i>glace</i>	<i>glatsch</i>	<i>glac</i> <i>ghiac</i> (ampezano)	<i>glac</i>	<i>giac</i> <i>giaz</i>	gelo (glacial)
<i>il pleut</i>	<i>i plovera</i>	<i>l plovëi</i> (badioto) <i>l pluove</i> (fodom) <i>l pioe</i> (ampezano)	<i>plöf</i>	<i>l piöve</i> <i>l pióve</i> <i>l piòve</i>	chove (pluvial)

A subdivisão do lombardo em dois grupos principais foi durante muito tempo atribuída às diferenças de substrato, porém estudos mais detalhados fizeram com que pesquisadores (SANGA 1984; LOPORCARO 2009) afirmassem tratar-se do contrário, ou seja, o lombardo era mais homogêneo e que a fragmentação teria ocorrido durante a Idade Média. Esses estudos constataram fenômenos do lombardo oriental presentes em falares rurais de Brianza, Comasco e do cantão do Ticino (lombardo ocidental), assim como do lombardo ocidental (vogais longas distintivas, sistema consonantal) em áreas isoladas do bergamasco e do bresciano (lombardo oriental). Isso também se confirma na área trentina, onde aparecem vários fenômenos comuns ao milanês (lombardo ocidental), que não ocorrem no dialeto bresciano (lombardo oriental), como a distinção entre [s], [ʃ], [tʃ] e [tj] do latim vulgar, o rotacismo de /l/ em /r/ e a preservação de [tʃ] e [dʒ] para os casos de *-ct-* e *-cl-* latinos.

Variedades urbanas de maior prestígio (bergamasco, bresciano, cremonês), influenciadas pelo italiano padrão desde o século XIX, aceleram ainda mais o desaparecimento de fenômenos característicos das variedades rurais (BONFADINI, 2010). Casos de rotacismo de /l/ presentes no dialeto rural de *Brianza*, como *scöra* <escola> (geralmente substituído pela forma urbana *scöla*), assim como o bergamasco rural ['pjaha] <praça> é geralmente substituído pela forma urbana ['pjasa], semelhante ao italiano. Comparando o vocabulário milanês de meados de 1800 com o atual, percebemos o desaparecimento de regionalismos, como *bàrba* ['barba] <tio> e *àmeda* ['ameda] <tia>, substituídas respectivamente por *zio* ['zio] e *zia* ['zia]; o mesmo se diz de *bechéé* ['beke:] <açougueiro> (do alemão *Becker*), substituído por *macelâr* [matʃe'lar]. A “italianização” do léxico contribuiu para um *nivelamento* de diferentes dialetos, ao mesmo tempo que extingue regionalismos particulares que diferenciavam os falares lombardos orientais daqueles ocidentais, como no caso das palavras *pipistrèl* [pipis'trɛɫ] <morcego> e *pisèi* [pi'zɛj] <ervilha> que substituíram respectivamente as formas milanesa (oriental) *tegnöra* [te'ɲɔra] e *erbiùn* [er'bjun] e bresciana (ocidental) *sgriṅnàpola* [sgri'napola] e *ruaiòt* [rua'jɔt] ¹⁵².

Segundo dados estatísticos italianos (ISTAT, 2006), os falares lombardos estão desaparecendo rapidamente desde o início do século XX, por conta de seu pouco uso nas relações familiares (9%) e sociais (7%). Além disso, o grande número de crianças falantes apenas do italiano padrão indicam que a Lombardia é uma das regiões italianas com menor índice de uso do dialeto no cotidiano. A fragmentação dialetal, a falta de uma variante de prestígio (uma vez que o milanês perdeu gradativamente sua influência) e a grande migração interna de italianos provenientes das províncias meridionais, contribuíram para o desuso do dialeto lombardo.

Interessa-nos principalmente as traduções do texto da raposa e do corvo escritas nas variantes do lombardo ocidental, por conta da influência destes falares na região trentina. Contudo, para ampliar as possibilidades de comparação, apresentaremos também as traduções do texto escritas em outros dialetos galo-italícos, publicadas em Viaro (2001) e Bacchetta (2010), além da tradução escrita em italiano padrão:

¹⁵² Conferir capítulo sobre o trentino piracicabano sobre o uso da palavra “ervilha” (*bìsi*).

ITALIANO:

La volpe era nuovamente affamata e vide un corvo posato su un pino con un pezzo di formaggio nel becco. “Questo mi sarebbe buono” pensò la volpe e disse al corvo: “Come sei bello! Se il tuo canto è così bello come il tuo aspetto, allora sei il più bello fra tutti gli uccelli”.

Piemontês oriental:

La volp l'avìa ancor na vòlta fam e varda lì ch'a l'ha vèdù un crov (corbass) ans un pin ch'a tnìa un tòch ëd formagg ant ël bèch. “Sto-sì a'm piasrìa tant”, a l'ha pensà e l'ha crijaje al crov: “Che bel ch'it ses! Se tò cant a l'è tant bel coma toa aparensa, alora it ses ël pì bel osel ëd tuti”.

[la 'volp la'via an'kor na'vòlta 'fam e 'varda 'li ka la və'du yn 'krov (kor'bas) ans yn 'pin ka t'nia yn 'tɔk əd for'madz ant'ət 'bək sto'si am pjas'ria 'tant a'la pen'sa e'la kri'jaje at 'krov ke 'bət kit'ses seɪ tɔ 'kant lɛ 'tant 'bət 'koma toapa'rensa a'lora it'ses ət pi 'bət o'zɛt əd 'tyti]

Piemontês ocidental:

La volp la gh'eva n'àutra volta fam e ch'a l'a vist un croas ans un pin ch'a tnìa un tòc sèd formagg 'ntal bèc. “Sto sì am piasaria tant”, l'a s'a pensà la volp e l'a dicc al croas: “‘me t'se bèl! s' la tò vos la fudéss bèla ‘me tò aparensa, ti sarisat sicurament il pì bèl ucel ëd tuti”.

[la 'volp la 'geva 'nawtra 'vòlta 'fam e ka la 'vist yn 'kroas ans yn 'pin ka t'nia yn 'tɔk səd for'madz n'tat 'bək sto'si am pjas'a'ria 'tant la'sa pen'sa la 'volp e'la 'ditʃ at 'kroas me tse'bət s'la tɔ 'vos la fu'des 'bɛla me to apa'rensa ti sa'risat sikura'ment it pi 'bət u'tʃɛt əd 'tyti]

Lombardo ocidental (milanês):

La vòlp, anmò ona vòlta, la gh'aveva fàm, quand lee l'ha vist un scorbàt sora 'n pin ch'el tegniva un tòch de formag in del bèch. “Quel lì el me piasaria debon”, l'ha pensà e l'ha vosaa al scorbàt: “ ‘me te see bèl! Se il to cantà l'è insci bèl come el to aspet, alora ti te seet el pusee bèl de tuti i osèj”.

[la 'vɔlp an'mɔ ona 'vòlta la ga'veva 'fam e 'quan 'le: la'vist un s'korbat 'sora n'pin keɪ te'niva un 'tɔk de for'madz in'dət 'bək kwɛt 'li el'me pjas'a'ria de'bɔn 'la pen'sa e'la

vo'sa: aʔ s'korbat me te 'se: 'bɛʔ se'iʔ to kan'ta lɛ in'ʃi 'bɛʔ 'kome eʔ to as'pɛt a'lora ti
te'se: əʔ pu'se: 'bɛʔ de 'tut jo'zɛj]

Lombardo oriental (bergamasco):

*La òlp, anmò òna òlta, la g'aveva fàm, quand lé l'ha vist ü crof (còrf) sura (hura) 'n pin
ch'ol tegniva ü tòch de formai in del bèch. “Chèl lì ol me piasaria”, l'ha pensàt la òlp e
l'ha dit al crof (còrf): “me te set pròpe bèl” Se ol to cant l'è ‘sci bèl come ol to aspet,
alùra te set ol piö bèl de töc i usèi”.*

[la 'ɔlp an'mɔ ɔna 'ɔlta la ga'veva 'fam 'quand 'le la'vist y 'krof ('kɔrf) 'sura ('hura) n'pin
koʔ te'niva y 'tɔk de for'maj in'dəʔ 'bɛk kɛʔ 'li ol'me pjasa'ria 'la pen'sat la 'ɔlp e'la 'dit
aʔ 'krof ('kɔrf) me te 'set 'prɔpe 'bɛʔ se'oʔ to 'kant lɛ 'ʃi 'bɛʔ 'kome oʔ to as'pɛt a'lura ti
te'set oʔ pjɔ 'bɛʔ de 'tɔʃ ju'zɛj]

Lombardo oriental (bresciano):

*La bólp la g'haveva n'altra òlta fàm, quand che la gà vést 'n crof sóra 'n pin che 'l
tegniva 'n tòch de formai endèl bèch. “Chèl lì 'l me piasaria”, la gà pensà la bólp e la
gà dit al crof: “Che bel che te se! Se 'l to cant l'è così bèl come el to aspet, alùra te se
'l piö bèl de töt i uzìli”.*

[la 'bolp la ga'veva 'naltra 'ɔlta 'fam e 'quan la ga 'vest n'krof 'sora n'pin kɛʔ te'niva
n'tɔk de for'maj en'dɛʔ 'bɛk kɛʔ 'li ʔ me pjasa'ria la ga pen'sa e la ga 'dit aʔ 'krof ke 'bɛʔ
ke te'se seʔ to 'kant lɛ ko'si 'bɛʔ 'komeʔ to as'pɛt a'lura te'se ʔpjɔ 'bɛʔ de 'tɔʔ ju'zili]

Ligure:

*A vorpe a gh'aveiva ancon 'na vòta fame e te ô li ch'a l'ha visto un cròvo in sce 'n pin
ch'o gh'aveiva un tòco de formagio into beco. “Sto chî o me piaxieiva tanto” a l'ha
pensòu e a gh'a criòu a-o cròvo: “Che belo che t'ê! Se o teu canto o l'è coscì belo come
a teu aparensa, alöa t'ê o ciù bel'öxelo de tuti”.*

[a 'vorpe a ga'vejva an'kon na'vɔta 'fame e'te u'li kala'vistu un 'krɔvu inʃen'pin ku
ga'vejva un 'tɔku de for'madzɔ in'tu 'bɛku sto'ki u'me pjazi'ejva 'tantu a'la pen'sow
ea'ga 'krjɔw ao'krɔvu ke'bɛlu ke'te: sew'tɔ 'kantu u'lɛ ko'ʃi 'bɛʔu 'kome a'tɔ apa'rensa
a'lɔa te: u tʃy 'bɛʔ o'zɛlu de 'tyti]

Emiliano:

La vòlpa la ghìva ancòra ‘na vòlta fam ed ech che in tàl védèr un corv sdu sovra un pin con un pès èd furmaj in tal bèch: “Còos ché’am gustarès béin”, l’ha pinsèe ed ha gridè al corv: “Che bèl ca t’ee! Se al to cant l’è bèl quant la tò parejnsa, alòra te t’ee al piò bèl ed tòt j ozvèe”.

[la 'vɔlpa la 'giva an'cɔra na 'vɔlta 'fam ede'ke in'taʔ 'vedər un'korv sdu'sovra un'pin kon un'pes ɛdfur'maj in'taʔ 'bɛk 'kɔ:s ke'am gusta'rɛs 'bejn la pin'sə ed'a gri'dɛ aʔ'korv ke 'bɛʔ ka 'te: seaʔ to 'kant lɛ 'bɛʔ 'kwant la to pa'rejnsa a'lɔra te: aʔpjɔ'bɛʔ ed 'tɔt jo'zɛɛ]

Emiliano-romanholo (Ferrara):

La vòlp l’aveva ancóra fam e èco ch’la véd un corv su un pin ch’la avéva un pèz ad furmai int al bèch. “L’am pasrév pròpia anch a mi!” l’à pensà e l’à unclà al còrv: “Cum at ié bèl! Se al tò cantàr l’è tanta bèl com la to simbianza, ti at saressi al più bèl ad tuti j’usié”.

[la 'volp la'veva an'cora 'fam e 'ɛko kla'ved un'korv su un'pin kla:'veva un'pes adfur'maj in'taʔ 'bɛk lam pas'rev 'prɔpja anka'mi la pen'sa e'la un'kla aʔ'kɔrv kum atje 'bɛʔ seaʔ 'to kan'tar lɛ 'tanta 'bɛʔ kom la 'to sim'bjansa ti'at sa'resi aʔpju'bɛʔ ad 'tuti ju'zjɛ]

Emiliano-romanholo (Bologna):

La vòulp l’avêva fâm un’ètra vòlta, e in cal mumänt la vdé un còrv in vatta a un pê n con un pèz ed furmài int al bèc. “Pròpi qual ch’am vlêva”, la pinsé, e la gé al còrv: “Cum t î bèl! Se al tô cant l è bèl come té, alâura t î té al pió bèl ed tót i usî”.

[la 'vowlp la'veva 'fam u'nɛtra 'vo:lta ejn'kaʔ mu'mənt la'vde un'ko:rv in'vata awn'pe:n kon un'pes ɛdfur'maj in'taʔ 'bɛk 'prɔpi 'kwaʔ kam v'le:va la pin'se ela 'dʒe aʔ'ko:rv kum ti: 'bɛʔ seaʔ 'to: 'kant lɛ 'bɛʔ kome'te a'lowra ti:'te aʔpjɔ'bɛʔ ed 'tot ju'zi:]

1.2.2. O VÊNETO

Tratando inicialmente do topônimo, *Veneto* significa “terra dos vênetsos” ou “terra vêneta”, nome antiquíssimo que remete aos Venéticos (também chamados Paelovênetsos), povo indo-europeu que ocupou a região banhada pelos rios Ádige (parte

baixa), Brenta e Piave entre os séculos IX e VIII a.C. Conhecidos pelos gregos como *Ενετοί*, eram também chamados *Heneti* ou *Eneti*. Heródoto coloca os *Eneti* entre as tribos ilíricas, enquanto Tácito cita os *Veneti*, *Venedi* e *Venedae*, distinguindo-os dos Sármatas. A origem do nome advém da raiz indoeuropeia **wen* (“amar”), de modo que “vêneto” deriva de **wenetoi*, indicando um povo amável ou amigável (VILLAR, 1997). Acredita-se que os Venéticos sejam oriundos da cultura Este, que se desenvolveu na Idade do Ferro, pois a cultura paleovêneta tem relação com os povos centro-danubianos dos Campos das Urnas e com os grupos ilírios dos Bálcãs.

Eram falantes do idioma paleovêneta ou *venético* (CONWAY, 1933; DEVOTO, 1991; ZAMBONI, 1974). Após a ocupação romana, a divisão de Augusto na *X Regio Venetia et Histria* demarcou um grande território da planície setentrional, que foi totalmente romanizado nos séculos que se seguiram. Existem pouquíssimas informações sobre o idioma, assim como escassos são os vestígios escritos. Para Devoto (1991), o idioma dos venéticos é de origem indo-europeia e se formou a partir de uma cristalização de uma série de elementos linguísticos indo-europeus. Pelo contato com a população gaulesa a oeste, o paleovêneta adotou muitos termos da língua celta, além dos caracteres da escrita etrusca (CONWAY, 1933).

Pellegrini (1991) escreveu sobre a hipótese de o substrato paleovêneta ter influenciado com maior intensidade o latim falado pela população vêneta das áreas central e sul, indicando que as características mais originais vênetas se encontrem nos falares da planície paduana e, em parte, na área vicentina e polesana que, posteriormente, perderam espaço por conta do prestígio do veneziano. Pontico Virunio, humanista belunês nascido em 1467, sobre o vêneta afirmou: “[*Venetus est*] *pulcherrimus et doctissimus omnium sermo, in quo redolet nota linguae Graecae maiestas*” (GIUSTINIANI, 1969). Os falares vêneta preservam muito da pronúncia histórica, ainda que tenham evoluído e se distanciado do antigo vêneta outrora mais próximo dos falares retorromânicos (ŠEBESTA, 1984).

Sabe-se que os falares vêneta atuais se caracterizam pela conservação de fenômenos históricos presentes em diversos documentos antigos escritos em *vèneto* e que remetem, sobretudo, ao período da República de Veneza (*Serenissima Repubblica di Venezia*) que, entre os séculos IX e XVIII, dominou o comércio marítimo do Adriático e do Mediterrâneo, de Veneza através da Ístria e Dalmácia e, por terra, até o Mar Negro (Romênia).

Veneza também mantinha relações comerciais na planície setentrional, de modo que sua influência na região trentina é antiga e remete aproximadamente ao ano 1000, com as incursões comerciais vênetas que ali chegavam, mas raramente avançavam pelos vales germanófonos do Tirol. Durante séculos, houve por parte da República de Veneza declarada intenção de anexar a porção italiana do Tirol ao seu território, ocasionando conflitos com o Sacro-Império Romano Germânico. Destaca-se o período de dominação vêneta na região de Rovereto, de 1416 a 1509.

Fala-se vêneta em todas províncias da região Vêneto (juntamente com o ladino na província de Beluno, com o friulano na província de Veneza e com alemão cimbro em áreas isoladas das províncias de Beluno, Vicenza e Verona), no extremo norte da Emília-Romanha, em vales orientais do Trentino (sobretudo na Valsugana e Primiero, onde ocorre o contato com os falares locais), na região Friúl-Veneza Júlia (oeste da província de Pordenone, na fronteira das províncias de Gorizia e Trieste com a Eslovênia), em algumas localidades da costa da Ístria, no golfo de *Quarnero* (Croácia) e no golfo de *Cattaro* (Montenegro). O vêneta também é falado em regiões onde houve imigração de vênetas, como no México (*Chipilo*), Romênia (*Tulcea*) e Brasil, sobretudo nos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina, mas também em cidades do Paraná e São Paulo, além de estados do Centro-Oeste e Norte, como Mato Grosso e Rondônia, por conta da migração de gaúchos e catarinenses.

A fragmentação dos falares vênetas apresenta fenômenos regionais, mas pode-se dizer que todos são compreensíveis entre si. Suas principais características são:

- Ausência das vogais arredondadas *ü* [y] e *ö* [ø], comuns no galo-italico.
- Ausência de [ʃ] e [ʌ] na grande maioria dos dialetos, com exceção das áreas periféricas como *Vittorio Veneto* e Trieste.
- Nos dialetos centrais e setentrionais ocorre [θ] nos casos que o galo-italico realiza com [s] (*pozo* ['poθo] <poço>), e variação entre os dialetos vênetas nos casos que no galo-italico ocorre geralmente como [dʒ] (*vèrzine* ['vɛrdʒine], ['vɛrθine], ['vɛrdine], ['vɛrzine] <virgem>). O belunês de Sorriba apresenta a forma *corth* ['corθ] <corvo>.
- Ausência de consoantes duplas (*boca* ['bɔca] <boca>; *bèla* ['bɛla] <bela>; *nòte* ['nɔte] <noite>).

- Variação do uso de /e/ e /o/ em sílaba acentuada (*mese* ['mese] ou *mèse* ['mese] <mês>; *soto* ['soto] ou *sòto* ['soto] <em baixo>).
- Variação na ocorrência de vogais finais em alguns falares. 1) No belunês e no feltrino há queda de -e, -o e -u nas palavras masculinas do singular (*brut* ['brut] <feio>; *dis* ['dis] <diz>; *falz* ['falθ] <foice>; *fam* ['fan] <fome>; *foch* ['fok] <fogo>; *nof* ['nof] <novo>; *sant* ['sanʔ] <santo>; *can* ['kan] <cão, cães>, mas *man* ['man] <mão, mãos>), nos dialetos setentrionais e no veneziano há queda de /e/ e /o/ após /l/ e /n/ (*mal* ['maɫ] <mal>; *bel* ['beɫ] <belo>; *man* ['man] <mão>), menos nas formas do plural feminino (*male*, *bele*, *bone*), e lenição das consoantes surdas (*fogo* ['fogo] <fogo>; *cadena* [ca'dena] <corrente>; *savere* [sa'vere] <saber>; *sposàda* [spo'zada] ou *sposàa* [spo'za:a] <casada>). Nos dialetos centrais há queda de -e e -o após /n/ (*pan* ['paŋ] <pão>; *bon* ['boŋ] <bom>). Nos dialetos setentrionais, ocidentais e no veneziano ocorre queda da vogal final -e após [r] nos verbos no infinitivo (*parlar* [par'lar] <falar>, *magnar* [ma'nar] <comer>, [*'veder*] *veder* <ver>).
- Ocorrência no vêneto das fricativas [s] e [z] que nos demais dialetos setentrionais e no italiano ocorrem com as africadas [tʃ] e [dʒ] (*sèntro* ['sentro] <centro>; *la xè* [la'zɛ] <ela é>; *sìgola* ['sigola] <cebola>; *zàldo* ['zaldo] <amarelo>; *zente* ['zente] <gente>; mas *ciesa* ['tʃesa] <igreja>, *vècio* [vɛ'tʃo] <velho>, *spègio* ['spɛdʒo] <espelho>).
- Ocorrência de [ŋ] em posição final de sílaba para os casos de /n/ e /m/ (*campo* ['kaŋpo] <campo>; *cantar* [kaŋ'tar] <cantar>).
- Variação na realização de /L/ que, por isso, é geralmente grafado *l* para unificar a escrita, pois no veneziano e em dialetos centrais o -l- intervocálico é geralmente realizado como uma breve [e] / [j] ou [w] (*coło* <pescoço> veneziano ['kɔ̃o]; paduano ['kolo]; belunês ['koɫ]; *ela* <ela> veneziano ['ea]; paduano e belunês ['ela]).
- Ocorrência de pronome clítico antes do verbo na segunda pessoa do singular e na terceira pessoa do singular e plural (*ti te parli* [ti te 'parli] <tu falas>; *el /elo / lu 'l parla* [el ɫ'parla] <ele fala>, *ela la parla* ['ela la'parla] <ela fala>; *lori i*

parla [lori i'parla] <eles falam>, *lore le parla* [lore le'parla] <elas falam>; *i veci i parla* [i 'vɛtʃi i'parla] <os velhos falam>). Possui caráter distintivo na oposição entre a terceira pessoa no singular e no plural, pois as diferenças não se encontram nas desinências finais dos verbos (como no italiano ou em dialetos galo-italícos), permitindo a queda das vogais finais de alguns verbos nos dialetos setentrionais vênéticos, de tipo alpino (belunês: *el 'l sent* [el ɫ'sent] <ele ouve> ~ *i sent* [i'sent] <eles ouvem>).

- Fusão enclítica dos pronomes com os verbos na forma interrogativa na segunda pessoa do singular (*sìtu 'ndà?* ['sɪtu n'da] <tu foste?>), na terceira pessoa do singular (*pàrlelo?* ['parlelo] <fala ele?>, *pàrlela* ['parlela] <fala ela?>, *pàrleli?* ['parleli] <falam eles?>, *pàrlele* ['parlele] <falam elas?>) e na segunda pessoa do plural (*parlèò?* [par'leo] *parlèu?* [par'lew] <falais vós?>), característica cada vez mais em desuso no falar das áreas urbanas vênéticas.
- A forma de provável origem veneziana da terceira pessoa do indicativo do verbo ser, ocorre em dialetos vênéticos como [ze] / [zɛ], [dʒe] / [dʒɛ] ou [je] / [jɛ] no veneziano (*el xe* <ele é>; *la xe vècia* <ela é velha>; *te xeri* <tu eras>) embora em alguns dialetos ocorra como *l'* ou $\emptyset$ (*el l'è*; *la l'è vècia*; *te èri*). Em Veneza e Vicenza, os sons [θ] e [z] costumavam ser grafados respectivamente como *z* e *x* (*piànze* <chora>, *xè* <é>), enquanto que em outras tradições vênéticas são grafados como *ç* e *z* (*piançer*, *la zè*).

Por causa da grande fragmentação, sobretudo nos falares sententrionais e ocidentais, não há ainda consenso sobre a classificação dos falares vênéticos. Contudo, costumam ser divididos da seguinte maneira¹⁵³:

a) **Veneziano** (it. *veneziano*) ou **lagunare**, falado em Veneza e na região de *Laguna Veneta*. É subdividido nas seguintes variantes:

- *Chioggiotto* (it. *ciosòto*), falado em *Chioggia* (centro histórico e *Sottomarina*) e na ilha de *Pellestrina* que, por sua vez, apresenta regionalismos.

¹⁵³ Optamos por manter o nome das variantes dialetais (regionais) em italiano por não haver nomenclatura correspondente em português para todas elas. Por vezes, a tradução de topônimos e nomenclatura atrapalha a classificação de dialetos e falares ou, pelo menos, deixa sua identificação menos prática.

- *Buranello*, falado em *Burano* e *Laguna Nord*.
- *Caorlotto*, falado em *Càorle* e em *Terraferma*.

b) **Vêneto central** (it. *padovano-vicentino-polesano*), falado nas províncias de Pádua, Vicenza e Rovigo. Suas características principais se encontram nas variantes rurais, uma vez que as variantes urbanas foram bastante influenciadas pelo veneziano. Na região meridional polesina, na província de Rovigo, os falares apresentam características galo-italicas, por conta da influência do dialeto de Ferrara. É subdividido em:

- Vicentino, falado na província de Vicenza e influenciou a região trentina de Valsugana, com variantes rurais.
- Paduano, falado na província de Pádua, onde existem variantes rurais, e em partes da província de Veneza, onde sofre influência do veneziano.
- Polesano, falado na região histórica da Polesina, entre a província de Rovigo e a província de Ferrara (Emilia-Romanha).

c) **Vêneto setentrional** (it. *trevigiano-feltrino-belunese*), falado nas províncias de Treviso e sul de Beluno. Algumas classificações consideram os falares alpinos como um grupo separado. Houve também influência do dialeto de Veneza, de modo que o trevisano é em muitos aspectos semelhante ao veneziano. É subdividido em:

- Trevisano, falado sobretudo na província de Treviso, com variantes rurais. A partir do século XV, a variante de prestígio da cidade de Treviso influenciou os falares meridionais da província de Beluno (belunês e feltrino); posteriormente, o trevisano foi influenciado pelo veneziano, por causa da influência política e comercial de Veneza na região.
- Liventino, falado na província de Treviso, apresenta as influências do veneziano.
- Belunês (*belumat*), falado na província de Beluno, com variantes ao sul da área pré-alpina (baixo belunês) e de montanha (alto belunês).
- Feltrino, falado na cidade de Feltre e arredores (província de Beluno).
- Primieroto, falado na região trentina de Primiero (al. *Primör*), muito próximo ao feltrino e, por isso, geralmente considerado uma variante daquele; no entanto, o primieroto apresenta vários casos de germanismos por conta da história local.

- Agordino, falado no norte da província de Beluno, de marcada influência ladina, constitui-se num dialeto de transição, também considerado vêneto-ladino. Sua área linguística limita-se com o ladino comélico.

d) **Vêneto ocidental** ou **veronês** (it. *veronese*), falado na província de Verona. De substrato galo-italico, ao longo dos séculos sofreu fortes influências do adstrato vêneto e apresenta grande fragmentação dialetal. É subdividido em:

- Veronês, falado em Verona e arredores (*Sona, Caldiero, Illasi, Tregnago e Badia Calavena*).
- Veronês de Baldo e Vallagarina, entre Verona e o sul do Trentino, falado desde *Brentino Belluno* até *Caprino Veronese*.
- Falares do Lago (it. *parlate del lago*), próximos do lago de Garda e *Peschiera*, com influências do bresciano (galo-italico).
- Valpolicelês (it. *valpolicellese*), falado em *Valpolicella*, ao redor de *Negrar*.
- Lessínico, falado entre *Sant'Anna d'Alfaedo* e *Vestenanova*.
- Veronês oriental, falado na região de *San Bonifacio, Cologna Veneta* e *Val d'Alpone*, com características do dialeto vicentino.
- Vilafranquês (it. *villafranchese*), falado nos arredores de *Villafranca*.
- Veronês-mantovano, assim chamado pela influência galo-italica do dialeto de Mântua, falado entre *Valeggio sul Mincio* e *Gazzo Veronese*.
- Veronês *da Bassa*, falado nos arredores de *Novara* (com influências do dialeto de Mântua) e de *Villa d'Adige* (com influências do dialeto de Rovigo).

e) **Vêneto Colonial**, falado sobretudo na costa adriática. Trata-se de variantes de base veneziana surgidas por causa do domínio político da República de Veneza. Subdivide-se em dois principais falares:

- Vêneto udinês (it. *veneto udinese*), falado na província de Údine.
- Vêneto triestino, falado na cidade de Trieste e arredores.
- Vêneto da Ístria, outrora falado nas cidades costeiras, mas encontra-se atualmente em rápida e constante regressão.

f) **Vêneto da Gorízia**, de substrato friulano, falado em áreas outrora influenciadas pela República de Veneza. Trata-se de um grupo autóctone, por conta do substrato e das influências do friulano, do eslovêno e do vêneto triestino.

- Maranês (it. *maranese*), falado na região de Marano.
- Gradês (*graisan*; it. *gradese, gravisano*), falado na ilha de Grado.
- Bisiaco (*bisiac*, it. *bisiacco*), falado na região conhecida como *Bisiacaria*, na província de Gorízia. De marcado substrato friulano, trata-se de uma irradiação posterior do gradês na região, que recebeu posterior influência do triestino.

g) **Vêneto brasileiro** ou **Talian**, falado principalmente no Rio Grande do Sul, mas também no centro-oeste de Santa Catarina, em algumas áreas do Paraná e Mato Grosso do Sul, por conta da migração de descendentes vênetos saídos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. O que existem, na verdade são *koinai* de base vêneto, compreensíveis entre si e formadas a partir de vários falares vênetos, galo-itálicos (sobretudo lombardos e piemonteses) e trentinos¹⁵⁴.

Os falantes dos dialetos vênetos não constituem uma única comunidade regional. Na província de Beluno existem comunidades ladinas em *Cadore*, *Cortina d'Ampezzo*, *Livinallongo* e *Colle Santa Lucia*, além de falares confinantes de tipo vêneto-ladino e ladino-vêneto.

No norte da província de Veneza, fala-se também o friulano, que também atuou como substrato nas variantes *vênetas* da região de Trieste.

¹⁵⁴ Algumas cidades catarinenses de colonização tiroleza, como Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros, também costumam chamar o dialeto trentino de *talian* (italiano). Em nossas visitas a comunidades do Vale do Itajaí, Nova Trento e interior paulista, percebemos que naquelas áreas onde os trentinos mantiveram maior contato com comunidades de língua alemã, como no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, usavam com mais frequência o termo *talian* para identificar seu grupo linguístico, diferenciado-se imediatamente do grupo alemão. Em áreas de colonização onde os trentinos conviveram com outras comunidades de língua italiana, como em Botuverá e demais cidades *italianas* do Vale do Itajaí ou em Traviú (Jundiá) e Piracicaba, no estado de São Paulo, os descendentes trentinos usam com maior frequência “dialeto tirolês”, identificando, assim, sua origem regional. Em conversas com descendentes de Nova Trento, Rodeio e Rio dos Cedros, ouvimos que outrora o termo *tirolês* era também usado para identificar o dialeto trentino, embora ali predomine o uso de *talian*. Vale lembrar que o uso de *talian* ou *tirolês* para identificar o dialeto não possuía para os imigrantes qualquer acepção política, uma vez que os trentinos são chamados *tirolezes italianos* ou *tirolezes de língua italiana*. O uso de “dialeto trentino” nessas colônias é bastante recente e remete, sobretudo, às décadas de 1970 e 1980, quando houve uma tentativa de resgate das origens por conta do centenário da imigração e das visitas de delegações vindas de Trento e demais cidades do Trentino.

*Os falares vênetos*¹⁵⁵

No mapa, vemos que as regiões orientais trentinas de Valsugana e Primiero estão respectivamente incluídas nas áreas dialetais central (vicentina) e setentrional (feltrina), enquanto a região central, onde localiza-se a cidade de Trento, aparece no encontro do vêneto com o lombardo oriental. Estudos mostram uma *venetização* dos falares trentinos centrais (sobretudo da variante da cidade de Trento), outrora mais próximos dos falares galo-italícos (MARCATO & URSINI, 1998).

Interessante observar que um fenômeno parecido ocorreu nas áreas coloniais do Rio Grande do Sul, onde a forte influência vêneta garantiu o surgimento do talian

¹⁵⁵ Mapa: nosso, com base em http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Languages_spoken_in_Italy.svg e na *Carta dei dialetti d'Italia* (1977).

enquanto uma *koiné* de base vêneta, que praticamente substituiu o dialeto trentino dos descendentes da região, oriundos principalmente de *Vallagarina* e *Valsugana*.

Como afirmado acima, o galo-italico não avançou para o leste, para além do rio Ádige, por causa do vêneta e a região trentina recebeu as influências linguísticas de ambos os grupos. Além da antiga influência vêneta na Valsugana e em Primiero, no último século várias características dos falares vênéticos têm sido adotadas pelos falares trentinos centrais, com causa provável na migração de vênéticos para a província de Trento, iniciada com a política fascista de italianização do Tirol Meridional (BALDI, 2005) na década de 1920 e posteriormente incentivada após 1960 com a construção de moradias populares. Além disso, o vêneta assumiu um *status* de prestígio no século XX.

Do grupo vêneta, interessa-nos principalmente os dialetos feltrino, vicentino e veronês, por sua influência, respectivamente, nas regiões trentinas de *Primiero*, *Valsugana* e *Vallagarina*. Trazemos exemplos da história da raposa e do corvo nas versões apresentadas por Viaro (2001, p. 58), com traduções para o veronês e vicentino, além de uma tradução nossa para o *vêneta brasileiro*, feita com base no dicionário de Luzzatto (2000) e conferida com ajuda de descendentes de vênéticos¹⁵⁶:

Veneziano:

Ea bòlpe ea gaveva ancora na vòlta fame e èco ca ea gà visto un còrbo su un pin ca gaveva un tòco de formaio in tel beco. “Sto qua mi piaxarìa tanto” ea ga pensà e ga zigà al còrbo: “Che bèò che ti xe! Se ‘l to canto xe cusì beo come ea to aparensa, allora te xe el più bèò de tuti i osèi”.

[‘ea ‘bòlpe ea ‘gaveva an‘cora na‘vòlta ‘fame e ‘èko ka ea ‘ga ‘visto un ‘kòrbo su un ‘pin ka ga‘veva un ‘tòko de for‘majo in‘teł ‘beko sto ‘kwa mi pjaza‘ria ‘tanto ea ‘ga pen‘sa e‘ga si‘ga ał‘kòrbo ke ‘bèo ke ti‘ze seł tɔ ‘kanto ze ku‘si ‘bèo ‘kome ea ‘to apa‘rensa a‘lora te ‘ze eł ‘pju ‘bèo de ‘tuti jo‘zɛj]

Vêneta central (paduano):

La volpe la gaveva ancora na vòlta fame e èco che la ga visto un còrvo su un pin che gaveva un tòco de formagio int’el bèco. “Sto qua mi piaxarìa tanto” la ga pensà e la ghe ga crià al còrvo: “Che bèò che ti xe! Se el to canto xe cusì beo cofà la to aparensa, allora ti xe el più bel’oxèò de tuti”.

¹⁵⁶Pesquisa realizada na cidade catarinense de Treze Tílias no segundo semestre do ano de 2012.

[la 'volpe la 'gaveva an'cora na'volta 'fame e 'eko ke la 'ga 'visto un 'kɔrvo su un 'pin ke ga'veva un 'tɔko de for'madzo in'teɫ 'bɛko sto 'kwa mi pjaza'ria 'taŋto la 'ga pen'sa e'la ge 'ga kri'a aɫ'kɔrvo ke 'bɛo ke ti'ze se 'eɫ tɔ 'kaŋto ze ku'zi 'bɛo ko'fa la 'to apa'rensa a'lora ti 'ze eɫ 'pju bɛlo'zɛo de 'tuti]

Vêneto ocidental (vicentino):

La bolpe (volpe) la xera ancora famàa. La ga visto un còrvo su d'on pino c'on tòco de formaio int'el bèco. “Sto qua mi saria bon” la se ga pensà ndra de ela e la ga dito al còrvo: “Ma che bèlo che ti se! Se te canti cussì come ti se belo, allora te se el pi belo de tuti i osèi”.

[la 'bolpe ('volpe) la'zɛra an'cora fa'maa la 'ga 'visto un 'kɔrvo su 'don 'pino 'kon 'tɔko de for'majo inteɫ'bɛko sto 'kwa mi sa'ria 'boŋ la se'ga pen'sa n'dra de 'ela e la 'ga 'dito aɫ'kɔrvo ma ke 'bɛlo ke ti'sɛ se te 'kaŋti ku'si 'bɛlo 'kome ti sɛ 'bɛlo a'lora te 'sɛ eɫ 'pi'bɛlo de 'tutjo'zɛj]

Vêneto ocidental (veronês):

La volpa l'era ancora famà. La ga visto un còrvo su de 'n pino che 'l gavea un tòco de formaio ntel bèco. “Sto qua mi piàçaria tanto” la ga pensà ndra de ela e la ga dito al còrvo: “Ma che belo che te sei! Se 'l to canto l'è cusì belo come ti, allora te sei el più belo de tuti i osèi”.

[la 'volpa 'lɛra an'cora fa'ma la 'ga 'visto un 'kɔrvo sun 'pino ke ɫ ga'vea un 'tɔko de for'majo nteɫ'bɛko sto 'kwa mi pjasa'ria 'taŋto la 'ga pen'sa n'dra de 'ela e la 'ga 'dito aɫ'kɔrvo ma ke 'bɛlo ke te'sej seɫ'tɔ 'kaŋto 'lɛ ku'si 'bɛlo 'kome 'i a'lora te 'sej eɫ 'pju bɛlo de 'tutjo'zɛj]

Vêneto setentrional (feltrino):

La bolp l'era ancora famada e l'ha visto un crò sora un pin, che l'aveva un tòco de formai tel bèco. “Chel li me piàzaria tanto” l'à pensà e l'à ciamà al crò: “Come te sei belo! Se el to canto l'è così belo come la to aparenza, allora te sei el pì belo de tuti i ausèi”.

[la 'bolp 'lɛra an'cora fa'mada e 'la 'visto un 'krɔ 'sora un 'pin ke la'veva un 'tɔko de for'maj teɫ 'bɛko keɫ 'li me pjaθa'ria 'taŋto la pen'sa e'la tʃa'ma aɫ'krɔ 'kome te' sej

'bɛlo sɛt to 'kaŋto lɛ ko'zi 'bɛlo 'kome la 'to apa'rɛnθa a'lora tɛ'sɛj ɛt pi 'bɛlo dɛ 'tuti jaw'zɛj]

Vêneto brasileiro (*Taliàn*):

La volpe la zera famada quando che la ga visto un còrvo sora un pìno (pìnero) che gaveva un tòco de formai ntel bèco. “Sto qua mi saria pròpio belo” la ga pensà ela e la ga deto al còrvo: “Ma che belo che te sei! Se el to canto zè così belo come la to aparensa, allora te sei el più (pì) bèlo osèl de tuti”.

[la 'volpe la 'zɛra fa'mada 'kwaŋdo ke la 'ga 'visto un 'kɔrvo 'sora un 'pino (pi'nero) ke ga'veva um 'tɔko dɛ for'maj n'tɛt 'bɛko sto 'kwa mi sa'ria 'prɔpjo 'bɛlo la 'ga pen'sa 'ela e'la 'ga 'deto a'tkɔrvo ma ke 'bɛlo ke ti 'sɛj sɛ 'ɛt to 'kaŋto zɛ ko'zi 'bɛlo 'kome la to apa'rɛnsa a'lora tɛ 'sɛj ɛt 'pju (pi) 'bɛlo o'zɛt dɛ 'tuti]

1.2.3. O DIALETO TARENTINO

Os mapas linguísticos da Itália não costumam indicar uma área específica do *dialetto trentino*, apresentando a região de Trento com considerável fragmentação dialetal, mas com falares pertencentes aos grupos galo-italico (lombardo ocidental) e vêneto (veronês e vicentino). Às vezes, parece não haver um consenso sobre a classificação desses falares, pois enquanto alguns mapas os apresentam como variantes do lombardo ocidental, outros os apresentam como variantes vênetas. Além disso, vale recordar que os falares trentinos coexistem com outros grupos linguísticos da região tiroleza, como o ladino dolomítico e o alemão.

Estudos do dialeto e dos costumes do *Tirol Italiano* foram levados a cabo por vários pesquisadores (nem todos linguistas), muitos deles inspirados ou influenciados inicialmente pelo irredentismo e posteriormente pelo regime fascista (BATTISTI, PRATI, RICCI, GROFF). Na ânsia de comprovar a *italianidade trentina* – jamais negada pelo Império Austríaco –, publicaram entre o final do século XIX e início do século XX trabalhos exaustivos, por vezes exagerados em certos aspectos, sempre com o objetivo de contrapor uma identidade “trentina” àquela “tiroleza italiana”, desligando a região de Trento do contexto tirolês e austríaco.

Ao afirmar que os falares trentinos eram essencialmente vênéticos ou galo-italícos, esses estudos passavam não apenas a ideia de *continuação linguística* dos dois grandes grupos no território trentino, mas também *geográfica* e, portanto, nacional italiana. Era preciso “justificar” a anexação do Tirol Italiano ao Reino da Itália e Trento “perdia”, se comparada a outras cidades da península, porque ainda não havia sido publicado seu próprio vocabulário regional, sua comprovação de *italianidade*. Havia, logicamente, uma mescla dos conceitos de *língua* e *nação*. Sabe-se hoje da existência de estudos anteriores sobre os falares trentinos que, mesmo se modestos pela carência de detalhes, eram isentos de qualquer pretensão nacionalista (LUNELLI, 1848, SULZER, 1850).

Convém, portanto, ter em mente que a classificação dos falares trentinos jamais esteve a salvo de juízos nacionalistas, que reivindicando a *italianità tridentina* (inicialmente dentro do multiétnico Império Austro-Húngaro e posteriormente no Reino Italiano), por vezes exagerava a ponto de ignorar ou menosprezar fatores diferenciais importantíssimos, como as influências antiquíssimas advindas do mundo germânico que, assim como nos costumes, também aparecia (e aparece) nos falares locais.

Em seu *I Valsuganotti* (1923, p. 68), Angelico Prati define a região trentina da Valsugana como um “membro separado e esquecido do Vêneto” e defende, inclusive, sua anexação ao território vênético. Embora confirme o fato de a *Valsugana* (al. *Suganertal*, *Burgtal*) ter pertencido em época medieval ao Condado do Tirol e, consequentemente, ao Sacro Império Romano-Germânico, afirma que se tratou de “ocupação”, justificando sua teoria com argumentos sobre não ter sido permitido à população local um maior convívio com o mundo vênético para culminar na anexação de seu território à República de Veneza¹⁵⁷. Afirma categoricamente que o dialeto local não é em hipótese alguma de tipo trentino, mas vênético, variação do vicentino. Em capítulo específico, o autor trata do considerável número de vocábulos de origem germânica, cita os exemplos publicados pelo glotólogo trentino Battisti (1922), mas sempre sob um aspecto negativo, descartando o fato de o dialeto local diferenciar-se do vicentino exatamente por causa de aspectos próprios da região, como os germanismos¹⁵⁸. Pouco escreve acerca dos numerosos sobrenomes de origem alemã presentes na região,

¹⁵⁷ Descarta o fato de os tirolezes terem combatido as tropas vênéticas por diversas vezes durante o século XV, vencendo-as finalmente na famosa batalha de *Calliano*, ocorrida em 10 de agosto de 1487, data em que Trento começou a recuperar gradativamente os territórios de sua diocese, sob o controle da República de Veneza desde a ocupação ocorrida em 1416. A data da vitória tiroleza sobre as tropas vênéticas passou a fazer parte do calendário festivo tridentino e austríaco e foi comemorada festivamente até o século XIX.

¹⁵⁸ “*Nella Valsugana si parla vèneto, perché la gente è vèneta, gente che dovette risalire il corso della Brenta in età preistorica, come tutto fa credere*” (Opus cit. p. 66).

indicadores de uma etnia local *mestiça*, isto é, ao mesmo tempo aparentada aos vênets e aos germânicos (bávaros). Tratava-se de um claro exemplo de classificação com base em juízos nacionalistas.

Sobre o falar dos trentinos, Prati cita um curioso comentário de Agostini Perini, publicado em *Statistica di Trento* (1852, p. 60):

Quanto à pronúncia, observamos que o trentino discorre calmamente, enquanto o vênets desliza apressado com a palavra, e mal abrimos a boca quando o vênets nos conhece enquanto trentinos por causa de nossa maneira de comer um pouco a última vogal acentuada, ou de acentuar sobre a penúltima sílaba. Mas se viajamos em terra lombarda, subitamente os conacionais nos saúdam por vênets. A nossa maneira de discorrer nos imprime um não sei quê de severo, que nada tem com a espirtuosidade do vênets, mas confessamos, por outro lado, que nos falta aquele brio que tanto anima o gracioso discurso dos vicentinos e venezianos, e acrescenta-se que se dos vênets temos tingida a frase e a dicção, todo o nosso sermão seco nos avizinha ao caráter dos lombardos”¹⁵⁹.

(PRATI, 1923, p. 68)

Prati admite que a prosódia trentina é diversa da vêneta, que o dialeto da Valsugana apresenta germanismos advindos do contexto histórico trentino, mas não admite haver ali realidade diversa daquela vêneta. Parece não haver dúvidas de que o dialeto da Valsugana é realmente de tipo vênets (vicentino), mas admitir as peculiaridades culturais e linguísticas locais, por mais sutis que fossem, poria em jogo todos os argumentos acerca da nacionalidade italiana e da “pureza” vêneta.

Esse tipo de *redescoberta* da italianidade trentina gerava, naturalmente, divergências sobre a classificação dos falares regionais, numa espécie de “disputa pela verdade”, onde o próprio uso do termo “dialeto trentino” era posto em dúvida.

Como exemplo, cita-se a dura crítica de Prati contra os estudos de Battisti presente na introdução de *Folklore Trentino per le scuole medie e per le persone colte*. Em seus estudos, Battisti dividira os falares regionais nos subgrupos *trentino oriental*, *central* e *occidental*, incluindo os falares ladinos nessa classificação. A crítica não poupou sequer as observações de Ascoli (1873) em *Saggi Ladini*:

¹⁵⁹ Tradução nossa.

Acredito, entre outras coisas, que fazer um grupo dialetal tridentino incluindo o ‘nonês’, o solandro, o judicarês não é algo para ser aprovado, mesmo se as condições históricas influenciaram sua evolução, porque, ao agrupar dialetos, devem ser levados em conta os critérios dialetais, que são juntamente critérios étnicos. Enquanto ‘trentino’ não se pode entender senão o verdadeiro dialeto trentino, falado nos distritos de Trento, *Lavis*, *Vezzano*, *Cembra* e *Civezzano*; de *Pergine* e de *Levico*, onde é notória a influência do vêneto, que é falado na *Valsugana*, em *Tesino*, no *Primiero* e *Canal San Bovo*, são muito diferentes na forma. Battisti, ao contrário, fala de trentino oriental, central e ocidental, aludindo ao Trentino político-administrativo, fazendo grande ofensa à realidade, talvez não calculando que assim se poderiam chamar trentinos os dialetos bresciano, vicentino, veneziano e por aí afora. São erros habituais e preconceitos. Há apenas um dialeto trentino, já indicado, mas se estender esse termo a outros falares, confinantes, não se faz outra coisa que reiterar confusões e erros, infelizmente enraizados há tempo. O trentino é um dialeto galo-italico com pinceladas de vêneto. A sua base é lombarda, coisa que Ascoli não reconhecia, o qual caiu no erro ao crer serem de origem ladina aqueles traços do trentino que são claramente de origem lombarda¹⁶⁰.

(PRATI *opus cit.* In: BATTISTI, 1950, p. 172-178)

Prati admite a existência de um *dialeto trentino*, mas enquanto tal seria apenas aquele falado ao longo do vale do Rio Ádige, entre distritos de Trento, Lavis, Vezzano, Cembra e Civezzano, e em Pergine e de Levico, onde recebeu influência do vêneto. Nas demais áreas, o que se fala ou é vêneto ou é lombardo. Questões importantes como substrato, adstrato e contato linguístico são postos de lado, enquanto é proposta uma classificação dialetal com base em critérios étnicos. Não é por menos que a “questão ladina” gerou tamanha discussão, uma vez que havia quem dissesse que o romanche não era um idioma, mas um “dialeto lombardo” (como propunham os irredentistas italianos) ou o ladino ampezzano um “vêneto alpino” (GROFF, 1954).

Alguns falares trentinos evidenciam o antigo substrato *ladino* ainda difuso por boa parte da região trentina durante a Alta Idade Média, corroborando com a hipótese ascoliana de que no passado houvesse uma continuidade de falares, pelo menos desde os Grisões até o Maciço do *Sella*. Entretanto, é inegável que no decorrer dos séculos o antigo ladino perdeu espaço para o galo-italico, sobretudo a partir do século X, quando

¹⁶⁰ Tradução nossa.

este avançou pela planície padana até a esquerda do Rio Ádige (que corta o território trentino), onde encontrou resistência do vênето (BATTISTI 1922, 1931; TAGLIAVINI, 1972; BONFADINI, 1983). Enquanto isso, a *pressão alemã* vinda do Norte “empurrou” os falares latinos para o sul, com o estabelecimento de colonos germânicos em vários vales da região trentina (ŠEBESTA, 1984).

Os falares ladino-vênетos e vênето-ladinos existentes na Província de Beluno, identificados por Ascoli em seus *Saggi Ladini* (1873), revelam uma interessante realidade linguística das *anfizione*. O substrato ladino é tão antigo nessa região que garantiu a manutenção de vários fenômenos ladinos nos falares surgidos a partir do contato do ladino com o vênето. O resultado desse contato é uma “língua mista”, ou seja, que compartilha características de dois falares distintos.

Admitindo a existência de línguas “mistas”, justifica-se a existência de um *dialetto trentino* enquanto língua que compartilha características do galo-itálico (lombardo oriental) e do vênето (alpino e ocidental), além de características próprias, como as influências lexicais e sintáticas do alemão.

Tal concepção justificaria também a existência de falares ladinos *trentinizados*, como os existentes nos vales de *Non* (al. *Nonstal*), *Sole* (al. *Sulzberg*) e *Fiemme* (al. *Fleimstal*), considerados como de *anfizione* pelo fato de apresentarem características linguísticas próprias do grupo ladino (como a palatalização de *ca-* e *ga-*), mas também características do trentino – e, no caso do dialeto de *Val di Sole* (al. *Sulzberg*), características de um lombardo antigo. Por conta da posição geográfica desses falares, entre as fronteiras linguísticas naturais que separam o dialeto trentino do alemão tirolês, Ascoli (1873) afirma tratar-se de falares originalmente ladinos que, no decorrer dos séculos, foram *trentinizados*, ou seja, receberam posterior superstrato trentino (no caso do solandro e do nênes), além das influências do alemão.

Consideramos razoável, portanto, a utilização de *dialetto trentino* para identificar os falares existentes na província de Trento, por causa dos fatores históricos que os compuseram e que são os seguintes:

1. Nessa região existem falares que, apesar das semelhanças, não são nem totalmente lombardos, nem totalmente vênетos. O substrato ladino e o superstrato germânico são próprios da área trentina, por conta de seu peculiar contexto histórico e, ainda que em demais áreas setentrionais italianas haja realidades parecidas (como a Província de Beluno na região vênета), essas

características garantiram ao longo dos séculos o desenvolvimento de variantes próprias da região trentina.

2. Mesmo que os falares trentinos ora compartilhem dos fenômenos lombardos e vênets, a relação genética não exclui a existência de um dialeto particular formado a partir do substrato ladino e com contribuições do superstrato germânico¹⁶¹.
3. Muito provavelmente, o antigo galo-italico suplantou o antigo ladino em boa parte da região, tendo posteriormente recebido um forte superstrato do vênets proporcionalmente diferente daquele das áreas ladinas, formando uma *anfizona* (ASCOLI, 1873) geradora de um grupo particular: o trentino. Trata-se de uma realidade muito comum entre dialetos de tradição ágrafa, sobretudo em regiões geograficamente isoladas como aquelas da área alpina, com isoglossas.
4. Até o século XV, muitos vales da região trentina eram germanófonos e, ao longo dos séculos, o antigo bávaro foi suplantado por falares trentinos. O considerável número de vocábulos de origem germânica, próprios do contexto trentino porque existentes ali desde a Idade Média, garantiu aos falares trentinos uma peculiaridade que os diferem daqueles das realidades lombarda e vêneta.

O trentino compartilha características encontradas nos falares ladinos, galo-italicos (principalmente no lombardo oriental) e vênets de tipo alpino, de modo que pode ser considerado um caso a parte ou, no mínimo, um *regionalismo*.

ladino	trentino	português
<i>nes</i>	<i>nas</i>	nariz
<i>füech, fűch, fuoch</i>	<i>fűch, foch, fűch</i>	fogo
<i>joen</i>	<i>gioven zoen, zoven</i>	jovem
<i>sech</i>	<i>sech</i>	seco
<i>or</i>	<i>or</i>	ouro
<i>col</i>	<i>col</i>	pescoço
<i>crep</i> (rocha, montanha)	<i>cròs</i> (rocha de uma nascente)	rocha

Uma vez que o avanço do galo-italico não seguiu em direção ao oeste, pois encontrou ali a resistência do vênets, *recuou* até a margem direita do Rio Ádige. O

¹⁶¹ É o caso do mirandês em Portugal: não é português, não é galego, não é castelhano, embora participe de fenômenos comuns a todos os anteriores; conjectura-se que se trate de uma conservação do lionês que se desenvolveu naquela região de Miranda.

lombardo oriental, que constitui uma transição entre os falares galo-italícos da área alpina e as línguas galo-romanas, influenciou sobremaneira os falares trentinos das montanhas Judicárias (it. *Giudicari*, al. *Judikarien*) e dos vales de *Ledro* (al. *Ledertal*), *Sole* (al. *Sulzberg*) e *Rendena* (al. *Rhendenatal*). O vêneto “reocupou” o território trentino na margem direita do Rio Ádige, influenciando os falares daqueles vales que apresentam características comuns aos falares de Beluno, Vicenza e Verona. Quando comparados, o dialeto de Feltre e aquele da região trentina de *Primiero* (al. *Primör*) são praticamente idênticos e o mesmo se dirá dos falares trentinos da *Valsugana* (al. *Suganertal*, *Burgtal*), semelhantes ao vicentino. Provavelmente no século XI já haviam se desenvolvido na região falares realmente *trentinos*, ou seja, que apresentavam características do antigo substrato ladino, além dos resultados do contato com o galo-italíco (lombardo) e com o vêneto (BATTISTI, 1906).

Entre as principais características linguísticas de tipo lombardo existentes nos falares trentinos, temos:

- Queda das vogais finais que não *-a*: *bòlp* ['bɔlp] <raposa>, *bèch* ['bɛk] <bico>, *brut* ['brut] <feio>, *mat* ['mat] <louco>, *fret* ['fret] <frio>;
- Êxito da *ě* latina em sílaba livre (*fén* ['fɛn] <feno>, *per* ['pɛr] <pêra>, *sega* ['sɛga] <serra>), que nos falares vênéticos se dá como *-iè*;
- Ocorrência das palatalizadas *ö* (*fiöl* ['fjɔɫ] <filho>, *völ* ['vɔɫ] <quer>, ['fɔk] <fogo>), mais difusa, e *ü* (*tiüt* ['tyt] <tudo>, *süt* ['syɫ] <enxuto>);
- Entre os falares ocidentais, influenciados pelo lombardo ocidental (bresciano), ocorre a palatalização [tʃ] dos plurais dos nomes e adjetivos que nos demais falares trentinos ocorrem como *-ti* [ti]: *tiüc* ['tytʃ] <todos>, *sanc* ['santʃ] <santos>.

Entre as principais características de tipo vêneto, difusas principalmente nos falares orientais e em processo de *avanço* na área dos falares centrais, temos:

- Ditongação de *ě* breve latina em sílaba livre: *piè* ['pjɛ] <pé>, *miel* ['mjɛɫ] <mel>;
- Ocorrência de vogais finais átonas que não *-a* (*bèco* ['bɛko] <bico>, *brùto* ['bruto] <feio>, *màto* ['mato] <louco>; *frédo* ['fredɔ] <frio>),

característica dos falares trentinos orientais e cada vez mais difusa na variante da cidade de Trento;

- Ausência das vogais *ö* [ø] e *ü* [y] típicas do galo-italico, mas outrora difusas na Valsugana ocidental, quando coexistiram com a predominância de traços vênéticos do falar local enquanto conservação do período de avanço do galo-italico ocorrido durante a Alta Idade Média;

Características “trentinas” também ocorrem no ladino, no lombardo oriental e no vêneto ocidental, principalmente no veronês e no vicentino, de influência galo-italica, como o êxito em *-ér* (ou *-èr*) dos sufixos latinos *-arius* e *-aria*: *ligér* [li'dʒer] ~ *lizér* [li'zer] <ligeiro>; *cavalér* [kava'ler] <cavaleiro>; *calendèr* [kalen'dɛr] <calendário>.

Muitos dos fenômenos linguísticos difusos na região trentina não são exclusivos desses falares, mas tipicamente alpinos, como a assibilação de *c-* e *g-* antes de *-e* e *-i*. As características consideradas *semiladinas* (ASCOLI, 1873; BONFADINI, 1983), porque derivadas do antigo substrato *ladino* que se difundia pela região trentina, encontram-se principalmente no nonês, no solandro e no fiamazo, mas não são exclusivas desses falares e também não são específicas de falares *ladinos*, pois, ainda que ocorram com maior frequência nestes, também são encontradas no lombardo de tipo alpino, no piemontês e no provençal. Na região trentina, são elas a palatalização de *ca-* e *ga-* latinas (nonês *ciasa* [tʃaza] <casa>; *giata* [dʒata] <gata>), a conservação de *-l* nos grupos fonéticos *bl-*, *cl-*, *fl-*, *gl-* e *pl-* (nônes *blanc* [blantʃ] <branco>; *clau* [klaw] <chave>; *glesia* [glezja] <igreja>), a velarização de *-l* pré-consonântica (nonês *aut* [awt] <alto>) e a passagem de [kw] a [k] (nonês *chesta* [kɛsta] <esta>, trent. *questa* [kwɛsta] ~ *sta* [sta]; trent. *quel li* [kweɫ 'li] ~ *col li* [koɫ 'li] <aquele ali>).

Com base nessas diferenças, Battisti (1922, 1929) dividiu os falares trentinos trentina em grupos distintos: *trentino ocidental*, de tipo lombardo, *trentino central*, com características regionais mais próprias, e *trentino oriental*, de tipo vêneto. Apesar de identificar os falares de substrato ladino existentes na região norte da província trentina, estes foram incluídos nos grupos ocidental e oriental.

Tratando dos dialetos existentes no confim linguístico vêneto-lombardo, Bonfadini (1983) afirma que os falares trentinos possuem, ao mesmo tempo, características lombardas e vênetas e os dividiu num modelo muito semelhante ao proposto por Battisti (1922, 1929):

- *Trentino ocidental*, pertencente ao sistema galoitálico por conta da marcada influência do dialeto lombardo oriental.
- *Trentino oriental*, caracterizado pelos falares de continuação da área vêneta.
- *Trentino central*, outrora mais próximo do grupo ocidental, com falares que apresentam o maior número de regionalismos *trentinos*, mas em algumas áreas se encontra em processo de “venetização” (TOMASINI, 1960).

Isso significa que, dependendo do vale onde é falado, o trentino apresenta ora mais características lombardas, ora mais vênetas, mas há fenômenos linguísticos locais, próprios, por conta do substrato ladino comum a praticamente todos os falares trentinos.

Ainda que alguns autores (PRATI, 1950, BATTISTI, 1960; BONFADINI, 1983) prefiram considerar enquanto legítimo dialeto trentino apenas o grupo central de falares, isso ainda não resolve a questão, pois o que *une* os falares trentinos em um conjunto e o que os define como tal não se pode limitar apenas a critérios relacionados à expansão linguística do galo-italico ou do vêneta. Existe um passado comum que liga culturalmente e socialmente todo Tirol Italiano ao território germanófono tirolês, haja vista que muito do léxico trentino é consequência desse contato secular. Do mesmo modo, não se podem descartar dessa conjectura aspectos relevantes como o substrato ladino, os germanismos típicos do Tirol e do período em que homens trentinos prestavam serviço militar austríaco em outras regiões do antigo império, os regionalismos e as gírias locais, muitas das quais advindas do contato com trabalhadores sazonais oriundos do Tirol Setentrional e Baviera.

Entre as características principais dos falares trentinos, temos:

- Tendência a destacar com intensidade e clareza a sílaba tônica, atenuando as átonas e ausência de consoantes duplas: *boca* ['bɔca] <boca>, *bèla* ['bɛla] <bela>, *nòte* ['nɔte] <noite>.
- Variação do uso de /e/ e /o/ em sílaba acentuada: *te sei* [te'sej] ~ [te'sɛj] <tu és>; *om* ['om] ~ ['ɔm] <homem>.
- Tendência à terminação das palavras em consoante surda, com queda das vogais exceto -a na maioria das palavras, sobretudo masculinas: *òm* ['ɔm] <homem>, *pan* ['pan] <pão>, *dent* ['dent] <dente>, *cagn* ['kaɲ] <cão>, *tut* ['tut] ~ ['tyt] <tudo>, *gnent* ['ɲent] <nada>, *alt* ['alt] <alto>, *bas* ['bas] <baixo>, *amich* [a'mik]

<amigo>, *föch* ['føk] ~ ['fok] ~ ['fɔk] <fogo>, *adès* [a'dəs] <agora>, *Àdes* ['adəs] <Ádige>, *adòs* [a'dɔs] <sobre, por sobre>, com casos de palavras femininas: *man* ['man] <mão>, *fam* ['fam] <fome>.

- Ensurdimento da consoante sonora [d] em final de palavra: *zalt* ['zalt] <amarelo>, *calt* ['kalt] <quente>, *fret* ['fret] <frio>, *vert* ['vert] <verde>.
- Apócope da vogal final nas formas verbais do infinitivo: *far* ['far] <fazer>, *véder* ['veder] <ver>, *sentir* [sen'tir] <ouvir, sentir>; do presente do indicativo: *dis* ['dis] <diz>, *magnan* [ma'nan] <comemos>, *veden* [ve'den] <vemos>, *fenin* [fe'nin] <terminamos>; do pretérito: *el l'ha fat* [ela'fat] <ele fez>; *l'ha piovedìt* [lapjo'vest] <choveu>; *el l'ha dit* [ela'dit] <ele disse>; do subjuntivo: *se el magnas* [se'eɫ ma'nas] <se ele comesse>; *se el vedes* [se'eɫ ve'des] <se ele visse>; *se ela la fenis* [se'ela lafe'nis] <se ela terminasse>.
- Sonorização das oclusivas surdas [p], [t] e [k] em posição intervocálica numa evolução $p > bb > v$; $t > d > r$; $c + a, o, u > g > \emptyset$: *capillus* > *cavéi* [ka'vej] ~ [ka'vej] <cabelos>; *wartôn* (antigo alto alemão) > *vardàr* [var'dar] <olhar>, *àra!* [ara] <olhe!>; *amica* > *amiga* [a'miga] <amiga>.
- Distinção entre fricativas alveolares surda [s] e sonora [z] com caráter fonêmico: *séndro* ['sendro] <cinza de lenha> ~ *zéndro* ['zendro] <genro>.
- Tendência à manutenção das vogais anteriores arredondadas [y] e [ø] nos falares ocidentais, também presentes em Val di Cembra e Val di Fiemme: *tüt* ['tyt] <tudo>, *süt* ['syɫ] <seco>, *fiöl* ['fjøɫ] <filho>, *linzöl* [lin'søɫ] <lencol> e em algumas localidades do Vale do Ádige.
- Ocorrência de desinência em -s para os verbos na segunda pessoa do singular entre alguns falares conservadores: *es* ['es], *ès* ['ɛs] <és>; nos dialetos ladinos fassano e nênes ocorre *ciames* ['tʃames] <te chamas>.
- Ocorrência do pronome sujeito átono que redobra o sujeito na oração: *ti te parli* ['ti te'parli] <tu falas>, *el l' parla* ['ɛɫ ɫ'parla] <ele fala>, *ela la parla* ['ela la'parla] <ela fala>, *lori i parla* [lori i'parla] <eles falam>, *lore le parla* [lore le'parla] <elas falam>, onde *te*, *l'*, *la*, *i* e *le* são redobro átono do sujeito, com

casos de repetição dupla em frases interrogativas: *ti te te sei malà?* [ti tete'sej ma'la] <tu estás doente?>.

- Ocorrência de sujeito átono posposto, inclusive após a negação: *saràlo?* [sa'ralo] <será ele?>, *se la pensa* [se'la 'pensa] ~ [se'la m'pensa] <ela pensa>; *éla no la laóra* ['ela no lala'ora] <ela não trabalha>, *el no 'l dis* ['eɫ nol'dis] <ele não diz>.
- Fusão enclítica dos pronomes com os verbos na forma interrogativa na segunda pessoa singular: *set?* ['set] <és tu?>, roveretano *et?* ['et] <vais tu?>; na terceira pessoa singular: *elo?* ['elo] <é ele?>; característica cada vez mais em desuso nas variantes urbanas.
- Ocorrência da desinência em -s para os verbos na segunda pessoa do singular entre algumas variantes regionais, sobretudo nos vales ocidentais do Trentino, acentuada influência lombarda: *es* ['es] ~ ['ɛs], *ses* ['ses] <és>.

No que se refere ao léxico, as diferenças se devem sobretudo à heterogeneidade dos elementos étnicos e à diversidade de culturas agrícolas, com grande variedade lexical para designar um objeto ou uma ação relacionados ao trabalho no campo.

O dialeto da cidade de Trento é originalmente chamado *trentino* ou *tridentino*, e vale lembrar que, até meados de 1800, por *trentino* entendia-se apenas o habitante da cidade de Trento e de seus arredores. Outrora era difuso o termo “dialeto tirolês” (*tirolés*, *tirolese*) para se referir ao dialeto *italiano* do Tirol Meridional (SULZER, 1855).

Assim como os demais falares ao longo do Vale do Ádige, a variante de Trento apresenta características lombardas e vênetas, tais como a queda das vogais finais que não -a e a sonorização das oclusivas surdas [p], [t] e [k] em posição intervocálica. É, sem dúvida, uma variante de prestígio, que influenciou os falares rurais dos arredores, que praticamente perderam as vogais anteriores arredondadas [y] e [ø], outrora comuns entre nas variantes rurais, mas consideradas “rústicas” pelos habitantes de Trento, que as substituem por [u], [o] ou [ɔ].

Fala-se trentino também em alguns distritos italianófonos próximos à cidade de Bolzano (al. *Bozner Unterland*). Mantido há séculos entre comunidades originalmente bilíngues, o trentino influenciou o léxico do alemão tirolês daquela região: *basta!* ['baʃta] <chega!>; *magari* [ma'gari] [ma'gahi] <talvez>; *ostia!* ['ɔʃtja] <óstia; interjeição de espanto ou admiração>; *pergola* ['pɛrgola] ~ ['pɛhgola] <pérgula>.

Os falares trentinos com base na classificação proposta por Battisti (1922)¹⁶².

Ainda que a divisão dialetal trentina proposta por Battisti não seja suficientemente completa (porque baseada em critérios “geográficos” ou “político-administrativos”), não seria adequado classificar os falares trentinos das regiões oriental e ocidental respectivamente como vênets e lombardos. Ora, a questão geográfica é

¹⁶² Mapa nosso.

também relevante, uma vez que a cadeia montanhosa “separou” o território alpino tirolês das planícies e do relevo menos acidentado da Lombardia e do Vêneto.

Divisão territorial da província trentina, com seus principais vales e cidades¹⁶³.

Seguindo de Verona em direção a Trento, percebe-se a mudança no relevo ao adentrar o território alpino tirolês, na região próxima à cidade de Ala (al. *Ahl, Halle in Lagertal*). Como que num instante, altas montanhas parecem erguer-se abruptamente, formando um grande “muro” e é ali, naquele território montanhoso, que se inicia o território do Tirol histórico, cuja geografia e clima em nada têm com a região padana.

Por mais que os mundos alpino e padano mantenham secular contato (e fruto desse contato foi a expansão dos falares lombardos e vênets no território trentino), fica difícil não pensar que aspectos geográficos não sejam suficientes para uma fragmentação dialetal em nível regional, que distanciou em diferentes níveis os falares existentes no interno do território trentino daqueles das províncias vizinhas.

¹⁶³ Mapa: nosso.

Seguimos com o trecho da fábula da raposa e do corvo traduzido para os diferentes falares regionais trentinos. Estes servirão para uma posterior comparação com as variantes dialetais da Colônia Tirolense de Piracicaba, proporcionando maior noção acerca dos aspectos conservadores e inovadores do trentino piracicabano.

Optamos por dividir os falares trentinos conforme sua posição geográfica, em três grupos, seguindo os modelos de classificação propostos por Battisti (1922, 1929) e Bonfadini (1983), embora utilizando “falares” ao invés de “variantes”. Ainda que essa não seja uma divisão ideal – porque também baseada em critérios meramente político-administrativos –, acreditamos ser aquela que mais se aproxima da realidade linguística trentina e nos ajudará a identificar as principais características regionais, facilitando a comparação que propomos e acreditamos importante para uma análise fidedigna do dialeto trentino da Colônia Tirolense de Piracicaba.

Para a ortografia do dialeto trentino utilizada nos exemplos que seguem, baseamo-nos na grafia utilizada em dicionários do dialeto trentino (VITTORE, 1904; GROFF, 1954; PRATI, 1960; QUARESIMA, 1964; AZZOLINI, 1974; TISSOT, 1976; ZORZI, 1977; BONISEGNA, 1980; FRANCHINI, 1984; ANEGGI, 1984; GUADAGNINI, 1985; BERTOLDI, 2005; GRASSI, 2009; TRENTIN, 2011). Além destes, baseamo-nos também na tradução dos evangelhos de Bassi (2001).

Registram-se algumas variações de escrita nos dicionários regionais, mas a ortografia segue basicamente aquela italiana, com alterações necessárias por causa da fonética e da fonologia do trentino.

As vogais [a], [e], [i], [o] e [u] são grafadas respectivamente como *a*, *e*, *i*, *o* e *u*, enquanto a acentuação segue a ortografia do italiano: *é* [e] ~ *è* [ɛ]; *ó* [o] ~ *ò* [ɔ]. O uso de acentos (praticamente inexistentes no italiano) é necessário em alguns contextos para auxiliar na pronúncia de vogais abertas e fechadas. A intensidade do trentino não corresponde à do italiano, por causa dos fenômenos de aférese, apócope de vogais finais átonas, metátese, síncope e epêntese, que atuam diretamente no trentino e o acento pode ocorrer em final da sílaba, na penúltima sílaba e na antepenúltima.

As vogais vogais anterior meio-fechada [ø] e anterior fechada [y] costumam ser grafadas respectivamente como *ö* e *ü*, assim como no piemontês, no lombardo alpino e

no bergamasco, embora o milanês costume utilizar *oeu*. No entanto, Groff (1954, p. 19) propôs o uso de *eu* para [ø], como no francês¹⁶⁴.

Para os casos monossilábicos, a vogal anterior semi-aberta è [ɛ] e a vogal posterior semi-aberta ò [ɔ] são sempre acentuadas (*bèch* <bico> e *òm* <homem>), enquanto a vogal anterior semifechada [e] e a vogal posterior semifechada [o] costumam ser acentuadas em contextos monossilábicos.

Para os casos de *c* e *ch*, o trentino segue a ortografia do italiano, a mesma utilizada no ladino. As oclusivas velares surdas [ka], [ke], [ki], [ko], [ku] são grafadas respectivamente como *ca*, *che*, *chi*, *co*, *cu* e as africadas alveopalatais surdas [tʃa], [tʃe], [tʃi], [tʃo], [tʃu] são grafadas respectivamente como *cia*, *ce*, *ci*, *cio*, *ciu*. Há falares que ampliam o uso *c* antes de -e e -i para o caso de final absoluto em palavras onde ocorre palatalização de [k]: *tòc* ['tɔtʃ] <pedaço>, *bèc* ['bɛtʃ] <bico>. Alguns dicionários trentinos (TISSOT, 1976; BERTOLDI, 2005; GRASSI, 2009) costumam apresentar os casos de final absoluto de [k] e [tʃ] respectivamente como -*ch* e -*c*, assim como a grafia do ladino. Outros (GROFF, 1954; ANEGGI, 1984), costumam grafar os casos [tʃ] como *é* ou *c'* (*ric'* ou *ric'* ['ritʃ] <crespo>), enquanto os casos de [k] final são representados como *c* (*bèc* ['bɛtʃ] <bico>). Textos escritos em dialeto trentino publicados em livros de poesia ou mesmo em páginas da Internet costumam utilizar a grafia de -*ch* [k] e -*c* [tʃ]. Ambas as representações gráficas têm sido bastante utilizadas, pois evitam certas confusões quanto à pronúncia, tendo em vista a grande fragmentação dialetal da região trentina.

De modo semelhante são os casos de *g* e *gh*. As oclusivas sonoras [ga], [ge], [gi], [go], [gu] são grafadas como *ga*, *ghe*, *ghi*, *go*, *gu* e as africadas sonoras [dʒa], [dʒe], [dʒi], [dʒo], [dʒu] são grafadas como *gia*, *ge*, *gi*, *gio*, *giu*. Alguns falares também ampliam o uso *g* antes de -e e -i para o caso de final absoluto, mas a grafia se alterna

¹⁶⁴ Sua escolha tinha, entretanto, motivos políticos. Tendo sido colaborador do irredentista e socialista trentino Cesare Battisti, Lionello Groff tornou-se deputado logo após a anexação do Tirol Meridional pelo Reino da Itália. Convicto da *indiscutível italianidade trentina*, evitou o uso de *ö* e *ü* em seu *Dizionario trentino-italiano* (1954), porque poderia remeter à grafia do alemão. Tratou também de identificar os germanismos presentes no léxico trentino como *barbarismi* (“barbarismos”). Logo no prefácio, o autor critica os trentinos que se vestem com trajes típicos tirolezes, afirmando que “os verdadeiros trajes trentinos” foram objeto de estudo de Odone Tomasi. Na realidade, Tomasi teve a incumbência de criar trajes para a região de Trento (com base em modelos romanos) durante o período fascista, no intuito de justificar a *italianidade indiscutível* que não admitia vestimentas de tradição germânica. Entretanto, o dicionário de Groff é obra relevante porque pioneira no assunto, e mais completa do que os primeiros vocabulários de Giovanni Battista Azzolini (1856) sobre o dialeto de Rovereto, do conde Lamberto Cesarini (1895), que confrontava palavras do trentino com o toscano, e de Vittore Ricci (1904), que é considerado o primeiro vocabulário trentino-italiano.

entre *g'* e *gh* para representar [g] em posição final, e entre *ǵ* e *g* para representar [dʒ] em posição final. Como no caso anterior, o uso de *gh* e *g* tem sido mais frequente porque evita confusões de leitura. Os casos [na], [ne], [ni], [no], [nu] são grafados respectivamente como *gna*, *gne*, *gni*, *gno*, *gnu*.

A sequência *s+c+e* e *s+c+i* não se realiza no trentino como no italiano *sce* [ʃe] e *sci* [ʃi], mas como [stʃe] e [stʃi]. Em alguns dicionários trentinos (GROFF, 1954; ANEGGI, 1984; GRASSI, 2009), essas sequências são grafadas respectivamente como *s'ce* e *s'ci* (*s'cet* ['stʃet] <genuíno>; *s'ciòpa* ['stʃɔpa] <espingarda>). O ladino e o vêneto costumam grafar essas sequências como *s-ce* e *s-ci*, assim como o dicionário de Tissot (1976): *s-cet*; *s-ciòpa*. Consideramos esta última alternativa mais adequada para casos como *s'ha fat gran co la s-ciòpa* <fez-se grande com a espingarda>, onde a grafia diferenciada evita problemas de leitura.

O trentino não costuma realizar [ʃ] como na palavra *pesce* ['peʃe] <peixe> do italiano, e sua ocorrência está relacionada às influências do italiano padrão no trentino. No entanto, vários deles apresentam duas *sibilantes* próprias dos falares do norte da Itália: uma fricativa alvéolo-palatar surda [ɕ] e uma fricativa alvéolo-palatal sonora [ʒ], cuja ocorrência não está relacionada apenas aos falares regionais, mas também ao idioleto. No mais, o trentino costuma apresentar [s] para os casos que o italiano apresenta [ʃ], mesmo se a grafia dos dicionários utiliza *s* e *z*: *pes* ['pes] <peixe>; *ziàrpa* ['sjarpa] <gravata>.

Dicionários dos falares regionais trentinos (TISSOT, 1976; ANEGGI, 1984; BERTOLDI, 2005; GRASSI, 2009) utilizam *z* para representar a fricativa alveolar sonora [z], mas também para a fricativa alveolar surda [s], uma vez que ambas se alternam em algumas variantes, como no caso de *zapin* <enxada> que, dependendo da região, pode ser pronunciado como [za'pin] ou como [sa'pin]. Essa grafia não se aplica ao vêneto, como se pode observar em STAWINSKI (1995) e LUZZATO (2000). Preferimos seguir este “padrão” gráfico do trentino europeu, utilizando *z* para os mesmos casos¹⁶⁵. A africada alveolar sonora [dz] ocorre pouco do trentino e alguns dicionários costumam apresentar para estes casos a ortografia de *z* (ANEGGI, 1984) ou *z* (TRENTIN, 2011).

¹⁶⁵ A alternância do uso de [s] e [z] é relativamente comum no trentino de Piracicaba, sobretudo na variante de **SO**, como no caso de *vanéza* <canteiro> que se realiza como [va'neza] (que prevalece) e [va'nesa]. O uso de [z] na variante de **SO** parece ser mais frequente em posição prevocálica, sobretudo antes de *-a* e *-e*, como em *batezàr* [bate'zar] <batizar> e *mólzer* ['moʎzer] <ordenhar>.

O trentino não se utiliza das consoantes duplas *bb*, *cc*, *ll*, *pp*, *tt* na grafia pela ausência de geminadas, assim como nos dialetos setentrionais. Costuma-se, contudo, utilizar *ss* [s] que se contrapõe ao uso de *s* [z], como em *massa* ['masa] <muito> ~ *casa* ['kaza] <casa>. A vibrante múltipla [r] não ocorre em boa parte dos falares do norte da Itália e o uso de *r* na ortografia do trentino faz referência somente à vibrante simples [r].

Optamos por acentuar sempre as vogais anterior semi-aberta e posterior semiaberta (*bèl* <belo>; *bèch* <bico>; *còrf* <corvo>; *tòch* <pedaço>), enquanto as vogais anterior semifechada e posterior semifechada são acentuadas quando representam características do falar local ou indicam a sílaba tônica (*béch* <bico>; *póco* <pouco>). A acentuação aparece também para os verbos no pretérito e no particípio passado (*vardà* <viu; visto>; *pogià* <pousado>). A palavra *pu* <mais> costuma ser acentuada, mas optamos por utilizar essa tendência gráfica apenas onde seja necessário indicar a sílaba tônica (*amù* <novamente>).

1.2.3.1. FALARES TRENTINOS OCIDENTAIS

Os falares ocidentais são aqueles entre as montanhas judicárias (it. *Giudicarie*; al. *Judikarien*) e de *Val di Ledro* (trent. *Val de Leder*; al. *Ledertal*), região próxima ao Lago de Garda (it. *Lago di Garda*; al. *Gardasee*, *Gartensee*) e às cidades de *Arco* (al. *Arch*) e *Riva* (al. *Reif*). Ao norte, do lado esquerdo do Maciço de Brenta, os falares trentinos apresentam traços conservadores presentes no retorromânico, no ladino nonês e no solandro, com características comuns aos dialetos do grupo lombardo oriental, que pode ser considerado uma transição entre os falares galo-italícos da área alpina e as línguas galo-romanas. O lombardo oriental influenciou sobremaneira o dialeto trentino e falares pertencentes ao grupo lombardo oriental existem ainda em alguns distritos fronteiriços entre *Val di Sole* (Trentino), *Sondrio* e Bréscia (Lombardia).

Os falares ao sul, nos arredores do Lago de Garda, apresentam características vênetas, sobretudo no que se refere ao léxico e às desinências verbais. Entre as características principais dos falares trentinos ocidentais, temos:

- Palatalização de *o* > *ö* em Val Rendena, cujo falar é próximo ao solandro e ao lombardo alpino, característica outrora mais difusa em outros vales da região

(*focum* > *föch* ['føk] <fogo>), inclusive para outros casos de palavras que não sofreram ditongação (*illam* > *öla* ['øla] <ela>).

- Conservação de *-per* e *-ber*, assim como no lombardo oriental, para os casos em que demais falares trentinos costumam apresentar metátese (*-pre* e *-bre*): *semper* ['semper] <sempre>; *november* [no'vember] <novembro>.
- Palatalização de *-t* [tʃ], assim como no ladino, em *Val Rendena* (*tuc* ['tutʃ] <todos, tudo>), que nos demais falares ocorre como *-t* [t] ou *-ti* [ti]; palatalização de *-c* em final de palavra em *Roncone* (*bèc* ['bɛtʃ] <bico>). Em *Val Rendena*, ocorre ainda a palatalização em [tʃi] para os casos que nos demais falares ocorre como *si* ['si] (*cossì* [ko'si] ~ *si* ['si]; *rendenês ci* ['tʃi] <assim>).
- Queda da vogal final que não *-a*: *tut* ['tut] <tudo>, *tòch* ['tɔk] <pedaço>, *aspet* [as'pɛt] <aparência>, *pöch* ['pøk], *poch* ['pok] <pouco>, *corf* ['kɔrf] <corvo>, *pin* ['pin] <pinheiro>; inclusive em palavras femininas: *vulp* ['vulp], *bulp* ['bulp], *bolp* ['bɔlp] <raposa>, *fam* ['fam] <fome>. Na região oeste do Lago de Garda, algumas palavras sofrem a influência vêneta: *corvo* ['kɔrvo], *pino* ['pino].
- Ocorrência do pronome sujeito átono que redobra o sujeito na oração: alto *rendenês öla la dis* ['øla la'dis] <ela diz>, *ronconês el l'è bèl* [ɛt 'lɛ 'bɛt] <ele é belo>, *ti te se* [ti te'se] <tu és>, onde *la*, *l'* e *te* são redobro átono do sujeito. Há casos de pronome sujeito átono posposto: *éla no la pénsa* ['ela no lapen'sa] <ela não pensa>.

Seguimos com a história da raposa e do corvo traduzida para os falares trentinos ocidentais:

Caderzone (Val Rendena):

La vulp al'era amù famada. L'a vist in corf pugià sa an pin cun in tòch di furmai in dal boch. "Cost al mi saria bon!", l'ha pinsà la vulp tra di ela e la ga dit al corf: "Chi bèl ca ti se! Se al to cantar l'è ci bèl cume al to esar, alura ti se al pu bèl da tuc i usei".

[la 'vulp a'lɛra a'mu fa'mada la'vist in'kɔrf pu'dʒa sa an'pin kun'tɔk di fur'maj indaɫ'bok 'kost aɫ mi sa'ria 'bɔn la pin'sa la 'vulp tra di'ela e la ga 'dit al'kɔrf ki 'bɛl ka ti'se se aɫ'to kan'tar lɛ tʃi'bɛɫ 'kume alto a'lora ti'se aɫ pu 'bɛɫ da 'tutʃ ju'zɛj]

Alta Val Rendena:

La bulp l'era amù famada. La vic in còrf pugià sa an pin cunt' in tòch di furmài ntal böch. “Cul lì al mi pararia bon”, l'ha pinsà tra di öla, e la ghi dis al còrf: “Chi bèl ca ti sé! Sa l' to cantàr al'é bèl cumi al to vardàr fò bèn, di sicör ti sé al pu bèl di tuc li usèi”.

[la 'bulp 'lɛra a'mu fa'mada la'vitʃ in'kɔrf pu'dʒa sa an'pin kunt 'ntɔk di fur'maj ntaʃ'bøk ku'li aʃ mi para'ria 'bon la pin'sa la 'vulp tra di'øla e la gi 'dis al'kɔrf ki 'bɛl ka ti'se saʃ'to kan'tar a'ɛ 'bɛʃ 'kumi alto aʃ to var'dar ʃɔ'bɛn di si'kør ti'se aʃ pu 'bɛʃ di 'tutʃ lju'zɛj]

Roncone - Val di Chiese (Valli Giudicarie):

La volp l'era amò (de nof) famada. L'ha vist na ciola postada su d'an pec con en tòc de formai ndal bèc: “Quest el me sarie bom” la pensó la volp e la dis a la ciola: “Coma te se bèla! Se el to cantar l'è si bèl coma el to aspet, allora te se el pu bèl de tuc i osei”.

[la 'volp 'lɛra a'mɔ (de'nɔf) fa'mada la'vist na'tʃɔla pos'tada su dan'petʃ kon en'tɔʃ de for'maj ndaʃ'bɛʃ 'kwest eʃ me sa'rie 'bom la pen'so la 'volp e la 'dis a la 'tʃɔla 'koma te 'se 'bɛla seʃ 'to kan'tar 'ɛ si'bɛʃ 'koma eʃ to as'pɛt a'lora te'se eʃ pu'bɛʃ de'tutʃ jo'zɛj]

Tione (Valli Giudicarie):

La volp l'era amò famada. L'ha vist en corf postà su d'an pec con en tòc de formai ndel bèc: “Quest el me sarie bom” la pensó la volp ndra de ela e la dis al corf: “Coma te se bèl! Se el to cantar l'è si bèl coma el to aspet, allora te se el pu bèl de tuc i osei”.

[la 'volp 'lɛra a'mɔ fa'mada la'vist n'kɔrf pos'ta su dan'petʃ kon en'tɔʃ de for'maj ndeʃ'bɛʃ 'kwest eʃ me sa'rie 'bom la pen'so la 'volp ndra de'ela e la 'dis aʃ'kɔrf 'koma te 'se 'bɛʃ seʃ 'to kan'tar 'ɛ si'bɛʃ 'koma eʃ to as'pɛt a'lora te'se eʃ pu'bɛʃ de'tutʃ jo'zɛj]

Giudicarie Esteriori:

La bolp l'èra de nof famada. 'Nde quella la vede na grola su 'n canon con en tòch de formai ntél bèch. “Quel lì el me saverie bon”, l'ha pensà ntrà de éla, e la ghe dis a la grola: “Che bèla che te se! Se l' to cantar l'è bèl come che te varde fora, de sigur te se el pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'bolp 'lɛra de'nɔf fa'mada n'de 'kwela la'vede na'grɔla sun ka'non kon en'tɔk de for'maj nteʃ'bɛk 'kwest eʃ me save'rie 'bon la pen'sa n'tra de'ela e la ge'dis ala'grɔla ke 'bɛla ke te'se seʃ'to kan'tar ɛ 'bɛʃ 'kome ke te var'de 'fora de si'gur te'se eʃ pu'bɛʃ de 'tuti jo'zɛj]

Fiavè (Bleggio Superiore, Valli Giudicarie):

La volp l'era de nof famada. L'ha vist na grola su nde 'n canon con d'en toch de formai ndel bèch. "Sto chi el me piaseria" l'ha pensà la volp e la ga dit a la grola: "Che bèla che te se! Se la to cantada l'è bèla tant che ti, allora te se propi la pu bèla de tuti i usèi".

[la 'volp 'l'era de'nof fa'mada la'vist na'grola sun'den ka'non kon den'tɔk de for'maj nde't'bək sto'ki eɫ me pjase'ria la pen'sa la 'volp e la ga 'dit ala 'grola ke 'bela ke te'se se la'to kan'tada lɛ 'bela tant ke'ti a'lora te'se 'prɔpi la pu 'bela de 'tuti ju'zɛj]

Bleggio Superiore (Valli Giudicarie):

La bolp l'era de nof famada. En de quela l'ha vist en corf pogià su nten pec con d'en toch de formai ntel bèch. "Sto chi el me saverie bon", l'ha pensà la bolp e la ghe dis al corf: "Come te se bèl. Se l' to cantar l'è sì bèl come che te varde for, allora te se el pu bèl de tuti i osèi".

[la 'bolp 'l'era de'nof fa'mada en'de 'kwela la'vist en'korf po'dza sun'ten 'petʃ kon den'tɔk de for'maj nte't'bək sto'ki eɫ me save'rie 'bon la pen'sa la 'bolp e la ge 'dis aɫ 'korf 'kome te'sej 'bɛɫ seɫ'to kan'tar lɛ si'bɛɫ 'kome ke 'varde 'for a'lora te'se eɫ pu 'bɛɫ de 'tuti jo'zɛj]

Val di Ledro (Val de Leder):

La volp l'era amò famà. L'ha vist na grola postà su èn pi con èn tuchet de formai nel béch. "Sto chi el me piasarìa" l'ha pensà la volp e là ghe dis a la grola: "Come te se bèla, se te cante si be come te se bèla, allora te se el pu bèl de tuc i oseì".

[la 'volp 'l'era a'mɔ fa'ma la'vist na'grola pos'ta su ɛn'pi kon 'ɛn tu'ket de for'maj neɫ 'bek sto 'ki eɫ me pjaza'ria la pen'sa la 'volp e la ge 'dis ala'grola 'kome te'se 'bela se te 'kante si'be 'kome te'se 'bela a'lora te'se eɫ pu 'bɛɫ de 'tutʃ jo'zɛj]

Val Concei (Val di Ledro):

La volp l'era amò famà. L'ha vist na grola pogià su en ram de pi, con en tochet de formai ndel bec. "Sto el me piaserie", l'ha pensà la volp e la ghe dis a la grola: "Come te se bèla! Se te cante come te se bèla, allora te se el pu bèl de tuc i usei".

[la 'volp 'l'era a'mɔ fa'ma la'vist na 'grola po'dza su n'ram de'pi kon 'en to'ket de for'maj nde't'betʃ sto eɫ me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la ge 'dis ala'grola 'kome te'se 'bela se te 'kante 'kome te'se 'bela a'lora te'se eɫ pu 'bɛɫ de 'tutʃ ju'zɛj]

Riva, Arco, Dro (Alto Garda):

La volp l'era gheva de nof fam. L'ha vist en corv postà su den pim con d'en toch de formai ntel bèch. “Sto chi el me par bom” pensò la volp, e la ghe dis al corvo: “Come che te sei bèl! Se el to cantar l'è sì bèl come che te sei, allora set el pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'volp 'lɛra 'geva de'nof 'fam la'vist n'kɔrv pos'ta su den'pim kon den 'tok de for'maj nteɫ'bɛk sto 'ki eɫ me 'par 'bom la pen'sɔ la 'volp e la ge 'dis aɫ'kɔrvo 'kome ke te'sej 'bɛɫ seɫ'to kan'tar lɛ si'bɛɫ 'kome ke te 'sej a'lora 'set eɫ pu 'bɛɫ de 'tuti jo'zɛj]

1.2.3.2. FALARES TRENTINOS CENTRAIS

Os falares centrais são aqueles existentes ao longo do Vale do Rio Ádige (it. *Valle dell'Adige*; al. *Etschtal*, trent. *Val de l'Àdes*) e de *Vallagarina* (al. *Lagertal*, trent. *Val Lagherina*), onde se localizam as duas maiores cidades da província trentina: Trento (al. *Trient*, trent. *Trènt*) e *Rovereto* (al. *Rofreit*, trent. *Roveredo*). Ao sul, onde finda a província tridentina, encontram-se as últimas altas montanhas que acompanham o trajeto do Rio Ádige em direção a Verona. A variante da cidade de *Rovereto*, que divide várias características com o lombardo oriental e com o vênето ocidental, influenciou os falares das cidades limítrofes e, por sua vez, também sofre influências da variante de prestígio da cidade de Trento.

A região do Vale do Ádige é, segundo a classificação dialetal italiana, um *mezzogiorno* (“meio-dia”), ou seja, um *divisor* que separa os falares de tipo lombardo daqueles de tipo vênето. Em meados do século X, o galo-italico avançou pela planície padana em direção ao Vênето, ultrapassando a margem esquerda do Rio Ádige e se expandindo pelas regiões onde o antigo ladino se estendia. Não se expandiu para o norte, onde predominava o alemão e nem totalmente para o leste, onde predominava o tipo vênето, e *recuou* até a margem direita do Rio Ádige (BATTISTI, 1931; ROHLFS, 1954), tendo influenciado os falares de vales setentrionais e centrais do Trentino. Contudo, no decorrer da Idade Média houve um avanço do vênето em direção ao oeste, que “reocupou” a região até a margem esquerda do Rio Ádige, influenciando os falares ladinos confinantes e o próprio dialeto da cidade de Trento (TOMASINI, 1960).

Também pertencem ao grupo central os falares do território próximo à cidade de Bolzano (al. *Bozen*), ao norte da cidade trentina de *Mezzocorona* (al. *Kronmetz*). Na

região da Baixa Atesina (al. *Bozner Unterland*), existem comunidades bilíngues históricas, cuja variação linguística é determinada pelo maior ou menor número de famílias de origem germânica ou latina (ainda que a miscigenação seja notória). Há vilarejos onde predomina o idioma alemão e outros onde o italiano é o idioma predominante, inclusive no ambiente doméstico. Até o século XIX, o dialeto trentino era falado juntamente com o alemão tirolês (al. *Südtirolerisch*) em variantes locais que, aos poucos, sofreram maiores influências do italiano padrão (assim como na região trentina). As disputas étnicas do início do século XIX e as questões políticas que se seguiram após a anexação do Tirol Meridional pela Itália também contribuíram para a diminuição do uso do dialeto trentino nesses distritos.

O tridentino, ou seja, a variante de Trento, influenciou em diferentes níveis os falares de localidades nos arredores da cidade, sobretudo durante o final do século XIX e início do século XX, quando Trento reforçava seu status de capital administrativa regional. A partir da década de 1920, vários distritos (it. *paesi*), antes administrativamente autônomos, foram agregados ao município de Trento e transformados em frações da capital. Segundo Bonfadini (1985), a variante sofre atualmente um processo de *venetização*, causado, inclusive, pelo grande número de vênets que se transferiram para Trento no decorrer do século XX.

Também durante o século XX, Romagnano tornou-se “cidade dormitório”, habitada por pessoas que trabalham na cidade de Trento. Muitos desses moradores não são nascidos em *Romagnano*, nem sequer no Vale do Rio Ádige, mas são oriundos de outras localidades trentinas ou demais províncias. O dialeto rural outrora difuso em Romagnano sofreu (e ainda sofre) grande influência da variante de prestígio de Trento. Consideram-se arcaísmos algumas características galo-italicas ainda presentes nos falares trentinos centrais, apesar da constante influência vêneta (RIZZOLATTI, 1984).

Entre as principais características dos falares trentinos centrais, temos:

- Queda da vogal final que não *-a*: *bèl* <belo>, *òm* ['ɔm] <homem> *tut* ['tut] <tudo>, *vert* ['vert] <verde>, *mànech* ['manek] <cabo de enxada>, *corf* ['kɔrf] <corvo>, *matelòt* [mate'lot] <garoto>; inclusive em palavras femininas: *bolp* ['bɔlp] <raposa>, *man* ['man] <mão>, *fam* ['fam] <fome>, *cròs* ['krɔs] <cruz>.
- Palatalização de *o* > *ö* e *u* > *ü*, característica outrora mais difusa, inclusive nos falares rurais dos arredores de Trento: *fiol* ['fjoɫ] ~ ['fjɔɫ] <filho>, *föch* ['fok] ~

[ˈføk], *tüt* [ˈtyt] <tudo>, *füm* [ˈfym] <fumaça>. A variante de Trento costuma realizar ò [ɔ] para os casos onde de *o* [o] ou *ö* [ø]: *fiòl*, *fòch*.

- Ocorrência das fricativas [s] e [z] para os casos onde no galo-italico e no italiano ocorrem as africadas [tʃ] e [dʒ]: *zèntro* [ˈsentro] <centro>, *zìgola* [ˈsigola] <cebola>, *zàlt* [ˈzalt] <amarelo>, *zent* [ˈzɛnt] <gente>, porém *ciesa* [ˈtʃesa] <igreja>, *vècio* [vɛˈtʃo] <velho>, *spègio* [ˈspɛdʒo] <espelho>. Pode ocorrer em variações o uso de [θ] para os casos onde os demais falares trentinos realizam [s]: *pozo* [ˈpoz] ~ [ˈpoθ] <poço>, e variação também em casos onde o trentino geralmente apresenta [dʒ] ou [z]: *vèrgine* [ˈvɛrdʒine] [ˈvɛrzine] ~ [ˈvɛrθine] <virgem>.
- Variação quanto ao uso das fricativas [f] e [v] em posição final de palavra (*corf* [ˈkorf] ~ *corv* [ˈkorv] ~ *corvo* [ˈkorvo] <corvo>), assim como de [t] e [d] (*ntel* [nˈteɫ] ~ *ndel* [nˈdeɫ] <no, dentro de>; *n-te* ˈn [nˈten] ~ *nde* ˈn [nˈden] <em um, dentro de um>).
- Variação no uso das nasais [n] e [m] entre os falares, com prevalescimento de [m] em posição final em boa parte de Vallagarina e em algumas localidades próximas à cidade de Trento, caracterizando os falares locais e diferenciando-os daqueles de maior influência tridentina: [ˈbom] <bom>; [ˈbem] <bem>; [ˈpim] <pinheiro>, porém sempre [ˈkon] <com>.
- Ocorrência do pronome sujeito átono que redobra o sujeito na oração: *ti te parli* [ˈti teˈparli] <tu falas>, *el l' fa* [ˈeɫ ɫˈfa] <ele faz>, onde *te*, *l'*, *la*, *i* e *le* são redobro átono do sujeito. O sujeito átono posposto aparece após a negação: *éla no la fa* [ˈela no ˈfa] <ela não faz>, *el no l' dis* [ˈeɫ nolˈdis] <ele não diz>.

Apresentamos exemplos da história da raposa e do corvo traduzidos para diversos falares do Vale do Ádige, de *Vallagarina*, *Altopiano di Pinè* e *Val di Cembra*, todos pertencentes ao grupo trentino central.

Interessam-nos, principalmente, os falares do grupo central, para que seja feita uma comparação desses falares do trentino europeu com o trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba, que preserva traços da variante rural do Vale do Ádige, conforme era falada no final do século XIX. Veremos que algumas características ainda presentes no trentino piracicabano praticamente desapareceram nos distritos originais dos imigrantes.

Ala (Vallagarina):

La volp la era de nof afamà. La vede en corf posà su de en pim con en toch de formai nel bech. “El saria bom per mi”, l’ha pensà la volp e la ghe dis al corf: “Come te sei bèl! Se el to canto lè così bèl come el to aspet, allora te sei el pu bèl de tuti i usei”.

[la 'volp la'era de'nof afa'ma la'vede en 'korf po'za su den'pim kon en 'tɔk de for'maj neɫ'bɛk eɫ sa'ria 'bom per'mi la pen'sa la 'volp e la ge 'dis aɫ'korf 'kome te'sej 'bɛɫ seɫ to 'kanto 'lɛ kozi 'bɛɫ 'kome el'to as'pɛt a'lorə te'se eɫ pu 'bɛɫ de 'tuti ju'zej]

Trambileno (Vallarsa):

La bolp l’era de nof famada. L’ha vist en corf enzima an pin ch’el gaveva en tòch de formai ntel bech. “Quel li el me piaseria”, l’ha pensà la bolp e la gh’a dit al corf: “Che bèl che te sei! Se te canti ben tant quant te sei bèl, allora te sei el pu bèl tra tuti i osèi”.

[la 'bolp 'lɛra de'nof fa'mada e la'vist en 'kɔrf en'sima an'pin keɫ ga'veva en'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk kweɫ'li eɫ'me pjaze'ria la pen'sa la 'bolp e la ga'dit aɫ'kɔrf ke'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti 'ben 'tant 'kwant te'sej 'bɛɫ a'lorə te'sej eɫ pu 'bɛɫ tra 'tuti jo'zej]

Dialetto rural de Vallagarina:

La volp l’era ancora famaa, quan che la vede en corf posà su d’en pim con en toch de formai ndel béch. “Quel lì el me saveria bom”, la pensa tra de ela, e la ghe dis al corf: “Che bèl che te sei! Se l to cantar l’è cossita bèl come la to cera, de sigur te sei el pu bèl de tuti i osei”.

[la 'volp la'era an'kora fa'maa 'kwan ke la'vede en 'korf po'za su den'pim kon en 'tɔk de for'maj ndeɫ'bɛk kweɫ 'li eɫ'me save'ria 'bom la 'pensa tra de 'ela e la ge 'dis aɫ'korf ke 'bɛɫ ke te'sej seɫ to kan'tar 'lɛ ko'sita 'bɛɫ 'kome la'to 'tʃɛra de si'gur te'sej eɫ pu 'bɛɫ de 'tuti jo'zej]

Mori (Vallagarina):

La volp la era famaa de nof. La ha vist en corf posà su ‘n d’en pim con en toch de formai nel bech. “Questo el me sarìa bom”, l’ha pensà la volp e la dis al corf: “Che bèl che te sei! Se te canti come te sei bèl, allora te sei el pu bèl tra tuti i usèi”.

[la 'volp la'era fa'maa de'nof la a'vist en'korf po'za sunden'pim kon en 'tɔk de for'maj neɫ'bɛk kwesto eɫ'me sa'ria 'bom la pen'sa la 'volp e la 'dis aɫ'korf ke 'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti 'kome te'sej 'bɛɫ a'lorə te'sej eɫ pu 'bɛɫ tra 'tuti ju'zej]

Rovereto (Vallagarina):

La volp l'era de nof famada e la vede en corf postà su d'en pez con en tòch de formai ntel bèch. "El me piaseria propri" la fa la volp e la ghe dis al corf: "Te sei proprio bèl, sat? Se te canti quant te sei bèl, allora te sei el pu bèl de tuti i osei".

[la 'volp 'l'era de'nof fa'mada e la'vede en 'kɔrf pos'ta su den'pes kon en 'tɔk de for'maj nte't'bek sto'ki e't'me pjaze'ria 'prɔpi la 'fa la 'volp e la ge 'dis a't'kɔrf te'sej 'prɔprjo 'bɛt 'sat se te'kanti 'kwant te'sej 'bɛt a'lora te'sej e't pu 'bɛt de 'tuti jo'zɛj]

Rovereto (Vallagarina) 2:

La volp l'era de nof famada. L'ha vist en corf posà su den pim con en pez de formai nel bech. "Sto el me saria proprio bom" l'ha pensà la volp e la ghe dis al corf: "Ma te sei bèl! Se el to cant l'è così bèl com el to ésser, allora te sei el pu bèl fra (tra) tuti i usèi".

[la 'volp 'l'era de'nof fa'mada e la'vist en 'kɔrf po'za su den'pim kon en 'pes de for'maj ne't'bek 'sto e't'me sa'ria 'prɔprjo 'bom la pen'sa la 'volp e la ge 'dis a't'kɔrf ma te'sej 'bɛt se't to 'kant 'lɛ ko'si 'bɛt 'kome't to'eser a'lora te'sej e't pu 'bɛt fra (tra) 'tuti ju'zɛj]

Área rural de Rovereto (Vallagarina):

La volp l'era amò famada. L'ha vist en còrf postà su 'n den pin con en toch de formai ntel bech. "Sto si che 'l me sarìa bon" l'ha pensà la volp, e la ga dit al còrf: "Che bèl che te sei! Se el to cant l'è bèl come te sei ti, vol dir che te sei el pu bèl de tuti i usèi".

[la 'volp 'l'era a'mɔ fa'mada la'vist en 'kɔrf pos'ta 'sun den'pin kon en 'tɔk de for'maj nte't'bek sto'ki e't sa'ria 'bon la pen'sa la 'volp e la ga 'dit a't'kɔrf ke'bɛt ke te'sej se't to 'kant 'lɛ 'kome te'sej 'ti vol'dir ke te'sej e't pu 'bɛt de 'tuti ju'zɛj]

Norte de Rovereto (Vallagarina):

La volp gh'eva fam de nof. L'ha vist na grola sora 'n pim con en toch de formai rent el bech. "Me piaseria sta roba" l'ha pensà la volp, e la ga dit a la grola: "Ma che bèla che te sei, se te canti bem come te sei bèla, alor te sei el pu bèl usel de tuti".

[la 'volp 'l'era 'geva 'fam de'nof la'vist na'grɔla 'sora n'pim kon en'tok de for'maj 'rent e't'bek me pjaze'ria sta'rɔba la pen'sa la 'volp e la ga 'dit a la' grɔla ma ke'bɛla te'sej se te 'kanti 'bem 'kome ke te'sej 'bɛla a'lor te'sej e't pu 'bɛt u'zɛt de 'tuti]

Castelano (Vallagarina):

La bolp l'era de nòf famada. L'ha vist en corf che 'l steva pozà su 'n pim con en cogn de formai ntel bèch. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la bolp, e la ga dit al corf: “Che bèl che te sei! Se te canti cossita bem quant che te sei bèl, alor te sei el pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'bolp 'l'era de'nɔf fa'mada la 'vist en'korf kels'teva po'za sun'pim kon en 'kɔŋ de for'maj nteɫ'bək sto'ki eɫ'me pjaze'ria la pen'sa la 'bolp e la ga'dit aɫ'korf ke 'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti ko'sita 'bem 'kwant ke te'sej 'bɛɫ a'lor te'sej eɫ pu 'bɛɫ fra 'tuti jo'zɛj]

Alta Vallagarina:

La volp l'era famada de nof. L'ha vist en corf postà su'n pim con en toch de formai ntel bèch. “Sto chì el saria bem bom”, l'ha pensà la volp, e la ghe dis al corf: “Che bèl che te sei! Se el to cantar l'è sì bèl come te sei ti, alor te sei el pu bèl osel de tuti”.

[la 'volp 'l'era fa'mada de'nɔf la'vist en'korf pos'ta sun'pim kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bək sto'ki eɫ sa'ria 'bem 'bom la pen'sa la 'volp e la ge'dis aɫ'korf ke 'bɛɫ ke te'sej seɫ to kan'tar 'lɛ si'bɛɫ 'kome te'sej 'ti a'lor te'sej eɫ pu 'bɛɫ o'zɛɫ de 'tuti]

Vezzano (Vale do Ádige):

La bolp l'era de nòf famada. L'ha vist en còrf pogià su nte'n pin con en tòch de formai ntel bèch. “Sto chì el saria bon”, l'ha pensà la bolp. E la gà dit al còrf: “Che bèl che te sei! Se el tò cant l'è cossì bèl come el tò aspèt, alor te sei el pu bèl entrà tüti i osèi”.

[la 'bolp 'l'era de'nɔf fa'mada la'vist en 'kɔrf po'dʒa su nten'pin kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bək sto'ki eɫ sa'ria 'bon la pen'sa la 'bolp e la ga 'dit aɫ'kɔrf ke'bɛɫ ke te'sej seɫ to 'kant 'lɛ kosi 'bɛɫ 'kome el'tɔ as'pɛt a'lor te'sej eɫ pu 'bɛɫ n'tra 'tyti jo'zɛj]

Nomi (Vale do Ádige):

La volp la gàveva fàm ancora. La ha vist en còrf postà su d'en pin co en tòch de formai ndel bèch: “Stò chi el me par bòm” la pensa la volp e la ghe dis al còrf: “Che bèl che te sei! Se te canti sì bem come te sei bèl, alor te digo che te sei el pu bèl tra tuti i osèi”.

[la 'volp la ga'veva ' fam an'kora la a'vist en'kɔrf pos'ta su den'pin ko en 'tɔk de for'maj ndeɫ'bək sto'ki eɫ me 'par 'bɔm la pen'sa la 'volp e 'la ge'dis aɫ'kɔrf ke 'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti si 'bem 'kome te'sej 'bɛɫ a'lor te'digo ke te'sej eɫ pu 'bɛɫ tra 'tuti jo'zɛj]

Calliano (Vale do Ádige):

La volp l'era de nòf famada. L'ha vist en corf postà su'n pim co en tòch de formai nel bech. "Sto chi el me piaseria" l'ha pensà la volp, e la ga dit al corf: "Che bèl che te sei! Se el to cant l'è cossì bèl come el to aspet, allora te sei el pu bèl da tuti i usèi".

[la'volp 'lɛra de'nɔf fa'mada la'vist en'kɔrf pos'ta sun'pim 'ko en'tɔk defor'maj nɛt'ɓɛk sto'ki ɛt 'me pjase'ria 'bɔm la pen'sa la 'volp e'la ga'dit a't'kɔrf ke 'bɛt ke te'sej sɛt to 'kant 'lɛ co'si 'bɛt 'kome ɛt'to as'pet a'lora te'sej ɛt pu 'bɛt da 'tuti ju'zɛj]

Aldeno (Vale do Ádige):

La volp l'era de nòf famada. L'avea vist en còrf su d'en pim con en tòch de formai ntel bèch. "Quel sì che me saria bom" l'ha pensà la volp ntra de ela e la ghe dis al corf: "Che bèl che te sei! Se 'l to cant l'è cossì bèl come la to parenza, allora te sei el pu bèl de tuti i osèi".

[la'volp 'lɛra de'nɔf fa'mada la'eva 'vist en'kɔrf suden'pim 'kon en'tɔk defor'maj nɛt'ɓɛk kwɛt'si ke me sa'ria 'bɔm la pen'sa la 'volp n'dra de'ela e'la ge'dis a't'kɔrf ke 'bɛt ke te'sej sɛt to 'kant 'lɛ co'si 'bɛt 'kome la'to pa'renza a'lora te'sej ɛt pu 'bɛt de'tuti jo'zɛj]

Cimone (Vale do Ádige):

La volp l'era de nòf famada. L'avea vist en còrf su d'en pin con en tòch de formai ntel bèch. "Quel sì che me saria bon" l'ha pensà la volp ntra de ela e la ghe dis al corf: "Che bèl che te sei! Se 'l to cant l'è cossì bèl come la to parenza, allora te sei el pu bèl de tūti i osèi".

[la'volp 'lɛra de'nɔf fa'mada la'eva 'vist en'kɔrf suden'pin 'kon en'tɔk defor'maj nɛt'ɓɛk kwɛt'si ke me sa'ria 'bɔn la pen'sa la 'volp n'dra de'ela e'la ge'dis a't'kɔrf ke 'bɛt ke te'sej sɛt to 'kant 'lɛ co'si 'bɛt 'kome la'to pa'renza a'lora te'sej ɛt pu 'bɛt de'tyti jo'zɛj]

Trento (Vale do Ádige):

La volp la era famada de nof. L'ha vist na grola sunte 'n pez con en tòch de formai ntel bèch. "Sto qua el me piaseria", la pensa la volp e la ghe dis a la grola: "Che bèl che te sei! Se el tò canto l'è sì bèl come che te aparisi ti, alor te sei el pu bèl de tuti i osèi".

[la 'volp 'lɛra fa'mada de'nɔf la'vist na 'grɔla su nten'pez kon en 'tɔk de for'maj nɛt'ɓɛk sto'kwa ɛt 'me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la ge 'dis ala'grɔla ke'bɛt ke te'sej sɛt to 'kanto 'lɛ si 'bɛt 'kome ke'te apa'risi 'ti a'lor te'sej ɛt pu 'bɛt de 'tuti jo'zɛj]

Trento (Vale do Ádige) 2:

La volp la era de novo famada. L'ha vist en corvo su nte 'n pez con en tòch de formai ntel bèco. “Sto chi el me piaseria”, la pensa la volp e la ghe dis al corvo: “Come te sei bèl! Se el to cant l'è sì bèl come te vardi for ti, allora te sei el pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'volp la 'era de'novo fa'mada la'vist en 'korvo su nten'pez kon en 'tɔk de for'maj ntef'bɛko sto'ki eɫ 'me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la ge 'dis aɫ'korvo 'kome te'sej 'bɛɫ seɫ tɔ 'kant 'lɛ si 'bɛɫ 'kome te 'vardi 'for 'ti a'lora te'sej eɫ pu 'bɛɫ n'tra 'tuti jo'zɛj]

Trento (Vale do Ádige) 3:

La volp la era de nof famada. L'ha vist en grol pozà su 'n ten pin con 'n tòch de formai ntel bech. “Sto chi 'l me par bon”, l'ha pensà la volp, e la gh'à dit al grol: “Che bèl che te sei! Se 'l to cant l'è bèl come ti, allora te sei 'l pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada la'vist en 'grɔɫ po'za su nten'pin kon en 'tɔk de for'maj ntef'bɛk sto'ki eɫ me 'par 'bon la pen'sa la 'volp e la ga 'dit aɫ'grɔɫ ke'bɛɫ ke te'sej seɫ tɔ 'kant 'lɛ 'bɛɫ 'kome 'ti a'lora te'sej ɫ pu 'bɛɫ 'fra 'tuti jo'zɛj]

Dialetto rural dos arredores de Trento (Vale do Ádige):

La bòlp l'èra sfamada. Nte che ela la ve en corf su d'en pin con en tòch de formai ntel bèch. “Chel li el 'l me saveria bon”, la ga pensà ndrà de ela, e la ghe dis al còrf: “Che bèl che te sei! Se el to cantàr l'èi cossì bèl com la to aparénza, segur che te sei el pu bèl de tütì i osèi”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada n'te ke'ela la've en'korf po'za suden'pin kon en'tɔk defor'maj ntef'bɛk keɫ'li eɫ ɫ'me save'ria 'bon la'ga pen'sa n'dra de'ela e la ge'dis aɫ'korf ke'bɛɫ te'sej seɫ tɔ kan'tar 'lɛ ko'si 'bɛɫ 'kom la'to apa'rensa se'gur ke te'sej eɫ pu 'bɛɫ 'de 'tyti jo'zɛj]

Romagnano (Vale do Ádige):

La volp la era de nof famada. L'ha vist en corf pozà sun d'en pin con en tòch de formai ntel bech. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la volp, e l'ha ga dit al corf: “Che bèl che te sei. Se te canti come te sei bèl, allora te sei el pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada la'vist en 'korf po'za su den'pin kon en 'tɔk de for'maj ntef'bɛk sto'ki eɫ me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la'ga 'dit aɫ'korf ke'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti 'kome te'sej 'bɛɫ a'lora te'sej eɫ pu 'bɛɫ fra 'tuti jo'zɛj]

Sardagna (Vale do Ádige):

La volp l'era de nòf famada. La vede en corf pozà sun d'en pin con en tòch de formai ntel bèch. “Quel li el me saveria bon”, la pensa la volp, e la ghe dis al corf: “Che bèl che te sei! Se ‘l to cant l'è cossì bèl come la to cera, allora te sei el pu bèl de tuti i osèi”.

[la'volp 'lɛra de'nɔf fa'mada la'vede n'korf po'za suden'pin 'kon en'tɔk defor'maj nte't'bek kwɛt'li e't'me save'ria 'bon la pen'sa la'volp e'la ge'dis a't'korf ke'bɛt ke te'sej se't tɔ 'kant 'lɛ kosi 'bɛt 'kome la'to 'tʃera a'lora te'sej e't pu'bɛt de 'tuti jo'zɛj]

Gardolo (Vale do Ádige):

La volp l'era de nof famada. La vede en corvo postà su 'n pez con 'n tòch de formai ntel bèch. “Sto chi 'l saria bon” la pensa la volp, e la ghe dis al corvo: “Che bèl che te sei! Se ‘l to cantar l'è bèl come ti, allora te sei ‘l pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada la'vede en'korvo pos'ta 'sun 'pez kon n'tɔk de for'maj nte't'bek sto'ki t sa'ria 'bon la 'pensa la 'volp e la ge 'dis a't'korvo ke'bɛt ke te'sej se't tɔ kan'tar 'lɛ 'bɛt 'kome 'ti a'lora te'sej t 'pu 'bɛt fra 'tuti jo'zɛj]

Cortesano, Gazzadina e Vigo Meano (Vale do Ádige):

La bolp l'era de nof famada. L'ha vist en corvo postà su 'n ten pin con en tòch de formai nel bèch. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la bolp, e la gh'à dit al corvo: “Che bèl che te sei! Se te canti ‘si ben quant che te sei bèl, alor te sei l'osel pu bèl de tuti”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada la'vist en 'korvo pos'ta su n'ten 'pin kon en 'tɔk de for'maj ne't'bek sto'ki e't me pjaze'ria la pen'sa la 'bolp e la ga 'dit a't'korvo ke'bɛt ke te'sej se te 'kanti si'ben 'kwant ke te'sej 'bɛt a'lor te'sej lo'zɛt pu 'bɛt de 'tuti]

Altopiano di Pinè:

La bolp l'era tornà famada. La ga vist na gròla pogiada su en den pec con en tòch de formai ntel bech. “Sto chi el saria bon” la ga pensà la bolp, e la ga dit a la gròla: “Che bèla che te sèi! Se el tò cantar l'è si bèl tant che ti, alor te sei ‘l pü bèl tra tuti i osèi”.

[la 'bolp 'lɛra tor'na fa'mada la'ga 'vist na 'grɔla po'dʒada su n'den 'petʃ kon en 'tɔk de for'maj nte't'bek sto'ki e't sa'ria 'bon la'ga pen'sa la 'bolp e la ga 'dit ala'grɔla ke 'bɛla ke te'sej se't tɔ kan'tar lɛ si'bɛt 'tant ke'ti a'lor te'sej t py'bɛt tra 'tuti jo'zɛj]

Bedollo (Altopiano di Pinè em direção a Val Fersina):

La volp l'era tornà famada. La ga vist en corvo pogià su en d'en pec con en tòch de formai ndel bech. “Questo ‘l me saveria bon” la ga pensà la volp, e la ghe dis al corvo: “Che bèl che te sei ti! Se el to canto l'è cossi bèl come te sei bèl ti, allora te sei el pu bèl tra tuti i osèi”.

[la 'volp 'l'era tor'na fa'mada la'ga 'vist en'korvo po'dza su en'den 'petʃ kon en'tɔk defor'maj nde't'bek 'kwesto t'me save'ria 'bon la'ga pen'sa la'volp e la ge 'dis a't'korvo ke'bɛt kete'sej 'ti seʃ to 'kanto ɛ kosi'bɛt 'kome te'sej 'bɛt 'ti a'lor te'sej eʃ pu'bɛt tra 'tuti jo'zɛj]

Dialetto trentino de Val dei Mòcheni (ilha linguística germânica):

La bolp l'era de nof famada. La ga vist na gròla postada su en pin con en toch de formai ntel bech. “Quest me piaseria” la pensa la bolp e la dis a la grola: “Te sei bèla! Se el to cant ‘l saria bèl come che te vedi fora, te saressi el pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'bolp 'l'era de'nof fa'mada la'ga 'vist na'grɔla pos'tada su en'pin kon en'tɔk defor'maj nde't'bek 'kwest me pjaze'ria la 'pensa la'bolp e la 'dis ala'grɔla te'sej 'bɛla seʃ to 'kant t sa'ria 'bɛt 'kome ke te 'vedi 'fora te sa'resi eʃ pu'bɛt fra 'tuti jo'zɛj]

Giovo (Val di Cembra):

La volp l'era de novo famada. L'ha vist en corv pogià su nt'en pin con en tòch de formai ndel bech. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la volp, e la ghe dis al corv: “Che bèl che ses! Se ‘l to cant l'è bèl come ti, alor ses el pu bèl de tuti i oseì”.

[la 'volp 'l'era de'novo fa'mada la'vist en 'korv po'dza su n'ten 'pin kon en 'tɔk de for'maj nde't'bek sto'ki eʃ me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la ge 'dis a't'korv ke'bɛt ke 'ses seʃ to 'kant ɛ 'bɛt 'kome 'ti a'lor 'ses eʃ pu 'bɛt de 'tuti jo'zɛj]

Faver (Val di Cembra):

La volp la era de novo famada. La vede en corvo pogià su en pin con en tòch de formai ntel bèch. “El me piaseria anca a mi” l'ha pensà la volp, e la ghe dis al corvo: “Come ses bèl! Se cantes come es bèl, allora ses ‘l pù bèl de tuti i osèi”.

[la 'volp la'era de'novo fa'mada la'vede en 'korvo po'dza su en'pin kon en 'tɔk de for'maj nte't'bek eʃ me pjaze'ria 'anka a'mi la pen'sa la 'volp e la ge 'dis a't'korvo 'kome 'ses 'bɛt se 'kantes 'kome es'bɛt a'lor 'ses t pu'bɛt de 'tuti jo'zɛj]

Sover (Val di Cembra, em direção a Valfloriana e Val di Fiemme):

La bolp l'era endrè famada, l'ha vist en corf pogià su nte 'n pin con en tòch de formai ntel bèch. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la bolp la ghe ha dit al corf che bèl che es! Se cantes si bèl come che es bèl ti e allora es l'osel pu bèl che ghe”.

[la 'bolp 'lɛra en'drɛ fa'mada la'vist en 'korf po'dʒa su en'pin kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk sto'ki e'tme pjaze'ria la pen'sa la 'bolp e la ge'a 'dit aɫ'korf ke'bɛɫ ke 'es se 'kantes si 'bɛl 'kome ke 'es 'bɛɫ 'ti a'lor a'es lo'zɛɫ pu'bɛɫ ke'gɛ]

Cembra (Val di Cembra)

La bolp l'era de nöö famada. L'ava vist en corvac sdravacà su nt'en pin con en tòch de formai ntel bech. “Sto chi el saria bon par mi”, la pensa la bolp e la ghe dis al corvac: “Che bèl che ses! Se 'l to cantar l'è bèl come el to aspet, vòl dir alor che ses el pu bèl en fra tüti i osèi”.

[la 'bolp 'lɛra de'nœo fa'mada 'lava 'vist en 'korvatʃ sdrava'ka su n'ten 'pin kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk sto'ki el sa'ria 'bon par'mi la pen'sa la 'bolp e la ge'dis aɫ'korvatʃ ke'bɛɫ ke'ses 'seɫ to kan'tar ɛ 'bɛɫ 'kome eɫ to as'pɛt vøɫ'dir a'lor ke'ses eɫ pu'bɛɫ en'fra 'tyti jo'zɛj]

Zambana e Lavis (Alto Vale do Ádige):

La volp l'era de nof famada. L'ha vist en corf pozà su d'en pin con en tòch del formai ntel bèch. “Sto chi me par bon”, l'ha pensà la volp, e la ghe dis al corf: “Come te sei bèl! Se el to cant l'è si bèl come el to aspeto, allora te sei el pu bèl dra tuti i osèi”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada la'vist en 'korf po'za su 'den 'pin kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk sto'ki me 'par 'bon la pen'sa la 'volp e la ge 'dis aɫ'korf 'kome te'sej 'bɛɫ seɫ to 'kant ɛ si'bɛɫ 'kome eɫ to as'pɛto a'lor a'te'sej eɫ pu 'bɛɫ dra 'tuti jo'zɛj]

Zambana 2 (Alto Vale do Ádige):

La volp l'era de nof famada. La vede en corvo pogià su nt'en pin con en tòch de formai ntel bec. “Sto chi el me par bon”, l'ha pensà la volp e la ghe dis al corvo: “Che bèl che ses! Se cantes come te sei bèl, allora te sei el pu bèl tra tuti i osèi”.

[la 'volp 'lɛra de'nof fa'mada la'vede en 'korvo po'dʒa su n'ten 'pin 'kon en'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk sto'ki me'par 'bon la pen'sa la 'volp e la ge'dis aɫ'korvo ke'bɛɫ ke'ses se 'kantes 'kome te'sej 'bɛɫ a'lor a'te'sej eɫ pu 'bɛɫ dra 'tuti jo'zɛj]

Mezzocorona (Alto Vale do Ádige):

La volp l'era de novo famada. L'ha vist en grol postà su en pin con en tòch de formai nel bèch. “Sto chi el me par bon” l'ha pensà la volp e la ghe dis al grol: “Come ses bèl! Se el to cant l'è così bèl come ti, allora ses el pu bèl de tuti i osèi”

[la 'volp la'era de'novo fa'mada la'vist en 'groʔ pos'ta su en'pin kon en 'tɔk de for'maj neʔ'bɛk sto'ki eʔ me 'par 'bon la pen'sa la 'volp e la ge 'dis aʔ'groʔ 'kome 'ses 'bɛʔ seʔ to 'kant 'lɛ ko'zi 'bɛʔ 'kome 'ti a'lor a 'ses eʔ pu'bɛʔ de 'tuti jo'zɛj]

Salorno/Salurn - Alto vale do Rio Ádige, Tirol Meridional (Südtirol):

La volp la era denovo famada e la vede en corf pogià su nt'en pin con en tòch de formai ntel bèch. “Sto chi el me piaseria” la pensa la volp ndra de ela e la ghe dis al corf: “Che bèl che ses! Se el tò cant l'è si bèl come ses ti, alor ses el pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'volp la'era de'novo fa'mada e la'vede en 'korf po'dʒa su nten'pin kon en 'tɔk de for'maj nteʔ'bɛk sto'ki eʔ me pjaze'ria la pen'sa la 'volp n'dra de'ela e la ge 'dis aʔ'korf ke 'bɛʔ ke 'ses seʔ to 'kant 'lɛ si 'bɛʔ 'kome 'ses 'ti a'lor 'ses eʔ pu'bɛʔ de 'tuti jo'zɛj]

1.2.3.3. FALARES TRENTINOS ORIENTAIS

Os falares orientais do Trentino apresentam características vênetas e são, por isso, classificados como variantes trentinas do grupo vêneto (PRATI, 1923; FLÖSS, 1998; LONGO, 2006) porque aparentadas aos falares de Beluno (incluindo Feltre), Vicenza e Verona. No entanto, algumas características ocorrem somente entre os falares da região trentina e não entre os falares das vizinhas províncias vênetas. Na *Valsugana* (al. *Burgtal*, *Suganertal*), principalmente na área mais oriental do vale, conhecida como Baixa *Valsugana* (it. *bassa Valsugana*), e em *Primiero* (al. *Primör*), os falares são aparentados aos das vizinhas províncias vênetas, com diferenças regionais (sobretudo no campo semântico) que lhes garantem peculiaridades locais. Ainda que essas peculiaridades identifiquem esses falares como sendo *da área trentina*, não são classificados como falares *de tipo trentino*.

A “divisão” se deu por questões políticas, pois o que “separou” a população e os falares dessas províncias confinantes foi o contexto histórico: enquanto *Valsugana* e *Primiero* pertenceram à diocese de Trento, sob a órbita do condado do Tirol e do

Ducado da Áustria, os territórios de Beluno, Vicenza e Verona pertenceram à República de Veneza. Durante a Idade Média e Renascença, foi intensa a relação dos territórios trentinos com o mundo germânico, inclusive com estabelecimento de colonos e mineradores de língua alemã, que se estabeleceram na região trentina.

Enquanto o valsuganoto é muito próximo ao vicentino, o primieroto é praticamente uma variante rural do feltrino. Esses falares só não são idênticos aos *correspondentes* vênets devido ao antigo substrato ladino (ASCOLI, 1873) e ao razoável número de vocábulos de origem germânica (OSTI, 2001, LONGO, 2006), embora alguns também ocorram na área alpina vêneta. Contudo, nos arredores de Pérgine (it. *Pergine Valsugana*, al. *Fersen im Suganertal*), na área ocidental da Valsugana, os falares podem ser considerados “mistos”, porque apresentam características dos falares trentinos de tipo central e oriental e o número de sobrenomes germânicos é considerável.

Quanto ao primieroto, o mais oriental dos falares da região trentina, Longo (2006, p. 12) afirma que “antigamente, com muita probabilidade, tinha características similares àsquelas dos outros vales dolomíticos ladinos”, mas as influências das migrações o modificaram, de modo que apresenta “elementos pré-romanos, ladinos, germânicos” e, apesar de possuir origem comum aos demais falares trentinos, “é um idioma fundamentalmente de origem ladina e vêneta, com limitada influência trentina”.

O valsuganoto, por sua vez, apresenta mais características do grupo central trentino que o primieroto, sobretudo nos distritos mais ocidentais do vale, onde outrora ocorria as vogais anteriores arredondadas *ö* [ø] e *ü* [y], típicas dos falares galo-italicos (FLÖSS, 1998). O valsuganoto também apresenta resquícios do antigo substrato ladino, bem como do período de avanço do galo-italico para além da margem esquerda do Rio Ádige (D’OVIDIO, 1932; ROHLFS, 1954; DEVOTO, 1991).

Entre as principais características dos falares trentinos orientais, temos:

- Variação na ocorrência de vogais finais. Na área ocidental da Valsugana, ocorre com mais frequência a queda de *-e*, *-o* e *-u* nas palavras masculinas do singular e nos verbos (*corf* ['korf] <corvo>; *volp* ['volp] <raposa>; *fam* ['fam] <fome>; *bèl* ['bɛt] <belo>; *nof* ['nof] <novo>; *man* ['man] <mão, mãos>; *dit* ['dit] <disse, dito>; *vist* ['vist] <viu, visto>); na área central da Valsugana pode haver queda de *-e* e *-o* finais após *-t*, *-l*, e *-n* (*vist* ['vist] <viu, visto>; *el* ['ɛt] <ele>; *pin* ['pin] <pinheiro>; porém *corvo* ['korvo] <corvo>; *canto* ['kantɔ] <canto>) e na área

oriental do Vale as vogais finais aparecem em boa parte dos casos (*corvo* ['korvo] <corvo>; *volpe* ['volpe] <raposa>; *fame* ['fame] <fome>; *bèlo* ['bèlo] <belo>; *novo* ['novo] <novo>; *mano* ['mano] <mão> *dito* ['dito] <dito>; *visto* ['visto] <viu, visto>). O primieroto apresenta a queda de *-e*, *-o* e *-u* em posição final, recordando o ladino fassano, com o qual divide características.

- Como nos demais falares trentinos e no vêneto de tipo alpino, ocorre a queda da volgal final *-e* após [r] nos verbos no infinitivo (*vardar* [var'dar] <olhar>, *magnar* [ma'nar] <comer>, ['veder] *cognósser* [ko'nosser] <conhecer>).
- Ocorrência das fricativas [s] e [z] para os casos em que os demais falares trentinos costumam apresentar as africadas [tʃ] e [dʒ] (*zìgola* ['sigola] <cebola>; *zà* ['za] <já>; *zente* ['zente] <gente>; porém *ciesa* ['tʃesa] <igreja>, *vècio* [vɛ'tʃo] <velho>, *spègio* ['spɛdʒo] <espelho>).
- O primieroto realiza [ð] e [θ] para casos de [dʒ] dos falares centrais e ocidentais, que no valsuganoto podem ocorrer como [d] ou [z] (*vèrgine* ['vɛrdʒine] ~ *vèrzine* ['vɛrzine] ~ *vèrðine* ['vɛrðine] ~ *vèrdine* ['vɛrdine] <virgem>).
- Uso do pronome clítico antes do verbo na segunda e terceira pessoas do singular e do plural (*ti te parli* [ti te 'parli] <tu falas>; *el 'l dis* [el t'ɫdis] <ele diz>, *ela la magna* ['ela la'maɲa] <ela come>; *lori i pensa* [lori i'pensa] <eles pensam>, *lore le canta* [lore le'kaɲta] <elas cantam>; *i veci i parla* [i 'vɛtʃi i'parla] <os velhos falam>). Possui caráter distintivo na oposição entre a terceira pessoa no singular e no plural, pois não há diferença nas desinências finais dos verbos, como nos demais falares trentinos, o que permite a queda das vogais finais de alguns verbos (*ela la dis* ['ela la'dis] <ela diz> ~ *lore le dis* ['lore le'dis] <elas dizem>).
- Fusão enclítica dos pronomes com os verbos na forma interrogativa na segunda pessoa do singular (*votu?* ['votu] <queres tu?>), na terceira pessoa do singular (*lèlo?* ['lɛlo] <é ele?>), na primeira pessoa do plural (*parlemo?* [par'lemo] <falemos nós?>) e na segunda pessoa do plural (*vedéo?* [ve'deo] <vedes vós?>).

Apresentamos a seguir alguns exemplos da história da raposa e do corvo traduzidos para os falares das regiões de *Valsugana* e *Primiero*:

Pergine (Valsugana):

La volp la era de nof famada. L'ha vist el corf postà su en pez con en tòch de formai nel bèch. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la volp e la ga dit al corf: “Che bèl che te sei! Se te canti ben come te sei bèl, allora te sei el pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'volp 'l'era de'nof fa'mada la'vist en 'korf pos'ta su en'pes 'kon en'tok de for'maj net'bək sto'ki et'me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la ga'dit at'korf ke'bət ke te'sej se te'kanti 'ben 'kome te'sej 'bət a'lorà te'sej et pu 'bət fra 'tuti jo'zej]

Vattaro (Valsugana):

La volp la gaveva de novo fam. La vede en corf postà su nde 'n pez con en tòch de formai entel bèch. “Questo el saria bon”, la pensa la volp, e la ghe dis al corf: “Ma che bèl che te sei! Se te canti ben come che te sei bèl, allora te sei el pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'volp la ga'veva de'novo 'fam la'vede en 'korf pos'ta 'su n'den 'pes 'kon en'tok de for'maj ente't'bək 'kwesto et sa'ria 'bon la pen'sa la'volp e la ge'dis at'korf ma ke'bət ke te'sej se te'kanti 'ben 'kome ke te'sej 'bət a'lorà te'sej et pu 'bət de'tuti jo'zej]

Vigolo Vattaro (Valsugana):

La volp l'era famada de novo. L'ha vist en corvo postà sul zimal d'en pin con en tòch de formai endel bèch. “Sto chi el podria piaserme” l'ha pensa la volp e la ga dit al corvo: “Che bèl che te sei! Se te canti ben quant che te sei bèl, allora te sei l'osel pu bèl che gh'è”.

[la 'volp 'l'era fa'mada de'novo la'vist en 'korvo pos'ta 'su si'mat den'pin 'kon en'tok de for'maj ente't'bək sto'ki et po'dria pja'zerme la pen'sa la 'volp e a'lorà la ga'dit at'korvo ke'bət ke te'sej se te'kanti 'ben 'kwant ke te'sej 'bət a'lorà te'sej lo'zet pu 'bət ke'ge]

Bosentino (Valsugana):

La volp l'era de novo famada. L'ha vist en corvo su n'en pin con en tòch de formai nel bèch. “Sto el me par bon” la pensa la volp e la ga dit al corvo: “Come te sei bèl! Se el to cantar l'è bèl come ti, allora te sei l'osel pu bèl che gh'è”.

[la 'volp 'l'era de'novo fa'mada la'vist en 'korvo pos'ta 'su nen'pin 'kon en'tok de for'maj net'bək 'sto et me 'par 'bon la pen'sa la 'volp e la ga'dit at'korvo 'kome te'sej 'bət set'to kan'tar l'et'bət 'kome 'ti a'lorà te'sej lo'zet pu 'bət ke'ge]

Caldonazzo (Valsugana):

La bolpe l'era de nòvo famada. L'ha visto na gròla postada su 'n pin con en tòco de formai ntel bèco. “Sto chi el me piaseria” l'ha pensà la bolpe e l'ha ga dito a la gròla: “Che bèla che te sei! Se 'l to canto l'è bèl come te sei ti, vol dir che te sei 'l pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'bolpe 'lɛra de'nɔvo fa'mada la'visto na 'grɔla pos'tada 'sun 'pin 'kon en'tɔko de for'maj nɛt'bɛko sto'ki ɛt 'me pjase'ria la pen'sa la 'bolpe e la ga'dito ala'grɔla ke 'bɛla ke te'sej sɛt'to 'kanto lɛ'bɛt 'kome te'sej 'ti 'voɫ 'dir ke te'sej t pu 'bɛt de 'tuti jo'zɛj]

Scurelle e Strigno (Valsugana):

La volpe la era da novo famà. L'ha visto en corvo postà su 'n pezo con en tòco de formai tel bèco. “Stò qua el me piasaria” l'ha pensà la volpe e la ga dito al corvo: “Che bèlo che ti si! Se el to canto l'è bèlo come ti, allora ti si el più bèlo de tuti i usèi”.

[la 'volpe la'era da'novo fa'ma la'visto en 'korvo pos'ta 'sun 'peso 'kon en'tɔko de for'maj tɛt'bɛko stɔ'kwa ɛt 'me pjasa'ria la pen'sa la 'volpe e la ga'dito aɫ'korvo ke 'bɛlo ke ti'si sɛt'to 'kanto lɛ'bɛlo 'kome 'ti a'lora ti'si ɛt 'pju 'bɛlo de 'tuti ju'zɛj]

Grigno (Valsugana):

La bolpe l'era slubià. Nte che ela la ve en còrvo postà su en pino con en tòco de formài ntel bèco. “Quel là el me saveria bon”, la pensa la bolpe, e la ghe dis al còrvo: “Che bèlo che te si! Se el to cantar l'è si bèlo come che te empari fora, de segur te si el pu bèlo de tuti i usèi”.

[la 'bolpe 'lɛra slubi'a n'te ke'ela la've en 'kɔrvo pos'ta 'su en'pino 'kon en'tɔko de for'maj ntɛt'bɛko kwɛt'la ɛt'me save'ria 'bɔn la 'pensa la 'bolpe e la ge'dis aɫ'kɔrvo ke 'bɛlo ke te'si sɛt'to 'kantar 'lɛ si'bɛlo 'kome ke'te em'pari 'fora de'segur te'si ɛt 'pu 'bɛlo de 'tuti ju'zɛj]

Tesino (Valsugana):

La volpe l'era famà de novo. L'ha visto on crò postà suo on pezo co on tòco de formaio tel bèco. “Stò qua el saria bon”, la ha pensà la volpe e la ha dito al crò: “Che bèlo che te si! Se el to cantar l'è cosita bèlo come ti, allora te si el pu bèlo de tuti i usèi”.

[la 'volpe la'era fa'ma da'novo la'visto en 'krɔ pos'ta 'suo on'peso 'ko on'tɔko de for'majo tɛt'bɛko stɔ'kwa eʃ sa'ria 'bɔn la'a pen'sa la 'volpe e la'a 'dito aʃ'krɔ ke 'bɛlo ke te'si seʃ'to 'kantar 'lɛ ko'sita bɛlo 'kome 'ti a'lora te'si eʃ 'pu 'bɛlo de 'tuti ju'zɛj]

Mezzano (Primiero):

La bolp la era denou famađa. Intant la vet en crò posta su en pin co 'n tòch de formài ntel bèch. “Cuel la si che ‘l me saerie bon”, la pensa entre de ela, e la ghe dis al crò: “Che bèl che ti se! Se ‘l to cantar el é si bèl fa cuel che te se vet, de segur ti se el pi bèl de tuti i ausèi”.

[la 'bolp la'era de'now fa'mađa in'tant la'vet en 'krɔ pos'ta 'su en'pin kon'tɔk de for'maj ntɛt'bɛk kweʃ'la 'si keʃ'me sae'rie 'bɔn la 'pensa 'entre de'ela e la ge'dis aʃ'krɔ ke 'bɛl ke ti'se seʃ'to 'kantar eʃ'e si'bɛʃ fa'kweʃ ke'te se'vet de'segur ti'se eʃ 'pi 'bɛʃ de 'tuti jaw'zɛj]

1.2.3.4. A INFLUÊNCIA GERMÂNICA NO DIALETO TARENTINO

Dentre as características que particularizam os falares tarentinos como pertencentes a um território comum e, por conta disso, justificariam sem temor de engano o reconhecimento de um grupo dialetal *tarentino*, a influência germânica é uma das mais peculiares e importantes do ponto de vista linguístico. Influência germânica, contudo, não é entendida aqui como *germanização*, ou seja, o processo de supressão total ou parcial do dialeto tarentino (ou do ladino) em determinadas áreas pelo alemão.

Um grande número de documentos medievais atesta a constante migração de colonos *alemanês* que, provavelmente a partir do século V, entraram na península itálica e povoaram vales da região tarentina e vêneta.

Os séculos de história austríaca da região tarentina e a intensa relação da população local com o mundo germânico garantiram uma considerável influência cultural germânica nos tarentinos. Outrora, em época medieval, essas eram muito mais intensas e o idioma teuto fazia parte do cotidiano local, sendo corrente entre nobres, artesãos, mineradores e camponeses. O que resultou dessa troca intensa foi, sem dúvida, o surgimento de um ambiente de *mescla* das culturas latina e germânica, uma vez que o Vale do Rio Ádige (al. *Etschtal*) se tornara uma espécie de *passagem obrigatória* para

aqueles que, vindos da Itália, quisessem adentrar o mundo germânico ou, ainda, para os alemães que seguissem para região mediterrânea.

No final do século XIX, o uso do alemão na região trentina já estava muito reduzido e sobrevivia como língua principal da comunicação apenas no Vale do *Fersina* (al. *Fersental*), em parte do Planalto de Folgaria (al. *Vielgereut*; cimb. *Folgerait*) e em algumas localidades de Vallarsa (al. *Brandtal*), sobretudo em *Val del Leno* (al. *Leimtal*).

O território trentino era chamado em alemão *Welschtirol* (“Tirol italiano”) exatamente por conta do idioma predominante. Com as disputas étnicas do final do século XIX e início do século XX, Trento já não unia dois mundos, mas parecia estar às portas de um terra inóspita e inimiga; o uso dos termos *wälsch*, *walsch*, *waltsch* e *welsch* assumia muitas vezes um caráter depreciativo, sendo então utilizado pelos austríacos e tirolese de língua alemã com sentido negativo, que, embora reconhecessem a origem tirolese dos trentinos, evidenciava sua identidade linguística não-germânica (BALDI, 2005).

Contudo, nem sempre foi assim. O uso de *Wälschtirol* ou *Welschtirol* se popularizou principalmente a partir do século XVIII, quando estudiosos austríacos escrevem sobre as peculiaridades da região trentina. Em 1796, o estudioso tirolês Joseph Rohrer publicou um estudo intitulado *Wälschtiroler*, no qual tratou das relações históricas e sociais entre os tirolese alemães e italianos, consideradas pelo autor como profícuas e positivas. Em 1861, Giovanni Battista Weber, natural de *Pergine* (al. *Persen*) e pároco de *Albiano*, escreveu sobre os costumes populares trentinos e sobre a influência germânica na região em seus *Saggi sull’origine dei popoli trentini e sui suoi costumi avanti l’era volgare* (“Ensaio sobre a origem dos povos trentinos e sobre suas vestimentas após a Era Comum”).

A origem do termo *wälsch*, contudo, é bastante antiga e não identifica somente os tirolese de língua italiana. Origina-se na tribo céltica dos *Volcae*, habitantes da região entre a Turíngia (al. *Türingen*) e o Rio Reno (al. *Rhein*), chamados pelos germânicos *Walisch* (*walhisk* na forma adjetivada), termo que identificava os “falantes de um idioma diferente” e se origina da forma singular *walh* do antigo alto alemão que, por sua vez, no antigo germânico era *walhoz*, com significado de “estrangeiro” ou “falante de idioma estranho” (MARTINET, 1987, p. 19). Trata-se de um antiquíssimo adjetivo dado aos povos célticos pelos germânicos e ainda usado em várias regiões europeias habitadas por descendentes desses povos: os anglos que povoaram a Inglaterra (“terra dos anglos”) chamaram Gales de *Walsh*; os belgas flamengos chamam

os valões *Waalsee*, enquanto os suíços de língua alemã chamam os cantões franceses de *Welschschweiz*, e o cantão meridional é chamado *Wallis* ou *Valais*. Apesar de indicar os falantes de outro idioma, o uso do termo não teve um caráter depreciativo no Tirol até meados do século XIX. A Itália é citada em antigos documentos alemães como *Wälschland*, termo ainda em uso entre a minoria germanófono da província de Trento; em polonês, é chamada *Włochy* e *Valachia* era o antigo nome da Romênia.

Assim como alguns estudiosos trentinos e italianos mais *apaixonados* consideravam não somente a língua, mas também a *etnia trentina* “puramente italiana”, estudiosos de língua alemã lançavam estudos sobre a “etnia germânica” dos tirolezes que, privados de preservar seu idioma no passado, mantiveram-se germânicos:

Pois no Tirol, em um processo de tempo mais ou menos longo, milhares senão centenas de milhares de alemães foram obrigados, por forças externas e contra sua vontade, a abandonar seu idioma vernáculo e adotar o italiano como sua língua, sem ter interrompido sua linhagem, seu sangue e tudo o que a isso esteja associado para continuarem sendo o que sempre foram, ou seja, alemães. A consciência de sua pertença ao povo alemão está também viva em muitos e se expressa na confissão ‘falamos italiano, mas somos alemães’. O mesmo se dirá dos ladinos.

(ROHMEDER, 1908, p. 5¹⁶⁶)

Várias obras em língua alemã do final do século XIX tratam da *identidade esquecida* dos trentinos, de modo semelhante à literatura nacionalista italiana. Enquanto os defensores da causa alemã procuravam demonstrar que os trentinos eram *alemães que falavam o italiano* e, portanto, deveriam reaprender o idioma, os irredentistas procuravam incentivar nos trentinos seu orgulho linguístico, de modo a despertar o desejo de unirem-se à nação italiana. Ambos os discursos acabavam deixando de lado a principal característica regional que é a *mescla* dos mundos latino e germânico.

A Liga Nacional Tirolesa (al. *Tiroler Volksbund*; it. *Lega Nazionale Tirolese*) trabalhou em várias localidades trentinas fundando escolas alemãs, mas era criticada por outra Liga Nacional (it. *Lega Nazionale*), de caráter irredentista filo-italiano. A Liga Nacional Tirolesa promoveu o jargão *Noi siamo tedeschi* (“nós somos alemães”), que se

¹⁶⁶ Tradução nossa.

difundiu em muitas localidades que passaram a reivindicar a abertura de escolas alemãs¹⁶⁷.

O médico, professor de língua alemã e estudioso Wilhelm Rohmeder foi um dos incentivadores da Liga Nacional Tirolesa, publicando estudos acerca da presença alemã e da diminuição do uso do alemão na região trentina. Apesar de comentários por vezes exagerados, sua obra *Die ehemalige Ausdehnung des Deutschtums in den italienischsprachigen Bezirken Tirols* (“A antiga expansão da germanidade nos distritos de língua italiana do Tirol”), publicada em 1908, traz importantes informações sobre a expansão do alemão bávaro na área trentina, ocorrida a partir do ano 1000, e sobre o processo de italianização linguística dos vales trentinos, ocorrido principalmente após o Concílio de Trento. Prati considerava a população da *Valsugana* “filha esquecida do Vêneto” e Rohmeder considerava os trentinos “filhos esquecidos da nação alemã”. O discurso de ambos é semelhante porque paternalista, de caráter nacionalista, mas válidos no que se refere aos estudos linguísticos que apresentam, pois muitos deles trazem exemplos válidos e informações pertinentes.

Também o filólogo austríaco Christian Schneller (1831 - 1908), natural de *Holzgau bei Reutte*, no Tirol Setentrional, tendo lecionado boa parte de sua vida (e até o fim dela) na localidade de *Cornacalda*, próxima a *Rovereto*, foi um incansável defensor da identidade tirolesa e germânica dos trentinos. Considerava o uso do termo *Wälschtirol* positivo porque identificava o território como *ponte entre os mundos italiano e alemão* e escreveu diversos estudos sobre a região trentina, identificando as influências germânicas nos falares do Tirol Italiano. Entre várias obras sobre a história, a língua, os costumes e a musicalidade do Tirol Italiano, publicou, em 1870, um detalhado estudo intitulado *Die romanischen Volksmundarten in Südtirol* (“Os dialetos românicos do Tirol Meridional”), muito mais rico em detalhes do que aquele escrito em 1855 pelo pároco trentino Giuseppe Giorgio Sulzer, intitulado *Dell’origine della natura dei dialetti comunemente chiamati romanci messi a confronto coi dialetti consimili esistenti nel Tirolo* (“Da origem da natureza dos dialetos comumente chamados romances colocados em confronto com os dialetos similares existentes no Tirol”). Nele, Schneller tratou das influências germânicas no trentino e no ladino, utilizando os termos

¹⁶⁷ Em conversa com membros das famílias Correr e Pompermayer da Colônia Tirolesa de Piracicaba, soubemos que o imigrante Massimiliano Correr, morador de Santa Olímpia, utilizava frequentemente esse jargão, sobretudo quando queria enfatizar o fato de os imigrantes trentinos não serem italianos. Massimiliano acabou morrendo vítima de espancamento após uma briga que teve com italianos que residiam no vizinho bairro Santana, iniciada quando ele e demais estavam embriagados e discutiam sobre a guerra entre Áustria e Itália.

tridentinisch e *wälschtirolisch* para se referir, respectivamente, ao dialeto da cidade de Trento e aos falares do Tirol Italiano¹⁶⁸.

Schneller casou-se com a veneziana Maria Canestrini e pode-se dizer que durante sua vida sempre manteve contato constante com os ambientes italiano e alemão. Reconhecendo no Tirol Italiano uma antiga ligação cultural e étnica com o mundo germânico, publicou estudos acerca da *estirpe germânica* dos trentinos, cuja “língua paterna”, segundo o filólogo, teria sido abandonada por conta da difusão da influência cultural italiana na região, incentivada pelo clero diocesano após o Concílio de Trento. Em sua obra *Die Wälschtiroler Frage* (“A questão do Tirol Italiano”¹⁶⁹), de 1866, afirmava que a elite trentina filo-italiana, ao refutar sua origem verdadeira e insistir na italianidade, ocasionaria para si e para sua terra um trágico fim. Contudo, no ímpeto desses italianíssimos (it. *italianissimi*), que Schneller chamou de *teimosia* (al. *Ungerbändigkeit*), disse reconhecer um “antigo ímpeto” alemão:

Nenhum tirolês de língua italiana cujos antepassados não tenham emigrado do interior da Itália, poderia reivindicar que seja, como diz a bela frase, ‘seme puramente latino’; parece-nos sempre que aquela teimosia que percebemos de certos italianíssimos seja realmente aquele velho furor teutonicus, o qual, como outrora Ájax¹⁷⁰ (= *Aias* = *Aiace*) entre os rebanhos de ovelhas, aqui demonstra ódio contra si próprio. A germanização do Tirol Italiano seria pois, em grande parte, um retorno à abandonada língua paterna, que, por sua vez, se deixou vender durante um período de cultura e literatura, o qual nós alemães certamente não trocaríamos pela italiana. Também não duvidamos que esses alemães que deixaram lançar o termo ‘germanização do Tirol Italiano’ o fazem certamente com a alegria de quem assume o papel de pai, o qual, ao retorno do filho perdido, veste sua roupa festiva e prepara uma alegre comemoração”.

SCHNELLER (1866, p. 9-10¹⁷¹)

¹⁶⁸ No mesmo estudo, utiliza os termos *fassanisch*, *fleimsisch*, *nonsbergisch* e *sulzbergisch* para se referir, respectivamente, ao fassano, ao fiamazo, ao nonês e ao solandro que, segundo o autor, eram falares que compatilham características linguísticas com o *wälschtirolisch*, ou seja, com o trentino, porque fruto da fragmentação do antigo ladino que se difundiu por toda aquela área alpina. Cfr. Schneller (1870: 13).

¹⁶⁹ Uma outra tradução poderia ser “A questão dos tirolezes italianos”.

¹⁷⁰ Ájax (gr. Αἴας; lat. *Aiāx*), personagem da mitologia grega, filho do Rei Telamon de Salamina e Peribeia. Após a morte de Aquiles e a luta incansável contra Heitor, disputou com Odisseu pela armadura do herói morto, mas perdeu porque Odisseu se mostrara melhor orador. Num acesso de loucura, degolou os animais dos rebanhos gregos, acreditando matar adversários. Ao reconhecer seu erro, suicidou-se. Sófocles inspirou-se na loucura de Ájax para escrever sua tragédia *Ájax furioso*, em 450 a.C.

¹⁷¹ Tradução nossa.

Naturalmente, o próprio discurso do filólogo fazia parte daquele clima de disputa étnica e linguística no qual o Tirol se inserira no final do século XIX. Entretanto, ao tratar da “língua paterna”, Schneller levou em consideração o processo de povoamento de germânicos na região meridional do Tirol que, de fato, não se iniciou no século X, como demonstra Rohmeder, pois é mais antigo e remete ao período das incursões germânicas que começavam a se estabelecer na Itália Setentrional a partir do século V. Faltam documentos históricos que atestem o exato período de sua presença na região alpina, mesmo porque o latim foi a língua escrita até meados da Idade Média e o alemão era, junto com os demais idiomas regionais, uma língua falada. Torna-se difícil estabelecer com exatidão *quando* a influência dos falares germânicos se deu nas línguas românicas da área alpina e, principalmente, nos falares da região trentina.

Até o século XIV, o alemão bávaro se estendia por boa parte da região trentina, onde conviviam com os falares românicos, que optamos por classificar como *de tipo ladino*, embora, como se sabe, houve durante a Idade Média um avanço do galo-italico e do vêneto, que influenciaram o antigo ladino da região. Também vemos que o alemão se expandia para além do território tirolês, estendendo-se por Vicenza (al. *Wiesenthein*) e Verona (al. *Berner*), pertencentes à República de Veneza, por conta da migração de colonos saídos da Baviera e do Tirol alemão, cujas comunidades germanófonas sobrevivem até os dias de hoje. A expansão do italiano na região trentina se deu num processo muito mais recente, iniciado entre os séculos XV e XVI, porque a língua vernácula dos *Wälschtiroler* não era o italiano ou o dialeto toscano, mas seus falares regionais trentinos, ou seja, de tipo alpino e substrato ladino ou, ainda, o alemão nas comunidades e vales onde o idioma sobreviveu.

O grande número de sobrenomes de origem alemã existentes nos vales trentinos de *Valsugana* (al. *Suganertal*), *Primiero* (al. *Primör*), *Giudicarie* (al. *Judikarien*), *Vallagarina* (al. *Lagertal*), *Vallarsa* (al. *Brandtal*), *Val di Cembra* (al. *Zimmertal*) e *Val di Fiemme* (al. *Fleimstal*) comprova a antiga presença germânica na região. Entre os séculos XIV e XVI, mineradores e lenhadores da região de *Schwaz*, no baixo vale do Rio *Inn* (al. *Unterinntal*), começaram a trabalhar e fixar moradia nas regiões trentinas de *Primiero* e *Valsugana*. Durante o século XVII, algumas localidades trentinas sofreram uma abrupta redução demográfica por conta de uma peste que assolou vários vales; a população foi então “substituída” com a chegada de colonos de língua alemã vindos do Tirol Setentrional RICCADONNA (2009: 45) que, com o passar do tempo, *perderam* o idioma, assim como vários sobrenomes foram *trentinizados* no decorrer do tempo.

Idiomas do Tirol Meridional no século XIV e difusão máxima do alemão¹⁷².

O processo de difusão do alemão na região meridional do Tirol foi bastante semelhante àquele ocorrido no cantão suíço dos Grisões (VIARO, 2001, p. 126). Entre a queda do Império Romano do Ocidente e a Alta Idade Média, o antigo ladino (ASCOLI, 1873, ŠEBESTA, 1984) se estendeu por boa parte da região trentina como uma variante do latim vulgar, que formava na área alpina uma continuidade de isoglossas que não apresentavam grandes diferenças de falares vizinhos também derivados do latim vulgar.

¹⁷² Mapa: nosso, com base em Rohmeder (1908).

O antigo ladino, que se estendia por boa parte do Tirol meridional, era uma derivação regional do latim vulgar que convivia com o latim escrito. Gradativamente, tornou-se *substrato ladino* porque passou a receber continuamente influências linguísticas e culturais vindas das cidades *italianas* ao sul, como Milão, Cremona, Feltre e Roma. No entanto, o latim era ainda a língua da escrita, enquanto o ladino era a língua falada. A partir do século V, surge uma situação de bilinguismo com a chegada de novos habitantes de origem germânica, falantes do bávaro e do alamânico antigos, cujos idiomas começam a ser falados em alguns vales da região trentina juntamente com o antigo ladino, cada vez mais influenciado pelos antigos galo-italico e vêneto, assim como pelo germânico. Se, em um primeiro momento, o antigo ladino era a língua falada e o latim a língua escrita, passa-se para um segundo momento no qual o ladino se fragmenta de acordo com o grau de influência galo-italica, vêneta e germânica, enquanto o alemão bávaro se difunde pela região. Portanto, as línguas faladas na região trentina seriam fruto da fragmentação do ladino, coexistindo com o alemão, enquanto o latim continua a ser a língua da escrita.

Não há dúvidas sobre se tratar de um caso de *adstrado* germânico, porque pressupõe que uma língua (alemão) influencia a outra (ladino) dentro de um processo de interação linguística constante. Mas, especificamente na região trentina, seria possível admitir um *substrato* germânico?

A partir do século V, os longobardos (lat. *Langobardi*; al. *Langobarden* ou *Winniler*), vindos da Escandinávia, desceram o Rio Danúbio (al. *Donau*) e combateram os gépidas na Panónia, juntamente com os ávaros, de origem túrquica-mongol; dali, seguiram para a Itália, onde combateram os *romanos* (bizantinos). O Rei Albuíno (561 - 572) conquistou boa parte da atual Lombardia e a expansão de seu reino se deu por uma vasta área da Itália Setentrional, que atualmente corresponde às regiões de Vale de Aosta, Piemonte, Lombardia, Trentino-Tirol do Sul, Vêneto e Friúl, seguindo dali em direção à Toscana. Na região tiroleza, passaram por *Ampezzo*, todo o Trentino até *Val di Fassa*, por Bolzano até Merano, não ocupando a parte nordeste da região.

Os longobardos adotaram rapidamente o latim como seu idioma, de modo que, no ano 1000 d.C., sua antiga língua já não era mais falada em boa parte de seu reino. Muito provavelmente, os termos germânicos mais antigos presentes nos falares alpinos da Itália remetem ao período do domínio longobardo, haja vista as influências lexicais que podem ser encontradas em boa parte dos falares da Itália Setentrional, inclusive no italiano padrão (*balk* > *balcone* <sacada de madeira>; *fëdera* > *federa* <pluma>;

pahhan > *spaccare* <fender>; *skerzan* > *scherzare* <brincar>; *stronzo* > *strunz* <esterco>) e em topônimos setentrionais desde a Lombardia até a Aquiléia (*Mendrisio*, *Vidigulfo*, *Gudo*, *Goito*, *Gualdo*, *Staffoli*). Por sua vez, os francos (al. *Franken*) expandiam seu reino por boa parte da atual Alemanha, Suíça, Baviera, norte do Tirol até a Caríntia (al. *Kärnten*) e parte do Norte da Itália. O Reino Carolíngio sob o governo de Carlos Magno (742 - 814), expande-se desde a Marca Espanhola, na divisa franco-espanhola até boa parte da atual Áustria e, após sua morte, é dividido entre seus filhos Lotário I, Luis, o Germânico e Carlos, o Calvo.

Os baiuwares (al. *Bajuwaren*; *Baiuwaren*) se estabeleceram no território que atualmente corresponde à Baviera alemã, em praticamente toda a Áustria, no Tirol (incluindo áreas de anterior ocupação longobarda) e algumas áreas do Vêneto e Friúl. Também os alamanos (al. *Alemannen*; *Alamannen*) se fixaram na região, ocupando uma área relativamente extensa, que se estende atualmente pela Alsácia francesa (al. *Elsass*), pelo sudoeste da Alemanha, desde *Baden-Württemberg*, Floresta Negra (al. *Schwarzwald*) até os confins com a Suábia (al. *Schwaben*), por boa parte da Suíça (al. *Schweiz*), *Liechtenstein* até a Áustria, pela região de *Vorarlberg* até o vale tirolês do Rio *Lech* (al. *Lechtal*).

Dos povos germânicos que se estabeleceram na região alpina, apenas os baiuwares e os alamanos preservaram seus idiomas, que no decorrer dos séculos sofreram influências das línguas e falares latinos confinantes e do alemão corrente que se tornaria a língua padrão da confederação germânica no século XVI.

Se levarmos em conta que colonos germânicos se estabeleceram em vários vales trentinos praticamente inóspitos e despovoados e que, no decorrer dos séculos, os habitantes desses vales deixaram de falar o alemão e passaram a falar o dialeto trentino, poderíamos admitir, assim como argumentava Schneller, que as influências lexicais germânicas são advindas de um *substrato*. No entanto, vários habitantes das comunidades germanófonas do atual Trentino (móquena e cimbra) utilizaram o dialeto trentino na comunicação com localidades vizinhas e as influências do trentino nesses falares são consideráveis.

O aspecto *germânico* dos falares trentinos deve-se a profundas e antiquíssimas influências, que se iniciaram nos tempos das dominações ostrogoda e longobarda. Segundo VIARO (2001, p. 98), a antiga influência suscitou a *hipótese do superstrato germânico antigo*, que pressupõe a sobrevivência de elementos fonéticos e sintáticos do superstrato germânico nos falares latinos. Há, ainda, a *hipótese do reforço germânico*

antigo, que considera que a presença germânica realçou os contrastes fonéticos já existentes no latim e nos falares de substrato e garantiu a sobrevivência de estruturas sintáticas também existentes no latim. Ambas são de difícil comprovação.

No Tirol, todos os falares alemães são pertencentes a dois grupos linguísticos do alto-alemão: o bávaro e o alamanico. Destes, interessa-nos o alemão bávaro (al. *Bairisch*; bav. *Boarisch*), que é aquele que se difundiu pelo Tirol Meridional.

O bávaro preserva antigas formas fonéticas, morfológicas e sintáticas outrora comuns também ao médio alto alemão (al. *Mittelhochdeutsch*). Divide-se em três grupos principais:

1) Bávaro setentrional (al. *Nordbairisch*), falado no norte da Baviera (al. *Bayern*; bav. *Boarn*), com variantes influenciadas pelo franco oriental (al. *Ostfränkisch*), e em comunidades limítrofes da República Tcheca, região da antiga Boêmia (al. *Böhmen*).

2) Bávaro central ou **bávaro do Danúbio** (al. *Mittelbairisch*, *Donaubairisch*) falado em grande parte da Baviera e no centro-norte da Áustria, nos estados de Alta Áustria (al. *Oberösterreich*), Baixa Áustria (al. *Niederösterreich*), Viena (al. *Wien*), parte de Salzburgo (al. *Salzburg*), de *Burgenland*, assim como em comunidades limítrofes da Hungria. Até o século XIV, falava-se o bávaro de tipo central na região suíça de *Samnaun*, nos Grisões, onde gradativamente foi substituído pelo alamanico.

3) Bávaro meridional (al. *Südbairisch*), falado na região montanhosa ao sul da Baviera (al. *Oberbayern*), nos estados austríacos de Estíria (al. *Steiermark*), Salzburgo (al. *Salzburg*), Caríntia (al. *Kärnten*), *Burgenland* e Tirol Setentrional, estendendo-se na Itália pelo Tirol Meridional (al. *Südtirol*), com as minorias móquena, de *Val Fersina* ou *Val dei Mòcheni* (al. *Fersental*; moq. *Bersntol*), e cimbra, de *Luserna* (al. e cimb. *Lusern*), vizinha à comunidade cimbra de Vicenza, na região conhecida como Sete Distritos (cimb. *Siban Komàüne*, *Siban Komoine*; al. *sieben Gemeinde*; it. *Sette Comuni*). Ainda na Itália, em Verona existe a comunidade cimbra da região de *Lessinia* (al. *Dreizehn Gemeinde*; cimb. *Draizen Komaun*; it. *Tredici Comuni*); em Beluno fala-se o alemão de tipo tirolês em *Sappada* (al. *Ploddn*) e o cimbro em *Cansiglio* (onde convive com o ladino); em Údine, fala-se o alemão de tipo tirolês em *Timau* (al. *Tischlwang*) e *Sauris* (al. *Zahre*), onde convive com o friulano.

Falares germânicos na região tirolesa nos dias atuais¹⁷³.

Os falantes do cimbro (cimb. *zimbar*, *taitsch*; al. *Zimbrisch*; it. *cimbro*) constituem comunidades antiquíssimas no Vêneto, que preservam uma língua bastante conservadora. Suas origens foram muito discutidas nos séculos XVIII e XIX sobre

¹⁷³ Mapa: nosso.

serem descendentes dos antigos Cimbros, tribo germânica originária da Jutlândia (atual Dinamarca), de longobardos ou, ainda, de godos. Com os estudos diacrônicos de Johann Andreas Schmeller (1838), comprovou-se ser o cimbro uma variedade bávara do alto-alemão médio (al. *Mittelhochdeutsch*), que conservou aspectos linguísticos do período de migrações de colonos da Baviera e do Tirol alemão que se estabeleceram em Verona e Vicenza entre os séculos XI e XIII. A precoce separação do cimbro da continuidade bávara e o isolamento de seus falantes do ambiente germânico - bem como o contato e forte ligação cultural com as comunidades neolatinas do Vêneto e do Tirol Meridional -, fizeram com que o idioma adquirisse uma fisionomia própria, que o difere do grupo de falares do alto-alemão, com o qual divide a mesma origem histórica, mas do qual se distingue claramente enquanto língua autônoma, cuja estrutura interna é fundamentalmente diversa.

Até o século XVIII, a comunidade dos sete distritos cimbrós, na província vêneta de Vicenza, formava a mais antiga federação independente da história europeia, a Espetacular Regência dos sete Distritos (cimb. *Hòoga Vüüronghe dar Siban Komàüne*; it. *Spetaculare Reggenza dei sette Comuni*), que não pertenceu ao Sacro Império Romano-germânico, mas durante quatro séculos gozou de direitos garantidos pela Sereníssima República de Veneza, à qual esteve unida, findando-se com a invasão napoleônica. Os cimbrós do Trentino originam-se da onda migratória saída de Vicenza e que adentrou o planalto de *Folgaria* (cimb. *Folgerait*), seguindo por *Lavarone* (cimb. *Lafràun*), onde se formou a comunidade de *Luserna* (cimb. *Lusèrn*), e pelo Vale do Leno (al. *Leimtal*) e Vallarsa (al. *Brandtal*).

As minorias cimbras habitam sete comunidades do planalto de *Asiago* (cimb. *siben komoïne*; al. *Sieben Gemeiden*; it. *sette comuni cimbri*), na região de Lessínia (it. *Lessinia*) da província de Vicenza, treze comunidades (cimb. *draizen komaun*; al. *Dreizehn Gemeiden*; it. *tredici comuni cimbri*) na província de Verona, e na comunidade de *Luserna* (cimb. e al. *Lusern*; it. *Luserna*), na província de Trento. Estima-se que, entre os séculos XV e XVII, as comunidades cimbras contavam com cerca de duzentas mil pessoas, com paróquias em língua alemã e em plena expansão, mas no século XVIII houve um momento de estagnação, que se seguiu ao de difusão do italiano em áreas originalmente cimbras (SULZER, 1855). Atualmente, na região trentina, apenas a comunidade de *Luserna* preserva o idioma.

Mais ao norte, há poucos quilômetros de Trento, no vale do Fêrsina (al. *Fersental*, moq. *Bernstol*, it. *Valle del Fèrsina*, *Val dei Mòcheni*; trent. *Val de Persen*), é

falado o alemão móqueno (moq. *Bersntoler*; al. *Fersentalerisch*; it. *mòcheno*), notadamente de tipo bávaro, embora bastante conservador em suas variantes locais e apresentando algumas diferenças próprias, como a ausência de -s na forma dual da segunda pessoal do plural, existente no bávaro (al. *Bairisch*, bai. *Boarisch*) e no tirolês (a, *Tirolerisch*, *Tirolisch*). O idioma é falado nas comunidades de *Frassilongo* (moq. *Garait*; al. *Gereut*; trent. *Frassilonch*), *Roveda* (moq. *Oachlait*; alm. *Eichleut*), *Palù del Fersina* (moq. *Palae en Bersntol*; al. *Palai im Fersental*) e *Fierozzo* (moq. *Vlarötz*; al. *Floruz*). Embora pertencente ao vale, atualmente o móqueno não é mais falado na comunidade de *Sant'Orsola Terme* (moq. *Oachperg*; al. *Eichberg*).

Os falantes do móqueno também utilizam o dialeto trentino e, até o século XIX, sua variante apresentava o passato bicomposto, como na frase *mi go abù fat* (algo como “eu tinha tido feito”). Essa forma verbal do passado foi comum nos dialetos da área alpina central (ROHLFS, 1954; ANEGGI, 1984), mas desapareceu entre os falares trentinos¹⁷⁴. A variante trentina era utilizada pelos comerciantes ambulantes (moq. *Krùmern*), que viajavam por todo o Tirol, parte do Vêneto, Áustria e Boêmia.

Assim como o cimbro, o móqueno também permaneceu isolado da continuidade linguística alemã e foi bastante influenciado pelos falares trentinos confinantes, o que lhe garantiu a sobrevivência de arcaísmos que remetem à variedade bávara do antigo alto-alemão (al. *Althochdeutsch*), com características comuns ao cimbro como a realização da oclusiva bilabial sonora [b] para os casos em que no alemão padrão e no bávaro moderno ocorrem com as fricativa labiodentais surda [f] e sonora [v]: *bòsser* <água>; *bòlt* <floresta>; *bèlsn* <rocha>; *bàibar* <mulheres>; *benn* <quando>, que no alemão ocorrem respectivamente como *Wasser*, *Wald*, *Felsen*, *Weiber* e *wenn* (tirolês: *Wösser*; *Wold*; *Felsn*; *Weiber*, *Weiwa* e *wann*, *wenn*).

A alternância de /v/ e /b/ existente no cimbro e no móqueno com relação ao alemão moderno aparece também nas palavras trentinas advindas do alemão e em sobrenomes trentinos de origem germânica¹⁷⁵, mas não se trata de um fenômeno trentino, pois remete a fenômenos da área do Alto-Alemão (al. *Oberdeutsch*), surgidos após a segunda rotação consonântica do antigo alto-alemão (al. *Hochdeutsche Lautverschiebung*). O cimbro e o móqueno preservaram características do antigo alto-alemão (al. *Althochdeutsch*) que remetem à primeira rotação consonântica (al. *erste*

¹⁷⁴ O passado bicomposto ainda está presente nas formas verbais do francês moderno.

¹⁷⁵ Beber ao invés de Weber, Bais ao invés de Weiss, Balter ao invés de Walter, Birti ao invés de Wirt. Porém Pergher ao invés de Berger, Pruner ao invés de Brunner, Pacher ao invés de Bacher.

Lautverschiebung), como na evolução G: /*b^h/ > /*b/ > /p/ (*perg* ['pɛrg] <montanha>; *prun* ['prun] <fonte>), enquanto realizam [v] e [b] nos casos de v [*f] e w [*β] do alto-alemão médio (al. *Mittelhochdeutsch*), que no alemão moderno se realizam respectivamente como [f] e [w] (*vràita* ['vrajta] <sexta-feira>; moq. *benn* ['ben], cimb. *bai* ['baj] <quando>).

Vale lembrar que, enquanto a maior parte da área cimbra esteve fora do contexto territorial do Sacro Império Romano-Germânico, toda a região de *Fersental* sempre fez parte do território tirolês, o que lhe garantiu maior contato com os falantes de alemão da região germanófona tiroleza. Isso fez com que o móqueno se distinguisse enquanto um *alemão tirolês arcaico*, menos “distante” do alto-alemão que o cimbro.

Por sua vez, o alemão tirolês (al. *Tirolisch*, *Tirolerisch*) é falado no Tirol Setentrional (al. *Nordtirol*), no Tirol do Leste (al. *Osttirol*) e em toda a província de Bolzano (al. *Südtirol*, *Deutsch-Südtirol*), onde convive com o ladino em *Val Gardena* (al. *Gröden*) e *Val Badia* (al. *Gadertal*). Desenvolveu-se enquanto variação do bávaro meridional em boa parte do território tirolês desde a Alta Idade Média e, assim como os falares neolatinos da região, apresenta uma considerável fragmentação dialetal. Na região de *Lechtal*, no Tirol Setentrional, o dialeto alemânico foi fortemente influenciado pelo de tipo bávaro meridional (tirolês). Na Áustria, os falares alemânicos ocorrem em todo o estado de *Vorarlberg*, próximo à Suíça, onde até o século XI havia o contato entre o retorromânico e o alemânico, sendo rapidamente aquele suprimido até seu total desaparecimento da região já no século XIV (VIDESSOT, 2002).

1.2.3.4.1. BILINGUISMO E CONSERVAÇÃO DO ALEMÃO NA ÁREA TRENTINA

A antiquíssima presença de falantes de *alemão*¹⁷⁶ na área italiana do Tirol permitiu que o trentino também influenciasse os falares alemães e um exemplo é o cimbro que se falava na região de *Vallarsa* (al. *Brandtal*). Uma variedade rústica, porque ligada à vida nas montanhas, o cimbro daquela região apresentava forte influência do dialeto trentino e era chamado *slambròt* ou *slàpero*, com sentido de “língua de difícil compreensão”. Schneller (1870: 187) identifica o termo como “língua mal falada ou incompreensível”, originária da expressão *slombardàr*, com sentido

¹⁷⁶ Entenda-se, aqui, principalmente os falantes do alemão tirolês, do móqueno e do cimbro.

primário de “conversar em lombardo”, ou seja, falar o antigo idioma germânico dos longobardos, ininteligível aos latinos. O friulano possui o verbo *slambardà*, significando uma fala confusa, enquanto o ladino batioto possuía o adjetivo *lombèrt*, significando de forma depreciativa os trentinos e os italianos, falantes de “lombardo”, língua incompreensível¹⁷⁷.

O termo era usado pelos trentinos para se referir ao alemão cimbro falado em *Lavarone* (al. *Lafraun*), *Luserna* (al. *Lusern*) e nos vales banhados pelo córrego *Leno* (al. *Laimbach*): *Terragnolo* (al. *Laimtal*), *Vallarsa*¹⁷⁸ (al. *Brandtal*) e *Trambileno* (al. *Trumelays*, *Trumelais*), com a comunidade de *Boccaldo* (al. *Buchwald*). Já os falantes do cimbro identificavam seu idioma enquanto *taitsch* (“alemão”). Não se registra o uso do adjetivo para se referir ao alemão móqueno. O termo tinha para o tirolês italiano um sentido similar ao de *welsch* para o tirolês de língua alemã quando se referia aos conacionais falantes do ladino, do italiano e do dialeto trentino. Ambos os termos identificavam o “falante de um idioma estranho ou incompreensível”.

Poucos estudos existem sobre o *slambròt* que se falava na região de *Vallarsa* até metade do século XIX. Como atesta o levantamento feito por Francesco Tecini (1821), os falantes residentes na paróquia local eram quase 2.300. Acredita-se que, à medida que o cimbro deixava de ser falado na região, uma variação fortemente influenciada pelo trentino permaneceu entre alguns falantes, que a utilizavam em seu convívio cotidiano. Apesar do considerável número de topônimos, termos dialetais, expressões e sobrenomes, o *slambròt* foi rapidamente substituído pelo dialeto trentino, como demonstraram os estudos de Schneller (1890), que constatou seu desaparecimento enquanto língua falada e seu esquecimento entre a população que, segundo o autor, mal se recordava de seu uso.

Segundo Sulzer (1855), falava-se o cimbro até o século XVII na *Valsugana*, nos limites da margem esquerda do *Brenta* (cimb. *Brint*; al. *Brendau*), em direção a *Grigno* (al. *Grind*, *Grins*). Em sua obra, afirma que o alemão era ainda comum na região de *Rovereto* (al. *Rofreit*, *Rovereit*) até metade do século XIX, e registra a variante cimbra *trentinizada* (*slambròt*) de *Terragnolo* (al. *Leimtal*).

¹⁷⁷ A identificação dos trentinos como “lombardos” também evidencia que, em época anterior à italianização do território, o alemão se difundia por boa parte do Trentino. O topônimo alemão da cidade trentina de *Mezzolombardo* é *Welschmetz*, enquanto o da vizinha *Mezzocorona* é *Kronmetz*.

¹⁷⁸ A origem exata do topônimo *Vallarsa* ainda é incerta se advinda de *valle arsa* (“vale seco”), significando “terra queimada” por causa da grande quantidade de árvores usadas na Idade Média para a produção de carvão (al. *Brand*, “queimada”).

De certo modo, a atual realidade linguística da região ao sul da cidade de Bolzano (al. *Südtiroler Unterland*), próxima à cidade de Salorno (al. *Salurn*), não é muito diferente da realidade linguística de alguns vales trentinos da primeira metade do século XVIII. Em muitos desses vales, a população descende de colonos, lenhadores e mineradores oriundos do Tirol alemão e da Baviera, que se transferiram para a região a partir do século XII, chamados pelos príncipes-bispos de Trento para povoarem seus feudos. Casas familiares das áreas rurais (it. *Maso*; al. *Hof*), assim como vários sobrenomes de família e nomes de vilarejos, bosques, montanhas e pequenos vales - muitos dos quais já deturpados por conta da fonética italiana -, são de origem germânica, resquícios do período em que o alemão se difundia pelo território trentino.

Até meados do século XIX, em várias áreas trentinas o idioma alemão fazia parte do cotidiano do mesmo modo que o dialeto trentino. Embora o uso alemão já estivesse reduzido em boa parte do Tirol Italiano desde o século XVIII, por conta de um processo de *italianização* que “avançou” pelos vales a partir do século XVI, o idioma sobreviveu entre algumas comunidades, seja como língua de prestígio e de importância social, haja vista que Viena era a capital do Império Austro-Húngaro e Innsbruck era a capital administrativa do Tirol, como língua de contato com comunidades germanófonas confinantes ou utilizado no comércio.

Trento também era uma cidade bilíngue. Até 1918, abrigava um ginásio alemão, bibliotecas públicas com obras escritas em alemão, assim como em suas ruas circulavam jornais e publicações em língua alemã; havia sociedades desportivas onde o uso do idioma era frequente, além de cinema e teatro, e a burguesia local dominava o idioma. Estima-se que antiga comunidade germanófona de Trento, descendente de *alemães* estabelecidos ali desde a Idade Média, representava cerca de 4% da população autóctone no final do século XIX e garantia a Trento o *status* de *cidade imperial e alemã*. O antigo centro da cidade, todo em estilo arquitetônico tipicamente germânico, é chamado ainda hoje *quartiere tedesco* (“bairro alemão”) ¹⁷⁹.

No final do século XIX, o italiano já avançava pelo norte do vale do Rio Ádige em direção a Bolzano (RIZZOLATTI, 1984) e pelo planalto de *Folgaria* (al. *Vielgereut*),

¹⁷⁹ Durante a Idade Média, Trento também abrigou uma próspera comunidade hebraica, falante do alemão ídiche, posteriormente perseguida e expulsa da cidade pelo bispo e pela população cristã por causa de acusações inflamadas do beato franciscano Bernardo de Feltre, que envolviam o assassinato ritual do pequeno Simão de Trento, ocorrido durante a Páscoa de 1475, que foi posteriormente beatificado. Após o Concílio Vaticano II, uma nova investigação foi reaberta para apurar o caso, gerando grandes debates. A comunidade judaica de Trento retornou somente após 1960, quando a *excomunhão* da cidade foi retirada.

significando que, em muitos vales, o que existiu não foi somente um adstrato alemão, mas houve substrato que remonta ao período medieval.

Apresentamos a história da raposa e do corvo traduzida para o alemão padrão (al. *Hochdeutsch*) e para os falares germânicos da região tirolesa. Perceba-se a fragmentação também existente entre as variantes do alemão tirolês (al. *Tirolerisch*, *Tirolisch*), além das diferenças e arcaísmos presentes no móqueno (moq. *bersntolerisch*; al. *Fersentalerisch*; it. *mòcheno*) e no cimbro (cimb. *zimbar*, al. *zimbrisch*, it. *cimbro*), todos falares de contato secular com o trentino. Para ilustrar, também incluímos uma versão no alemão tirolês da cidade catarinense de Treze Tílias¹⁸⁰ (al. *Dreizehnlieden*), no estado de Santa Catarina, com características do Baixo Vale do Inn (al. *Unterinntal*):

Alemão padrão:

Der Fuchs hat wiederum Hunger gehapt. Da hat er einen Raben auf einer Tanne gesehen, der ein Stück Käse in seinem Schnabel hielt. „Das würde mir schmecken“, dachte der Fuchs, und rief dem Raben zu: „Wie schön bist du! Wenn du ebenso schön singst wie du aussiehst, dann bist du sicher der schönste von allen Vögeln“.

Alto Vale do Rio Inn, Tirol Setentrional (Nordtirol):

Da Fux isch wiada amol hungrig gwesn. Da hot an Robn auf oana Tannen gseg, der a Stickl Kas in sein Schnobl ghaltn hat. „Des tat ma a schmeckn“ hat a si denkt und zum Robm hot a gsag: „Was du fir a schiana Vogl bisch! Wenn du so guat singen kannsch, wie du schian ausschaust, nocha bisch der ållerschianschte von olle Vegl“.

[*'da fuks iʃ 'vjada a'moʔ 'xungrig 'gwezn da xɔt an 'robn auf 'ɔana 'tanen g'seg 'der a stik'kas in'sajn 'ʃnobʔ g'xaltn 'xɔt des 'tat ma a'ʃmekn xɔt a'si 'denkt un'tsum 'robm xɔ'ta 'ksak was 'du fir aj 'ʃiana 'fogʔ 'bif ven 'du so 'guat 'singen 'kɔnf wi du 'ʃian aw's'fawst 'noxa bif der ɔler'ʃjãnfte fon 'ɔle 'vegʔ]*

¹⁸⁰ Colônia fundada em 1933 pelo então ministro da agricultura austríaco, Andreas Thaler, e por demais imigrantes austríacos oriundos principalmente do Tirol Setentrional, mas também do Tirol Meridional, *Vorarlberg*, Alta Áustria (al. *Oberösterreich*) e Estíria (al. *Steiermark*), aos quais se juntaram posteriormente descendentes de alemães (*Hunsrückers*), de vênets (principalmente beluneses e vicentinos) e lombardos (bergamascos), saídos de áreas coloniais do Rio Grande do Sul.

Münster - Baixo Vale do Rio Inn, Tirol Setentrional (Nordtirol):

Da Fux hot wieda amoi Hunga koppt. Do hot er an Ropp auf a Tonn gsehn, der a Stuck Kas in sein Schnowi gkoitn hot. „Des tat mia schmeckn”, hot da Fux denkt und an Ropp zuagruafn: „Wia schea bisch du! Wenn du genau so schea singsch wie du ausschausch, donn bisch du sicher da scheanschi va olle Vegl”.

[da 'fuks xɔt 'vjeda a'moj 'xunga 'kɔpt do xɔt 'ɛa an 'rop auf a 'ton g'sexn 'dɛa a stuk'kas in'sajn 'ʃnovi 'kɔjtn 'xɔt des 'tat mia 'ʃmekn xɔt da 'fuks 'denkt un'tan 'rɔp tsua'krwuafn 'wia 'ʃɛa biʃ 'du ven 'du ge'naw so'ʃɛa 'singʃ wia 'du aws'ʃawgʃ 'dɔn biʃ'du da 'ʃjanʃti fa 'ɔle 'vegʔ]

Lienz, Tirol do Leste (Osttirol):

Da Fugs hot wiedaramol Hunga kob. Do hota an Robn auf ana Tonne gsehgn, der a Stickl Kas in seim Schnobl hot. „Des dat mira schmeckn” hot da Fugs sich gedocht und hot zum Robn gruafn: „Ma wos bisch du schehn, wenn du a so schehn singsch wie du ausschausch, nocha bisch du sicha der schehnschte von ollen Veigl”.

[da 'fugs xɔt vjedara'moʔ 'xunga 'kop do 'xɔta an 'robn 'awf ana'tone 'gsegn dɛa a 'ʃtikʔ 'kas in'sajm 'ʃnobʔ 'xɔt des 'dat 'mira 'ʃmekn 'xɔt da 'fugs 'siʁ ge'dɔxt do'xɔt tsum 'rɔbn 'kruafn ma 'wos 'biʃ du 'ʃe:n 'ven du'a so 'ʃe:n 'singʃ vi 'du aw'ʃawgʃ 'nɔxa biʃ'tu si'xa dɛr 'ʃɛ:nʃte fon 'ɔlen 'vejɡlɪn]

Bolzano/Bozen - Alto vale do Rio Ádige, Tirol Meridional (Südtirol):

Da Fux hot wiadamol Hunger ghåb. Da hot an Roubn auf oa Tann gsehn, der hot a Stickl Kas in sein Schnobl ghob. „Des tat'ma schmeckn” hot a denkt und nocha zum Robm gsog: „Wie schian bisch! Wenn du aa so guat singsch, wie du schian ausschaust, nâcha bisch du der ollerschianschte von olle Veigl”.

[da fuks xɔt 'vjeda a'moj 'xunga 'gxop da 'xɔta an 'robn 'awf a 'tane 'gsexn dɛa 'xɔt a ʃtuk'kas in'sajn 'ʃnobʔ gxɔpt des 'tat ma 'ʃmekn 'xɔta a 'denkt un'nɔxa tsum 'rɔbn k'sok wi 'ʃian biʃ 'ven du'a so 'guat 'singʃ vi 'du 'ʃian aw'ʃawst 'nɔxa biʃ'tu dɛa ɔla'ʃianʃte fon 'ɔle 'vejɡʔ]

Móqueno de Vlarotz/Fierozzo, Tirol Meridional (Trentino):

Der Vuchs hòt bider unger gahòp. Der hòt a Ròp tsechen as avn a Tschupp, pet a Stuck Kas en Schnobl. “Dås kannnet guat kemmen” hòt tschbunnen der Vuchs, ont en de Ròp

sock er: “Mai schea' pist! Benn du singst schea' abia as du ausschaust, miasest der schea'neste Vougl as òlla sai”.

[dər 'vuks 'xɔt 'bider 'unger ga'xɔp dər 'xɔt a 'rɔp ts'exen as 'avn a'tʃup pet a 'stu:k 'kas enʃ'no:bɫ dəs 'kan:net guat 'kemen xɔt 'tʃbunən dər 'vuks ont en de'rɔp sok 'ər maj 'ʃea 'pist ben du 'sinkʃt 'ʃea abja as du aws'ʃawst 'miasest dər 'ʃeaneste 'vowgɫ as'ɔ:la 'saj]

Cimbro de Vallarsa/Brandtal, Tirol Meridional (Trentino):

Der Fochs vor-ach gehummart. Er sea um Kreh auf um Fora mit um Stuck Kese im sei Snabel. “I lusten, er ware guit”, tenke der Fochs un sage da der Kreh: “As suan du bist! Bia du Krakn is so suan as bia suan du bist, so bist du der suanste vo alle Bogeln”.

[dər 'foks fɔr'a:x ge'xum:mart ər 'zea um'kre: 'awf um 'fɔ:ra mit'um s'tuk 'ke:ze im'sej s'na:beɫ i 'lusten ər 'vare gujt 'tenke dər 'foks un 'sa:ge da dər 'kre: as 'suan du 'bist 'bia du 'kra:kn iz 'zo 'suan as 'bia 'suan du 'bist so bist'du der 'swan:ste fo'a:le 'bogetn]

Cimbro de Lusern/Luserna, Tirol Meridional (Trentino):

Dar Vuks iz gest bidar hummare un hatt gesek a Kra, boda hatt gehatt a snitle khes in Snakk, postàrt aftna Vaücht. “Ditza boll gevallatmar” hatt pensàrt dar Vuks, un dar hatt khött in Kra: “Bi’ schümma du pist! Asto singst gerècht sovl azpe du pist schümma, allora pisto dar peste vo alle di Vögl”.

[dər 'vuks iz 'gest 'βidar 'xum:mare un'xat ge'sek a'kra: 'boda xat a 'snitle 'kʰe:s in 'sna:k pos'tart 'aftna 'vayxt 'ditsa 'boɫ geva'l:atmar xat pen'sart dər 'vuks un dər xat 'kʰɔt in'kra: bi 'ʃym:ma du 'pist 'asto 'siŋst ge'rɛxt 'soβɫ 'aspe du 'pist 'ʃym:ma a'lora 'pisto dər 'pɛste fo 'a:le di 'vøgetn]

Dialetto tirolês de Treze Tílias, Santa Catarina

Da Fux hot wieda amoi hunga ghob. Da hot'a an Robn auf a Tanne gsechn, der hot a Stuck Kas auf'n Schnobl ghob. “Dös tat ma schmekn”, hot'a er denkt, do hot'a so zum Robn grufn: “Wie schea bist du! Wenn du a so schea bist wia du auschaust, do bist du sicha de scheanste von olle Vögl”.

[da fuks xɔt 'vjeda a'moj 'xunga 'gxop. Da 'xɔta an 'robn 'awf a 'tane 'gsexn dɛa 'xɔt a ʃtuk'kas 'awfn 'ʃnobɫ gxɔpt dɔs 'tat ma 'ʃmekn 'xɔta ɛa 'denkt do'xɔta zo'tsum 'rɔbn k'rufn wi 'ʃea bis 'tu 'ven du'a so 'ʃea 'bist via 'du aw'ʃawst do bis'tu si'xa de 'ʃeanste fon 'ɔle 'vøgɫ]

1.2.3.4.2. GERMANISMOS NO DIALETO TRENTINO

Os numerosos termos germânicos adaptados à fonética e à morfologia dos falares trentinos foram incorporados em diferentes épocas; alguns muito antigos, anteriores ao período medieval (ZACCARIA, 1901; GAMILLSCHEG, 1939), enquanto outros fazem referência ao passado austro-húngaro. O campo semântico é amplo, com referência a sentimentos, à família, às atividades domésticas, ao trabalho no campo, ao artesanato, às profissões, bem como aos nomes de plantas e animais e aos fenômenos da natureza. Disso, conclui-se que não são apenas *estraneirismos*, mas resquícios de um período anterior de bilinguismo, quando o idioma alemão - de tipo bávaro - era difuso em boa parte do episcopado tridentino.

Steub (1834) afirma que a presença alemã em *Folgaria* (al. *Vielgereuth*) teve início com o pedido do príncipe-bispo tridentino Frederico Vanga (*Friederich von Wangen*) ao conde Udalrico de Bolzano. Entre 1205 e 1218, o bispo solicitou a vinda de colonos do Tirol Setentrional para que povoassem a região de *Costa Cartura*, nos arredores de *Folgaria*. Vinte e nove famílias de “bons camponeses” foram enviadas pelo conde à região, onde consruíram suas casas familiares (al. *Hof*; it. *maso*).

Entre os séculos XIV e XV, outra considerável imigração alemã na região trentina se deu com mineradores e artesãos, que se instalaram em vários vales e trabalhavam em corporações com mais de duzentos indivíduos. Muitas palavras do léxico trentino referentes a ofícios, profissões, ferramentas, mineração e trabalhos manuais foram muito provavelmente introduzidas nesse período.

No entanto, o que se viu ao longo dos séculos foi uma espécie de “fracasso” linguístico do alemão, que gradativamente perdeu espaço para o italiano. Sabe-se, inclusive, que a difusão do italiano passou a ser incentivada após o Concílio de Trento (1545 - 1563), quando a diocese de Trento, temendo a propagação das ideias protestantes e novas revoltas como a que desencadeou a Guerra Rústica (1525) no território trentino, liderada pelo ex-funcionário da diocese de *Bressanone*, Michael Gaismayr.

Várias igrejas receberam a ordem de não mais promover o uso do alemão durante os sermões dominicais e toda publicação em língua alemã passou a ser controlada pelo clero, temeroso que panfletos e textos protestantes adentrassem suas paróquias. Vale lembrar que, durante os séculos XV e XVI, a cidade de Trento deixou-

se influenciar pelas cidades-estado e pelos modelos da Renascença italiana, assumindo em sua arquitetura vários aspectos meridionais.

O processo de perda dos caracteres germânicos se reforçou com a Reforma, que dividiu o mundo germânico. Mas já se desenvolvia em boa parte do setentrional italiano onde, séculos antes, a presença e a influência dos germânicos era mais presente. Trata-se de uma perda contínua que culminou com o “fracasso” do *furor teutonicus* e se recuo da península (PULGRAM, 1958). Nesse contexto, Trento deixou-se *italianizar* e, desde o século XV (sobretudo após o concílio), passou a “controlar” o Tirol Meridional e a influenciar culturalmente o Tirol Setentrional com sua matiz *italiana*¹⁸¹, cada vez mais distante do caráter autenticamente germânico do condado tirolês.

No decorrer dos séculos XVII e XVIII, com a introdução das escolas na Áustria, a língua italiana se difundiu rapidamente nos cultos religiosos, incentivada pelos centros urbanos de Trento e Rovereto, e o alemão perdia terreno em vários vales trentinos onde outrora a população era quase exclusivamente de língua alemã, como *Vallarsa* (al. *Brandtal*), onde se falou o cimbro até meados do século XIX. Em se tratando de uma população composta por milhares de falantes bilíngues, o italiano continuou a ganhar espaço, enquanto o alemão se limitava nos vales às populações rurais onde a matiz germânica era mais forte, como no Vale do *Fèrsina* (al. *Fersental*) e parte da Valsugana (al. *Burgtal*, *Suganertal*) no planalto de *Folgaria* (al. *Vielgereuth*), em *Val di Fiemme* (al. *Fleimstal*) e norte de *Val di Non* (al. *Nonsberg*), onde convivia com o ladino.

Em seus estudos sobre os vestígios lexicais do alemão no dialeto trentino, Osti (2001) apresenta um número considerável de vocábulos nos falares da região, como *aisempóner* [ajzem'poner], de *Eisenbahner* <operário da estrada de ferro>; *alpistòch* [aʔpis'tɔk], de *Alpenstock* <*bengala* utilizada pelos alpinistas>; *anziàna* [anzi'ana], de *Enzian* <genciana, espécie de flor alpina com raiz medicinal>; *àusener* ['awzener], de *Haus* <cuidar dos afazeres domésticos>; *auslòden* [aws'loden], do tir. *Ausloden* <balcão suspenso, formando uma sacada>; *aus-zìber* [aws'ziber], de *Haus+über* <casa mais alta do que o normal>; *bàgherle* ['bageler], de *Wagen* ou do diminutivo tir. *Wagerl* <carroça>; *bàibela* ['bajbela], de *Weib* ou do diminutivo tir. *Weiberl* <mulherzinha, moça>; *baori* ['baori], de *Bauer* <camponês>; *bàten* ['baten], de *Watten* <jogo de cartas difuso no Tirol e Baviera>; *béchen* ['beken], de *Wecken* <filão de pão>; *bécheri*

¹⁸¹ Não se entenda como “italiana” qualquer tipo de identidade nacional, desenvolvida muito depois.

['bakeri] ~ *becheról* [beke'roɫ] de *Bechertier* <inseto que ataca os grãos>; *befél* [be'feɫ], de *Befehl* <ordem>; *beghenàte* [bege'nate], de *Weihnachten* <festa de Natal ou Epifania>; *berciél* [ber'tʃeɫ], do tir. *Werkl* <ordenha difícil>; *bert* ['bɛrt], de *Wert* <valor>; *bìndel* ['bɪndeɫ] <faixa, bandagem> de *Windel* <faixa; fralda>; *biót* ['bjot], do got. *blauts*; long. *bloz*; al. *bloss* <só, sem acompanhamento>; *bòcia* ['bɔtʃa], do tir. *Bursche* <garoto>; *bòlder* ['bɔlder], de *Waldherr* <proprietário de um bosque>; *bòlzen* ['bɔltzen], de *Waltz* (tir. *Wàltz*) <valsa>; *bosàr* [bo'sar], do tir. *bussen* <beijar>; *botèr* [bo'tɛr], de *Butter* <manteiga>; *bródegh* ['brodeg] <sujo>, do tir. *Pluetig* <sujo de sangue>; *bugànza* [bu'gansa], do tir. *Buganzen* <frieira, alergia nos pés>; *buli* ['buli] <exibicionismo; ostentação> de *Buhlen* <cortejar; exhibir cortesia>; *canéderli* [ka'nederli], de *Knödel*, tir. *Knöderl* <prato típico tirolês>; *canòpo* [ka'nɔp] de *Bergknappen* <mineiro>; *càuza* ['kawtza], de *Kauz* <coruja>; *chìbel* ['kibeɫ], de *Kübel* <balde de lenha>; *chìndol* ['kindoɫ] <pequeno agrado a uma criança parente>, do tir. *Kindl* <criancinha>; *chisneràr* [kisne'rar], de *Kindnähren* <cuidar do recém-nascido e de sua alimentação>; *ciaspàr* [tʃas'par] ~ [sas'par], de *zaspeln* <ciscar>; *cròfen* ['krɔfen], de *Krapfen* <pão doce recheado, semelhante ao sonho>; *cràuti* ['krawti], de *Sauerkraut* <chucrute>; *cucàr* [ku'kar], de *gucken* <olhar>; *embindàr* [embin'dar], de *binden* <enfaixar>; *émer* ['emer], de *Eimer* <medida para líquidos, equivalente a um balde>; *eràusi* [e'rawzi] <grito dos lenhadores ao cair da árvore>, de *Heraus* <sair>; *fàifa* ['fajfa], de *Pfeife* <cachimbo>; *fàighe* ['fajge], de *Feige* <impostor>; *faolènza* [fao'lɛnza], de *Faulenzer* <preguiça, indisposição>; *ferflocàr* [ferflo'kar], de *Verfluchten* <amaldiçoar>; *ferghìs* [fer'gis], de *vergiss mich nicht* <não se esqueça de mim>; *finch* ['fink], de *Fink* <tendilhão, ave canora>; *fìnferli* ['finferli], de *Pfifferling* <espécie de cogumelo>; *flàis* ['flajs] ~ ['flajʃ], de *Fleisch* <carne>; *fòf* ['fɔf] <padre, em sentido depreciativo>, do tirl. *Pfaffe* <pastor, padre>; *fràchel* ['frakeɫ], de *Frakel* <medida de quantidade, equivalente a um terço de litro>; *frài* ['fraj] <livre do compromisso do trabalho>, de *frei* <livre>; *Frànzele* ['fransele], do tir. *Franzl* <hipocorístico de Francisco>; *gànzega* ['gansega] <festa dos pedreiros ao concluírem a construção>, de *ganz* <tudo>; *gàter* ['gater], de *Gatter* <serraria multilame a vapor, outrora usada no corte da lenha>; *gègher* ['dʒɛger] <soldado> de *Jäger* <caçador> e *Kaiserjäger*

<caçador imperial>; *làiten* ['lajten], de *Leiten* <encosta de um monte >; *lèa* ['lɛa], de *Lehm* <argila>; *lèrgia* ['lɛrdʒa], do antigo alto alemão *lerz* <imundície>; *lófer* ['lofer] ~ ['lofo], do móq. *lofern* <não fazer nada; preguiçoso>; *magón* [ma'gon] <mal estar; dor moral; estômago de animal>, de *Magen* <estômago>; *mesnàr* [mes'nar], de *Messner* <sacristão>; *mitòch* [mi'tɔk], de *Mittag* (tir. *Mittåg*) <meio-dia>; *mòsa* ['mɔza], do tir. *Mus* <prato típico a base de leite e farinha>; *mòssa* ['mɔsa], de *Maas* <medida para líquidos, equivalente a uma caneca>; *mùch* ['muk], de *Mücke* <mosquito>; *mus!* ['mus], da expressão *es muss* <é necessário>; *nìa* ['nia], de *nie* <nada; por nada>; *nùdel* ['nudeɫ], de *Nudel* <lasanha>; *paciòca* [pa'tʃɔka] ~ [pa'tʃɔk], do tir. *Patschock* <lama>; *pàiris* ['pajris] <ritmo tradicional>, de *Bairisch* <bávaro>; *patrolfîrer* [patrol'firer] ~ [patron'firer], de *Patrouilleführer* <chefe da tropa>; *pech* ['pek], de *Bäcker* <fornheiro>, e *péchera* ['pekera] <forno, fornalha>; *pechenàr* [peke'nar], de *picken* <bicar, geralmente de galinha>; *pecónte* [pe'konte], de *Bekannt* <conhecido; amigo íntimo>; *pesófen* [pe'sofen], de *Besoffen* <embriagado; bêbado>; *pinter* ['pinter], de *Binder* <tanoeiro; que confecciona barris>; *pìrlo* ['pirlo], de *Wirbel* <pião>, e [pir'lar], de *wirbeln* <girar rápido>; *plafòn* [pla'fɔn], de *Plafond* <teto>; *pòpa* ['pɔpa], do tir. *Popperl* <menina recém-nascida, criança>, tb. *pòpo* <menino, bebê>; *pràsli* ['prasli], do tir. *Prax* e provavelmente do diminutivo *Praxl* <lâmina, canivete>; *prens* ['prens], de *Bremse* <freio da carroça>; *probùsti* [pro'busti] <salsichão de carne bovina> de *Bratwurst* <salsicha assada>; *prosàch* [pro'sak] <saco para transportar comida>, de *Brotsack* <saco de pão>; *sbóvo* [s'bovo], de *Schwabe* <barata>; *ràiser* ['rajzer] <vadio; descompromissado>, de *Reiser* <viajante>; *ràida* ['rajda], do tir. *Reidn* <ombro do boi>; *ràuc* ['rawtʃ], de *Rausch* <mirtilo vermelho>; *ràut* ['rawt], do tir. *Raut* <terra lavrada>; *rièghel* [ri'ɛgeɫ], de *Riegel* <trinco manual das portas de estábulo e hortas>; *ròz* ['rɔs] <cavalo velho>, de *Ross* <cavalo>, e *ròza* ['rɔsa] <vaca velha>; *ruchsàch* [ruk'sak], de *Rucksack* <mochila>; *sbètèga* ['sbɛtega], do tir. *Schwättig* <retalho de carne; carne de segunda>; *sbrizàr* [sbri'sar] ~ [sbri'tʃar], de *spritzen* <aguar, regar com água>; *sgnàpa* ['snapa], de *Schnaps* <aguardente>; *sgnàus* ['snaws], de *Schnauzen* <bigodes>; *sina* ['sina], de *Schienen* <trilho do trem>; *sizer* ['sidzer], de *Schützen* <atirador tirolês>; *slomp* ['slomp], do tir. *schlumpe* <desleixado; sujo>; *slonzàr* [slon'dzar] <vagar sem

rumo>, de *Land* <terra, região>; *slùch* ['sluk] <gole; gota>, de *Schluck* <gole>, e *slucàr* [slu'kar] <beber um gole>; *snàider* ['snajder], de *Schneider* <alfaiate>; *sraiberàr* [srajbe'rar] <rabiscar>, de *schreiben* <escrever>; *stùà* ['stua], de *Stube* <típico cômodo tirolês>; *sustèr* [sus'tər], de *Schuster* <sapateiro>; *tànf* ['tanf] ~ ['tonf] <vapor; odor fétido>, de *Dampf* <vapor>; *tàifel!* ['tajfeɫ], expressão do tir. *Teifel*; al. *Teufel* <diabo>; *tisler* ['tisler], de *Tischler* <carpinteiro>; *tonch* ['tonk], do tir. *Tunke* <molho>, e *toncàr* [ton'kar] <molhar o pão>; *tóteni* ['toteni], do tir. *Duttn* <testículos>; *trincàr* [trin'kar] <embriagar-se>, de *trinken* <beber>; *virstel* ['virstɛɫ], de *Würstel* <salsicha>; *vocatèlo* [voka'telo], de *Wachestelle* <posto de guarda>; *zacàr* [dza'kar] <mastigar>, de *Zacke* <mordida; mastigada>; *zèca* ['dzɛka] <merenda oferecida aos trabalhadores>, de *Zechen* <festejar; comemorar>.

Menos evidentes são as influências germânicas na morfologia e na sintaxe dos falares trentinos. Apesar dos séculos de convivência dos grupos linguísticos, existem dúvidas sobre serem realmente fenômenos surgidos da influência germânica ou se de um processo particular ocorrido naqueles falares, uma vez que a fragmentação linguística da área alpina não se dá somente por conta da influência germânica. Nesse sentido, a hipótese do *superstrato germânico antigo* seria mais difícil de se comprovar do que a *hipótese do reforço germânico antigo*, pois sabemos que muitas das peculiaridades dos falares trentinos se desenvolveram não somente pela influência germânica - indiscutível apesar de tudo -, mas a secular presença de falantes do alemão na região contribuiu para que sobrevivessem algumas características existentes no latim falado na região antes da chegada dos povos germânicos (CORDIN, 2011), ou seja, o superstrato e o adstrato germânicos (dependendo do vale trentino) reforçou a sobrevivência de antigas características românicas da área alpina.

Uma característica da possível influência germânica seria o uso do verbo auxiliar *aver* (“ter”) com os verbos reflexivos, pelo menos na terceira pessoa, para os casos em que o italiano padrão e alguns dialetos confinantes utilizam *essere/èsser* (“ser”): *mi ho desmentegà* <eu me esqueci>, *el s’ha sentà zo* <ele se sentou>. Outra seria a ocorrência da construção *verbo+advérbio de lugar*, muito própria ao alemão cimbro, que na forma do infinitivo, apresenta o locativo sempre à direita do verbo, exatamente como no

trentino e diferentemente do alemão padrão. CORDIN (2011: 47-48) apresenta alguns exemplos:

cimbro	alemão	trentino	italiano	português
<i>büllan auf</i>	<i>aufwühlen</i>	<i>cavar su</i>	<i>scavare</i>	escavar
<i>gheenan auf</i>	<i>aufgehen</i>	<i>nar su</i>	<i>andare su</i>	subir
<i>heven an</i>	<i>anheben</i>	<i>tirar su</i>	<i>alzare</i>	levantar, alçar
<i>kemen auz</i>	<i>auskommen</i>	<i>vegnir fora</i>	<i>uscire</i>	sair
<i>lüssen auz</i>	<i>anhören</i>	<i>scoltar drio</i>	<i>ascoltare</i>	escutar
<i>merchen auz</i>	<i>abmerken</i>	<i>segnar fora</i>	<i>fissare</i>	determinar
<i>nemen abe</i>	<i>abnehmen</i>	<i>tor zo</i>	<i>togliere</i>	remover
<i>peten an</i>	<i>anbeten</i>	<i>pregar su</i>	<i>implorare</i>	implorar
<i>rüarn an</i>	<i>anwerfen</i>	<i>enviar via</i>	<i>avviare</i>	enviar
<i>ruarn nider</i>	<i>niederwerfen</i>	<i>butar zo</i>	<i>buttare giù</i>	derrubar
<i>schraigen an</i>	<i>anschreien</i>	<i>cridàr drio</i>	<i>sgridare</i>	gritar
<i>stenan auf</i>	<i>aufstehen</i>	<i>levar su</i>	<i>alzarsi</i>	levantar-se
<i>ströben auz</i>	<i>ausstreuen</i>	<i>butar fora</i>	<i>spargere</i>	espalhar
<i>süchen auz</i>	<i>aussuchen</i>	<i>zercar fora</i>	<i>cercare</i>	procurar
<i>tünan auf</i>	<i>aufmachen</i>	<i>far su</i>	<i>fare, costruire</i>	fazer, construir
<i>vallen abe</i>	<i>abfahren</i>	<i>cascar zo</i>	<i>cascare</i>	cair
<i>vertegen auf</i>	<i>aufputzen</i>	<i>netar su</i>	<i>pulire</i>	limpar
<i>zeln auf</i>	<i>aufsagen</i>	<i>dir su</i>	<i>recitare</i>	recitar, rezar
<i>zeln auz</i>	<i>abzahlen</i>	<i>pagar fora</i>	<i>pagare</i>	pagar
<i>zigen auz</i>	<i>ausziehen</i>	<i>tirar fora</i>	<i>tirare fuori</i>	extrair
<i>zünten an</i>	<i>anzünden</i>	<i>mèter su, empizar</i>	<i>accendere</i>	acender

O fato de a construção ocorrer assim no cimbro e no trentino não seria suficiente para significar uma influência germânica *direta* nos falares trentinos. Também não se trata de característica própria do trentino, haja vista que essa construção também ocorre no romanche (VIARO, 2001), no ladino e no italiano padrão (inclusive em regiões onde a influência germânica foi insignificante ou inexistente). Também se poderia pensar que se trata de um caso inverso, como uma influência dos falares latinos da Itália no cimbro,

mas o mais correto parece ser, novamente, admitir que se trata de um caso de reforço, pois a construção *verbo+advérbio* na forma infinitiva do cimbro e do móqueno é um nítido arcaísmo que, no alemão padrão, cedeu espaço para a construção *advérbio+verbo*.

A construção já existia no romanche falado (como se comprova em textos escritos no latim medieval); muito provavelmente o adstrato alemão contribuiu para que certas tendências do latim medieval não se propagassem na região alpina, reforçando a manutenção de estruturas já existentes, alterando algumas combinações e sentidos na construção *verbo+advérbio* e contribuindo com o léxico. Mas não se trata de alterações na estrutura interna do antigo ladino que se difundia pela região trentina, e o mesmo se diz da influência alemã no romanche e no galo-italico; conseqüentemente, não houve alteração da carga semântica do trentino, assim como não houve subordinação da estrutura *latina* do trentino em favor daquela germânica.

A presença germânica foi fundamental no processo de fragmentação dialetal da área alpina e na formação de isoglossas, e pode-se dizer que contribuiu também na fragmentação interna do trentino, pois o alemão foi outrora muito mais difuso no território meridional do Tirol histórico.

Descarta-se a possibilidade de o trentino ser uma língua *mista*, pois suas estruturas gramaticais básicas são indiscutivelmente latinas. A maioria das características presentes nos falares alpinos não são fruto da influência germânica, mas são tipicamente românicas e já existiam antes da chegada dos povos germânicos. Enquanto o alemão reconhece o gênero neutro, o trentino reconhece apenas o masculino e o feminino. A influência germânica no gênero é mínima, com casos que não são, necessariamente, fruto do contato como o uso mais frequente da forma feminina *gata* ao invés de *gat* <gato> em alguns falares, como no alemão (*die Katze*).

Conclui-se que o *furor teutonicus* mencionado por Schneller se manifestou de forma mais branda, mas não passou despercebido a ponto de sua contribuição ser considerada um simples “barbarismo” como fez Groff (1954) ao identificar o léxico de origem germânica no dialeto trentino. Numa região de contatos linguísticos como o Tirol, são comuns as “trocas” entre os falares regionais e qualquer tentativa de não considerar um ou outro aspecto desse contato secular limita a análise, deixando-a carregada de preconceitos e imprecisões.

Como veremos, a influência germânica se faz presente no dialeto trentino e muitas palavras oriundas dessa contribuição foram trazidas pelos imigrantes.

2. O TRENTINO PIRACICABANO

2.0. INTRODUÇÃO

O trentino piracicabano é o dialeto trentino falado na Colônia Tirolesa de Piracicaba desde 1892, que preserva características dialetais das localidades de origem dos imigrantes, tal como o dialeto era falado no final século XIX. Contudo, do ponto de vista linguístico, o trentino piracicabano não é o *mesmo dialeto* dos imigrantes tirolezes que fundaram a colônia, pois do contato com a variante falada do português da região de Piracicaba, ocorreram empréstimos lexicais e influências fonéticas que não existem no trentino europeu. O dialeto falado entre os descendentes apresenta influência fonológica do português, casos de neologismos, diferenças de forma fonêmica e de significado.

As diferenças advindas do contato são suficientes para admitir o trentino piracicabano como um falar próprio da comunidade de falantes da Colônia Tirolesa de Piracicaba, mas não o são para considerá-lo como um falar *misto* (interlíngua) ou, ainda, como sendo um *outro* dialeto trentino diferente do trentino europeu.

A influência do português aparece em diferentes níveis, de acordo com a idade dos falantes, uma vez que a diminuição do uso do trentino se deu gradativamente, à medida que a comunidade passava a ter maior contato com moradores de outras localidades da região, falantes da variante caipira e da norma culta tal como é falada em Piracicaba. Assim, aqueles falantes do trentino cuja infância se deu no período em que a comunidade mantinha pouco contato com outras localidades, utilizam o trentino com maior frequência nas relações sociais da comunidade, ao passo que aqueles que mantêm mais contato com o mundo *externo*, utilizam o dialeto somente em determinadas situações de fala.

Em seus estudos acerca da variante falada do português dos bairros **S** e **SO**, Leme (2001, pp. 135) comenta sobre diferenças existentes no dialeto trentino da comunidade, mostrando algumas variações fonéticas e lexicais próprias a cada bairro. Não informou, contudo, sobre se tratarem de dois dialetos distintos ou de duas variantes de um mesmo dialeto pois, como afirmado, seus estudos trataram apenas da variante falada do português, influenciada pelo trentino.

Como pudemos observar já durante os estudos que culminaram com nossa dissertação de mestrado (2009) sobre a fala da comunidade - na qual também tratamos

da variante falada do português -, o trentino piracicabano apresenta duas variantes próprias a cada bairro, com características próprias.

Como se verá adiante, não se trata de dois dialetos, mas de duas variantes de um mesmo dialeto, sendo uma correspondente a **S** e outra a **SO**. As diferenças existentes encontram-se sobretudo no plano fonético, mas há também diferenças lexicais, morfológicas e quanto ao grau de influência do português brasileiro.

As diferenças existentes entre as variantes não surgiram no Brasil, pois os imigrantes que fundaram os bairros vieram de diferentes localidades, cujos falares na Europa também apresentam variação. As localidades originais dos imigrantes se encontram próximas ao Vale do Ádige (it. *Valle dell'Adige*; al. *Etschtal*), cujos falares correspondem ao grupo dialetal do *trentino central* (BATTISTI, 1936; TOMASINI, 1960).

Vale lembrar que não se deve pensar aqui “dialeto” da mesma forma que as línguas, como o italiano ou o português, dada a grande fragmentação dos falares alpinos. Uma pretensa classificação simplista poderia descartar aspectos importantes dos falares trentinos. Ora, o que queremos dizer é que, no que se refere às estruturas gramaticais básicas do trentino piracicabano (artigos, preposições, desinências verbais e nominais, semântica e morfologia), não existem diferenças entre as duas variantes, de modo que não é possível considerá-las dialetos distintos ou, ainda, falares de grupos dialetais distintos.

O trentino piracicabano sobrevive, portanto, em duas variantes próprias a cada bairro e pertencentes a um mesmo *dialeto* - concebido conforme os critérios acima -, porque caracterizadas indiscutivelmente como pertencentes a um mesmo grupo dialetal trentino, classificado como *trentino central* ou *centro-occidental* (BATTISTI, 1936).

2.1. ORIGENS DO TRENTINO PIRACICABANO

No que se refere à sua origem, o trentino piracicabano pode ser considerado uma variante do dialeto do Vale do Ádige, porque preserva características dos falares das cidades de origem dos imigrantes. Após 120 anos de vida independente no Brasil e apesar das influências do português, o trentino piracicabano não sofreu nenhuma grande transformação que o distanciasse do trentino europeu.

A variante de **SO** apresenta características dos falares rurais dos arredores de Trento, dos distritos de *Romagnano* e *Sardagna*, e a variante de **S** apresenta

características da região ao redor do Monte *Gazzadina*, ao norte de Trento, e compartilha características encontradas no dialeto de *Val di Cembra*.

Tomasini (1960) classificou os falares ao longo do Vale do Ádige como *dialeto rurale* (“dialeto rural”) por causa de sua posição entre duas áreas linguísticas definidas: a *tridentina* e a *semiladina*. A variante (de prestígio) da cidade de Trento divide várias características com o dialeto rural, ao passo que estes também trazem características de falares setentrionais, de *Val di Cembra* e do falar *semiladino* de *Val di Fiemme*, em direção à região ladina de *Fassa*. O dialeto de *Val di Cembra* apresenta características arcaicas, resquícios do antigo substrato ladino que se estendeu pelo Vale do Ádige e gradativamente perdeu espaço para o galo-italico, sendo mantido em áreas periféricas.

Uma vez que nos falares trentinos centrais predominam aspectos do galo-italico com influências da área vêneta, Ascoli (1873) tratou brevemente das características dialetais da região por não ter identificado ali fenômenos relevantes que comprovassem ser o trentino do Vale do Ádige uma variante ou um *parente* do ladino dolomítico. Rizzolatti (1984: 19) afirma que os fenômenos presentes nos dialetos da região trentina e nos dialetos ladinos “são resultado de uma comum conservação de fases linguísticas amplamente difusas, em tempos antigos, na planície padana”. Assim, as características “ladinas” reconhecidas por Ascoli nos falares trentinos não iam muito além de fenômenos fonéticos comuns ao ladino e considerados arcaicos no trentino, como a presença das vogais anterior *ü* [y] e posterior *ö* [ø] e os fonemas alveopalatais [tʃ] e [dʒ]. Ambas as características estão no trentino piracicabano e os fonemas alveopalatais aparecem com mais frequência na variante de S.

O Vale do *Cembra* (al. *Zimmertal*) localiza-se entre a região de *Val di Fiemme* (al. *Fleimstal*) e o Vale do Ádige, próximo à cidade de *Salorno* (al. *Salurn*), na província de Bolzano, fronteira linguística natural do Tirol Meridional que divide o *Tirol alemão* (al. *Deutsch-Südtirol*) do *Tirol italiano* (al. *Welsch-Südtirol*). Constitui-se historicamente em um local de resistência do falar trentino frente à pressão exercida pelo alemão bávaro, que se propagou pela região a partir do ano 1000, com a chegada de colonos bávaros que se instalaram na parte alta do vale do Ádige.

Administrado diretamente pelo Principado Episcopal de Trento, o vale sofreu as influências da dominação do condado tirolês, que chegou até sua “entrada” ao ampliar seus domínios durante o século XIII pela parte alta do Vale do Ádige. Nos arredores da cidade de *Lavis* (al. *Navis*), a população de língua alemã tornara-se numerosa, chegando a 58% na primeira metade do século XIV e a 74% na segunda metade do mesmo

período (ŠEBESTA, 1984). Todavia, o interior do vale, sob o controle direto do convento dos agostinianos de São Miguel, permaneceu com maioria de população falante de um *trentino* de tipo ladino, mesmo após o Principado Episcopal de Trento ter concedido o direito do castelo de *Segonzano* ao Conde Meinardo II de Tirol, ainda no século XIII.

Idiomas falados entre Trento e Bolzano por volta de 1500¹⁸².

No mapa, vemos que as localidades de *Romagnano* e *Sardagna* encontram-se mais próximas da cidade de Trento, e *Cortesano*, *Meano* e *Vigo Meano* estão mais

¹⁸² Mapa: nosso, com base em Rohmeder (1908).

próximas de *Albiano (Val di Cembra)*. Desde a Idade Média, os distritos de onde saíram os imigrantes fazem parte de uma área onde predominou o trentino e não o alemão. A fronteira do condado tirolês passava exatamente na região dominada pelo Monte *Gazzadina*, próxima aos distritos de *Cortesano* (também registrado como *Cortegiano* em mapas da época), *Meano* (trent. *Mean*) e *Vigo Meano* (al. *Vich*).

A fronteira linguística ítalo-germânica de *Lavis* manteve-se praticamente intacta durante os séculos XIV e XV; foi confirmada já em 1438 pelo dominicano Felix Faber de Ulm que, seguindo em direção a *Lavis*, ao passar pela ponte de São Lázaro afirmou que a região *dividit Italos ab Alemannos* (“divide italianos de alemães”). A partir do século XVI, o italiano avançou progressivamente e a fronteira linguística “subiu”, ou seja, deslocou-se mais para o norte, ficando próxima a *Salorno* (al. *Salurn*), ao sul de *Bolzano* (*Bolzano* em alguns documentos antigos).

O contato linguístico entre tirolezes de língua italiana e alemã não ocorreu somente nos vales trentinos nos quais a presença germânica era maior. As relações comerciais entre os grupos linguísticos era prática comum e muitos tirolezes italianos costumavam migrar periodicamente para as áreas de língua alemã, e ali exerciam ofícios de artesãos, vendedores ambulantes¹⁸³, taberneiros, pastores e agricultores provisórios. Muitos deles seguiam para a Lombardia e para o Vêneto, levando seus animais para pastagens, e ali permaneciam durante alguns meses.

Seguindo através de *Val di Cembra* em direção a *Val di Fiemme*, os falares assumem mais características ladinas e, seguindo ainda mais para o leste, chega-se à região ladina propriamente dita de *Val di Fassa*, no Maciço do Sella (al. *Sellagruppe*). Segundo Videsott (2006), um *antigo ladino* era falado ainda no século IV em praticamente todo o território correspondente à Província Autônoma de Trento como “continuidade” de falares aparentados, desde o Friúl até os Grisões. O antigo ladino se estendia também pelo norte, através de boa parte do território que atualmente corresponde à Província de Bolzano: a oeste, pela região de *Val Venosta* (al. *Vintschgau*), por *Merano* (al. *Meran*) até o alto vale (al. *Obervintschgau*) e, dali, continuando até os Grisões; pelo leste, desde a área ladina do Maciço do Sella até a parte sul do atual Tirol do Leste (al. *Osttirol*). Posteriormente, este último foi ocupado por baiuwares e eslavos, ao passo que a maior parte do Tirol Meridional recebeu os

¹⁸³ Em *Val Fersina (Val dei Mòcheni*; al. *Fersental*; moq. *Bersntol*) sobreviveu até o início de século o ofício dos *Krùmern*, vendedores ambulantes que circulavam pelo Vêneto, Tirol Setentrional, Baviera e Boêmia, vendendo artigos religiosos, tecidos, objetos de decoração e de uso doméstico, esculturas em madeira e demais artigos regionais.

baiuwares que *fixaram* a fronteira linguística ao redor de *Val di Cembra*, onde o idioma se manteve latino, e seguiram para o sul, em direção à *Valsugana* e *Vallagarina*, onde o alemão sobreviveu em algumas localidades.

Os séculos de convivência entre tirolezes de língua alemã e italiana, bem como os anos de administração austríaca, garantiram um considerável número de vocábulos de origem germânica no dialeto trentino trazidos pelos imigrantes.

O trentino piracicabano apresenta, portanto, as características linguísticas de sua região de origem: do antigo substrato ladino, dos superstratos galo-italico e vêneto que, a partir do século XI, se difundiam pelo território trentino, do superstrato alemão das áreas confinantes e da variante de prestígio da cidade de Trento.

2.2. AS VARIANTES DIALETAIS DO TRENTINO PIRACICABANO

Como afirmado, o trentino piracicabano se apresenta em duas variantes próprias a cada bairro: **SO** segundo o dialeto de *Romagnano* e *Sardagna* e **S** segundo o dialeto de *Cortesano*, *Meano* e *Vigo Meano*. Todavia, ao afirmarmos que as variantes apresentam características do dialeto *deste* ou *daquele* distrito, não significa que elas correspondam aos falares atuais dessas localidades trentinas. Sua relação se faz com o dialeto outrora falado pelos imigrantes e mantido por seus descendentes.

Mas quais são os critérios para a classificação das variantes? Como saber se determinada variante é mais próxima do dialeto trentino tal como era falado no final do século XIX em *Romagnano* ou em *Cortesano*? Como tratado no capítulo referente à pesquisa de campo e metodologia, além de termos levado em consideração a identificação que os próprios falantes fazem de suas variantes dialetais, também recolhemos alguns dados na Itália que confirmaram essa classificação.

Ora, o dialeto é falado há mais de 120 anos na colônia brasileira e não manteve contato significativo com seu correspondente europeu, mas com o português. Por conta disso, o trentino piracicabano é conservador porque preserva características do final do século XIX e, ao mesmo tempo, é inovador porque traz as influências do português. Entretanto, esse fenômeno não é exclusivo do trentino piracicabano, pois o trentino europeu é constantemente influenciado pelo italiano padrão, mas preservou palavras que caíram em desuso no trentino piracicabano por conta da mudança de ambiente.

Localização dos distritos originais das famílias tirolesas da colônia¹⁸⁴.

Quando se afirma que as variantes correspondem aos falares *deste* ou *daquele* distrito, isso significa dizer que elas preservaram no Brasil as características locais que já existiam no trentino europeu daquelas áreas e, atualmente, essas peculiaridades identificam a fala dos descendentes como sendo *deste* ou *daquele* bairro.

Se existem hoje duas variantes no trentino piracicabano, foi porque o ambiente brasileiro possibilitou sua sobrevivência. Elas poderiam ter dado origem a uma terceira ou uma poderia ter sido suprimida pela outra, mas não foi o que ocorreu. E, naturalmente, as mudanças advindas do contato com o português não foram suficientes

¹⁸⁴ Mapa: nosso.

para o desenvolvimento de dois novos dialetos no Brasil ou, ainda, de evoluções diferentes que distanciaram uma variante da outra. Suas diferenças se encontram principalmente nos planos fonético e fonológico, com casos de variação lexical.

Do mesmo modo, o contato do trentino europeu com o italiano padrão não resultou em um novo dialeto, mesmo que palavras e expressões outrora usadas caíram em desuso e outras, advindas do italiano, foram incorporadas pelo trentino.

O fato de algumas palavras do trentino piracicabano não ocorrerem no trentino europeu falado nas regiões de origem dos imigrantes não significa necessariamente que essas palavras não fizessem parte do vocabulário do trentino europeu até algum tempo. Em conversas que tivemos com pessoas em *Romagnano*, *Sardagna* e *Cortesano*, perguntávamos sobre elas conhecerem algumas palavras e expressões e, na maioria dos casos, as respostas foram positivas, embora admitissem que muitas delas haviam caído em desuso porque se referiam a um estilo de vida que não existe mais ou porque foram substituídas por palavras italianas. Em situações em que nos encontrávamos com pessoas mais velhas e mais novas, pudemos perceber que as mais jovens não conheciam algumas palavras por nós ditas, mas muitas pessoas mais velhas diziam reconhecer tais palavras, afirmando que seus avós costumavam usá-las no “dialeto antigo”.

Com base nessa experiência - que trataremos com mais detalhes adiante -, pudemos comprovar a afirmação dos falantes do trentino piracicabano, que afirmam ser a variante de **SO** correspondente ao dialeto falado em *Romagnano* e a variante de **S** correspondente ao dialeto da região de *Cortesano* e *Vigo Meano*.

Contudo, é importante levar em consideração algumas informações sobre os distritos de origem das famílias tirolesas¹⁸⁵ que residem nos bairros. Em **S**, predominam os descendentes da família Vitti, de *Cortesano*, e da família Forti, de *Romagnano*, e a variante dialetal apresenta características da região de *Cortesano*. Em **SO**, predominam as famílias Correr, Forti, Pompermayer e Stenico, de *Romagnano*, Degasperi, de *Sardagna*, Christofolletti, de *Meano* e *Vigo Meano*, e Negri de *Albiano* (*Val di Cembra*), mas a variante apresenta características da região de *Romagnano*. Em **S** vivem também alguns descendentes da família Mosna de *Romagnano*, que se transferiram para lá anos depois de sua fundação, assim como os Venere, de *Albiano*, que residem na Fazenda Negri, hoje pertencente à **SO**.

¹⁸⁵ Em ambos os bairros também residem famílias cuja origem não é tirolesa.

Descendentes de famílias de *Romagnano* e *Cortesano* residem atualmente em ambos os bairros. Os falantes mais velhos, ao contrário do que se poderia pensar, utilizam a variante dialetal *do bairro* e não da terra de origem. Assim, os Christofolletti de **SO**, oriundos de *Meano* e *Vigo Meano*, falam a variante dialetal de **SO** e não a de **S**, e os Forti e Mosna de **S**, oriundos de *Romagnano*, falam a variante dialetal de **S** e não a variante de **SO**, como seus demais parentes que residem neste último.

Com base nessas informações, levantamos três hipóteses sobre a existência das duas variantes:

1. Existem dois casos de *koinai*, próprias a cada bairro, formadas a partir dos diferentes falares;
2. Em cada um dos bairros, de acordo com o número de famílias oriundas deste ou daquele distrito, prevaleceu uma variante perante a outra;
3. As famílias com menor número de indivíduos adotaram, no decorrer do tempo, o modo de falar da maioria dos habitantes de seu bairro.

Por *koiné* entende-se a formação de uma língua comum que nivela dois ou mais dialetos distintos, possibilitando a compreensão e a comunicação entre falantes de dialetos diferentes. Um exemplo de *koiné* é o talian das áreas coloniais do Rio Grande do Sul, formado principalmente a partir de falares vênéticos, com contribuições de falares lombardos, trentinos, friulanos, entre outros.

Se admitirmos que se trata de duas *koinai*, pressupõe-se que os dialetos de *Romagnano* e de *Cortesano* deveriam ser muito diversos entre si, o que não é verdade porque ambos pertencem ao mesmo grupo dialetal. Uma vez que as diferenças entre as variantes do trentino piracicabano se dão principalmente no plano fonético, com alguns casos de variação lexical, descarta-se a hipótese sobre existirem duas *koinai*.

Levando em conta que, em **S**, a maioria dos descendentes de tirolezes pertencem a duas famílias oriundas de distritos diferentes (Vitti de *Cortesano* e Forti de *Romagnano*), e que, em **SO**, existem sete famílias, descarta-se a segunda hipótese, pois não foi o número de famílias que determinou a sobrevivência de determinada variante.

Em conversas com os moradores mais velhos de ambos os bairros, pudemos notar que existem casamentos de pessoas de **S** com pessoas de **SO** e vice-versa. Na grande maioria dos casamentos entre pessoas de bairros diferentes, foram as mulheres que se transferiram para os bairros de seus maridos, passando a residir na propriedade

familiar de seus cônjuges. A maioria das mulheres casadas com indivíduos do bairro vizinho é de **S**, e passaram a residir em **SO**. Conversando com tais casais “mistos” em **SO**, notamos que as mulheres de **S** não deixaram de utilizar sua variante dialetal, porém seus filhos utilizam a *variante do bairro* quando se comunicam em dialeto.

O uso da variante própria a cada bairro é, portanto, um traço identitário. Em **S**, residem apenas duas falantes mais velhas nascidas em **SO**, casadas com descendentes da família Vitti. Ao contrário de **SO**, onde o número de “santaneras” é considerável, em **S** o número de mulheres nascidas em **SO** é muito pequeno. Alguns membros da família Forti de **S** são aparentados aos Correr de **SO**, mas todos utilizam a variante de **S**, pois também são aparentados aos Vitti.

É muito provável que, no tempo dos primeiros imigrantes, as variantes dialetais de *Romagnano* e de *Cortesano* (a mesma de *Meano* e *Vigo Meano*) fossem usadas em ambos os bairros, e a variante de *Sardagna* era falada somente em **SO**.

No entanto, se pensarmos que, em **S**, a família Vitti de *Cortesano* era muito mais numerosa que a família Forti de *Romagnano* e que, em **SO**, os Christofolletti eram os únicos imigrantes originários de *Meano*, assim como os Degasperi eram os únicos originários de *Sardagna*, a terceira hipótese é a que faz mais sentido, pois as famílias com menos indivíduos adotaram, com o tempo, a variante dialetal da maioria dos falantes de seu bairro. Isso ocorreu rapidamente no decorrer de uma geração, pois com casamentos, as famílias se mesclaram e os filhos utilizavam a variante dialetal da maioria dos moradores de seu bairro. Vale lembrar que muitos sobrenomes sobreviveram não graças ao grande número de indivíduos nas famílias, mas pelo acaso de se manter entre filhos homens. O sobrenome Brunelli, por exemplo, praticamente desapareceu de **SO** pela falta de descendentes homens que pudessem perpetuá-lo e o mesmo parece acontecer atualmente com o sobrenome Pompermayer.

Utilizar a variante dialetal própria do bairro independe de critérios sociais e econômicos. Não há socioletos do trentino piracicabano, mas variantes, e cada uma assumiu um *status* positivo entre seus falantes porque falar o “dialeto de Santana” ou o “dialeto do Banco” identifica o falante na qualidade de *morador* deste ou daquele bairro, ou seja, membro de um determinado núcleo familiar, com sua história ligada à realidade dos demais moradores *de seu* bairro.

A existência de duas variantes no trentino piracicabano não se deve somente ao bairrismo característico dos moradores. Mas o bairrismo, como traço *identitário*, *também* foi responsável pela sobrevivência das duas variantes. Isso se nota, inclusive,

entre falantes do trentino piracicabano que não descendem somente de tirolese, como vários moradores de **S** das famílias Bomback, Vendemiatti, Bonetti, Gobeti, Vasca, Geraldini e Goia. Os Bomback são de origem alemã e os demais afirmam serem italianos¹⁸⁶. Atualmente, boa parte dos indivíduos mais jovens dessas famílias tem algum antepassado tirolês, por conta de casamentos com pessoas do bairro. Vários deles, sobretudo os mais velhos, falam o dialeto trentino ou frequentemente utilizam expressões conhecidas na comunidade, sempre segundo a variante de **S**. Assim como os descendentes de tirolese de **S**, os membros dessas famílias também fazem questão de utilizar a variante *de seu bairro* e, apesar de serem conscientes sobre sua origem diversa, consideram-se *tirolese* porque esse adjetivo reforça seu bairrismo e identifica há mais de um século os moradores da Colônia Tiroleza na cidade de Piracicaba.

Todavia, alguns “resquícios” do período em que as diferentes variantes conviviam na fala dos imigrantes são encontrados. Observa-se na variante de **SO** um caso de uso restrito de vocábulos entre membros de um mesmo núcleo familiar, como nas palavras *stofis* <bacalhau> (al. *Stockfisch*) e *segrà* <cemitério>, utilizadas somente entre os falantes da família Degasperi (ou Degaspari), originária de *Sardagna*. Em conversas com moradores mais velhos da família, estes afirmam que o imigrante Dionisio Degasperi (que se casou com uma das filhas do imigrante Jacob Correr) falava o dialeto trentino com certas particularidades, muito provavelmente lexicais, mas que era perfeitamente compreendido pelos demais tirolese de *Romagnano*.

Os membros mais velhos da família Degasperi falam a variante de **SO**, mas utilizam tanto o termo *stofis* [sto'fis] como *bacalà* [baka'la] para se referirem ao bacalhau, enquanto os demais falantes, de ambos os bairros, utilizam apenas *bacalà*. Do mesmo modo, somente os membros mais velhos da família Degasperi reconhecem o significado da palavra *segrà* [se'gra], embora utilizem *zimiteri* [simi'teri] como os demais moradores de **SO**, ao passo que em **S** é somente *cimitèri* [tjimi'teri].

Como afirmado anteriormente, existem características que ocorrem tanto no trentino europeu como no piracicabano, mas outras só aparecem neste último por conta do contato com o português brasileiro.

¹⁸⁶ Os Vendemiatti, os Bonetti e os Geraldini são de origem vêneta, e os Vasca afirmam serem de origem napolitana. Os Gobetti (ou Gobeth) ora afirmam ser de origem francesa, ora italiana; os Goia afirmam serem italianos, mas há quem diga que seriam espanhóis. Naturalmente, nos baseamos nos falantes do trentino piracicabano, independentemente de o falante ser exclusivamente de origem trentina. É a variante que identifica o falante *morador de determinado bairro*.

Naturalmente, as indicações sobre o trentino europeu referem-se aos falares das áreas de *Romagnano* (incluindo *Sardagna*) e *Cortesano* (incluindo *Meano*), terra de origem dos imigrantes fundadores da colônia. Caso se comente determinado falar ou variante de outra área trentina que não seja a dos distritos acima citados, indicaremos o topônimo do local abordado, como no caso de *Val di Cembra*, ao norte de *Cortesano*, que compartilha muitas características encontradas no trentino piracicabano.

De um modo geral, a fala da Colônia Tirolesa de Piracicaba apresenta fenômenos *tipicamente trentinos*, ainda que no contexto atual do trentino europeu alguns deles sejam raros ou considerados arcaicos e, por isso, pode ser considerada conservadora. No entanto, seus traços conservadores convivem com as *inovações* surgidas do contato com o português brasileiro, com casos de empréstimos e derivação e, por isso, o trentino piracicabano também pode ser considerado inovador. Como se verá adiante, vários empréstimos foram *adequados* ou *equilibrados* segundo o padrão fonético e silábico do dialeto trentino, de modo que variações e neologismos existentes devem ser considerados como parte do léxico *trentino* da comunidade, porque neles são identificadas características típicas do dialeto trentino.

Esses fenômenos exclusivos são o resultado da aculturação linguística do dialeto trentino em Piracicaba e como veremos adiante, são identificados nos empréstimos casos de inovação e composição, bem como diferenças de significado por restrição, ampliação e substituição do objeto.

Advertimos que não é objetivo deste estudo analisar a variação ocorrida no trentino europeu, nem apresentar uma análise comparativa com base apenas nas diferenças existentes entre o trentino europeu e o trentino piracicabano. Contudo, no que se refere ao léxico, acreditamos ser relevante ilustrar com exemplos que atestem as mudanças advindas do contato, além dos casos de arcaísmos e neologismos. Certas diferenças fonológicas do trentino europeu e empréstimos advindos do italiano são relevantes para a análise do léxico no trentino piracicabano e, para estes casos, ilustraremos também com exemplos recolhidos em registros fichados não gravados.

Além disso, deve ser levada em conta a existência e convivência das duas variantes próprias a cada bairro. Ao analisamos seus principais aspectos fonéticos e lexicais, buscamos identificar quais são os níveis de convergência e divergência entre ambas para comprovar através de exemplos tratem-se realmente de duas variantes e não de dois dialetos distintos.

De certo modo, este estudo é comparativo porque confronta diferenças entre o trentino piracicabano e o trentino europeu. Também é de natureza descritiva e sincrônica, com análises do ponto de vista filológico, porque confronta as diferenças entre as variantes do trentino piracicabano e os resultados de sua relação de contato com o português brasileiro, com base em registros fichados não-gravados, nos moldes de um atlas linguístico.

2.3. SOBRE A GRAFIA DO DIALETO

Para a ortografia do dialeto trentino de Piracicaba, baseamo-nos na grafia utilizada pelos dicionários trentinos consultados neste estudo. São eles os de Vittore (1904), Groff (1955), Aneggi (1984), Prati (1960), Quaresima (1964), Tissot (1966), Azzolini (1974), Zorzi (1977), Bonisegna (1980), Franchini (1984), Guadagnini (1985), Bertoldi (2005), Grassi (2009) e Trentin (2011). Baseamo-nos também em livros escritos em dialeto trentino, de prosa e poesia dialetal (BOTTURA, 1986; DEBIASI, 2011) e na tradução dos evangelhos de Bassi (2001).

Além destes, contamos com o texto de Vitti (1977), intitulado *En contadin de Mean che s'ha fat bon brasilian* (“Um camponês de *Meano* que se tornou bom brasileiro”), escrito em dialeto trentino segundo a variante de S. O texto foi impresso para as festividades do centenário da imigração da família Vitti em 1977 e posteriormente publicado como apêndice no livro de Grosselli (1991), que tratou da imigração trentina no estado de São Paulo. O texto de Vitti apresenta a grafia de *ö* e *ü*, vogais presentes no trentino piracicabano, mas utiliza as consoantes duplas *ll* e *tt* em casos para os quais elas não ocorrem. Seu uso no texto se deu por questões estéticas e pela intenção do autor em utilizar uma grafia semelhante à do italiano¹⁸⁷, pois as geminadas não são características dos falares setentrionais italianos, e também não ocorrem no trentino piracicabano. Apesar disso, o texto é relevante como registro do falar da comunidade e de grande importância, quer pelo seu conteúdo histórico, quer pelas análises que possibilita.

¹⁸⁷ Tratou-se apenas de uma confusão no uso das geminadas, na intenção de utilizar uma escrita “italiana”. Algumas obras sobre o dialeto trentino também apresentam as consoantes duplas (GROFF, 1955), com a pretensa intenção de aproximar a escrita dialetal daquela florentina. Como afirmado anteriormente, o dialeto trentino e vários falares da Itália não apresentam tal característica (ROHLFS, 1952).

No que se refere propriamente à escrita, temos as vogais [a], [e], [i], [o] e [u] grafadas respectivamente como *a*, *e*, *i*, *o* e *u* e a acentuação se baseia na ortografia em voga para o dialeto trentino que, por sua vez, se fundamenta na ortografia do italiano.

Vale lembrar que os acentos são raros no italiano, mas se tornam necessários na grafia do trentino para auxiliar na pronúncia de vogais abertas e fechadas. Os fenômenos de aférese, apócope de vogais finais átonas, metátese, síncope e epêntese atuam diretamente na intensidade do trentino, que não corresponde àquela do italiano, de modo que o acento pode ocorrer em final da sílaba (*sgaùs* <oco, vão>), na penúltima sílaba (*véder* <ver>) e na antepenúltima (*vedèl* <bezerro>).

Por conta da variação existente na ocorrência do pronome clítico *ei* <eles> como [e] e [ej], optamos por grafar sempre *ei*, haja vista que não existe nenhuma regra fonética no interno do trentino piracicabano que impessa a ocorrência de [ej] em frases do tipo *lori ei parla* <eles falam>, *lori ei vede* <eles vêem>.

Como modelo ortográfico para a acentuação, baseamo-nos nos trabalhos de Tissot (1976) e Aneggi (1984), que acentuam todas as sílabas tônicas (*dì* <dia>; *perméter* <permitir>; *pèrs* <perdido>; *vàca* <vaca>; *nòssi* <nossos>; *pericolós* <perigoso>; *sgaùs* <vão>) e de Grassi (2009), que identifica com uso do acento as pronúncias abertas ou fechadas típicas do dialeto trentino (*bègn* <bem>; *bèch* <bico>; *béch* <bode>; *bechèr* <açougueiro>) e as sílabas tônicas em casos cuja falta de acentuação poderia comprometer a leitura (*bégál* <coruja>; *bedól* <bétula>). Esta última opção leva em conta a intensidade do trentino, mas se baseia também nas semelhanças de pronúncia existentes entre o trentino e o italiano.

Acreditamos que seja possível estabelecer um *equilíbrio* entre esses dois modelos ortográficos, acentuando apenas os casos cuja leitura e pronúncia poderiam ser comprometidas sem o auxílio da acentuação. Para essa opção, baseamo-nos em quatro premissas:

1. O dialeto trentino é praticamente de tradição ágrafa e são raros os textos antigos escritos em trentino. Estes, contudo, não apresentam acentuação em todas as palavras;
2. Entre os demais falares da Itália setentrional que possuem tradição gráfica como o vênето, não é costume acentuarem-se todas as palavras e essa regra se aplica a boa parte das línguas neolatinas, bem como à grafia de falares alpinos;

3. Existem entre as línguas neolatinas semelhanças significativas quanto ao padrão silábico e acentuação, de modo que a leitura da maioria das palavras do dialeto trentino não seria problemática e acentuação não deve ser a regra, mas um instrumento para identificar as exceções, ou seja, casos para os quais haja a necessidade de identificar a pronúncia como aberta ou fechada ou, ainda, quando uma sílaba tônica não acentuada pode ocasionar confusão quanto à leitura.
4. O uso excessivo de acentos dificulta a leitura.

Assim, a vogal anterior semi-aberta è [ɛ] e a vogal superior semi-aberta ò [ɔ] são sempre acentuadas, inclusive nos casos monossilábicos, como em *pè* <pé>, *bèch* <bico>, *òm* <homem> e *còl* <pescoço>. A vogal anterior semifechada *e* [e] e a vogal posterior semifechada *o* [o] não são acentuadas em contextos monossilábicos (*bech* <bode>; *sgionf* <farto>), mas somente quando relacionadas à intensidade típica do trentino, para os casos em que é necessário indicar a sílaba tônica (*méter* <colocar>; *medésim* <mesmo>; *stómech* <estômago>; *códema* <bule>; *cognósser* <conhecer>; *endó* <onde>). A regra de acentuação da sílaba tônica somente para os casos que podem comprometer a leitura também se aplica para as vogais [i] e [u] (*andìvia* <chicória>; *virtù* <virtude>; *sgaùs* <vão>), inclusive para os participípios passados (*patì* <padeceu>; *lezù* <leu>). A vogal [a] é acentuada nos casos em que se torna necessário identificar a sílaba tônica (*bacalà* <bacalhau>), no participípio passado e nos adjetivos participípios com valor de adjetivo (*parlà* <falou>; *bagnà* <molhado>). As vogais vogais anterior meio-fechada [ø] e anterior fechada [y] são grafadas respectivamente como *ö* e *ü*, assim como na grafia usual do trentino europeu e do dialeto lombardo.

A grafia da oclusiva velar surda nos casos [ka], [ke], [ki], [ko], [ku] se faz respectivamente como *ca*, *che*, *chi*, *co*, *cu*. A africada alveopalatal surda nos casos [tʃa], [tʃe], [tʃi], [tʃo], [tʃu] apresenta a grafia *cia*, *ce*, *ci*, *cio*, *ciu*. Os casos de final absoluto de [k] e [tʃ] são grafados respectivamente como *-ch* e *-c*.

A grafia da oclusiva velar sonora nos casos [ga], [ge], [gi], [go], [gu] se faz respectivamente como *ga*, *ghe*, *ghi*, *go*, *gu*, e da africada sonora nos casos [dʒa], [dʒe], [dʒi], [dʒo], [dʒu] como *gia*, *ge*, *gi*, *gio*, *giu*. Os casos de final absoluto de [g] e [dʒ] são grafados respectivamente como *-gh* e *-g*. A grafia da nasal palatar nos casos [ɲa], [ɲe],

[ɲi], [ɲo], [ɲu] se faz como *gna*, *gne*, *gni*, *gno*, *gnu*, e o final absoluto [ɲ] é grafado como *-gn*.

A sequência *s+c+e* e *s+c+i* não se realiza no trentino piracicabano do mesmo modo que no italiano *sce* [ʃe] e *sci* [ʃi], mas como *s-ce* [stʃe] e *s-ci* [stʃi]. Optamos por utilizar a grafia proposta por Tissot (1977), que também se usa no ladino e no vêneto.

Seguindo uma tendência da grafia do trentino europeu, utilizamos *z* para representar a fricativa alveolar sonora [z] ([zor'tiva] <fonte; nascente>), mas também para a fricativa alveolar surda [s]. A alternância [s] ~ [z] ocorre no trentino piracicabano na variante de **SO**, como no caso de *vaneza* <canteiro> que se realiza como [va'neza] (que prevalesce) e [va'nesa].

Registra-se apenas um caso com ocorrência da africada alveolar sonora [dz] na palavra *zùcher*, mas optamos por não utilizar nenhuma grafia específica.

Além disso, a variante de **SO** apresenta as fricativas [s] ou [z] em palavras cujas correspondentes na variante de **S** são realizadas com [tʃ] ou [dʒ] (**SO** *zo* ['zo] ~ **S** *gio* ['dʒo] <embaixo>; **SO** *zìgola* ['zo] ~ **S** *cìgola* ['tʃigola] <cebola>). Optamos por padronizar essa oposição, indicando sempre com *z* na variante de **SO**.

A fricativa [ʃ] não ocorre no trentino como o italiano (*pesce* ['peʃe] <peixe>) e o trentino piracicabano apresentar [s] para esses casos. Ela aparece apenas em empréstimos como na palavra *chá*, que optamos por grafar como *ša*, seguindo a grafia proposta em alguns dicionários trentinos para identificar a fricativa alvéolo-palatar surda [ʃ̥] que ocorre em alguns falares do trentino europeu.

O uso de consoantes duplas aparece apenas em *ss* [s], como em *massa* ['masa] <muito>, que se contrapõe ao *s* com valor sonoro de [z] como em ~ *casa* ['kaza] <casa>. A vibrante múltipla [r] não ocorre no trentino piracicabano a não ser em onomatopeias, como *raf* [raf], que faz referência ao som do capim sendo cortado pela foice. Portanto, para os casos grafados com *r* em qualquer posição entenda-se a realização da vibrante simples [r].

2.4. FONEMAS DO TRENTINO PIRACICABANO

Para as análises que seguem, baseamo-nos em estudos filológicos e dialetológicos dos falares alpinos e da Itália (ASCOLI, 1873; MEYER-LÜBKE, 1916; BATTISTI, 1929; TAGLIAVINI, 1944; ROHLFS, 1949; RIZZOLATTI, 1984), bem como no modelo proposto por Catford (1988) para a classificação das diversas possibilidades articulatórias do aparelho fonador, com base na análise dos contóides e vocóides.

O sistema fonológico do trentino piracicabano não apresenta diferenças em suas duas variantes e, desse modo, existe apenas um sistema fonológico que, por sua vez, corresponde ao do trentino europeu do Vale do Ádige. Entretanto, ocorrem no Brasil o acréscimo da oposição surda-sonora das fricativas pós-alveolares [ʃ] e [ʒ] em posição inicial, e a palatal lateral [ɭ] em alguns contextos.

Poderia não seria adequado considerar a oposição [ʃ] ~ [ʒ] como típica e característica do trentino piracicabano, uma vez que ela não ocorre em palavras trentinas, mas apenas nos empréstimos advindos do português brasileiro. Como se verá adiante, em alguns casos o trentino piracicabano apresenta as africadas [tʃ] [dʒ] para os casos que o português brasileiro apresenta as fricativas [ʃ] e [ʒ]; trata-se de um resultado da adaptação fonológica do trentino piracicabano que, na fala dos mais velhos (grupo **C**), “não reconhece” as fricativas pós-alveolares surda e sonora e realiza as palavras *chapa*, *jarra* e *jaca* respectivamente como [tʃapa], [dʒara] e [dʒaka]. No entanto, as fricativas também aparecem nas palavras *chapa*, *jarra* e *jaca* e ignorá-las - assim como não considerar a oposição [ʃ] ~ [ʒ] - não seria correto, uma vez que identificam-se casos de empréstimo de palavras do português brasileiro no trentino piracicabano que são realizadas com as fricativas pós-alveolares.

No que se refere à variação no uso da palatal lateral [ɭ] ~ [lj], trata-se também de uma característica dos falantes mais jovens, ou seja, do grupo **B**, que apresentam maior influência do sistema fonológico do português em sua fala.

Já os falantes mais velhos do grupo **C** e **B**, que aprenderam o dialeto trentino como primeira língua e o utilizam diariamente nas relações sociais, apresentam uma fala mais conservadora e semelhante à de um falante do trentino europeu.

Fonemas consonantais do trentino europeu			
p	t	tʃ	k
b	d	dʒ	g
f	s	ʃ	
v	z		
m	n	ɲ	
	l		
	ɾ		
	r		
	j		w

Fonemas consonantais do trentino piracicabano			
p	t	tʃ	k
b	d	dʒ	g
f	s	ʃ	
v	z	ʒ	
m	n	ɲ	
	l	ʎ	
	ɾ		
	r		
	j		w

Se levarmos em conta a fala desses descendentes mais velhos da primeira, segunda e terceira gerações de descendência, veremos que o sistema fonológico do trentino piracicabano é praticamente o mesmo do trentino europeu, com presença da vogal anterior meio-fechada *ö* [ø] em consonância com a vogal anterior fechada *ü* [y] que, atualmente no trentino europeu, ocorre em algumas áreas do Vale do Ádige e praticamente desapareceu das áreas originais dos imigrantes.

Fonemas vocálicos do trentino europeu (Vale do Ádige)	
i	y
e	ø
ɛ	ɔ
a	

Fonemas vocálicos do trentino piracicabano	
i	y
e	ø
ɛ	ɔ
a	

Do ponto de vista articulatorio, os contóides apresentam características de oposição e complementação, e classificam-se pelo modo de articulação, pela sonoridade

e pelas articulações secundárias. Já os vocóides são caracterizados pela passagem livre de ar, sem alguma obstrução e correspondendo às posições dos lábios e da língua.

Assim, para tratar dos contóides do trentino piracicabano e para ilustrar com exemplos as tabelas que seguem, levou-se em conta os três critérios básicos das oposições distintivas dos vocóides, ou seja, o ponto de articulação, o modo de articulação e o movimento das cordas vocais.

Consideramos relevante ilustrar a análise dos vocóides, levando-se em conta os fatores básicos¹⁸⁸ da distinção articulatória (maior ou menor abertura da boca, arredondamento dos lábios, posição da língua e do véu palatino), ilustrando-se com exemplos e pares para a análise fonológica. O mesmo procedimento é utilizado para tratar dos contóides, com exemplos em que seja possível identificar pares e casos de variação sonora livres ou condicionadas.

Tratamos inicialmente dos aspectos vocálicos para, em seguida, serem analisados os aspectos consonantais, sempre com base em exemplos. Torna-se difícil fazer uma análise realmente separada desses aspectos e é praticamente impossível não tratar do léxico enquanto se analisa determinado fenômeno de natureza vocálica ou consonantal. O que se procura fazer estabelecer uma sequência lógica e dividir em tópicos a análise dos principais aspectos.

Por último, trataremos dos aspectos lexicais propriamente ditos, por meio de análises de fenômenos *pantrentinos*, isto é, próprios ao dialeto trentino e que também aparecem na variante brasileira, além dos resultados advindos do contato com o português brasileiro e da aculturação linguística, que são exclusivos do trentino falado em Piracicaba e responsáveis pelo seu *status* de *trentino piracicabano*.

¹⁸⁸ A descrição dos vocóides em termos articulatórios constitui-se em um desafio porque não se identificam pontos de articulação muito precisos como pontos de referência, por causa de variações possíveis na combinação de fatores tais como a posição dos lábios e da língua, o grau de abertura da boca e o controle da mandíbula no momento da fala, combinados ao volume das caixas de ressonância e à intensidade. Essa variação torna a descrição mais difícil e daí a preocupação de por uma classificação mais adequada, conforme a proposta inicial de Chomsky & Halle (1968). Além disso, deve ser levado em consideração o nível supra-segmental, já que a prosódia é relevante nas línguas e perpassa vários segmentos ao longo da cadeia de sons. O dialeto trentino não é um falar tonal como o sueco ou o chinês, mas possui prosódia própria, que não pode ser considerada nem *vêneta*, nem *lombarda*.

2.4.1. ASPECTOS VOCÁLICOS

SEGMENTOS VOCÁLICOS DO TRENTINO PIRACICABANO

símbolo IPA	correspondente ortográfico	exemplos ortográficos	transcrição fonética	significado em português
[i]	i, ì	<i>ìsola</i> <i>live</i> <i>formiga</i> <i>ecolomia</i> <i>paù</i> <i>mati</i>	[ˈizola] [ˈlive] [forˈmiga] [ekoloˈmia] [paˈti] [ˈmati]	ilha ali formiga economia padeceu loucos
[y]	ü	<i>tüüt</i> <i>tüte</i> <i>capütèl</i> <i>segadüre</i> <i>benvegnü</i>	[ˈtyt] [ˈtyte] [kapyˈtɛɫ] [segaˈdyre] [benveˈɲy]	tudo; todo todas capelinha serragem bem-vindo
[e]	e, é	<i>el</i> <i>éncio</i> <i>leti</i> <i>méter</i> <i>cadena</i> <i>petégola</i> <i>perché</i> <i>fànghe</i>	[ˈeɫ] [ˈentʃo] [ˈleti] [ˈmeter] [kaˈdena] [peˈtegola] [perˈke] [ˈfange]	ele eixo camas, leitos colocar corrente vagaroso porque mistura
[ø]	ö	<i>öf</i> <i>fjöl</i> <i>növe</i> <i>remöver</i> <i>canaröla</i> <i>ancöi</i>	[ˈøf] [ˈfjøɫ] [ˈnøve] [reˈmøver] [kanaˈrøla] [aŋˈkøj]	ovo filho nove; novas remover colher de pau (polenta) hoje

[ɛ]	è e	<i>èco</i> <i>pèl</i> <i>bisèrdola</i> <i>pè</i> <i>capèl</i> <i>bel</i> <i>era</i>	['eko] ['pɛɫ] [bi'zɛrdola] ['pɛ] [ka'pɛɫ] ['bɛɫ] ['ɛra]	eis, isso pele lagartixa pé chapéu belo era
[a]	a, à	<i>af</i> <i>ca</i> <i>ànima</i> <i>abave</i> <i>austriàch</i> <i>magnà</i> <i>mata</i>	['af] ['ka] ['anima] [a'bave] [awstri'ak] [ma'ɲa] ['mata]	abelha casa alma desejo austríaco (tb. <i>austriàch</i>) comeu louca
[ɔ]	ò o	<i>òci</i> <i>ròsco</i> <i>madòscola!</i> <i>manaròti</i> <i>farò</i> <i>mort</i> <i>fort</i>	['ɔtʃi] ['ɔsko] [ma'dɔskola] [mana'ɔti] [fa'ɔ] ['mɔrt] ['fɔrt]	olhos sapo interjeição de admiração machados eu farei morto forte
[o]	o, ó	<i>om</i> <i>tondo</i> <i>róndola</i> <i>ricognóser</i> <i>profonda</i> <i>pegoron</i> <i>ónzer</i> <i>neó</i>	['om] ['tondo] ['rondola] [riko'ɲoser] [pro'fonda] [pego'ron] ['onzer] [ne'o]	homem, marido redondo andorinha reconhecer profunda carneiro untar, lubrificar (SO) neto; sobrinho

[u]	u, ù	<i>uf</i>	['uf]	demasiado, abundante
		<i>ùcia</i>	['utʃa]	unha
		<i>punto</i>	['punto]	ponto; alvo
		<i>discùter</i>	[dis'kuter]	discutir;
		<i>secur</i>	[se'kur]	seguro; seguramente
		<i>sgaùs</i>	[sga'us]	buraco; vão
		<i>sostenù</i>	[soste'nu]	sustentado

Uma vez que o fonema representa a menor unidade sonora (fonológica) capaz de estabelecer distinção de significado nas palavras e, mesmo apresentando certa variação fônica, não perde sua capacidade distintiva, acreditamos que uma análise fonêmica com base na oposição dos pares seja relevante para que se busquem semelhanças e diferenças que comprovem ser o trentino piracicabano um único dialeto trentino da Colônia Tirolesa de Piracicaba, independentemente da existência (e convivência) de duas variantes próprias a cada bairro.

Levamos em conta a fala dos indivíduos do grupo **C** e daqueles mais velhos do grupo **B**, identificando a oposição dos fonemas /o, ø/, /ɔ, ø/ e /i, y/ através do método de comutação de pares mínimos, caracterizando contraste em ambiente idêntico.

Como veremos adiante, mesmo havendo variação no uso de /o, ø/ e /i, y/ entre falantes do grupo **B** em certos contextos, identificam-se nos pares mínimos casos de alteração sistemática no significado com a ocorrência das vogais anterior meio-fechada [ø] e anterior fechada [y]. Assim, certas oposições só são possíveis de ser registrados na fala dos indivíduos dos grupos **C** e **B**, como *toi* ['toj] <teus> e *töi* ['tøj] <ei, você!>.

Alguns falantes mais jovens do grupo **B** praticamente não realizam [ø] e sua fala não apresenta a oposição entre os segmentos /o, ø/ em nenhuma posição silábica específica, de modo que, neste caso, podemos caracterizá-los como alofones.

Como afirmado anteriormente, buscamos analisar a fala dos indivíduos mais velhos, ou seja, aqueles que têm o dialeto trentino como primeira língua e utilizam-no em suas relações sociais do cotidiano, seja no ambiente doméstico com seus familiares ou nas conversas com demais moradores dos bairros da Colônia Tirolesa de Piracicaba. A análise dos pares se baseou na realidade linguística do grupo **C**, que apresenta características próprias do sistema fonológico trentino.

Oposição	Transcrição fonética e significado
/i/ : /y/	<i>siti</i> ['siti] <loais; lugares> <i>siiti</i> ['syti] <enxutos>
/i/ : /e/	<i>nif</i> ['nif] <ninho> <i>nef</i> ['nef] <neve>
/i/ : /ø/	<i>nif</i> ['nif] <ninho> <i>nöf</i> ['nøf] <novo>
/i/ : /ɛ/	<i>campanil</i> [kampa'niɫ] <campanário> <i>campanèl</i> [kampa'nɛɫ] <sino pequeno>
/i/ : /a/	<i>sina</i> ['sina] <trilho do trem> <i>sana</i> ['sana] <sã; saudável>
/i/ : /ɔ/	<i>ti</i> ['ti] <tu> <i>tò</i> ['tɔ] <o teu>
/i/ : /o/	<i>sin</i> ['sin] <até> <i>son</i> ['son] <sou>
/i/ : /u/	<i>si</i> ['si] <sim> <i>su</i> ['su] <acima>
/y/ : /e/	<i>züch</i> ['syk] <abóbora> <i>sech</i> ['sek] <seco>
/y/ : /ɔ/	<i>cül</i> ['kyɫ] <bunda; nádega; ânus> <i>còl</i> ['kɔɫ] <pescoço; gargalo>
/y/ : /a/	<i>siit</i> ['syt] <enxuto> <i>sat</i> ['sat] <satisfeito; farto> (S)
/e/ : /ø/	<i>per</i> ['per] <para> <i>pör</i> ['pøɾ] <pobre; coitado>
/e/ : /ɛ/	<i>bech</i> ['bek] <bode> <i>bèch</i> ['bɛk] <bico>
/e/ : /a/	<i>men</i> ['men] <menos> <i>man</i> ['man] <mão>

/e/ : /ɔ/	<i>net</i> ['net] <limpo> <i>nòt</i> ['nɔt] <noite>
/e/ : /o/	<i>set?</i> ['set] <és tu?> <i>sot</i> ['sot] <abaixo>
/e/ : /u/	<i>per</i> ['per] <para; por> <i>pur</i> ['pur] <apenas; somente>
/ø/ : /a/	<i>möl</i> ['møɫ] <mole> <i>mal</i> ['maɫ] <mal; dor>
/ø/ : /ɔ/	<i>söle</i> ['søle] <solas dos pés> <i>sòli</i> ['sɔli] <solos; terras>
/ø/ : /o/	<i>söla</i> ['søla] <sola dos pé> <i>sola</i> ['sola] <sozinha; só>
/ø/ : /u/	<i>öf</i> ['øf] <ovo> <i>uf</i> ['uf] <demasiado; abundantemente>
/ɛ/ : /ø/	<i>pèl</i> ['pɛɫ] <pele> <i>pöl</i> ['pøɫ] <ele pode>
/ɛ/ : /a/	<i>era</i> ['ɛra] <era> <i>àra!</i> ['ara] <veja!>
/ɛ/ : /ɔ/	<i>gnèch</i> ['ɲɛk] <mole> <i>gnòch</i> ['ɲɔk] <punho; soco>
/ɛ/ : /o/	<i>rèsti</i> ['rɛsti] <restos; fique> <i>rosti</i> ['rosti] <fritas; assas>
/ɛ/ : /u/	<i>pè</i> ['pɛ] <pé> <i>pu</i> ['pu] <mais>
/a/ : /ɔ/	<i>mat</i> ['mat] <louco> <i>mòt</i> ['mɔt] <modo; maneira>
/a/ : /o/	<i>can</i> ['kan] <cão> <i>con</i> ['kon] <com>

/a/ : /u/	<i>mata</i> ['mata] <louca> <i>muta</i> ['muta] <muda>
/ɔ/ : /o/	<i>becòt</i> [be'kɔt] <biquinho> <i>becót</i> [be'kot] <bode pequeno; bode jovem>
/ɔ/ : /u/	<i>còl</i> ['kɔɫ] <pescoço; gargalo> <i>cul</i> ['kuɫ] <nádegas; ânus; cauda>
/o/ : /u/	<i>so</i> ['so] <seu> <i>su</i> ['su] <acima>

Um traço marcante do trentino piracicabano é a preservação das vogais anterior meio-fechada *ö* [ø] e anterior fechada *ü* [y], que ocorrem principalmente entre os falantes mais velhos, exatamente como no trentino europeu. A vogal *ö* sucedeu ao antigo ditongo *uo* outrora difuso na área alpina como desenvolvimento de *ō* latino em sílaba aberta. Diferente desenvolvimento se deu no ladino dolomítico (*föcum* > gardenês *fuech*; fassano *fech*) e no italiano (*löcum* > *luogo*).

Groff (1955, p. 19) identifica as vogais *ö* [ø] e *ü* [y] como próprias do falar rural de Trento, mas que não ocorrem na variante da cidade, sendo ali realizadas respectivamente como *ò* [ɔ] e [u]. Tomasini (1960) afirma serem típicas dos falares do vale do Ádige, embora cada vez menos usadas na região e substituídas pelas formas da variante de prestígio da cidade de Trento.

No trentino piracicabano, vemos o desenvolvimento de *ö* [ø] em sílaba livre:

cörem > *cör* ['kør] <coração>

föcum > *föch* ['føk] <fogo>

fölium > *föia* ['føja] <folha>

föras > *föra* ['føra] <fora>

föris > *för* ['før] <fora>

jöcum > *giöch* ['dʒøk] <jogo> (S)

zöch ['zøk] <jogo> (SO)

löcum > *löch* ['løk] <lugar, local>

nöram > *nöra* ['nøra] <nora>

O trentino europeu de *Romagnano* e *Cortesano* apresenta as palavras respectivamente como *cor* ['kor], *foch* ['fok] ou *fòch* ['fɔk] (influenciado pela variante de Trento), *foia* ['foja], *fora* ['fora], *for* ['for], *zoch* ['zok] (*gioch* ['dʒok] em *Cortesano*) e *nora* ['nora]. A forma *loch* ['lok] é substituída por *post* ['post] <posto; lugar>, que também ocorre no trentino piracicabano e também é mais usada pelos falantes. As vogais *ö* [ø] e *ü* [y] ocorrem raramente nas áreas “rurais”, isto é, nos vilarejos em torno da cidade de Trento, sendo substituídas respectivamente por *ó* [o] e *u* [u].

A vogal anterior meio-fechada *ö* [ø] também ocorre no trentino piracicabano em outros contextos:

fīlium > *fīöl* ['fjøɫ] <filho>; plural *fīöi* ['fjøj]

fīliam > *fīöla* ['fjøla] <filha>; plural *fīöle* ['fjøle]

pauper > *pör* ['pør] ~ *pöro* ['pøro] <pobre; coitado; necessitado>

A redução do antigo ditongo *uo* > *ö* é provavelmente anterior ao século XII (BATTISTI 1906: 97), mas o trentino piracicabano apresenta o adjetivo *vöit* ['vøjt] ~ *svöit* ['vøjt] <vazio> (com forma feminina *svöida* ['svøjda] <vazia>) e o verbo *svöidar* [svøj'dar] <esvaziar>. A etimologia, apesar de várias teorias, ainda suscita dúvidas. Alguns falares vênéticos apresentam as formas *vódo* ['vodo] e *svodar* [svo'dar], o friulano *vuèid* [vu'ɛjt], o italiano padrão *vuoto* <vazio>. A forma *voito* aparece em textos medievais da Itália e no provençal temos *voit* e *vuei*.

Caso semelhante no verbo *möver* ['møver] <mover>, também na forma reflexiva *möverse* [mø'verse], em que a vogal *ö* [ø] ocorre nas formas verbais do subjuntivo (*che 'l no se möva* ['keɫ no se 'møva] <que ele não se mova>), mas não aparece nos dois participípios passados *movest* [mo'vest] e *movù* [mo'vu].

O trentino piracicabano conservou traço do antigo ditongo que muito provavelmente se deu em época medieval. Por sua vez, o trentino europeu de *Romagnano* apresenta as formas *voit* ['vojt] ~ *svoit* ['svojt] (cuja forma feminina é *svoida* ['svojda]) e *svoidar* [svoj'dar] <esvaziar>. Em *Cortesano*, encontramos as formas acima, que variam com *svöit* e *svöida*, assim como em *Val di Cembra* (ANEGGI, 1984). Entre os falantes mais novos do trentino piracicabano, a vogal *ö* ocorre frequentemente

como [o] em **SO** e como [o] ou [ɔ] em **S**, seguindo uma tendência muito semelhante à do trentino europeu. Em ambos os casos parece ser o resultado da influência do contato: no Brasil, com o português e, na Itália, com o italiano, haja vista que a fonologia de ambas as línguas não reconhecem as vogais *ö* e *ü*.

Falantes Grupo C de SO e S	Falantes Grupo B de SO	Falantes Grupo B de S	Português
<i>cör</i> ['kør]	['kør] ~ ['kor]	['kor]	coração
<i>föch</i> ['føk]	['føk] ~ ['fok]	['fok]	fogo
<i>föia</i> ['føja]	['føja] ~ ['foja]	['foja]	folha
<i>föra</i> ['føra]	['fora]	['fora]	fora
<i>nöra</i> ['nøra]	['nora]	['nora] ~ ['nɔra]	nora
<i>zöch</i> ['zøk] (SO)	['zok]	-	jogo
<i>giöch</i> ['dʒøk] (S)	-	['dʒok]	jogo
<i>zuciöl</i> [su'tʃøɫ] (SO)	[su'tʃoɫ]	-	chupeta
<i>ciuciöl</i> [tʃu'tʃøɫ] (S e SO)	[tʃu'tʃoɫ]	[tʃu'tʃoɫ]	chupeta

Do ponto de vista filológico, os êxitos de *ö* (aberto do latim vulgar) prevaleceram nos falares trentinos como vogal posterior meio-aberta *ò* [ɔ] em alguns contextos, como antes de consoante nasal (*dömina* > *dòna* ['dɔna] <mulher; senhora>; *hömo* > *òm* ['ɔm] <homem>; *sönat* > *sòna* ['sɔna] <soa>) e em sílaba fechada (*dörmit* > *dòrm* ['dɔrm] <dorme>; *mörtum* > *mòrt* ['mɔrt] <morto; morte>).

O trentino piracicabano compartilha na maioria dos casos os êxitos de *ö* latino como vogal posterior meio-aberta, mas não segue totalmente essa tendência, ocorrendo metafoia com a vogal posterior meio-fechada *o* [o] em alguns casos:

bönum > *bòn* ['bɔn] ~ *bon* ['bon] <bom>; plural *bòni* ['bɔni]

mörtum > *mort* ['mort] <morto>; plural *mòrti* ['mɔrti] <mortos>

hömo > *òm* ['ɔm] ~ *om* ['om] <homem>; plural *òmeni* ['ɔmeni]

pörcum > *porch* ['pork] ~ *porco* ['porko] ~ *pòrco* ['pɔrko]; plural *pòrchi* ['pɔrki]

Também entre as formas do gênero feminino prevalecem os êxitos de [ɔ], mas no trentino piracicabano registramos casos de metafonía em alguns contextos:

bõna > *bòna* ['bɔna] <boa>

mõrtem > *mòrt* ['mɔrt] <morte>

põrca > *pòrca* ['pɔrka]; plural *pòrche* ['pɔrke]

dõrmit > *dòrm* ['dɔrm] <dorme>

mòrta ['mɔrta] <morta> ~ *morta* ['morta]; plural *mòrte* ['mɔrte] <mortas>

dõmina > *dòna* ['dɔna] <mulher; senhora>, porém *doneta* [do'neta] <mulherzinha>

Não registramos no trentino europeu as formas *bón*, *óm* e *sòta*, porém ocorre *pòrch* além de *pòrco*, *pórco*. A forma feminina *pòrca* é de uso frequente nas expressões típicas do setentrional italiano como *pòrca bèstia*, *pòrca misèria*, *pòrco zio* etc, que também ocorrem no trentino piracicabano.

A variante dialetal de **SO** alterna as formas *òm* ['ɔm] (mais frequente) e *om* ['om], mas *om* aparece geralmente quando a palavra anterior apresenta vogal fechada:

el me om ['eɫ me'om] ~ ['eɫ me'ɔm] ~ ['eɫ mɛ'ɔm] <meu marido>

el to om ['eɫ to'om] ~ ['eɫ to'ɔm] <teu marido>

el so om ['eɫ so'om] ~ ['eɫ so'ɔm] <seu marido>

sto om ['sto 'om] ~ ['sto'ɔm] <este homem>

quel òm [kwɛɫ 'ɔm] <aquele homem>

en òm vècio [en 'ɔm 'vɛtʃo] <um homem velho>

Na variante de **S**, a forma *òm* ['ɔm] ocorre em qualquer situação e não registramos variação com a vogal posterior meio-fechada *o* [o].

Caso semelhante é o da palavra *bon* <bom>, que na variante de **S** ocorre quase que exclusivamente como ['bɔn] e na variante de **SO** como ['bɔn] ou ['bon] em alguns contextos e somente como ['bɔn] em outros:

bòn di [bɔn 'di] ~ *bon di* [bon 'di] <bom dia>

bòn an [bɔn 'an] ~ *bon an* [bon 'an] <feliz ano novo>

A forma feminina ocorre sempre com a vogal posterior meio-aberta ò [ɔ]:

bòna domenega ['bɔna do'menega] <bom domingo>

bòna sera ['bɔna 'sera] ~ *bona sera* ['bɔna 'sera] <boa tarde; boa noite ao chegar>

bòna nòt ['bɔna 'nɔt] <boa noite ao partir>

Registra-se a vogal posterior meio-fechada [o] na palavra *bonaman* [bona'man] <boa mão>, que identifica o costume de se presentear as crianças no primeiro dia do ano com doces ou dinheiro. O uso da expressão *ciapar bonaman* <begar boa mão> caiu praticamente em desuso entre os descendentes mais jovens e foi substituído pela brasileira “bom princípio”¹⁸⁹.

De etimologia diversa, mas apresentando o mesmo tipo de variação, temos a forma feminina de *sūbtus* > *sot* ['sot] <embaixo>, que pode ocorrer como *sota* ['sota] ou *sòta* ['sɔta]:

sòta la ca ['sɔta la'ka] <embaixo da casa>

sota l'aqua ['sota 'lakwa] <às escondidas>

O desenvolvimento de *ō* (aberto do latim vulgar) no ditongo *ou*, ocorrido em época medieval, resultou também em *ü* em alguns falares alpinos e galo-italícos, ocorrendo no trentino piracicabano a palavra *tüit*, com suas derivações:

tōtus > *tüt* ['tyt] <tudo; inteiro>

tüta ['tyt] <toda>

tüti ['tyti] <todos>

tüte ['tyt] <todas>

dapertüt [daper'tyt] <em toda parte; por tudo>

¹⁸⁹ O costume se preserva em ambos os bairros com as crianças que, logo pela manhã do primeiro dia do ano, saem pelas ruas de seus respectivos bairros, visitando as casas pedindo doces gritando “bom princípio” com entonação muito particular que prolonga-se nas duas palavras (algo como ['bo:m prin:'sipjo]). Os falantes do grupo **C** se recordam de seu uso na expressão *Bon an, bon di, la vossa bona man a mi!* (“feliz ano novo, bom dia, vossa boa mão para mim!”), mas vários falantes do grupo **B** já utilizaram durante a infância a expressão brasileira. Acreditamos que o êxito da forma brasileira esteja no fato de a palavra *princípio* ser realizada no português de forma semelhante ao dialeto trentino *prinzipio* [prin'sipjo] e pelo fato de “boa mão” ter perdido seu sentido original entre os falantes do português.

Em S, ocorre variação inclusive na fala dos mais velhos:

tüt ['tyt] ~ *tut* ['tut] ~ ['tu:] <todos>

dapertüt [daper'tyt] ~ *dapertut* [daper'tut]

Já o desenvolvimento de *ū* latina na vogal anterior fechada *ü* [y] ocorre no trentino piracicabano em qualquer posição:

cūnam > *ciina* ['kyna] <berço>

lūmem > *lüm* ['lym] <luz; claridade; lamparina>

matūrum > *madiir* [ma'dyr] <maduro>

plūma > *piüma* ['pjuma] <pluma, pena>

sternūtum > *straniüdo* [stra'nydo] <espirro> porém *stranudar* [stranu'dar] <espirrar>

No trentino europeu, as palavras ocorrem respectivamente como *cuna* ['kuna], *lum* ['lum], *madur* [ma'dur], *piuma* ['pjuma], *stranudo* [stra'nudo], *tut* ['tut] ou *tüt* ['tyt]. Apenas no último caso registramos a ocorrência da vogal anterior fechada *ü*, sempre na fala de pessoas mais velhas, e que se alterna frequentemente com *u*.

Todavia, o trentino piracicabano também apresenta variação do uso de *u* e *ü* mesmo entre falantes mais velhos:

plūma > *piüma* ['pjyma] ~ *piuma* ['pjuma] ~ *puma* ['puma] <pluma, pena>

salūtem > *salüte* [sa'lyde] ~ *salute* [sa'lute] <saúde>

sepultūra > *sepoltiūra* [sepoɫ'tyra] ~ *sepoltiūra* [sepoɫ'tura] <sepultura>

portūghes [porty'ges] ~ *portughes* [portu'ges] <português>

A vogal anterior fechada *ü* [y] também ocorre no trentino piracicabano em outros contextos, assim como no dialeto lombardo:

capitēllum > *capütèl* [kapy'tɛɫ] <capelinha>

**cocutiam* > *züch* ['syk] <abóbora; cabeça>¹⁹⁰

¹⁹⁰ De etimologia incerta, a palavra *zucca* provavelmente se originou de *cocuzza* (“abóbora”), que nos falares meridionais da Itália ocorre como *cocuzza* ou *cucuzza*, e os falares setentrionais apresentam

Outro caso é do plural masculino do adjetivo *stufo*¹⁹¹ <entediado; cansado>, do verbo *stufar* <cansar; entediar> (de provável etimologia do latim vulgar), que apresenta variação nas formas *stufadi* [stu'fadi], mais usada, e *stüfadi* [sty'fadi].

A variação entre as vogais anteriores fechadas não-arredondada *u* [u] e arredondada *ü* [y] no trentino piracicabano é semelhante àquela do contexto de *ö*, mas na palavra *capitèl* ocorre variação entre *ü* [y] e *i* [i]:

Falantes Grupo C de SO e S	Falantes Grupo B de SO	Falantes Grupo B de S	Português
<i>süit</i> ['syɪ]	['syɪ] ~ ['sut]	['sut]	enxuto
<i>tüit</i> ['tyɪ]	['tyɪ] ~ ['tut]	['tyɪ] ~ ['tut]	todo; tudo
<i>tüiti</i> ['tyɪi]	['tyɪi] ~ ['tuti]	['tyɪi] ~ ['tuti]	todos
<i>tüite</i> ['tyeɪ]	['tyeɪ] ~ ['tute]	['tyeɪ] ~ ['tute]	todas
<i>früt</i> ['fryɪ]	['frut]	['frut]	fruto
<i>capütèl</i> [kapy'tɛɪ]	[kapy'tɛɪ] ~ [kapi'tɛɪ]	[kapi'tɛɪ]	capelinha

Os êxitos de *ü* se encontram em palavras que não apresentam variação, ocorrendo no trentino piracicabano sempre com a vogal anterior fechada não-arredondada *u* [u]:

dūrum > *dur* ['dur] <duro; rígido>

fūmum > *fum* ['fum] <fumaça>

jūrāre > *giurar* [dʒu'rar] <jurar>

lūnam > *luna* ['luna] <lua>

pūlīcem > *pules* ['pules] <pulga>

sūdorem > *sudor* [su'dor] <suor>

Notamos que as vogais *ö* [ø] e *ü* [y] aparecem com mais frequência entre falantes mais novos de **SO** do que entre aqueles de **S**, que geralmente as realizam como

variações da forma *zuca* (também *süca*, *such*, *süch*, *züch*). O *Dizionario etimologico della lingua italiana* de Pianigiani (1907) e o atual dicionário italiano Zingarelli propõem a seguinte evolução: **cocutiam* > *cozzuca* (significando “cabeça”) > *cozucca* > *zuca*.

¹⁹¹ A palavra *stufo* também ocorre no italiano com sentido de aquecer e entediar e provavelmente deriva do latim vulgar **ex-tufare* (PIANIGIANI, 1907).

[o], [ɔ] e [u]. Em **S**, as vogais *ö* e *ü* ocorrem sobretudo entre os falantes do grupo **C** e praticamente inexistem entre aqueles do grupo **B**, que as realizam como [o] ou [ɔ] e [u]. Essa tendência se reforça pelo fato de a variante de **S** apresentar variação entre [ø] e [ɔ], em casos que variante de **SO** (como é falada pelos mais velhos) apresenta [ø]:

Falantes Grupo C de SO	Falantes Grupo C de S	Português
<i>fazöl</i> [fa'zøʔ]	<i>fagiol</i> [fa'dʒoʔ]	feijão
<i>vöia</i> ['vøja]	['vøja] ~ ['voja]	vontade; desejo
<i>sorzaröla</i> [sorza'røla]	[sordʒa'røla] ~ [sordʒa'rola]	ratoeira

Outro motivo pelo qual o trentino europeu na região de Trento raramente realiza as vogais *ö* e *ü* também se dá por conta do preconceito linguístico; as vogais são evitadas pelas variantes urbanas (de prestígio) desde o século XIX e receberam um juízo negativo por denotarem uma fala rústica, própria do contexto rural (GROFF, 1955). Rizzolatti (1984, p. 21) afirma que a perda das vogais *ö* e *ü* no trentino europeu se deu muito mais rapidamente entre as mulheres por conta do desprestígio e do desejo de emancipação social. No caso do trentino piracicabano, o motivo da diminuição no uso das vogais não é de ordem social, mas linguística: os falantes mais novos do grupo **B** não realizam sempre as vogais porque aprenderam o dialeto no convívio com os mais velhos, mas já utilizavam o português na escola e passaram a utilizá-lo na vida social. A perda das vogais está relacionada à influência do português no trentino piracicabano.

De modo semelhante aos êxitos de *ö*, os falares trentinos centrais apresentam os êxitos de *ě* (aberto do latim vulgar) na vogal anterior meio-aberta *è* [ɛ] em alguns contextos, traço presente no trentino piracicabano:

běllum > *bèl* ['bɛʔ] <belo>

fěrrum > *fèr* ['fɛr] <ferro>

liběllam > *livella* (latim vulgar) > *livèl* [li'vɛʔ] <nível; limite>

marcūlus ~ *martūlus* > *martěllum* (latim vulgar) > *martèl* [mar'tɛʔ] <martelo>

nucěllam > *nosèla* [no'zɛla] <tornozelo>

vitěllum > *vedèl* [ve'dɛʔ] <bezerro> porém *vedelòt* [vede'lɔt] <bezerro recém-nascido>

Contudo, o trentino piracicabano também apresenta variação com uso da vogal anterior meio-fechada [e] em alguns casos:

bèn ['bɛn] ~ *ben* ['ben] <bem>

mèz ['mɛz] ~ *mez* ['mez] ~ ['mes] <meio>

mèza ['mɛza] ~ *meza* ['meza] <meia>

Porém, sempre:

ancabèn [aŋka'bɛn] <se bem que; não obstante>

dabèn [da'bɛn] <honesto; virtuoso>

Não foi possível comprovar se a variação já existia no dialeto falado pelos imigrantes ou se se trata de uma característica própria do trentino piracicabano, advinda do contato com o português. Falantes mais velhos utilizam ambas, inclusive aqueles do grupo C. No trentino europeu atual não ocorre a variação, mas prevalecem os êxitos de *ě* na vogal anterior meio-aberta *è* [ɛ], assim como na variante de Trento.

A palavra *nosèla* [no'zɛla] <tornozelo; pequena noz> encontra variação na forma *noseta* [no'zeta] <tornozelo>, e o sufixo *-eta* marca o diminutivo, assim como *-èla*.

Outra evolução de *ě* na área alpina resultou no ditongo *ie*, que já na Idade Média fechou-se sucessivamente em *é* [e] por influência da semivogal [j]. Segundo BATTISTI (1906: 97), a redução do antigo ditongo *ie* > *é* é muito antiga nos falares alpinos, assim como de *uo* > *ö*, e provavelmente anterior ao século XII.

Encontramos no trentino piracicabano a ocorrência da vogal anterior meio-fechada *e* [e] em evoluções de sílaba aberta:

měle > *mel* ['mɛɭ] <mel¹⁹²>

sěcatum > **sěcat* > *séga* ['sɛga] <serrote>

Na região trentina, a vogal anterior meio-fechada *é* [e] (fechada do latim vulgar) é um desenvolvimento da vogal breve *ĩ* e da vogal longa *ē* do latim clássico. Rizzolatti (1984, p. 22) afirma que sua presença não pode ser considerada um fato de direta

¹⁹² A variação entre as formas *mel* e *miel* aparece no talian do Rio Grande do Sul, que conserva traços do antigo ditongo presente em falares vênets, como em *intiero* <inteiro> e *maniera* <maneira> (LUZZATTO, 2002).

continuação do sistema fonético do latim vulgar nos casos em que a vocal ocorre em sílaba fechada, pois os êxitos em sílaba aberta pressupõem a redução do antigo ditongo *ei* > *é* que se difundia em boa parte da região alpina. São pouquíssimas as evidências e resquícios do antigo ditongo nos falares trentinos centrais e ocidentais, apesar da alta frequência no ladino. No entanto, a histórica toponímia alemã na região trentina atesta o desenvolvimento medieval do sufixo *etum* > *ait*, como em *Rovereto* (lat. *Robūretum*; al. *Rofrait* ou *Rofreit* e *Rovereit* na cartografia imperial austríaca) ou, pelo menos, a ditungação de *ē* > *ai* em topônimos como *Aldeno* (al. *Aldein*), *Trambileno* (al. *Trumbelais*), *Val di Leno* (al. *Leimtal*). O antigo ditongo *Folgaria* tem, entretanto, sua correspondente alemã como *Vielgereuth* (*Folgerait* em cimbro). O ditongo ocorre nos falares romanches, naqueles ladinos do Maciço do Sella e de *Val di Non*, no trentino de *Val di Ledro* e em alguns falares lombardos da região de *Brescia* (*Malcesine* e *Lumezzane*), indicando que sua área de expansão foi outrora muito maior.

Não identificamos no trentino piracicabano nenhum traço conservador do antigo ditongo, mas a vogal anterior meio-fechada *é* [e] ocorre nos mesmos contextos do trentino europeu, em qualquer posição:

fēmīnam > *fémena* ['femena] ~ ['femina] <mulher; fêmea>

pīlum > *pel* ['peɫ] <pelo>

pīscem > *pes* ['pes] <peixe>

tēlam > *tela* ['tela] <nata do leite; membrana>

De modo semelhante, a vogal posterior meio-fechada *ó* [o] (fechada do latim vulgar) é um desenvolvimento das vogais breve *ŭ* e longa *ō* do latim clássico e, assim como os casos da vogal *é* [e] em sílaba fechada, não se trata de direta continuação do latim vulgar, haja vista a redução do antigo ditongo *ou* [ow], ainda presente no ladino anaune (*Val di Non*). No trentino piracicabano, a vogal posterior meio-fechada *ó* [o] ocorre nos mesmos contextos do trentino europeu:

corōna > *corona* [ko'rona] <coroa; rosário>

hōra > *ora* ['ora] <hora>

spōsum > *spos* ['spos] <esposo>

vŭlpem > *volp* ['voɫp] <raposa>

No que tange à realização das vogais médias anterior [e] e posterior [o], o trentino piracicabano apresenta um fato que o distingue do trentino europeu e, provavelmente, trata-se da conservação de uma pronúncia mais arcaica. Enquanto o trentino piracicabano realiza as vogais geralmente como fechadas, o trentino europeu (da cidade de Trento e arredores) as realiza geralmente como abertas [ɛ] e [ɔ].

Em seu *Profilo linguistico della regione tridentina* (“Perfil linguístico da região tridentina”), Giulio Tomasini (1960, p. 88) estabeleceu uma linha imaginária que passa pela localidade de *Calliano* (al. *Roszbach, Kallian*), no vale do Ádige, e “divide” a pronúncia das vogais entre os falares do vale: ao norte da cidade, a realização é geralmente aberta e, ao sul, a realização é geralmente fechada.

Calliano localiza-se ao sul de *Mattarello* e de Trento, próxima a *Aldeno* e *Romagnano*. Apesar de o trentino piracicabano apresentar características de falares de localidades ao norte da linha imaginária, é mais frequente a realização das vogais fechadas.

Entre os falantes do grupo **C**, a variante dialetal de **S** realiza as vogais como [e] ~ [ɛ] e [ø] ~ [o] nos casos que a variante de **SO** só realiza as como [e] e [ø].

Grupo C Santa Olímpia	Grupo C Santana	Trentino Europeu (Trento e arredores)	Português
<i>cavéi</i> [ka'vej]	<i>cavèi</i> [ka'vej]	<i>cavèi</i> [ka'vej]	cabelos
<i>mèz</i> ['mɛz] <i>mez</i> ['mez]	<i>mèz</i> ['mɛz] <i>mez</i> ['mez]	<i>mèz</i> ['mɛz]	meio
<i>gnent</i> ['ɲent] <i>gnènt</i> ['ɲent]	<i>gnènt</i> ['ɲent] <i>gnènt</i> ['ɲent]	<i>gnènt</i> ['ɲent]	nada
<i>sei</i> ['sej]	<i>sei</i> ['sej]	<i>sèi</i> ['sɛj]	seis
<i>trei</i> ['trej]	<i>trei</i> ['trej]	<i>trei</i> ['trej] <i>trè</i> ['trɛ]	três
<i>pavela</i> [pa'vela]	<i>pavela</i> [pa'vela]	<i>pavèla</i> [pa'vela] <i>pavèl</i> [pa'veɫ]	borboleta
<i>cioma</i> ['tʃoma] <i>ciòma</i> ['tʃɔma]	<i>ciòma</i> ['tʃɔma] <i>cioma</i> ['tʃoma]	<i>ciòma</i> ['tʃɔma]	tufo, punhado

<i>stort</i> ['stort]	<i>stort</i> ['stort] <i>stort</i> ['stɔrt]	<i>stòrt</i> ['stɔrt]	torto
<i>növe</i> ['nøve]	<i>növe</i> ['nøve]	<i>nòve</i> ['nɔve]	nove
<i>fazöl</i> [fa'zɔt]	<i>fagiol</i> [fa'dʒɔt]	<i>fagiol</i> [fa'dʒɔt]	feijão
<i>öf</i> ['ɔf]	<i>öf</i> ['ɔf]	<i>of</i> ['ɔf] <i>ovo</i> ['ovo]	ovo
<i>övi</i> ['øvi]	<i>övi</i> ['øvi]	<i>ovi</i> ['ovi], <i>òvi</i> ['ɔvi]	ovos
<i>vöia</i> ['vøja]	<i>vöia</i> ['vøja] <i>voia</i> ['voja]	<i>voia</i> ['voja] <i>vòia</i> ['ɔja]	vontade; desejo

Os falantes do trentino piracicabano notam essa diferença e aqueles de **SO** costumam dizer que a fala de **S** é “mais aberta” e aquele de **S** dizem que a fala do bairro vizinho é “mais fechada”. Em certos casos, as vogais na variante de **S** ocorrem como no trentino europeu, mas vale lembrar que *Cortesano*, *Meano* e *Vigo Meano* ficam ao norte de Trento, próximas da região de *Val di Cembra*. Apesar disso, a variante de **S** realiza na maioria dos casos as vogais [e], [ø] e [o] como a variante de **SO**.

Também Bonatti (1974, p. 67) registra a realização de [e] e [o] no dialeto trentino da localidade de Pomeranos, na cidade catarinense de Rio dos Cedros, fundada em 1875 por imigrantes saídos sobretudo de *Matarello*, no Vale do Ádige¹⁹³. Assim como em Piracicaba, a maior ocorrência das vogais fechadas em Pomeranos parece estar relacionada à conservação de traços fonéticos do século XIX, portanto antes das mudanças ocorridas no trentino europeu do Vale do Ádige no decorrer do século XX.

Groff (1955) e Tomasini (1960) relacionam a mudança nos falares rurais à influência da variante de prestígio de Trento, que não realiza as vogais [y] e [ø], que se reforçou na migração de trabalhadores vindos de outras localidades trentinas ou de outras províncias italianas para residir em Trento e nos distritos ao redor da cidade. Essa realidade também contribui no processo de “venetização” do trentino (TOMASINI, 1960).

Registramos essa variação no trentino piracicabano, atentando para o fato de o mesmo fenômeno ocorrer no trentino europeu. Contudo, a proposta deste estudo não contempla uma análise comparativa sobre a realização das vogais no trentino

¹⁹³ Entre as famílias que fundaram a cidade, havia também imigrantes de *Meano* (Cristofolletti) e *Albiano*.

piracicabano e no trentino europeu, nem sobre as mudanças ocorridas no trentino europeu desde o século XIX até os dias atuais.

Registramos ainda entre os falantes do grupo C um caso de abaixamento da vogal tônica [u] para [ø] na palavra *cassöla* [ka'søla] <caçula>. Trata-se de um empréstimo advindo do português brasileiro e de provável origem angolana, do quimbundo *kassole*, em que o prefixo *ca-* significa “pequeno” e *-çula* significa “menor” ou “mais novo”, assim como na palavra *camundongo*, na qual *mundongo* significa “rato”, portanto “rato pequeno” (ALKMIM & PETTER, 2008). No entanto, a palavra é utilizada por todos os falantes para se referir ao filho mais novo e não se registra nenhuma outra palavra com o mesmo sentido.

O trentino piracicabano também apresenta a palavra *cazöla*¹⁹⁴ [ka'søla] <colher de pedreiro>, em concordância com a palavra italiana *cazzuola*. No trentino europeu, registra-se a ocorrência da vogal anterior meio-fechada [ø] no dialeto de *Val di Cembra*, mas na cidade de Trento ocorre como *cazöl* [ka'sɔl], significando a colher de pedreiro, a careta ou o esgar típicos das crianças pequenas quando estão prestes a chorar e a concha de madeira ou metal usada para servir sopas. Para este último, o trentino piracicabano apresenta a palavra *cazöl* [ka'søɫ] <concha>.

Não se registra no trentino piracicabano qualquer relação das palavras *cazöl* e *cazöla* ao esgar característico das crianças pequenas, embora não se descarte uma possibilidade de o sentido ter caído em desuso, mas ter influenciado o empréstimo. Todavia, ainda que não seja possível comprovar essa hipótese, no que se refere ao abaixamento da vogal tônica [u], acreditamos que esteja relacionado ao contexto fonológico de /o/ e /ø/ + /l/ do trentino piracicabano, tendo em vista que outras palavras ocorrem com a vogal anterior meio-fechada [ø] após /s/ e antes de /l/ em posição tônica:

cazöl [ka'søɫ] <concha de sopa>

cazöla [ka'søla] <colher de pedreiro>

camisöla [kami'zøla] <camisola>

söla ['søɫa] <sola do pé>

¹⁹⁴ Utilizamos *ss* para diferenciar a escrita, com base na relação das grafias do trentino e do italiano, onde a palavra é *cazzuola*, com *zz* [ts] (som praticamente inexistente no dialeto trentino), e no francês, a colher de pedreiro é *cassole*.

Além disso, provavelmente o sufixo *-öl* (feminino *-öla*), presente em algumas palavras, também reforçou o abaixamento da vogal tônica.

canaröl [kana'røʔ] <colher de pau>

canaröla [kana'røla] <colher de pau grande, própria para mexer a polenta>

grataröl [grata'røʔ] ~ *grataröla* [grata'røla] <ralador>

scaiaröl [skaja'røʔ] <plana de madeira>

sorgiaröla [sordʒa'røla] <ratoeira> (**S**)

sorzaröla [sorza'røla] <ratoeira> (**SO**)

tremaröla [trema'røla] <tremedeira>

No trentino piracicabano ocorre apenas um caso da vogal tônica [u] antes de *-l* ou *-lo* em posição final na palavra *bulo* ['bulo] <luxo; ostentação>, muito utilizada na comunidade, e que entre alguns falantes mais velhos do grupo **C** ocorre também como *bül* ['byʔ] e *bülo* ['bylo].

Registramos outros casos de ocorrência da vogal anterior fechada *ü* [y] antes de /l/ em posição tônica ou pretônica:

büllasso [by'laso] <exagerado; luxuoso; exibido>

cül ['kyʔ] <ânus; nádega; cauda>

strupacül [strypa'kyʔ] <fruto da *Rosa canina*>

Registramos também a ocorrência de [y] na palavra *portüghes* [porty'ges] <português> entre os falantes do grupo **C** e entre os mais velhos do grupo **B**. Quando esses indivíduos querem se referir ao idioma, geralmente utilizam a expressão *parlar en brasileiro* [par'lar en brazi'lero] <falar em 'brasileiro'>. Registramos a realização da vogal anterior fechada *ü* [y] na palavra inclusive entre indivíduos mais escolarizados.

Registramos também o caso da palavra *rural*, que existe no dialeto trentino e ocorre no trentino piracicabano com a vogal posterior fechada [u], assim como no português. Todavia, alguns indivíduos do grupo **B** a realizam também com a vogal anterior fechada [y], inclusive quando se comunicam em português. Percebemos que [y] aparece quando precedida por [r], ocorrendo como *riiral* ['ryraʔ].

2.4.1.1. APÓCOPE DAS VOGAIS FINAIS

Um metaplasmo típico do dialeto trentino é a apócope das vogais átonas finais *-e*, *-i*, *-o* e *-u*. Com exceção de *-a*, que marca o gênero da maioria dos substantivos femininos, o particípio passado de vários verbos e adjetivos participípios (masculino singular), o trentino apresenta apócope de vogais finais átonas na maioria dos substantivos e adjetivos masculinos, em advérbios, em desinências verbais do infinitivo, do indicativo e do conjuntivo e em alguns participípios passados irregulares.

Não se trata, contudo, de um fenômeno exclusivamente trentino. A apócope de vogais finais átonas ocorre também nos falares ladinos, romanches, friulanos, galo-italícos (principalmente no lombardo) e vênéticos (de tipo alpino), sendo, portanto, uma característica dos falares neolatinos alpinos e do setentrional italiano (D'OVIDIO, 1932; ROHLFS, 1954; FROSI & MIORANZA, 1983; DEVOTO, 1991).

Em alguns casos, a conservação da vogal final é aparente, pois se trata de uma consequência da vocalização da consoante labial pos-vocálica no final da palavra ou da palatalização da consoante velar intervocálica:

něpos > *neó* [ne'o] <neto; sobrinho>

ōcūlus > *òcio* ['tʃo] <olho>

spěcūlum > *spégio* ['spedʒo] <espelho>

O trentino piracicabano apresenta apócope das vogais finais *-e*, *-i*, *-o* e *-u* na grande maioria dos substantivos masculinos singulares e adjetivos masculinos singulares, bem como das vogais finais *-e* e *-o* em alguns substantivos femininos. A conservação da vogal final *-a* nos substantivos e adjetivos femininos singulares se dá exatamente como no trentino europeu.

falòp [fa'lɔp] <casulo duplo do bicho-da-seda>

piomb ['pjomb] <chumbo>

lat ['lat] <leite>

acòrd [a'kɔrd] <acordo>

cartòc [kar'tɔtʃ] <pacote; embrulho> (S)

sorg ['sordʒ] <rato> (S)

banch ['baŋk] <banco>

largh ['larg] <largo>

s-ciof ['stʃof] <bando de pássaros>

bav ['bav] <inseto; barata>

bis ['bis] <cobra>

mez ['mɛz] <meio; metade>

am ['am] <anzol>

an ['an] <ano>

cagn ['kaŋ] <cão>

bisöl [bi'søʔ] <bicho geográfico; larva>

sur ['sur] <rolha>

ài ['aj] <alho>, sendo [j] palatalização, seguida de apócope de -o.

Contudo, a queda das vogais átonas finais não se aplica a todos os substantivos masculinos, havendo exceções:

bisnono [bis'nono] <bisavô>

cemitèri [tʃemi'tɛri] <cemitério> (S)

cendro [tʃɛndro] <cinza de lenha> (S)

Dio ['dio] <Deus>

gendro ['dʒɛndro] <genro> (S)

genio ['dʒɛnjo] <gênio; temperamento; caráter>

ghètto ['gɛto] <bagunça; confusão; sujeira>

ghirlo ['gírlo] <rodamoinho>

gilè [dʒi'lɛ] <colete>

giudeo ['dʒudeo] <judeu>

giugno ['dʒuɲo] <junho>

ingioistro [en'dʒɔstro] <tinta utilizada na pena ou caneta>

luni ['luni] <segunda-feira>

màrti ['marti] <terça-feira>

màgro ['magro] <magro>

nono ['nono] <avô>
òcio ['ɔtʃo] <olho>
pàre ['pare] <pai>
sabo ['sabo] <sábado>
segrà [se'gra] <cemitério> (**SO** - família Degasperi)
sendro ['sendro] <cinza de lenha> (**SO**)
soaio [so'ajo] <assoalho>
sòcio ['sɔtʃo] ~ *sòci* ['sɔtʃi] <sócio> (**S**)
sòzio ['sɔsjo] ~ *sòzi* ['sɔsi] <sócio> (**SO**)
sófi ['sofjo] <sopro; assobio>
strangoso [stran'gozo] <desejo angustiante>
straniüdo [stra'nydo] <espirro>
strato ['strato] <estrato; sumo>
studio ['studjo] <estudo>
tale ['tale] <tal; fulano; sujeito>
ùrlo ['urlo] <urro; grito>
vècio ['vɛtʃo] <velho; idoso>
vedro ['vedro] <vidro>
vendro ['vendro] <sexta-feira>
zemitèri [semi'tɛri] <cemitério> (**SO**)
zendro ['zendro] <genro> (**SO**)

Alguns substantivos masculinos apresentam variação:

bàcio ['batʃo] ~ *bac* ['batʃ] <beijo> (**S**)
bàzo ['baso] ~ *baz* ['bas] <beijo> (**SO**)
lart ['lart] ~ *lardo* ['lardo] <toucinho>
pòrch ['pɔrk] ~ *pòrco* ['pɔrco] <porco>
stronz ['strons] ~ *stronzo* ['stronso] <estrume; fezes secas>
verm ['verm] ~ *vermo* ['vermo] <verme>
zolfro ['zoɫfro] (**S** e **SO**) ~ *zolf* ['zoɫf] (**S**) <enxofre>

Há substantivos femininos que também apresentam apócope de vogais finais:

gènt ['dʒɛnt] (S); *zènt* ['zɛnt] <gente; pessoa> (SO)

fam ['fam] <fome>

ilusion [ilu'zjon] <ilusão>

impressione [impre'sjon] <impressão>

lüm ['lym] <luz; claridade; lamparina>

man ['man] <mão, mãos>

margin ['mardʒen] <margem; borda>

ment ['ment] <mente; intelecto>

mòrt ['mɔrt] <morte>

nòt ['nɔt] <noite>

Encontramos dois casos de variação em substantivos femininos:

rùgine ['rudʒine] ~ *rùgen* ['rudʒen] <ferrugem>

vóce ['votʃe] (S e SO) ~ *voc* ['votʃ] (S) <voz>

O fenômeno de apócope de vogais átonas finais também ocorre nas formas do diminutivo masculino (-at; -el, -et, -in, -öl, -òt):

sbovat [sbo'vat] <pequena barata>

piatel [pja'tɛt] <pequeno prato; pires>

tochet [to'ket] <pedacinho>

bazìn [ba'sin] <beijinho> (SO)

postiöl [pos'tjɔt] <lugarzinho; lugarejo>

peòt [pe'ɔt] <pezinho>

E do aumentativo masculino (-on):

bandon [ban'don] <lata grande>

barbon [bar'bon] <barba grande; barbudo>

bocon [bo'kon] <boca grande; gole>

faimalón [faima'lon] <arteiro; traquinas>

gnaron [ɲa'ron] <bobalhão>

zucon [su'kon] <teimoso; cabeçudo>

A vogal final *-a* aparece em todas as formas do diminutivo feminino: *-ata*; *-èla*, *-eta*, *-òta*:

poiata [poj'ata] <franga; franguinha>

baretèla [bare'tela] <pequena touca ou boné>

scarpeta [skar'peta] <sapatinho>

cagnòta [ka'ɲota] <cachorrinha>

Assim como na forma do aumentativo feminino (*-ona*):

endormenzona [endormen'sona] <preguiçosa; dorminhoca>

faimalona [faima'lona] <arteira; traquinas>

gnarona [ɲa'rona] <bobalhona>

zucona [su'kona] <teimosa; cabeçuda>

A maioria dos adjetivos masculinos apresenta apócope de vogais finais átonas:

bianch ['bjank] <branco>

entrech [en'trek] ~ *entreg* [en'treg] <inteiro>

liger [li'dʒer] <ligeiro>

gnorant [ɲo'raɲt] <ignorante>

nut ['nut] <nu>

prim ['prim] <primeiro>

rabiós [ra'bjos] <nervoso; raivoso>

scomaron [skoma'ron] <tagarela; fofoqueiro>

sol ['soɫ] <só; sozinho>

tacolic [tako'litʃ] <grudento; viscoso>

zucon [zu'kon] ~ [su'kon] <teimoso>

Alguns adjetivos masculinos não apresentam queda das vogais finais:

donaro [do'naro] <mulherengo; sedutor>

entato [en'tato] <intacto>

gnaro ['naro] <toló; lento>

gnogno ['noɲo] <toló; lento>

sghèrlo ['sgɛrlo] <manco; coxo>

soldaro [soɫ'daro] <ganancioso; sovina>

storno ['storno] <tonto; bêbado>

tondo ['tondo] <redondo>

zópego ['zopego] <manco; coxo>

Há variação entre alguns adjetivos masculinos:

gnap ['nap] ~ *gnapo* ['napo] <toló; lento>

pör ['pør] ~ *pöro* ['pøro] <pobre; coitado>

Já as formas do feminino ocorrem com a vogal átona final -a:

bianca ['bjanka] <branca>

entata [en'tata] <intacta>

entrega [en'trega] <inteira>

gnapa ['napa] <tola; lenta>

gnara ['nara] <tola; lenta>

gnogna ['noɲa] <tola; lenta>

gnoranta [no'raɲta] <ignorante>

ligera [li'dʒera] <ligeira>

nuda ['nuda] <nua>

pöra ['pøra] <pobre; coitada>

prima ['prima] <primeira>

rabiosa [ra'bjoza] <nervosa; raivosa>

scomarona [skoma'rona] <tagarela; fofoqueira>

soldara [soɫ'dara] <gananciosa; sovina>
spressolona [spreso'lona] <apressada>
sghèrla ['sgerla] <manca; coxa>
sola ['sola] <só; sozinha>
storna ['storna] <tonta; bêbada>
tonda ['tonda] <redonda>
zópega ['zopega] <manca; coxa>
zucona [zu'kona] ~ [su'kona] <teimosa>

A apócope de vogais átonas finais ocorre também em boa parte dos advérbios:

almen [aɫ'men] <ao menos>
adès [a'des] <agora>
adòs [a'dos] <sobre; por cima>
arènt [a'rent] <perto; próximo>
davant [da'vant] <em frente; para frente>
demén [de'men] <menos; de menos>
dent ['dent] <dentro>
doman [do'man] <amanhã>
dopodoman [dopo'man]; *passandoman* [pasando'man] <depois de amanhã>
enfîn [en'fin] <enfim; por fim; até>
ensin [en'sin] <até>
entant [en'tant] <entanto; enquanto>
entorn [en'torn] <entorno; ao redor>
giust ['dʒust] <exatamente; justo>
gnent ['ɲent] <nada>
men ['men] <menos>
pitòst [pi'tost] <ao invés de; antes que>
prèst ['prest] <cedo>
pur ['pur] <apenas; somente>
quant ['kwaɲt] <quanto>

sin ['sin] <até; até mesmo>
sol ['soɫ] <somente>
spes ['spes] <frequentemente>
subit ['subit] <imediatamente>
travers [tra'vers] <através>
tròp ['trɔp] <muito; em demasia>
uf ['uf] <demasiadamente; abundantemente>
volentier [volen'tjer] <com gosto; de boa vontade>

Todavia, há advérbios que não apresentam queda de vogais finais, comuns ao trentino europeu:

algeri [aɫ'dʒeri] <ontem>
almanco [aɫ'maŋko] <ao menos; pelo menos>
alora [a'lora] <então>
altrédi [aɫ'tredi] ~ *altredi* [aɫtre'di] ~ *altréri* [aɫ'treri] <antes de ontem>
ancöi [aŋ'køj] ~ *encöi* [eŋ'køj] <hoje>
anzi ['anzi] <aliás; ao contrário>
apònto [a'pɔnto] ~ *apunto* [a'punto] <justamente; a propósito>
avanti [a'vaŋti] <antes; primeiro>
assà [a'sa] <bastante>, ocorreu queda de [j].
cossì [ko'si] <assim>; *cossita* [ko'sita] <assim; desse modo>
deföra [de'føra] <do lado de fora; fora de casa>
dòpo ['dɔpo] <depois>
empò [em'pɔ] ~ *ampò* [am'pɔ] <entretanto; todavia>
ensema [en'sema] <junto; juntamente>
giamài [dʒa'maj] <jamais> (**S**)
invèce [in'vetʃe] (**S**); *invèze* [in'vese] (**SO**) <ao invés>
nanca ['naŋka] ~ *gnanca* ['naŋka] <nem mesmo; tampouco>
ndra [n'dra] ~ *ntra* [n'tra] <entre>
prima ['prima] <antes; avante; em frente>

sènza ['sɛnsa] <sem>

sora ['sora] <sobre; em cima; acima>

squasi ['skwazi] <quase>

vòlta ['vɔɫta] <vez; volta>

zamài [za'maj] <jamais> (SO)

Alguns advérbios apresentam variação quanto à queda das vogais finais:

ancor [an'kor] ~ *ancora* [an'kora] <ainda>

com ['kom] ~ *come* ['kome] <como>

för ['føɾ] ~ *föra* ['føra] <fora; para fora>

quan ['kwaŋ] ~ *quande* ['kwaŋde] ~ *quando* ['kwaŋdo] <quando>

semper ['semper] ~ *sempre* ['sempre] <sempre>

Registramos outros casos de variação e apócope de vogal átona final:

dreo ['dreɔ] ~ *dre* ['dre] <depois; atrás; em seguida>

endréo [en'dreɔ] ~ *endré* [en'dre] <depois; atrás; em seguida>

endoe [en'doe] ~ *endó* [en'do] <onde>

mèio ['mejo] ~ *mèi* ['mej] <melhor>

Há casos de queda da vogal final em apocorísticos:

Angiol ['aŋdʒoɫ] <Ângelo>

Bepin [be'pin] <José>

Còb ['kɔb] <Jacó>

Cristòfol [kris'tʃoɫ] <Cristóforo>

Fedèl [fe'dɛɫ] <Fidélis>

Iàcom ['jakom] <Jacó>

Paol ['paoɫ] <Paulo>

Zorz ['zɔrz] <Jorge>

O trentino piracicabano, assim como o trentino europeu, não apresenta vogais finais no infinitivo dos verbos terminados em *-ar*, *-er* e *-ir*. Ocorre um único verbo com infinitivo em *-ör*, que também não apresenta vogal átona final:

ciacerar [tʃatʃe'rar] <conversar>

embrodegar [embrode'gar] <sujar; lambuzar>

scorzar [skor'sar] <descascar>

ésser ['eser] <ser; estar>

gaver [ga'ver] <ter>

sméter ['smeter] ~ *méter* ['meter] <colocar; meter; por>

boir [bo'ir] ~ *boier* [boj'er] <ferver>

garanzir [garan'sir] <garantir; assegurar>

goir [go'ir] (**S** e **SO**), *guir* [gu'ir] (**S**) <colher; quebrar o milho ao colher>

tör ['tør] <pegar; tomar>

O trentino piracicabano, assim como o europeu, apresenta ausência de vogais finais em algumas desinências verbais do presente do indicativo, na primeira pessoa do plural:

ciaceran [tʃatʃe'ran] <conversamos>

embrodegan [embrode'gan] <sujamos>

scorzan [skor'san] <descascamos>

sgudan [sgu'dan] <derramamos>

sen ['sen] <somos; estamos>

gaven [ga'ven] <temos>

smeten [sme'ten] ~ *meten* [me'ten] <colocamos; metemos>

tolen ['tolen] <pegamos>

boin [bo'in] <fervemos>

garanzin [garan'sin] <garantimos>

goin [go'in] <colhemos; quebramos milho>

pentin [pen'tin] <arrependemos>

E na terceira pessoa do singular (e plural) de verbos monossilábicos e oriundos da quarta conjugação latina:

boiz [bo'is] <ferve; fervem>

pöl ['pø†] <pode; podem>

töl ['tø†] <pega; pegam>

tègn ['tɛŋ] <segura; seguram>

völ ['vø†] <quer; querem>

As formas do particípio passado *-at*, *-et*, *-est* (que pode variar com a forma *-ù* mais frequente) e *-it* não apresentam vogal átona final:

dat ['dat] <deu>

fat ['fat] <fez>

godest [go'dest] ~ *godù* [go'du] <gozou; usufruiu>

movest [mo'vest] ~ *movù* [mo'vu] <moveu>

resolvest [rezot'vest] ~ *resolvù* [rezot'vu] <resolveu>

tegnèst [te'ɲest] ~ *tegnù* [te'ɲu] <segurou; apanhou>

tasèst [ta'zɛst] <calou; aquietou>

cognest [ko'ɲest] <precisou>

ocorèst [oko'rɛst] <ocorreu; precisou>

maledit [male'dit] ~ *maledet* [male'det] <maldito; amaldiçoado>

dit ['dit] <dito>

No latim, o particípio passado se forma do radical do supino mais a terminação (-us, -a, -um); transformado em particípio como forma nominal do verbo e classificado como adjetivo ou como particípio do verbo principal, possui masculino e feminino, singular e plural e declina-se ora pela segunda declinação (masculino e no neutro), ora pela primeira declinação latina (feminino). O particípio passado forma-se do radical do verbo mais as terminações *-atus*, *-ata*, *-itus* e *-ita*.

Assim como nos falares trentinos centrais, o trentino piracicabano não realiza *totalmente* a terminação *-àdo* (que ocorre nos falares trentinos orientais e no vêneto) na

forma singular dos adjetivos masculinos derivados do particípio passado, preservando-se apenas a vogal tônica final -à, e parte do radical do verbo (-t-) e da terminação sofrem queda por apócope:

brustolà [brusto'la] <queimado; chamuscado>

enficiolà [infitʃo'la] <enrugado> (S)

enfizolà [infiso'la] <enrugado> (SO)

fodrà [fo'dra] <fornado; revestido>

gelà [dʒe'la] <gelado>

moncà [mon'ka] <cortado; despedaçado>

strupà [stru'pa] <entupido>

A terminação da forma feminina singular desses adjetivos é sempre -ada, apresentando a sonorização de [t] intervocálico:

brustolada [brusto'lada] <queimada; chamuscada>

enficiolada [infitʃo'lada] (S), *enfizolada* [infiso'lada] (SO) <enrugada>

fodrada [fo'drada] <fornada; revestida>

gelada [dʒe'lada] <gelada>

moncada [mon'kada] <cortada; despedaçada>

strupàda [stru'pada] <entupida>

Contudo, registramos:

dat ['dat] <deu; dado>; *dati* ['dati] <dados>; feminino *data* ['data]; plural *date* ['date]

fat ['fat] <fez; feito>; plural *fati* ['fati]; feminino *fata* ['fata]; plural *fate* ['fate]

splat ['splat] <achatado>

Particípios irregulares com valor de adjetivo também apresentam queda das vogais átonas finais:

avèrt [a'vert] ~ *davèrt* [da'vert] <aberto>

coèrt [ko'ɛrt] ~ *scoèrt*¹⁹⁵ [sko'ɛrt] <coberto; tapado>
descoèrt [desko'ɛrt] <descoberto>
elet [e'let] <eleito>
maledet [male'det] <maldito>
mòrt ['mɔrt] ~ *mort* ['mort] <morto>
stòrt ['stɔrt] (**S** e **SO**) ~ *stort* ['stort] (**SO**) <torto; torcido>

Já a forma feminina apresenta sempre a vogal final *-a*:

avèrta [a'verta] ~ *davèrta* [da'verta] <aberta>
coèrta [ko'erta] ~ *scoèrta* [sko'erta] <coberta>
descoèrta [desko'erta] <descoberta>
eleta [e'leta] <eleita>
maledeta [male'deta] <maldita>
mòrta ['mɔrta] ~ *morta* ['morta] <morta>
stòrta ['stɔrta] (**S** e **SO**) ~ *storta* ['storta] (**SO**) <torta; torcida>

Os adjetivos derivados do participio passado da terceira declinação variam quanto à queda da vogal final:

zito ['zito] <calado; quieto>
dirito [di'rito] ~ *drit* ['drit] <direito; correto>
sùbit ['subit] <rápido; logo>

O participio presente latino foi transformado no trentino em adjetivo e substantivo (**S** *acident* [atʃi'dent] <acidente>; **SO** *azident* [asi'dent]). Os adjetivos derivados do participio presente latino também não apresentam vogais finais:

spuzolent [spuso'lent] <fétido>
smarecent [smare'tʃent] (**S**), *smarezent* [smare'sent] (**SO**) <podre; apodrecido>
scotent [sko'tent] <quente; que queima>, de *scotâr* [sko'tar] <queimar>

¹⁹⁵ A forma *scoèrt* ocorre somente como adjetivo.

A queda das vogais finais átonas ocorre também entre alguns substantivos masculinos advindos do português brasileiro (sobretudo do dialeto caipira),

cresp ['kresp] <crespo>

folz ['foɫs] <foice>

gom ['gom] <gomo de fruta>

ladron [la'dron] <ladrão>

largat [lar'gat] <lagarto>

pader [pa'der] <padeiro>

tas ['tas] <tacho>

tigiol [ti'dʒoɫ] <tijolo>

Inclusive nas formas do diminutivo e do aumentativo singular:

cochin [ko'kin] <coquinho>

cocheròt [koke'rɔt] <coqueirinho>

lugaròt [luga'rɔt] <lugarzinho>

paredon [pare'don] <paredão>

O fenômeno de apócope de parte do sufixo, característico do particípio passado trentino, também ocorre em verbos advindos do português, assim como nos adjetivos derivados do particípio passado, cuja forma feminina apresenta o sufixo *-ada*:

encazià [enka'sja] <encaixou; encaixado>; fem. *encaziàda* [enka'sjada]

encostà [enkos'ta] <encostou; encostado>; fem. *encostàda* [enkos'tada]

enferugià [enferu'dʒa] <enferrujou; enferrujado>; fem. *enferugiàda* [enferu'dʒada]

Registramos, ainda, o caso da palavra *casa*, que sofre apócope da sílaba postônica final, embora a forma *casa* também seja utilizada em alguns contextos:

dent a ca ['dent a'ka] <dentro de casa>

sta ca [sta 'ka] <esta casa>

na bèla casa! [na 'bela 'kaza] <uma bela casa!>

2.4.1.2. NASALIZAÇÃO DE [a] E [o]

Registramos entre alguns falantes do grupo **B** a nasalização da vogal baixa [a] antes de consoantes nasais em certos contextos. Entre os falantes do grupo **C**, a variação [a] ~ [ã] ocorre em palavras advindas do português e não se registra a realização como [ɜ̃], mas da vogal baixa, levemente anteriorizada e nasalizada, como atesta Leme (2001, p. 121): ['tânke] <tanque>; ['bânko] <banco>. Alguns indivíduos do grupo **C** realizam a palavra *rântega* ['rantega] <asma; bronquite> como ['rântega], mas em outros casos não ocorre nasalização: *pianta* ['pjaŋta] <planta>; *pantegana* [paŋte'gana] <ratazana>.

Também no grupo **B**, a nasalização não é uma característica marcante. Na verdade, em situações de fala do dialeto trentino, a nasalização de *a* aparece na fala de alguns indivíduos do grupo **B**, sobretudo entre os mais jovens e mais escolarizados, por causa da influência da variante falada do português de Piracicaba. A vogal nasalizada aparece em situações de fala com alternância espontânea no uso do trentino e do português, geralmente após uma citação, expressão ou uso de uma palavra do português que introduz um novo tópico. Muitas vezes, ao ser introduzida, troca-se naturalmente o uso do idioma e a nasalização ocorre na expressão trentina ou quando se retoma o uso do trentino. Registramos alguns exemplos:

el 'l scampa [eɫ'skampa] ~ [eɫ'skã^mpa] <ele fuge>

pelàm [pe'lam] ~ [pe'lãm] <pelagem; cabelo>

Dio santo! [dio 'saŋto] ~ ['dio 'sãto] <santo Deus!>

gnanca ['ŋaŋka] ~ ['ŋãnka] <nem mesmo>

magna ['maŋa] ~ ['mãŋa] <come>

Sardagna [sar'daŋa] ~ [sar'dãŋa] <Sardagna>

Entre os falantes do grupo **B**, registramos também casos de nasalização da vogal média posterior [o], que ocorre como [õ]:

non ['nɔn] ~ ['non] ~ ['nõn] <não>

con ['kɔn] ~ ['kon] ~ ['kõn] <com>

Não registramos a nasalização de [o] no trentino piracicabano, que ocorre em situações de fala do português, inclusive entre indivíduos do grupo **C**, pois o ditongo nasal [ãw] convive com a vogal nasalizada [õ]. Os falantes desse grupo não realizam sempre o ditongo nasal: ['nõ] ~ ['nõw] ~ ['nãw] <não>; ['põ] ~ ['põw] ~ ['pãw] <pão>. Registramos, ainda, a realização de [aw] não nasalizado em ['naw] <não>.

A realização do ditongo decrescente -ao ocorre como [ao] e [aw]. Tal variação não é exclusiva do trentino piracicabano e ocorre também no trentino europeu, assim como vêneto e, portanto, não é fruto do contato com o português brasileiro. Entre os falantes do grupo **C**, parece prevalecer a forma [ao], mas os falantes do grupo **B** realizam [ao] e [aw] sem distinção.

bào ['bao] ~ ['baw] <lagarta; verme; inseto>

babào [ba'bao] ~ [ba'baw] <monstro imaginário para assustar as crianças>

brào ['brao] ~ ['braw] <bravo; sagaz>

caora ['kaora] ~ ['kawra] <cabra>

diàol ['djaot] ~ ['djawt] <diabo>

giàol ['dʒaot] ~ ['dʒawt] ~ ['dʒaw]¹⁹⁶ <diabo>

pàoper ['paoper] ~ ['pawper] <miserável; paupérrimo>

s-ciao ['stʃao] ~ ['stʃaw] <escravo; interj. de uma vez>

sgnàol ['sɲaot] ~ ['sɲawt] <miado ou choro do gato>

A alternância aparece também em palavras advindas do português:

mingau [min'gaw] ~ [min'gao]

mau ['maw] ~ ['mao]

Não realizamos nenhum estudo quantitativo sobre a realização do ditongo na fala da comunidade, mas o prevalescimento de [ao] entre os falantes do grupo **C** parece estar relacionado à própria fonologia do dialeto trentino, primeira língua dos indivíduos do grupo. Entre os falantes do grupo **B**, o prevalescimento de [ao] em certos contextos

¹⁹⁶ Registramos ['dʒaw] apenas na expressão *odor da diàol* ['odor da'dʒaw] <odor do diabo>, que se refere ao odor do suor ou de algum produto fétido.

parece relacionar-se ao esforço consciente do falante quando deseja enfatizar a palavra durante a fala.

A variação na realização do ditongo decrescente *-io* como [io] e [iw] não ocorre no trentino europeu e pode ser considerada como característica do trentino piracicabano. Entre os falantes do grupo **C**, prevalece a realização de [io] e a variação é praticamente inexistente na fala desses indivíduos. Entre os falantes do grupo **B**, a variação [io] ~ [iw] é mais frequente, mas ocorre principalmente na fala dos indivíduos mais jovens.

adio [a'dio] ~ [a'diw] <adeus>

Dio ['dio] ~ ['diw] <Deus>

Idio [i'dio] ~ [i'diw] <Deus>¹⁹⁷

Sioredio [sjore'dio] ~ [sjore'diw] <Senhor Deus>

rio ['rio] ~ ['riw] <rio; torrente>

zio ['rio] ~ ['ziw] <tio>

A ocorrência das formas [ow] e [iw] é bastante frequente entre os indivíduos do grupo **C**, composto pelos descendentes mais jovens que não falam o dialeto, mas utilizam a variante falada do português da colônia, com forte influência do trentino.

Assim como entre os falantes do grupo **B**, o prevalescimento das formas [ao] e [io] na fala dos indivíduos do grupo **A** traduz o esforço consciente do falante quando introduz uma palavra do dialeto trentino durante sua fala e deseja enfatizá-la. Nesse contexto, muitos deles realizam várias palavras e expressões trentinas exatamente como os falantes mais velhos, exceto as vogais anteriores [y] e [ø], que são características da fala dos indivíduos dos grupos **C** e **B**, e que ocorrem na fala dos indivíduos do grupo **A** como [u] ou [i]¹⁹⁸ e [o].

Um exemplo é o da palavra *Dio* (“Deus”), muito comum em expressões da comunidade (como *Dio santo*, *Dio Madòna*, *Dio Cristo*¹⁹⁹ etc), que é realizada entre alguns jovens do grupo **A** como ['diw] e ['dʒiw]. Neste último caso, leva-se em conta que a variante do português de Piracicaba não costuma realizar [tʃ] e [dʒ] antes de *-i* em

¹⁹⁷ Palavra rara na fala do grupo **C** e conhecida por poucos falantes do grupo **B**.

¹⁹⁸ [i] ocorre somente na palavra *capitèl* (“capelinha”), geralmente traduzida para o português como capela, capelinha ou oratório.

¹⁹⁹ Conferir adiante a lista de variações desta expressão típica do falar setentrional italiano, que na Colônia Tirolesa de Piracicaba ampliou consideravelmente o número de combinações com a palavra *Dio*.

palavras como *tia* e *dia*, que ocorrem respectivamente como [ˈtʲiɐ] e [ˈdʲiɐ] e esse fenômeno aparece inclusive na variante falada do português da comunidade.

Não registramos a ocorrência de [ˈdʒiɐw] entre os falantes do grupo **B**, assim como não registramos nenhum caso de vocalização de *l* > *u* em palavras advindas do trentino e comumente usadas na variante falada do português da comunidade.

No que se refere ao trentino piracicabano, conclui-se que a nasalização é um aspecto mais frequente na fala do grupo **B**.

2.4.2. ASPECTOS CONSONANTAIS

No que se refere aos aspectos consonantais do trentino piracicabano, ocorre a oposição das fricativas pós-alveolares surda [ʃ] e sonora [ʒ] em posição inicial, inexistentes no trentino europeu e que ocorrem somente em empréstimos advindos do português caipira, não aparecendo como variação no modo de articulação de palavras trentinas.

A palatal lateral [ɭ] ocorre em empréstimos advindos do português, mas também em contextos de variação no modo de articulação como, por exemplo, da palavra trentina *canéderli* (“bolinhos de pão”). O glide palatal nasalizado [ɲ̃] ocorre na fala de alguns indivíduos, em palavras trentinas como *codògn* (“marmelo”) e *cagn* (“cão”).

Registra-se, ainda, o glide palatal nasalizado [ɲ̃] que pode ocorrer no trentino piracicabano no lugar da consoante nasal palatal [ɲ] em casos em que a nasal é precedida de um som de *-i* como, por exemplo, na palavra *codògn* (“marmelo”).

2.4.1. SEGMENTOS CONSONANTAIS

Antes das análises, apresentamos abaixo uma tabela com os segmentos consonantais do trentino piracicabano, que apresenta vinte e dois fonemas, enquanto o trentino europeu apresenta vinte. Constam exemplos que ilustram a realidade da distribuição consonantal com as oposições [ʃ] ~ [ʒ] e [ɭ] ~ [ɭ̃], inexistentes na Europa.

É possível ver quais são os padrões silábicos e como se dá a distribuição dos fonemas na sílaba, com base nas relações entre os diferentes segmentos e as sequências possíveis em sílaba tônica ou átona., detalhando os grupos fonéticos *bl-*, *br-*, *cl-*, *cr-*, *dr-*, *fl-*, *fr-*, *gl-*, *gr-*, *pl-*, *pr-*, *sb-*, *sbr-*, *sc-*, *scr-*, *sf-*, *sfr-*, *sg-*, *sgr-*, *sl-*, *sm-*, *sgn-*, *sp-*, *spr-*, *sv-*, *st-*, *str-* e *tr-*.

Identificam-se casos de empréstimos do alemão²⁰⁰ no trentino (trazidos da Europa), de palatalização de *cl-*, *gl-*, de palatalização *-d-* e *-t-* e de conservação de *-l* nos grupos fonéticos *cl-* e *gl-*.

símbolo IPA	correspondente ortográfico	exemplos ortográficos	transcrição fonética	significado em português
p	p	<i>piat</i>	[ˈpjat]	prato
		<i>spiza</i>	[ˈspisa]	coceira; curiosidade
		<i>capütèl</i>	[kapyˈtɛɫ]	capelinha
		<i>scopelàda</i>	[skopeˈlada]	tapa com a mão aberta
		<i>pöder</i>	[ˈpøder]	poder
		<i>rispèt</i>	[risˈpɛt]	respeito; vergonha
		<i>scampar</i>	[skanˈpar]	escapar; fugir
		<i>respònder</i>	[resˈpɔnder]	responder
		<i>pólver</i>	[ˈpoɫver]	pólvora
		<i>opur</i>	[oˈpur]	ou; ou então
		<i>temp</i>	[ˈtemp]	tempo
		<i>splat</i>	[ˈsplat]	plano; achatado
		<i>prim</i>	[ˈprim]	primeiro
		<i>comprénder</i>	[komˈprender]	compreender
		<i>prèt</i>	[ˈprɛt]	padre
		<i>comprà</i>	[konˈpra]	comprou
		<i>pròpio</i>	[ˈproɲpio]	próprio; autêntico
		<i>leprós</i>	[leˈpros]	leproso

²⁰⁰ Adiante, conferir capítulo específico sobre os empréstimos do alemão e do português brasileiro.

b	b	<i>biot</i>	['bjot]	só; simples
		<i>bis</i>	['bis]	cobra
		<i>bülàsso</i>	[by'laso]	exibido; exagerado
		<i>béspia</i>	['bespja]	vespa
		<i>sbèrta</i>	['zberla]	tapa; palmada
		<i>bö</i>	['bø]	boi
		<i>colombar</i>	[kolom'bar]	pombal
		<i>sbovo</i>	['zbovo]	barata
		<i>dalbòn</i>	[daɫ'bɔn]	de verdade
		<i>sbusa</i>	['zbuza]	fura
		<i>obligar</i>	[obli'gar]	obrigar
		<i>brìciola</i>	['britʃola]	migalha
		<i>brüzèla</i>	[bry'sɛla]	espinha; poro inflamado
		<i>brenta</i>	['brenta]	tina de madeira
		<i>ombrèla</i>	[om'breɫa]	guarda-chuva
		<i>braghe</i>	['brage]	calças
		<i>sbròcia</i>	['sbrɔɫja]	clara de ovo
		<i>bródech</i>	['brodek]	sujo; imundo
		<i>brut</i>	['brut]	feio; ruim; angústia
t	t	<i>bestiàm</i>	[bes'tjam]	gado
		<i>òstia</i>	['ɔstja]	hóstia
		<i>catif</i>	[ka'tif]	bruto; nervoso
		<i>sepoltiura</i>	[sepoɫ'tyra]	sepultura
		<i>altessa</i>	[aɫ'tesa]	altura
		<i>tör</i>	['tør]	tomar; pegar
		<i>busatèl</i>	[buza'tɛɫ]	furo; buraquinho
		<i>restar</i>	[res'tar]	tornar-se; permanecer
		<i>scartòz</i>	[skar'tɔs]	pacote; embrulho (SO)
		<i>storn</i>	['storn]	torto; torcido
		<i>batuda</i>	[ba'tuda]	batida; pancada

		<i>gialt</i>	[ˈdʒaɫt]	amarelo (S)
		<i>mont</i>	[ˈmont]	monte; morro
		<i>ert</i>	[ˈert]	subida; encosta
		<i>giust</i>	[ˈdʒust]	justo; correto
		<i>trist</i>	[ˈtrist]	triste
		<i>tren</i>	[ˈtren]	trem
		<i>Trento</i>	[ˈtrɛnto]	Trento
		<i>trar</i>	[ˈtrar]	trazer; expor
		<i>tròp</i>	[ˈtrɔp]	bastante; demasiado
		<i>troar</i>	[troˈar]	encontrar; achar
d	d	<i>diàol</i>	[ˈdjaoɫ]	diabo
		<i>maledir</i>	[maleˈdir]	maldizer
		<i>segadiüre</i>	[segaˈdyre]	serragem
		<i>deze</i>	[ˈdeze]	dez
		<i>foiadète</i>	[fojaˈdɛte]	folhas de massa
		<i>soldà</i>	[soɫˈda]	soldado
		<i>dòrmir</i>	[ˈdɔrmir]	dormir
		<i>desdoto</i>	[desˈdoto]	dezoito
		<i>vendù</i>	[venˈdu]	vendido
		<i>zald</i>	[ˈzaɫd]	amarelo (SO)
		<i>mond</i>	[ˈmond]	munho
		<i>acòrd</i>	[aˈkɔrd]	acordo; trato
		<i>drit</i>	[ˈdrit]	direito; correto
		<i>endré</i>	[enˈdre]	atrás; depois
		<i>fodrà</i>	[foˈdra]	forrado; revestido
		<i>endromenza</i>	[endroˈmensa]	adormece
k	ca	<i>scarpa</i>	[ˈskarpa]	sapato
		<i>strucà</i>	[struˈka]	apertado
	cö	<i>cöri</i>	[ˈkøri]	copas (baralho)

		<i>ancöi</i>	[aŋ'køj]	hoje
	co, có	<i>córer</i>	['korer]	correr
		<i>scopa</i>	['skopa]	jogo de cartas
	cò	<i>còrf</i>	['kɔrf]	corvo
		<i>nascòrger</i>	[nas'kɔrdʒer]	perceber (S)
	cü	<i>cüina</i>	['kyna]	berço
		<i>batecüil</i>	[bate'kyɫ]	alçapão
	cu, cù	<i>discùter</i>	[dis'kuter]	discutir;
		<i>secur</i>	[se'kur]	seguro; confiante
	cl	<i>clemenza</i>	[kle'mensa]	clemência; piedade
		<i>ciócla</i>	['tʃokla]	boneca (S)
	cr	<i>crich</i>	['krik]	coque de cabelo
		<i>créser</i>	['kreser]	crescer
		<i>crèp</i>	['krɛp]	racho; rachadura
		<i>crauti</i>	['krawti]	chucrute
		<i>cròz</i>	['krɔs]	rocha
		<i>crótole</i>	['krotole]	ceroula feminina
		<i>cruf</i>	['kruf]	cru
k	qu-	<i>quint</i>	['kwint]	quinto
		<i>quela</i>	['kwela]	aquela
		<i>quèrcio</i>	['kwɛrtʃo]	tampa de panela
		<i>quant</i>	['kwant]	quanto
k	-ch	<i>fich</i>	['fik]	fico
		<i>züch</i>	['syk] ['suk]	abóbora; cabeça
		<i>sech</i>	['sek]	seco
		<i>pöch</i>	['pøk] ['pok]	pouco
		<i>bèch</i>	['bɛk]	bico
		<i>tach</i>	['tak]	taco; salto do sapato
		<i>smòch</i>	['zmɔk]	estrela cadente

		<i>roch</i>	['rok]	rouco
		<i>stinch</i>	['stink]	esticado; rígido
		<i>porch</i>	['pork]	porco
		<i>todesch</i>	[to'desk]	alemão
	che, ché	<i>giacheta</i>	[dʒa'keta]	jaqueta; paletó
		<i>chénole</i>	['kenole]	baixinho; pequeno
	chè	<i>ochèstra</i>	[o'kɛstra]	moela de ave
		<i>trabuchèl</i>	[trabu'kɛʃ]	arapuca
	chi	<i>schifo</i>	['skifo]	nojo; asco;
		<i>s-ciochir</i>	[stʃo'kir]	chocar ovos
g	ga, gà	<i>obligada</i>	[obli'gada]	obrigada; forçada
		<i>zugà</i>	[zu'ga]	jogou (SO)
	go	<i>sgocio</i>	['sgotʃo]	gotejo; pingo (S)
		<i>vergot</i>	[ver'got]	algo; alguma coisa
	gò	<i>sgòla</i>	['zgɔla]	voa; voam
		<i>fagòt</i>	[fa'gɔt]	embrulho; trouxa
	gu	<i>sguas</i>	['sgwas]	chuva rápida
		<i>gust</i>	['gust]	gosto; prazer
	gl	<i>ingles</i>	[in'gles]	inglês
		<i>Inglatèra</i>	[ingla'tɛra]	Inglaterra
		<i>glòria</i>	['glɔrja]	glória; vitória
	gr	<i>gril</i>	['grɪʃ]	grilo
		<i>gresta</i>	['gresta]	crista de ave
		<i>grant</i>	['grant]	grande
		<i>gròp</i>	['grɔp]	sujeira, poeira
		<i>gros</i>	['gros]	grosso; espesso
		<i>gruza</i>	['gruza]	ferida; casca de ferida
g	-gh	<i>stomegh</i>	['stomeg]	estômago
		<i>lòngh</i>	['lɔng]	longo; comprido

	ghe, ghé	<i>largh</i>	['larg]	largo
		<i>ghe</i>	['ge]	lhe
		<i>longheza</i>	[lon'geza]	largura
		<i>boteghér</i>	[bote'ger]	bodegueiro
	ghè	<i>ghèba</i>	['gɛba]	neblina; fumaceiro
		<i>sghèrlo</i>	['zɛrlo]	coxo; manco
		<i>baghèga</i>	[ba'gɛga]	criança pequena
		<i>spaghèt</i>	[spa'gɛt]	pequeno cordão
	ghi	<i>preghiera</i>	[pre'gjera]	prece; oração
		<i>ghirlo</i>	['girlo]	rodamoinho
		<i>fighi</i>	['figi]	figos
tʃ	-c	<i>ric</i>	['ritʃ]	crespo; cacho; ouriço
		<i>sbiec</i>	['sɓjetʃ]	enviesado; oblíquo
		<i>brac</i>	['bratʃ]	braço; feixe (S)
		<i>scartòc</i>	['skartɔtʃ]	pacote; embrulho (S)
		<i>capuc</i>	[ka'putʃ]	capuz (S)
		<i>dolc</i>	['doɫtʃ]	doce (S)
		<i>laranc</i>	['larantʃ]	laranja (S)
		<i>marc</i>	['martʃ]	podre (S)
		<i>s-cet</i>	[s'tʃet]	puro; genuíno
		<i>s-ciàf</i>	[s'tʃaf]	tapa; bofete
	s-c-	<i>s-ciòp</i>	[s'tʃɔp]	espingarda
		<i>s-ciof</i>	[s'tʃof]	bando de aves
		<i>òs-cia</i>	['ɔstʃa]	hóstia
		<i>cica</i>	['tʃika]	bituca de cigarro
		<i>ciel</i>	['tʃjeɫ] ~ ['tʃeɫ]	céu (S)
	ci	<i>ciar</i>	['tʃar]	claro
		<i>ciòlt</i>	['tʃɔɫt]	prego
		<i>òcio</i>	[ɔ'tʃo]	olho
		<i>ciuf</i>	['tʃuf]	tufo; punhado

	ce, cé	<i>cep</i> <i>s-cet</i> <i>célega</i> <i>ocet</i> <i>smarecenti</i> <i>bacet</i>	[ˈtʃep] [sˈtʃet] [ˈtʃelega] [oˈtʃet] [smareˈtʃenti] [baˈtʃet]	pálido; abatido sincero; puro sobrancelha (S) olhinho estragados (S) beijinho (S)
dʒ	-g gé, ge gè gi	<i>viag</i> <i>sorg</i> <i>géner</i> <i>algeri</i> <i>gès</i> <i>corigèst</i> <i>gengiva</i> <i>óngie</i> <i>giöch</i> <i>giàca</i> <i>giàol (diàol)</i> <i>engiòstro</i> <i>gio</i> <i>giudicar</i>	[ˈvjadʒ] [ˈsordʒ] [ˈdʒener] [aˈdʒeri] [ˈdʒɛs] [kɔriˈdʒɛst] [ɡɛŋˈdʒiva] [ˈɔndʒe] [ˈdʒøk] [ˈdʒaka] [ˈdʒaoɫ] [enˈdʒɔstro] [ˈdʒo] [dʒudiˈkar]	viagem (S) rato (S) gênero; tipo ontem giz; gesso corrigiu gengiva (S) unhas jogo (S) jaqueta; paletó; jaca diabo (S) tinta de pena ou caneta embaixo; abaixo (S) julgar; sentenciar
f	f	<i>enfià</i> <i>filza</i> <i>bafét</i> <i>föia</i> <i>fèr</i> <i>far</i> <i>fòrbes</i> <i>fódro</i> <i>fum</i>	[enˈfja] [ˈfiɫsa] [baˈfet] [ˈføja] [ˈfɛr] [ˈfar] [ˈfɔrbes] [ˈfodro] [ˈfum]	inchado; cheio ruga; prega; frieira pequeno bigode folha ferro fazer tesoura bainha; revestimento fumaça

		<i>vif</i>	['vif]	vivo
		<i>nef</i>	['nef]	neve
		<i>af</i>	['af]	abelha
		<i>öf</i>	['øf]	ovo
		<i>ciöf</i>	['tʃof]	tufo; punhado
		<i>cruf</i>	['kruf]	cru
		<i>sofrir</i>	[so'frir]	sofrer
		<i>früti</i>	['fryti]	frutas
		<i>fret</i>	['fret]	frio
		<i>frègola</i>	['frægola]	migalha; grânulo
		<i>frat</i>	['frat] ~ ['fra]	frade
		<i>sfròtola</i>	['sfrɔtola]	bolinho de massa frito
		<i>zölfro</i>	['zoɫfro]	enxofre
		<i>frugar</i>	[fru'gar]	apalpar; tatear
v	v	<i>viàz</i>	['vjas]	viagem (SO)
		<i>vin</i>	['vin]	vinho
		<i>vesco</i>	['vesko]	bispo
		<i>vöit</i>	['vøjt]	vazio; esvaziado
		<i>asvèlt</i>	[as'veɫt]	esperto; ligeiro
		<i>vaca</i>	['vaka]	vaca
		<i>vòlta</i>	['vɔɫta]	volta; vez; giro
		<i>nervós</i>	[ner'vos]	nervoso
		<i>dovù</i>	[do'vu]	deveu; devido
		<i>viv</i>	['viv]	vive; vivo
s	s	<i>ensin</i>	[en'sin]	até
		<i>süit</i>	['syɫ]	enxuto
		<i>semper</i>	['semper]	sempre
		<i>söla</i>	['søla]	sola do pé, do sapato
		<i>sènza</i>	['senza]	sem

		<i>santa</i>	['san̥ta]	santa
		<i>sòldi</i>	['sɔɫdi]	dinheiro
		<i>sola</i>	['sola]	sozinha; só
		<i>supa</i>	['supa]	sopa
		<i>pes</i>	['pes]	peixe
		<i>adès</i>	[a'dɛs]	agora
		<i>as</i>	['as]	tábua
		<i>adòs</i>	[a'dɔs]	por cima; sobre
		<i>afetós</i>	[afe'tos]	afetuoso
		<i>us</i>	['us]	saída; porta
		<i>pols</i>	['poɫs]	pulso
		<i>stronz</i>	['strons]	estrume; fezes secas
		<i>ors</i>	['ors]	urso
		<i>precis</i>	[pre'tʃis]	preciso; exato
	ss	<i>cossì</i>	[ko'si]	assim; deste modo
		<i>passegio</i>	[pa'sedʒo]	passeio
		<i>gavissöl</i>	[gavi'søɫ]	furúnculo
		<i>engrassàr</i>	[engra'sar]	engordar
		<i>pessòt</i>	[pe'sɔt]	peixinho
		<i>masson</i>	[ma'son]	poleiro; galinheiro
		<i>rossun</i>	[ro'sun]	gema de ovo
	sb- ²⁰¹	<i>sbiec</i>	['sbjetʃ]	atravessado; oblíquo (S)
		<i>sbéghel</i>	['sbegeɫ]	grito; berro; brado
		<i>sbèrla</i>	['sɛrla]	tapa; palmada
		<i>sbàra</i>	['sbara]	caixão
		<i>sbòrnia</i>	['sbɔrɲa]	bebedeira; bagunça
		<i>sbovo</i>	['sbovo]	barata
		<i>sbugnà</i>	[sbu'ɲa]	amassado

²⁰¹ Nos grupos fonéticos *sb-*, *sbr-*, *sdr-*, *sg-*, *sl-*, *sm-*, *sn-*, *sgn-* e *sv-*, ocorre variação na realização de /s/ com realizações [s], [z], [ʒ]. A maioria dos indivíduos do grupo C, contudo, realiza como [s].

	sbr-	<i>sbrizar</i>	['sbrisar]	esguichar água (SO)
		<i>sbregà</i>	[sbre'ga]	rasgou
		<i>sbròcia</i>	['sbrɔtʃa]	clara do ovo
		<i>sbruza</i>	['sbruza]	queima
	sc-, sch-	<i>schìfo</i>	['skifo]	nojo
		<i>schena</i>	['skena]	coluna; costas
		<i>scöla</i>	['skøla]	escola
		<i>schèol</i>	['skɛoɫ]	cacarejo
		<i>scàtola</i>	['skatola]	caixa
		<i>scòrza</i>	['skɔrsa]	casca de fruta, árvore
		<i>scódega</i>	['skodega]	couro de porco
		<i>scùfia</i>	['skufja]	touca infantil; gorro
	scr-	<i>scrìver</i>	['skrìver]	escrever
		<i>scrocar</i>	[skro'kar]	estorvar; abusar
		<i>scrupol</i>	['skrupoɫ]	escrúpulo
	s-c- ²⁰²	<i>s-cet</i>	[s'tʃet]	puro; genuíno
	sdr-	<i>sdrizar</i>	[sdri'sar]	trilhar; riscar (SO)
		<i>sdronzar</i>	[sdron'sar]	andar sem rumo
	sf-	<i>sfiora</i>	['sfjora]	floresce; desabrocha
		<i>sficiola</i>	['sfitʃola]	ruga; marca na pele
		<i>sforz</i>	['sfors]	esforço
	sfr-	<i>sfredir</i>	[sfre'dir]	esfriar
		<i>sfrècia</i>	['sfrɛtʃa]	flecha
		<i>sfròtola</i>	['sfrɔtola]	bolinho de massa frito
		<i>sfrugna</i>	['sfrɥna]	remexe; bagunça
	sg-, sgh-	<i>sghit</i>	['sgit]	excremento de galinha
		<i>sgherlâr</i>	[sger'lar]	mancar
		<i>sghèrlo</i>	['sgɛrlo]	coxo, manco

²⁰² As demais possibilidades foram já incluídas entre os exemplos da realização da africada [ʃ].

		<i>sgàida</i>	['sgajda]	saia velha
		<i>sgòla</i>	['sgɔla]	voa; voam
		<i>sgozo</i>	['sgoso]	pingo; gotrejo (SO)
		<i>sgudàr</i>	[sgu'dar]	derramar líquido
	sgi-	<i>sgiagiòtol</i>	[sdʒa'dʒɔtoɫ]	sabugo do milho
		<i>sgionf</i>	['sdʒonf]	farto; saciado
	sge-	<i>sgeva</i>	['sdʒeva]	farpa de madeira
	sgr-	<i>sgrif</i>	['sgrif]	arranhão
		<i>sgrepolós</i>	[sgrepo'los]	áspero
		<i>sgrafar</i>	[sgra'far]	arranhar; coçar
		<i>sgropolós</i>	[sgropo'los]	áspero; empoeirado
	sl-	<i>slipega</i>	['slipega]	escorrega
		<i>slèf</i>	['slɛf]	lábio
		<i>sladegà</i>	[slade'ga]	desleixado
		<i>slòfa</i>	['slɔfa]	flatulência silenciosa
		<i>slongàr</i>	['slɔŋgar]	alongar
		<i>sluzent</i>	[slu'zent]	reluzente
	sm-	<i>smiràr</i>	[smi'rar]	mirar; apontar
		<i>smeàs</i>	[sme'as]	fatia, pedaço grande
		<i>smèrdolon</i>	[smɛrdo'lon]	medroso; patife
		<i>smarlòs</i>	[smar'ɫɔs]	cadeado
		<i>smòch</i>	['smɔk]	estrela cadente
		<i>smorlar</i>	[smor'lar]	bater com o punho
	sn-	<i>snivada</i>	[sni'vada]	ninhada de aves
		<i>snasar</i>	[sna'zar]	cheirar
		<i>snudar</i>	[snu'dar]	desnudar; despir
	sgn-	<i>sgnifon</i>	[sɲi'fon]	chorão; manhoso
		<i>sgnecon</i>	[sɲe'kon]	molenga; lerdo
		<i>sgnèch</i>	['sɲɛk]	mole; lesma
		<i>sgnàpa</i>	['sɲapa]	destilado; aguardente

	sp-	<i>spina</i>	['spina]	bica; torneira
		<i>spégio</i>	['spedʒo]	espelho
		<i>spèrs</i>	['spɛrs]	disperso; perdido
		<i>spazàr</i>	[spa'sar]	varrer
		<i>spòrch</i>	['spɔrk]	emporcalhado; sujo
		<i>spónzer</i>	['sponzer]	cutucar
		<i>spuza</i>	['spusa]	odor fétido
	spl-	<i>splat</i>	['splat]	achatado
	spr-	<i>spressolon</i>	[spreso'lon]	apressado; afobado
		<i>àspro</i>	['aspro]	azedo
	squ-	<i>squasi</i>	['skwazi]	quase
	st-	<i>stival</i>	[sti'vaɫ]	bota; coturno
		<i>stela</i>	['stela]	estrela
		<i>stèla</i>	['stɛla]	estaca de lenha
		<i>stala</i>	['stala]	estábulo
		<i>stòrger</i>	['stɔrdʒer]	entortar; torcer (S)
		<i>storbja</i>	['storbja]	embriaguez; bebedeira
		<i>stuf</i>	['stuf]	cansado
	str-	<i>strià</i>	['stria]	bruxa
		<i>stret</i>	['stret]	estreito
		<i>ströf</i>	['strøf]	escuro; escuridão
		<i>strana</i>	['strana]	pano para limpeza
		<i>stròlega</i>	['strɔlega]	feiticeira; cigana
		<i>strózega</i>	['strosega]	punhado; amontoado
		<i>struca</i>	['struca]	aperta
	sv	<i>svelia</i>	['svelja]	acorda
		<i>svöit</i>	['svøjt]	vazio; esvaziado
		<i>svèlt</i>	['sveɫt]	esperto; ligeiro
		<i>svoltolar</i>	[svoɫto'lar]	dar voltas; enrolar

s	z	<i>ziarpa</i> <i>scanzià</i> <i>züch</i> <i>bazet</i> <i>cazöl</i> <i>scarzèl</i> <i>scavezar</i> <i>zòca</i> <i>canzon</i> <i>braz</i>	['zjarpa] [skaŋ'sia] ['syk] [ba'set] [ka'søt] [skar'sɛt] [skave'sar] ['sɔka] [kaŋ'son] ['bras]	gravata prateleira abóbora beijinho (SO) concha de sopa bolso da camisa partir um ramo de planta cepo; raiz dura; toco canção braço (SO)
z	z	<i>boziadro</i> <i>bozià</i> <i>zendro</i> <i>zöbia</i> <i>zènt</i> <i>zà</i> <i>sgiazòtol</i> <i>zoen</i> <i>zugar</i> <i>lumaz</i>	[bo'zjadro] [bo'zia] ['zendro] ['zøbja] ['zɛnt] ['za] [sdʒa'zɔtɪ] ['zoen] [zu'gar] [lu'maz]	mentiroso mentira; trapaça genro (SO) quinta-feira gente; pessoas (SO) já (SO) sabugo de milho (SO) jovem (SO) jogar (SO) caracol; caramujo
z	s	<i>paesin</i> <i>esempi</i> <i>misèria</i> <i>pesà</i> <i>resòlver</i> <i>tesoro</i> <i>Gesù</i> <i>bus del nas</i> <i>sbèrla</i>	[pae'zin] [e'zempi] [mi'zɛrja] [pe'za] [re'zɔtver] [te'zoro] [dʒe'zu] ['buz deɫ'nas] ['zbɛrla]	lugarajo; vilarejo exemplo; exemplos miséria; pobreza pesado resolver; decidir tesouro Jesus buraco do nariz; narina tapa; palmada

		<i>sbregà</i>	[zbre'ga]	rasgou
		<i>sdriزار</i>	[zdri'sar]	trilhar; riscar (SO)
		<i>sgòla</i>	['zgɔla]	voa; voam
		<i>sg hèrlo</i>	['zgɛrlo]	coxo, manco
		<i>sgrafar</i>	[zgra'far]	arranhar; coçar
		<i>sgeva</i>	['zdʒeva]	farpa de madeira
		<i>sladegà</i>	[zlade'ga]	desleixado
		<i>smòch</i>	['zmɔk]	estrela cadente
		<i>snivada</i>	[zni'vada]	ninhada de aves
		<i>sgnèch</i>	['zɲɛk]	mole; lesma
		<i>desrudolar</i> ²⁰³	[dezrudo'lar]	desenrolar
		<i>svöit</i>	['zvøjt]	vazio; esvaziado
ʃ			['ʃa]	chá
ʒ			['ʒara] ~ ['ʒara]	jarra
		<i>sgnapa</i>	['ʒɲapa]	aguardente; embriaguês
m	m	<i>miàgola</i>	['mjagola]	mia
		<i>mìga</i>	['miga]	não; nada
		<i>pentiment</i>	[penti'ment]	arrependimento
		<i>mörir</i>	['mørir]	morrer
		<i>mèrcol</i>	['mɛrcɔɫ]	quarta-feira
		<i>magro</i>	['magro]	magro
		<i>mò!</i>	['mɔ]	já! agora!
		<i>mórder</i>	['morder]	morder
		<i>mùcio</i>	['mutʃo]	monte; bastante
		<i>prim</i>	['prim]	primeiro
		<i>lüm</i>	['lym]	luz; lamparina
		<i>temp</i>	['temp] ['tem:]	tempo
		<i>legnam</i>	[le'ɲam]	lenhame; lenha

²⁰³ Único caso (verbo) registrado no trentino piracicabano com o encontro consonantal -sr-.

		<i>galantòm</i>	[galaŋ'tòm]	homem rico; elegante
		<i>nom</i>	['nom]	nome
		<i>profum</i>	[pro'fum]	perfume
n	n	<i>comunion</i>	[komu'njon]	comunhão; eucaristia
		<i>corniz</i>	[kor'nis]	moldura
		<i>stranüdo</i>	[stra'nydo]	espirro
		<i>negro</i>	['negro]	negro; preto
		<i>fenèstra</i>	[fe'nèstra]	janela
		<i>paragonar</i>	[parago'nar]	comparar
		<i>dinòcio</i>	[di'notʃo]	joelho
		<i>nona</i>	['nona]	avó; vovó
		<i>nùgola</i>	['nugola]	nuvem
		<i>fin</i>	['fin]	fim; final
		<i>gaven</i>	[ga'ven]	temos
		<i>ben</i>	['bɛn]	bem
		<i>bonaman</i>	[bona'man]	bom princípio de ano
		<i>dalbòn</i>	[daɫ'bɔn]	de verdade
		<i>galon</i>	[ga'lon]	coxa de frango
		<i>nessun</i>	[ne'sun]	ninguém; nenhum
	-nb-	<i>enbotonar</i>	[enboto'nar]	abotoar
		<i>enbuton</i>	[embu'ton]	empurrão
		<i>enbriàch</i>	[en'brjak]	embriagado; bêbado
	-np-	<i>enpeverar</i>	[enpeve'rar]	apimentar
ŋ	n	<i>tant</i>	['taŋt]	tanto; tão
		<i>lònch</i>	['lɔŋk]	longo; comprido
ɲ	gn	<i>vegnir</i>	[ve'ɲir]	vir
		<i>benvegnüdi</i>	[benve'ɲydi]	bem-vindos
		<i>gnent</i>	['ɲent]	nada
		<i>mignöl</i>	[mi'ɲøɫ]	miolo; miolo do pão

		<i>gnèch</i>	[ˈnɛk]	lesma; coisa mole
		<i>gorgnal</i>	[gorˈɲaɫ]	avental
		<i>cagnòt</i>	[kaˈɲɔt]	cãozinho
		<i>cognósser</i>	[koˈɲoser]	conhecer
		<i>ognun</i>	[oˈɲun]	cada um; cada qual
		<i>segn</i>	[ˈseɲ]	sinal
		<i>ragn</i>	[ˈraɲ]	aranha
		<i>codògn</i>	[koˈdɔɲ]	marmelo
		<i>pugn</i>	[ˈpuɲ]	punho
ǰ	gn	<i>cagn</i>	[ˈkaɲ] ~ [ˈkaǰ]	cão
		<i>codògn</i>	[koˈdɔɲ] [koˈdɔǰ]	marmelo
r	r	<i>saveriant</i>	[saveˈrjant]	sabichão; sabido
		<i>smari</i>	[smaˈri]	pálido
		<i>sgarétoł</i>	[sgaˈretoɫ]	canela da perna; tíbia
		<i>sorzaröla</i>	[sorzaˈrøla]	ratoeira (SO)
		<i>sorèla</i>	[soˈrɛla]	irmã
		<i>sparàngola</i>	[spaˈrangola]	corrimão
		<i>vanzaròt</i>	[vansaˈrɔt]	sobra; resto
		<i>borsarol</i>	[borsaˈroɫ]	coador de café
		<i>ruga</i>	[ˈruga]	lagarta
		<i>fenir</i>	[feˈnir]	terminar; finalizar
		<i>madiir</i>	[maˈdɪr]	maduro
		<i>cavaler</i>	[kavaˈler]	bicho-da-seda
		<i>för</i>	[ˈfør]	fora; para fora
		<i>fèr</i>	[ˈfɛr]	ferro
		<i>sudorar</i>	[sudoˈrar]	suar
		<i>ancor</i>	[anˈkor]	ainda
		<i>angur</i>	[anˈgur]	augúrio; desejo

r	r	<i>raf!</i>	['raf]	<i>onomatopeia</i> : corte do capim com foice
		<i>tr</i>	[tr:]	três!
		<i>tre!</i>	[tre]	(jogo da <i>mora</i>)
l	l	<i>orgoliàr</i>	[orgo'ljar]	orgulhar; satisfazer
		<i>lìser</i>	['lizer]	liso; escorregadio
		<i>léver</i>	['lever]	lebre
		<i>lòga</i>	['lòga]	proteja
		<i>malà</i>	[ma'la]	doente
		<i>marlòch</i>	['marlɔk]	cadeado
		<i>nugolon</i>	[nugo'lon]	nuvem de chuva
		<i>luni</i>	['luni]	segunda-feira
†	l	<i>fil</i>	['fi†]	fio; linha; cordão
		<i>bateciùl</i>	[bate'ky†]	alçapão
		<i>ntel</i>	['nte†]	em; no
		<i>pöl</i>	['pø†]	pode, podem
		<i>bachetèl</i>	[bake'tɛ†]	vareta; varinha
		<i>animal</i>	[ani'ma†]	animal
		<i>Tirol</i>	[ti'ro†]	Tirol
		<i>ciuciòl</i>	[tʃu'tʃɔ†]	chupeta (S)
		<i>cul</i>	['ku†]	nádegas; ânus; cauda
		<i>umiltà</i>	[umi†'ta]	humildade; pobreza
		<i>spèltro</i>	['spɛ†tro]	lasca para fazer estaca
		<i>pàlta</i>	['pa†ta]	lama; lodo; pântano
		<i>racòlt</i>	[ra'kɔ†t]	colheita
		<i>folta</i>	['fo†ta]	densa; espessa
		<i>fùlmin</i>	[fu†'min]	relâmpago
Λ	l	<i>canéderli</i>	[ka'nederli]	tipo de nhoque
lj			[ka'nederli]	feito de pão

Antes de analisarmos separadamente os principais aspectos consonantais do trentino piracicabano como os padrões silábicos e as variações morfofonêmicas, apresentamos, ainda, uma análise fonêmica com base na oposição de pares mínimos e análogos.

Objetivando identificar como se organiza a cadeia sonora, bastariam os registros acima e aqueles de pares mínimos para os sons foneticamente semelhantes, ou seja, que compartilham uma ou mais propriedades fonéticas (pares suspeitos).

Contudo, se as principais diferenças entre as duas variantes do trentino piracicabano são de natureza fonética e fonológica, consideramos relevante identificar todos os casos possíveis em que se possa demonstrar oposição dos fonemas nos pares mínimos, para os quais ocorra alteração sistemática de significado por contrastes em ambiente idêntico.

Para tanto, buscamos incluir apenas palavras que ocorrem nas duas variantes dialetais do trentino piracicabano e, nos casos em que a oposição só foi possível em determinada variante, indicamos ao lado da palavra a sigla do respectivo bairro.

Levamos em conta principalmente a fala dos indivíduos do grupo **C**, que usam o dialeto trentino no cotidiano, ou seja, em suas relações sociais com familiares e demais moradores da colônia. Também nos baseamos em registros recolhidos entre os falantes mais velhos do grupo **B**, que também utilizam o dialeto frequentemente, embora prevalesça o uso da variante do português da comunidade em suas relações sociais.

Através do teste de comutação, buscamos incluir os pares mínimos identificados, evitando a análise com base em pares análogos (mesmo que seja possível caracterizar dois segmentos como fonemas distintos em ambiente análogo), pois isso poderia comprometer nossa análise acerca da ocorrência e realização de determinados fonemas nas variantes dialetais do trentino piracicabano.

Como se verá abaixo, há pares que só são possíveis em uma das variantes. Contudo, isso não significa que determinado fonema inexistente em uma das variantes, mas meramente que ele não ocorre no mesmo contexto de distinção.

Acreditamos que essa triagem auxilia a busca de evidências para a identificação e caracterização de possíveis alofones, ou para uma análise contextualizada da ocorrência de determinado fonema nas variantes do trentino piracicabano.

Oposição	Transcrição fonética e significado
/p/ : /b/	<i>pèl</i> ['pɛɫ] <pele> <i>bèl</i> ['bɛɫ] <belo>
/p/ : /t/	<i>pör</i> ['pør] <pobre; coitado> <i>tör</i> ['tør] <tomar; pegar>
/p/ : /d/	<i>pur</i> ['pur] <puro; somente> <i>dur</i> ['dur] <duro>
/p/ : /k/	<i>palma</i> ['paɫma] <palma da mão; palmeira> <i>calma</i> ['kaɫma] <calma, tranquilidade>
/p/ : /g/	<i>pàbia</i> ['pabja] <caspa> <i>gàbia</i> ['gabja] <gaiola>
/p/ : /tʃ/	<i>par</i> ['par] <parece; parecem> <i>ciar</i> ['tʃar] <claro>
/p/ : /dʒ/	<i>pöch</i> ['pøk] <pouco> <i>giöch</i> ['dʒøk] <jogo> (S)
/p/ : /f/	<i>pör</i> ['pør] <pobre; coitado> <i>för</i> ['før] <fora; para fora>
/p/ : /v/	<i>pel</i> ['peɫ] <pelo> <i>vel</i> ['veɫ] <véu>
/p/ : /s/	<i>pora</i> ['pora] <pobre; coitada> <i>sora</i> ['sora] <sobre a; acima da>
/p/ : /m/	<i>pan</i> ['pan] <pão> <i>man</i> ['man] <mão>
/p/ : /n/	<i>put</i> ['put] <menino; moço> <i>nut</i> ['nut] <nu>
/p/ : /ɲ/	<i>papa</i> ['papa] <papa; mingau; sopa para criança pequena> <i>gnapa</i> ['ɲapa] <pessoa embriagada; aguardente>
/p/ : /l/	<i>pac</i> ['patʃ] <paz> (S) <i>lac</i> ['latʃ] <laço; nó> (S)

/p/ : /r/	<i>pèst</i> ['pɛst] <peste> <i>rèst</i> ['rɛst] <resto>
/b/ : /t/	<i>bon</i> ²⁰⁴ ['bon] <bom> <i>ton</i> ['ton] <ton>
/b/ : /d/	<i>bis</i> ['bis] <cobra; serpente> <i>dis</i> ['dis] <diz; dizem>
/b/ : /k/	<i>bas</i> ['bas] <baixo> <i>cas</i> ['kas] <murcho>
/b/ : /g/	<i>bal</i> ['baɫ] <baile> <i>gal</i> ['gaɫ] <galo>
/b/ : /tʃ/	<i>biga</i> ['biga] <fila> <i>ciga</i> ['tʃiga] <xinga; xingam> (S)
/b/ : /dʒ/	<i>bas</i> ['bas] <baixo> <i>giaz</i> ['dʒas] <gelo; gelado> (SO)
/b/ : /f/	<i>bassa</i> ['basa] <baixa> <i>fassa</i> ['fasa] <faixa>
/b/ : /v/	<i>bal</i> ['baɫ] <baile> <i>val</i> ['vaɫ] <vale>
/b/ : /s/	<i>bas</i> ['bas] <baixo> <i>sas</i> ['sas] <pedra; pedregulho>
/b/ : /m/	<i>bina</i> ['bina] <faixa de terra entre os canteiros da horta> <i>mina</i> ['mina] <mina>
/b/ : /n/	<i>bus</i> ['bus] <buraco; furo> <i>mus</i> ['mus] <rosto; interj. não tem outro jeito!>
/b/ : /ɲ/	<i>bèch</i> ['bɛk] <bico> <i>gnèch</i> ['ɲɛk] <mole>

²⁰⁴ No tópico anterior, tratamos dos êxitos de ò latino no dialeto trentino como vogal posterior meio-aberta [ɔ] e da variação existente no trentino piracicabano com a vogal posterior meio-fechada [o] em alguns contextos, como na expressão “bom dia”, que pode ocorrer como *bon di* [bon 'di] ou *bòn di* [bɔn 'di].

/b/ : /l/	<i>biga</i> ['bɪga] <fila> <i>liga</i> ['lɪga] <amarra; amarram>
/b/ : /r/	<i>bagn</i> ['baŋ] <banho> <i>ragn</i> ['raŋ] <aranha>
/t/ : /d/	<i>ti</i> ['ti] <tu> <i>di</i> ['di] <dia>
/t/ : /k/	<i>tör</i> ['tør] <tomar; pegar> <i>cör</i> ['kør] <coração>
/t/ : /g/	<i>tòs</i> ['tɔs] <pedaço> <i>gòs</i> ['gɔs] <moela; papo; garganta>
/t/ : /tʃ/	<i>tòca</i> ['tɔka] <precisa; necessita> <i>ciòca</i> ['tʃɔka] <galinha choca>
/t/ : /dʒ/	<i>to</i> ['to] <teu> <i>gió</i> ['dʒo] <embaixo; abaixo> (S)
/t/ : /f/	<i>tör</i> ['tør] <tomar; pegar> <i>för</i> ['før] <fora; para fora>
/t/ : /v/	<i>tardi</i> ['tardi] <tarde; hora avançada> <i>vardi</i> ['vardi] <tu vês>
/t/ : /s/	<i>ti</i> ['ti] <tu> <i>si</i> ['si] <sim>
/t/ : /z/	<i>to</i> ['to] <teu> <i>zo</i> ['zo] <embaixo; abaixo> (SO)
/t/ : /m/	<i>ti</i> ['ti] <tu> <i>mi</i> ['mi] <eu>
/t/ : /n/	<i>tessa</i> ['tesa] <cheia; plena; farta> <i>nessa</i> ['nesa] <neta>
/t/ : /ɲ/	<i>tòch</i> ['tɔk] <pedaço> <i>gnòch</i> ['ɲɔk] <punho fechado; nhoque>

/t/ : /l/	<i>ti</i> ['ti] <tu> <i>li</i> ['li] <ali>
/t/ : /r/	<i>tos</i> ['tos] <tosse> <i>ros</i> ['ros] <vermelho>
/d/ : /k/	<i>dolor</i> [do'lor] <dor> <i>color</i> [ko'lor] <cor>
/d/ : /g/	<i>data</i> ['data] <data> <i>gata</i> ['gata] <gata>
/d/ : /tʃ/	<i>dar</i> ['dar] <dar> <i>ciar</i> ['tʃar] <claro>
/d/ : /dʒ/	<i>dènt</i> ['dɛnt] <dente> <i>gènt</i> ['dʒɛnt] <gente; pessoas> (S)
/d/ : /f/	<i>dat</i> ['dat] <deu; dado> <i>fat</i> ['fat] <fez; feito>
/d/ : /v/	<i>dis</i> ['dis] <diz; dizem> <i>vis</i> ['vis] <fronte; rosto; testa>
/d/ : /s/	<i>dur</i> ['dur] <duro> <i>sur</i> ['sur] <rolha>
/d/ : /z/	<i>dènt</i> ['dɛnt] <dente> <i>zènt</i> ['zɛnt] <gente; pessoas> (SO)
/d/ : /ʃ/	<i>da</i> ['da] <dá; dão> <i>ša</i> ['ʃa] <chá>
/d/ : /m/	<i>di</i> ['di] <dia> <i>mi</i> ['mi] <eu>
/d/ : /n/	<i>dar</i> ['dar] <dar> <i>nar</i> ['nar] <ir>
/d/ : /ɲ/	<i>dènt</i> ['dɛnt] <dente> <i>gnènt</i> ['ɲɛnt] <nada>

/d/x /l/	<i>di</i> ['di] <dia> <i>li</i> ['li] <ali>
/d/ : /r/	<i>dis</i> ['dis] <diz; dizem> <i>ris</i> ['ris] <arroz>
/k/ : /g/	<i>ca</i> ['ka] <casa> <i>ga</i> ['ga] <tem; têm>
/k/ : /tʃ/	<i>car</i> ['kar] <carro de boi> <i>ciar</i> ['tʃar] <claro>
/k/ : /dʒ/	<i>càca</i> ['kaka] <imundície; fezes de animal> <i>giàca</i> ['dʒaka] <paletó; jaqueta>
/k/ : /f/	<i>cont</i> ['kont] <conde> <i>font</i> ['font] <fundo>
/k/ : /v/	<i>cal</i> ['kaɫ] <calo> <i>val</i> ['vaɫ] <vale>
/k/ : /s/	<i>cant</i> ['kant] <canto; hino> <i>sant</i> ['sant] <santo>
/k/ : /ʃ/	<i>ca</i> ['ca] <casa> <i>ša</i> ['ʃa] <chá>
/k/ : /z/	<i>calt</i> ['kaɫt] <quente; calor> <i>zalt</i> ['zaɫt] <amarelo> (SO)
/k/ : /m/	<i>chi</i> ['ki] <quem> <i>mi</i> ['mi] <eu>
/k/ : /n/	<i>cas</i> ['kas] <murcho> <i>nas</i> ['nas] <nariz>
/k/ : /ɲ/	<i>caro</i> ['karo] <caro; querido> <i>gnaro</i> ['ɲaro] <tolo; bobalhão>
/k/ : /l/	<i>chive</i> ['kive] <aqui!> <i>live</i> ['live] <ali! lá!>

/k/ : /r/	<i>cagn</i> ['kaŋ] <cão> <i>ragn</i> ['raŋ] <aranha>
/g/ : /tʃ/	<i>gata</i> ['gata] <tem; têm> <i>ciàta</i> ['tʃata] <pata; garra; pé de ave> (S)
/g/ : /dʒ/	<i>gas</i> ['gas] <gás> <i>giaz</i> ['dʒas] <gelo; gelado> (SO)
/g/ : /f/	<i>gai</i> ['gaj] <galos> <i>fai</i> ['fai] <tu fazes>
/g/ : /v/	<i>gal</i> ['gaɫ] <galo> <i>val</i> ['vaɫ] <vale>
/g/ : /s/	<i>gàbia</i> ['gabja] <gaiola> <i>sàbia</i> ['sabja] <areia>
/g/ : /z/	<i>ga</i> ['ga] <tem; têm> <i>zà</i> ['za] <já> (SO)
/g/ : /ʃ/	<i>ga</i> ['ga] <tem; têm> <i>ša</i> ['ʃa] <chá>
/g/ : /m/	<i>gal</i> ['gaɫ] <galo> <i>mal</i> ['maɫ] <mal; dor>
/g/ : /n/	<i>gom</i> ['gom] <moela> <i>nom</i> ['nom] <nome>
/g/ : /l/	<i>ga</i> ['ga] <tem; têm> <i>la</i> ['la] <a; ela>
/g/ : /r/	<i>gans</i> ['gans] <ganso> <i>ranz</i> ['rans] <ranço; bolor>
/tʃ/ : /dʒ/	<i>cendro</i> ['tʃendro] <cinza de lenha> (S) <i>gendro</i> ['dʒendro] <genro> (S)
/tʃ/ : /f/	<i>ciar</i> ['tʃar] <claro> <i>far</i> ['far] <fazer>

/tʃ/ : /v/	<i>ciara</i> ['tʃara] <clara> <i>vara</i> ['vara] <veja!>
/tʃ/ : /s/	<i>ciòldi</i> ['tʃɔɫdi] <pregos> <i>sòldi</i> ['sɔɫdi] <dinheiro>
/tʃ/ : /z/	<i>ciapa</i> ['tʃapa] <pega> <i>zapa</i> ['zapa] <enxada>
/tʃ/ : /m/	<i>ciar</i> ['tʃar] <claro> <i>mar</i> ['mar] <mar>
/tʃ/ : /n/	<i>ciar</i> ['tʃar] <claro> <i>nar</i> ['nar] <ir>
/tʃ/ : /ɲ/	<i>ciara</i> ['tʃara] <clara; brilhante> <i>gnara</i> ['ɲara] <tola; bobalhona>
/tʃ/ : /l/	<i>ciava</i> ['tʃava] <engana; enganar> <i>lava</i> ['lava] <lava; lavam>
/tʃ/ : /r/	<i>ciar</i> ['tʃari] <claro> <i>rar</i> ['rari] <raro>
/dʒ/ : /f/	<i>giöch</i> ['dʒøk] <jogo> (S) <i>föch</i> ['føk] <fogo>
/dʒ/ : /v/	<i>già</i> ['dʒa] <já> (S) <i>va</i> ['va] <vai; vão>
/dʒ/ : /s/	<i>giach</i> ['dʒak] <jaqueta de malha> <i>sach</i> ['sak] <saco>
/dʒ/ : /z/	<i>giaca</i> ['dʒaka] <paletó; jaqueta> <i>zaca</i> ['zaka] <mastiga; rumina>
/dʒ/ : /ʃ/	<i>già</i> ['dʒa] <já> (S) <i>ša</i> ['ʃa] <chá>
/dʒ/ : /m/	<i>genar</i> [dʒe'nar] <janeiro> <i>menar</i> [me'nar] <levar; conduzir>

/dʒ/ : /n/	<i>già</i> ['dʒa] <já> (S) <i>nà</i> ['na] <ele foi>
/dʒ/ : /ɲ/	<i>gènt</i> ['dʒɛnt] <gente; pessoas> (S) <i>gnènt</i> ['ɲɛnt] <nada>
/dʒ/ : /l/	<i>giöch</i> ['dʒøk] <jogo> (S) <i>löch</i> ['løk] <local; lugar>
/dʒ/ : /r/	<i>gèst</i> ['dʒɛst] <gesto> <i>rèst</i> ['rɛst] <resto; sobra>
/f/ : /v/	<i>föia</i> ['føja] <folha> <i>vöia</i> ['vøja] <vontade; desejo>
/f/ : /s/	<i>fén</i> ['fen] <fazemos> <i>sen</i> ['sen] <somos; estamos>
/f/ : /z/	<i>fa</i> ['fa] <faz; fazem> <i>zà</i> ['za] <já> (SO)
/f/ : /ʃ/	<i>fa</i> ['fa] <faz; fazem> <i>ša</i> ['ʃa] <chá>
/f/ : /m/	<i>fén</i> ['fen] <feno> <i>men</i> ['men] <menos>
/f/ : /n/	<i>far</i> ['far] <fazer> <i>nar</i> ['nar] <ir>
/f/ : /ɲ/	<i>bufa</i> ['buʃa] <bolha de queimadura> <i>bugna</i> ['buɲa] <assadura; hematoma; deformação>
/f/ : /l/	<i>fat</i> ['fat] <fez; feito> <i>lat</i> ['lat] <leite>
/f/ : /r/	<i>fam</i> ['fam] <fome> <i>ram</i> ['ram] <cobre>
/v/ : /s/	<i>van</i> ['van] <vão; em vão> <i>san</i> ['san] <são; saudável>

/v/ : /z/	<i>cava</i> [ka'va] <arranca; retira> <i>casa</i> [ka'za] <casa>
/v/ : /f/	<i>va</i> ['va] <vai; vão> <i>ša</i> ['fa] <chá>
/v/ : /m/	<i>vai</i> ['vaj] <tu vais> <i>mai</i> ['maj] <nunca>
/v/ : /n/	<i>ven</i> ['ven] <vem; vêm> <i>nen</i> ['nen] <vamos>
/v/ : /ɲ/	<i>vara</i> ['vara] <veja!> <i>gnara</i> ['ɲara] <tola; bobalhona>
/v/ : /l/	<i>vardo</i> ['vardo] <veja> <i>lardo</i> ['lardo] <toucinho>
/v/ : /r/	<i>viva</i> ['viva] <viva> <i>riva</i> ['riva] <margem de rio ou lago>
/s/ : /z/	<i>sendro</i> ['sendro] <cinza de lenha> (SO) <i>zendro</i> ['zendro] <genro> (SO)
/s/ : /f/	<i>sa</i> ['sa] <sabe; sabem> <i>ša</i> ['fa] <chá>
/s/ : /m/	<i>san</i> ['san] <são; saudável> <i>man</i> ['man] <mão>
/s/ : /n/	<i>sen</i> ['sen] <somos> <i>nen</i> ['nen] <vamos>
/s/ : /ɲ/	<i>sogno</i> ['soɲo] <sogno> <i>gnogno</i> ['ɲoɲo] <tolo; devagar; de raciocínio lento>
/s/ : /l/	<i>sacro</i> ['sakro] <sacro; santo> <i>lacro</i> ['lakro] <trabalho; atividade>
/s/ : /r/	<i>sàbia</i> ['sabja] <areia> <i>ràbia</i> ['rabja] <raiva; ódio>

/z/ : /ʃ/	<i>zà</i> ['za] <já> (SO) <i>ša</i> ['ʃa] <chá>
/z/ : /m/	<i>zà</i> ['za] <já> (SO) <i>ma</i> ['ʃa] <mas>
/z/ : /n/	<i>zà</i> ['za] <já> (SO) <i>nà</i> ['ʃa] <ele foi>
/z/ : /ɲ/	<i>zènt</i> ['zɛnt] <gente; pessoas> (SO) <i>gnènt</i> ['ɲɛnt] <nada>
/z/ : /l/	<i>zà</i> ['za] <já> (SO) <i>là</i> ['la] <lá>
/z/ : /r/	<i>zio</i> ['zio] <tio> <i>rio</i> ['rio] <rio; torrente>
/m/ : /n/	<i>möva</i> ['møva] <mová; movam> <i>növa</i> ['nøva] <nova>
/m/ : /ɲ/	<i>manca</i> ['maɲka] <falta; faltam> <i>gnanca</i> ['ɲaɲka] <nem; nem mesmo>
/m/ : /l/	<i>mi</i> ['mi] <eu> <i>li</i> ['li] <ali>
/m/ : /r/	<i>mar</i> ['mar] <mar> <i>rar</i> ['rar] <raro>
/n/ : /ɲ/	<i>nono</i> ['nono] <avô; vovô> <i>gnogno</i> ['ɲono] <tolo; devagar; de raciocínio lento>
/n/ : /l/	<i>nà</i> ['na] <ele foi> <i>là</i> ['la] <lá>
/n/ : /r/	<i>nar</i> ['nar] <ir> <i>rar</i> ['rar] <raro>
/ɲ/ : /l/	<i>cagn</i> ['kaɲ] <cão> <i>cal</i> ['kaɫ] <calo>

/ɲ/ : /r/	<i>cognest</i> [ko'nest] <precisou> <i>corest</i> [ko'rest] <correu>
/l/ : /r/	<i>lana</i> ['lana] <lã> <i>rana</i> ['rana] <rã>
/t/ : /n/	<i>folt</i> ['foɫt] <denso; espesso; compacto> <i>font</i> ['font] <fundo>
/t/ : /r/	<i>pòlca</i> ['poɫka] <polca> <i>pòrca</i> ['porka] <porca>

Como afirmado anteriormente, os contrastes [s] ~ [ʃ] e [ʃ] ~ [ʒ] ocorrem somente no trentino piracicabano, e as africadas substituem as fricativas em alguns empréstimos, mas essa característica aparece apenas na fala dos mais velhos (grupo **C** e alguns indivíduos do grupo **B**). Palavras como *chapa* e *jaca* são realizadas de modo diferente entre falantes mais velhos (que *adaptam* a pronúncia com as africadas) e mais novos (que realizam as fricativas) e ocorrem respectivamente como ['tʃapa] ~ ['ʃapa] e ['dʒaka] ~ ['ʒaka].

Vários falares do trentino europeu apresentam duas *sibilantes* muito comuns nos dialetos do setentrional italiano: a fricativa alvéolo-palatar surda [ç] e a fricativa alvéolo-palatal sonora [ʒ]. No dialeto trentino do vale de *Cembra*, por exemplo, as fricativas têm valor distintivo (RIZZOLATTI, 1984). Elas ocorrem em vários falares do vale do Ádige, mas sem valor distintivo.

Alguns falantes do trentino piracicabano realizam a fricativa sonora [ʒ] em certos contextos, como no de *s* impuro de palavras como *slipegar* <escorregar>, que pode ocorrer como [slipe'gar] ~ [zlipe'gar] ~ [ʒlipe'gar], *slis* <liso>, que pode ocorrer como ['slis] ~ ['zlis] ~ ['ʒlis] e *sgnàpa* <aguardente>, que pode ocorrer como ['sɲapa] ~ ['ʒɲapa] ~ ['zɲapa].

Contudo, a ocorrência da fricativa sonora [ʒ] no trentino piracicabano está mais relacionada ao idioleto. Haja vista que as fricativas acima mencionadas aparecem em vários falares do norte da Itália, acreditamos que os imigrantes que fundaram **SO** e **S** também as realizassem, mas não de modo homogêneo e sem valor distintivo, pois a ocorrência da fricativa alvéolo-palatar sonora entre os falantes do trentino piracicabano

do grupo **C** (que aprenderam o trentino como primeira língua) não é homogênea. Por conta disso, não consideramos a sua ocorrência na análise dos pares.

2.4.3. PADRÕES SILÁBICOS E VOCABULARES

Analisamos a partir daqui os padrões silábicos do trentino piracicabano em suas características físicas, estruturais e articulatórias.

Na tabela dos segmentos vocálicos acima, é possível observar nos exemplos a estruturação interna do dialeto em suas possibilidades, na qual as consoantes se organizam nas sílabas de acordo com uma escala ascendente ou descendente de sonoridade. Nos exemplos dos pares, vê-se a função da sílaba no interno do sistema da língua, com os contrastes sonoros, presença ou ausência do acento, diferenciando, assim, a sílaba fonética da sílaba fonêmica.

Não é intuito deste trabalho discutir as diferentes abordagens e teorias sobre a sílaba em sua estrutura interna. Tanto o ponto de vista tradicional como aquele proposto por Selkirk (1982) levam em conta a posição no padrão silábico e a relação dos segmentos que determinam a estrutura da língua.

Todavia, no que se relaciona à interpretação dos glides como alofones das vogais altas /i, u/, trata-se de um ponto de vista controverso, pois ambos podem também ser interpretados como dois fonemas consonantais distintos /y, w/.

Apresentamos exemplos de pares com base na interpretação fonêmica presente nos estudos de Bonatti (1974: 55), na qual tratou da natureza funcional das semivogais no interno da estrutura silábica e consonantal do dialeto trentino:

/j/ x /r/ *töi* ['tøj] <ei, você!>

tör ['tør] <tomar; pegar>

föia ['føja] <folha>

föra ['føra] <fora; para fora>

/j/ x /k/ *taiar* [ta'jar] <cortar>

tacar [ta'kar] <aderir; emendar>

/w/ x /ʔ/ *autar* [aw'tar] <ajudar>

altar [aʔ'tar] <altar>

Encontramos no trentino piracicabano quatro tipos de sílabas, com posição idêntica às do trentino europeu e do dialeto trentino de Pomeranos (BONATTI, 1974), demonstrando, assim, a preservação de um padrão típico trentino no que diz respeito à distribuição dos fonemas na sílaba:

1. apenas ápice: *i* [i] <os; eles>;
2. margem inicial + ápice: *ca* ['ka] <casa>;
3. ápice + margem final: *or* ['or] <ouro>
4. ápice + ápice + margem final: *tör* ['tør] <tomar; pegar>

Isso reforça, inclusive, a afirmação anterior de que o sistema fonológico do trentino piracicabano é o mesmo em suas duas variantes e corresponde ao sistema fonológico do trentino europeu.

Também o esquema de padrões silábicos do trentino piracicabano está em concordância com o padrão silábico do trentino europeu do Vale do Ádige:

V	<i>ha</i> ['a] <tem; têm>
CV	<i>mi</i> ['mi] <eu>
CCV	<i>sté</i> ['ste] <estais>
CCCV	<i>stra'</i> ['stra:] <cansado>
VC	<i>af</i> ['af] <abelha>
CVC	<i>set?</i> ['set] <és tu?>
CCVC	<i>trat</i> ['trat] <trato; acordo>
CCCVC	<i>stret</i> ['stret] <estreito>
VCC	<i>alt</i> ['aɫt] <alto>
CVCC	<i>folt</i> ['foɫt] <denso; espesso>
CCVCC	<i>stinch</i> ['stink] <esticado>
CCCVCC	<i>stronz</i> ['strons] <estrume; fezes secas>

Por sua vez, os padrões polissilábicos ocorrem em posição inicial, medial e final nos vocábulos.

1. EM POSIÇÃO INICIAL

V	<i>ànima</i> ['anima] <alma>
VC	<i>albi</i> ['aɫbi] <cocho de madeira para alimentar animais>
CV	<i>tògo</i> ['tøgo] <apanho; tomo; pego>
CCV	<i>tràpen</i> ['trapen] <furadeira manual>
CCVC	<i>scòrzer</i> ['skɔrzer] <cobrir; tapar>
CCVCC	<i>storn</i> ['storn] <torto; torcido>
CCCV	<i>struca</i> ['struka] <aperta; espreme>
CCCVC	<i>strenger</i> ['strendzer] (S), <i>strenzer</i> ['strenzer] (S) <apertar>
V	<i>oroloi</i> [oro'lɔj] <relógio>
VC	<i>arbassar</i> [arba'sar] <abaixar>
CVC	<i>forment</i> [for'ment] <farinha de trigo misturada com fermento>
CCV	<i>sbarar</i> [sba'rar] <desparar; soltar>
CCCV	<i>strupar</i> [stru'par] <entupir>
CCVC	<i>stornìzia</i> [stor'nisja] <tontura; vertigem; tortura>
CCCVC	<i>sdronzar</i> [sdron'zar] <andar sem rumo>

2. EM POSIÇÃO MEDIAL

CV	<i>abave</i> [a'bave] <vontade; desejo>
CCV	<i>engropar</i> [engro'par] <enroscar; enodar>
CCVC	<i>emprestare</i> [empres'tar] <emprestar>
CVC	<i>nascòrger</i> [nas'kɔrdzer] (S), <i>nascòrzer</i> [nas'kɔrzer] (SO) <perceber>
CCVC	<i>patron</i> [pa'tron] <patrão>

3. EM POSIÇÃO FINAL

V	<i>neó</i> [ne'o] <neto; sobrinho>
CV	<i>parlà</i> [par'la] <falais>
CCV	<i>graspa</i> ['graspa] <grapa>
CCCV	<i>ochèstra</i> [o'kestra] <moela de ave>

VC	<i>sgaùs</i> [sga'us] <vão; oco>
CVC	<i>scartòc</i> [skar'tɔtʃ] (S), <i>scartòz</i> [skar'tɔs] (SO) <embrulho; pacote>
CCVC	<i>prèt</i> ['prèt] <padre>
CCCVC	<i>scrit</i> ['skrit] <escrito>
CVCC	<i>gnorant</i> [no'rant] <ignorante>

Entre os padrões monossilábicos não se encontra registro do padrão CCCV, que só ocorre em vocábulos polissilábicos, apesar do fenômeno de apócope de vogais átonas finais (*scrit* ['skrit] <escrito>; *sgrif* ['sgrif] <arranhão>; *strach* ['strak] <cansado>; *stragn* ['straj] <estranho>; *ströf* ['strøf] <escuro>; *sdrai* ['sdraj] <deitas; estiras>).

No entanto, registramos a palavra *strach* ['strak] <cansado> sendo realizada como *stra'* ['stra:] na frase *Dio, che stra'!* ['dio ke'stra:] <Deus, que cansado!>. Trata-se de uma exclamação relativamente corriqueira na fala da comunidade (em situações de fala do dialeto ou do português) para se referir ao cansaço físico depois de um dia de muita atividade física, após um longo percurso de caminhada ou um trabalho que tenha exigido certo grau de esforço, podendo ocorrer, inclusive, como um grito. Como pudemos observar, a assimilação da oclusiva [k] não é comum na expressão, mas pode ocorrer em situações de fala espontânea de homens, pois a forma feminina é *straca*²⁰⁵.

Registramos outro caso semelhante na palavra *stret* ['stret] <estreito> na frase *l'è massa stret* [lɛ'masa 'stre:] <é muito estreito>. Há vezes em que ocorre um tipo de pausa, com a língua posicionada como que para pronunciar o [t] final que não é realizado totalmente.

A assimilação é um fenômeno muito comum no dialeto bresciano (BONFADINI, 1989) e também ocorre nos falares trentinos. A assimilação completa ocorre geralmente no encontro das oclusivas, sendo a primeira completamente absorvida pela segunda.

No trentino piracicabano, a assimilação não é frequente, mas registramos alguns casos em determinados contextos: no encontro de duas oclusivas (podendo ocorrer um

²⁰⁵ Tratam-se de registros fichados em situações de conversa livre, com falantes se sentindo à vontade e sem estabelecer qualquer tipo de limite ou parâmetro quanto à sua pronúncia. Em situações gravadas, onde ocorre a invasão do mundo privado e se estabelece uma certa formalidade na relação entre entrevistador e entrevistado, muito dificilmente esse aspecto seria registrado. No momento em que o falante sabe que está sendo gravado, geralmente procura pronunciar as palavras segundo o que acredita ser a melhor ou mais “correta” maneira. Todos os registros de casos de assimilação foram feitos em situações de fala espontânea, e ao perguntarmos se era comum a omissão de *-ch* na palavra *strach*, um dos falantes afirmou que se está tão cansado, que nem a pronúncia das palavras “sai” (ocorre) perfeitamente.

prolongamento na duração da articulação da vogal seguinte) e quando uma oclusiva precede uma nasal ou uma fricativa:

l'è tròp brut ['lɛ trɔ'bru:t] <é muito feio>

che strach che son! [ke'stra: ke'son] <como estou cansado!>

en temp bel [en tem'be:t] <um tempo bonito>

l'è tròp vert ['lɛ trɔ:'vert] <é um verde novo para pintar>

el gal 'l ga le gambe ligà' [e't'ga:t'ga le'gam li'ga] <o galo tem as pernas amarradas²⁰⁶>

Dentro dos padrões silábicos acima descritos, registramos no trentino piracicabano vocábulos de uma, duas, três, quatro, cinco e seis sílabas.

VOCÁBULOS DE UMA SÍLABA:

ho ['ɔ] <tenho>

ti ['ti] <tu>

bào ['baw] <verme; inseto; monstro do imaginário infantil>

fra ['fra] <frade²⁰⁷>

ài ['aj] <alho>

as ['as] <tábua>

ton ['ton] <trovão>

piat ['pjat] <prato>

crich ['krik] <coque de cabelo>

stragn ['straŋ] <estranho>

ors ['ors] <urso>

ranz ['rans] <ranço; bolor>

stort ['stort] <torto>

stronz ['strons] <estrume; fezes secas>

²⁰⁶ Trata-se de um trava-línguas conhecido entre os falantes do grupo C.

²⁰⁷ Se pronunciada de forma isolada, a palavra ocorre somente como *frat*. No entanto, na frase “o frade capuchinho” (“frade da barba” em trentino), o -t não se realiza: *en frat de la barba* [n'fra de la'barba]. Somente a forma *fra* ocorre na expressão chula *le balòtole de Fra Gègio* <os testículos do Frade Gègio>, como interjeição que indica espanto ou admiração.

VOCÁBULOS DE DUAS SÍLABAS:

ala ['ala] <asa>

anca ['aŋka] <também>

tana ['tana] <cova>

trati ['trati] <tratos>

straca ['straka] <cansada>

aì [a'i] <aí; certo; isso>

aiut [aj'ut] <ajuda>

afèt [a'fèt] <afeto>

ofrir [o'frir] <oferecer>

copar [ko'par] <matar; abater>

cantar [kan'tar] <cantar>

sdronzar [sdron'zar] <perambular>

VOCÁBULOS DE TRÊS SÍLABAS:

adoplà [ado'pja] <duplo; dobrado>

carega [ka'rega] <cadeira>

crivelar [krive'lar] <peneirar>

stròlega ['strɔlega] <bruxa; cigana>

ùltima ['uɫtima] <última>

ràntega ['rantega] <asma>

trambuchèl [trambu'kɛɫ] <alçapão>

strangolir [stran'golir] <engasgar; perder o ar>

VOCÁBULOS DE QUATRO SÍLABAS:

abastanza [abas'tansa] <bastante; muito>

sacramenta [sakra'menta] <interj. sacramento!>

scomarenta [skoma'renta] <tagarela; fofoqueira>

arbassadi [arba'sadi] <abaixados>

engruciolar [engru'tʃolar] <encolher; amoar-se>

pantegana [paŋte'gana] <ratazana>

sbindorladi [sbindor'ladi] <balançados>

stranudada [stranu'dada] <espiro>

VOCÁBULOS DE CINCO SÍLABAS:

arependudi [arepen'dudi] <arrepêndidos>

desobediência [dezobe'djensa] <desobediência>

scarabalôtel [skaraba'lɔtɛɫ] <besourinho>

arbandonadi [arbando'nadi] <abandonados>

encantesemar [enkanteze'mar] <encantar>

endormenzadi [endormen'sadi] <adormecidos>

barbusteloni [barbuste'loni] <morcegões; jovens que passeiam de noite> (S)

desmentegadi [dezmente'gadi] <esquecidos>

VOCÁBULOS DE SEIS SÍLABAS²⁰⁸:

encantesemàda [enkanteze'mada] <encantada>

encantesemàde [enkanteze'made] <encantadas>

encantesemàdi [enkanteze'madi] <encantados>

Assim como o trentino europeu do Vale do Ádige, o trentino piracicabano apresenta sílabas tônicas e átonas, pré- ou postônicas, e o acento pode ocorrer no final da sílaba, na penúltima sílaba, na antepenúltima e em sílabas de vocábulos fonológicos formados por mais de uma palavra por ênclise, em sílaba que precede a antepenúltima, como na frase *tàche gh'ela* ['takegela] <amarre-a nele; amarre-a nela>. Bonatti (1974, p. 48) afirma que o dialeto trentino apresenta maior incidência de vocábulos paroxítonos,

²⁰⁸ Encontramos esses três exemplos em um total de 3.970 vocábulos por nós recolhidos e consultados.

com frequência superior a 63%, sendo o percentual de palavras oxítonas em torno de 30% e dos proparoxítonos entre 2% e 8%.

“No dialeto trentino, a intensidade se apresenta como a maior ou menor força com que a emissão de uma sílaba se opõe às duas outras que lhe são próximas. O acento do trentino apresenta, às vezes, caráter fonêmico”.

(BONATTI, 1974, p. 48)

2.5. ASPECTOS CONSERVADORES E VARIAÇÕES ADVINDAS DO CONTATO

Dividimos aqui os aspectos *européus* encontrados no trentino piracicabano daqueles surgidos do contato com o português brasileiro e, portanto, exclusivos.

Iniciamos com um quadro das características típicas do dialeto trentino que se conservam no trentino piracicabano. Tratamos dos arcaísmos encontrados, que revelam seu grau de conservação, para, em seguida, tratarmos do contato e das variações.

2.5.1. CARACTERÍSTICAS TÍPICAMENTE TRENTINAS

Por fenômenos *trentinos*, entende-se aqui os aspectos característicos do dialeto trentino que se desenvolveram ao longo dos séculos na Europa e se conservam no trentino piracicabano. Naturalmente, muitas características presentes na variante brasileira não são exclusivas do desenvolvimento do dialeto trentino nesses 120 anos em que é falado na Colônia Tirolesa de Piracicaba. Há que se considerar o trentino piracicabano como língua de imigração, com características que lhe garantem o *status* de *dialeto trentino*, originadas no interno do contexto linguístico da região tirolesa e trazidas para o Brasil pelos imigrantes.

Considera-se, ainda, a constante atuação do sistema linguístico próprio do dialeto trentino, que influenciou o desenvolvimento da variante brasileira e atuou, inclusive, nos casos de empréstimo, resultando em fenômenos exclusivos. São os desenvolvimentos próprios do trentino piracicabano que o diferenciam do trentino europeu atual e a *distância* entre ambos se devem ao isolamento (língua de imigração) e ao contato do trentino com o português brasileiro.

O isolamento causado pela total descontinuidade geográfica e o contato com o português brasileiro garantiram ao trentino piracicabano particularidades que não se encontram na Europa. É importante recordar que o trentino europeu atual também não é mesmo dialeto do final do século XIX, pois sofre constantemente as influências do contato com o italiano, que se intensificaram durante todo o século XX²⁰⁹, principalmente com a popularização dos meios de comunicação de massa.

Apesar dos casos de empréstimos e das variações surgidas pelo contato, as diferenças existentes não fazem do trentino piracicabano um “novo dialeto” e não são suficientes para impedir a comunicação com falantes do trentino europeu.

Com base nesse contexto, apresentamos algumas das principais características *trentinas* presentes no trentino piracicabano.

Não registramos nenhum dos típicos “fenômenos ladinos” identificados por Ascoli (1873), como a manutenção do plural sigmático presente nos falares ladinos, romanches e friulanos (*bels* ao invés de *beli*; *monts* ao invés de *monti*).

Falares trentinos conservadores como os de *Val di Cembra* e *Val di Fiemme* apresentam palavras com ausência da forma plural. Trata-se do resultado da perda da antiga desinência plural em *-s* que se difundia por boa parte da região trentina durante a Alta Idade Média (HEILMANN, 1955; RIZZOLATTI, 1984), mas foi gradativamente substituída pelo tipo *-i* / *-e* devido à pressão linguística exercida pelo vêneto no leste e pelo lombardo no oeste, que não apresentam a desinência plural em *-s*. Essa *pressão* influenciou o antigo falar ladino na região trentina de forma a praticamente eliminar as antigas formas plurais que se conservam atualmente apenas nas áreas “periféricas” dos falares romanches, ladinos e friulanos²¹⁰.

Mesmo que a desinência do tipo *-i* seja a marca de plural das palavras oriundas da segunda e terceira declinações latinas, tal regra resultou na não-variação de algumas formas no plural em palavras femininas oriundas da terceira declinação, que se mantiveram idênticas à forma singular, o que poderia demonstrar o substrato ladino do trentino, uma vez que o antigo plural em *-s* não resultou na substituição completa pela desinência plural trentina em *-i* / *-e*, resultando em formas idênticas aos falares ladinos.

²⁰⁹ A política governamental italiana dos séculos XIX e XX atuou intensamente para suprimir o uso dos dialetos e de idiomas regionais que comprometiam a “unificação” dos “italianos”. A ação dupla dessa política estigmatizou os falares regionais e não considerou línguas próprias como o ladino e o friulano, consideradas “dialetos italianos” inclusive por linguistas conceituados como Carlo Battisti.

²¹⁰ A perda do plural sigmático nos falares trentinos do Vale do Ádige se deu em período anterior, mas a continuidade do fenômeno segue em direção ao norte. A desinência plural em *-s* continua a perder terreno nos distritos meridionais de *Val di Fassa*, sofrendo a influência do tipo *-i* / *-e* da desinência trentina. Sendo a mesma desinência plural do italiano, a perda se reforça com os meios de comunicação de massa.

O trentino piracicabano compartilha essa característica em algumas palavras, ao passo que outras admitem o uso da desinência plural:

bolp ['boɫp] <raposa, raposas; gambá, gambás²¹¹>

fam ['fam] <fome, fomes>

lüm ['lym] <luz, luzes; lamparina, lapmarinas>

sòrt ['sɔrt] <sorte, sortes>

us ['us] <saída, saídas>

s-ciòp ['stʃɔp] <espingarda de um cano, espingardas²¹²>

voce ['votʃe] ~ *oce* ['otʃe] <voz, vozes> (**S** e **SO**)

voc ['votʃ] <voz> ~ *voce* ['votʃe] <vozes> (**S**)

cagn ['kaj] <cão, cães> ~ *cagni* ['kajni] <cães>

croz ['kros] <cruz; cruzes> ~ *croze* ['kroze] <cruzes>

ciàve ['tʃave] <chave, chaves> ~ *ciàvi* ['tʃavi] <chaves> (sobretudo em **SO**)

codògn [ko'dɔɲ] <marmelo, marmelos> ~ *codògni* [ko'dɔɲni] <marmelos>

man ['man] <mão, mãos> ~ *mani* ['man] <mãos>

A partir dos exemplos do trentino piracicabano, é possível identificar resultados linguísticos trentinos das áreas de transição:

1. Do falar ladino de *Val di Fassa* (com conservação da desinência plural -s) com os falares de *Val di Fiemme* e *Val di Cembra* (com substituição da desinência plural -s por -i ou ausência de desinência);
2. Do falar conservador de *Val di Cembra* com o falar da região de *Cortésano* (com ocorrência da desinência -i para casos cembranos de ausência de desinência);
3. Do falar da região de *Cortésano* com as formas “venetizadas” dos falares próximos a Trento, no Vale do Ádige.

A formação do plural no trentino piracicabano segue os padrões trentinos, semelhantes ao italiano. As palavras femininas geralmente terminadas em -a, saídas da primeira declinação latina, apresentam a desinência plural -e:

²¹¹ Caso de ampliação de significado. O gambá (*Didelphis aurita*) não existe no continente europeu.

²¹² Porém *s-ciòpa* ['stʃɔp] <espingarda de dois canos>, pl. *s-ciòpe* ['stʃɔpe].

dòna ['dɔna] <mulher; senhora>, pl. *dòne* ['dɔne]
ca ['ka] ~ *casa* ['kaza] <casa>, pl. *càse* ['kaze]
càora ['kaora] <cabra>, pl. *càore* ['kaore]
mànega ['manega] <manga da camisa>, pl. *màneghe* ['manege]
matèla ['matela] <moça>, pl. *matèle* ['matele]
scùfia ['skufia] <gorro; toca para bebês>, pl. *scùfie* ['skufie]
vaca ['vaka] <vaca>, pl. *vache* ['vake]

As palavras femininas terminadas em *-e* apresentam a desinênciaplural em *-i*, como no italiano, ou não apresentam variação:

ciàve ['tʃave] <chave, chaves> ~ *ciàvi* ['tʃavi] <chaves>
oce ['otʃe] <voz, vozes>
voce ['votʃe] <voz; vozes>

As palavras masculinas, saídas sobretudo da segunda e terceira declinações latinas, apresentam a desinência plural *-i*:

bèch ['bɛk] <bico>, pl. *bèchi* ['bɛki]
brac ['bratʃ] <braço>, pl. *braci* ['bratʃi] (S)
braz ['bras] <braço>, pl. *brazi* ['brasi] (SO)
dent ['dent] <dente>, pl. *denti* ['denti]
madiür [ma'dyɾ] <maduro>, pl. *madiüri* [ma'dyri]
matelòt [mate'lot] <garoto>, pl. *matelòti* [mate'loti]
molín [mo'lin] <moinho>, pl. *molini* [mo'lini]
paron [pa'ron] <patrão>, pl. *paróni* [pa'roni]

A palatalização da consoante final por influência da desinência plural *-i* ocorre nos casos de *l+i*:

caval [ka'vaɫ] <cavalo>, pl. *cavai* [ka'vaj]
gal ['gaɫ] <galo>, pl. *gai* ['gaj]

matèl [ma'tɛɫ] <garoto; rapaz; moço>, pl. *matèi* [ma'tɛj]
salvanèl [salva'nɛɫ] <topete de cabelo>, pl. *salvanèi* [salva'nɛj]
ciuciöl [tʃu'tʃøɫ] <chupeta> pl. *ciuciöi* [tʃu'tʃøj]
paröl [pa'røɫ] <caldeirão> pl. *paröi* [pa'røj]

Assim como no trentino europeu, há palavras no trentino piracicabano que só ocorrem na forma do plural:

abave [a'bave] <desejo; vontade>
bisi ['bizi] <ervilha>
fastidi [fas'tidi] <fraqueza; cansaço; desmaio>
gatissöle [ga'tisole] <cócegas>
sudorini [sудо'rini] <transpiração por nervoso ou mal estar>

No dialeto trentino, o acréscimo de *-a* em posição final ocorre nas palavras femininas cujas correspondentes masculinas ocorrem com consoante final surda ou sonora (variação CVC para CVCV). O trentino piracicabano mantém essa característica, sonorizando ou não a consoante prévocalica:

alt ['aɫt] <alto>, fem. *alta* ['aɫta]
cagn ['kaɲ] <cão>, fem. *cagna* ['kaɲa] ~ *cana* ['kana]
cantor [kaɲ'tor] <cantor>, fem. *cantora* [kaɲ'tora]
entrech ['ntrek] <inteiro>, fem. *entrega* ['ntrega]
fiach ['fjak] <fraco>, fem. *fiaca* [fi'aka]
lof ['lof] <lobo>, fem. *lova* ['lova] ~ *loba* ['loba]
mat ['mat] <louco>, fem. *mata* ['mata]
nöf ['nøf] <novo>, fem. *növa* ['nøva]
nut ['nut] <nu>, fem. *nuda* ['nuda]
fiöl ['fjøl] <filho>, fem. *fiöla* ['fjøla]
precis [pre'tʃis] <exato>, fem. *precisa* [pre'tʃiza] (S)
prezis [pre'sis] <exato>, fem. *prezisa* [pre'siza] (SO)

Os casos de [ˈnut] <nu> e *nöf* [ˈnøf] <novo> são explicáveis diacronicamente, pois as sonoras latinas /d/ e /v/ em *nūdum* e *nōvum* se tornaram /t/ e /f/ em posição final por conta da apócope da vogal final, mas a característica trentina de não-queda de -a na forma feminina garantiu a preservação das consoantes sonoras de *nudam* e *novam*, ocorrendo as formas *nuda* [ˈnuda] <nua> e *növa* [ˈnøva] <nova>. Ocorre sonorização por conta do acréscimo de -a como desinência do verbo no pretérito perfeito:

ciólt [ˈtʃɔlt] <prego>

cioldà [tʃioɫˈda] <pregado>

calt [ˈkaɫt] <quente>

scaldà [skaɫˈda] <aquecido>

No caso de *calt* e *scaldà*, a sonora latina presente em *cālidum* <frio> se tornou surda, conforme a tendência trentina após a queda da vogal final, mantendo a sonoridade em *scaldà* < **ex-calid-are*. Neste caso, a característica trentina de queda vocálica ocorreu com a vogal -e, fenômeno comum nos verbos trentinos terminados em -are, -ere, -ire, característica comum ao vêneto que, contudo, apresenta as palavras respectivamente como *cioldo* e *caldo*²¹³.

O acréscimo de -àda ocorre para adjetivos masculinos em vogal tônica (-à) e funciona como desinência feminina no particípio passado que, no trentino, concorda com o sujeito em vários verbos. Trata-se do desenvolvimento na forma masculina do sufixo latino -atum > *-ado > *-at > -à, que na feminina ocorreu -atam > -ada, com passagem da vogal tônica da última à penúltima sílaba.

autà [auˈta] <ajudado>, fem. *autada* [auˈtada]

ciapà [tʃaˈpa] <pego>, fem. *ciapada* [tʃaˈpada]

crepà [kreˈpa] <quebrado>, fem. *crepada* [kreˈpada]

malà [maˈla] <doente>, fem. *malada* [maˈlada]

ris-cià [risˈtʃa] <arriscado>; *ris-ciada* [risˈtʃada]

roinà [rojˈna] <arruinado>, fem. *roinada* [rojˈnada]

sbugnà [sbuˈna], fem. *sbugnada* [sbuˈnada]

²¹³ O italiano apresenta as formas *chiodo* e *caldo*.

scusà [sku'sa] <desculpado>, fem. *scusada* [sku'sada]

sepolì [sepo'li] <sepultado>, fem. *sepolìda* [sepo'lida]

Os morfemas também apresentam variação, que assumem forma sonora dentro da cadeia da fala, ocorrendo no interior do próprio vocábulo, de forma interna, ou na relação de um vocábulo perante outro, de forma externa. Essas variações ocorrem no interior do próprio vocábulo ou na relação de um vocábulo perante outro, de forma externa. A sequência do artigo indefinido + nome apresenta variações no dialeto trentino de um modo geral, em distribuição complementar:

[m] diante de consoante labial

[ɲ] diante de consoante palatal

[n] para os demais casos

Trata-se de uma característica comum a outros idiomas neolatinos e no trentino ocorre exatamente como no ladino de *Val di Fassa* (ROSSI, 1999). O trentino piracicabano apresenta essa característica, que também ocorre no dialeto de outras comunidades trentinas no Brasil (BONATTI, 1974; BOSO, 2002):

en mat [m'mat] <um louco>

en mùcio [m'mutʃo] <um monte>

en bel [m'bɛɫ] <uma alegria>

en poz [m'pos] <um poço>

en gnaro [ɲ'ɲaro] <um tolo>

en gnòch [ɲ'ɲɔk] <um soco; um punho; um nhoque>

en gnorant [ɲ'ɲorant] <um ignorante>

en nom [n'nom] <um nome>

en naranz [nna'rans] <uma laranja>

en di [n'di] <um dia>

en lart [n'lart] <um toucinho>

en salt [n'saɫt] <um salto>

Ocorrem, ainda, casos similares de gemação resultantes de uma prótese, em palavras iniciadas por vogal:

en amich [n'namik] <um amigo>

en am [n'nam] <um anzol>

en an [n'nan] <um ano>

en arbol [n'narboɫ] <uma árvore>

en òm [n'nɔm] <um homem>

en osèl [n'nozeɫ] ~ [n'nuzɛɫ] <um pássaro>

en us [n'nus] <uma porta; uma saída>

n'ala [n'nala] <uma asa>

n'altra [n'naɫtra] <uma outra>

n' amica [nna'mika] <uma amiga>

n'òra [n'nɔra] <uma hora>

Outro aspecto típico dos falares ladinos, a palatalização de *ca* e *ga* em palavras como *casa* e *gata* (ladino *ciasa* e *giata*), não foi registrada no trentino piracicabano. Os falares ladinos (inclusive aqueles *trentinizados* de *Val di Non* e de *Val di Sole*) conservam os grupos *cl-* e *gl-* em posição inicial. No trentino piracicabano temos:

clementiam > *clemenza* [kle'mensa] <clemência; piedade; bondade>

glōriam > *glòria* ['glɔrja] <glória; vitória; redenção divina>

Assim como o trentino europeu, predominam no trentino piracicabano os casos de palatalização de *pl-*, *bl-*, *cl-*, *gl-* e *fl-* em posição inicial:

placēre > *piacer* [pja'tʃer] (S), *piazer* [pja'ser] (SO) <prazer>

plūere > **pluvere* > *piöver* ['pjøver] <chuva>

a.a.a. *blanch* > lat.med. *blancu* > *bianch* ['biank] <branco>

clāvis > *ciave* ['tʃave] <chave>

clamare > *ciamar* [tʃa'mar] <chamar>

gr. *klerikòs* > *clericum* > *cièrig* ['tʃɛrig] ~ *cièrigo* ['tʃɛrigo] <clérigo>

gr. *ekklesià* > > *ecclēsia* > *ciesa* ['tʃjeza] ~ *cesa* ['tʃeza] <igreja>

flōrem > *fior* ['fjor] <flor>

Ocorre, ainda, um caso de conservação na palavra *splat* ['splat] <plano; liso> e registra-se um exemplo do desenvolvimento de *-cl-* intervocálico que, após uma fase precedente em *-gl-*, resultou em [dʒ]:

spěcŭlum > *spégio* ['spedʒo] <espelho>

Desenvolvimento semelhante se deu na palavra *sangiòt* (“solução”):

singultus > **singlutus* > *sangiòt*²¹⁴ [san'dʒɔt] <solução>

singultire > **singlutiare* > *sangiotar* [sandʒo'tar] <soluçar>

O desenvolvimento de *-cl-* > *-gl-* > [dʒ] difundiu-se por boa parte da região alpina e foi outrora comum ao vênето antigo (PELLEGRINI, 1977: 51-60), mas desapareceu sucessivamente por causa da influência dos resultados de palatalização de *[lj] > [j] > [dʒ]. Mais frequentes são os casos da palatalização de *-cl-* intervocálico que resultaram em [tʃ], característica também presente nos falares vênéticos:

aurīcŭlam > *recia* ['retʃa] <orelha>

ōcŭlum > *ocio* ['otʃo] <olho>

gěnu > *gěnculum* > **gěnŭcŭlum* > *dinòcio* [di'nɔtʃo] <joelho>

větŭlum > *věclus* > *vècio* ['vɛtʃo] <velho>

A variante de **SO** apresenta, além de *dinòcio* <joelho>, as formas *ginòc* [di'nɔtʃ] e *ginòcio* [di'nɔtʃo], mais conservadoras. A forma *dinòcio* na variante de **SO** é semelhante à dos falares trentinos orientais e do vênето e provavelmente se origina na influência vêneta no dialeto trentino.

²¹⁴ O dicionário do dialeto de *Val di Cembra* de Aneggi (1984, p. 133) apresenta a forma *sanghiót*, enquanto o de Grassi (2009, p. 415) apresenta a forma conservadora *sanglot*, comum ao francês e ao provençal. Groff (1955, p. 70) registra a forma *sangiót*. Provavelmente são diferentes estágios do desenvolvimento de *-gl-* que não ocorreram de modo uniforme na região trentina.

A variação no uso de [dʒ] ~ [d] é comum nos falares trentinos orientais e no vêneto; o primieroto e o feltrino realizam [ð] e [θ] para casos de [dʒ] (TISSOT, 1966), e o valsuganoto realiza [d] ou [z] para os mesmos casos (PRATI, 1960). Cita-se, como exemplo, a palavra “virgem”, que pode ser realizada nos falares trentinos como [ˈvɛrdʒine] ~ [ˈvɛrdine] ~ [ˈvɛrðine] ~ [ˈvɛrzine] ~ [ˈvɛrzene]. O trentino piracicabano apresenta as formas *vèrgine* [ˈvɛrdʒine] e *vèrgen* [ˈvɛrdʒen].

As variantes do trentino piracicabano compartilham em diferentes níveis a ocorrência de [tʃ] e [dʒ] para os casos de *ci-*, *ce-*, *gi-*, *ge-* e *j-* latinos. Como veremos adiante, esse desenvolvimento se apresenta sobretudo na variante de **S**, sendo a variante de **SO** compartilha as *inovações* de [s] e [z] atribuídas às influências vêneta²¹⁵ e italiana no dialeto trentino, presentes, inclusive, na variante de prestígio da cidade de Trento. Encontram-se casos de conservação e de “inovação” em ambas as variantes:

cervum > *cervo* [ˈtʃɛrvo] <cervo; veado>

circulāre > *ciurlar* [tʃurˈlar] <vacilar nos pensamentos>

gēneris > *géner* [ˈdʒɛner] <gênero; tipo>

gěñrōsum > *generós* [dʒɛneˈros] <generoso>

gěstum > *gèst* [ˈdʒɛst] <gesto>

jūdex > *judicāre* > *giudicar* [dʒudiˈkar] <julgar>

jōvia > *zōbia* [ˈzɔbjɑ] <quinta-feira>

Registra-se, ainda, o desenvolvimento *quiētus* > *cèt* [ˈtʃɛt] ~ *cèto* [ˈtʃɛto] <quieto>, cuja forma feminina é *cèta* [ˈtʃɛta] <quieta>.

No processo de desenvolvimento do dialeto trentino, formado a partir do antigo substrato ladino, ao qual se fundiram características galo-italicas e vênetas, várias alterações (umas mais tênues e outras mais profundas) ocorreram e constituíram os falares regionais. Interessam-nos os fenômenos comuns ao trentino europeu do Vale do Ádige, ao qual o trentino piracicabano é aparentado e, assim, registramos casos de metaplasmos por aumento, supressão, transposição e transformação.

²¹⁵ Rizzolatti (1984: 23) chama os falares trentinos centrais que apresentam essa mescla de características vênetas de *koiné trentino-vêneta*.

O trentino piracicabano compartilha um fenômeno do trentino europeu, comum também ao vênето, que é a prótese de *s-* em posição inicial antes de consoante surda ou sonora (realizada como [s] ~ [z]), apresentando variação quanto à ocorrência:

squasi ['skwazi] <quase>

bruciar [bru'tʃar] ~ *sbruciar* [sbru'tʃar] <queimar> (S)

bruzar [bru'zar] ~ *sbruzar* [sbru'zar] <queimar> (SO)

cartòc [kar'tɔtʃ] ~ *scartòc* [skar'tɔtʃ] <pacote; embrulho> (S)

cartòz [kar'tɔs] ~ *scartòz* [skar'tɔs] <pacote; embrulho> (SO)

colobia [ko'lobja] ~ *scolobie* [sko'lobje] <lavagem>

coèrger [ko'erdʒer] ~ *scoèrger* [sko'erdʒer] <cobrir>

coèrt [ko'ert] ~ *scoèrt* [sko'ert] <coberto>

giazòtol [dʒa'zɔtoɫ] ~ *sgiazòtol* [zdʒa'zɔtoɫ] <sabugo de milho> (SO)

guèrcio ['gwɛrtʃo] ~ *sguèrcio* ['zgɛrtʃo] <caolho>

margèla [mar'dʒɛla] ~ *smargèla* [zmar'dʒɛla] <muco nasal; ranho>

No trentino piracicabano registramos casos de epêntese de *-r-* e de *-s-*, que também ocorrem no trentino europeu (GRASSI, 2009):

arbassar [arba'sar] <abaixar>, que convive com *sbassar* [sba'sar] <abaixar>

arlevar [arle'var] <levantar>

desmentegar [desmente'gar] <esquecer>

Um fenômeno particular de falares da área alpina, como o friulano, é a ocorrência da vogal de apoio *-i-* que distingue, além das formas verbais, o desenvolvimento de encontros consonantais que não condizem com os padrões silábicos ou são de difícil pronúncia (**gěñcŭlum* > *genoli* [dʒe'noli] <joelho>; *očŭlum* > *voli* ['voli] <olho>). Os falares trentinos do Vale do Ádige e de *Cembra* oscilam na continuação desse desenvolvimento, com fenômeno de metástese além daquele mais antigo, com epêntese de *-e*. O trentino piracicabano apresenta casos de ambos os desenvolvimentos:

cīnis > *cinerēm* > *cendro* ['tʃendro] (**S**), *sendro* ['sendro] (**SO**) <cinza>
geněrum > *gendro* ['dʒendro] (**S**), *zendro* ['zendro] (**SO**) <genro>
veneris > *vendro* ['vendro] <sexta-feira>
febris > *féver* ['fever] <febre>

Também os casos de aférese e síncope encontrados no trentino piracicabano são comuns aos falares trentinos centrais (*gramma* > *agram* ['agram] <grama>; *lěgale* > *leal* [l'e'aɫ] <leal>). Um caso de crase é o da palavra *pedis* > *pè* ['pɛ] <pé>.

Registramos, ainda, casos de metátese (*endromenzar* [endro'mensar] <adormecer>; *endromenzon* [endro'menson] <dorminhoco>), de palavras que não sofreram modificações (em **S** *centimeter* [tʃenti'meter]; em **SO** *zentimeter* [senti'meter] <centímetro>) e de palavras que apresentam variação (*semper* [sem'per] ~ *sempre* [sem'pre] <sempre>).

Registramos casos de assimilação do trentino piracicabano comuns ao trentino europeu: *nostra* > *nòssa* ['nɔsa] <nossa>; *vostra* > *vòssa* ['vɔsa] <vossa>; *septe* > *sète* [s'ete] <sete>; e conservam-se formas como *persech* ['persek] <pêssego>.

A preposição *nte* <*intra* junto com os artigos masculino *el* ou feminino *la* forma os encontros *ntel* ['ndeɫ] ~ *ndel* ['ndel] <no; dentro do> e *ntela* ['ntela] ~ *ndela* ['ndela] <na; dentro da>, semelhantes às formas ladinas *tel*, *te* e *nte*.

2.5.1.1. FORMAS VERBAIS E DE PARTICÍPIOS

O trentino piracicabano compartilha as características típicas dos falares trentinos centrais, com desenvolvimento que apresenta características verbais galo-italicas e vênetas que se difundiram no antigo substrato ladino. As formas e desinências verbais apresentam tanto as formas conservadoras do antigo substrato como as inovações advindas dos superstratos, acrescidas dos empréstimos do adstrato alemão. Por conta disso, o dialeto do Vale do Ádige se diferencia dos falares confinantes e apresenta características próprias, encontradas no trentino piracicabano.

A influência verbal vêneta nos falares trentinos do Vale do Ádige é antiga e dela resultam formas que diferenciaram esses falares daqueles ocidentais, nas quais é notória

a influência do tipo galo-italico. Por boa parte da região trentina, muitas formas verbais ocorrem exatamente como nos falares vênéticos (PRATI, 1960; ANEGGI, 1984). Contudo, características que se propagaram no avanço do vêneto não são exclusivamente vênéticas e aparecem também no lombardo e no friulano.

O trentino compartilha com demais dialetos setentrionais da Itália a realização fonética de um sujeito sob forma pronominal clítica e apresenta, inclusive, sujeitos pronominais. Os sujeitos clíticos ocorrem na segunda pessoa do singular (*ti*), na terceira pessoa do singular (masculino *'l*; feminino *la*) e na terceira pessoa do plural (masculino *ei*; feminino *le*).

ti te parli ['ti te 'parli] <tu falas>

el 'l laora ['ti te 'sej] <ele trabalha>

ela la magna ['ela la'maɲa] <ela come>

lori ei dis ['lori i'dis] <eles dizem>

lore le bala ['lore le'bala] <elas dançam>

te parli? [te 'parli] <tu falas?>

el/'l laora? [† la'ora] <ele trabalha?>

la magna? [la 'maɲa] <ela come?>

ei dis? [ej 'dis] <eles dizem?>

le bala? [le 'bala] <elas dançam?>

mi magno ['mi 'parlo] <eu como>

noialtri parlan [noj'aɫtri par'lan] <nós falamos>

voialtri gavé [voj'aɫtri ga've] <vós tendes>

Nas formas interrogativas breves, os pronomes enclíticos aparecem nos verbos de primeira pessoa do singular e do plural e na segunda pessoa do plural e se fundem com os verbos, assim como no vêneto (que sempre realiza as vogais finais). Nos verbos de terceira pessoa, os pronomes remetem aos demonstrativos latinos *ille* e *illi* (BATTISTI, 1906; ROHLFS, 1954; RIZZOLATTI, 1984).

sonte mi? ['sonte 'mi] <sou eu?>

set? ['set] <és tu?>

el? ['eɫ] <é ele?>

ela? ['ela] <é ela?>

ei? ['ej] <são eles?>

sente noi? ['sente 'noj] <somos nós?>

séghe voi? ['sege 'voj] <sois vós?>

chi elo? [ki'elo] <quem é ele?>

chi ela? [ki'ela] <quem é ela?>

Outras formas interrogativas são possíveis, assim como a dupla repetição do pronome clítico nos verbos de segunda pessoa do singular:

te sei malàda? [te'sej ma'lada] <estás doente?>

ti te te sei malàda? ['ti te te'sej ma'lada] <tu estás doente?>

l'è malà? ['lɛ ma'la] <ele está doente?>

l'èi malàda? ['lɛj ma'lada] <ela está doente?>

l'èi malàde? ['lɛj ma'lade] <elas estão doentes?>

Nas formas negativas, a negação *no* <não> ocorre antes do sujeito clítico:

ti no te sai gnent! ['ti no te 'saj 'nɛnt] <tu não sabes nada!>

el 'l magna e no 'l völ balar [eɫ:'maɲa e noɫ 'vøɫ ba'lar] <ele come e não quer dançar>

ela no la fa ['ela no la 'fa] <ela não faz>

lori no ei pipa ['lori noj 'pipa] <eles não fumam>

lore no le bala ['lore no le'bala] <elas não dançam>

A negação se reforça com o advérbio *mìga* ['miga] ~ *mia*²¹⁶ ['mia] <nada>, que ocorre sempre após o sujeito enclítico:

*mi no 'l völ miga nò!*²¹⁷ ['mi noɫ 'vøɫ 'miga 'nɔ] <eu não o quero!>

²¹⁶ No vêneto, seu uso se alterna com o de *no* e assume a função de “não” na frase. No trentino piracicabano, apenas reforça o sentido da oração.

²¹⁷ Atentar para a ocorrência de *-l* ao invés de *-i* no verbo *völ*, por influência da construção *no+lo*.

Uma influência vêneta nos falares trentinos é a presença da vogal final *-o* na desinência da primeira pessoa do singular de alguns tempos verbais, que não representa, contudo, uma continuação da desinência latina, por causa do fenômeno de apócope das vogais finais exceto *-a*. Na verdade, trata-se de uma inovação ocorrida na região trentina a partir do século XVIII, com a influência vêneta nas variantes de prestígio das cidades, que suprimiram a desinência *-i* típica dos falares camponeses (*mi vâgi* <eu vou>; *mi dîgi* <eu digo>), formada por ênclise do pronome pessoal latino *ego* > *i* que se une à vogal final do verbo (ROHLFS, 1954).

A desinência *-i* ainda é encontrada em falares trentinos mais conservadores, como os de *Val di Cembra* (não em todos os verbos) e de *Val di Fiemme* e no ladino de *Val di Non*, bem como nos verbos de primeira conjugação do friulano (*ió lavóri* <eu trabalho>; *ió clâmi* <eu chamo>). A oeste do Vale do Ádige, os falares lombardos alpinos também apresentam a ocorrência da desinência *-i* na primeira pessoa do presente do indicativo (*mi lavi* <eu lavo>; *mi regòrdi* <eu recordo>; *mi védi* <eu vejo>).

O trentino piracicabano apresenta o morfema *-o* na primeira pessoa do singular nas quatro conjugações regulares, inclusive nos casos de verbos surgidos a partir do contato com o alemão (que seguem a primeira declinação em *-ar*):

mi benedigo ['mi bene'digo] <eu abenço>

mi davèrzo ['mi da'verzo] <eu abro>

mi digo ['mi 'digo] <eu digo; eu acho>

mi sepolisso ['mi sepo'lisho] <eu sepulto>

mi slìpego ['mi 'zlipego] <eu escorrego>

mi vago ['mi 'vago] <eu vou>

mi vegno ['mi 'vejno] <eu venho>

O verbo *tör* <tomar; pegar> apresenta o morfema *-o* e *voler* <querer> apresenta variação:

mi tōgo ['mi 'tøgo] <eu pego>

mi vöi ['mi 'vøj] ~ *mi vōgo* ['mi 'vøgo] <eu quero>

Não se considera etimologicamente o morfema *-o* da primeira pessoa do singular do presente do indicativo; o vêneto apresenta a forma *beo* ['beo] < *bībo* <eu bebo> (LUZZATTO, 2002), mas o trentino piracicabano conserva a forma *bévo* ['bevo], que sofre a influência do infinitivo *béver* ['bever], assim como *scrìver* ['skrìver] <escrever> (*mi scrivo*) e *vìver* ['vìver] <viver> (*mi vîvo*).

Como afirmado anteriormente, a apócope das vogais finais que não *-a* é uma característica típica dos falares trentinos e presente no trentino piracicabano. A permanência de [a] nas formas verbais trentinas se deve aos êxitos da primeira conjugação latina, que conservou a vogal final em dependência de *-as* e *-at*, ao passo que, nas demais conjugações com desinências *-es*, *-et*, *-is* e *-it*, as vogais finais caíram.

No trentino piracicabano, os sinais das vogais finais se manifestam sobretudo nos verbos monossilábicos e naqueles oriundos da quarta conjugação latina:

dīcit > *dis* ['dis] <diz>

tōllet > *tōl* ['tøɫ] <toma; pega>

**vōlet* > *vōl* ['vøɫ] <quer> e, por analogia, *pōl* ['pøɫ] <pode>

dōrmit > *dorm* ['dorm] <dorme>

vēnit > *ven* ['vɛn] <vem>

A queda da vogal final nos verbos de terceira pessoa não aparece em todas as conjugações do dialeto trentino por causa da influência vêneta, que realiza a desinência *-e* nos verbos de primeira e terceira declinações latinas (RIZZOLATTI, 1984):

créder: *crede* ['krede] <crê; crêem>

rìder: *ride* ['ride] <ri; riem>

béver: *beve* ['beve] <bebe; bebem>

entènder: *entènde* ['ntɛnde] <entende; entendem>

Contudo:

tègner: *tègn* ['tɛɲ] <segura>

Assim como o trentino europeu, o trentino piracicabano apresenta a terceira pessoa plural de forma idêntica à terceira singular em todos os tempos verbais, característica também comum ao ladino, ao friulano e a falares vênets e lombardos:

ela la ga ['ela la 'ga] <ela tem>
lore le ga ['lore le 'ga] <elas têm>
el l'ha abù ['eɫ la:'bu] <ele teve>
lori ei ha abù ['lori ja'bu] <eles tiveram>
el 'l gaveva ['eɫ: ga'veva] <ele tinha>
lori ei gaveva ['lori iga'veva] <eles tinham>
ela la gaveria ['ela la gave'ria] <ela teria>
lore le gaveria ['lore le gave'ria] <elas teriam>
ela la gaverà ['ela la gave'ra] <ela terá>
lore le gaverà ['lore le gave'ra] <elas terão>
se el 'l gavés ['seɫ ga'ves] <se ele tivesse>
se lori ei gavés [se 'lori ga'ves] <se eles tivessem>
che 'l gabia elo [keɫ 'gabja 'elo] <que ele tenha>
che ei gabia lori [kej 'gabja 'lori] <que eles tenham>

Não encontramos no trentino piracicabano nenhum traço do passado bicomposto registrado por Ascoli (1873) e que se difundiu por quase toda a região da Galorromânia. A arcaica forma verbal desapareceu de praticamente todos os falares alpinos e padanos, mas Rizzolatti (1984) identificou sua ocorrência no dialeto trentino da comunidade germanófona do Vale do *Fersina* (al. *Fersental*), com um interessante caso de preservação de traços arcaicos trentinos na mais expressiva comunidade de língua alemã da província de Trento²¹⁸. O passado bicomposto corresponde ao *passé surcomposé* do francês, formado com o pretérito perfeito (*passato prossimo*) do verbo *aver* <ter> que se une ao particípio passado de um verbo transitivo (*hai abù dit* <tinha tido dito>) e cujo significado oscilava entre os correspondentes italianos do *trapassato prossimo* (pretérito

²¹⁸ Até meados do século XIX, os habitantes do vale utilizava o dialeto trentino nas relações comerciais com distritos vizinhos ou nas andanças de seus vendedores ambulantes (moq. *Krùmern*).

imperfeito do indicativo) e *trapassato remoto* (que exprime uma ação do passado ocorrida pouco antes de outra, também do passado), mas se distiguia deste pela idéia de independência da ação²¹⁹.

No ladino, a desinência verbal latina *-umus* da primeira pessoa do plural se desenvolveu em *-ón*, que se generalizou para as demais conjugações. No trentino, ainda que seja uma tendência a generalização da desinência *-emus* em *-én*, assim como no lombardo e no vêneto, notam-se os êxitos das demais desinências *-amus* em *-àn* e *-imus* em *-ìn*. O trentino piracicabano compartilha essa característica, com distinção para os verbos da primeira conjugação (*-an*), da segunda e terceira conjugações (*-en*) e da quarta conjugação (*-in*):

cantāmus > *cantan* [kan'tan] <cantamos>

vidēmus > *veden* [ve'den] <vemos>

ridēmus > *riden* [ri'den] <rimos>

dormīmus > *dormin* [dor'min] <dormimos>

No dialeto trentino, a redução de *m* > *n* ocorreu no desenvolvimento da nasal labial em posição final, do mesmo modo que em outras línguas românicas. São poucas as exceções como *fam* <fome> e *am* <anzol> ou no exemplo dos pares *com* <como> em oposição a *con* <com>, nos quais *-m* e *-n* se mantêm para preservar os diferentes significados, embora também ocorra a forma *come* <com>.

Para os verbos originados da primeira conjugação latina, o trentino piracicabano apresenta a forma do particípio passado em *-à*:

cantar: *cantà* [kan'ta] <cantou>

ciacerar: *ciacerà* [tʃatʃe'ra] <conversou>

marendar: *marendà* [maren'da] <merendou>

parlar: *parlà* [par'la] <falou>

²¹⁹ O passado bicomposto também ocorre no friulano e indica um aspecto ocasional ou a pré-intenção de uma ação. O português não apresenta nenhuma correspondente para o *trapassato remoto* do italiano que, inclusive, cada vez mais é substituído pelo *passato remoto*, corresponde ao pretérito perfeito do indicativo. A distinção de ambos se assemelha semanticamente à distinção aspectual do grego clássico entre o Aoristo e o Perfeito: aquele indicava um evento totalmente concluído ocorrido no passado, sem nenhuma relação com o momento da enunciação, ao passo que o Perfeito também indicava um evento concluído no passado, mas que mantinha relevância no momento da enunciação. Os dois paradigmas confluíram no *Perfectum* latino.

Registra-se a conservação de *-t* final em:

dat ['dat] <deu>

fat ['fat] <fez>

trat ['trat] <trouxe>

Entre os verbos originados da segunda conjugação latina, a forma do particípio passado é em *-ù*:

aver: *abù* [a'bu] <teve>

cognósser: *cognossù* [koŋo'su] <conheceu>

enténder: *entendù* [nten'du] <entendeu>

spànder: *spandù* [span'du] <expandiu>

Entre os verbos originados da terceira conjugação latina, a forma do particípio passado é aquela em *-ì*:

capir: *capi* [ka'pi] <entendeu>

fenir: *fenì* [fe'ni] <terminou>

sparir: *sparì* [spa'ri] <desapareceu>

Em alguns verbos, o particípio em *-ù* varia com a forma em *-est*, mais comum na área vêneta e menos frequente nos falares trentinos.

góder: *godest* [go'dest] ~ *godù* [go'du] <gozou; usufruiu>

möver: *movest* [mo'vest] ~ *movù* [mo'vu] <moveu>

remöver: *removest* [remo'vest] ~ *removù* [remo'vu] <removeu>

resòlver: *resolvest* [rezot'vest] ~ *resolvù* [rezot'vu] <resolveu>

tégner: *tegnèst* [te'ɲest] ~ *tegnù* [te'ɲu] <segurou; apanhou>

végner: *vegnù* [vi'vu] ~ *vegnèst*²²⁰ [vi'vest] <viveu>

²²⁰ A forma *vegnèst* foi informada por dois informantes da família Degaspero como sendo possível, mas não a registramos em nenhuma situação de fala espontânea entre os falantes dos grupos **C** e **B**. É possível que se trate de um resquício do dialeto de Sardenha, embora o trentino europeu daquela região utiliza

vìver: *vivèst* [vi'vɛst] ~ *vivù* [vi'vu] <viveu>

volér: *volest* [vo'lest] ~ *volù* [vo'lu] <quis>

O verbo *véder* (“ver”) exemplifica a influência vêneta e a variação nos falares de transição, apresentando a forma *-ist* que convive com a forma *-ù*:

véder: *vist* [ˈvist] ~ *vedù* [veˈdu]

Alguns verbos não apresentam variação quanto à forma do particípio passado, que ocorre somente em *-est*:

tàser: *tasèst* [taˈzɛst] <calou; quietou>

cogner: *cognest* [koˈnɛst] <precisou>

ocorìr: *ocorèst* [okoˈrɛst] <ocorreu; precisou>

prèmer: *premèst* [preˈmɛst] <custou; apertou; comprimiu>

rìder: *ridest* [riˈdɛst] <riu; sorriu>

saver: *savèst* [saˈvɛst] <soube>

stòrger (**S**), *stòrzer* (**SO**): *stòrt* [ˈstɔrt] <entortou; torceu>

sucéder: *sucèst* [suˈtʃɛst] (**S**), *suzèst* [suˈsɛst] (**SO**) <sucedeu; ocorreu>

Há verbos que não apresentam variação com a forma do particípio em *-ù*:

córer: *corest* [koˈrɛst] ~ *cors* [ˈkɔrs] <correu>

discùter: *discùs* [disˈkus] <discutiu>

Apesar de o verbo apresentar as variações *coèrger* ~ *scoèrger* (**S**) e *coèrzer* ~ *scoèrzer* (**SO**), o particípio passado ocorre somente como *coèrt*, mas a forma *scoèrt* ocorre somente como adjetivo:

coèrger ~ *scoèrger* (**S**), *coèrzer* ~ *scoèrzer* (**SO**): *coèrt* [koˈɛrt] <cobriu; tapou>

scoèrt [koˈɛrt] <coberto; tapado>

também a forma *vegnù*, que convive com *vegnèst* nos falares trentinos orientais (PRATI, 1960; TISSOT, 1966) e nos falares vênets ocorre comumente como *vegnèsto*.

O trentino piracicabano apresenta duas partículas que podem ser consideradas interativas ou expletivas porque não possuem sentido próprio, não são obrigatórias e não alteram nem a função sintática, nem o sentido da frase, servindo somente para enfatizar uma ideia ou realçar determinado termo ou verbo.

As partículas também ocorrem nos falares ladinos fassano, noneso e solandro (MAZZEL, 1995; DE BIASI, 2005) e nos falares trentinos mais conservadores. Segundo De Biasi (2005, p. 83), a origem da partícula *pò* é provavelmente latina, advinda do termo *post* (“depois”).

che che te fai pò? [ke 'ke te'faj pɔ] <que fazes?>

Dio pò! ['dio pɔ] <meu Deus!²²¹>

vegn chive! ['vej 'kive] <venha aqui!>

ti ve o mi ve? ['tìve o'mive] <tu ou eu?>

O advérbio *mò* <agora; já> também pode assumir a função de ênfase na frase:

de mò te vai? [de'mɔ te'vaj] <tu só vais agora?>

davèrzi la fenèstra mò! [da'verzi la fe'nɛstra mɔ] <abra a janela!>

2.5.1.2. EMPRÉSTIMOS DO ALEMÃO

Apresentamos, em capítulo anterior, as influências germânicas na região trentina que não se limitam apenas aos casos de empréstimos lexicais, mas estão intrinsecamente ligadas à história regional e fizeram parte, inclusive, da composição étnica local.

Vários sobrenomes de origem germânica remontam ao período em que o alemão era falado juntamente com o antigo ladino que se difundia pela região de Trento.

No decorrer dos séculos, a *italianização* e a *trentinização* de vários sobrenomes originalmente germânicos na região do Tirol Italiano - bem como a falta de documentos

²²¹ Neste caso, a expressão também pode ter relação com as expressões blasfemas (trent. *bestémia*), tais como *Dio pòrco* típicas dos dialetos setentrionais italianos. As “soluções” para evitar tais interjeições são adaptações, tais como *zio pòrco*.

e registros na Idade Média - dificulta a identificação dos sobrenomes germânicos da região²²².

Alguns sobrenomes da Colônia Tirolesa de Piracicaba são comprovadamente de origem germânica, como Pompermayer e Stenico (outrora Steneck em documentos dos imigrantes²²³). O primeiro é originário da região de *Val Fersina* ou *Val dei Mòcheni* (al. *Fersental*) e o segundo é provavelmente uma derivação de Steinegg (outrora Staineg), ainda hoje encontrado dessa forma no Tirol Setentrional. Outros sobrenomes presentes na comunidade, como Brunelli, Mosna e Vitti, são considerados como de provável origem germânica (LORENZI, 1921; 1932): o primeiro, derivado do antigo étimo germânico *bruno* ou do diminutivo de *Brunnen*²²⁴ (“fonte”), o segundo, do termo dialetal trentino *mosna* indicando “monte de pedras” (a partir do alemão *Steinmüsn*) e o terceiro, do nome longobardo *Wito*, cuja raiz gótica *widu*²²⁵ significa “bosque” ou “lenha”. Degasperi poderia muito bem derivar do alemão Kaspar e Christofolletti também poderia derivar de Christofer, como indica Schneller (1866).

Segundo informantes mais velhos do grupo C, alguns dos primeiros emigrantes (homens) tinham noções de alemão e o imigrante Dionisio Degasperi, natural de *Sardagna*, falava o alemão²²⁶. Um outro imigrante que trabalhou na Fazenda Negri, de sobrenome Rover, também falava o alemão além do dialeto trentino.

No Tirol Italiano do final do século XIX, o idioma alemão era usado nas relações comerciais com o Tirol alemão, nas relações com o governo e no exército, de modo que o dialeto trentino sempre foi o idioma doméstico em boa parte do Vale do Ádige. Disso resulta o fato de poucas mulheres camponesas falarem o alemão, embora houvesse famílias historicamente germanófonas em Trento e arredores.

Videsott (2002) afirma que, em várias regiões ladinas, somente os homens dominavam o idioma alemão por causa das obrigações militares e de seu uso nos ofícios públicos. As mulheres, geralmente limitadas à vida e ao trabalho do ambiente

²²² Vários sobrenomes hoje “italianíssimos” são comprovadamente germânicos e muitos deles foram traduzidos logo após o Concílio de Trento, tais como Birti (Wirt), Dalbosco (Waldner), Dalmaso (Hofer), Omenigrandi (Grossmann), Ruberti (Rupert). Outros derivam de nomes próprios germânicos e remetem ao período medieval, tais como Leonardi (Leonhard), Nicolussi (Nikolaus), Stoffela (“Stoffel”, diminutivo de Cristoforo), onde o antigo genitivo bávaro *-i* (como em *Josefitag*, “dia de S. José”) reforçou a desinência plural típica dos sobrenomes italianos.

²²³ Como na certidão do imigrante Simone Steneck, oriundo de *Romagnano*, que se casou com a imigrante Maria Correr (*zia* Maria), também de *Romagnano*, filha do imigrante Giacomo (Jacob) Correr. Embora conste em sua certidão a forma Steneck, o sobrenome entre os descendentes é somente Stenico.

²²⁴ *Brunele* no tirolês alemão, como na canção folclórica *Geh'ma 's aussì zum Peters Brunele*.

²²⁵ Em inglês Wood. O alemão antigo possuía a palavra *wit*, da qual se origina *weit* (“longe”).

²²⁶ Fomos informados pelo seu filho, que afirmou que seu pai conversava em alemão com um antigo professor local, natural da Alemanha, e de sobrenome Pasternek.

doméstico, falavam somente o ladino. O ensino do idioma alemão nas escolas dependia da área de influência e, principalmente, da predisposição da população local²²⁷.

Esse léxico foi trazido para o Brasil com os imigrantes e apresentamos abaixo uma lista de palavras presentes no trentino piracicabano e identificadas como sendo de origem germânica. A pesquisa foi feita com base no dicionário de Groff (1955), que identifica os germanismos presentes no dialeto de Trento, na pesquisa de Osti (2001), que consulta todos os dicionários trentinos publicados (muitos deles utilizados neste estudo), e na pesquisa de Longo (2006), que identifica os germanismos no dialeto trentino da região de *Primiero*.

Alemão (medieval, tirolês ou padrão)	Trentino piracicabano	Significado em português
al. <i>Eisenbahner</i> tir. <i>Eisnbâhner</i>	<i>aisemponer</i> [ajzem'poner]	operário da estrada de ferro ²²⁸
al. <i>Weihnachten</i>	<i>beghenate</i> [bege'nate]	palmas, Epifania ²²⁹
got. <i>blauts</i>	<i>biot</i> ['bjot]	só, sem acompanhamento
al. <i>Butter</i>	<i>botèr</i> [bo'ter]	manteiga
tir. <i>Pluetig</i>	<i>brodegh</i> ['brodeg]	sujo; imundo
tir. <i>Buganzen</i>	<i>buganza</i> [bu'gansa]	frieira, alergia nos pés
al. <i>buhlen</i>	<i>bulo</i> ['bulo] <i>buleto</i> [bu'leto]	exibicionismo; ostentação exibido
al. <i>Knödel</i> tir. <i>Knöderl</i> (dim.)	<i>canederli</i> [ka'nederli]	nhoques de pão, lingüça e ovos, servidos em sopa

²²⁷ Pellegrini (1972) criticou a política italiana nacionalista do início século XX que incentivou o ensino do ladino na província de Bolzano por se tratar de uma “presença latina” na região bilíngue, ao passo que na região ladina de *Val di Fassa*, pertencente à província de Trento e onde não havia a presença linguística alemã, incentivava-se o aprendizado do italiano e o ladino perdia espaço em prol da “unidade nacional”. O ladino passou a ser ensinado nas escolas do Tirol do Sul somente em 1948, enquanto no Trentino a identidade ladina se reforçou com o estatuto de autonomia e até hoje discute-se sobre o idioma de Val di Non ser ou não ladino, embora tenha sido reconhecido em 2013; no Vêneto, uma lei regional de 1983 obrigou o governo a contribuir economicamente com a cultura ladina de *Ampezzo* e *Fodom*, pertencentes à histórica região tiroleza desmembrada na década de 1920 pelo governo fascista e anexada à província de Beluno. Vale lembrar que, no século XVIII, a administração austríaca procurou incentivar o ensino do alemão nas escolas de *Val Gardena* (al. *Gröden*) e *Val Badia* (al. *Gadertal*), mas durante a administração austro-húngara não houve nenhuma política governamental para o ensino escolar do ladino.

²²⁸ Vocabulo recordado por alguns poucos falantes dos grupos C e B.

²²⁹ A referência às palmas se relaciona a alguns rituais folclóricos da comemoração da Epifania.

a.a.a. <i>chouch</i>	<i>civeta</i> [tʃi'veta] (S) <i>ziveta</i> [si'veta] (SO)	coruja; fig. ouro falso
al. <i>Sauerkraut</i>	<i>crauti</i> ['krawti]	chucrute
al. <i>zaspeln</i>	<i>ciaspar</i> [tʃas'par] (S) <i>zaspas</i> [sas'par] (SO)	ciscar
tir. <i>Frais</i>	<i>fèrsene</i> ['fɛrsene]	sarampo
al. <i>Franz</i> ; tir. <i>Franzele</i>	<i>Franzele</i> ['fransele]	hipocorístico de Francisco
lat. <i>catulire</i> ; al. <i>Kitzel</i> (< <i>Katze</i>)	<i>gatissole</i> [ga'tisole]	cócegas
a.a.a. <i>wēban</i>	<i>ghèba</i> ['gɛba]	neblina; serração; fumaça
al. <i>Wirbel</i>	<i>ghirlo</i> ['girlo]	rodamoinho
al. <i>Kropf</i>	<i>grop</i> ['grop]	nó; laço
al. <i>Mädchen</i> tir. <i>Madel</i> (moça)	<i>matèla</i> [ma'tɛla] <i>matèl</i> [ma'tɛɫ] <i>matelòta</i> [mate'lɔta] <i>matelòt</i> [mate'lɔt] <i>matelàte</i> [mate'late]	moça; garota moço; rapaz garota garoto crianças
al. <i>Magen</i>	<i>magon</i> [ma'gon]	mal estar; dor moral; estômago de animal
al. <i>muss</i>	<i>mus</i> ['mus] <i>l'èi mus</i> ['lɛj 'mus] <i>mus mascherin</i> ['mus maske'rin]	é necessário é preciso; é necessário não tem outro jeito!
tir. <i>Patschock</i>	<i>paciòca</i> [pa'tʃɔka] <i>paciòcia</i> [pa'tʃɔtʃa]	lama; matéria pegajosa; gororoba
al. <i>Bettler</i>	<i>pétola</i> ['petola]	carrapicho; coisa grudenta fig. pessoa molesta
al. <i>beteln</i>	<i>petolar</i> [peto'lar]	amolar; molestar
al. <i>Wirbel</i>	<i>pirlo</i> ['pirlo]	pião

al. <i>wirbeln</i>	<i>pirlar</i> [pir'lar]	girar como um pião
tir. <i>Popperl</i> < al. <i>Pupe</i>	<i>pòpa</i> ['pɔpa] <i>pòpo</i> ['pɔpo]	bebê; criança pequena
al. <i>Schwabe</i>	<i>sbovo</i> [s'bovo]	barata
tir. <i>Schwättig</i>	<i>sbètëga</i> ['sbetëga]	coisa de pouco valor (S e SO) carne de segunda (S)
al. <i>brechen</i>	<i>sbregar</i> [sbre'gar] ~ [zbre'gar]	rasgar
al. <i>spritzen</i>	<i>sbriciar</i> [sbri'tʃar] (S) <i>sbrizar</i> [sbri'sar] (SO)	aguar; esquichar água; regar com água
al. <i>Scheidmünze</i>	<i>scheo</i> ['skeo]	grana; dinheiro ²³⁰
m.a.a. <i>schīzen</i> a.a. <i>scheid</i> > <i>Scheisse</i>	<i>sghit</i> ['sgit]	fezes de galinha ou de ave
al. <i>Schnaps</i>	<i>sgnapa</i> ['snapa]	aguardente; embriaguês
al. <i>Schnecke</i>	<i>sgnech</i> ['zɲɛk] <i>gnèch</i> ['zɲɛk]	lesma; coisa mole
al. <i>Schienen</i>	<i>sina</i> ['sina]	trilho do trem
al. <i>schlüpfen</i> tir. <i>schlipfn</i>	<i>slipegar</i> [slipe'gar] ~ [zlipe'gar]	escorregar
al. <i>Spelte</i>	<i>spèltro</i> ['spɛtʁo]	mourão; palanque (madeira)
ret. <i>Malzlos</i> (de origem germânica)	<i>smarlòs</i> [smar'lɔs]	cadeado
al. <i>Stockfisch</i> ²³¹	<i>stofis</i> [sto'fis]	bacalhau
a.a.a. <i>*přz</i> ; m.a.a. <i>břz</i> tir. <i>bitzeln</i>	<i>spiza</i> ²³² ['spisa]	coceira; alergia fig. curiosidade; afobamento
al. <i>drücken</i>	<i>strucar</i> [stru'kar]	apertar; espremer; torcer

²³⁰ Segundo Osti (2001: 50), trata-se de uma gíria surgida com a leitura feita apenas da primeira parte da palavra que constava na moeda (*Schei*).

²³¹ O italiano também reconhece o termo *stoccafisso* para se referir ao bacalhau.

²³² No italiano existe a palavra *pizzicare* (“beliscar”).

al. <i>trinken</i>	<i>trincar</i> [trin'kar]	embriagar-se
tir. <i>Tunke</i>	<i>tonch</i> ['tonk] <i>toncar</i> [ton'kar]	molho molhar o pão no molho
al. <i>Zacke</i> <i>zacken</i>	<i>zacar</i> [za'kar]	mastigar; ruminar
al. <i>Zigeuner</i> tir. <i>Zigainer</i>	<i>cinghen</i> ['tʃingen] (S) <i>zinghen</i> ['zingen] (SO)	cigano

O léxico de origem germânica presente no trentino piracicabano está mais ligado aos empréstimos originários Alta Idade Média (com o estabelecimento de colonos saídos do Tirol Setentrional e da Baviera na região trentina) e remetem, portanto, ao adstrato germânico na região (ŠEBESTA, 1984). Não se encontram no trentino piracicabano os empréstimos típicos do período austro-húngaro, ligados principalmente aos termos militares e administrativos. Registra-se apenas *aisempóner*, recordado por alguns falantes dos grupos **C** e **B**.

Apenas na variante de **S** ocorre a palavra *sat* ['sat] <satisfeito; farto>, que convive com as formas *embugà* [mbu'ga], *sgnionf* ['zdʒonf] e *tes* ['tes] que também ocorrem na variante de **SO**. A palavra está em concordância com a forma alemã *satt*, com o mesmo significado, derivada de *Sättigung* (“saturação”). É muito provável que se trate de um empréstimo do alemão.

Registramos, ainda, a palavra *uf* ['uf] <fartamente; com abundância>, utilizada na expressão *magnar da uf* [ma'nar da 'uf] <comer com fartura>, e que poderia ter alguma relação com o advérbio alemão *auf* (alemânico *uf*).

Longo (2006, p. 22) identifica a palavra *plus* (“blusa”), em uso no primieroto, como sendo um empréstimo do alemão tirolês *Pluse*. O trentino piracicabano apresenta a forma *brùsa* ['bruza] <blusa>. A mudança da lateral alveolar sonora [l] para a vibrante simples [r] é um fenômeno de evolução normal dos grupos de *l* do latim vulgar para o português (lat. *blandus* port. brando; lat. *clavus* port. cravo) e são comuns os casos de metátese no trentino e no vêneto (*dròmìr* <dormir>; *endromenzàr* <adormecer>; *crompàr* <comprar>)²³³. O trentino piracicabano apresenta as palavras *prozion*

²³³ Osti (2001) registra o caso *bródegh* <sujo>, que ocorre no trentino piracicabano, como uma adequação trentina do termo *pluetig* <sujo de sangue> do alemão tirolês.

[pro'sjon] <porção> e *profum* [pro'fum] <perfume>. Poderia ser um empréstimo do português brasileiro, com o fenômeno típico do dialeto caipira que realiza [r] ou [ɹ] para os casos de [l] de outras variantes brasileiras. Não encontramos ['bruza] em nenhum dos dicionários consultados e limitamo-nos a registrar sua ocorrência.

A etimologia da palavra *bis* ['bis] <cobra>, que também ocorre no trentino europeu é controversa. Osti (2001) atribui sua origem ao alemão *beissen* (“morder”), com sentido de “serpente que morde”, mas ela pode também ser originária do latim *bēstum* (“animal”), que no português evolui para a palavra *bicho*. O trentino piracicabano apresenta as palavras *bisso*, *bissòt* e *bisöl* significando “verme” ou “pequeno bicho” e *bissòt* significa também “cobra pequena” ou “filhote de cobra”.

A palavra *sghit* ['sgit] <fezes de galinha ou de ave> assume dois sentidos figurativos muito diversos. O primeiro, na expressão *gaver sghit ntela testa* [ga'ver 'sgit ntela 'tɛsta] <ter fezes na cabeça>, indica uma pessoa de raciocínio lento ou quem tenha cometido uma ação considerada errônea ou de mau gosto. O segundo, mais curioso, é utilizado principalmente pelas mulheres para elogiar os bebês apresentados pelos pais à comunidade e considerados belos; embora realmente faça referência às fezes da galinha, a expressão não tem sentido depreciativo e é feita sempre de forma bem humorada.

Uma característica provavelmente relacionada à antiga influência germânica no dialeto trentino se preserva no trentino piracicabano com o uso do verbo auxiliar *aver* (“ter”) em verbos reflexivos como *desmentegar* [desmente'gar] <esquecer> e *sentar* [sen'tar] <sentar>:

m'ho desmentegà ['mo desmente'ga] <eu me esqueci>

el s'ha sentà zo [eɫ 'sa sen'ta] <ele se sentou>

A construção *verbo+advérbio de lugar*, muito própria ao alemão (mas existente nos falares alpinos como o ladino e o romanche), pode ter se reforçado no trentino por causa do contato. O trentino piracicabano também apresenta o uso de advérbios em construções desse tipo. São eles: *adòs* [a'dɔs] <por cima; sobre>, *dent* ['dent] <dentro>, *för* ['fɔr] <fora; para fora>, *gio* ['dʒo] / *zo* ['zo] <em baixo; para baixo>, *su* ['su] <em cima; para cima> e *sora* ['sora] <em cima>.

crodar adòs [kro'dar a'dɔs] <cair por cima de algo²³⁴>
saltar adòs [saɫ'tar a'dɔs] <pular por cima de algo; atravessar pulando>
vegnir adòs [ve'nir a'dɔs] <chegar bem perto>
darghe dent ['darge 'dent] <esbarrar>
dàrghela dent ['dargela 'dent] <fazer entender>
nar för ['nar 'før] <extraviar; sumir>
parar för [pa'rar 'før] <colocar para fora; expulsar>
far giò ['far 'dʒo] <debulhar> (S)
far zo ['far 'zo] <debulhar> (SO)
lavar giò [la'var 'dʒo] <lavar a louça> (S)
lavar zo [la'var 'zo] <lavar a louça> (SO)
nar giò ['nar 'dʒo] <descer> (S)
nar zo ['far 'zo] <descer> (SO)
sentarse giò [sen'tarse 'dʒo] <sentar-se> (S)
sentarse zo [sen'tarse 'zo] <sentar-se> (SO)
binar su [bi'nar 'su] <ajuntar>
dir su ['dir 'su] <recitar; iniciar uma oração>
pensar su [pen'sar 'su] <divagar; pensar distraidamente>
taiàr su [taj'ar 'su] <picar>
tör su ['tør 'su] <recolher; juntar>
trar su ['trar 'su] <erguer; jogar para cima; vomitar>
vegnir su [ve'nir 'su] <entender>
narghe sora ['narge 'sora] <debruçar-se>
star sora ['star 'sora] <flutuar>
nar via [nar 'via] <partir; ir embora>
parar via [pa'rar 'via] <expulsar>
trar via ['trar 'via] <jogar algo fora; esbanjar>

²³⁴ Sentido que não se confunde com *crodar su tèra* [kro'dar su 'tɛra] <cair ao chão>.

Registramos, ainda:

for oltra [for 'oɫtra]

fo' l'oltra [fo 'loɫtra] <estar do lado de fora>.

Advérbios de lugar aparecem em expressões muito usadas na comunidade:

via che la vaga ['via ke la 'vaga] <que assim seja>

gio che la vaga ['dʒo ke la 'vaga] <que seja desse modo> (S)

zo che la vaga ['zo ke la 'vaga] <que seja desse modo> (SO)

nar fôr dal bèch ['nar 'før daɫ'bɛk] <sair de perto; escafeder-se>

nar fôr dal pèi ['nar 'før daɫ'pɛj] <sair de perto; escafeder-se>

2.5.2.1.1. VARIAÇÕES FONÊMICAS EM EMPRÉSTIMOS DO ALEMÃO

Sobre os múltiplos contatos que alteram o som no dialeto trentino, Bonatti (1974: 59) afirma que no contexto discursivo, cada fonema tende a adaptar-se, em sua articulação, aos fonemas que lhe são contíguos, de modo que certas variações fonéticas, por sua constante repetição, assumem forma regular e entram no sistema sonoro de uma língua em feições que podem ser descritas e até mesmo previstas.

Exemplos no trentino piracicabano são os empréstimos advindos do alemão, nos quais a fricativa alvéolo-palatar sonora [ʒ] e a fricativa dental sonora [z] podem ocorrer em início de palavra, antes de uma consoante surda, como na palavra *slipegar* <escorregar>, com as seguintes variações: [slipe'gar] ~ [zlipe'gar] ~ [ʒlipe'gar]²³⁵.

Antes de consoante sonora e, principalmente, antes de nasal, o trentino piracicabano apresenta tanto a fricativa dental surda [s] como a fricativa alveopalatal sonora [ʒ] (e assim ocorre na maioria das vezes) para a palavra *sgnapa* <aguardente; pessoa embriagada; embriaguês> (do al. *Schnaps*), que pode ocorrer como ['sɲapa] ~ ['ʒɲapa] ~ ['ɲapa].

²³⁵ Como afirmado anteriormente, a fricativa alvéolo-palatal é realçada por poucos falantes e sua ocorrência está mais relacionada ao idioleto.

Dependendo da situação de fala, as ocorrências de ambas as palavras podem ser diferentes no trentino piracicabano e pudemos observar a ocorrência de todas em situações de fala espontânea.

2.5.1.3. ARCAÍSMOS NO TRENTINO PIRACICABANO

Registramos no trentino piracicabano alguns casos arcaísmos lexicais, com palavras que atualmente são muito pouco usadas no trentino europeu ou caíram em desuso. A identificação desse léxico foi feita com base nos registros fichados não-gravados realizados na Europa e nas informações que constam sobre os termos dialetais nos dicionários trentinos consultados.

Portanto, não se trata apenas de palavras trentinas que foram substituídas por palavras do português e se tornaram raras na fala da comunidade, ocorrendo apenas entre os falantes mais velhos do grupo C. Esses casos também existem e, como veremos adiante, há palavras que são raras tanto na fala da Colônia Tirolesa de Piracicaba como no trentino europeu atual.

Os arcaísmos conservados no trentino piracicabano se devem a alguns fatores:

- a) Ao isolamento da comunidade de falantes, que preservou palavras que se tornaram raras ou caíram em desuso no trentino europeu;
- b) Ao uso quase exclusivo do dialeto trentino na comunidade até meados da década de 1960;
- c) À preservação de palavras outrora usadas pelos primeiros imigrantes e que, atualmente, limitaram-se a alguns poucos falantes da colônia. Trata-se de palavras que, desde a época da imigração, possuíam equivalentes de “prestígio” que se tornaram mais usadas.

O terceiro fator se justifica na ocorrência de algumas palavras no trentino piracicabano que, mesmo entre os falantes mais velhos do grupo C, são consideradas “pouco usadas” ou pertencentes ao vocabulário “dos antigos”, ou seja, dos primeiros imigrantes. Para esses casos, o trentino piracicabano apresenta palavras equivalentes que são conhecidas e utilizadas pela maioria dos falantes.

As palavras *scaravanci* [skara'vantʃi] (S) e *scaravanzi* [skara'vansi] (SO) <ervilha> são recordadas apenas por alguns falantes mais velhos do grupo C como pertencentes ao vocabulário de outrora. Para ambas, existe a equivalente *bisi* ['bizi], usada por todos os falantes do trentino piracicabano. Não encontramos as palavras *scaravanci* e *scaravanzi* nos dicionários trentinos consultados, inclusive nos de Grassi (2009) e Trentin (2011), que resgatam o antigo vocabulário montanhês cada vez mais em desuso no trentino europeu, nem nos dicionários do ladino fassano de Mazzel (1995), Rossi (1999) e no DILF (2001). Encontramos, contudo, *scaravazo* no dicionário veneziano de Boeri (1856), grafado como *skaravatz* no dicionário etimológico de Mayer-Lübke (1911) e ambos referem-se ao escaravelho (lat. *scāṛābēus*). A etimologia das palavras provavelmente esteja ligada ao inseto (formato do grão?), mas não encontramos nenhuma referência à ervilha. Em espanhol, a palavra *garbanzo* (outrora também *garbanço*) indica o grão-de-bico, que em português também é chamado de gravenço ou ervanço e cuja etimologia é ainda discutida.

Se as palavras *scaravanci* e *scaravanzi* praticamente caíram em desuso no trentino piracicabano e não são encontradas no trentino europeu, *laica* ['lajka] e *paita* ['pajta], ambas significando “preguiça”, são muito utilizadas na Colônia Tirolense de Piracicaba, inclusive na variante falada do português. A primeira indica propriamente a preguiça e se refere ao “desânimo para um esforço físico” e a segunda faz referência ao estado de torpor após uma farta refeição.

O texto de Guilherme Vitti, escrito em trentino piracicabano e publicado como apêndice no livro de Grosselli (1991), utiliza o termo *laiconi* [laj'koni] <preguiçosos> e Grosselli comenta em uma nota de rodapé (p. 417) sobre o uso das palavras nos bairros e sobre o provável desaparecimento de *laica* no trentino europeu. O trentino piracicabano apresenta algumas derivações:

laicon [laj'kon] <preguiçoso>, fem. *laicon*a [laj'kona]

paiton [paj'ton] <preguiçoso>, fem. *paiton*a [paj'tona]

spaitar [spaj'tar] <vadiar>

spaitarse [spaj'tarse] <espreguiçar-se>

Além deles, um provérbio utilizando os termos é popular entre os falantes do trentino piracicabano, sobretudo em SO: *La paita e la laica, la ven tre vòlte al di, la*

matina, la sera e anca el mezdi (“A preguiça e o cansaço vêm três vezes ao dia, de manhã, de noite e também ao meio-dia”).

Nenhum dos dicionários consultados apresenta o termo *laica* (nem as derivações acima) com sentido de preguiça, inclusive aqueles do ladino fassano. Uma possível origem da palavra se encontra no glossário de Zaccaria (1911, p. 267) sobre os elementos germânicos no italiano, que identifica a palavra *lacco* com sentido de “débil”, “fraco” ou “flácido”, e cuja origem etimológica é a mesma do verbo alemão *schleichen* (“andar devagar”, “andar às furtadelas”), com adjetivo *schleichend* (“lento”). No trentino europeu, não encontramos nenhuma referência ao uso da palavra ou dos derivados existentes no trentino piracicabano, mas somente o verbo *slaicar* na região de *Aldeno* (próxima a *Romagnano*), com sentido de “vadiar” ou “ser lento para fazer algo” e, segundo os informantes, trata-se de um termo pouco usado no dialeto local.

Já *paita* foi reconhecido entre os falantes de *Aldeno* como sinônimo de preguiça, mas não encontramos nenhuma referência ao verbo *spaitar*. Assim como *slaicar*, o termo também é considerado pelos falantes como antigo e de pouco uso. O dicionário de Aneggi (1984) do dialeto de Val di Cembra apresenta *paita* com dois sentidos distintos: a fêmea do peru e um sentido figurativo de fraqueza. Bonatti (1974, p. 77), sobre o dialeto de Pomeranos em Rodeio, indica um caso de diferença de sentido por substituição de objeto, no qual *paita* passou a designar a ave brasileira jacutinga (*Pipile jacutinga*), enquanto em *Matarello* continua a identificar o peru (gênero *Meleagris*).

Alguns termos referentes à família e em uso no trentino piracicabano ainda ocorrem no trentino europeu, mas são considerados arcaicos e geralmente substituídos pelos equivalentes em italiano que apresentam formas *trentinizadas*.

Trentino piracicabano	Trentino europeu (de <i>Romagnano</i>, <i>Sardagna</i> e <i>Cortesano</i>)		Significado em português
<i>fiòz</i> ['fjɔs]	<i>fiòz</i>	<i>figlioccio, filiòzo</i>	afilhado
<i>fiòza</i> ['fjɔsa]	<i>fiòza</i>	<i>figlioccia, filiòza</i>	afilhada
<i>gudàs</i> [gu'das]	<i>gudàs</i>	<i>padrino, padrin</i>	padrinho
<i>gudàssa</i> [gu'dasa]	<i>gudàssa</i>	<i>madrina</i>	madrinha
<i>misèr</i> [mi'ser]	<i>misèr</i>	<i>suocero, sòcero</i>	sogro
<i>medòna</i> [me'dɔna]	<i>medòna</i>	<i>suocera, sòcera</i>	sogra

Alguns falantes em *Romagnano* não reconheceram as palavras *códema* ['kodema] <chaleira> e *segosta* [se'gosta] <corrente na qual se pendura o caldeirão>, muito usada no trentino piracicabano. Em *Cortesano* as palavras foram identificadas e constam, inclusive, no dicionário de Aneggi (1984) as formas *códoma* ['kodema] e *segosta*, presentes no dialeto de *Val di Cembra*.

A palavra *vergot* [ver'got] <algo; alguma coisa> ocorre raramente no trentino piracicabano, que substitui seu uso com o equivalente *qualcòs* [kwaɫ'kɔs] <algo; alguma coisa>, assim como o dialeto da cidade de Trento. No entanto, registramos o uso de *vergot* na região de *Romagnano* e *Cortesano* e em dicionários trentinos, embora prevaleça o uso de *qualcòs*. O termo *vergot* é difuso no dialeto lombardo, que reconhece (assim como alguns falares trentinos) a forma feminina *vergòta* [ver'gɔta], que se utiliza na maioria das vezes da correspondente *qualcòs*. Essa palavra ocorre no trentino europeu e no lombardo, que também conhecem a forma feminina *vergòta* [ver'gɔta] (RIZZOLATTI, 1984).

No trentino piracicabano, o termo *ciavada* [tʃa'vada] indica “fraude” ou “enganação”, além de “estupro” ou “coito imoral”. No entanto, assume caráter figurativo na expressão *fénte na ciavàda* < façamos um encontro divertido>, indicando uma reunião barulhenta e descompromissada. No trentino europeu, os quatro primeiros sentidos são usados, mas o último não. Não se trata de uma ampliação de sentido no trentino piracicabano, pois o trentino europeu reconhece o significado da expressão, mas atualmente utiliza a expressão somente com os sentidos negativos.

Em *Romagnano*, utiliza-se atualmente o termo *irorar* [iro'rar] para “regar” ou “pulverizar veneno” e, tanto na região de *Cortesano* (ao norte de Trento) quanto na região de *Aldeno* (ao sul de Trento), usa-se *sguazar* [sgwa'sar], assim como no trentino piracicabano que não reconhece o termo *irorar*.

2.5.2. DIFERENÇAS ENTRE AS VARIANTES DO TRENTINO PIRACICABANO

Optamos por analisar as diferenças entre as duas variantes do trentino piracicabano antes de tratarmos dos empréstimos e do contato com o português brasileiro, embora haja casos de empréstimos com diferenças próprias a cada bairro.

Entende-se que as duas variantes são, de certo modo, autônomas e alguns fenômenos são específicos, bem como alguns resultados do contato com o português. Estes últimos serão analisados em capítulo seguinte, pois tratamos aqui das características próprias a cada variante, ou seja, daquelas diferenças da fala que independem do contato com o português e foram trazidas pelos imigrantes.

Como afirmado anteriormente, as diferenças aparecem no plano fonético, embora existam algumas diferenças lexicais. A variante de **S** apresenta as características dialetais da região de *Cortesano*, que compartilha vários aspectos com o dialeto conservador de *Val di Cembra*, e a variante de **SO** apresenta as características dialetais de *Romagnano* e *Sardagna*, comuns à variante da cidade de Trento.

Compartilhando as características dessas regiões trentinas, a variante de **SO** geralmente apresenta as fricativas alveolar surda [s] e sonora [z] para os casos que a variante de **S** apresenta a africada alveopalatal surda [tʃ] e sonora [dʒ].

No que concerne ao desenvolvimento de *-ti-* e *-di-* latinos, o trentino piracicabano está em concordância com os falares do Vale do Ádige, com prevalescimento em [s] e [z]. A variante de **SO** compartilha totalmente dessa característica em posição interna e final, mas a variante de **S** não participa totalmente em posição interna e apresenta casos com ocorrência da africada alveopalatal surda [tʃ]:

něptiam > *nèza* ['nɛsa] <neta; sobrinha²³⁶>

pŭteum > *poz* ['pos] <poço>

mědium > *mèz* ['mɛs] <meio>

gŭttiam > *goza* ['gosa] (**SO**), *gocia* ['gotʃa] (**S**) <gota>

mandiam > *manza* ['manza] (**SO**), *mancia* ['mantʃa] (**S**) <espiga de milho>

A ocorrência de [tʃ] e [dʒ] para os casos de *j-* do latim não é uniforme e aparece principalmente na variante de **S**, mas a variante de **SO** compartilha os êxitos de [dʒ]:

gěstum > *gèst* ['dʒɛst] <gesto>

juba > *giuba* ['dʒuba] <jaqueta; paletó>

justum > *giust* ['dʒust] <justo>

²³⁶ Que convive com as formas *neoda* [ne'oda] e *neola* [ne'ola].

Na maioria dos casos, as diferenças aparecem:

jocāre > *giugàr* [dʒu'gar] (S), *zugàr* [zu'gar] (SO) <jogar>

jōcus > *giöch* ['dʒøk] (S), *zöch* ['zøk] (SO) <jogo>

jūvenem > *gioven* ['dʒoven] (S), *zoven* ['zoven] ~ *zoen* ['zoen] (SO) <jovem>

Conclui-se que a variante de S é mais conservadora nesse aspecto, mas há casos da *inovação* de tipo vêneta, com êxito de [z]:

jōvia > *zōbia* ['zɔbja] <quinta-feira> (S e SO)

As variantes apresentam diferentes desenvolvimentos de *ci-*, *ce-*, *qu-*, *gi-* e *ge-* latinos: a de S sempre com as africadas [tʃ] e [dʒ], ao passo que a de SO compartilha as *inovações* de [s] e [z] atribuídas à influência vêneta no dialeto trentino²³⁷, presentes na variante de prestígio da cidade de Trento (GROFF, 1955).

cīvitātem > *cità* [tʃi'ta] (S), *zità* [si'ta] (SO) <cidade>

cěntum > *cento* [tʃento] (S), *zento* ['sento] (SO) <cem>

cěřěbellum > *cervèl* [tʃervɛɫ] (S), *zervèl* ['servɛɫ] (SO) <cérebro>

quīnque > *cinque* [tʃinkwe] (S), *zinquè* ['sinkwe] ~ *zinch* ['sink] (SO) <cinco>

quīngentos > *cinquecento* [tʃinkwe'tʃento] (S), *zinquèzento* [sinkwe'sento] (SO) <500>

gingīva > *gengiva* [dʒen'dʒiva] (S), *zenziva* [zen'ziva] (SO) <gengiva>

gěmñum > *gèmel* ['dʒɛmeɫ] ~ *gèmol* ['dʒɛmoɫ] (S), *zìmel* ['zimeɫ] (SO) <gêmeo>

Porém:

děcem > *deze* ['deze] <dez> (S e SO)

gělātum > *gelà* [dʒe'la] <gelado> (S e SO)

gělum > *gelo* ['dʒelo] <gelo> (S e SO)

quīntum > *quinto* ['kwinto] <quinto> (S e SO)

²³⁷ Rizzolatti (1984: 23) chama essa mescla de características vênetas nos falares trentinos centrais de *koiné trentino-vêneta*.

Na variante dialetal de **S**, os sons palatais ocorrem em posição inicial, posvocálica interna e final e posconsonantal interna e final. Para os mesmos casos, a variante de **SO** apresenta a fricativa alveolar surda [s] e sonora [z]²³⁸.

Variante de S	Variante de SO	Português
<i>già</i> ['dʒa]	<i>zà</i> ['ʒa]	já
<i>giac</i> ['dʒatʃ]	<i>giaz</i> ['dʒas]	gelo
<i>abraciar</i> [abra'tʃar]	<i>abrazar</i> [abra'sar]	abraçar
<i>baciar</i> [ba'tʃar]	<i>bazar</i> [ba'sar]	beijar
<i>sbruciar</i> [sbru'tʃar]	<i>sbruzar</i> [sbru'zar]	queimar
<i>bategiar</i> [bate'dʒar]	<i>batezar</i> [bate'zar]	batizar
<i>vanegia</i> [va'nedʒa]	<i>vaneza</i> [va'nesa] ~ [va'neza]	canteiro
<i>abrac</i> [a'bratʃ]	<i>abraz</i> [a'bras]	abraço
<i>bac</i> ['batʃ]	<i>baz</i> ['bas]	beijo
<i>brac</i> ['bratʃ]	<i>braz</i> ['bras]	braço
<i>lac</i> ['latʃ]	<i>laz</i> ['las]	laço
<i>vòc</i> ['vɔtʃ]	<i>vòz</i> ['vɔs]	voz
<i>viag</i> ['vjadʒ]	<i>viaz</i> ['vjaz] ~ ['vjas]	viagem
<i>molger</i> ['moɫdʒer]	<i>molzer</i> ['moɫzer]	ordenhar
<i>sorgiat</i> [sor'dʒat]	<i>sorzat</i> [sor'zat]	camundongo
<i>dolc</i> ['doɫtʃ]	<i>dolz</i> ['doɫs]	doce
<i>falc</i> ['faɫtʃ]	<i>falz</i> ['faɫs]	foice
<i>marc</i> ['martʃ]	<i>marz</i> ['mars]	podre
<i>sorg</i> ['sordʒ]	<i>sorz</i> ['sorz]	rato

²³⁸ A alternância na ocorrência de [s] e [z] é relativamente comum no dialeto trentino e aparece na fala de **SO**. A ocorrência de [z] parece ser mais frequente em posição prevocálica, sobretudo antes de -a e -e.

Algumas palavras ocorrem somente em uma das variantes, e há casos de palavras cujas variações ocorrem somente em um dos bairros:

Variante de S	Variante de SO	Português
<i>bisèrdola, bisèrgola</i>	<i>bisèrdola</i>	lagartixa
<i>brüzèla, brücèla</i>	<i>bruzèla</i>	espinha
<i>ciant</i>	<i>abit del prèt</i>	batina
<i>cianton</i>	<i>abit del prèt</i>	batina
<i>cimitèri</i>	<i>zimitèri, segrà</i>	cemitério
<i>ciuciàr</i>	<i>ciuciàr, zuciàr</i>	mamar; chupar
<i>ciuciöl</i>	<i>ciuciöl, zuciöl</i>	chupeta
<i>facia</i>	<i>facia, faza</i>	face; rosto
<i>Franza, Francia</i>	<i>Franza</i>	França
<i>ganassa</i>	<i>ganassa, sganassa</i>	bochecha
<i>gelós</i>	<i>gelós, zelós</i>	ciumento
<i>gelosia</i>	<i>gelosia, zelosia</i>	ciúmes
<i>gio</i>	<i>zo</i>	abaixo
<i>Madòna!</i>	<i>Madòna! Madòni</i>	Nossa Senhora!
<i>oce, voc, voce</i>	<i>oce</i>	voz
<i>ricéver</i>	<i>ricéver, rizéver</i>	receber
<i>roseghin</i>		coceira na garganta
<i>ròsp, ròspo, ròsco</i>	<i>ròsco</i>	sapo
<i>sbriciar</i>	<i>sbriciar, sbrizar</i>	esguichar (água)
<i>s-cet, s-ciât</i>	<i>s-cet</i>	limpo; puro
<i>scomenziar, scomenciar</i>	<i>scomenziar</i>	começar
<i>sgociolina</i>	<i>sgozolina, spiovezina</i>	garoa
<i>sopèla</i>	<i>zavata</i>	sandália
<i>pantegana, partegana</i>	<i>pantegana</i>	ratazana
<i>bacalà</i>	<i>bacalà, stofis</i>	bacalhau
<i>vasca</i>		tanque para roupas
<i>zizagna</i>		crítico; zeloso
<i>zolfro, zolf</i>	<i>zolfro</i>	enxofre

Não havendo casos de “fenômenos ladinos” de palatalização de *ca-* e *ga-* em posição inicial, descarta-se a hipótese da preservação de possíveis arcaísmos desses traços fonéticos no trentino piracicabano. De fato, as variantes preservam as características da região do Vale do Ádige, onde o fenômeno não ocorre.

Registramos somente na variante de **S** um caso de *-cl-* intervocálico na palavra *ciocla* ['tʃokla] <boneca feita de sabugo de milho>, que convive com a forma *ciocia* ['tʃotʃa], também existente na variante de **SO**, e identifica a boneca que até meados da década de 1970 era comumente feita pelas crianças de ambos os bairros. O termo faz referência aos estigmas da espiga de milho, considerados pelas crianças como sendo os “tufos de cabelo” da boneca.

Para referir-se especificamente a uma boneca (geralmente de pano), o trentino piracicabano apresenta as palavras *màcia* ['matʃa] e *maciòta* ['matʃota] (diminutivo), de modo que *ciócia*, nesse sentido, significa apenas a boneca feita a partir do sabugo²³⁹. Acreditamos que a forma *ciocla* ['tʃocla] seja um arcaísmo na articulação, uma vez que a palatalização de *-cl-* se deu já em época medieval na região trentina (BATTISTI, 1960).

O dicionário etimológico de Pianigiani (1907) faz referência à hipótese de Diez (1843) para a palavra italiana *ciocca* <tufo; tufo de cabelos>, identificando sua origem no empréstimo do médio alto alemão *Schoc* (ou *Schok*), com sentido de “amontoado”, embora não descarte outra possível origem na palavra eslava *cikka* <pequeno tufo de cabelo>, que indicava o modo característico com que os eslavos e demais povos “bárbaros” prendiam o cabelo acima da cabeça, como que formando um tufo. O dicionário de Groff (1955) apresenta a palavra *ciociona* [tʃo'tʃona] com sentido de grão ou baga, enquanto o de Grassi (2009) apresenta *ciòca* tanto para o cepo que permanece na terra com as raízes após a árvore ter sido cortada (que no trentino piracicabano ocorre como *zòca* ['sɔka]), como para um tufo de cabelos.

Para “tufo”, o trentino piracicabano apresenta também as formas *ciom* ['tʃom], *cioma* ['tʃoma], *cióf* ['tʃof], *ciuf* ['tʃuf] e, no caso do topete dos pássaros, *s-ciofet*

²³⁹ Fazia-se pequenos vestidos para os sabugos e algumas meninas pintavam olhos e boca da “boneca” improvisada. No século XIX, a região de *Val Gardena* (lad. *Gherdëina*, al. *Gröden*) era famosa pela confecção de brinquedos da madeira. Muitas bonecas eram feitas a partir de um tipo de cone de madeira, com entalhes apenas para o rosto, e eram revestidas com panos e pequenos vestidos. Bonecas de pano eram muito raras, pois nas montanhas a chegada de certos produtos (como o tecido) não era frequente e dependia de vendedores ambulantes, como os *Krumer* do vale do *Férsina* (al. *Fersental*), que percorriam as montanhas do Tirol (MARCHESONI & TOLLER, 2011). Assim, as crianças se divertiam com brinquedos feitos a partir de materiais simples e esse costume foi mantido na colônia piracicabana.

[stʃo'fet]. Um tufo de cabelos embaraçados é *ciòtola* ['tʃɔtola] e o topete de cabelo ou os fios amassados que não se deixam pentear é *salvanèl* [sava'nɛɫ].

Ao que parece, trata-se de um caso de variação no qual, primeiramente, ocorreu uma diferença de significado por ampliação, seguida de uma diferença por substituição de objeto. Assim, a palavra *ciócia* passou a fazer referência somente à boneca, perdendo seu sentido original de “tufo de cabelos”. A palavra também assume um sentido figurativo, de tratamento carinhoso, assim como no português, em expressões do tipo “minha boneca” ou “bonequinha”. Um cogumelo mau cheiroso, de cor branca e semelhante a um sabugo de milho, é chamado *ciociàta de merda*.

Para se referir ao sabugo do milho o trentino piracicabano apresenta seis formas diferentes, sendo que duas ocorrem somente na variante de **S** e outras duas ocorrem somente na variante de **SO**.

Em S e SO	Somente em S	Somente em SO
<i>gigiòtol</i> [dʒi'dʒɔtoɫ]	<i>gigòtol</i> [dʒi'gɔtoɫ]	<i>giazòtol</i> [dʒa'zɔtoɫ]
<i>sgiagiòtol</i> [zdʒa'dʒɔtoɫ]	<i>cigòtol</i> [tʃi'gɔtoɫ]	<i>sgiazòtol</i> [zdʒa'zɔtoɫ]

Encontramos no trentino piracicabano cinco casos de alofonia que envolvem a realização do fonema /t/ como africada alveopalatal surda [tʃ] nas palavras derivadas de *òstia* ['ɔstja] <hóstia> e todos ocorrem como interjeição de maravilha ou desaprovação:

òs-cia ['ɔstʃa]

os-ciaria [ɔstʃa'ria]

os-ceta [ɔs'tʃeta]

os-cete [ɔs'tʃete]

os-ción [ɔs'tʃõn]

Além destes, ocorre também *os-piaria* [ɔspja'ria], com o mesmo sentido.

Na variante de **S**, ocorre um caso da realização do fonema /d/ como africada alveopalatal sonora [dʒ] apenas no caso *diàol* ['djaoɫ] <diabo>, que ocorre como ['dʒaoɫ].

Para ilustrar as diferenças entre as duas variantes do trentino piracicabano, apresentamos um texto que elaboramos e que foi traduzido por falantes mais velhos de

ambos os bairros segundo as variantes de **S** e **SO**. A tradução se deu da seguinte maneira: elaboramos o texto e lemos para dois falantes mais velhos do grupo **C** de ambos os bairros. Os parágrafos eram lidos em português e os falantes faziam a tradução de forma espontânea. Procuramos incluir palavras que sabemos serem diversas entre as variantes, enfatizando, assim, as diferenças entre as variantes do trentino piracicabano. Após ter sido feita toda a tradução por parágrafos, lemos para os informantes o texto traduzido na íntegra, buscando corrigir qualquer possível engano. Posteriormente, lemos os textos para mais dois falantes de cada bairro e conferimos sua opinião, procurando encontrar alguma possível variação relevante.

Português:

Quando os nossos avós resolveram partir do Tirol, precisaram organizar tudo. Os parentes e toda a toda a gente perguntavam muitas coisas para saber o que fazer, se lá longe havia igrejas e se os noivos precisavam se casar antes de partir. Eles não tinham paz! Mas era preciso que partissem porque sofriam com a fome e tinham medo da guerra... E quando partiram, as mulheres choravam e as crianças não entendiam que a viagem seria muito longa e riam ao invés de chorar. Mas aqui no Brasil eles trabalharam com a enxada e com a foice e não perderam sua língua, nem a religião. Um capuchinho de Trento chegava à colônia com sua batina marrom e suas pobres sandálias e todos jantavam juntos. Depois que todos estavam satisfeitos, enquanto as mulheres lavavam a louça, os homens conversavam com o padre porque ele lhes contava notícias do Tirol.

Variante de Santana:

*Quande che ei nossi noni ei ha resolvest nar via dal Tirol, le bisognava comedar tüit. Tüiti ei parenti ghe domandava tante ròbe per saver se la via gh'era ciese e se ei morosi ei doveva maridarse prima de nar. Lori no ei gaveva **pac**! Ma ghe ocoreva nar perché ei pativa da la fam e ei gaveva paura de la guera... E quando che ei è nadi via, le dònè le **piangeva** e ei matelòti no ei 'ntendeva che el **viag** 'l saria massa lònch e ei rideva **invèce de piànger**. Ma chi en Brasil ei ha laorà col sapin e co la **falc** e no ei ha pers la so lengua, gnanca la religiòn. En frat de la barba che l'era en òm de Trent l'arivava ntela colonia col so **ciantón** castagn e le pöre **sopèle** e tüiti ei **cenava** ensema. Dopo che ei era tüiti **sati** (sgionfi), entant che le dònè le lavava **gió** ei òmeni i ciaceràva col pret perché 'l ghe contava de la via ndel Tirol. Ancöi tüita la **gènt** la sta **bèn** ntel Brasil.*

['kwaŋde ke:j 'nɔsi 'noni ej'a rezot'vest nar 'via daʔ ti'rot le bizo'nava kome'dar 'tyt /'tyti i pa'renti ge doman'dava 'tante 'rɔbe per sa'ver se la via 'gɛra 'tʃeze e se:j mo'rozi ej do'veva mari'darse 'prima de 'nar / 'lori no:j ga'veva patʃ / ma ge oko'reva nar per'ke i pa'tiva dala 'fam e:j ga'veva pa'ura dela 'gwɛra / e 'kwando ke 'jɛ 'nadi 'via le 'dɔne le pjan'dzeva e:j mate'lɔti no inten'deva keʔ 'vjadʒ ʔ sa'ria 'masa 'lɔnk e:j ri'deva in'vetʃe de 'pjandʒer/ ma ki mbra'ziʔ ej'a lao'ra koʔ sa'pin e ko la 'faltʃ e no ja'pers la so 'lengwa 'naŋka la reli'dʒon / n'frat de la'barba ke'lɛra n'nɔm de 'trɛnt lari'vava n'tela ko'lonia koʔ so tʃan'ton kas'taŋ e le so'pɔre so'pele e'tyti i tʃe'nava n'sema /'dɔpo keʒ 'era 'tyti 'sati ntant ke le'dɔne le la'vava 'dʒo ej'ɔmeni i tʃatʃe'rava koʔ'prɛt per'ke ʔ ge kon'tava de la'via n'del ti'rot / 'aŋkɔj 'tuta la 'dʒɛnt la sta 'bɛn nteʔ bra'ziʔ]

Variante de Santa Olímpia:

*Quande che ei nossi noni ei ha resolvest nar via dal Tirol, le bisognava comedar tüüt. Tüiti ei parenti ghe domandava tante ròbe per saver se la via gh'era ciese e se ei morosi ei doveva maridarse prima de nar. Lori no ei gaveva **paz**! Ma ghe ocoreva nar perché ei pativa da la fam e ei gaveva paura de la guera... E quando che ei è nadi via, le dònne le **pianzeva** e ei matelòti no ei entendeva che el **viaz** 'l saria massa lònch e ei rideva **invèze** de **piànzzer**. Ma chi en Brasil ei ha laorà col sapin e co la **falz** e no ei ha pers la so lengua, gnanca la religiòn. En frat de la barba che l'era en **om** de Trent l'arivava ntela colonia col so **àbit del prèt** castagn e le so pöre **zavate** e tüiti ei **zenava** ensema. Dopo che ei era tüiti **sgionfi**, entant che le dònne le lavava **zo** ei òmeni ei ciaceràva col pret perché 'l ghe contava de la via ndel Tirol. Ancöi tüta la **zènt** la sta **ben** ntel Brasil.*

['kwaŋde ke:j 'nɔsi 'noni ej'a rezot'vest nar 'via daʔ ti'rot le bizo'nava kome'dar 'tyt /'tyti i pa'renti ge doman'dava 'tante 'rɔbe per sa'ver se la via 'gɛra 'tʃeze e se:j mo'rozi ej do'veva mari'darse 'prima de 'nar / 'lori no:j ga'veva pas / ma ge oko'reva nar per'ke i pa'tiva dala 'fam e:j ga'veva pa'ura dela 'gwɛra / e 'kwando ke 'jɛ 'nadi 'via le 'dɔne le pjan'zeva e:j mate'lɔti no inten'deva keʔ 'vjas ʔ sa'ria 'masa 'lɔnk e:j ri'deva in'vese de 'pjanzer/ ma ki mbra'ziʔ ej'a lao'ra koʔ sa'pin e ko la 'fals e no ja'pers la so 'lengwa 'naŋka la reli'dʒon / n'frat de la'barba ke'lɛra n'nom de 'trɛnt lari'vava n'tela ko'lonia koʔ so 'abit deʔ'prɛt kas'taŋ e le so'pɔre sa'vate e'tyti i se'nava n'sema /'dɔpo keʒ 'era

'tyti 'sdʒonfi ntant ke le'done le la'vava 'zo ej'ɔmeni i tʃatʃe'rava koʈ'prɛt per'ke ʈ ge
kon'tava de la'via n'del ti'roʈ / 'aŋkɔj 'tuta la 'zent la sta 'ben nteʈ bra'ziʈ]

Como se vê nos textos, as diferenças dialetais no trentino piracicabano não são suficientes para gerar incompreensão entre os falantes. Não se trata de dois dialetos diferentes, mas de duas variantes de um mesmo dialeto trentino originário do Vale do Ádige, compreensíveis entre si apesar das diferenças fonéticas e lexicais.

Não há casos de incompreensão entre os falantes do trentino piracicabano. Pudemos perceber que, mesmo havendo palavras próprias a cada variante, os falantes de ambos os bairros as reconhecem, mas utilizam apenas o lexico da variante de seu bairro, de modo que o uso de determinada variante faz parte da *identidade*.

Notamos também que algumas palavras próprias da variante de **S** (*sopèla*, *vasca*, *cigolòta*, *sbriciar*) ocorrem em **SO** por causa dos casamentos “mistos”, pois o número de mulheres nascidas em **S** e residindo em **SO** (grupos **C** e **B**) é considerável.

Não fosse a rápida e constante diminuição do uso do dialeto trentino nas relações sociais da comunidade, poderia-se pensar na possibilidade de formação gradativa de uma *koiné*, mas a realidade atual do dialeto não permite esse tipo de conjectura.

Apresentamos também a tradução da história da raposa e do corvo traduzida para o trentino piracicabano, que não apresenta diferenças entre as variantes:

*La volp l'era n'altra volta sfamada. La vede en còrf su en pin co en tòch de formai ntel
bèch. “Sto chi ve el me saveria bon”, l'ha pensà la volp, e la g'ha dit al còrf: “Che bèl
che sei! Se 'l to cant l'è cossi bèl come la to aparenza, allora te sei el pu bèl ntra tüti ei
osèi”.*

[la 'volp 'lɛra 'naʈtra 'vɔʈta sfa'mada / la'vede en 'kɔrf su en'pin kon en 'tɔk de for'maj
nteʈ'bɛk / sto'kive eʈ me save'ria 'bon / la pen'sa la 'voʈp e la'ga 'dit aʈ''kɔrf / ke'bɛʈ ke
te'sej / seʈ tɔ 'kant 'lɛ ko'si 'bɛʈ 'kome la'to apa'rensa a'lorɐ te'sej eʈ pu 'bɛʈ ntra 'tyti
jo'zɛj]

Para melhor comparação com o trentino europeu, apresentamos novamente as versões traduzidas para os falares atuais das localidades de origem dos imigrantes que fundaram a Colônia Tirolesa de Piracicaba:

Romagnano:

La volp la era de nof famada. L'ha vist en corf pozà sun d'en pin con en tòch de formai ntel bech. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la volp, e l'ha ga dit al corf: “Che bèl che te sei. Se te canti come te sei bèl, allora te sei el pu bèl fra tuti i osèi”.

[la 'volp 'l'era de'nof fa'mada la'vist en 'korf po'za su den'pin kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk sto'ki eɫ me pjaze'ria la pen'sa la 'volp e la'ga 'dit aɫ'korf ke'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti 'kome te'sej 'bɛɫ a'lora te'sej eɫ pu 'bɛɫ fra 'tuti jo'zɛj]

Sardagna:

La volp l'era de nòf famada. La vede en corf pozà sun d'en pin con en tòch de formai ntel bèch. “Quel li el me saveria bon”, la pensa la volp, e la ghe dis al corf: “Che bèl che te sei! Se ‘l to cant l'è cossì bèl come la to cera, allora te sei el pu bèl de tuti i osèi”.

[la'volp 'l'era de'nɔf fa'mada la'vede n'korf po'za suden'pin 'kon en'tɔk defor'maj nteɫ'bɛk kwɛɫ'li eɫ'me save'ria 'bon la pen'sa la'volp e'la ge'dis aɫ'korf ke'bɛɫ ke te'sej seɫ tɔ 'kant 'lɛ kosi 'bɛɫ 'kome la'to 'tʃera a'lora te'sej eɫ pu'bɛɫ de 'tuti jo'zɛj]

Cortesano:

La bolp l'era de nof famada. L'ha vist en corvo postà su ‘n ten pin con en tòch de formai nel bèch. “Sto chi el me piaseria”, l'ha pensà la bolp, e la gh'à dit al corvo: “Che bèl che te sei! Se te canti ‘si ben quant che te sei bèl, alor te sei l'osel pu bèl de tuti”.

[la 'volp 'l'era de'nof fa'mada la'vist en 'korvo pos'ta su n'ten 'pin kon en 'tɔk de for'maj neɫ'bɛk sto'ki eɫ me pjaze'ria la pen'sa la 'bolp e la ga 'dit aɫ'korvo ke'bɛɫ ke te'sej se te 'kanti si'ben 'kwant ke te'sej 'bɛɫ a'lor te'sej lo'zɛɫ pu 'bɛɫ de 'tuti]

Val di Cembra

La bolp l'era de nöö famada. L'ava vist en corvac sdravacà su nt'en pin con en tòch de formai ntel bech. “Sto chi el saria bon par mi”, la pensa la bolp e la ghe dis al corvac: “Che bèl che ses! Se ‘l to cantar l'è bèl come el to aspet, völ dir alor che ses el pu bèl en fra tüti i osèi”.

[la 'bolp 'l'era de'nøɔ fa'mada 'lava 'vist en 'korvatʃ sdrava'ka su n'ten 'pin kon en 'tɔk de for'maj nteɫ'bɛk sto'ki el sa'ria 'bon par'mi la pen'sa la 'bolp e la ge'dis aɫ'korvatʃ ke'bɛɫ ke'ses 'seɫ to kan'tar lɛ 'bɛɫ 'kome eɫ to as'pɛt vøɫ'dir a'lor ke'ses eɫ pu'bɛɫ en'fra 'tyti jo'zɛj]

2.5.3. FENÔMENOS ADVINDOS DO CONTATO COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Antes de analisarmos os fenômenos advindos do contato com o português brasileiro, vale lembrar que a composição do trentino piracicabano se forma a partir de vários contextos de contato.

Assim, o contato com o português é apenas um dos aspectos que diferencia o trentino piracicabano do trentino europeu atual, mas não é o único. É razoável supor que os imigrantes do final do século XIX mantinham algum nível de contato com outros falares trentinos e com o alemão, assim como é razoável compreender a formação das variantes dialetais da Colônia Tirolense de Piracicaba como se tratando de um caso de contato entre diferentes falares trentinos que, paralelamente, mantiveram contato com o português nesses 120 anos de imigração e presença *trentina* em Piracicaba.

Desse contexto, temos o seguinte quadro de contatos linguísticos:

Na Europa:

- 1) Contato com falares regionais e conservação de formas arcaicas comuns ao ladino dolomítico;
- 2) O contato histórico com o alemão, que proporcionou empréstimos lexicais.

No Brasil:

- 1) Contato entre diferentes falares regionais trentinos, ocorrido nos anos de trabalho nas fazendas paulistas;
- 2) Contato entre os falares das regiões de *Romagnano*, *Sardagna* e *Cortesano* na colônia fundada em Piracicaba;
- 3) Contato com o português desde a chegada dos pioneiros, mas intensificado em Piracicaba na formação da comunidade e dos bairros tirolese.

Desse quadro, interessa-nos os resultados do contato com o português e da aculturação linguística, ou seja, os fenômenos próprios do trentino piracicabano. No entanto, resultando em casos de empréstimos do português brasileiro (principalmente do dialeto caipira), derivações e diferenças de forma e identidade em palavras trentinas e nos empréstimos. Como veremos, alguns fenômenos são comuns a demais áreas de imigração trentina (BONATTI, 1974).

2.5.3.1. EMPRÉSTIMO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Em um ambiente de *colonização*, os empréstimos se devem, sobretudo, à presença de novos conceitos e objetos culturais do novo ambiente. Com a comunidade tiroleza de Piracicaba não é diferente. A adoção de traços linguísticos que não pertencem ao sistema que os recebe caracteriza o empréstimo, que pode ser o resultado de um condicionamento social ou geográfico, ou efeito do contato linguístico. São nesses casos que a língua, sempre em transformação, se adapta às novas situações e procura automaticamente dar maior expressividade e dinamismo à comunicação entre os falantes.

Os empréstimos lexicais do português no trentino piracicabano ocorrem em diversos campos semânticos e são oriundos principalmente da *variante caipira* do português, comum na área rural piracicabana e principal variante de contato dos primeiros imigrantes tirolezes com o português local, assim como das gerações mais velhas de falantes da comunidade. Em boa parte do léxico brasileiro incorporado ao dialeto trentino local, ocorreu algum fenômeno de adequação fonética, segundo os padrões do trentino. BONATTI (1974, p. 78) registra a palavra *cavaòci* [kava'ɔtʃi] <libélula> no dialeto trentino de Pomeranos (Rio dos Cedros) e afirma se tratar de um empréstimo do português. No entanto, a palavra também ocorre no trentino piracicabano e ANEGGI (1984, p. 55), em seu dicionário do dialeto trentino de *Val di Cembra*, registra a mesma palavra indicando libélula.

2.5.3.1.1. EMPRÉSTIMOS FONÉTICOS

Como afirmado anteriormente, o contraste entre [s] ~ [ʃ] não existe no trentino europeu do Vale do Ádige, ocorrendo apenas no trentino piracicabano e ocorre somente nos empréstimos advindos do português brasileiro.

A fricativa alveopalatal surda [ʃ] existe no italiano²⁴⁰, mas não no trentino. Para esses casos, o dialeto trentino geralmente realiza com a fricativa alveolar surda [s], demonstrando seu desenvolvimento diferente.

²⁴⁰ Na escrita do trentino, a representação gráfica *sc* não corresponde à fricativa alveopalatal [ʃ].

Italiano	Trentino	Português
<i>asciugamano</i> [aʃuga'mano]	<i>sugaman</i> [suga'man]	toalha de mão
<i>pesce</i> ['peʃe]	<i>pes</i> ['pes]	peixe
<i>basso</i> ['baso]	<i>bas</i> ['bas]	baixo

No trentino piracicabano, pode-se dizer que a fricativa [ʃ] convive com [tʃ] e [s] na fala da comunidade. Contudo, alguns falantes do grupo **C** alternam o uso de [tʃ] ~ [ʃ] ~ [s] em algumas palavras que, entre falantes do grupo **B**, ocorrem somente com [ʃ].

[ʃa] ~ ['sa] <chá>

[ʃapa] ~ ['ʃapa] <chapa>

[tʃi'kɔte] ~ [ʃi'kɔte] <chicote> (**S** e **SO**)

[si'kɔte] ~ [ʃi'kɔte] <chicote> (**SO**)

[mise'rika] ~ [miʃi'rika] <mexerica; tangerina>

O contraste [ʃ] ~ [ʒ] aparece no trentino piracicabano, mas principalmente em situações de fala do português ou de alternância no uso dos idiomas, pois [ʒ] convive com [dʒ] em vários empréstimos advindos do português:

[ʒaka] ~ [dʒaka] <jaca>

[ʒa'keta] ~ [dʒa'keta] <jaqueta>

[ʒɛka] ~ [dʒɛka] <Jeca>

[ʒela'tina] ~ [dʒela'tina] <gelatina>

Entre alguns falantes dos grupos **C**, algumas palavras ocorrem somente com a africada [dʒ] e registra-se apócope da vogal final na palavra *tijolo*.

[dʒu'djar] <judiar; maltratar>

[dʒu'dja] <judiou; judiado>, fem. [dʒu'djada] <judiada>

[dʒu'is] <juiz>

[ti'dʒoɫ] <tijolo>

Entre os falantes mais velhos da comunidade, que preservam a forma mais conservadora do dialeto trentino, a mais notória influência fonética do português é a realização de [ʌ] que inexistente no trentino europeu e, segundo Rohlfs (1954), nos dialetos setentrionais italianos da área alpina.

O trentino europeu não faz a oposição /lj : ʌ /, ocorrendo somente como /lj/. No trentino piracicabano, a tendência é manter tal característica, mas registramos a realização de [ʌ] em palavras trentinas e de [lj] em empréstimos, principalmente entre os falantes do grupo **B**:

canéderli [ka'nederli] ~ [ka'nederʌi] <nhoques típicos feitos de pão> (al. *Knödel*)

malha ['maʌa] ~ ['malja] <blusa de malha>

milio ['miljo] ~ ['miʌo] <milho>

Ocorre também um fenômeno de vocalização da lateral palatal, com um segmento com as características articulatorias de uma vogal do tipo /i/, que ocorre como [y] entre falantes do grupo **C** e como [ʌ] entre alguns falantes mais novos do grupo **B**:

lulio ['luljo] ~ ['lulyo] <julho> (grupo **C**)

lulio ['luljo] ~ ['luʌo] <julho> (grupo **B**)

A vibrante múltipla [r] praticamente não ocorre no trentino piracicabano, assim como no trentino europeu, pois a geminada */rr/ – que provavelmente ocorria no latim – simplificou-se em /r/ no desenvolvimento fonético da Itália Setentrional (ROHLFS 1954; FROSI & MIORANZA, 1983).

No trentino piracicabano, a vibrante múltipla ocorre em situações de ênfase do que se está pronunciando ou em expressões onomatopaicas:

raf ['raf] <som da foice cortando o capim ou uma planta>

che ros! [ke 'ros] <que vermelho!>

Registramos sua ocorrência entre os empréstimos do português e em palavras trentinas, sempre em situações de fala espontânea:

*l'era na ratazana*²⁴¹ *granda!* ['lɛra na rata'zãna 'grãnda] <era uma ratazana grande!>
ma che ròba da rider! ['ma ke 'rɔba da 'rider] <mas que coisa engraçada!>

A retroflexa alveolar [ɺ], típica do falar piracicabano, inexistente entre os falantes do grupo C e mais velhos do grupo **B**. Não registramos nenhum caso de seu uso entre os falantes mais velhos da comunidade e sua ocorrência está intrinsecamente relacionada à “abertura” da comunidade e ao sempre maior contato com o português a partir da década de 1970. Trata-se de uma característica encontrada, sobretudo, no grupo **A**.

2.5.3.1.2. EMPRÉSTIMOS GRAMATICAIS

Os empréstimos do português no trentino piracicabano são, em sua grande maioria, de palavras simples, compostas ou de locuções.

Entre as palavras compostas, temos dois tipos: aquelas formadas com dois elementos do português ou com um elemento do português e outro do trentino.

Exemplos de palavras compostas com dois elementos do português são:

['para 'rajo] <para-raios>

['bon prin'sipjo] <bom princípio> (no grupo **C** ocorre também *bonamàn*)

Exemplos de palavras compostas com um elemento do português e outro do trentino são:

['benja 'fjor] <beija-flor>

['nar 'mbɔra] <ir embora>

A variação lexical do caso ['nar 'mbɔra] apresenta o uso do verbo trentino *nar* <ir> juntamente com *embora* do português. Bonatti (1974, p. 75) também registrou seu uso no trentino de Pomeranos, distrito da cidade catarinense de Rio dos Cedros.

Na fala da comunidade (sobretudo em **S**), abundam formas derivadas da expressão típica do setentrional italiano formada a partir da construção *Dio+blasfêmia*

²⁴¹ *Pantegana* (**S** e **SO**) ou *partegana* (**S**) no trentino piracicabano.

ou palavra chula, sempre com sentido de interjeição de admiração ou reprovação. São utilizadas, inclusive, na variante falada do português da comunidade.

Essas palavras compostas são utilizadas quase que exclusivamente pelos falantes do grupo **B**²⁴² (principalmente pelos mais jovens do grupo):

[ˈdio ˈboja] <Deus bóia!>²⁴³

[ˈdio boˈreja] <Deus *boréia*!>²⁴⁴

[ˈdio kasˈtelo] <Deus castelo!>

[ˈdio ˈpia] <Deus pia!>

[ˈdio mosˈkito] <Deus mosquito!>

[ˈdio perniˈlongo] <Deus pernilongo!>

[ˈdio ˈtanke] <Deus tanque!>

2.5.3.1.3. EMPRÉSTIMOS LEXICAIS

Identificamos três situações para o uso do léxico trentino na comunidade que estão relacionados à ocorrência e ao uso de empréstimos do português brasileiro:

1. Preservação das formas originais do trentino europeu;
2. Variação lexical por ampliação, com uso de formas originais do trentino juntamente com aquelas advindas do português (da variante caipira e da norma culta).
3. Substituição total das formas do trentino europeu por aquelas advindas do português (da variante caipira e da norma culta).

De um modo geral, pode ser considerado um empréstimo qualquer palavra do português que seja utilizada por um falante quando utiliza o dialeto e não encontra uma correspondente trentina. O mesmo acontece no trentino europeu e no ladino dolomítico, que constantemente utilizam termos advindos do italiano ou do alemão (muitos deles referentes à tecnologia e aos aparelhos eletrônicos) simplesmente porque não existem

²⁴² Onde o aspecto da religiosidade é menos conservador. Entre os indivíduos do grupo **C**, sobretudo entre as mulheres, o uso dessas expressões blasfemas é raro e bastante condenado.

²⁴³ *bóia* = comida

²⁴⁴ Apesar de muito utilizada, nenhum informante soube informar o significado da palavra. Poderia ser uma deturpação da palavra trentina *barèa* <nojo; asco>, mas esta palavra também é muito utilizada na comunidade. Limitamo-nos a registrar o caso.

correspondentes em seu idioma nativo. Apresentamos alguns desses casos, comparando a realidade atual do trentino europeu com aquela do trentino piracicabano.

Português	Trentino piracicabano	Italiano	Trentino europeu (Vale do Ádige)
televisão, tevê	[televi'zõn]	<i>televisore</i>	[televi'zor]
geladeira	[ʒela'dera], [dʒela'dera]	<i>frigorifero</i>	[frigo'rifero]
trator	[tra'tor] [stra'tor]	<i>trattore</i>	[tra'tor]
carro, automóvel	['karo]	<i>macchina</i>	['makina]

No trentino piracicabano, interessa-nos principalmente a variação lexical por ampliação, na qual os empréstimos do português são utilizados pelos falantes juntamente com o as palavras originalmente trentinas, de modo que foram incorporadas pelo dialeto e são utilizadas por todos os falantes mais velhos. Muitos empréstimos que foram adaptados ao sistema silábico e consonantal trentino e alguns apresentam, inclusive, apócope das vogais finais átonas.

Português	Trentino europeu	Trentino piracicabano	
alemã	<i>tedesca</i> [te'deska] <i>todesca</i> [to'deska] <i>alemana</i> [ale'mana]	<i>tedesca</i> [te'deska] <i>todesca</i> [to'deska] <i>alemana</i> [ale'mana]	[ale'moa]
apressado	<i>pessegà</i> [pese'ga] <i>spessegà</i> [spese'ga]	<i>pessegà</i> [pese'ga] <i>spessegà</i> [spese'ga]	[apre'sa]
azul	<i>gris</i> ['gris]	<i>gris</i> ['gris]	[a'zuʔ]
bagaço	<i>gran</i> ['gran]	<i>gran</i> ['gran]	[ba'gas]
barranco	<i>mont</i> ['mont]	<i>mont</i> ['mont]	[ba'ranʔk]
barro	<i>paciòca</i> [pa'tʃɔka]	<i>paciòca</i> [pa'tʃɔka] <i>paciòcia</i> [pa'tʃɔtʃa]	['baro]
brejo	<i>palta</i> ['paʎta]	<i>palta</i> ['paʎta]	['brɛdʒo]
capeta	<i>diàol</i> [di'aoʎ]	<i>diàol</i> [di'aoʎ]	[ka'peta]

cenoura	<i>ràva giàlda</i> ['rava 'dʒaɫda] <i>ràva zàlda</i> ['rava 'zaɫda] <i>caròta</i> [ka'ɾɔta]	['rava 'dʒaɫda] (S) ['rava 'zaɫda] (SO)	[se'nora]
cerveja	<i>bira</i> ['bira]	<i>bira</i> ['bira]	[ser'vedʒa] (S) [ser'veza] (SO)
empilhar	<i>enmuciar</i> [nmu'tʃar]	<i>enmuciar</i> [nmu'tʃar]	[m'piar]
encaixar	<i>sméter</i> ['smeter]	<i>sméter</i> ['smeter]	[nka'sar]
estaca	<i>stèla</i> [s'tɛla]	<i>stèla</i> [s'tɛla]	['staka]
foice	<i>falc</i> ['faɫʃ] <i>falz</i> ['faɫs]	<i>falc</i> ['faɫʃ] (S) <i>falz</i> ['faɫs] (SO)	['foɫs] ~ ['fojs]
lugar	<i>postiöl</i> [posti'øɫ]	<i>postiöl</i> [posti'øɫ]	[luga'ɾɔt]
neta	<i>nèza</i> ['nɛsa] <i>neola</i> [ne'ola] <i>neoda</i> [ne'ola]	<i>nèza</i> ['nɛsa] <i>neola</i> [ne'ola] <i>neoda</i> [ne'ola]	['nɛta]
sogro	<i>misér</i> [mi'ser]	<i>misér</i> [mi'ser]	['sogro]
telha	<i>tégola</i> ['tegola]	<i>tegola</i> ['tegola]	['teja]
tesoura	<i>fòrbes</i> ['fɔɾbes]	<i>fòrbes</i> ['fɔɾbes]	[te'zora]
tijolo	<i>maton</i> [ma'ton]	<i>maton</i> [ma'ton]	[ti'dʒoɫ] ~ [ti'dʒoj]
terreiro	<i>teren</i> [te'ren]	<i>teren</i> [te'ren]	[te'rero]
tostão	<i>sòldi</i> ['sɔɫdi] <i>persechi</i> ['perseki] <i>fiorìn</i> [fjo'rin]	<i>sòldi</i> ['sɔɫdi] <i>persechi</i> ['perseki] <i>fiorin</i> [fjo'rin]	[tos'tõ]
veado	<i>cervo</i> ['tʃervo] <i>zervo</i> ['servo]	<i>cervo</i> ['tʃervo]	[vja'dɔt]

Ocorrem no trentino piracicabano empréstimos de origem indígena, advindos do contato com a variante caipira do português, muito difundida na região de Piracicaba.

Algumas palavras da variante caipira ocorrem no trentino piracicabano exatamente como na variante do português de Piracicaba, sem qualquer adequação

fonética. No entanto, na maioria dos casos o trentino tende a adequar as palavras às suas características fonéticas, resultando em casos de mudança de entonação.

Dialeto caipira (Piracicaba)	Trentino piracicabano	Significado
[a'vēka]	['venke]	avenca
[baso'ɭa]	[baso'ra]	espécie de arbusto
[be'zoxu]	[be'zoro]	besouro
[bo'dɔke]	[bo'dɔka]	estilingue
[boɭ'da]	[bor'dar]	bordar
[buti'kaba] [boti'kaba]	[boti'kaba] [boti'kava]	jaboticaba
[ka'jera] [koa'jera]	[ka'jera] [koa'jera]	coalheira (peça de couro sobre o arreio)
[kalipi'a]	[kalipi'a]	bosque de eucálptos
[ka'lipju]	[ka'lipjo]	eucálpto
[ka'pɕw]	[ka'pon]	capão; moita
[kaxa'patu]	[kara'pat]	carrapato
[ka'ɭũfɔ]	[ka'rutfo]	caruncho
[kĩ'taw] [kĩ'ta]	[kin'taɫ]	quintal; pátio
[ko'keɭu]	[ko'ker]	coqueiro
[ko'kĩɲu]	[ko'kin]	coquinho
['ʃapa]	['tʃapa]	chapa
[ĩkos'ta]	[nkos'tar]	enconstar
[ĩfexu'za]	[nferu'dzar]	enferrujar
[ga'java]	[ga'java] [sga'java]	goiaba
[goja'beɭa] [gaja'beɭa]	[goja'vare] [gaja'vare] [sgaja'vare] [sgaja'vara]	goiabeira
['ʒaka]	['dʒaka]	jaca
[ʒaka'rɛ]	[dʒaka'rɛ]	jacaré
[ʒagwati'rika] [ʒagwat'i'rika]	[dʒagata'rika]	jaguaririca (<i>Felis pardalis</i>)

[ʒas'min]	[dʒas'min]	jasmim
[ʒata'i]	[ʒata'i] [dʒa'taj]	jataí; jatobá (árvore) (<i>Tetragonisca angustula</i>)
['ʒɛka]	['dʒɛka]	Jeca
[laran'ʒeɭa] [laran'ʒera]	[laran'dʒara] (S) [laran'dʒera] (S) [laran'zara] (SO)	laranjeira
[laɭ'gatu]	[lar'gat] [lar'gato]	lagarto
[mẽdu'i]	[mandu'i]	amendoim
[mo'rɔw]	[mo'ron]	mourão
['õsa]	['onsa]	onça (<i>Panthera onca</i>)
[o'ɭisu]	[o'riso]	ouriço (<i>Coendou villosus</i>)
[pĩta'siwgu] [pĩta'siwva]	[pinta'sɛɭva]	pintassilgo (<i>Sporagra magellanica</i>)
[xu'bĩ]	[ru'bin]	rubim (<i>Leonurus sibiricus</i>)
[xo'ʒɔw]	[ro'dʒõŋ]	rojão
[is'teɭa]	['stera]	esteira para grãos
[tɭa'toɭ]	[stra'tor]	trator
[taɭa'ia] [taɭa'ira] [tra'ira]	[tara'ira]	traíra (peixe) (<i>Hoplias malabaricus</i>)
['tɕke]	['taŋke]	tanque; açude
['taɸu]	['tas]	tacho
[uɭu'bu]	[ru'bu]	urubu
[vin'tẽ]	[vin'tin]	vintém
[zɕ'gɔw]	[zaŋ'gon]	zangão
[ʃu'xasku]	[su'rasko] [ʃu'rasko]	churrasco

A ocorrência da africada [dʒ] ao invés da fricativa [ʒ] aparece em vários empréstimos referentes à natureza e ao ambiente. Ocorrem, ainda, fenômenos como ensurdecimento de [g] e abaixamento da vogal pretônica [i] na palavra *jaguaririca*, e

apenas na variante de **S** ocorre abaixamento de [e] na palavra *laranjeira*, pois a monotongação já ocorre na variante caipira e independe do empréstimo.

Registramos dois casos de hiperbibasmo (sístole), na palavra *jataí* e no nome próprio masculino Jurandir:

[dʒa'taj] <jataí, jatobá>

[dʒu'randir] <Jurandir²⁴⁵>

Bonatti (1974, p. 78) registra as palavras *coiabar* [koja'bar] <goiabeira> e *bùlgher* ['bułger] <bugre²⁴⁶; índio> no trentino de Pomeranos.

O trentino piracicabano apresenta o mesmo desenvolvimento na palavra “bugre” como *bùlgher* ['bułger], além de *bùlghero* ['bułgero], o que torna curiosa sua etimologia no Brasil, com ocorrência idêntica da palavra em duas colônias trentinas distintas²⁴⁷.

2.5.3.2. VARIAÇÕES MORFOFONÊMICAS ADVINDAS DO CONTATO

Em situações de fala espontânea, o som sofre constantemente as influências de vários contextos e pode apresentar alterações, ocorrendo de maneira diferente do que se fosse registrado isoladamente em uma entrevista.

Em uma situação de entrevista, na qual o entrevistador domina a situação e pergunta ao entrevistado sobre determinada palavra, a pronúncia é, de certo modo,

²⁴⁵ Um morador já falecido da comunidade de **S**, membro da família Vitti e que, inclusive, colaborou como informante para nossa dissertação de mestrado e para este trabalho, afirmava que na comunidade não era chamado de outra maneira senão como *Jurândir* [dʒu'randir]. Em conversas com demais moradores do bairro, pudemos constatar que até mesmo os moradores mais novos (inclusive não-falantes do trentino) referiam-se ao morador como [dʒu'rândir] ou [ʒu'rândir]. O fenômeno se explica no padrão silábico e na intensidade do dialeto trentino, onde a sílaba tônica *-ir* em posição final ocorre somente nas formas verbais do infinitivo (*boir* <ferver>; *fenir* <terminar>; *patir* <padecer>).

²⁴⁶ A palavra *bugre* se originou do francês *bougre* <búlgaro> que, por sua vez, se origina da forma latina medieval *bulgarus* <búlgaro>, registrada em 1172 com significado de “herege” ou “sodomita”. Associa-se à heresia dos bogomilitas que se desenvolveu na Bulgária do século IX (fundada pelo padre Bogomil), semelhante à heresia maniqueísta do século VII. Na Europa Ocidental, o termo foi associado à heresia e indicava os praticantes de atos heréticos. Brunello (1996, p. 21) registra *bulgaro* ou *bulghero* na Itália do século XIX para hereges e pessoas de hábitos incivilizados. Em Portugal, a palavra chegou através da França, significando herege (FREYRE, 1963, p. 178) que era imediatamente associado ao sodomita. Na colonização lusitana, os portugueses chamaram imediatamente muitos índios por “bugres” devido aos hábitos selvagens (nudez, antropofagia) e à moral vacilante (poligamia, sodomia).

²⁴⁷ Registramos na cidade catarinense de São Bento do Sul (fundada por imigrantes boêmios, bávaros e suábios) a palavra *Buger* (“bugre”), além de um *Bugersbach* (“Ribeiro dos bugres”).

condicionada pelo informante e, conseqüentemente, sua realização “isolada” não se dá no contexto da fala espontânea. Desse modo, certas variações da articulação que só ocorrem em situações de fala livre não aparecem.

2.5.3.2.1. VARIAÇÃO CVC PARA CVCV

Algumas palavras trentinas ocorrem na variante falada do português da comunidade e são muito utilizadas pelos falantes do trentino dos grupos **C** e **B** e também pelos falantes do português do grupo **A**.

Tendo em vista a característica trentina de apócope das vogais finais exceto *-a*, algumas palavras do dialeto apresentam variações que seguem os padrões vocálicos do italiano e do português e acrescentam uma vogal à consoante surda final:

austriach [aus'triach] ~ *austriaco* [aus'triaco] <austriaco²⁴⁸>

sach ['sach] ~ *saco* ['saco] <saco; sacola plástica>

fat ['fat] ~ *fato* ['fato] <fato; ocorrência>

trat ['trat] ~ *trato* ['trato] <trato; acordo>

colp ['koɫp] ~ *colpo* ['koɫpo] <golpe; estouro>

Não se descarta a hipótese de alguma possível influência lexical do italiano, tendo em vista que os imigrantes tirolezes conheciam o idioma, que foi ensinado em **S** nos primeiros anos em que se iniciou uma escola provisória. Além disso, muitas canções tradicionais italianas²⁴⁹ são cantadas pelos moradores e as palavras dessas canções não apresentam apócope das vogais finais.

Muitos homens dos grupos **C** e **B** são capazes de compreender o italiano. Vários do grupo **B** estudaram em seminários com padres vindos da Itália e alguns deles têm boas noções do idioma. Esses casos de variação poderiam estar relacionados ao fato de eles terem estudado o italiano durante a juventude, o que poderia pressupor que a fala

²⁴⁸ Registramos, ainda, as formas *austriach* [austri'ach] e *austriaco* [austri'aco] entre algumas mulheres e acreditamos que sua ocorrência esteja relacionada à incerteza quanto à pronúncia.

²⁴⁹ Entre as canções em italiano ou que apresentam outras formas dialetais destacam-se *Colpo de canon*, *Quel mazolin di fiori*, *L'uva folgarina*, uma versão trentina de *La verginela* (*Oh canarino*), *La vita del soldato* (principalmente em **S**), *Va pensiero* e *Il testamento del capitano* (cuja origem não está na versão “atual” cantada pelo exército *Alpini*, mas está relacionada a uma antiga canção que narra a tomada de *Aversa* e a interferência militar piemontesa em Nápoles, ocorrida em 1528).

das mulheres fosse mais conservadora. No entanto, registramos também na fala das mulheres as formas surgidas na variação. Vale lembrar que elas ocorrem principalmente entre os falantes do grupo **B**, sobretudo entre os mais novos. Todavia, isso não significa que os indivíduos do grupo não utilizem as formas características do dialeto, com palavras terminadas em consoante surda²⁵⁰.

Há casos em que o acréscimo da vogal muda a realização da consoante surda final, que passa a ser sonora:

fret ['fret] ~ ['fredo] <frio>

catif [ka'tif] ~ [ka'tivo] <nervoso; furioso>

nef ['nef] ~ ['neve] <neve>

nöf ['nøf] ~ ['novo] <novo>

Todavia, há palavras do trentino piracicabano que apresentam variação quanto à realização da consoante final, que pode ser surda ou sonora, sem qualquer distinção para o uso de uma ou de outra forma:

ciòlt ['tʃɔɫt] ~ *ciòld* ['tʃɔɫd] <prego>

grant ['grant] ~ *grand* ['grand] <grande>

gialt ['dʒaɫt] ~ *giald* ['dʒaɫd] <amarelo> (**S**)

zalt ['zaɫt] ~ *zald* ['zaɫd] <amarelo> (**SO**)

larch ['lark] ~ *largh* ['larg] <largo>

lònch ['lɔnk] ~ *lòngh* ['lɔng] <longo; comprido>

stómech ['stomek] ~ *stómegh* ['stomeg] <estômago>

nerf ['nerf] ~ *nerv* ['nerv] <nervo>

Nos falares do trentino europeu, formas acrescidas de uma vogal final convivem com formas terminadas em consoante surda. O trentino piracicabano apresenta em

²⁵⁰ A hipótese sobre uma possível influência do italiano se reforça se é levada em conta a influência dos meios de comunicação na propagação do estereótipo do italiano, com telenovelas que incluem palavras do italiano nas falas dos atores e contribuem para que certas expressões se tornem “populares”. A identificação dos descendentes com o modo de falar italianado e com esses estereótipos sempre contribui para que certos vocábulos sejam incorporados, ainda que seu uso seja restrito a contextos onde se queira evidenciar a italianidade. Como se verá adiante, o uso da forma *bon giorno* (it. *buongiorno*) entre vários falantes do trentino piracicabano está relacionado à influência do italiano.

alguns casos ambas as possibilidades, de modo que o fenômeno não se deve somente ao contato com o português brasileiro:

bastard [bas'tard] ~ *bastardo* [bas'tardo] <bastardo>

cagad [ka'gad] ~ *cagade* [ka'gade] <exibicionismo>

colomb [ko'lomb] ~ *colombo* [ko'lombo] <pombo>

för ['før] ~ ['føra] <fora; para fora>

lart ['lart] ~ *lardo* ['lardo] <toucinho>

pör ['pør] ~ *pöro* ['pøro] <pobre; coitado>

poret [po'ret] ~ [po'reto] *poreto* <pobrezinho; coitadinho>

sgionf ['zdʒoŋf] ~ *sgionfo* ['zdʒoŋfo] <farto>

2.5.3.2.2. DIFERENÇA NA FORMA LEXICAL

No trentino piracicabano, algumas palavras foram completamente substituídas pelas palavras advindas do português, sobretudo da variante caipira, sendo adaptadas à fonologia trentina. Alguns deles, como *ananàs* (“abacaxi”), muito provavelmente não eram conhecidos dos imigrantes, pois no final do século XIX o comércio de certos produtos tropicais começava a se expandir na Europa e dificilmente chegava às regiões montanhosas do Tirol. A não ocorrência de uma palavra dialetal para “chá” no trentino piracicabano pode muito bem indicar um aspecto dos hábitos alimentares de outrora.

Português	Trentino europeu	Trentino piracicabano
abacaxi	<i>ananàs</i> [ana'nas]	[baka'si]
arreio port. caipira <i>zarreio</i> ²⁵¹	<i>giöf</i> ['dʒof] <i>giöch</i> ['dʒok]	[za'rejo]
chá	<i>tè</i> ['tɛ]	['ja] ~ ['sa]
chiqueiro	<i>stalòt</i> [sta'lot]	[si'kero]
firma	<i>dita</i> ['dita]	['firma]

²⁵¹ Criado por metanálise, como ['zɔjo] <olho>.

padeiro	<i>pistor</i> [pis'tor]	[pa'der] ~ [pa'dero]
rolo de lâ	<i>giom</i> ['dʒom]	['rolo]
violão	<i>viòla</i> [vi'ɔla]	[vio'lõ]

2.5.3.2.3. DIFERENÇA DE SIGNIFICADO POR SUBSTITUIÇÃO DE OBJETO

O trentino piracicabano preservou no Brasil algumas palavras dialetais que, no entanto, tiveram seus significados transferidos para outros objetos por causa da mudança de ambiente.

A diferença por substituição de objeto é um fenômeno relativamente comum em comunidades de imigração e ocorre em outras colônias trentinas e italianas do Brasil (BONATTI, 1974; COSTA & BATTISTEL, 2001; BOSO, 2002; LUZZATTO, 2002).

Trentino europeu	Significado	Trentino piracicabano	Português
<i>bolp</i> ['boɫp]	raposa (<i>Vulpes vulpes</i>)	<i>bolp</i> ['boɫp]	gambá (<i>Didelphis aurita</i>)
<i>còrf</i> ['kɔrf] <i>còrvo</i> ['kɔrvo]	corvo europeu (<i>Corvus corone corone</i>)	<i>còrf</i> ['kɔrf] <i>còrvo</i> ['kɔrvo]	urubu (<i>Sarcorhampus papa</i>)
<i>fiorìn</i> [fjo'rin]	florim (antiga unidade monetária austríaca)	<i>fiorìn</i> [fjo'rin]	unidade monetária brasileira (réis, cruzeiro, cruzado, real)
<i>galina d'aqua</i> [ga'lina 'dakwa]	galinha d'água (<i>Gallina chloropus</i>)	<i>galina del mato</i> [ga'lina deɫ'mato]	saracura (<i>Aramides cajanea</i>)
<i>mèrlo</i> ['mɛrlo]	melro (<i>Turdus merula</i>)	<i>mèrlo</i> ['mɛrlo]	sabiá (<i>Turdus rufiventris</i>)
<i>stropacul</i> [stropa'kuɫ]	fruto de planta (<i>Rosa canina</i>)	<i>stropacul</i> [stropa'kuɫ]	fruto silvestre (não identificado)
<i>pàssera</i> ['pasera]	pardal (<i>Passer domesticus</i>)	['pasera]	tico-tico (<i>Zonotrichia capensis</i>)

A ocorrência da palavra *pàssera* para se referir ao “tico-tico” se deve ao fato de o pardal (ave europeia introduzida no Brasil) não abitar os bairros até meados da década de 1980. De hábitos ligados ao ambiente urbano, o pardal é atualmente encontrado em ambos os bairros, que já ganham aspectos de pequenas vilas e provavelmente acompanhou a urbanização de bairros vizinhos, como Santa Terezinha. À época da imigração, a ave que mais se assemelhava ao pardal era o tico-tico, com sua plumagem semelhante à do pardal. O mesmo se diz do sabiá, pela aparência como pelo canto, e da saracura, semelhante à galinha d’água europeia.

Embora sejam animais completamente distintos entre si, a relação que se faz da raposa com o gambá não é exclusiva do trentino piracicabano e também ocorre nos estados do Sul do Brasil. Caso semelhante é o de corvo, pois há variantes faladas brasileiras que identificam o urubu como corvo.

2.5.3.2.4. DERIVAÇÃO

A criação de novas palavras dentro de uma língua, por meio de sufixação, é chamada *derivação*. No trentino piracicabano, a maioria dos casos se encontra no domínio semântico da flora e da fauna, mas há casos em outros domínios, tais como adjetivos e ofícios. Na maioria dos casos, a derivação se deu a partir do modelo gramatical e fonológico do trentino, com aparecimento das variantes alomórficas *-àr*, *-àra*, *-àre*, *-àve*, *-èl*, *-èi*, *-èr*, *-èri*, *-ér*, em variação livre.

A palavra “goiabeira” apresenta várias derivações:

Português	Trentino piracicabano
goiabeira	[goja'var]
	[gaja'vara]
	[gaja'vare]
	[goja'vare]
	[sga'jave]
	[sgaja'vara]
	[sgaja'vare]

Registramos outros casos:

Português	Trentino piracicabano
brasileiro	[brazi'ljɐr] [brazi'ljan]
padeiro	[pa'dɛr]
pato	[pa'tɛɫ]
pinheiro	[pi'nɛr]
morador de SO	[baŋkɛs'tɛɫ]
morador de SO	[baŋkɛs'tɛla]
moradores de SO	[baŋkɛs'tɛj]
morador de S	[saŋta'nɛr] [saŋta'nɛro]
moradora de S	[saŋta'nɛra]
moradores de S	[saŋta'nɛri]

Para se referir ao morador de **SO**, a variante falada do português apresenta também as formas *banquista* (singular) e *banquistas* (plural).

2.5.3.2.5. DEMAIS CASOS

Algumas palavras têm significado particular e ocorrem no trentino piracicabano e na variante do português. Trata-se de construções neológicas próprias do trentino piracicabano, inexistentes no trentino europeu e no português falado em Piracicaba.

Português	Trentino piracicabano	Significado
caneco	[kane'kɔt] [kane'kɔta]	criança pequena
caneco	[kane'karo] [kane'kara]	pessoa que recolhe latas de alumínio
novela	[nove'laro] [nove'lara]	noveleiro noveleira
goiaba	[gaia'von] [sgaia'von]	desdentado

anu branco (<i>Guira guira</i>)	['koa 'longa]	cauda longa
anu preto (<i>Chrotophaga ani</i>)	['koa 'longa]	cauda longa
saracura (<i>Aramides cajanea</i>)	<i>galina del mato</i> [ga'lina dɛɫ'mato]	galinha do mato

Não encontramos entre os informantes nenhuma informação sobre a origem dos termos *canecòt* e *canecòta* para indicar crianças pequenas. Os sufixos seguem o modelo trentino do Vale do Ádige, como em *matelòt* (“menino”) e *matelòta* (“menina”).

Os termos *gaiavon* ou *sgaiavon* fazem alusão à goiaba partida ao meio, com a polpa vermelha e algumas sementes brancas recordando uma gengiva com poucos dentes. A variante falada do português da comunidade apresenta a forma *gaiavão*, com o mesmo sentido.

Já os casos *novelàro* e *novelàra* lembram os adjetivos *noveleiro* e *noveleira* existentes no português, embora os sufixos sigam o modelo trentino a partir do masculino *-àr* (que se tornou *-àro* porque é possível no trentino) e do feminino *-àra*.

O termo *cóa lónga* ['koa 'longa] faz alusão ao rabo comprido das aves brasileiras e sua construção apresenta duas palavras existentes no dialeto trentino.

Caso diferente é o de *galina del mato* [ga'lina dɛɫ'mato] <saracura>, com diferença de significado por substituição de objeto (saracura em vez de *galina*) e empréstimo da palavra *mato* do português, cujo termo trentino correspondente seria *bosch*. O fenômeno de apócope das vogais finais do trentino permitiu a distinção de significado entre a palavra trentina *mat* (“louco”) e o empréstimo *mato* (= floresta) do português brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Difícilmente seria possível sintetizar em uma única conclusão todos os resultados obtidos nas análises e nas diferentes abordagens presentes neste estudo. Seu principal resultado são as análises fonéticas e lexicais do dialeto trentino da Colônia Tirolense de Piracicaba, mas tornou-se necessário apresentar demais aspectos pertinentes, referentes ao dialeto trentino na Europa, à história da região tirolense e à comunidade que há mais de 120 anos preserva o dialeto trentino em Piracicaba.

Contudo, algumas conclusões gerais são possíveis, baseadas nas *perguntas iniciais* que, de certo modo, conduziram as abordagens e as análises. Elas fazem referência às diferenças existentes entre as variantes dialetais próprias a cada bairro da Colônia Tirolense de Piracicaba, às possíveis variações no uso do dialeto, aos níveis de bilinguismo e de contato do trentino com o português brasileiro.

Certos aspectos sociais da comunidade trentina de Piracicaba foram relevantes para as análises iniciais, assim como para as conclusões sobre a sobrevivência do dialeto entre as gerações mais novas de descendentes. Vimos que a mudança de ambiente nos primeiros anos após a fundação da colônia não foi suficiente para ocasionar a perda de certos aspectos culturais; o modo de lidar com o ambiente apresentava características europeias, próprias da população dos pequenos vilarejos de montanha, ao mesmo tempo que incorporava hábitos típicos do interior paulista, tais como o modo de construir as casas, o uso da terra, a alimentação etc. Essa relação entre *uso do dialeto* e *ambiente* também permitiu a sobrevivência de duas variantes dialetais próprias a cada bairro.

A existência de duas variantes no trentino piracicabano não está relacionada apenas às diferenças dialetais trazidas pelos imigrantes, mas também ao *bairrismo* dos descendentes, traço este que também se faz presente na relação social dos trentinos em seu ambiente natural, ou seja, nos vales e montanhas do Tirol. Concluimos que não se trata de dois dialetos diferentes, mas de duas variantes dialetais do Vale do Ádige que correspondem, principalmente, às variantes dialetais dos distritos de origem dos imigrantes. Chegamos à conclusão de que existe apenas *um* trentino piracicabano, pois existe apenas um grupo dialetal trentino chamado *central* (BATTISTI, 1920; TOMASINI, 1960). As diferenças entre as variantes podem ser consideradas *particularidades* referentes aos falares da terra de origem.

A relação com o “outro”, sempre reservada e *enfatizando as diferenças*, fez com que as duas variantes dialetais sobrevivessem apesar da proximidade geográfica dos bairros, dos casamentos mistos e da constante relação entre seus moradores. Disso resulta um desenvolvimento diferente daquele das áreas coloniais do Sul do Brasil, onde se desenvolveu a *koiné* de base vêneta, comumente chamada *talian* (Luzzatto, 2000).

No entanto, a “diferença” dialetal só foi possível enquanto o trentino foi a língua principal das relações sociais da comunidade; a partir do momento em que o português começou a assumir o lugar do trentino na fala dos descendentes mais jovens, a diferença entre os dialetos continuou, mas já não era a principal diferença entre os bairros.

Ao mesmo tempo em que tal aspecto dialetal perdia sentido, a sobrevivência das variantes era ameaçada pela difusão do português, que encontrava na escola local sua maior aliada. Assim, os moradores mais jovens passaram a evidenciar outras “oposições”, tais como aspectos culturais, festivos e recreativos. O bairrismo assumiu um caráter cultural, tendo influenciado, inclusive, os aspectos identitários no que diz respeito à descendência: austríacos ou italianos? Tiroleses ou trentinos?

Tal *confusão* também foi incentivada pelo *Circolo Trentino* local, que procurou se “adequar” à realidade atual da Província Autônoma de Trento. Mas também por vários trentinos (europeus) que visitavam a colônia, haja vista que as disputas nacionais do final do século XIX e início do século XX são temas de calorosas discussões até os dias atuais na terra de origem. Dos exageros e equívocos, resultou a perda de vários aspectos culturais do passado, trazidos pelos imigrantes, considerados *muito austríacos* ao mesmo tempo em que eram difundidos estereótipos da *italianidade*.

No que se refere à identidade dos descendentes trentinos, vemos que tal “confusão” aparece também em outras áreas de imigração tirolesa do Brasil:

Ora, eu admiro muito os *oriundi* que se esforçam em manter vivas as próprias raízes, mas devo igualmente alertar que certas atitudes fogem um pouco dessas raízes que eles pretendem “redescobrir”. (...) É frequente ver, por exemplo, ítalo-brasileiros vestidos com roupas imitando as do Tirol, dançando nada menos que uma tarantela, com chapéu de montanhês ou tirolês na cabeça e cantando canções como *O sole mio*, *Torna a Surriento*, *Santa Lucia* etc., que são de origem napolitana. (...) Misturar as duas tradições é o equivalente a misturar cantos e danças da caatinga, as roupas dos cangaceiros do Nordeste brasileiro com os cantos, as roupas e danças dos gaúchos. (...) É preciso alertar que, às vezes, esse tipo de *boa vontade* pode produzir efeitos negativos e

contrários e no lugar de difundir cultura, se corre o risco de fazer uma “anti-cultura”. A esses aspectos pouco ortodoxos, soma-se a imagem negativa que se forma diante dos italianos, os quais estranham estas misturas “meio gastronômicas” e as acham divertidas.

(PASCOLI, 2001, p. 22)

Curiosamente, o sentimento de perda cultural se reforçou no mesmo período em que se procurou resgatar a cultural local durante as comemorações do centenário da imigração trentina. Surgiram “imposições” de caráter nacionalista, relativas à *origem* dos imigrantes. Vários descendentes passaram a “negar” (ou omitir) o passado *austriaco* e *tirolês* em prol de uma modernidade *italiana* e *trentina*, contribuindo para a perda da identidade histórica ao mesmo tempo em que procuravam valorizar certas especificidades culturais da colônia. Procurou-se, inclusive (e sempre com o incentivo do *Circolo Trentino* local), substituir o adjetivo que sempre identificou o dialeto trentino local, ou seja, “tirolês”. No entanto, apesar dos êxitos na substituição do adjetivo pátrio (*trentino* ao invés de *tirolês*), principalmente em S, o dialeto continuava a ser identificado como “tirolês” entre os descendentes.

Como se vê, as questões envolvendo a memória e as *releituras da italianidade* (repletas de estereótipos) não são exclusivas da Colônia Tirolesa de Piracicaba, pois também cerceiam as iniciativas culturais de demais áreas de imigração italiana do interior paulista (MAGGIO, 2004), assim como de comunidades trentinas no Sul do Brasil, com *reinvenções* da cultura ancestral (DOLZAN, 2003).

Ainda sobre a diminuição no uso do dialeto trentino, merece destaque o período de êxodo rural das décadas de 1960 e 1970, causado pelo esgotamento provocado pela monocultura de cana de açúcar. Não era mais possível resistir à pressão do mundo externo, que trazia, inclusive, influências linguísticas até então *desconhecidas* entre os falantes mais velhos e distanciava seu modo de falar daquele das gerações mais novas.

Daí a necessidade metodológica de se dividir os falantes segundo sua faixa etária e levar em consideração que muitos entre os mais velhos estudaram em seminários durante a juventude, onde tiveram contato com o idioma italiano e com a norma culta do português brasileiro.

Os avós falam o dialeto trentino, os pais, o dialeto caipira, e os filhos misturam as duas variedades linguísticas. Há ainda quem saiba o italiano padrão e use a norma culta do português da região.

(LEME, 2001, p. 150)

Na década de 1970, a escola local procurou obrigar o uso da norma padrão do português e chegou a pedir aos pais das crianças para que não mais falassem o *tirolês* com seus filhos. Os conceitos de *certo* e *errado* impuseram aos descendentes de tirolese uma realidade linguística descontextualizada e preconceituosa. Ora, como seria possível que pessoas que não dominavam o português passassem a utilizá-lo com seus filhos? Como discutido em nossa dissertação de mestrado (2009), o resultado dessa política escolar resultou em uma variedade falada do português muito própria da comunidade, que Leme (2002) chamou de variedade *misturada*, ou seja, uma espécie de interlíngua que passou a ser o idioma de uso entre os descendentes, outrora muito influenciada pelo dialeto trentino, mas que gradativamente assumia características do português brasileiro da região de Piracicaba, e apresenta, inclusive, a retroflexa [ɮ].

Assim, entre as décadas de 1970 e 1980, as novas gerações procuraram se integrar no modelo social que consideraram ser o melhor para “fugir do isolamento”. Ser “tirolês” era sinônimo de “atraso” e de “caipira” (com sentido pejorativo) e dessa realidade também resultam muitos casamentos entre “tirolese” e pessoas “de fora”.

Percebemos que a perda do dialeto como língua principal das relações sociais da colônia não está relacionada a nenhum tipo de aspecto social diferenciador, mas foi motivada por diferentes “pressões”:

- Expansão da monocultura da cana de açúcar na região, ocasionando falta de emprego e renda na colônia e “obrigando” os mais jovens a buscar emprego em outras áreas de Piracicaba e região;
- “Abertura” da comunidade ao *mundo externo*, ou seja, aos demais bairros de Piracicaba, ampliando o uso do português entre os descendentes com sua movimentação em outros bairros e com os casamentos mistos surgidos do contato com pessoas *de fora*;
- Proibição das professoras da escola local quanto ao uso do dialeto trentino;
- “Confusão” identitária (que se reforçou a partir da década de 1980), enfraquecendo a identidade histórica dos imigrantes.

Outrora proibidos, os casamentos com pessoas “de fora” tornaram-se cada vez mais comuns a partir de 1980, mudando radicalmente a composição social da colônia e contribuindo, finalmente, para a perda do dialeto entre muitos moradores jovens.

Os filhos das famílias “mistas” já não utilizavam o dialeto trentino no cotidiano familiar e o antigo idioma permaneceu apenas nas relações sociais dos descendentes mais velhos. No entanto, as influências culturais e linguísticas das gerações mais velhas fez com que essas crianças utilizassem a variante falada do português própria da comunidade, com toda sua influência fonética e lexical trentina, que sempre foi considerada positiva entre os moradores. Acreditamos que o status positivo da variante própria do português local também cumpra com a antiga finalidade das variantes dialetais de outrora, ou seja, diferenciar seus falantes dos “outros”, dos “de fora”. Assim, o “outro” já não era o morador do bairro vizinho, mas as pessoas que não nasceram na comunidade e não compreendiam as expressões trentinas usadas na variante falada do português local.

Casos de xenofobia envolvendo pessoas casadas com “tirolezes” são raros, pois muitos indivíduos que passaram a viver nos bairros entenderam que seriam aceitos à medida que assumissem determinados hábitos considerados “típicos”. Não é por menos que muitas palavras do dialeto trentino são utilizadas por não-descendentes, tais como *ghèto* (“bagunça”), *laica* (“preguiça”), *stomeghes* (“enfadonho”), além de expressões como *Dio!* (“Deus”), *Madòna!* (“Nossa Senhora”), *che brut!* (“que ruim”) entre outras²⁵².

Foi a manutenção do uso do dialeto entre os moradores mais velhos que reforçou a sobrevivência das variantes dialetais nas décadas de 1980 e 1990, já que os descendentes mais novos passaram a utilizar somente o português nas relações com os moradores dos bairros vizinhos e no convívio familiar (apesar da influência lexical trentina sempre presente). Além disso, tendo sido preservado principalmente pelos falantes mais velhos, o dialeto se tornou conservador em certos aspectos fonéticos e lexicais, ao mesmo tempo que compartilhou algumas “inovações” advindas do contato com o português brasileiro que, diferentemente do que se poderia pensar, não são apenas do período de “abertura” da comunidade, mas existem desde o início da colonização.

²⁵² Registramos a maioria delas em nossa dissertação de mestrado (2009).

O não-uso do português entre os falantes mais velhos está relacionado à *opção* desses descendentes pelo uso do trentino nas relações sociais. Naturalmente, essa realidade está intrinsecamente relacionada à faixa etária dos descendentes. Falantes mais velhos utilizam o trentino principalmente com indivíduos pertencentes à mesma faixa etária, pois permaneceram boa parte de suas vidas na própria comunidade. Os filhos e netos desses falantes não perpetuaram o uso do trentino por conta da necessidade do uso do português no trabalho, nos estudos e nas relações sociais com os “de fora”, ou seja, com pessoas de outras localidades de Piracicaba.

Ao estudar a fala da comunidade, Leme (2001) procurou separar as diferentes situações segundo as gerações de descendência:

A pesquisa mostrou que era preciso caracterizar a fala das pessoas em função da geração (idade) a que pertenciam. Assim, ficamos sabendo que a primeira e a segunda gerações (dos nascidos no Brasil) são constituídas por pessoas realmente bilíngues, falantes do dialeto trentino (italiano) e do dialeto caipira (português). Na terceira e quarta gerações, a língua italiana começou a ficar de fora da vida das pessoas que, agora, já não viviam ‘fechadas’ nas fazendas, ou seja, nos bairros, mas tinham muitos contatos e até emprego na cidade.

(LEME, 2001, p. 149-150)

Como demonstrado, o uso do dialeto também não está propriamente relacionado à geração de descendência, mas à *idade dos falantes*, haja vista que há indivíduos com a mesma idade pertencendo a diferentes gerações de descendência, inclusive com casos de casamento entre indivíduos da primeira e segunda gerações e da segunda e terceira gerações. Como afirmado anteriormente, isso se deve ao antigo modelo familiar da colônia, quando a diferença de idade entre filhos mais velhos e mais novos ultrapassava os 17 anos.

A relação entre *língua* e *ambiente* foi duplamente responsável, seja pela sobrevivência do trentino entre aqueles que o preservaram em suas variantes, seja pelos casos de variação e empréstimos advindos do contato com o português brasileiro. Como não considerar os empréstimos advindos mesmo durante o período em que a comunidade vivia praticamente “isolada”?

Vimos que na fala dos descendentes mais velhos (grupos **C** e **B**), a maioria dos empréstimos advindos da variante caipira fazem referência à fauna e flora, a

instrumentos de trabalho no campo e ao ambiente rural. Apesar de sua opção pelo *isolamento* (típica entre comunidades que não querem perder sua cultura e seus costumes), as relações comerciais entre “tirolezes” e “de fora” existiram durante a compra das fazendas, pois os colonos necessitavam de produtos inexistentes na colônia.

O contato com o português da região de Piracicaba se reforçou após a fundação da escola local, com a chegada das primeiras professoras, vindas de outros bairros. Todavia, como afirmam os indivíduos mais velhos, durante seus anos quatro de estudo (estudavam até a antiga quarta série), as professoras procuravam ensinar noções de português e o dialeto continuava a ser a principal língua das crianças, inclusive durante as pausas escolares.

Muitos empréstimos do português brasileiro sofreram adequações fonéticas do dialeto trentino, mas também a variante falada do português da comunidade apresenta aspectos da adequação fonêmica do trentino no português, caracterizando o sotaque dos mais velhos e influenciando a fala dos mais novos. No que se refere ao uso do léxico trentino em situações de fala do português, ocorre um número muito maior de palavras trentinas entre os indivíduos dos grupos **B** e **C**, utilizadas nos mais diversos domínios semânticos, ao passo a fala dos mais jovens (grupo **A** e mais novos do grupo **B**) ainda preserva muitos termos trentinos que são utilizados nas conversas com demais moradores dos bairros ou mesmo em situações de fala fora da colônia. Há palavras que só ocorrem na fala dos mais velhos, enquanto outras ocorrem na fala de todas as idades e outras só aparecem principalmente na fala dos mais novos, que aplicam regras alofônicas e morfossintáticas do português. Nesse contexto, surgiram variações e ampliações de sentido, derivações e, até mesmo, alguns neologismos.

Trabalhos que tratam das comunidades trentinas brasileiras são raros, destacando-se os estudos de Bonatti (1974), sobre o dialeto trentino em Rio dos Cedros, e de Boso (2002), sobre o dialeto trentino em Nova Trento. Encontramos fenômenos comuns a essas comunidades catarinenses no trentino piracicabano, tais como a expressão *nar ‘mbora* (“ir embora”), composta por uma palavra trentina e uma portuguesa.

Os casos envolvendo a nasalização [ã] e [õ] não são exclusivos do dialeto trentino em Piracicaba, mas aparecem em outros falares de influência “italiana” do Sul do Brasil (BOSO, 2002; MARGOTTI, 2004) e verificamos que a nasalização em palavras trentinas aparece com mais frequência em situações de fala espontânea nas quais o uso do português se alterna com o do trentino. Na variante falada do português, a presença

de alofones diferentes para a ocorrência da vogal baixa nasalizada e para o ditongo -ão, registrados por Leme (2001), apresentam o monotongo nasalizado [õ] como alofone de /awN/ em substituição de [ãw] ou [ẽw], até mesmo em sílaba tônica.

Muito do que foi registrado só foi possível graças ao grau de intimidade que possuímos com a comunidade, adquirido nas pesquisas referentes ao projeto de resgate do dialeto trentino e na participação de ações culturais dos bairros. Desse modo, o recolhimento de muitos dados - seja em entrevistas como em situações de fala espontânea em que fazíamos fichamentos - foi realizado em ambientes de espontaneidade. Quando fazíamos anotações em situações de conversas dos moradores nas praças dos bairros, dificilmente éramos questionados por quais motivos anotávamos as palavras. Muitas vezes, costumavam nos chamar por *magna paròle* (“come palavras”), porque preferíamos ouvir os diálogos e anotar determinados fenômenos linguísticos durante as conversas.

Podemos dizer que, de certo modo, nossas pesquisas também contribuíram para essa valorização dos descendentes mais velhos, pois enquanto entrevistávamos os *nonos* (“avós”), muitos filhos e netos desses falantes demonstravam interesse pelo trabalho de registro das palavras. Com as iniciativas para ensino do dialeto trentino, muitos descendentes demonstraram interesse, mas o número de desistentes foi grande. A atual preocupação da comunidade no investimento turístico parece ser uma *solução* para a valorização e da identidade local, que nos últimos anos está “resgatando” os aspectos históricos que ligam a colônia ao Tirol e ao Império Austro-Húngaro, agradando principalmente aos descendentes mais velhos. Vê-se que com a valorização desses falantes, a identidade *antiga* também é valorizada.

Um outro projeto levado a cabo pelo pároco local (descendente das famílias Stenico e Vitti), valorizou o dialeto *tirolês* e antigas histórias da comunidade (muitas delas bem humoradas) através de gravações feitas com algumas crianças do bairro SO, nas quais os diálogos são todos em dialeto trentino. As crianças participam de um grupo teatral ligado ao “grupo de jovens” da paróquia local e conta com o auxílio de alguns moradores. Todavia, as crianças não são falantes bilíngues e quando reproduzem os textos decorados, demonstram em sua fala as influências fonéticas do português brasileiro, inclusive com ocorrência da retrolexa [ɺ], típica do falar piracicabano.

Apesar dos esforços no que concerne à valorização do *antigo idioma*, seja nos registros, nas aulas ou nas gravações do grupo teatral infantil, não é possível afirmar que

o dialeto trentino passou a ser mais utilizado entre os moradores. Seu uso continua vinculado aos descendentes mais velhos e é notório que, a mesmo tempo em que diminuem os falantes bilíngues (mais velhos), os descendentes mais jovens procuram não perder vínculos com o passado e com sua identidade.

Muitos falantes mais jovens do grupo **B** já não realizam as vogais [ø] e [y], típicas do falar dos mais velhos. Nesse sentido, ocorre entre os falantes do trentino piracicabano um fenômeno comum aos falantes do trentino europeu do Vale do Ádige. No Brasil, ocorre a influência da fonologia do português (que não reconhece as vogais) e na Europa, a influência é tanto da variante de prestígio de Trento como do italiano padrão, que também não apresentam tais vogais.

Além da substituição de alguns aspectos da fonologia trentina “antiga” por aqueles influenciados pelo português brasileiro, existe também a diminuição do léxico característico entre os falantes mais jovens do grupo **B**, que não reproduzem certas formas verbais e expressões que só ocorrem na fala dos descendentes mais velhos.

Entre os moradores da colônia, é costume dizer que, após cada inverno, perde-se um pouco da história local, pois a maioria dos óbitos entre os idosos se dá nos meses mais frios do ano, por conta de doenças relacionadas a problemas respiratórios, diminuição da imunidade etc.

Com a perda dos *nonos*, perde-se também a língua de outrora, além da memória viva que, realmente, é parte integrante e ativa da história local. Assim, acreditamos que a sobrevivência do dialeto trentino na Colônia Tirolesa de Piracicaba não depende apenas do interesse dos descendentes mais novos pelo idioma de seus avós.

Alguns moradores participaram de intercâmbios promovidos pela Província Autônoma de Trento e há pessoas nascidas nos bairros que atualmente residem no Trentino. Desde 2012, é realizada anualmente uma viagem para a região tirolesa por uma agência de turismo local. Muitos moradores dos bairros, falantes do dialeto, afirmam que ao utilizarem o trentino piracicabano na Europa, geralmente escutam dos trentinos europeus expressões de admiração, por conta do léxico considerado “antigo”.

Se, por um lado, o uso do dialeto trentino se preserva nesses contatos, por outro lado, reforça a perda de aspectos próprios do trentino piracicabano, tais como a realização das vogais [ø] e [y] que já caíram em desuso no trentino europeu do Vale do Ádige.

O contato “constante” de alguns indivíduos da colônia com falantes do trentino europeu tem auxiliado, de certo modo, a preservação do uso do dialeto. Há casos de pessoas que se relacionam diariamente com trentinos europeus por meio de redes sociais como o *Facebook* e o *Skype*.

Não é possível afirmar se os resultados futuros desse “novo contato” poderão trazer influências lexicais do trentino europeu atual ao trentino piracicabano. Muito provavelmente, poderia influenciar nos casos em que palavras trentinas foram substituídas no trentino piracicabano por empréstimos do português brasileiro, além de incluir novos termos atuais no trentino europeu e desconhecidos dos falantes mais velhos da colônia piracicabana.

Se levarmos em consideração que certos termos, tais como *scaravanzì* ou *scaravanci* (“ervilha”) e *vergot* (“algo”), assim como certas canções de outrora, como *Noialtri austriachi* (“Nós austríacos”) e *Noi siamo i trei Re* (“Nós somos os três reis”) só eram recordados pelos falantes mais velhos da primeira geração (muitos dos quais já falecidos), vemos que o processo de desaparecimento do dialeto está em andamento há décadas. A redução do léxico e das possibilidades de se expressar no dialeto tal como era falado outrora está intrinsecamente relacionada à redução dos falantes mais velhos.

Para concluir, apresentamos um poema escrito em dialeto trentino por Umberto Cattani²⁵³ que trata da sobrevivência do dialeto na região de Trento:

El dialet en malora

*Da ‘n pèz el nos dialet el va ‘n malora:
l’è rosegà dal temp come le prede
dei vèci monumenti e de le cèse.*

*Parole che è nà’ pers con quei mistèri
ormai spazàdi via da nòve usanze.
Parole ancora vive e pù doprade
perché la zènt no ‘l le ricorda pu.*

*Me son nascòrt che ‘nsin dentro me casa
a volta se vegn fora col talian:*

O dialeto morre²⁵⁴

Há tempo o nosso dialeto vai morrendo:
gastou-se do tempo como as pedras
dos velhos monumentos e das igrejas.

Palavras que se perderam com tais mistérios
enfim varridas com os novos costumes.
Palavras ainda vivas e mais usadas
porque as pessoas não as recordam mais.

Percebi que até dentro de minha casa
às vezes se usa o italiano:

²⁵³ Poema publicado na Revista *Trentini nel Mondo*, n. 2. de fevereiro de 1997.

²⁵⁴ Tradução nossa.

*al posto de careghe se dis sedie
la luce no la 'mpizo e no la smòrzo
perché adès se acènde e pò se spègne,
no se davèrze pu la porta, ma se apre,
dal tram no se desmonta ma se scende,
e avanti, via cossì, coi altri esempi.*

*Ma gh'è 'n pensier catif
che 'l me consola:
me par che anca 'l talian no 'l vaga mèio
perché, come i lo parla di d'ancoi
se no 'l capis se no sa l'inglese.*

ao invés de *careghe*²⁵⁵ se diz *sedie*
a luz não a 'mpizo e não a *smòrzo*²⁵⁶
porque agora se acende e depois se apaga,
não se *daverze*²⁵⁷ mais a porta, mas se abre
do trem não se *desmonta*, mas se desce,
e por aí adiante com outros exemplos.

Ma há um pensamento maldoso
que me consola:
parece-me que nem o italiano esteja melhor
pois, como o falam nos dias de hoje,
não o entende quem não sabe o inglês.

²⁵⁵ Em trentino: *carega* = cadeira; *careghe* = cadeiras.

²⁵⁶ Em trentino: *empizar* = acender; *smorzar* = apagar.

²⁵⁷ Em trentino: *davèrzer* = abrir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática – vocabulário*. São Paulo: Hucitec, 1982 (1ª edição: 1920).
- ANEGGI, Aldo. *Dizionario cembrano*. Trento: Artigianelli, 1984.
- ALKMIM, Tania & PETTER, Margarida. *Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje*. In: FIORIN, José Luiz & PETTER, Margarida. (Org.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.
- ASCOLI, Graziadio. I. *Saggi ladini*. In: *Archivio glottologico italiano* 1, 316 – 533. Firenze: Archivio storico italiano, 1873.
- AZZI, Riolando. *Fé e italianidade: a atuação dos escalabrinianos e dos salesianos junto aos imigrantes*. In: DE BONI, Luis Alberto (org). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1990.
- AZZOLINI, Giambattista. *Vocabolario vernacolo – italiano pei distretti Roveretano e Trentino*. Trento: Calliano, 1976.
- BACELLAR, Carlos de A. P. *O processo de povoamento do território paulista, séculos XVI a XX*. In: OLIVEIRA, Marilza (org). *Língua portuguesa em São Paulo: 450 anos*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- BARATTER, Lorenzo. *Le Dolomiti del Terzo Reich*. Milano: Ugo Mursia, 2005.
- _____. *Dalla vendetta al ricordo – i soldati trentini nell’esercito austro-ungarico durante la prima guerra mondiale (1914-1918)*. In: COMPAGNIA SCHÜTZEN DI ROVERETO. *La memoria negata: l’oblio dei caduti austro-ungarici roveretani*. Trento: Regione Autonoma Trentino-Alto Adige/Südtirol, 2009.
- BARBIERI, Giuseppe (org). *Die vier Elemente in Trentino, Südtirol und Tirol: Feuer*. Vicenza: Terra Ferma / Bank für Trient und Bozen, 2005.
- BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BATTISTI, Carlo. *La distribuzione dei dialetti trentini*. In: Istituto Studi per l’Alto Adige, n.76, 4-59. Firenze: Archivio Studi per l’Alto Adige, 1906.
- _____. *Die Nonsberger Mundart*. Wien: Alfred Hölder, 1908.
- _____. *Sulla pretesa unità ladina*. *Archivio glottologico italiano*, Firenze: Archivio storico italiano, 1920.
- _____. *Popoli e lingue nell’Alto Adige: studi sulla latinità altoatesina*. Firenze: R. Bemporad & Figlio, 1931.
- _____. *La classificazione dei dialetti trentini*. Firenze: Sansoni, 1970.
- BEC, Pierre. *Manuel pratique de philologie*. Paris: A & J. Picard, 1971, v. 2.

- BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- BERNARDI, Rut. *Curs de gherdëina*. San Martin de Tor: Institut Ladin “Micurà de Rü”, 1999.
- BERTOLUZZA, Aldo. *Andrea Hofer, il generale barbone, eroe popolare del Tirolo: la sollevazione del Tirolo meridionale del 1809 nelle cronache degli storici*. Trento: Curcu & Genovese, 2010.
- BONATTI, Mário. *Aculturação lingüística numa colônia de imigrantes italianos de Santa Catarina*. Lorena: Faculdade Salesiana da FCL / Instituto de Estudos Históricos do Vale do Itajaí, 1974.
- BONISEGNA, Arturo. *Dialecto e mestieri a Predazzo*. San Michelle all’Adige: Museo degli Usi e Costumi della Gente Trentina, 1980.
- BUNSE, Heinrich. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1969.
- _____. *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1975.
- _____. *O vinhateiro: estudo etnográfico-linguístico sobre o colono italiano do RS*. Porto Alegre: UFRGS/IEL/DAC/SEC, 1978.
- BOSO, Ivete Maria. “Noialtri chi parlen tuti en talian” – *Dialetti trentini in Brasile*. Trento: Museo storico di Trento, 2002.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *O caipira e sua cultura*. In: FERNANDES, Florestan (org). *Comunidade e sociedade no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- _____. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- _____. *Piracicaba no alvorecer do século XIX – memórias da rua do Porto e de uma chaminé solitária*. Piracicaba: Revista IHGP, vol 11, ano XI, 2004.
- CAPRARA, Loredana. *O Italiano dos Italianos em São Paulo. Introdução*. Revista de Italianística 5. 1997. p. 9-15. FFLCH-USP, São Paulo.
- CASTILHO, Ataliba.T. *Estudo do português culto falado no Brasil. História do Projeto NURC*. In: PRETI, D. e URBANO, H. (orgs). São Paulo, T.A. Queiroz / FAPESP, 1989.
- _____. (org.) - *Gramática do Português Falado*. Vol. I: A Ordem. Campinas, Editora da UNICAMP / FAPESP, 1990.
- CATFORD, J. C. *A practical introduction to phonetics*. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- COL, Gemo da. *L’idioma ladino a Cibiana di Cadore*. Pieve d’Alpago: Nuove edizioni Dolomiti, 1991.
- COLLE, Liotta et alii. *Vocabolario italiano-ampezzano*. Cortina d’Ampezzo: Cassa Rurale ed Artigiana, 1997.
- CONWAY, Robert S. *The prae-Italic dialects of Italy*. Cambridge: Harward University, 1933.

- CORDIN, Patrizia. *Le costruzioni verbo-locativo in area romanza. Dallo spazio all'aspetto*. Berlin: Walter, 2011.
- CORTELAZZO, Manilo & MARCATO, Carla. *Dizionario etimologico dei dialetti italiani*. Torino: UTET, 1992.
- COUTINHAS, João M. *Callaeci Bracari - aproximação à identidade etno-cultural*. Porto: TM, 2006.
- COVERI, Lorenzo & BENUCCI, Antonella & DIADORI, Pierangela. *La varietà dell'Italiano – Manuale di sociolinguistica italiana*. Siena: Bonacci, 1998.
- CROATO, Enzo. *Vocabolario ampezzano*. Cortina d'Ampezzo: Cassa Rurale ed Artigiana, 1986.
- CURI, José. *Il dialeto de Rio Cedro - estudo fonético, morfológico, sintático, lexical e semântico*. Florianópolis: UFSC, 1972.
- _____. *Raconti di Rio Cedro*. Florianópolis: UFSC, 1984.
- DAL BOSCO, Giorgio. *Trento 1969 – 1988*. Lavis: Alcione, 2007.
- DELLA MONICA, Walter. *I dialetti e l'Italia: inchiesta fra scrittori, poeti, sociologi, specialisti*. Milano: Pan, 1981.
- DEVOTO, Giacomo & GIACOMELLI, Gabriella. *I dialetti delle regioni d'Italia*. Firenze: Sansón, 1991.
- DIEZ, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen*. Bonn: Adolphus Marcus, 1853.
- DILLENBURG, Sérgio R.. *Tempos de incerteza*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.
- D'OVIDIO, Francesco. *Grammatica storica della lingua italiana e dei dialetti italiani*. Milano: Hoepli, 1932.
- DOLZAN, Janiane Cinara. *A (re)invenção da italianidade em Rodeio - SC (Tese de Mestrado em História)*, UFSC, Florianópolis, 2003.
- EGG, Erich. *La tradizione degli Schützen nel Tirolo di lingua italiana*. Matarello: Futura, 2000.
- EICHENHOFER, Wolfgang. *Diachronie des betonten Vokalismus im Bündnerromanischen seit dem Vulgärlatein*. Zürich: Juris, 1989.
- ENGLER, Günther. *Oberitalien*. Bern: Hallwag, 1980.
- FABER, F. *Evagatorium in terrae sanctae peregrinationem* in PATLINGER, Josef. *Beschwerdenschriften der Deutschen zu Trient*. Folge III. Zeitschrift des Ferdinandeums für Tirol und Vorarlberg. Innsbruck: Ferdinandeums Museum, 1970.
- FERREIRA, Carlota. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.3v.
- FERREIRA, Carlota et alii. *Diversidade do português do Brasil – estudos de dialetologia rural e outros*. Salvador: Proed, 1992.
- FOX, Elio. *I dialetti trentini in Trentino Oggi*, VII – *Collana di monografie "La Patria di origine"*. Trento: Panorama, 1997.

- FRANCESCHI, Temistocle & Cammelli, Antonio. *Dialetti italiani dell'ottocento nel Brasile d'Oggi*. Firenze: Cultura, 1977.
- FRANCHINI, Angelino. *Taron: gergo di immigranti in Val Rendena*. San Michele all'Adige: Museo degli Usi e Costumi della Gente Trentina, 1980.
- FRANCO, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Cocanha – várias faces de uma utopia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GAMILLSCHEG, Ernst. *Zur Geschichte der germanischen Lehnwörter im Italienischen*. In: *Substrate und Superstrate in den romanischen Sprachen*. 2. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1982.
- GARTNER, Theodor. *Die Grödner Mundart*. Wien: Selbstverlag, 1879.
- _____. *Rätoromanische Grammatik*. Heilbronn. Henningen, 1883.
- _____. *Ladinische Wörter aus den Dolomitentälern*. Halle: Max Niemeyer, 1923.
- GIRALDELLI, Sandra Regina. *Santa Olímpia e Santana: trajetória social e memória*. (Dissertação de mestrado em História), UNICAMP, Campinas, 1992.
- GIRARDI, Silvio. *L'avventura dell'ultimo cavaliere: biografia dell'Imperatore Massimiliano, uomo dell'Europa*. Trento: Centro Stampa, 2008.
- GIUSTINIANI, B. *Storia Veneta*. Roma: S&L, 1969.
- GRANDI, Casimira. “La popolazione rurale trentina nella prima metà dell'Ottocento, primi risultati di un indagine” in *Popolazione, assistenza e struttura agraria nell'Ottocento trentino*. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1978.
- GRASSI, Conrado. *Dialettologia italiana*. Torino: Tirrenia, 1980.
- _____. *Dizionario del dialetto di montagna di Trento*. San Michele all'Adige: Museo degli Usi e Costumi della Gente Trentina, 2009.
- GRI Paolo & SAN GIUSEPPE Chiara. *I costumi popolari del Trentino*. Trento: Museo degli Usi e Costumi della Gente Trentina / Cassa Rurale Trentina, 1994.
- GROFF, L. *Dizionario trentino-italiano*. Trento: Monauni, 1955.
- GROSSELLI, Renzo M. *Vincere o morire – Contadini trentini (veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane*. Parte I – Santa Catarina 1875-1900. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1986.
- _____. *Colonie imperiali nella terra del caffè – Contadini trentini (veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane*. Parte II – Espírito Santo 1874-1900. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1987.

- _____. *Dove cresce l'Araucaria – Dal Primiero a Novo Tyrol – Contadini trentini (veneti e Lombardi) nelle foreste brasiliane*. Parte III – Paraná 1874-1940. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1987.
- _____. *Da schiavi bianchi a coloni. Um progetto per le fazendas – Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane*. Parte IV – São Paulo 1875-1914. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1991.
- _____. *Trentamilla tirolesi in Brasile – storia, cultura, cooperazione allo sviluppo*. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 2001.
- _____. *Noi tirolesi, suditi felici di Dom Pedro II*. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 2008.
- _____. *Il tirolese*. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 2009.
- GUADAGNINI, Angelo. *Dizionario del dialetto di Predazzo*. Rovereto: Longo, 1985.
- HAUGEN, Einar. *The norwegian language in America. A study in biligual behavior*. Philadelphia: University of Pensylvania, 1953.
- HOFER, Lorenz. *Sprachwandel im städtischen Dialekterepertoire: eine variationslinguistische Untersuchung am Beispiel des Baseldeutschen*. Tübingen/Basel: Francke, 1997.
- HOLZNER, Birgit. *Tirol auf den Spuren der Kultur*. Innsbruck: AMAG, 1999.
- HOLTUS, Günter. *Lexicon der romanistischen Linguistik*. Tübingen: Max Niemayer, 1994.
- HOLZNER, Johann. *Adler ohne Kopf: andere Erzählungen aus Tirol*. Innsbruck: Haymon, 1991.
- HORMAYR, Josef von. *Geschichte Andreas Hofer's, Sandwirths aus Passeyr, Oberanführers der Tyroler im Kriege von 1809*. Leipzig / Altenburg: Stern, 1817.
- HOUAISS, Antonio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo (1880-1889); os primeiros contatos do imigrante com o Brasil*. São Paulo: IEB – USP, 1972.
- IVE, Antonio. *I dialetti ladino-veneti dell'Istria*. Bologna: Arnaldo Forni, 1975.
- JARNUT, Jörg. *Storia dei Longobardi*. Torino: Einaudi, 2002.
- KAHMANN, Christa I. *Interferência entre a língua portuguesa e um dialeto alemão*. (Dissertação de Mestrado em Letras), CEPEIL, Santa Cruz do Sul, 1987.
- KREUTZ, Lúcio. *A educação de imigrantes no Brasil*. In: LOPES et alii (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LABOV, Willian. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1992.
- LEDRA, Vitório. *Cancioneiro do imigrante italiano – Coletânea de canções populares italianas da época da emigração*. Brusque: Mercúrio, 1975.

- LEME, Maria Luisa de A. *Dio, che brut studia... um estudo lingüístico da comunidade tirol-trentina da cidade de Piracicaba*. Campinas: Unicamp, 2001.
- _____. *Educação, cultura e linguagem: a comunidade tirol-trentina da cidade de Piracicaba* (Tese de doutoramento em Educação), UNICAMP, Campinas, 2001.
- LENARD, Andrietta. *Lealdade lingüística em Rodeio* – SC (Dissertação de mestrado em Letras), UFSC, Florianópolis, 1976.
- LEONARD, C. Proto-Raeto-Romance and French. In: *Language* 40: 32ss, 1962.
- LONGO, Jessica. *Germanismi nel dialetto primierotto*. Trabalho de conclusão de curso em Letras e Tradução. Trieste: Scuola Superiore di Lingue Moderne, 2006.
- LORENZI, Ernesto. *In difesa della toponomastica trentina*. Trento: Scotoni e Vitti, 1921.
- _____. *Dizionario toponomastico trentino*. Bologna: Forni, 1932.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina / PUC RS, 1975.
- LUCCHESI, Dante. *Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolingüística do português do Brasil*. In: *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, n. 12, 1994 (Associação das Universidades de Língua Portuguesa).
- LUZZATTO, Darcy L. *Dissionário talian veneto brasilian – portoghese*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- MAGGIO, Giliola. *Pedrinhas Paulista: memmória e invenção* (Tese de Doutorado em Geografia Humana), USP, São Paulo, 2002.
- _____. *Esempi di esitazione nella riformulazione del discorso interlinguistico degli immigrati "pedrinhenses"*. In: *Revista de Italianística*. São Paulo: USP, 2004.
- _____. *Pedrinhas Paulista: o isolamento no espaço e na língua*. In: *Anais do X Congresso Nacional de Professores de Italiano e do IV Encontro Internacional de Italianística*. Florianópolis, 2005. p. 118-128 (não publicado).
- MARCUSCHI, Luis A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil* (Tese de doutoramento), UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- MATTEI, Luigino (org). *La Patria di Origine*. Vol I: *Il bel Trentino*. Trento: Panorama, 1986.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol II: *Tesori d'arte nel Trentino*. Trento: Panorama, 1987.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol III: *Voci di poesia del Trentino*. Trento: Panorama, 1988.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol IV: *Prodotti e piatti tipici*. Trento: Panorama, 1989.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol V: *Gli 800 anni del Principato di Trento*. Trento: Panorama, 1990.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol VI: *Canti e racconti (espressioni popolari del Trentino)*. Trento: Panorama, 1992.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol VII: *Gli ultimi duecento anni*. Trento: Panorama, 1994.
- _____. *La Patria di Origine*. Vol VIII: *Il Trentino oggi*. Trento: Panorama, 1997.

- MATTOS E SILVA, Rosa V. (org.). *Para a história do Português Brasileiro. Primeiros estudos*. v. II, tomos I e II. São Paulo: EDUSP, 2001.
- _____. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Grammaire des langues romanes*. Paris: H. Welter, 1906.
- _____. *Introdução ao estudo da glotologia românica*. Antonio Guerra Judice (trad). Lisboa: Clássica, 1916.
- _____. *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter, 1911.
- MAZZEL, Massimiliano. *Dizionario Ladino fassano (cazet) – Italiano*. Vigo di Fassa: Institut Cultural Ladin, 1996.
- MEGALE, Heitor (org). *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000.
- MENGHIN, Wilfried. *Frühgeschichte Bayerns*. Stuttgart: Theiss, 1990.
- MONDADORI, Oscar. *Motti e proverbi dialettali delle regioni italiane*. Milano: A. Mondadori, 1977.
- NATAL, Ada. *O dialeto caipira da região de Piracicaba*. São Paulo: Ática, 1974.
- NAZARI, Oreste. *I dialetti italiani: grammatica, scritture, versione, lessico*. Milano: Hoepli, 1900.
- NEME, Mário. *Dois antigos caminhos de sertanistas de São Paulo*. São Paulo: s/ed., 1969.
- _____. *História da fundação de Piracicaba*. Piracicaba: IHGP, 1974.
- NETTO, Cecílio Elias. *Arco, tarco, verva – as delícias do refinado dialeto piracicabano*. Piracicaba: Shekinah, 1988.
- OLIVEIRA E SILVA, G M. *Coleta de dados*. In: *Introdução à sociolinguística – O tratamento da variação*. MOLLICA & BRAGA (org). São Paulo: Contexto, 2003.
- OSTI, Giuseppe. *Tracce tedesche nei dialetti trentini*. Rovereto: 2001.
- PASCOLI, Tulio. *Ecco l'italiano che è in te*. In: *Revista Insieme*, n. 36, vol. 12. Curitiba: Insieme, 2001.
- PELLEGRINI, Giovan Battista. *Saggi sul ladino dolomitico e sul friulano*. Bari: Adriatica, 1972.
- PETERLINI, Oskar. *Autonomia e tutela delle minoranze nel Trentino-Alto Adige. Cenni di storia e cultura, diritto e politica*. Trento/Bolzano: Consiglio della Regione Autonoma Trentino-Südtirol, 2000.
- PIRES, Cornélio. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Nacional, 1987 (1ª ed. 1921).
- PIRES, Cibélia R. da Silva. *A formação e expansão da cultura e dialeto caipira na região de Piracicaba*. (Dissertação de mestrado em Letras), USP, São Paulo, 2008.
- POMPERMAYER, Malori José & MIRANDA, Glauro Vasques de. *Os Pompermayer na Itália, Brasil e Argentina. Uma história de sete séculos*. Belo Horizonte: Mazza, 2005.
- PRATI, Angelico. *Dizionario valsuganotto*. Veneza: ICC, 1960.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: USP, 1984.

- _____. *Análise de textos orais*. São Paulo: USP, 1999.
- QUARESIMA, Enrico. *Vocabolario anaunico e solandro raffrontato col trentino*. Venezia/Roma: Olschki, 1964.
- RAFAELLI, Umberto. *Proverbi del Trentino*. Firenze: Sansoni, 1981.
- Revista *Italianística* (Universidade de São Paulo).
- REDFERN, James. *A lexical study of Raeto-Romance and contiguous Italian dialect areas*. Paris: Mouton, 1971.
- RIBEIRO, Joaquim. *Folklore dos Bandeirantes*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.
- RICCADONNA, Graziano. *Andreas Hofer “trentino” nel secondo centenario dell’Anno Nove*. Trento: Provincia Autonoma di Trento, 2009.
- RIENZNER, Claudia. *Volks- und Soldatenlieder in Trentino*. Innsbruck: Institut für Geschichte / Universität Innsbruck, 2004.
- RODRIGUES, Ângela C. S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo* (Tese de doutoramento), USP, São Paulo, 1987.
- _____. O português popular em São Paulo. In: OLIVEIRA, Marilza (org). *Língua portuguesa em São Paulo: 450 anos*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- ROHLFS, Gerhard. *Historische Grammatik der italienischen Sprache und ihrer Mundarten*. Berna: A. Francke, 1949-1954. 3v.
- _____. *Lengua y cultura; estudios lingüísticos y folklóricos*. Madrid: Alcalá, 1966.
- _____. *Studi e ricerche su lingua e dialetti d’Italia*. Firenze: Sansoni, 1990.
- ROSSI, Hugo von. *Ladinisches Wörterbuch – Vocabolario ladino (brach) - tedesco*. Innsbruck / Vich: Universität Innsbruck / Institut Cultural Ladin, 1999.
- SALVIONI, Carlo. *Ladinia e Italia*. Rediconti dell’Istituto Lombardo, 1917.
- SANTIAGO-ALMEIDA & COX (orgs). *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005 (pp. 21 – 28).
- SANTOS, Roselys Izabel Correa dos. *A Terra Prometida – Tese e antítese. Os Jornais do norte da Itália e a imigração para o Brasil (1875-1899)* - (Tese de doutoramento em História), USP, São Paulo, 1995.
- SCHMID, Heinrich. *Wegleitung für den Aufbau einer gemeinsamen Schriftsprache der Dolomitenladiner*. San Martin de Tor/Visch: Micurá de Rü/Majon de Fascegn, 1998.
- SCHNELLER, Christian. *Die Wälschtiroler Frage. Erörterungen und Ansichten mit Beziehung auf die materiellen, geistigen und politischen Verhältnisse*. Innsbruck: Wagner, 1966.
- _____. *Die romanischen Volksmundarten in Südtirol. Nach ihrem Zusammenhange mit den romanischen und germanischen Sprachen*. Leipzig: Fischer & Wittig, 1870.
- SCLIAR-CABRAL, Leonor. *Romances e canções sefarditas (Séc. XV ao XX)*. São Paulo: Massao Ohno, 1990.

- ŠEBESTA, Giuseppe. *Considerazione storiche sulla Val di Cembra*. In: ANEGGI, Aldo. *Dizionario cembrano*. Trento: Artigianelli, 1984.
- SEVERINO, José Roberto. *Noi oriundi: cultura, identidade e representações da imigração italiana em Santa Catarina* (Tese de doutoramento), USP, São Paulo, 2004.
- SILVA, Luiz A. (org). *A língua que falamos – Português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005.
- SILVA NETO, Serafim da. *A língua portuguesa no Brasil. Problemas*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1960.
- _____. *História da língua portuguesa in Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1970.
- _____. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- SILVEIRA, Enzo. *Breviário heráldico medalhístico e nobiliário*. São Paulo: Ensil, 1972.
- SOLÈR, Clau. *Sprachgebrauch und Sprachwandel: eine theoretische Faktoranalyse und die pragmatik der Sprachbehandlung bei den Rätoromanen von Lumbrin mit einem Vergleich der Germanisierung in Präz und Sarn*. Zürich: Zentralstelle der Studentenschaft, 1983.
- STAWINSKI, Alberto V. *Dicionário Vêneto – Português – Italiano*. Treviso: Cornuda, 1995.
- STÖRMER, Wilhelm. *Die Bajuwaren*. München: C. H. Beck, 2002.
- SULZER, Giuseppe Giorgio. *Dell'origine della natura dei dialetti comumente chiamati romanci messi a confronto coi dialetti consimili esistenti nel Tirolo*. Trento: Perini, 1855.
- TAGLIAVINI, Carlo. *Studi linguistici ladino-veneti I. Nuovi contributi alla conoscenza del dialetto di Comèlico*. Venezia: Carlo Ferrari, 1944.
- _____. *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna: Pàtron, 1982.
- TAJINA, Alessandra D. *Dizioner talian-fascian-talian*. Pilat: Artigianelli, 1998.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.
- TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- TISSOT, Livio. *Dizionario primierotto*. Trento: Vallagarina, Museo degli Usi e Costumi della gente Trentina / Compresorio di Primiero, 1996.
- TONINA, Osvaldo. *Dall'Antologia di Don Livio Rosa. Tra gli scritti rimasti: l'Inno al Tirolo*. Trento: Nuove Arti, 2006.
- TORRES, Maria C. T. M. *Piracicaba no século XIX*. Piracicaba: Degaspari, 2003.
- TRENTINI NEL MONDO - *Mensile dell'Associazione Trentini nel Mondo a cura di Rino Zandonai*. Provincia Autonoma di Trento (edições dos anos 2005-2008).
- VIARO, Mario Eduardo. *Comparaziun tranter varsaquantas construcziuns verb+adverb em rumantsch ed em portugais in Annalas de la Sociedad Retorumantscha*. Cuira: Sociedad Retorumantscha, 2000.

- _____. *A construção verbo + advérbio de lugar no romanche: herança latina ou decalque germânico?* - (Tese de doutoramento em Letras), USP, São Paulo, 2001.
- _____. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: VIDESOTT, Paul. *Evolution und Chancen der ladinischen Sprache*. Innsbruck: Wagner, 2002.
- VITTI, Guilherme. “*En contadin de Meano che s’ha fat bon brasiliano*” – *Centenario dell’imigrazione dei tirolesi del Municipio di Piracicaba – Brasile 1877-1977* (texto apresentado como apêndice na dissertação de Grosselli, 1990). Trento: Provincia Autonoma di Trento, 1990.
- VITTI, Guilherme. *Esperança de uma vida nova – 100 anos de Santana 1893 – 1993*. Piracicaba: Shekinah, 1993.
- WAGEMANN, Ernst. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: IBGH, 1949.
- WARTBURG, Walther von. *Die Ausgliederung der romanischen Sprachräume*. Bonn: Klopp, 1928.
- _____. *Problemas y métodos de la lingüística*. Trad. Dámaso Alonso & Emilio Lorenzo. Madri: CSIC, 1951.
- WEBER, Beda, *Das Thal Passeier und seine Bewohner. Mit besonderer Rücksicht auf Andreas Hofer und das Jahr 1809*. Innsbruck: UI, 1852.
- WEINREICH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.
- ZAMBONI, Alberto. In: FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros no Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- ZACARIA, Enrico. *L’elemento germanico nella lingua italiana*. Bologna: Treves, 1901.
- ZANELLA, Fiorelo. *A mortalidade lingüística no dialeto italiano no município de Taió - SC* (Dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 1985.
- ZORZI, Narciso. *Dizionario del dialetto fiemmeso parlato nel quartiere di Tesero – Panchià – Ziano*. Panchià/Ziano: PAT, 1977.

- ANEXOS -

1. EXEMPLOS DE DEMAIS DIALETOS TRENTINOS NO BRASIL

Para conhecimento, apresentamos a tradução do texto da raposa e do corvo traduzido para o dialeto trentino de demais localidades de imigração tiroleza do Brasil.

Dialeto trentino de Rio dos Cedros - Santa Catarina:

La volp l'era famada n'altra vòlta. L'ha vist en còrvo postà su 'n pin con 'n tòch de formai ntel bèch. “Ma che bon saria”, ha pensà la volp, e la g'ha dit al còrvo: “Come te sei bel! Se 'l to cant l'è cossi bèl come ti, alor te sei el pu bèl tra tuti i osèi”.

[la 'volp 'l'era fa'mada 'nałtra 'vɔłta la'vist en 'kɔrvo pos'ta sun'pin kon n'tɔk de for'maj nteł'bək ma ke'bon sa'ria a pen'sa la 'volp e la ga'dit ał'kɔrvo 'kome te'sej 'bɛł seł to 'kant lɛ ko'si 'bɛł 'kome ti a'lor te'sej eł pu 'bɛł tra 'tuti jo'zej]

Dialeto trentino de Rodeio - Santa Catarina:

La volp l'era famada n'altra vòlta. L'ha vist en còrvo postà su 'n pino con 'n tòch de formai ntel bèch. “Ma che bon saria sto qua” l'ha pensà la volp e la g'ha dit al còrvo: “Come te sei bel! Se 'l to canto l'è cossi bèl come ti, allora te sei el pu bèl de tuti i osèi”.

[la 'volp 'l'era fa'mada 'nałtra 'vɔłta la'viɛt en 'kɔrvo poɕ'ta sun'pino kon n'tɔk de for'maj nteł'bək ma ke'bon ɕa'ria ɕto 'kwa la pen'ɕa la 'volp e la ga'dit ał'kɔrvo 'kome te'ɕej 'bɛł ɕeł to 'kanto lɛ ko'zi 'bɛł 'kome ti a'lora te'ɕej eł pu 'bɛł de 'tuti jo'zej]

Dialeto trentino de Nova Trento - Santa Catarina²⁵⁸:

La raposa l'era n'antra volta famada. La vede en còrvo posà su 'n pignero con en tòch de formai ntel bèch. “Quel li el me saveria bel” l'ha pensà la raposa, e la g'ha dit al còrvo: “Come te sei bèl! Se el to canto l'è bèl come to aparénzia, allora te sei el pu bèl fra tuti i uséi”.

[la ra'poza 'l'era 'nantra 'vɔłta fa'mada la'vede en 'kɔrvo po'za sun'pignero kon en'tɔk de for'maj nteł'bək kweł 'li el 'me save'ria 'bɛł la pen'sa la ra'poza e la ga'dit ał'kɔrvo 'kome te'sej 'bɛł seł to 'kanto lɛ 'bɛł 'kome to apa'rensja a'lora te'sej eł pu 'bɛł fra 'tuti ju'zej]

²⁵⁸ Na localidade de Tirol, fundada principalmente por trentinos oriundos de *Roncegno* (e por isso outrora chamada *Ronzenari*), o dialeto apresenta características do valsuganoto. A tradução do exemplo foi feita com base no dialeto de *Alfero*, ou seja, do bairro Alferes, centro de Nova Trento.

Dialeto de descendente trentino em Guaíra²⁵⁹ - Paraná:

La volpa l'era n'antra volta con fam. Ela ga vist un còrvo sora de un pignero che gavea una feta de formai ntel bico. “Questo me saria buon” la gh'à pensà sora la volpa, e ga dit al còrvo: “Ma che bel che ti se! Se to canto xe bel come il to aspeto, lora ti se il pi bel de tuti li osèi”.

[la 'volpa 'lɛra 'nantra 'vɔʎta kon 'fam 'ela ga'vist en 'kɔrvo 'sora de un'piɲero ke ga'vea 'una 'feta de for'maj nteʎ'biko 'kwesto me sa'ria 'bwɔn la 'ga pen'sa la 'volpa e ga'dit aʎ'kɔrvo ma ke'bɛʎ ke ti'se se to 'kanto ɛ zɛ'bɛʎ 'kome eʎ 'to as'pɛto 'lora ti'se eʎ pi 'bɛʎ de 'tuti ljo'zɛj]

²⁵⁹ Toda a família do descendente é oriunda da região gaúcha de Garibaldi, onde a presença vêneta é marcante. Apesar de apresentar algumas características típicas trentinas, como apócope de vogal final átona, o dialeto parece ser uma *versão tiroleza* do talian difuso no Rio Grande do Sul.

2. PEQUENO GLOSSÁRIO DO TRENTINO PIRACICABANO

Transcrições e pronúncia:

Vogais:

a, à = [a]

e, é = [e]

i, ì = [i]

o, ó = [o]

ò = [ɔ]

ö = [ø]

u, ù = [u]

ü = [y]

Consoantes:

b = [b]

c + a, o, ö, u, ü = [k]

c + h = [k]

c + e, i = [tʃ]

d = [d]

f = [f]

g + a, o, ö, u, ü = [g]

g + h = [g]

g + e, i = [dʒ]

h = [h]

l = [l]: *lart* / [ʎ]: *alt*

m = [m]

n = [n]

p = [p]

q + u = [kw]

r = [r]

s = [s]: *semper* / [z]: *casa*

ss = [s]

s-c = [stʃ]

t = [t]

v = [v]

z = [z]: *zolfro* / [s]: *zapin*

Legendas:

adj. = adjetivo

adv. = advérbio

art. = artigo

f. = feminino

fig. = figurativo

interj. = interjeição

m. = masculino

num. = numeral

pl. = plural

p.f. = plural feminino

p.m. = plural masculino

prep. = preposição

pron. = pronome

s.f. = singular feminino

s.m. = singular masculino

tb. = também

v. = verbo

(S) = Variante dialetal do bairro Santana

(SO) = Variante dialetal do bairro Santa Olímpia

A

àbit s.m. vestido; *àbit del prèt* batina.
acetar v. aceitar.
adès adv. agora.
af s.m. abelha
afari p.m. negócios; ocupações; trabalho.
àlbi s.m. cocho para alimentar animais.
algeri adv. ontem.
almanco adv. pelo menos.
almen adv. ao menos.
alora adv. então.
alt adj. alto.; f. *alta*.
altredi adv. anteontem; tb. *altreri*.
altro adj. e pron. outro; *l'altro di* o outro dia; *per altro* aliás, fora isso; f. *altra*.
alzar v. levantar; *alzàrse su* levantar-se.
am s.m. anzol.
an s.m. ano.
ancöi adv. hoje.
anzi adv. pelo contrário, aliás.
arar v. olhar; tb. *vardar*, *varar*.
arcobalen m. arco-íris.
arent adv. perto; próximo.
argent s.m. prata.
aria s.m. ar.
as s.m. tábua.
autar v. ajudar.
avanti adv. antes; primeiro que; adiante.
aver v. ter; tb. *gaver*.
azé 1. adj. azedo; 2. s.m. vinagre.

B

babao s.m. monstro imaginário; bicho-papão.
bachet s.m. vara; baqueta; bastão; bengala.
bac s.m. beijo; tb. *bàcio* (S).
baciar v. beijar (S).
badar v. observar; vigiar.
badil s.m. pá.
baf s.m. bigode; tb. *bàfi*.
baghegòt adj. pequenino, criança pequena; f. *baghegòta*.
bagiana s.f. vagem de legume (S).
bagolèt adj. homem baixo e agitado; f. *bagolòta*.
bal s.m. baile.
bambin s.m. menino; garoto.
banchestèl adj. morador do bairro Santa Olímpia; f. *banchestèla*.
banda 1. s.f. lado; *de na banda* de um lado; 2. s.f. banda; 3. s.f. lata.
bandon s.m. latão de metal, outrora de querosene.
bao s.m. verbe; larva; bicho; bicho-papão.

barba s.m. barba.
barbós s.m. queixo.
barbustèl s.m. morcego.
barèa! interj. que nojo!
barèla s.f. padiola; maca.
baréta s.f. boné; touca (S); *berEta* (SO).
bàter v. bater; golpear; tirar; cortar; *bàter gio* (S), *bàter zo* (SO) derrubar.
batùda s.f. batida; pancada.
baz s.m. beijo; tb. *bAzo* (SO).
bazana s.f. vagem de legume (SO).
bazar v. beijar (SO).
becar v. bicar; *becàr via* roubar.
bèca-zòchi s.m. pica-pau.
bèch s.m. bico.
bech s.m. e adj. bode.
bèga s.f. briga
benzina s.f. gasolina.
bèspia s.f. vespa.
bèstia s.f. animal; monstro imaginário (al. *Krampus*).
bestiemar v. blasfemar; tb. *bestemiar*.
bicher copo; tb. *bicér*.
binar v. ajuntar; juntar; recolher; amontoar; *binàr su* ajuntar.
biond adj. loiro; f. *biónda*.
biot adj. só; simples; sem acompanhamento; f. *biota*.
bira s.f. cerveja.
bis s.m. cobra; serpente; *bisòt* s.m. pequeno animal; filhote de cobra
bisnono s.m. bisavô; f. *bisnona*.
bisognar v. precisar; necessitar; dever.
bò s.m. boi.
boacia s.f. estrume de vaca (S).
boaza s.f. estrume de vaca (SO).
boca s.f. boca.
bocal s.m. pinico.
boce p.f. bochas; bolas; tb. *bòce*.
boir v. ferver; tb. *bóier*.
bombas s.m. algodão.
bómbo s.m. bombom.
bon adj. bom; agradável; *bon di* bom dia; tb. *bòn*; f. *bona* ou *bòna*.
bonera adj. pessoa boa.
bonora adv. cedo; de manhã.
bosch s.m. bosque.
bote p.f. surra.
botér s.m. manteiga.
bozia s.f. mentira.
brac s.m. braço; feixe (S).
braga s.f. calça; tb. *bràghe*.
braz s.m. braço; feixe (SO).
brö s.m. caldo; sopa; brodo; *brö brusà* mexido com farinha, cebola, ovos e água.
brontolàr v. resmungar; reclamar.
brücèla s.f. espinha; poro inflamado (S).

bruciar queimar; tb. *sbruciar* (S).
bruma s.f. geada.
brustolar v. tostar; torrar; queimar; chamuscar.
brustolin s.m. torrador de café.
bruzacör s.f. azia.
bruzar queimar; tb. *sbruzar* (SO).
bruzèla s.f. espinha de peixe.
brüzèla s.f. espinha; poro inflamado (SO).
bus s.m. buraco; f. *bùsa*.
bustina s.f. sutiã.
but s.m. broto de planta.
butàr v. jogar; germinar; *butàr via* jogar fora; *butarse zo* (SO), *butarse gio* (S) deitar-se.

C

cadena s.f. corrente; tb. *catena*.
calt adj. quente; f. *calda*.
calsina s.f. cal.
campana s.f. sino.
candela s.f. vela.
canéderli p.m. prato típico (al. *Knödel*).
caora s.f. cabra.
capuc s.m. repolho (S).
capuz s.m. repolho (SO).
carega s.f. cadeira.
cariöla s.f. carriola; carro de mão.
casset s.m. gaveta.
cavel s.m. cabelo tb. *cavéi* (SO); *cavèi* (S)
cèso s.m. banheiro; privada; latrina.
ciesa s.f. igreja.
ciòlt s.m. prego; tb. *ciòld*.
citola s.f. torresmo; tb. *cito*.
ciuciar v. mamar; chupar; sugar (S e SO).
co prep. com; tb. *con*; *col* (*co+el*) com o.
coa s.f. rabo.
col s.m. pescoço.
comperar v. comprar; tb. *comprar*.
copar v. matar; abater.
cör s.m. coração.
coragio s.m. coragem.
corn s.m. e adj. chifre; corno; marido traído.
cortèl s.m. faca.
cosin s.m. travesseiro.
cossì adv. assim; desse modo; tb. *cossità*.
còt adj. cozido; f. *còta*.
cosin s.m. primo; f. *cosina*.
cozina s.f. cozinha.
cözir v. cozinhar; tb. *cözer*.
crauti s.m. chucrute.

crepar v. quebrar; partir; morrer.
cuciar s.m. 1. colher; *cuciàr de legn* colher de pau; 2. agaichar.
cüil s.m. ânus, nádega; cauda (S).
cüna s.m. berço.

D

dapertüt adv. em toda parte.
dar v. dar; *darghe bote* espancar.
de prep. de; *del* do; *de la* da; *dei* dos; *de le* das.
dèbol adj. fraco; débil; f. *dèbola*.
dent 1. adv. dentro; 2. s.m. dente.
descoèrger v. descobrir (S).
descoèrzer v. descobrir (SO).
desfar v. desfazer; desarrumar; *desfar zo* (SO) *desfar gio* (S) desenrolar.
desmentegar esquecer.
desperar v. desesperar.
di s.m. dia
diaol s.m. diabo; tb. *giaol* (S).
dolc s.m. doce (S).
dolz s.m. doce (SO).
doman adv. amanhã.
domenega s.f. domingo.
dopo adv. depois; após.
dreo adv. atrás; depois; em seguida.
drit adj. direito; tb. *drito*; f. *drita*.
dubio s.m. dúvida; incerteza.
dür adj. duro; f. *düra*.

E

el art. o; tb. *l*; pl. *i* ou *ei*.
el pron. ele; *el l'è* ele é; *elo?* é ele?; f. *ela*.
embastir v. alinhar; esboçar.
embotonar v. abotoar; tb. *sbotonar*.
embriagar v. embriagar.
embroion adj. tapeador; trapalhão; tb. *embruion*; f. *embroiona*.
empienir v. encher; preencher.
en prep. em.
encartar v. embrulhar.
endinociar v. ajoelhar.
endormenzar v. adormecer.
endovinar v. adivinhar.
engonar v. engasgar; tb. *strangolir*.
entant adv. enquanto; entanto.
entènder v. entender.
ert. s.m. subida; encosta.
ésser v. ser; estar.

F

fagiöl s.m. feijão (S).
fagòt s.m. pacote.
fam s.f. fome.
far v. fazer; executar.
farse veder adj. exibido; exagerado.
fassöl s.m. lenço; *fassolét* lenço de bolso.
fazöl s.m. feijão (SO).
fenir v. acabar; terminar.
fèrsene p.f. sarampo.
feta s.f. fatia.
fever s.f. febre.
fiama s.f. chama.
fich s.m. figo.
fil s.m. fio; cordão; linha; *fil de fèr* arame.
fin 1. adv. final; término; 2. adj. fino; refinado; 3. prep. até; final; *fin che* até que.
finèstra s.f. janela.
finta s.f. fingimento; *far la finta* fazer de conta; fingir.
fiorin s.m. dinheiro; grana; unidade monetária.
fiòz s.m. afilhado; f. *fiòza*.
fìt s.m. aluguel.
fodra s.f. revestimento; forro de cama.
fondo adj. fundo; f. *fóna*.
fòrbes s.f. tesoura.
formai s.m. queijo.
forsi adv. talvez.
fradèl s.m. irmão.
fregola s.f. migalha; grânulo de farinha.
fregolar v. esfregar; esfregar as mãos.
fret adj. frio; f. *fréda*.
fulmin p.m. raio; relâmpago; tb. *lamp*.
furbo adj. esperto; ligeiro.

G

gàbia s.f. gaiola; tb. *càbia*.
galet s.m. frango.
gamba s.f. perna.
garafalo s.m. cravo.
gatissòle p.f. cócegas.
gaver v. ter; tb. *avér*.
gaveta s.m. barbante.
gio adv. em baixo; abaixo; no fundo (S); *zo* (SO).
gnap adj. tolo; f. *gnapa*.
gnanca adv. e conj. nem; nem mesmo; tampouco.
gnaro adj. tolo; f. *gnara*.
gnènt adv. nada.
gnogno adj. tolo; bobalhão; f. *gnogna*.

gòba s.f. corcunda.
gomitar v. vomitar.
gos s.m. papo.
goza s.f. gota.
gran s.m. grão.
grant adj. grande; f. *granda*.
graniz s.m. fuligem; cinza.
gras adj. gordo; f. *gràssa*.
gratàr v. coçar.
gresta s.f. crista.
grop s.m. nó; laço *grop ntela góla* nó na garganta.
guarir v. curar; sarar.
gudàs s.m. padrinho; f. *gudàssa* madrinha.

I

imbastir v. alinhar; esboçar.
indovinàr v. adivinhar.
impèro s.m. império.
indirizo s.m. endereço.
indivia s.f. almeirão.
inghiotìr v. engolir.
ingioistro s.m. tinta de caneta, outrora utilizada na pena.

L

là adv. lá; ali; *là su* lá em cima.
la art. a; pl. *le*.
laica s.f. preguiça; indisposição.
laorar v. trabalhar.
lart s.m. toucinho; tb. *lardo*.
lat s.m. leite.
lecar v. lamber; tb. *slecar*.
léser v. ler.
lèt s.m. cama.
levar v. levantar; *levarse* levantar-se.
li adv. ali.
ligar v. amarrar.
limar v. afiar.
lìve adv. ali.
lof s.m. lobo; fem. *lova*.
lonch adj. longo; comprido; tb. *longh*; f. *longa*.
lontan adj. longe.
luganega s.f. linguiça.
lüm s.f. luz.
lumaz s.f. caracol.
luni s.f. segunda-feira.

M

Madòna s.f. Nossa Senhora.
malà adj. doente; f. *malàda*.
malatia s.f. doença.
maledet adj. maldito; f. *maledeta*.
malora s.f. falência; desgraça; morte.
manaròt s.m. machado.
mancar v. faltar.
manech s.m. cabo (de enxada, vassoura etc).
marcir v. apodrecer (S).
maridà adj. casado; f. *maridada*.
marti s.m. terça-feira.
marzir v. apodrecer (SO).
massa adj e adv. muito; bastante.
matelòt s.m. menino; f. *matelòta*.
matina s.f. manhã.
mat adj. louco; f. *mata*.
maton s.m. tijolo.
medòna s.f. sogra.
mèio adj. melhor; f. *mèia*.
menar v. levar; conduzir.
mèrcol s.m. quarta-feira.
mescolar v. misturar.
messier s.m. sogro.
mestier s.m. trabalho; profissão; serviço.
méter v. colocar; meter; pôr.
moro adj. moreno; negro; f. *mora*.
morós adj. namorado; f. *morosa*.
mudande p.f. ceroula; cueca.
mufa s.f. mofo.
mus! interj. precisa! *mus mascherin!* fig. não tem outro jeito!
mus s.m. rosto.

N

nanca adv. e conj. nem, nem mesmo.
nane adj. tolo.
nar v. ir.
naranz s.f. laranja.
nas s.m. nariz.
ndove adv. onde; tb. *ndóe*, *ndó*.
nef s.f. neve.
nif s.m. ninho
nissuno adj. nenhum; f. *nissuna*.
nöf adj. novo; f. *növa*.
noialtri pron. nós.
nono s.m. avô; f. *nóna*.
nòstro adj. e pron. nosso; tb. *nòsso*, *nòs*; f. *nòstra*, *nòssa*.

nòt s.f. noite; *bòna nòt* boa noite.
növe num. nove.
nòze p.f. núpcias; bodas.
ntel prep. em; no; f. *ntela*.
nugola s.f. nuvem.

O

ocèl s.m. pássaro (S); tb. *ozèl*; *ucèl*.
ociai p.m. óculos.
òcio s.m. olho.
ocórer v. precisar.
öf s.m. ovo; pl. *ovi*.
ògni pron. cada; todo; *ògni di* todos os dias.
ombrèla s.f. guarda-chuva.
ómbria s.f. sombra.
ombrìgol s.m. umbigo.
onger v. lubrificar; untar.
ongia s.f. unha.
or s.m. ouro.
orbo adj. cego; f. *orba*.
orolòi s.m. relógio.
ors s.m. urso.
òs s.m. osso.
os-ciaria interj. de maravilha ou desaprovação.
òstia s.f. hóstia.

P

paciòca s.f. lama.
padela s.f. frigideira.
paion s.m. colchão.
paita s.f. preguiça.
pancia s.f. barriga (S).
panza s.f. barriga (SO).
parlar v. falar.
paròla s.f. palavra.
pascol s.m. pasto.
patata s.f. batata.
paura s.f. medo.
pavela s.f. borboleta.
pègora s.f. ovelha.
per prep. por; *per còssa?* por quê?
pes s.m. peixe.
pestar v. pisar; *perstarghe su* pisar-lhe em cima.
pétola s.f. e adj. carrapixo; pessoa incômoda, pegajosa.
péver s.m. pimenta.
pez s.m. pedaço; *a pezi* aos pedaços.

piaga s.f. chaga; praga.
pianger v. chorar (S).
pianzer v. chorar (SO).
piazer s.m. prazer.
picol adj. pequeno; tb. *pìcen*; f. *picola*.
piegàrse v. abaixar-se.
pien adj. cheio; f. *piena*.
piombo s.m. chumbo; prumo (ferramenta).
piöva s.f. chuva.
piover v. chover.
pipa s.f. cachimbo.
pirona s.f. garfo.
piuma s.f. pluma; pena.
piumin s.m. acolchoado de penas.
pizar v. urinar; mijar.
polsar v. descansar; repousar.
pólver s.m. pó.
pomodoro s.m. tomate.
popo s.m. bebê; neném; f. *pópa*.
posto s.m. lugar; local.
poz s.m. poço.
pregar v. rezar.
prète s.m. padre.
puina s.f. ricota; requeijão.
putelòt s.m. menino; f. *putelòta*.

Q

qua aqui; cá; *qua su* cá em cima
qualcòs pron. algo; alguma coisa; qualquer coisa.
quand adv. quando; tb. *quànde*, *quando*.
quant adv. e adj. quanto; f. *quanta*.
quèl adj. e pron. aquele; tb. *chèl*; f. *quèla*; *chèla*.
quèrcio s.m. tampa; tampa de panela.
quèst adj. e pron. este; tb. *sto*; f. *quèsta*; *sta*

R

ràbia s.f. raiva.
rador s.m. navalha.
rafredor s.m. resfriado.
ram 1. s.m. cobre; 2. s.m. ramo, galho.
rava gialda s.f. cenoura (S).
rava zalda s.f. cenoura (SO).
rècia s.f. orelha.
recini p.m. brincos.
restar v. ficar.
restèl s.m. rastelo.

revèrs adj. avesso; inverso.
rezom s.f. razão.
ric 1. adj. crespo; 2. s.m. ouriço.
riga s.f. linha; traço.
ringraziar v. agradecer.
rio s.m. rio.
ris s.m. arroz.
rogna s.f. sarna; coceira.
rognar v. mugir.
rondina s.f. andorinha.
rösa s.f. córrego; riacho.
rosa s.f. rosa.
ros adj. vermelho; fem. *róssa*.
rostir v. fritar.
ruga s.f. lagarta.
rugen s.f. ferrugem.

S

sàbia s.f. areia.
saver v. saber.
sal s.m. sal.
salüt s.f. saúde, saudação; tb. *salut*.
san adj. sadio; f. *sana*.
santanèro adj. morador do bairro Santana; tb. *santanèr*; f. *santanèra*.
saon s.m. sabão.
sas s.m. pedra.
sbaiar v. latir.
sbaliar v. errar.
sbregar v. rasgar.
sbusar v. furar.
scala s.f. escada.
scampar v. fugir.
scaravanci p.m. ervilha (S).
scaravanzi p.m. ervilha (SO).
scarpa s.f. sapato.
schenà s.f. costas; coluna.
scherzar v. brincar.
schifo s.m. nojo.
s-ciao 1. adv. de uma vez; 2. s.m. escravo.
s-ciòp s.m. espingarda de um cano; *s-ciòpa* s.f. espingarda de dois canos.
scudèla s.f. tigela.
secio s.m. balde de metal.
sera s.f. tarde; *bòna sera* boa tarde.
serar v. fechar.
sfiorir v. florescer.
sghit s.m. excremento de galinha ou ave.
sgionf adj. inchado; f. *sgiònfa*.
slanghicion adj. largo; f. *slanghiciona*.

slèf s.m. lábio; tb. *làver*.
smorzar [smor'sar] v. apagar.
sofranèl [sofra'nɛl] s.m. fósforo; palito de fósforo.
sòldi ['sɔldi] p.m. dinheiro.
sonar [so'nar] v. tocar um instrumento musical; soar.
sopressar v. passar roupa.
sorèla s.f. irmã.
sot adv. embaixo; debaixo; fem. *sóta*.
sparagnar v. economizar.
sparar v. disparar; atirar.
sparir v. desaparecer; sumir.
spartir v. dividir.
spavent s.m. susto.
spazar v. varrer.
spénder v. gastar.
spiza s.f. coceira; ansiedade.
spòrch adj. sujo; f. *spòrca*.
spuza s.f. mau cheiro.
stala s.f. estábulo.
stival s.m. bota.
stracar v. cansar.
stremir v. assustar; tremer.
strucar v. apertar.
stufar v. enjoar; cansar.
subit adv. e adj. súbito; logo; imediatamente.
svöidar v. esvaziar.
svöit adj. vazio; fem. *svöida*.

T

tacar [ta'kar] v. afixar; engatar; *tacàr su* pendurar.
taiar [ta'jar] v. cortar.
tàgola ['taola] s.f. mesa.
tant adv. tanto; tão; f. tanta.
tela s.f. nata.
tèpit adj. tépido; morno; fem. *tèpida*.
tèra s.f. terra; propriedade.
tes adj. satisfeito; farto; f. *tessa*.
Tirol s.m. Tirol.
tiroles 1. habitante do Tirol; descendente de tirolese dos bairros; 2. dialeto trentino.
tòch s.m. pedaço; *a tòchi* aos pedaços.
todesch adj. alemão; tb. *tedesch*; *aleman*; f. *todesca*.
tòmo s.m. penhasco.
tonco s.m. molho.
tondo adj. redondo; f. *tónda*.
tör v. tomar; apanhar; pegar.
tòs s.f. tosse.
trabuchèl s.m. arapuca.
trar v. lançar; *trar su* vomitar; *trar via* jogar fora.

tremaröla s.f. tremedeira.
trincar v. beber; embriagar.
troar achar.
tüt s.m. e adj. tudo; *tüti* todos; f; *tüta*, pl. *tüte*.

U

ua s.f. uva.
ubidienza v. obediência; tb. *obedienza*.
uceta s.f. grampo para cabelo.
ucia s.f. agulha.
uf adj. demasiado; abundante.
ùmit adj. úmido; f. *ùmida*.
un art. e num. um; f. *una*.
ùnich adj. único; f. *ùnica*.
urlar v. gritar.
ùtol adj. útil; tb. *ùtil*.

V

val s.f. vale; barranco.
vanzar v. sobrar.
vardar v. olhar.
vècio adj. velho; f. *vècia*.
véder v. ver.
vedèl s.m. bezerro; *vedelòt* s.m. bezerro recém nascido.
védovo adj. viúvo; f. *védova*.
vegnir v. vir
vent s.m. vento.
vòlta adv. vez; giro; volta; *a le vòlte* às vezes.

Z

za adv. já (SO).
zalt adj. amarelo; tb. *zald*; fem. *zàlda*.
zànca adj. esquerdo (SO).
zapin s.f. enxada.
zata s.f. pata.
zéndro s.m. genro (SO).
zifolòt s.m. apito.
zo adv. em baixo; abaixo; no fundo (SO); *gió* (S).
zöbia s.f. quinta-feira.
zöch s.m. jogo (SO).
zolfro s.m. enxofre.
zoven s.m. jovem (SO).
züch s.f. abóbora.
zuciàr v. mamar; chupar; sugar (SO); *ciuciàr* (S e SO).